Sal: 92a
S/

"Correio Paulistano" - 21-2-918

Do carnaval

(João do Norte)

Infelizmente, o carnaval carioca se vai aos poucos modificando e perdendo os seus caracteristicos de festa nacional por excellencia, onde se podia bem estudar a psychologia da arraia miuda brasileira.

Já não sáem á rua os innumeros cordões de outróra, que iam dançar á porta das redacções de jornaes. São relativamente, poucos os que apparecem e na maioria tendo perdido o antigo e tradicional feitio. São raros agora os verdadeiros cordões á maneira tradicional, com o seu "princez", as suas cantadoras, os seus indios empennachados, os seus musicos, o seu estandarte polychromico, faustoso, gottejando lantejoulas e a sua physionomia hieratico-religiosa de procissão africana. Na quasi totalidade, os cordões perderam os principes, e, si mantêm a bandeira faulhante e pretenciosa, afastam-se do seu caracter fetichista primitivo, para imitar os grupos de mascarados mais nobres. Mesmo os ranchos, os farranchos, os trios de mascaras avulsos começam a substituir o velho cordão. E é pena que taes modificações se vão implantado, porquanto as notas typicas do carnaval carioca eram de molde a merecer que se viajasse para assistil-o como se vai presenciar o carnaval elegante de Nice com os seus gigantes de algodão e papel.

A importancia dos prestitos, que são afamados foram, diminue e este anno a crise quasi que os ultima de vez. Nas proprias cantorias e cantigas a degenerescencia se faz notar. As coplas criticas nascidas da propria vida de cidade, as voltas desengonçadas do poviléo estão quasi mortas. Atrôas as ruas as quadras nortistas, recrutadas no vasto acervo dos fandangos, do boi Puruhy, dos desafios do Côco praieiro do Nordeste do Brasil. O espirito nacional não perde com isso, mas perde muito a originalidade carioca.

Não se cantam mais versos referentes ás pessoas elegantes, aos politicos eminentes, aos factos que repercutiram em certas zonas urbanas. A' canção do marechal Pires Ferreira succedeu a Cabôcla de Caxangá; á do Cunha Vasconcellos, o delegado Surucucú", a "Rolinha, sinhô, sinhô"; á da Carestia da vida o "Meu boi morreu"; e agora só se ouvia "Bahia, minha Bahia", abafando a trova da "Baratinha", genuina filha de S. Sebastião.

Quasi todas essas versalhadas não têm significação nem sentido; porém a alma dos povos nas suas manifestações poeticas sempre foi assim, á tôa, sem coherencia e sem fim. Não ha povo que possua mais canções do que o francez, entretanto a maior parte dellas é duma falta de espirito proverbial. Basta ouvir ou lêr "Sur le pont d'Avignon", que é bem um modelo e um exemplo digno de se guardar.

O "diabinho" e o "clovis" ou o "clown", que faziam as delicias da meninada ha alguns annos, o primeiro a chicotear todo o mundo com a sua cauda vermelha e longa como a de Sabaoth, o segundo a correr, virar de cambalhotas e fazer trampolinagens, morreram e jazem sepultos na poeira do esquecimento. Succederam-lhes o "pierrot" idiota, com a sua eterna cara alvar sahindo das largas blusas brancas, amarellas, negras, roxas, vermelhas, ultramarinas e o "marinheiro" descolorido e desenxabido. Esta europeização do carnaval carioca, si continuar, acabará por matal-o. Eu, como todo e qualquer espirito verdadeiramente nacionalista, a considero um crime de lesa-tradição e, portanto, de lesa-patria.

Nas grandes cidades, o bezoar intenso da multidão que se diverte no carnaval, o movimento das ruas, a celeridade dos vehiculos, não permittem a eclosão do espirito e da graça das mascaras solitarias. Dahi a impressão que se tem de que não surgem mascarados espirituosos no Rio de Janeiro. Engano. Ha centenares delles. O que se não presta é attenção aos seus mongangos, ás suas caretas, aos seus ditos, á sua "diablerie". Todos se preoccupam com outras cousas e o receio de situações desagradaveis, provocadas por mascaras de baixa esphera ou baixissima educação, traz da parte dos circumstantes um retrahimento que impede o "dominó" mysterioso, o "travesti" interessante ou o "farroupilha" deslavado de pilheriarem á vontade e a granel.

O mascarado que eu mais admiro é o que não fala, porém pelos seus tregeitos e ademanes provoca mais gargalhadas do que si trouxesse em si e despejasse em redor, de par com o espirito [illegible] de Juvenal, a graça de Cervantes e a jovialidade de Rabelais. Ainda na terça-feira, ultimo dia da nossa "fête des fous", vi um que me encheu as medidas Atravessava a minha rua e o segui da janella, com o olhar, até que se sumiu na primeira esquina. Era um homem alto e espadaudo, com uma mascara de negro, horrorosa, sordidamente vestido. Guardava silencio como um tumulo, trazia os pollegares espectados nas cavas do collete sebento. Porém andava com tantos rodeios, piafés e retorcimentos, bamboleava o corpanzil de tal geito, assumia posições tão comicas, que fazia rir muito melhor e muito mais do que o mais consummado Billie Ritche americano ou o mais celebre Tony inglez.

Mais tarde, avistei um grupo de meninotes ás cambalhotas e pilherias, com corcundas e aleijões contrafeitos, que pouco falavam e faziam rir pelos seus gestos. E lembrei-me, ao vêl-os, de todos os grandes bôbos cortezãos, afamados pelos seu espirito e mordacidade, de que falam as chronicas: Berdri, o maninello de Guilherme o conquistador; Roher e Galfrid, os volantins re Henrique I da Inglaterra; Madame d'Or, a anã engraçadissima de Philippe de Valois, sexto do seu nome, rei da França; Gonnela, o truão do duque de Modena; Fríboulet, o funambulo de Francisco I, e Angely, o "fou" ou "fol" de Luiz XIII.

A alma carnavalesca da população carioca é que, parece, nunca se modificará. Não ha crise, guerra, peste, fome, epidemia ou careza de vida, conforme diziam os classicos, que lhe faça perder o enthusiasmo. A cidade se enche de gente que se vai divertir por se divertir, que se não incommoda com cousa alguma, que não deseja gastar, comer, beber, luxar, andar de automovel ou gastar lança-perfume, gente que quer sómente correr, saltar, dançar, gritar, enrouquecer, pintar o sete, o Simão e a manta até ás tres, quatro da madrugada. Este espirito carnavalesco está bem consubstanciado na seguinte anecdota. Creio que ella foi contada pelo illustre jornalista sr. Tobias Monteiro.

Uma feita, elle, pouco disposto a assistir ao carnaval, resolveu fazer um passeio longe da cidade, afim de nem ao menos ouvir um som de maracá ou zabumba, que lhe irritavam os nervos. Tomou um automovel e mandou tocar para a Tijuca. Subiu a montanha, passou pela Cascatinha e entrou pela linda matta a dentro, mandando parar o carro perto da gruta de Paulo e Virginia, onde não havia ninguem, nem era provavel, tal a distancia de qualquer habitação, que alguem ali passasse.

Um sussurro de agua enchia o arvoredo. Moedas de sol atapetavam o chão. As cigarras cantavam nas tronqueiras sêccas e os passarinhos pipilavam nas moitas. O "chauffeur" recostára-se a uma ribanceira, fumando. Elle abrira um livro, cruzando as pernas, meio derreado no assento trazeiro do phaetonte.

Não voltára tres paginas, um leve ruido de pandeiro feriu-lhe os tympanos. Impressão! Ainda lhe écoava nos ouvidos o maldito zumzum carnavalesco da Avenida. Continuou a leitura. Qual, não poude! O som era verdadeiro e lentamente se approximava. Esperou furioso, até que, dum atalho, surgiu um sujeito de roupas esfarrapadas, mascara de macaco no rosto, tocando uma pandeireta e dançando como os indios quando se preparam para a guerra.

O jornalista ficou horrorizado. Em plena floresta da Tijuca, sem uma casa, entre os ipês altos e as quaresmas floridas, apparecia um mascarado, tocando e dançando. Para quem vêr? Para que? Para elle mesmo, para se divertir. Era o cumulo do amor ao carnaval!

E nesses tres dias de loucura ninguem resiste á vibração do ambiente. Todos são obrigados a tomar parte, maior ou menor, nas diabruras de Momo, esse demonio moderno, que, como o diabo medieval Sidragasum, tinha o poder de fazer dançar as mulheres nûas, tem o poder de fazer perder a cabeça aos velhos, aos homens, ás mulheres e as crianças.

Em plena Avenida Rio Branco, na segunda-feira, presenciei uma scena edificante. Um velho respeitavel, todo de preto, de longas barbas brancas, talvez chefe de secção ou director de qualquer serviço, dava o braço á sua mulher, velhinha magra e corcovada, com um vestido de seda negra, capota de flores rôxas, pulseiras de coral e broche de

GB
AUTORIA
RECORTES
7

"Fon-Fon!": 23-Fev.º 1918

ouro francez ao peito com brilhantes á maneira antiga. Um verdadeiro casal brasileiro de 1830 a 1840. Ambos caminhavam sérios e compenetrados, com um geito e um todo de quem acompanha procissão. Ninguem tinha animo de dirigir uma phrase a esses remanescentes dum tempo remoto. A' sua frente ia uma senhora, certamente solteira e sua filha, quarentona e forte de ancas e seios, toda se requebrando, phantasiada de odalisca, mostrando um artelho claro e gordo a fugir das babuchas apertadas e uma perna polpuda, núa no rasgão amplo dos calções mouriscos. Era essa a procissão que os dois velhos, tão sérios, tão unidos e tão respeitosos acompanhavam.

E eu fiquei a scismar no immenso poder de Momo, o diabo carioca, tão nacional como Ljeschi, o demonio slavo, sobre o bom povo desta tão nobre e leal cidade.

João do Norte

Saneamento judicial

Li na «Rua» um estudo muito interessante de João do Norte sobre a demonologia.

Os primeiros seculos da Idade Media foram dominados pelo medo do diabo, que vivia em toda a parte e em tudo se emboscava.

Nos livros antigos viam-se diabos de toda a especie e de todas as cores.

Os *sabbats* das feiticeiras, conta o festejado escriptor, eram presididos por Leonard, o bode fedorento que celebrava a missa negra; a lenda de Fausto de Vidman falla de Annabry, que tinha cabeça de cachorro; de Dytican, corpo de perdiz, e Drac, que andava de quatro pés.

O diabo moderno, J. B. Queima do Monte, descende deste ultimo e parece-se muito com o primeiro.

Não proseguirei, pois, na ingrata polemica a que fui provocado por quem se quer assenhorear dos poucos haveres que adquiri com o meu honrado trabalho.

Contarei, por demais, em artigo final as *proezas* do advogado e membro do Conselho Fiscal da Casa Standard S. A.

ARTHUR CAMPOS.

Rio, 24 de Abril de 1918.

Rio de Janeiro, 23 de Fevereiro de 1918.

Norte e Sul

Ha um seculo quasi o Brasil vive independente e ha um seculo quasi os seus governos teem deixado em abandono os Estados do Norte, desde a Bahia até ás selvas do Acre. Tudo o que se lhes tem dado em viação ferrea e outros beneficios parece, pela sua exiguidade em comparação aos melhoramentos sulistas, sobejos duma lauta mesa orçamentaria. Sessenta mil contos annuaes a Amazonia despejava, quando prospera, nos cofres da nação e não recebia em troca a decima quinta parte. Vinte mil contos por anno era a contribuição do Acre e menos de tres mil as despezas federaes nos seus territorios. Não ha Estado nortista por menor que seja que não dê á Republica tres vezes mais do que arrecada para si. E muitos jazem em completo esquecimento dos poderes da Federação.

Ninguem póde calcular quando virá o termo de tanta injustiça, toda ella provinda da força das grandes bancadas na elaboração das leis que nos governam. E é consolador para as almas verdadeiramente brasileiras verificar que isso não diminuio de maneira alguma o acrisolado patriotismo nortista. Tanto assim que, quando o paiz carece de soldados, lá estão os Estados do Norte offertando a sua contribuição — a maior de todas, porventura.

Mas o Norte vae vencendo essa luta quasi secular, serenamente e vagarosamente. Os seus filhos emigram e se infiltram no organismo social e economico do Sul, trazendo com a sua coragem e pertinacia as maiores probabilidades de successo. E se aventuram e vencem no campo das lettras, no das finanças, no da politica, no do jornalismo e até no do commercio carioca, onde dia a dia surgem e se multiplicam as firmas nortistas.

Essa lenta e demorada conquista lembra a acção pertinaz do povo bulgaro, conquistando paulatinamente a Romelia Oriental á turcalhada ronceira e incapaz.

As lutas separatistas são paginas da nossa historia; porém, nunca mais se repetirão. Um Brasil unificado e poderoso sahirá dessa differença de tratamento orçamentario, que, se enriquece o Sul, augmenta as qualidades combativas e de resistencia do Norte.

O aspecto mais interessante dessa suave conquista está nas canções populares do Norte invadindo a alma do povo do Sul. Já nos carnavaes cariocas não se cantam os feitos interessantes occorridos na cidade, na politica e nos jornaes, porém se repetem os estribilhos praieiros e sertanejos do Norte, onde pelas condições do meio e raça, do retardamento da civilisação, do apego e amor ao passado, a alma nacional vive e se conserva mais pura, tanto mais para o sertão bravio quanto mais pura ainda.

E o carioca, fantasiado de *Clovis*, *Diabinho*, *Pierrot* ou *Princez de Cordão*, sae pelas avenidas, pelas ruas e pelas praças, inconscientemente cantando as lôas nortistas, que o jangadeiro e o vaqueiro repetem ao pé da viola, no terreiro das casas, por noites de lua cheia, emquanto ao longe nas quebradas uivam rapôsas ou á beira dos coqueiraes vôam rasteiramente os bacuráus.

Em 1910 o carioca, tendo falta de inspiração propria, cantou a «Vassourinha» portugueza. Em 1911, corrigiu-se e enchêu os ares com o «Yayá me deixa». Em 1912, cantou o «Pau do Guarda». Mas depois, deixou-se apoderar pelo espirito nortista e guinchou as estrophes do «Meu Boi Morreu», da «Rolinha, sinhô, sinhô» e da «Cabocla do Caxangá», as primeiras vindas do Ceará, as segundas do Ceará e do Piauhy, as terceiras de Pernambuco e Alagôas. Então, nunca mais inventou uma cantiga, uma trova, uma quadra. Estava o prato feito no Folk Lore do Norte. Era só pedir á vontade. Assim fez. E este anno sómente se ouvia a melopéa queixosa da «Bahia, minha Bahia» e do «Vou voltar para o Ceará».

Parecerá futilidade ou talvez até paradoxo, mas é pelos cantos populares, pela litteratura do povo e depois pela dos expoentes que as infiltrações dos povos principiam...

Jotaenne

"Rua" 25 de Fevereiro R. 1918

UMA FAMILIA TRADICIONAL

A sua influencia e os seus vultos eminentes.

O Conselheiro Antonio Prado

Em toda a parte, sempre ha uma familia ou um grupo de homens que encabeçam influenciam, dirigem a sociedade. São os seus vultos eminentes que criam as idéas novas, ajudam as tentativas de progresso ou as determinam com o seu exemplo.

Pode o tempo passar sobre os seus actos de benemerencia ou condições politicas, econoimcas, sociaes os afastarem algum tempo do primeiro plano, a sua attitude é sempre digna e altiva, a sua acção continúa, embora, e o seu nome não deixa de reluzir diante de todos os espiritos.

Desde o imperio até hoje se manteve na primeira linha da sociedade paulista, chefiando movimentos progressistas ou nelles principalmente cooperando a familia Prado.

Seus membros floresceram e brilharam em todas as manifestações do pensamento e da acção: no commercio, na agricultura, nas finanças, na administração, na politica e na arte.

Quando ainda em S. Paulo dominavam costumes provincianos, quando ainda bem pouco se viajava e bem parcas idéas novas appareciam, eram elles que passeiavam no estrangeiro, observavam os seus habitos e as suas grandezas, trazendo de torna viagem uma alta influencia para a marcha progressiva ardente da sua terra natal. Com todos os requisitos do bom gosto e das boas maneiras, mantinham em torno de si um vasto circulo a que transmittiam vibrações.

Traziam do exterior e se esforçavam por fazer adoptar, tantas cousas espirituaes ou de simples bom gosto como as cousas materiaes e de simples utilidade. Traziam as machinas aratorias, os instrumentos agrarios, os animaes de raça como as roupas dos grandes alfaiates, os livros das ultimas celebridades e as ultimas idéas de utilidade publica ou particular, como opiniões novas sobre pecuaria ou sobre philosophia, sobre a vida nacional ou sobre o desenvolvimento das cidades. Tudo os seus espiritos agudos abrangiam e a sua influencia dilatava.

Eduardo Prado lega ao Brasil um nome glorioso. Amigo intimo dos grandes escriptores de seu tempo, homem de salão e de gabinete, vivendo em luxuosas pregrinações pela Europa em fóra, nunca perdeu, nem sequer de leve, a clareza do seu espirito eminentemente nacionalista. Foi sempre muito e muito brasileiro. Este o traço mais extraordinariamente sympathico do seu temperamento de homem e da sua apurada alma de artista. A elevação de sua intelligencia attrahia as admirações. Não se póde pensar nesse homem admiravel sem emoção. Escriptor, jornalista, polémista, conversador, sociologo, viajante, homem de elegante viver, tudo elle foi e tudo o seu espirito privilegiado poderia fazel-o ser.

Caio Prado vae em pleno viço de todas as boas qualidades physicas e intellectuaes dum homem perfeito governar a terra mais ingovernavel do mundo — o Ceará, e transforma-o de cima abaixo. Ainda hoje alli perdura a sua bella influencia. E elle agia fóra do seu ambiente verdadeiro, sómente pelo seu prestigio e encanto pessoal.

Creou uma grande roda de admiradores e amigos sinceros, que sempre o relembram com palavras de saudade. Fez, ha trinta annos, uma capital de provincia ter intensa vida social. Promoveu melhoramentos de toda a sorte. A' sua acção, como a uma ventania forte, se espalharam, fugindo, preconceitos e atrazos. Um sopro de idéas novas alimpou as almas. A todos distribuiu gentilezas e aos que pôde, beneficios. Veio uma secca cruel. Os seus esforços se multiplicaram. A sua caridade innata não teve mãos a medir.

Morre, na Terra da Luz, depois de grande luta e desce ao tumulo abençoado por todo o mundo e por todo o mundo chorado. Jamais alli alguem teve tão grande consagração. Ainda agora o povo faz romarias ao seu mausoléo e o cobre de flores.

"Correio Paulistano" - 5 - março - 1918

O Conselheiro Antonio Prado, que hoje faz annos, cercado pelos seus, em S. Paulo, é um dos grandes vultos da nação brasileira. Espirito que muito meditou e muito agiu, se a occasião não o põe á testa das nossas manifestções sociaes e politicas, isto mais ainda faz destacar-se o seu raro valor, especialmente para a consciencia dos que sabem aval-o e estimal-o como um coeffciente de nossa grandeza intellectual e do nosso patrimonio moral.

Homem de fibra mui rija e de qualidades de espirito notaveis, tem marcado em luz viva a sua passagem. Na vida paulista, a sua grande influencia jamais se apagará. Esteve sempre á frente das melhorias e dos progressos, das evoluções e dos aperfeiçoamentos. E os governos, tanto o imperial como o republicano, sempre lhe reconheceram a maior capacidade de acção e de espirito.

Nada se encontra de frivolo ou de banal na sua vida. E' toda uma successão de factos honrosos e de trabalhos continuados. A sua natureza de escól sempre se deixou levar para o lado das realizações uteis e praticas, que mais de perto se prendem ás necessidades collectivas.

Todos nós trazemos as marcas do meio de que viemos. E de ter sido firmado num meio são e productivo, fino, intelligente e progressista, qual o de sua familia e do seu povo, que elle guarda essa fidalguia de attitude e sssa elevação espiritual, verdadeiro apanagio da raça.

Fundador de jornal e politico eminente, agricultor emerito e administrador zeloso, o seu espirito se nos apresenta sob formas diversas e cada qual mais brilhante.

Na monarchia é um dos auxiliares de peso do regimen, o companheiro de gabinete do Barão de Cotegipe, occupando varias pastas varias vezes.

Se demora muito pouco na pasta das Relações Exteriores, deixa um sulco, uma esteira de progresso na da Agricultura, que impulsiona em todos os sentidos. Já começava a ser o que é hoje com maior erudição apprehendida no decorrer do tempo, um grande conhecedor de todos os assumptos, sob qualquer aspecto, que se relacionam com a cultura da terra.

As modalidades admiraveis de sua cerebração, a continuidade do seu bom senso pratico e a immutavel nobreza de sua attitude, fazem-n'o passar com brilho continuo atravéz de diversos cargos, cada um o de maior relevancia.

Mais de uma decada foi Prefeito de São Paulo e ahi estão os assombrosos progressos dessa grande cidade a attestarem a sua acção proveitosa e a feição clara e pratica sob que encarou todos os problemas urbanos, logo profundamente estudados, os de viação e de arborisação, os de calçamento e de hygiene, os de assistencia e de asseio, os de communicação e de commercialidade.

Conselheiro Antonio Prado faz annos hoje e é um dever de mocidade de espirito e de coração vir cumprimentar por essa data um homem que muito merece da sociedade brasileira e que é uma tradição de honestidade, de educação, de firmeza de caracter e de intelligencia da raça. E paraphraseemos Meziéres: — Nesse illustre velho, saudemos com justiça, a força e a belleza sempre intactas do talento.

JOÃO DO NORTE.

"O Norte" - 16 - março - 1918

"Boletim Mundial"

Desta importante publicação que vem circulando ultimamente nesta capital e que, tem merecido o concurso das pennas mais autorisadas do nosso jornalismo, transcrevemos com a devida venia, uma chronica de nosso illustre confrade João do Norte, sob o titulo de «Politica e litteratura».

3

O DIABO

(João do Norte)

O propheta suave, que entre os humildes andou pela Judéa e pela Galiléa, baseava os seus ensinamentos divinos no amor puro e sublime. "Amai-vos uns aos outros" foi o alicerce do christianismo primitivo, foi o lemma que reuniu nas catacumbas e armou de stoicismo, no circo, os perseguidos de Roma imperial. Essa religião de paz e de amor, de perdão e de misericordia, espalhou-se á face do mundo, que soffria, como um balsamo consolador. Curava a ferida dos maus tratos, bania o odio dos corações, matava os fermentos do desespero e enchia as almas com uma esperança nova.

Mas as visões sombrias do discipulo amado, em Pathmos, as suas vigilias e os seus escriptos prepararam para essa religião tão doce uma nova éra. E mais tarde, quando já se constituia a Egreja, o Apocalypse assombrou as almas christãs. A maioria de seus symbolos foi tomada pela rama, com a significação mais visivel, e o pavor do fim do mundo achou guarida em todos os corações.

O delicado S. João, sobre cujo seio Christo repousara a cabeça, o apostolo querido a quem o Filho de Deus recommendára sua mãe, legara á humanidade a predicção do acabamento da "cidade terrestre" e do começo da "cidade de Deus", após o tremendo julgamento derradeiro, e mil annos depois do nascimento do Messias.

Então, um apprehensivo horror abalou as populações ao approximar-se o anno 1000 e delle decorreu o temor do demonio, que se preparava a arrastar as almas peccadoras, aos montões, para as suas lugubres cavernas.

E os primeiros seculos da edade média foram dominados pelo medo do diabo. Os frades prégavam que elle vivia por toda a parte e em tudo se emboscava. Corriam noticias da maneira insidiosa e perseverante com que tentava os maiores santos, assoprando a luxuria a Santo Antonio, assoprando o orgulho a Santo Onofre.

O anjo maldicto assenhoreou-se da vida social. Cavalleiro de armas negras, castellão luxuoso, fidalgo faceiro, pagem formoso, trovador e troveiro, mendigo e beguino, aventureiro e goliardo, rufião e navegante, tudo elle foi, para em toda a parte penetrar. Succubo emmagrecia os rapazes pouco castos. Incubo espalhava filhos pelo mundo. Crepitava no attranor afogueado de Alfredo o Grande e até no gabinete de alchimia e magia de Sylvestre II. Raptava donzellas. Dançava as chacoinas e a frol granada. Era a dama pé de cabra das lendas peninsulares e o negro corvo das lendas allemãs.

Foi quando se começaram estudos sobre sua origem e appareceram a demonologia e os demonologos.

E todos procuraram sem descanço qualificar e corporizar o principio do mal, isso que metaphysicamente se chama erro e psychicamente se chama egoismo, esse que é tão sómente, como está em Goethe o espirito da duvida, o espirito da negação, que se mostra no "kaleidoscopio obscuro das almas fracas e timoratas".

Na Biblia, os encontraram os Soboth do "Levitico" e Nahash, o demonio a que se refere Moysés. Job é quem primeiro fala de Shatan, espirito de oitava categoria.

A seita dos manicheus apanhou os demonios e, achando no christianismo o terreno das almas arado pelo Apocalypse, semeou-o. Dahi a profuão de espiritos infernaes de que falam os demonologos como Boguet, Debrio e Lancre, espiritos que pullulam em todas as manifestações de arte. João Wier, no seu tratado De Lamiis, chega até a crear uma hierarchia infernal, que vai dos principes e embaixadores aos mestres de cerimonias e intendentes dos prazeres!

Cada povo teve sempre o seu diabo especial; porém um sómente. Os egypcios tinham Typhon, os mongóes Tchutgur, os indios do Brasil Anhangá, os slavos Ljeschi, que mugia, latia e relinchava. O occidente medieval europeu teve alluviões. Bem respondera a Jesus aquelle demonio, que foi precipitado de rochas em corpos de bacoros — — "Chamo-me Legião".

A Biblia forneceu mais Belial, o demonio da desobediencia, que tinha a figura dum elephante mosqueado, Belzebut, que se apresentava com cara de boi; Belphegor, o dos cabellos verdes, e Astaroth, serpente que andava perfilada sobre a ponta da cauda. Eram os deuses dos povos vizinhos transformados em corporizações infernaes.

Nos livros antigos, buscaram-se provas da existencia dos demonios. Hesiodo dizia que o homem sábio, depois da morte, entrava na posse de alta sabedoria e se tornava em demonio. Esta palavra em grego vinha de saber. O demonio era um sabedor. Essa era, ademais, a opinião dos platonicos. Apulen dava aos diabos corpos de ar. Porphyro dividia-os em bons e maus.

Todas essas opiniões preoccuparam os doutores da Egreja e sobre ellas os escolasticos bordaram themas e mais themas.

Santo Agostinho, que quer que os demonios se queimem, para poderem queimar, diz que elles podem ter uma especie de corpo, formado por um ar espesso e humido, que o vento faz vibrar (ære crasso atque humido, cujus impulsus vento flante sentire). E' ainda o autor da "Civitatis Dei" quem affirma que os diabos enganaram Numa Pompilio pela hydromarcia.

Baseados nessas e noutras opiniões, os demonologos augmentaram os ridiculos do principe das trevas e decuplicaram o seu numero nos tempos medievaes.

Os sabbats das feiticeiras eram presididos por Leonardo, o bode fedorento, que celebrava a missa negra. Mammon andava onde havia luminarias e Sidragasum fazia dançar mulheres núas, no alto dos comoros, por noites de lua cheia. Nas

fortalezas e castellos, assombrando as sentinellas, que cochilavam nos miradouros, surgia Sabnac, fardado de archeiro, com a cabeça de leão. Nos cemiterios, vagava Eurynomos, o diabo azul, que come os cadaveres. Urian fazia pactos com os monges, para construir egrejas, e rachava com um pontapé os sinos das capellas. Dominavam o côro infernal Satan, Lucifer e Lusbel ou Luciabel. Os copistas e escribas eram atormentados por Titivillus; os campos, varejados por Paphos montado no seu cavallo cégo; as charnecas percorridas por Anherhahu, que tinha fórma de gallo. Até sob o aspecto de meninos andavam Asiabel e Marbuel, tentando meninos.

Por toda a parte se viam diabos de toda a especie e de todas as côres. Entravam nas casas pelas chaminés Aliboron e Ferrebiú. Sentavam-se ás mesas, nas refeições, Gilgoth e Penthagruel. Envolvia o mundo com a sua malicia profunda Asmodeu, o Coxo. Sabaoth balançava a sua cabeça de burro, ao meio das panasqueiras, quando o crepusculo cahia. Demogorgon e Rappallus cabriolavam no pateo das egrejas ou entravam no corpo dos camponios. E, nas guerras sanguinarias, sibilando torpezas ao ouvido dos soldados, ria no meio das pelejas, sob a sombra esvoaçante das bandeiras, a bocca putrida de Rifflart.

E não só esses. A "Lenda de Fausto" de Vidman fala de Annabry, que tinha cabeça de cachorro; de Dythicau, corpo de perdiz, e Drac, que andava de quatro pés. Os mattos estavam inçados de lobishomens e farfadets levados da bréca, como Rothonago e Vandeval, cuja existencia era affirmada por Luiz Guyon.

Os livros talmudicos collaboravam na creação da raça demoniaca. Elles traziam a genealogia de Samael, filho de Leviathan e marido de Lilith, a primeira mulher de Adão, tão falada nos breviarios de Magia Negra. O talmud enumerava outras diabas ou demonias, esposas posteriores de Samael: Aggarath, Nahemah, Mochlath. Tudo isso se perdia no fundo obscuro das theogonias asiaticas, de onde tinha vindo, emigrando da India para a Persia e da Persia, através de Babylonia, para a Judéa, o dogma da quéda dos anjos.

As vinganças politicas tambem crearam novos demonios. O Behemot, Bohomet ou Bophomet, diabo horrivel dos Templarios, foi creação dos juizes e inquisidores de Philippe o Bello.

Desde essa época até á raiz dos tempos modernos, através dos grandes livros vem a celebração do espirito maligno. As vidas dos santos o perpetuam. As obras de Kabbala o eternizam. Dante esculpe Geryon e Leviathan, Rabelais pinta Rappallus e Sabaoth, Goethe toma Mephistopheles, Heine guarda Masiabel, Victor Hugo descreve Paphos e Lesage aproveita Asmodeu do mesmo modo que Anatole France resurge Titivillus.

Mas o diabo moderno perdeu cento por cento. Aburguezou-se de maneiras e de roupas. Não é mais o languido donzel de olhos lubricos nem o estudante viajeiro, que torra com os pés a herva dos caminhos. Deixou de ser o menestrel que se apoderava, depois duma serenata, da alma e do corpo das castellãs.

Apresenta-se feio e tacifurno, de chapéo alto, luvas negras, sutambaque e cartola, nos contos de Gautier e nas paginas do Eça. A morrer de fome e medo da policia, Satan se encolhe nos versos de Guerra Junqueiro.

S. Francisco de Assis, alma clara como um céo de verão, começou por matal-o. A grande revolução religiosa, que encabeçou sem o sentir, fez a Egreja regressar aos doces tempos da prégação messianica. O amor ao proximo, que o grande santo da Ombria apregoava, a sua humildade, a sua alegria, a sua preoccupação de sómente fazer o bem sem pensar no peccado e no mal, deram fundo golpe no poder de Satanaz. Tanta claridade de sentir e de amar illuminou as lobregas almas que os dogmas e medos escureciam

O diabo fugiu. E por isso a Boa Nova dos irmãos franciscanos rebrilhava á face da Italia como a luz do sol após dias de tenebroso inverno.

Cada um tinha a sua egreja e a sua religião dentro de si mesmo. Sobre todos velava a misericordia divina. Que todos se amassem e se ajudassem e se arrependessem, Deus perdoaria as suas faltas. A esmola resgatava os peccados. Era matar o terror secular do demonio, vindo do Apocalypse, espalhado pelos manicheus e mantido pelos dirigentes de Roma.

A humanidade caminhou de progresso em progresso. Um a um, os pobres diabos foram morrendo. O cimento armado veiu mostrar o nenhum valor de Urian como architecto e constructor. A artilharia espantou Sabriac das fortalezas. A metralha fez Rifflart fugir dos combates. O gaz e, mais tarde, a electricidade expulsaram da noite, que era o seu dominio feudal, o Bode Fedorento do Sabbat, o gallo das Charnecas, Sabaoth, Andracy, Drac e até o arteiro Asmodeu.

Outr'ora, os imperadores suabios quando se lançavam sobre a Italia guelfa, para espremel-a nas suas mãos gibelinas, eram logo taxados de Antechristos. Antechristo foi o Henrique humilhado de Canossa e, mui especialmente, Frederico II, esse cerebro portentoso, homem formidavel, a quem uma encyclica papal chamava "a besta que sai do mar".

Hoje, si estivessemos ha alguns seculos atrás, já o cesar allemão seria publico e notoriamente o Antechristo.

João do Norte

"Boletim Mundial" Rio 7-3-918

Politica e litteratura

Ha tempos, a imprensa franceza muito se preoccupou com a entrada dos litteratos na politica, mas nunca falou da entrada dos politicos na litteratura. Isto, em França, onde ha o sentimento da responsabilidade pessoal, é impossivel. Aqui é corriqueiro, embora amedronte, aterrorise ou suffoque de riso os amantes das boas lettras. Dahi o discurso do Codigo Civil do Sr. Carlos Maximiliano e os pareceres, na commissão de Marinha e Guerra, do Sr. Esperidião Monteiro. Dahi as orações senatoriaes do Sr. Pires Ferreira e os arroubos do Sr. Fausto Ferraz.

Entre nós, a litteratura não dá para viver e muito menos para enriquecer, como na Europa. A' procura de progressos para o seu modo de vida, muitos dos nossos litteratos buscam a politica. A emigração tem sido grande. A Camara tem roubado, ou pretende roubar, á litteratura e ao jornalismo homens como Murat, Augusto de Lima, Coelho Netto, Felix Pacheco e muitos outros.

A elles todos, se pudessemos coxixar-lhes umas tantas coisas ao ouvido, dariamos o conselho de Tourguenef a Leão Tolstoi, quando este, por causa da politica, amargurava III na cadeia:

— Voltae á litteratura, caro mestre!

Essa foi, ademais, a opinião geral da imprensa parisiense: o litterato não deve ser politico. Accrescentamos nós: mas póde, e o politico não o póde. Um dos jornaes envolvidos na questão condemnava a entrada de Jean Richepin para a Camara dos Deputados e dirigia-lhe estes versos:

"Richepin, au Palais Bourbon,
Point ne fera de politique,
Car il s'y présente en champion
Des lettres, de l'art poetique.

Et s'il arrive, desormais,
Que, jaloux de son eloquence,
Nos deputés parlent français,
Nous aurons vraiment de la chance."

Cá e lá más fadas ha. Os parlamentares francezes tambem estragam a lingua, mas á nação resta a esperança de que, com o convivio dos Richepins, aprendam alguma coisa. A nós não resta mais nem essa esperança. "Papagaio velho não aprende a fallar". Haverá alguem capaz de ensinar alguma coisa ao Sr. Manuel Fulgencio? Não ha, porque elle é incapaz de aprender. Encruou, como diz o matuto. Envernisou, como dizem outros. Ha largos annos, Felix, Netto, Augusto e outros fallam portuguez na Camara e esta cada vez desaprende mais a lingua mãe. Por isso, digo que nem essa esperança nos resta. Ainda o anno passado, o Sr. Mauricio começava desta sorte um discurso:

— Sr. Presidente. Me desculpe a Camara...

Voltae á litteratura, exilados da litteratura na politica e cerrae fileiras, para que os politicos, de quando a quando, não se queiram exilar voluntariamente na litteratura, amarrotando a phrase nos periodos admiraveis do Sr. Lopes Gonçalves e escangalhando a lingua com o atticismo do Sr Soares dos Santos.

JOÃO DO NORTE.

Garatujas

O valor da defesa heroica de Liege recáe todo sobre a varonil e esplendida figura do General Leman, recentemente vindo para a França da Allemanha onde estivera prisioneiro. Não são bastiões e redentes, fossos e baterias as melhores forças que defendem uma praça de guerra, porém a fortaleza de animo do seu chefe e dos seus soldados. Foi Boccanegra e não muralhas ou barbacans fortes a razão unica da defesa espantosa de Huninga.

Já ha muito tempo um homem de guerra, galante corredor de aventuras, o cavalheiro de Grammont iniciava a relação do cerco de Lerida, affirmando que a praça nada valia, mas valia tudo Gregorio Brice, seu defensor, hespanhol da velha raça, valente como o Cid Campeador, orgulhoso como os Gusmões e mais galanteador que os Abencerrages de Granada.

Estas palavras enthusiasticas de um sitiante valem pelo maior elogio.

Fon Fon 2 mar. 1918

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
BIBLIOTECA
Nº Registro 795/2005 | Patrimônio 63.806 | Origem D

"Correio Paulistano" 4 de março de 1918

KRUM O TROGLODYTA

(João do Norte)

"Dans l'origine, l'homme formé nu de corps et d'esprit, se trouva jeté au hasard sur la terre confuse et sauvage."
(VOLNEY — "Les Ruines".

Nas reuniões funerarias á sombra dos lepidodendros gigantes deante dos menhirs e cromlechs das clareiras, Krum os outros chamavam na sua linguagem ruda. Ninguem brandia com mais força a acha de silex nem mais fundo enterrava a ponta da lança no peito largo do urso speleu.

Habitava uma caverna sobre um planalto a cavalleiro do rio cheio de esturjões e das florestas de cycas, coniferas e fétos gigantes, povoadas de féras. De lá avistava o branco das geleiras, que desciam das montanhas sempre ennevoadas, entre morenas de detritos, e grandes pradarias cobertas de hervas altas, em cujas lagunas espadanavam agua os hippopotamos perseguidos pelo machoerodus monstruoso.

A' sua vista cupida, passavam grandes manadas de aurochs, varas enormes de javalis scrophas, rebanhos de rangiferes e lotes de pôtros selvagens.

Durante os dias quentes e humidos, percorria os lameiros e mattagaes espessos, sempre á espreita e á escuta, estremecendo ao distante resfolegar do rhinoceronte, que agitava os caniçaes, ao longinquo pisar do mammouth, que fazia tremer o chão. Do alto das arvores, deixava cahir o dardo de pau acerado ao fogo sobre o dorso dos bisontes, que morriam num lago de purpura.

Levantando-se dos juncaes, lançava um pedrouço cortante aos bandos de veados, rindo, barbaramente, quando um ficava a estrebuchar, ou derrubava as perdizes com um cacête, quando erguiam o vôo rasteiro. E, si encontrava a panthera, não podendo esconder-se, fugir, guindar-se ás arvores, combatia-a, heroico e solitario, peito a peito.

Seu corpo baixo e grosso tinha a espantosa agilidade dos simios. Seus musculos retezados eram mais duros e resistentes que as lianas. Trazia em torno da cintura uma pelle felpuda de castor, no pescoço um collar de dentes recurvos e na grenha hirsuta espinhas de peixe, ossos finos de passaros. Torso, pernas e braços cobriam-se de cerdas negras e a barba derramava-se sobre o peito tufada e agreste.

Dormia num antro sobre folhas seccas. A's vezes, levantava-se num susto, chegava á bocca da furna. Ao longe um vulcão erupia com fragor, alanceando de chammas o espaço, deixando escorrer pelas encostas lagrimas de lava. Milhares de animaes fugiam, assombrados, em furioso tropel. Gritos de homens medrosos vinham dos convalles clareados pelo fogaréo. Krum prosternava-se, porque a sua alma era cheia de terrores desconhecidos e temia todos os espiritos occultos, os que moram nos anfractos das pedreiras, os que olham dos luzeiros do céo, os que crepitam na chamma da fogueira, os que roncam com o trovão, estalam com o raio, atrôam com as erupções e os que, mansamente, deslizam sobre as aguas e as hervas, na penumbra dos bosques e na face das penedias, sombras dos que partiram para a longa viagem da morte.

Outras vezes, leve ruido despertava-o. Hyenas penetravam devagarinho, mal roçando o saibro do sólo. Agachava-se, remexia o borralho que conservava o fogo e atirava um tição no escuro da abobada. A braza allumiava o traço curvo da trajectoria. Cahia adeante com um baque secco, espalhando fagulhas. As féras empinavam-se e galopavam em atropelo até á sahida, onde se dispersavam pela campina.

Antes de exgottar a provisão de carne de renna ou de cavallo, passava dias inteiros a polir, repolir, afiar os bordos das achas, das raspadeiras, das pontas de settas, dos furadores de pedra, que lhe serviam de armas e instrumentos ou para trocar plantas medicinaes e sementes comestiveis com os moradores de outros cantões. Tambem esculpia nas placas de chifre de tarandus rudes imagens de animaes.

Ao luar, quedava á entrada da gruta, olhando a melancolia da paizagem. Salgueiros cinzentos marcavam o rumo do rio. A casca prateada dos olmos rebrilhava. Brumas elevavam-se das cataractas, cujo ruido enchia a solidão. Urros de ursos, uivos de raposa morriam no ar. Erguiam-se acima dos capinzaes os comos altos dos megaceros.

O homem primitivo, que sómente soffria terrores do vago, do inexplicavel, começava a sentir a dôr das cousas passadas mascarada pela sua necessidade para a vida. Estava sósinho, porém já possuira uma companheira, membruda e forte, de peitos grandes e rijos, ancas possantes e rodamoinhos de pello por quasi todo o corpo, cingida pela tanga de couro de leopardo, cabellos asperos e longos fluctuando, habil na caça e no preparo das pelles. Raptara-a, após grande lucta á beira dum lago, onde surgiam cabanas das aguas em pontas de estacas. E quando varava as florestas com ella ás costas, ouvia o berro selvagem dos que o perseguiam. Uma feita, regressando da caçada, parara estarrecido á entrada da cafurna. Dentro afuzilavam as pupillas dum leão deitado sobre o cadaver da mulher. Dera um salto, brandindo o machado. A pelle do animal cobria agora as folhiças do leito, e o seu braço e a sua cabeça guardavam a marca indelevel das garras. Então, ao desejo imperioso da femea desapparecida, o seu corpo todo estremecia, as suas narinas palpitavam.

Das montanhas proximas veiu, um dia, um casal alegre, que se estabeleceu numa cabana de folhagens, á orilha da floresta, no ultimo declive do planalto. O homem caçava ou dormia; a mulher trabalhava sempre, cuidando dos alimentos, da limpeza dos couros e chifres, dos reparos da habitação e do defumar das provisões. Krum olhava-os, invejosamente, da sua caverna solitaria. Já o recem-vindo abatera centenas de gallos selvagens, cujas pennas enfeitavam a companheira. E, perseguidos por dois caçadores num valle pequeno, os animaes emigravam. Não se viam mais os grupos numerosos de uros e de cavallos de largos cascos, nem afocinhavam mais a lama dos marneis os babirussas nojentos.

Quando o novo caçador chegava da faina, arrastando pelas patas trazeiras um corço castanho, a mulher dançava de alegria e se enroscava nelle, grunhindo. Algumas pancadas do macho faziam-na afastar-se, esfolar a rez e sapecar na fogueira as suas carnes sangrentas. Depois do repasto barbaro, em que elle saboreava as melhores porções, ambos roncavam, em pesado somno.

O troglodyta solitario, debruçado numa ribanceira, sentia ganas de agarrar a clava, descer o pendor, esmigalhar a cabeça do rival e trazer a mulher para o goso brutal da sua carne aguilhoada. Mas o outro era garrudo e forte, a sua machada pendia sempre do cinto e no seu collar de presas de féra havia dentes de homens vencidos.

Uma tarde, Krum engatinhava pelos hervaçaes á cata de ovos de codorna, quando á sua frente rutilaram as azas brilhantes do horfanz. Arremessou o bastão de caça curvo e pesado. A ave tombou. Porém, das moutas uma pedrada certeira tambem a tinha alcançado. Os dois homens acharam-se frente a frente, de armas em punho, rugindo. Krum desviou-se ao primeiro golpe do contendor, extendeu o corpo para deante e deu-lhe com o gume de silex no craneo. A pancada foi rapida e secca como uma martellada. O outro cahiu pesadamente. O troglodyta atirou a arma ao sólo, abandonou o passaro rutilante e correu para a barraca do morto.

A' meia luz do crepusculo, subia a encosta do planalto com a femea atirada sobre o hombro, aos berros de alegria. E os ultimos raios do sol clarearam o seu vulto carregado penetrando na furna.

João do Norte

"Fon-Fon!" 9 - Out.º 915

PRÓ FLAGELLADOS — **Festival academico**

Os academicos que interpretaram o drama original cearense, em 2 actos, do nosso collaborador João do Norte (Gustavo Barroso) *O sangue não mente*, no grande festival organisado pela Faculdade de Medicina e Escola Polytechnica em beneficio das victimas da secca.

"Rua" - 10 de março de 1918

NOVAS & ECOS

Tem causado verdadeira estranheza nas rodas politico-jornalisticas a maneira continua e forte com que o nosso confrade "O Paiz" tem, estes ultimos tempos, defendido a eleição do sr. Barbosa Lima.

E o publico está a presenciar uma cousa verdadeiramente interessante: o jornal do sr. João Lage correndo parelhas com o do sr. Macedo Soares no sentido de dar votos aqui a quem não os teve no Ceará !

Ninguem, de bom senso regular, póde admittir que o povo cearense tenha elegido o sr. Alexandre José Barbosa Lima, cujo pae alli foi muito conhecido e severamente atacado em terrivel folheto pelo ex-senador João Cordeiro, que, elle mesmo, deixou alli inapagavel tradição politica comprehendida entre a sua nomeação para MINISTRO do primeiro governo republicano do Estado e uma carreira que deu diante dos operarios em plena praça do Ferreira, pelas cercanias da "Maison Moderne".

E' verdade que o sr. Barbosa foi MINISTRO, tão bem se comprehendeu nesse inicio da Republica o que era uma federação. O Ceará teve sob o talento juridico dos srs. Barbosa Lima, João Lopes, João Cordeiro, Catunda e outros até ministros do Exterior, da Guerra e da Marinha.

E' impossivel o sr. Barbosa Lima, arrivista politico de primeira ordem, que nunca fez eleitorado e tem andado a saltar do Amazonas ao Rio Grande, ter sido eleito no Ceará pelo partido onça do sr. Moreira, que apresentou chapa de minoria. Quem apresenta chapa de minoria não póde fazer o senador !

Mas o engraçado de tudo isso é o jornal do sr. João Lage, por inexplicavel motivo, quebrar lanças por um amigo do sr. Macedo Soares que, diariamente quasi, tambem o elogia e felicita.

* * *

Noticias da Bahia narram as necessidades incriveis porque passa o professorado publico do Estado, cujo pagamento se acha em lamentavel atrazo. Até dizem que alli se organizou ou organiza um bando precatorio com o fim de esmolar recursos para os infelizes serventuarios da Instrucção Publica.

Já era tempo de terminar de vez o triste costume dos Governos no Brasil de não ligarem a menor importancia á instrucção publica, base sem a qual é impossivel o progresso verdadeiro na nação. Nada tambem mais deprimente do que as noticias diarias do funccionalismo atirado á miseria ahi por esses Estados da Federação em fóra, obrigado a papeis desairosos com o fim de obter o sustento da familia.

Como admirar-se alguem da proporção extraordinaria de analphabetos no Brasil, diante de taes exemplos edificantes do descaso e pessima administração ?

S. Paulo, o mais culto dos nossos Estados, tem, segundo uma recente e espantosa estatistica, 70 o|o de analphabetos. A maioria dos Estados do Norte possuem 90 o|o e 95 o|o ou mais. E pensamos que alguns existirão onde a proporção deve ser, sem exagero, de 125 o|o !...

Diante de noticias compungentes como essa que commentamos, dá-nos vontade de aconselhar a quem de direito a nomeação de tutores para certos Estados.

"Rua" 8 de junho 1918

Gatafunhos

Vi na Avenida um typo de *frack* e chapéo molle, com uma rutilante cabelleira côr de fogo, que lhe cahia sobre o collarinho. Achei-o horrivel. E Claudio França disse-me:

— Parece com Judas.

— Porque?

— Não sabes, então, que Judas, o trahidor do Horto das Oliveiras, tinha cabellos muito russos?

— Não.

— Você é um homem que não lê. Se tivesse um dia passado os olhos no *Traité des perruques* de Thiers, teria visto que os ruivos, em França, usavam cabelleiras suppostas, bem negras, para esconder os seus pellos flammantes e evitar parecença com o famoso Iscariotes.

"Rua" 12 de março de 1918

ENSAIOS DE CRITICA

As "Origens da Guerra" por Tobias Monteiro

O illustre jornalista Sr. Tobias Monteiro publicou, em um pequeno folheto, a serie de artigos escriptos para "A Noite" sobre as origens da guerra e o dever do Brasil perante a mesma. Estes trabalhos têm tido no nosso paiz a maior divulgação, muito merecida aliás. Appareceram simultaneamente no citado vespertino carioca e no "Estado de S. Paulo", jornaes ambos de grande circulação. Foram transcriptos em periodicos estrangeiros e constam dos annaes do Congresso Nacional.

São cinco artigos escriptos com elegancia e clareza, cuja leitura agrada muito, embora não se esteja de accôrdo quanto a todas as suas conclussões.

O primeiro artigo intitula-se "Os precedentes da Allemanha". E' um "aperçu" historico, um tanto corriqueiro, dos factos que precederam a guerra actual por espaço de um seculo.

Refere-se, ligeiramente, á ação napoleonica, derivada dos acontecimentos da Revolução ao esmagamento do grande corso em Warteloo, mostrando quanto agora o mundo está unido pelos interesses de toda a sorte, sobretudo economicos o que não permitte o insulamento dos neutros como em 1814.

Este o ponto de partida para a succinta narração historica, que fez dos acontecimentos europeus até o vasto plano de Bismarck, que se o Sr. Tobias considera unicamente recrudescencia do espirito de conquista muitas autoridades em historia affirma que foi guerra de reinvindicação, tão justa quanto a campanha da Lombardia. Mas a breve noticia que compete a esta secção não nos dá logar á discussão desses e outros pontos de vista e opiniões do emerito jornalista.

Estuda ainda a chamada guerra de Sadowa e a de que a originou, a dos ducados do Elba, Scheswig, Holstein e Lanenburg; a expulsão da casa da Austria da federação allemã; a rectificação da fronteira da Silesia, e, por fim, a guerra inqusta de 1870 contra a França até o tratado de Francfort.

O ultimo periodo elogia a Inglaterra e a sua liberalidade politica. Em que pese aos que sonham com o dominio allemão no mundo, estou que é preferivel supportar a hegemonia maritima e colonial da velha Inglaterra, com a qual a hamanidade já mais ou menos se acostumou e, justiça se faça, é branda e acceitavel. A occasião seria opportuna para o Sr. Tobias fazer o elogio do imperialismo inglez e ober palmas de apoio. Ademais, ao seu talento, facil fôra a tarefa, maximé se baseasse seus argumentos naquellas celebres opiniões do Lord Rosebery, que podemos desta sorte resumir :

— "O impeprialismo inglez, na accepção commum de conquista e dominio que lhe querem dar, nunca existiu. Os homens de Estado da Inglaterra não tem idéas de Xerxes e Cambyses como os da Prussia. O imperialismo inglez não é uma doutrina nascida no cerebro do lord "fulano" ou "sicrano", mas sim um facto innegavel, inelludivel, resultando do proprio desenvolvimento da Grã Bretanha e de suas colonias, produzido á sua hora precisa, na sua opportunidade, e sem o "forceps" do militarismo, não manifestação do espirito da aggressão e conquista, porem um problema completo de organização federativa que a ninguem faz medo".

Bellas palavras ! Mas é preciso não esquecer que Lord Rosebery foi presidente do Conselho na Inglaterra e, portanto, durante algum tempo, chefe ostensivo desse admiravel imperialismo.

Victor Hugo, nas conclusões ás suas cartas do Rheno denomina esse imperialismo : Immense filet oú l'Angleterre a pris le monde". E mais adiante diz mais ou menos assim :

— "O papel da Inglaterra nos negocios universaes lembra o espirito punico. Este é o espirito de mercancia e aventura, navegação e lucro, egoismo principalmente. E' o espirito que nasceu na Phenicia e a Grecia combateu, que floresceu em Carthago e Roma, destruiu, que se installou na Hespanha e morreu por ter devorado a America, que agora vive na Inglaterra e...

Paremos, senão o velho Hugo será acoimado, com justiça, de germanophilo.

O illustre Sr. Tobias vê bem por aqui quanto as opiniões sobre suas proprias obras differem. Não ha um julgamento acceito por todos; não ha eternos senão os conceitos da belleza e da arte.

No seu segundo artigo, o meu talentoso confrade trata do "Pretesto Austriaco". E' uma pormenorisada exposição dos motivos que produziram o crime de Serajevo e das vexatorias imposições da monarchia dual ao pequeno e heroico povo servio. S. S. prende-se á rama dos factos e não explica a politica servia, convenientemente. Não se refere, por exemplo, a eterna competição austro-russa nas questões internas da infeliz nação.

Alli, a independencia se fez, depois do rude combater com os turcos, pelos esforços do partido popular ou dos plebeus, tendo á frente Theodoro Obreu e, após a victoria de Topchider, Miloch Obrenowitch, o fundador da dynastia que terminou com o Rei Alexandre.

O partido nobre, chefiado pelos descendentes de Jorge o Negro, os Karageorgewitch, pouco lutaram e sempre procuraram obter proveitos, apoiados na influencia russa.

Influencias moscovita e austriaca sempre se degladiaram em Belgrado. Continuamente, as conspirações militares depunham ou assassinavam o Principe reinante Obrenowitch, para substituil-o por um Karageorgewitch exilado e vice-versa. Isto se deu com o velho Miloch, obrigado a fugir e a voltar ao throno, segundo vencia a intriga austriaca ou vencia a intriga dos czares. Com o filho do velho Rei, o pae de Alexandre, Milano, deu-se o mesmo caso. Com o filho deste, por um pretexto de casamento antipathico, repetiu-se a scena. Então, o dominio russo na Servia se estabeleceu definitivamente.

O conhecimento destes factos dá uma certa ironia diante dos acontecimentos balkanicos e não se póde ter pieguices ao examinal-os. O crime de Serajevo é uma consequencia da intrigalhada austro-russa na peninsula, porque os sonhos do Archiduque herdeiro iam de encontro ao dogma do pan-slavismo. Elle pretendia fundar um grande imperio federal, que seria o Imperio Slavo do Sul. Analysando esse ideal politico, que libertaria a Polonia, daria estabilidade ás nações balkanicas, ahi por 1912 a imprensa franceza desmanchou-se em elogios e eu, commentando taes noticias, escrevi no "Jornal do Commercio" um artigo, no qual affirmava o seguinte:

"Depois da independencia grega, da unificação italiana, da construcção do moderno imperio tudesco, é o maior sonho politico que tem apparecido."

E accrescentava:

"Mas a Europa, com certeza, e a Russia, muito especialmente, não olharão de braços cruzados a formação desse grande imperio." ("Idéas e Palavras", pg. 119).

Eu não defendo as ambições politicas dessa antipathica Austria, para a qual tudo sempre se resumiu na sua velha divisa *Alles Erdrich Ist Oesterreich Unterthann*, identica ao "Deutschland über alles".

Mas Deus me livre de defender a Santa Russia de qualquer accusação politica. E o estudo da politica balkanica sómente póde apontar como instigadora, autora indirecta do crime de Serajevo, a Russia do Czar. Obedecia a tradicção da sua politica na Servia. Era até natural.

A analyse das causas é que eu preferia fizesse o talento malleavel do Sr. obias Monteiro. Que se não cinjisse tão sómente ao raconto singelo, embora altico, dos acontecimentos.

A historia não póde ser chronica. Ella é analyse e é lição philosophica. Um bello estylo não póde absolver um grande talento dessa falha.

"A Allemanha desmascara-se" é o titulo do terceiro artigo. Eu o li com attenção e estou que a attitude da Austria foi devida ao dedo allemão, logo habil em aproveitar o pretexto.

6

Estou de accordo com o meu eminente confrade e até acho que elle devia ter salientado mais esse facto. O seu estudo sobre a situação de desarmamento e descuido da Europa, diante do preparo militar germanico e do seu desejo imperioso de dominio, é perfeito.

Da sua bella narração, resulta claro como agua que a influencia allemã conduziu a Austria, tanto assim que esta se retrahia ou abrandava de quando a quando, sendo, porém, obrigada depois a modificar suas decisões.

No quarto artigo "A Allemanha belligerante" mostra o papel conciliador da Inglaterra e a attitude rispida e orgulhosa da Prussia, especialmente na questão referente á violação da neutralidade da Belgica, em que a resposta de ouro da França demonstra quanto desejava respeitar compromissos. O Sr. Tobias Monteiro não falla da celebre phrase do Chanceller allemão, qualificando os tratados "farrapos de papel". Porém, aponta as brutalidades germanicas sobre o assumpto e as suas respostas sycophanticas ou cynicas. Não ha razão para admirações ou espantos diante desse procedimento da Allemanha. Ella sempre agiu assim e assim quasi todas as nações têm agido.

Nella o deslavamento brutal das respostas é mais tradicional. Henrique IV, o Imperador da Allemanha, depois de humilhado em Canossa por Gregorio VII, assignou varios tratados com o Papa e outros soberanos da Italia. Na primeira opportunidade, rompeu-os. O seu Chanceller Pedro das Vinhas dizia, calmamente, aos Embaixadores estrangeiros espantados:

— "O meu amo acha que tratados são *teias de aranha*.

Pedro das Vinhas e Bethmann Hollweg se equivalem como expressões humanas. Farrapos de papel e teias de aranha se equivalem, como expressões vocaes. A politica dos homens é sempre a mesma.

Dahi o eu espantar-me com as phrases buriladas do Sr. Tobias Monteiro, aqui e alli fallando de generosidade ou de traição, de lealdade e cortezia entre nações, quando o seu grande espirito sabe que entre ellas, agrupamento de individuos, como entre os individuos, sem componentes, uma unica lei tudo dirige — o interesse.

Ainda estou de pleno accordo com o illustre articulista quanto ao seu ultimo artigo "O dever do Brasil". Em toda e qualquer circumstancia, acharei sempre que a nossa cara patria cumpre o seu dever. Nem seria digno de um brasileiro outro modo de pensar.

J. N.

"Fon-Fon". 30. março - 1918

Gatafunhos

Sopra um vento de desvairo pelo mundo. Na Europa os rios de sangue se alongam. As vidas humanas são ceifadas no fragor dos campos de batalha ou nas voragens das revoluções intestinas. Aqui os jornaes pingam sangue, dia e noite.

As suas paginas estão cheias de crimes de toda a sorte, praticados por toda a parte. Então, os chamados crimes passionaes pullulam. Hoje são duas crianças que tragicamente se suicidam; amanhã o marido que mata a mulher e mais duas ou tres pessôas num accesso de loucura; depois um exaltado que fuzila a amante. Até filhos matam os paes e paes matam os filhos. E' um vento sinistro de desolação, loucura e morte que sopra sobre o mundo a pestilencia moral de sua maldade.

As almas melhores se apiedam, entristecem, meditam. As almas fracas se amedrontam. E eu que sou, como Sancho Pansa, manso, pacifico, socegado, fico com verdadeiro pavor desse terrivel cangaceirismo da civilisação.

Estou certo de que a companhia dos Antonios Silvinos é mais segura que a de muita gente que anda por ahi...

Ensaios de critica

"Elle!" de Lopes Trovão — "Emoções" de Severiano de Andrade Cavalcante

Melhor fôra que o illustre Sr. Lopes Trovão jamais tivesse escripto esta pequena brochura que acaba de apparecer, pois que não se teria do seu espirito a impressão de desconsolo que a mesma deixa. A gente estava já acostumada a venerar no Sr. Lopes Trovão um velho paladino da Republica e a dar-lhe um certo valor espiritual, que estas paginas vêm quasi cancellar.

Para quem lê Anatole e Renan ou recorda Luciano de Samosata, para quem affeiçoa seu espirito aos atticos e aos que clareiam com a luz da sua palavra singela o seu pensamento crystallino, o autor deste opusculo apparece como um "revenant", um homem de outra éra e até de outra civilisação. E ficamos todos os que assim lêm e pensam ao redor delle, espiando-o curiosamente, como os insulares duma ilha formosa a verem o corpo de um naufrago que deu á praia.

Para o publico lettrado actual, perdôe a franqueza de opiniões o velho republicano, ecôam como vozes de "meetings" suburbanos as phrases que o Sr. Trovão mais burilou e as que elle mais ama como antigo orador de "carrefour". Imagine o leitor deste jornal se alguem póde tomar a serio como primor de estylo trechos desta especie:

"meio somno dolente das minhas scismas incoerciveis."

"pegões eversores das ventanias desfeitas."

"hyperemiava-lhe a alma atarantada pelo alcool."

E o livrinho todo é escripto de tal maneira. Quanto á sua parte historica, os erros se acumulam. Entre outras cousas, diz o Sr. Lopes Trovão que o Kaiser actual da Allemanha vem da Snabia. Que horror! A casa de Snabia deu varios imperadores á Allemanha medieval, entre os quaes Barbarôxa e aquelle formidavel Frederico II (não vá o Sr. Lopes Trovão confundil-o com o Frederico II da Prussia!), homem superior por tudo á época em que viveu e que um Papa chamou "rei de pestilencia". Mas essa casa real nada tem que vêr com a Prussia, que no seu tempo não existia, nem o antigo imperio allemão ou melhor Santo Imperio Romano Germanico tem nada que vêr com a Allemanha federal de nossos dias. Fazer a casa de Hohenzollern sahir da de Hohensteuffen é uma heresia. E destas está cheio o livrete do Sr. Lopes Trovão.

Sob os aspectos philosophico, sociologico e litterario o folheto "Elle", que o Sr. Lopes Trovão acaba de publicar, é um verdadeiro desastre. Depois daquella luminosa e cascateante pagina de Eça de Queiroz sobre o imperador Guilherme, transcripta pelo "Times", é necessario ter muita coragem ou muita inconsciencia para pegar da penna e escrever a respeito do mesmo assumpto, com um estylo — que Cervantes deixa bem ridicularisado logo ás primeiras paginas do "Dom Quixote", collocando "par dessus le marché" pronomes desta maneira:

"que o cidadão muniu-se." (pag. 15).

Arrima-se a tudo quanto encontra, páos e pedras, até á lenda da Dama Branca, que tanto é prussiana como austriaca, tanto é dinamarqueza como scandinava, pela simples razão de que é uma velha lenda germanica, trazida nas migrações antiquissimas e espalhada entre todos os povos dum tronco commum. E baseia-se continuamente nas opiniões dos romanos sobre os teutões sem querer lembrar-se que daquella parte até agora medeiam mais de uma dezena de seculos e que os romanos tinham sido batidos na Germania Magna e por certo lhes sobrava a amargor da derrota...

Melhor fôra que o Sr. Lopes Trovão nunca tivesse escripto esse livrete.

* * *

E' um outro "revenant" este poeta de que vamos agora tratar, o Sr. Severiano de Andrade Cavalcante, autor do livro de versos "Emoções".

Não sei porque esse homem não faz com o seu espirito como faz com o seu corpo,, porque não veste a sua alma com idéas do seu tempo do mesmo modo que cobre o seu physico com roupas da moda. Se o poeta das "Emoções" fosse andar vestido de accordo com a época das suas idéas, tel-o-iamos ahi de casacão de gola alta, calças collontes, de presilha, cartola larga, cabelleira, colletão de xadrez, "steek", um verdadeiro "crevé" de 1850.

Porque a esse tempo remontam quasi todos os seus versos nesse volumoso tomo das "Emoções":

"Pobres versos que eu faço,
— Vozes do coração, —
Que levam pelo espaço
Toda minha emoção".

"Passo na vida, como o sonho passa
Como na terra resequida o orvalho,
Chamma a apagar-se, amortecda e baça,
Triste pender de um condemnado galho..."

"Viver é andar liberrimo na esphera,
Na esphera azul do sonho e da chimera
Onde do Amor palpita a luz eterna".

De Soares de Passos, o sr. Severiano passa para Castro Alves e brada, endeusando a obra do homem sobre esta terra mesquinha:

"Por fim, coberto de gloria,
— A fronte rigida, estoica,
Pallido o rosto, sereno, —
Entra no templo da Historia
E confia-lhe a alma heroica!
E a Historia diz-lhe — "é pequeno
O mundo diante de ti!"
E o homem, tombando, ri,
Triumphante, grandioso, bom,
Sobre a crysta do Pantheon,
No céo da immortalidade,
No seio da immensidade!"

De outras vezes tenta approximar-se de Gonçalves Dias:

"Tu, emquanto,
Margarida,
Seja, emtanto,
Desprovida
Dos olores,
— Como o trevo
Entre as flores
E's o enlevo
Dos idylios."

Mas nessas tentativas de imitação dos mestres romanticos que o emocionaram, o nosso poeta de outras eras demonstra a sua fraqueza de inspiração, de technica e de linguagem.

Uma lastima, quasi sempre!

O sr. Severiano deve estudar, lendo e observando os grandes mestres da poesia humana. Depois nos procure dar alguma cousa original e bem feita, se não original pelo menos bem feita. O seu maior erro não está em imitar poetas, cuja arte está fóra da moda, está em imital-os mal. Ademais inspirar-se em velhos processos de uma arte é erro crasso. Imagine-se um pintor moderno imitando Fra Angelico ou Giotto. Por isso não perdem o seu valor os "primitivos", mas fica sem nenhum o imitador. Seja o sr. Severiano um poeta do seu tempo e da sua gente, não procure ser de meio seculo atraz, de tres gerações passadas.

Por ora, os seus versos sómente farão successo, recitados nos saráos elegantes entre a rua Visconde de Sapucahy e a travessa Miguel de Frias.

* * *

E por hoje basta de almas do outro mundo.

J. N.

"Correio Paulistano" - 12-março-1918

LENDA DA MORTE (João do Norte)

A crença na fatalidade absoluta da morte produziu em dois povos differentes e afastados duas lendas semelhantes. Essa approximação é muito interessante e procuramos fazel-a nestas linhas. Ver-se-á como na Turquia e no Ceará a alma popular sentiu da mesma maneira e pensou da mesma fórma. E' verdade que mais facilmente se encontram as lendas e tradições populares do que as pedras, embora até essas se encontrem. Isto, porém, não diminuirá, quero crêr, o interesse desses traços de folk-lore e de sua parecença.

* * *

Todo o dia que Allah dava a este velho mundo peccador, ao falar com o sultão Mahmud na vasta sala do Divan, emquanto se ajoelhavam vizires, emires e beys recebidos em audiencia, Djemal Pachá, seu amigo intimo, commandante dos timariotas, pedia demissão e a graça de ser nomeado governador de Salamina.

O sultão, admirado que um velho e paceiro servidor preferisse um recanto abominavel da Grecia decrepita aos esplendores imperiaes de Constantinopla, perguntava-lhe, de sobrecenho franzido, a razão da insistencia. Djemal respondia-lhe:

— Commendador dos crentes, estou cançado e careço repousar. O clima ali é excellente e o paiz socegado. E' a maior graça que vos peço.

Mas o padischah não cedia, por teimoso e com receio de entregar a homem de menor confiança o governo dos seus timariotas fieis, numa occasião em que os janizaros cochichavam rebeldias com os eunuchos do serralho. Um dia, o velho pachá não se conteve e, ajoelhado deante do sultão, implorou:

— Senhor! senhor! mandai-me para Salamina. Todas as manhãs, ao sahir de meus aposentos, encontro a morte, horrorosa e fria, de pé, encostada á sua foice, que me crava olhos de espanto. Quero fugir de Constantinopla, senhor, quero escapar a essa perseguição!

E as lagrimas corriam pelo seu rosto escuro, retalhado de golpes, como gottas de agua pela face dum lagedo. Mahmud apiedou-se. Chamou o seu grão-vizir e mandou-o nomear o amigo governador de Salamina. Djemal beijou-lhe os pantufos bordados a perolas com tanto fervor como beijava as babuchas de seda vermelha filigranada de ouro da sua mulher favorita, num mucharabio do harem. E, de tarde, embarcava numa tartana com destino á Grecia.

Passaram tres semanas. Uma noite de luar, Mahmud passeava solitario nos jardins de Yzdil-Kiosk, olhando os jorros de prata da luz brincarem nas aguas do Corno de Ouro e luminarias palpitarem sobre as sete collinas de Stambul, desde os cemiterios de Eyub ás pontes do Pera e ás ruas de Galata. Ao pé duns cyprestes negros, deu com o vulto branco da morte arrimado á sua velha foice. Dirigiu-se para ella e perguntou-lhe á queima-roupa:

— Companheira de Nekir e Monkir, os anjos que pesam as almas, em nome de Allah e de Mahomet, seu propheta, pergnnto-te por que andavas de olhos arregalados, diariamente, espiando o meu servo fiel Djemal Pachá?

A morte sorriu com a sua bocca horrivel de caveira, moveu os maxillares estralejantes, fazendo arrepiar o sultão, e respondeu com uma voz fanhosa e lenta, que demorou na noite enluarada como um lamento de moribundo:

— Olhava para elle espantada por vêl-o ainda em Constantinopla, quando eu tinha ordem de matal-o em Salamina, onde já cumpri o meu dever.

* * *

O João Macacheira armára um quixó por trás do muro do cemiterio do Aquiraz, afim de pegar um tatu' peba que andava por ali. E qual não foi o seu espanto quando, numa noite de luar, topou com a Morte presa no quixó! O pesado tronco da armadilha cahira-lhe sobre a tibia e o seu corpo esqueletico se estirava sobre o capim de burro, muito verde, mal envolto no lençól branco. A foice rolára duma ribanceira e ficára dependurada duma raiz de angico. O matuto, gelado de pavor, quiz correr. Mas a Morte lentamente o chamou:

— Vem cá! Livra-me desta apertura e eu te recompensarei.

O Macacheira approximou-se a tremer e pediu-lhe, como condição, para libertal-a, o direito de viver até avançada edade, sem doenças nem transtornos, querendo tambem saber quanto deveria viver si não lhe tivesse de prestar aquelle favor. Ella disse, com accento sincero, batendo as maxillas como caetetu' ou queixada famintos:

— Tu devias viver até aos cincoenta e dois e meio. E indagou: Mas até quando queres vida e saude para me soltares?

Meio confiante, a sorrir, pensando nos seus rijos trinta annos, o João replicou:

— Tão forte quanto estou, até aos cento e vinte.

E viveu o maganão, assombrando o sertão pelo seu vigor, a mudar-se de ribeira em ribeira, atrás de aventuras, de festas e de novidades, sempre feliz, dinheiroso e sadio. A Morte, que elle soltára do quixó, andava na sua faina continua e elle a gosar sem ao menos se lembrar de que ella existia.

Chegou aos cento e vinte annos e achava tão boa ainda a vida que teve medo de morrer. Ao approximar-se o dia do anniversario do seu encontro com a Morte por trás do cemiterio do Aquiraz, fôra convidado para um samba animado no Riacho do Sangue, na fazenda de Antonio Bento. Não podia deixar de ir. Por festas dava tudo e talvez arranjasse meios de escapar.

Usava barba cerrada e cabello crescido, á nazarena. Pegou a tesoura e a navalha e botou tudo abaixo. Ficou pellado como urubu' camiranga. A cabeça lustrosa não tinha um fio de cabello. A face era limpa e lisa como dum menino. Ninguem o reconheceu na casa do Antonio Bento. Deu um nome supposto e começou a dançar como um sambista de profissão.

A horas tantas, quando todos, na sala de jantar, bebiam aluá e comiam doce de gerimun, dona Morte entra de casa adentro, aterrorizando aquella boa gente.

Olhava para todos os lados, furiosa, brandindo a foice sinistra, com a ampulheta chocalhando na cintura. Ella odiava o Macacheira, que lhe extorquira quasi um seculo de vida. Perguntava por elle irritada e fanhosa, os queixos a baterem como matraca de procissão.

O dono da casa explicou que o convidára, porém até então elle não apparecera. Era capaz de não vir. No emtanto, si ella quizesse esperar, a casa estava ás ordens. Todo o mundo se persignou.

A Morte deu uma rabanada de enfado e o vento frio que o seu lençol agitou apagou duas candeias de kerozene das quatro que havia, escurecendo mais o ambiente da sala. O pellado escondia-se por trás dos outros convidados, silencioso e ancioso, quando a Morte ameaçou:

— Elle não vem, não é? Pois bem, não vou embora de mãos abanando. Hei de levar um, seja quem fôr.

O seu olhar de fogo percorreu aquella gente pallida e resfolegante, que suava frio ou soluçava de terror, e deteve-se sobre o Macacheira, meio enfiado. Depois duma pausa que pareceu um seculo, ella sorriu horrivelmente e, movendo os queixos estalantes como um fuso de prensa de farinha, disse:

— Levo aquelle pellado em logar do Macacheira!

* * *

A philosophia dos povos é, no fundo, a mesma, quer habitem elles o planalto central asiatico, quer vivam no interland immenso da America. As almas dos povos são irmãs. O sapato da Borralheira foi no Egypto a sandalha de Rodopisa. O Barba Azul viveu na Grecia antiga com o nome de Trimathos. Não é de admirar que Djemal Pachá seja no aspero sertão do nordeste o João Pellado.

João do Norte

"Fon-Fon" - 6-abril-1918

Garatujas

Foi um caso sensacional na Avenida o daquelle homem, candidato a promotor, que andava com um periscopio no recurvo cabo do guarda chuva, afim de ver a côr das ligas das moças.

A proposito do tal typo contou-me um amigo o estratagema que elle usava com o mesmo fim, quando meninote, na sua matuta cidade natal.

Fazia uma cobra de panno preto, com um chocalho verdadeiro de cascavel cozido na ponta do rabo. Punha-a num passeio. Amarrava-lhe um barbante fino na cabeça e segurava na outra ponta, postando-se no passeio fronteiro.

Quando passava um grupo de moças, zás! puxava o cordão. A cobra movia-se ligeira. As moças gritavam, pulavam, arregaçando as saias e elle via a côr das ligas.

Fiz mal talvez em contar esse astucioso passe numa revista tão lida quanto *Fon-Fon*. Sei lá que quantidade de sujeitos não irão experimentar esse novo methodo pela cidade afóra. Então, o homem do periscopio é muito capaz de querer fazer brincadeiras com a tal cobra em plena Avenida.

— "Correio Paulistano" 23. Março - 1918 —

Emilio Gebhart

(João do Norte)

Uma de minhas leituras predilectas é a obra extraordinaria de Emilio Gebhart, que me suscita o enthusiasmo, em mim bem raro, pela sua personalidade e me dá um profundo goso intellectual.

Não conheço quem melhor tenha sabido vêr a edade média nem melhor traduza com a penna suas impressões. Lêl-o é estudar e apprender. Esse letrado discreto e encantador, dum puro atticismo de linguagem, membro da Academia Franceza, romancista e contista, critico e historiador, jornalista e polemista, é uma das personalidades literarias mais interessantes e attrahentes da ultima geração da França. O seu estylo é sempre pinturesco e florido como um canteiro bem cultivado, quer analyse os pintores da Renascença, quer descreva S. Francisco de Assis prégando a bôa nova pelos valles da Ombria.

Em todos os seus trabalhos apparece a sua viva e scintillante curiosidade, leve e ironica ao mesmo tempo que philosophica e séria. E aqui, ali se vai sentindo que o empolgava a poesia do crime e amava as cousas atrozes pelos seus effeitos de arte. A sua educação literaria dava-lhe elegancia sem egual e a profundeza dos seus estudos uma segurança constante no desenvolvimento de seus assumptos.

Uma feita, passeando ao longo dos velhos muros de Roma, encontrou um brazão pontifical numa antiga lage de marmore.

Eram as armas dos Borgias gravadas em alto relevo, a tiara saliente e quasi ôca, e nessa abertura uma colmeia de abelhas, fabricando o seu favo. Emilio Gebhart pensou:

— "Du miel dans cette tiare terrible, c'etait une fantaisie historique d'un symbolisme bien touchant". Então escreveu "Antour d'une tiare", romance encantador, suave e delicadamente triste. E' uma limpida historia de amor desenrolando-se entre as luctas ferozes do pontificado agitadissimo de Gregorio VII. Ainda quando as impressões da primeira vez que o li. As suas descripções emocionantes das cavalgadas guerreiras dos barões gibelinos, dos cavalheiros germanicos e das tropas normandas alternam com a pintura da lobrega Roma medieval a fervilhar de beguinos e espadachins. Ora, o oceano morto e silencioso da cidade adormecida; ora, o ouro do sol borboleteando nas arvores enormes do parque de S. João de Latrão; ora, os barões do Tusculanum cochichando rebeldias; ora, os Cesares allemães rompendo os tratados como "teias de aranha". E no seio dessas luctas duas crianças que se amam, crescem e se adeantam pela vida em fora sempre se amando.

Um admiravel livro de contrastes.

Em "Moines et Pares" encontramos quatro soberbos estudos de historia religiosa. O que se refere ao chronista monacal Raul Glaber mostra os terrores e soffrimentos das almas medievas. O sobre Santa Catharina de Sienna, uma das santas mais admiraveis do catholicismo, é completo e cheio de emoção admirativa.

O dos Borgia seduz, prende, obriga a pensar. O da vespera da batalha de Mentana descreve o ultimo dia do ultimo papa rei.

"Sandro Botticelli" é a prova provada dos seus grandes estudos sobre arte italiana que as "Origines de la Renaissance italienne" tinham posto em fóco, forçando a opinião publica a acceitar os seus pontos de vista novos e audaciosos.

A literatura medieval da Italia mereceu sua dedicação incançavel. Emilio Gebhart teve pela Italia o mesmo fanatismo de Stendhal, embora as differenças extraordinarias de seus temperamentos e a natureza diversa de suas culturas. Nos "Conteurs florentins" vê-se quanto o fallecido academico conhecia a historia literaria das florescentes republicas italianas. O "Novellino" e os primitivos merecem um capitulo. Outro, o melhor talvez, trata de Boccacio. O terceiro e o quarto ainda delle se occupam, porém, sob outros aspectos. E o livro fecha com um estudo sobre Sacchetti.

Um livro assombroso "L'Italie Mystique", pleno de conceitos novos, levemente estylizado, sincero, cantante, encerrando as mais bellas paginas que conheço sobre a historia religiosa da patria de Dante. Não sem paixões nem preconceitos. Si o talento multiforme do antichristo Frederico II lhe causa enthusiasmo, a sua palavra condemna fortemente os crimes do Cesar. Na "Italie Mystique" passam lentamente em lentas paginas admiraveis Joaquim de Flosse e a reforma eremitica da Calabria, S. Francisco de Assis e o Evangelho dourado de sol dos valles da Ombria, Frederico e as reacções do espirito italiano, João de Parma e o mysticismo franciscano, a Santa Sé e os espiritualistas, o "folk lore" religioso, por fim Dante considerado relativamente á sua fé e á sua moral.

Os seus contos elegantes, sentidos e leves estão reunidos no "Aux sons des cloches" e no "D'Olysse a Panurge", onde faulham, illuminadas pelo seu talento, paginas como as "Agonia de Cicero", do "Rei Dagoberto" e das "Ultimas aventuras do divino Ulysses".

Uma série de artigos de critica e polemica elle intitulou "De Panurge a Sancho Pansa".

Após sua morte, encontraram nas suas pastas séries de artigos de critica, controversia, historia, especialmente bysantina, cousas medievaes, que foram editadas com grande successo. Essas obras posthumas são "La Vieille Eglise", "Les jardins de l'histoire", "Souvenirs dun vieil athenien" e "Alma Mater".

O grande humanista francez é, relativamente, pouco conhecido entre nós. Dahi não ter uma série de admiradores e sim lá um ou outro. Entretanto, o seu espirito merece as honras que se têm prestado aos maiores espiritos pelas mais altas qualidades de artista e de pesquisador. Erudito e nobre, hellenico e sympathico, merece que eu diga ter sido um presente divino para as almas artisticas a sua penna de ouro.

João do Norte

9

Rio - 6 - Abril - 918 - "Bolletim Mundial"

A futura Camara

São muito grandes as modificações que vae soffrer a Camara dos Deputados na proxima legislatura. De tres de Maio vindouro em diante ver-se-ão no Monroe muitas caras novas e muitos espiritos novos. Em compensação, varios deputados com os quaes o publico se acostumara lá não estarão. Parece que o reconhedimento não seria muito cheio de surprezas. Portanto, póde-se já fazer uma estatistica mais ou menos certa da futura Camara.

Pelo Amazonas virão os Srs. Antonio Nogueira, Ephigenio Salles e Monteiro de Souza, *antigos*. Sahirá o Sr. Agapito Pereira, que será substituido pelo Sr. Durval Porto, illustre desconhecido.

Da bancada do Pará sómente voltam os Srs. Justiniano de Serpa e Bento de Miranda. A familia Chermont tomou conta do resto. Virão os Srs. Abel e Justo Chermont. Completarão o total de seis deputados os Srs. Dionysio Bentes e o illustre Sr. Inglez de Souza, grande jurisconsulto e membro da Academia de Lettras.

No reconhecimento do Maranhão vae haver grande luta, provocada por Coelho Netto, que não sabemos se vencerá, mas que tem elementos para vencer. A sua victoria deslocará o velho parlamentar Sr. Luiz Domingues ou o feio Sr. Marcellino Machado. Os candidatos certos, portante, são: Cunha Machado, Collares Moreira, Herculano Parga, Aggripino de Azevedo e José Barreto.

O Piauhy está muito dividido pela politicagem, de maneira que não é facil determinar quaes os donos das suas cadeiras. Ha um certo: Felix Pacheco. Os Srs. João Cabral, Pires Rebello e Antonino Freire serão contestados valentemente por quatro opposicionistas: Elias Martins, que vem da legislatura anterior, José Luiz Baptista, Pires Leal e Armando Burlamaqui.

Vae ser renhida a luta.

Chegamos ao Ceará, onde as eleições, por excepção, correram com admiravel regularidade e onde o governador manteve completa imparcialidade. Os conservadores elegeram sete candidatos: Frederico Borges, Thomaz Cavalcanti, Marinho de Andrade e Eduardo Saboya, antigos deputados, Thomaz Accioly, que deixa a senatoria, Herminio Barroso e Aurelio de Lavor, novos. Os conservadores deixam de reeleger os Srs. Gustavo Barroso e Eduardo Studart, por combinação. Os democratas elegeram tres candidatos: o Sr. Moreira da Rocha, o celebre Mané da Onça, o Sr. Paula Rodrigues e o Sr. Osorio de Paiva, todos deputados antigos. Perderam a eleição os Srs. Ildefonso Albano e José Lino, este ultimo transfuga dos conservadores. Deixaram de reeleger o Sr. Alvaro Fernandes. Dos deputados avulsos o mais cotado foi o Sr. Belisario Tavora.

O Rio Grande do Norte é um seio de Abrahão. Tudo alli corre ás mil maravilhas. A opposição vive em idyllio com o governo. A bancada foi toda reeleita: Juvenal Lamartine, Alberto Maranhão, José Augusto e Affonso Barata.

A opposição parahybana faz uma nova *réprise* com o Sr. Simeão Leal, ex-secretario da Camara. O governo nos dá os Srs. Cotacilio de Albuquerque e Cunha Lima, reeleitos, Oscar Soares, parente e amigo do governador Camillo de Hollanda e Solon de Lucena, novos. Este ultimo esteve na Camara o anno passado, porém tão pouco tempo que só se póde consideral-o novo.

Parece que a chapa pernambucana vencedora será a seguinte: Antonio Vicente, desconhecido, Balthazar Pereira, ex-membro da Commissão de Finanças, Gervasio Fioravanti, reeleito, Luiz Maranhão, Tavares de Mello, novatos, João Elysio, velho deputado, Alexandrino da Rocha, Arnaldo Bastos, Corrêa de Britto, novos, Lourenço de Sá, antigo, Pereira de Lyra, nome mais ou menos conhecido, Estacio Coimbra, deputado antigo e distinctissimo, ex-1º secretario da Camara, Andrade Bezerra, incognito, Anistancho Lopes, conselheiral e antigo, Corrêa de Oliveira, novidade, e Turiano Campello, já muito fallado e politico. Ha uma alluvião de contestantes, entre os quaes deputados de valor como Gonçalves Maia e Simões Barbosa, Costa Ribeiro, que foi 1º secreario na ultima legislatura, um moço de talento como Annibal Freire e outros.

Alagôas tambem tem contestantes. Parece, no emtanto, que sua bancada se comporá dos seguintes nomes: Costa Rego, Mendonça Martins, Alfredo Maya, Natalicio Cambóim, reeleitos, Luiz Silveira e Miguel Palmeira, novos.

Em Sergipe estão eleitos os Srs. Rodrigues Doria, João de Menezes, Manuel Nobre e Deodato Maia. A bancada é toda novinha em folha.

E' quasi certo que a bancada bahiana será composta assim: Pedro Lago, Octavio Mangabeira, Mario Hermes, Joaquim Pires de Carvalho, João Mangabeira, Ubaldino de Assis, Alfredo Ruy, Arlindo Leone, José Maria Tourinho, Raul Alves, Moniz Sodré, Rodri-

gues Lima, Epidio Mesquita, Eugenio Tourinho e Leão Velloso, veteranos: Lauro Villas Boas, Castro Rebello, Leoncio Galrão, Seabra Filho e Pacheco Mendes, recrutas; e o Sr. Torquato Moreira, que já desempenhou as mais altas incumbencias da Camara, pulando agora do Espirito Santo para a Bahia.

Do Espirito Santo serão mandados ao Monroe quatro candidatos: Antonio Aguirre, Heitor de Souza, Manuel Monjardim e Ubaldo Ramalhete, um ramalhete de flôres desconhecidas. Todos serão contestados. Ahi estão para lhes dar trabalho dous incansaveis lutadores da opposição espirito-santense, ex-deputados, Deocleciо Borges e Paulo de Mello.

As eleições fluminenses promettem ser as mais ferozes. Dizem delas cousas espantosas. O reconhecimento, se não as escurecer, ha de aclaral-as. Apezar dos esguichos, consta que não entrarão os Srs. Macedo Soares e Azevedo Sodré. Tambem o Sr. Nelson de Castro tem quem affirme eleição annullavel, porquanto foi publicada uma carta sua, em que se prova interferencia de poderes estadoaes na eleição e suborno. Corre que a deputação do Estado do Rio será esta: Norival de Freitas, Lengruber, Bueque Nazareth, João Guimarães, Themistocles de Almeida, José de Moraes, Marcondes, Belisario de Souza e Galdino do Valle, novos; Souza e Silva, José Tolentino, Ramiro Braga, Verissimo de Mello, Mauricio de Lacerda, Raul Fernandes, Teixeira Brandão e Mario de Paula, antigos.

E o Districto Federal? E' quasi certo este resultado: Rocha Miranda, moço e rico, Azurem Furtado, silencioso e gordo, Metello Junior, gordo e rico, Sampaio Corrêa, feio e intelligente, Nicanor do Nascimento, talentoso e sympathico, Octacilio Camará, relaxado e havbil, Mendes Tavares, criminoso e prestigioso, Aristides Caire, medico e influente, Salles Filho, medico e magro e Vicente Piragiba, jornalista e fallador. Os contestantes nada arranjarão.

Na velha Minas conservadora ha um facto politico notavel: a derrota do Sr. João Penido pelo Sr. Francisco Valladares. Teremos mais o eterno Sr. Manuel Fulgencio, Arbertino Drummond (quem será?), Augusto de Lima, grande poeta, Herculano Cesar (a Cesar o que é de Cesar: quem é?), José Alves, nem carne, nem peixe; José Gonçalves, com pretenções a saber alguma cousa e só; Sabino Barroso (cria fama e deita-te na cama); Arthur Bernardes, que será governador do Estado; Astolpho Dutra, que foi presidente da Camara e *leader* da maioria; Raul Soades, ex-secretario de Estado; Ribeiro Junqueira, habil e submarino: Silveira Brum, espryngetico; Americo Lopes, ignorado; Antonio Martins, quasi cego; Gomes Lima, sympathico; José Bonifacio, barbado e discursador; Senna Figueiredo, moreno e baixo; Antero Botelho, distincto; Francisco Bressane, um tanto ranzinza; Lamounier Godofredo, celebre; Odillon de Andrade e Zoroastro de Alvarenga, novissimos; Bueno Brandão, patriarchal; Christiano Brasil, de pêra branca; Fausto Ferraz, fallador pelos cotovellos e inimigo das formigas; Josino de Araujo, intelligente e serio; Moreira Brandão, rio-grandense do Norte exilado na bancada mineira; Alaor Prata, cara de turco; Francisco Paoliello, camaradão; Jayme Gomes, boa pessoa; Mello Franco, ex-embaixador; Waldomiro Magalhães, bom companheiro; Calogeras, que infelizmente foi ministro; Camillo Prates, nem muito ao mar, nem muito á terra; Epaminondas Ottoni, desconhecido e Honorato Alves.

São Paulo, que desta vez dá cartas, terá esta bancada: Carlos Garcia, Cincinato Braga, Ferreira Braga, Galeão Carvalhal, Salles Junior, Alberto Sarmento, Alvaro de Carvalho, *leader* futuro da maioria; Barros Penteado, Cesar Vergueiro, Marcolino Barreto, Prudente de Moraes, João de Faria, José Lobo, Palmeira Ripper, Arnolpho Azevedo, Carlos de Campos, Manuel Villaboim, Rodrigues Alves Filho, reeleitos; Pedro Costa, Sampaio Vidal e Veiga Miranda, novos.

O Paraná reelege os Srs. João Pernetta, positivista, Luiz Bartholomeu, jornalista, Luiz Xavier, politico, e elege o Sr. Ottoni Maciel, que ninguem conhece.

Esta, sem duvida, a bancada catharinense: Abdon Baptista, Celso Bayma, Eugenio Muller, irmão do Lauro, e Pereira de Oliveira.

No Rio Grande do Sul os federalistas foram derrotados. Teremos na Camara os Srs.: Alvaro Baptista, velho e honrado; Carlos Penafiel; Evaristo do Amaral, o homem dos telephones; Gumercindo Ribas, advogado; João Simplicio, militar; João Vespucio, militar e vice-presidente da Camara; Alcides Maya, escriptor; Augusto Pestana, engenheiro; Flôres da Cunha, que foi delegado de policia e deputado pelo Ceará; Marçal Escobar, de oculos; Nabuco de Gouveia, cirurgião; Barbosa Gonçalves, ex-ministro, cabeça branca, sympathicissimo; Domingos Mascarenhas, alto e sacudido; Joaquim Osorio, pequeno e fallante; Octavio Rocha, novato.

Matto Grosso dará talvez os Srs.: Annibal Toledo, Costa Marques, Pereira Leite e Severiano Marques.

Goyaz enviará os Srs.: Ayres da Silva, Ramos Caiado, Olegario Pinto e Tullio Jayme.

JOÃO DO NORTE.

"Fon-Fon" - 23-março - 1918

Garatujas

Um menino cearense de dezeseis annos, publica um pequeno livro de versos. *Equatoriaes* chama-se essa reunião de 25 sonetos, duma traducção do *Beijo negado* de Catulle Mendès e de outra do *Corvo* de Edgard Poé, aliás bem fraca, o que não admira, pois que é muito difficil dar a esses versos em qualquer lingua a mesma expressão de desconforto que têm em inglez e que é a sua propria alma.

Nota-se lendo esse pequeno livro que seu auctor, o sr. Rubens Braulio ainda tem pouca leitura dos bons poetas, o que é natural, e não está com o espirito inclinado para nenhuma escola poetica. Tem qualidades poeticas, emoção e uma certa espontaneidade, ás vezes, porém muito o peia a falta de technica sufficiente. Elle mesmo confessa quanto é principiante na *suave ascenção* da poesia, pois que suas producções

« Não buscam glorias, não, pois são filhas singelas
De tudo quanto aspira entre loucas procellas
A mente do poeta ao começar a vida. »

Os seus sonetos se resentem de muita infantilidade e de falta de estudos, que o tempo ainda não lhe permittiu fazer. Entretanto, estou que dum adolescente perdido numa aspera provincia do Nordeste não é justo exigir mais.

23-março-1918

Garatujas

Ella tinha no andar qualquer cousa duma rainha. O seu vestido simples, o seu chapeu singelo, uma pequena cruz de ouro ao pescoço sustentavam que devia ser pobre. Mas a elegancia da linha, a magestade de pisar, a maneira de ter calçadas as meias, todos esses pequenos nadas que nem todos vêm assignalaram ao olhar experimentado o espirito de eleição daquella deliciosa creatura, ainda entre menina e mulher.

Os seus olhos negros e doces detiveram-se em mim. Eu seguia-a rente ás vitrinas que ella examinava por duas ou tres ruas em fóra até que a perdi numa esquina, para além do largo de São Francisco.

Até o bairro para onde certamente ia tomar o bonde ou a rua proxima onde talvez morasse, General Camara ou Alfandega, tudo mais me provava que ella era uma alma de eleição, uma creatura de escol, que as circumstancias da vida algemavam onde não devêra estar.

E, apezar de ter procurado muito, nunca mais encontrei pela cidade a minha — não se espantem de chamal-a minha! — a minha *Petite Reine*...

6-abril-1918

Garatujas

A cidade está cheia de gente mal educada. Em parte alguma do mundo jámais houve tantos *meninos bonitos* como neste Rio de Janeiro. E' um horror!

Nós homens soffremos encontrões, maus olhares, provocações pequeninas, doestos á meia voz, pisaduras nos callos e cotovelladas.

As pobres senhoras são victimas mais dignas de piedade. Elles as seguem, as bolinam, as insultam com convites indignos em plena Avenida Rio Branco, como se todas as mulheres fossem o que elles pensam.

Tomar providencias contra taes typos é impossivel. São legiões. Dar-lhes pancada seria brigar com a cidade em peso. Só os que dizem pilherias ás senhoras, nas esquinas, são talvez uns duzentos mil!

De maneira que é preferivel dar-lhes aquella classica resposta de Amasis, pharaó do Egypto, ao mensageiro de Apriés, ou chamal-os o que Dom Quixote chamava a Gino de Passamonte...

"Fon-Fon" 20 abril

Gatafunhos

Um jornal illustrado francez traz varias photographias dos apozentos intimos do Palacio de Inverno dos czares saqueados pela populaça maximalista. Dá uma impressão de tristeza vêl-as e relembra as descripções de identicos vandalismos no paço das Tulherias quando nascia a Revolução Franceza.

Nada mais justo do que as reivindicações que o povo pretende, mas até um certo ponto. E nada mais repulsivo do que a cegueira destruidora de sua colera, que não respeita livros nem tradições, glorias nem personalidades. Dahi esse sentimento de tristeza que

1918

nos dá a obra de destruição das revoltas populares. Sente-se o mesmo confrangimento que diante dos effeitos do vendaval, da maré ou do terremoto.

A sociedade jamais poderá viver sem o culto do bello e do agradavel, da intelligencia e da finura de trato, caracteristicos que só as minorias dominadoras podem imprimir e fazer perdurar.

E' mais que justo tenham todos os homens o seu largo quinhão, porém isso nunca tolherá o dominio intelligente da *elite*, que Thucydide na Grecia Democratica chamava «o pequeno numero».

"Fan-Fan". 6. abril. 1918

Rio de Janeiro, 6 de Abril de 1918.

Nocturno

Sentado á mesa do cabaret, fumando o meu charuto claro, diante, dum calice de kummel, eu me aborrecia, tão estupido era o espectaculo de alguns máos dansarinos tangando pela sala e de alguns coupletistas peiores berrando furiosamente. A vida nocturna do Rio de Janeiro é sordida!

Já o tedio me fazia levantar para partir, quando um rapaz baixote e bem vestido, que eu nunca vira, se approximou e pedio licença para sentar-se perto de mim.

— Com o maior prazer.

E elle, fazendo caretas, completamente embriagado, fallou ou melhor tartamudeou:

— Sabes quem sou?... Não... com certeza não sabes... Eu sou o auctor de varias perfidias que têm sahido nos jornaes contra ti... Eu te antipathiso solennemente, antipathiso o teu geitão pretencioso, as tuas roupas, as tuas gravatas, os teus livros... Odeio-te mesmo!...

Eu sorri lentamente, gozando aquella degradação dum homem, dum bipede que o Evangelho diz ser meu semelhante, meu irmão, e agradeci cheio de contentamento. Elle proseguio, entremeiando as phrases de esgares, baforando vinhaça ordinaria, fermento de chope. Até no beber era baixo o homem.

— Fallo-te francamente. Não te supporto. Tu nada vales e pensas que és muita cousa, julgas-te muito bonito, irresistivel, muito talentoso, vencedor. E's um pobre falho de espirito. E's uma besta solenne. Vê como eu sou franco. Mas, emfim, tu has de convir que não vales mesmo nada, não é?

Continuei a sorrir. Como aquelle sujeito me divertia! O meu tedio batera azas e o fumo azul do meu charuto ondeava no ar, soprado com alegria. Elle cabeceou um tanto e continuou:

— Tu conheces Victor Hugo? Não tu não lês essa gente. E o Eça? Conheces o Eça? Qual, és capaz de nunca ter lido o Eça...

— Conheço ambos. Queres que te diga de cór um trecho do Eça?

— Tens expressão? Tens sentimento no dizer? Qual! E's uma besta! E quadrada, ouviste? Mas recita lá, vamos a vêr essas asneiras...

Recitei um pequeno trecho de prosa minha, muito minha, uma pequena descripção simples e cheia de luz. O bebedor alargou os braços:

— Que belleza! Que encanto! Vê o que é um mestre da lingua e do estylo, da fórma e da idéa! Nunca tu serias capaz de escrever assim. Ah! o Eça é um assombro. Tu até não recitaste muito mal, não. E' franqueza. Eu sou muito franco. Nos teus livros jámais se encontrará um pedacinho de ouro como esse que acabas de recitar. Tu não tens talento, não vales nada. E's sómente um bom papagaio. Repetes bem o alheio... Porém pensa que belleza de fórma e de expressão nesse trecho do Eça. Jámais, jámais farás cousa igual!...

Eu continuava a sorrir beatificamente e elle bradou com um murro na mesa:

— Ora, pipócas! Pois eu não estou antipathisando menos comtigo, sua besta sesquipedal! Estou antipathisando menos.

— Muito obrigado! Queres tomar um pouco de champagne?

— Sim, tomo com prazer. Mande vir.

O garçon trouxe uma Mumm bem gelada e despejou nas taças o seu ouro pallido. O bebedo sorveu duas copas seguidas e disse-me, batendo-me no hombro:

— Escuta, ó idiota, eu não escreverei mais perfidias nos jornaes contra ti, sabes? Mas dize-me cá uma cousa: já leste Oscar Wilde?

— Já.

— E Schopenhaner?

— Tambem.

— Tu és lido. E Paulo de Kock?

— Pois não. *A Menina dos Tres...*

Não acabei. O nosso homem de bruços sobre a mesa dormia, roncando fanhosamente e babando na toalha.

Olheio-o com immensa piedade, paguei a despeza e sahi. Na rua foi que vi que madrugava. Desci pela Beira-Mar sorridente, respirando o frescor da bahia, a pensar eu como aquelle homem me divertira. E era um inimigo meu, desses que são legião e na sombra do seu esconderijo e no fundo da sua nullidade aguçam unhas cobardes! Coitados! Aquelle lá o deixára bebedo, madrugando á mesa dum cabaret. Outros talvez arriscassem os ultimos vintens no baccarat e na roleta. Eu me recolhia calmo e a sorrir como o faço todo o dia. Novamente o coração se me enche duma grande piedade por elles todos, pobresinhos! victimas das vinganças da sorte para as quaes nunca contribui...

E ao metter o *passe-partout* na fechadura do trinco, eu murmurei:

— Diabo, esqueci de perguntar o nome daquelle sujeito!

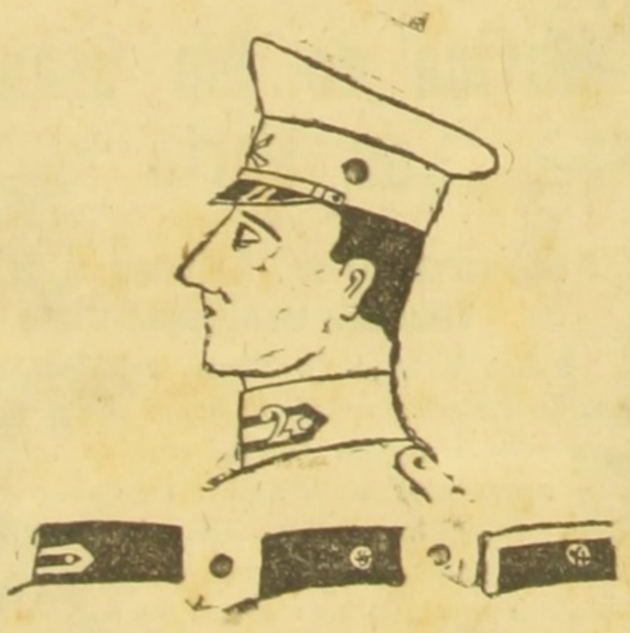
Jotaenne

"Fan-Fan" 20 abril 1918

"A Rua" - 12 - abril - 1918

Tudo imitamos!

Do allemão importámos para o nosso policial uma coisa por outra



O policial vai... e o desenho-flagrante do plagio. Os desenhos do segundo plano, indicam: cabo, segundo sargento e primeiro sargento allemães

Garatujas

— Como o teu nome é bello e é dôce! disse-lhe eu.

Ella sorrio. Depois, baixou as pestanas escuras e sorrio de novo.

— Não me acreditas? perguntei.

— Não. E porque haveria de acreditar-te. Todos os homens, como todas as mulheres, mentem.

— Mas eu não sou igual a *todos*. Espero que não me confundas. E, se digo que o teu nome é bello e é dôce, faço-o porque assim o sinto e o adoro.

— Não te acredito. E's sempre lisongeiro e sempre muito gentil. Da tua delicadeza de trato vem a minha incredulidade. Ademais, porque motivo gostarias do meu nome?

— Porque elle obedece aos preceitos sublimes de Manú, que sempre leio e medito: «O nome de uma mulher deve ser facil de pronunciar, dôce, claro, agradavel, propicio; deve terminar por vogaes longas e assemelhar-se a uma bençam.»

Ella tornou a sorrir e lentamente murmurou:

— Litteratura...

Gatafunhos

Muda e queda, devorando torpedeamentos, a Hespanha continua guardando a sua neutralidade exemplar em face do grande conflicto mundial. De quando a quando vem ahi um telegramma dando esperanças de sua entrada na guerra. Depois, verificada a falsidade da noticia, tudo volta ao que era dantes.

Mas um dia a grande nação hespanhola, reunindo a audacia lemeja á fidelidade gallega, a firmeza catalã á coragem aragoneza, o heroismo asturiano ao cavalherismo castelhano e a valentia latina ao destemor andaluz, tambem entrará nesta pagina em que se decide a sorte da civilisação, realisando aquella prophecia do poeta don Juan Baptiste de Arriaga comtida nestes versos:

« Y oye que el gran rugido
Es ya trueno en los campos de Castilla
En las Asturias bellico alarido,
Voz de venganza en la imperial Sevilla
Junto a Valencia es rayo
Y terremoto horrisono em Monsayo
Mira en ares guerreras,
La España toda hieriendo hasta sus fines,
Batir tambores, tremolar banderas,
Estallar bronzes, resonar clarines,
Y aun las antiguas lanzas
Salir del polvo a renovar venganzas! »

"Rua", 9 de abril de 1918

"Boletim Mundial" 11-abril-1918

ENSAIOS DE CRITICA

DOUS LIVROS DE MILITARES

Escripto com simplicidade e sem pretenções, o ultimo livro do general Dantas Barreto — "Conspirações" — agrada verdadeiramente. Uma grande qualidade resalta ás primeiras paginas: amor á verdade. Embora fira susceptibilidades ou vá de encontro a preconceitos, o seu autor dá o seu a seu dono, conta o caso como o caso foi.

Até nas conspirações o Brasil é um paiz de opereta. Se essa opinião ainda não estivesse generalisada, este livro de historia nacional contemporanea viria proval-a á saciedade. Só mesmo no Brasil se arranja uma revolução da noite para o dia, sem preparo e sem propaganda, dirigindo-se alguns officiaes aos quarteis para sublevar a tropa com a qual ainda não haviam tido o menor contacto. A acção de Olympio da Silveira, Travassos, Gomes de Castro e Lauro Sodré, nos successos de 1914 foi temeraria, intempestiva e desarrazoada.

O livro do general Dantas começa com esses acontecimentos e vem até o quatriennio do marechal Hermes da Fonseca, cuja personalidade privada e publica foi imparcialmente julgada. Esse o caracteristico melhor do livro. O autor, parte saliente nas questões politicas do quatriennio citado, soube elevar-se acima das paixões e julgar bem esse homem de bom coração, mas sem energia e sem cultura, cujo governo esbandalhou o Brasil.

O combate da rua da Passagem, em 14 de Novembro de 1904, pintado com as côres da verdade por um general do Exercito mostra quanto foi de opereta aquella rebeldia e de opereta a reacção official. Elle diz com verdade o que foi o panico das tropas que tiroteavam naquella rua e como correram os combatentes de ambos os lados, vergonhosamente.

Os combates do Cid terminavam por falta de combatentes, porque todos tinham morrido. Esse terminou por falta de combatentes tambem, porém porque todos tinham corrido... No campo da peleja sómente ficou o general Piragibe.

Leiamos a descripção do ex-governador de Pernambuco:

"... as forças do governo apavoradas por insistentes descargas da fuzilaria contraria que, na sua imaginação crescia de momento a momento numa proporção fantastica, abandonaram o terreno da peleja, ficando apenas em campo o general Piragibe, que não sabia fugir.

E até o estado-maior deste official poz-se em fuga, precipitadamente, com receio dos alumnos que, entretanto, já não tinham direcção nem objectivo".

Até hoje a opinião nacional espera o castigo desses fujões como espera o castigo dos fujões por meio da reforma; e outros expedientes nas revoltas do Rio ou nas pequenas campanhas do interior. Felizmente, de quando a quando vem um plumitivo de coragem, como o general Dantas, dizer essas verdades á face do Brasil. Um estado-maior que corre e é promovido no correr dos tempos!!

Lendo-se a descripção do caso de 14 de Novembro feita pelo autor das "Conspirações" chega-se á conclusão de que o governo Rodrigues Alves só teve um homem de coragem, o Sr. Seabra, que organizou a resistencia do governo, pois o Ministro da Guerra, em reunião governamental declarou não poder nem informar de que forças dispunha. E generaes brasileiros, á paisana rondavam por Botafogo á espera de quem vencesse para se decidirem...

Bem haja o general Dantas por dizer desassombradamente essas dolorosas verdades.

O livro trata longamente das revoltas da armada, em 1910, bem como faz o historico da candidatura Campista á presidencia da Republica. Nesse se encontra um facto que ora se vae repetir. O Dr. Affonso Penna pretextou uma visita á fabrica do Piquete, afim de poder encontrar-se com o presidente de S. Paulo, Albuquerque Lins, e combinarem o rumo da candidatura David Campista. Actualmente estamos vendo o Sr. Wenceslão preparado para ir ao Piquete encontrar-se com a gente que domina S. Paulo...

Todos os acontecimentos da politica brasileira occorridos de 1904 até 1914 estão narrados no novo livro do general Dantas com singela linguagem, despretenciosamente e procurando cingir-se á verdade. Porém a parte melhor da obra é justamente aquella sobre que mais nos manifestamos.

* *

Livro utilissimo, interessante e indispensavel a quem quer que, com amor por esta nossa querida terra, se preoccupa com seu progresso e sua grandeza, é o que publicou ha bem pouco tempo o illustre Sr. capitão de fragata Thiers Flemming da casa militar do Sr. Presidente da Republica, sobre "Limites Interestaduaes".

O digno official da marinha foi o emissario do Dr. Wenceslão Braz junto aos governos do Paraná e Santa Catharina para solver por meio de um accordo a pendencia de limites entre os dous Estados, do que resultou o Contestado.

S. S. dedicou-se ao estudo dessa questão e de outras, dezenas, infelizmente, similares que existem no Brasil. Estudou-as com criterio e nos deu esse trabalho, do qual constam mappas, "croquis", documentos, opiniões juridicas sobre o momentoso assumpto, que o tornam valioso e mais do que interessante.

Nas conclusões do seu livro, o commandante Thiers Flemming mostra quão prejudiciaes são as questões de limites entre os Estados e como devem ser resolvidas por accordo ou pelo Supremo Tribunal, de maneira que, no proximo centenario da Independencia, das 27 pendencias que temos não reste uma só. Oxalá esses desejos patrioticos se vejam realizados.

J. N.

"Fon-Fon" 27 de abril de 1918

Garatujas

Conta Guillen Robles que, numa grande batalha travada entre agorenos e bysantinos para a conquista da Syria, a victoria do califa foi devida ás mulheres arabes. Ellas se ajuntaram á rectaguarda do exercito e, quando os homens fraquejavam, recuavam ou fugiam, os obrigavam a voltar á peleja com palavras, pauladas, vaias e pedradas.

Recordando este velho exemplo historico tem-se vontade de perguntar ás mulheres da Russia porque motivo não seguem o exemplo das suas semelhantes arabes e não obrigam os seus paes, maridos, filhos e irmãos a retomarem as linhas de fogo para reduzirem o prazo de esmagamento da Teutonia soberba. Porque?

Desde que os moscovitas se alongaram da frente de batalha, abandonando seus alliados a maiores esforços do inimigo commum, cumpre ás moscovitas, que já combateram armadas os allemães, refazer na historia o heroismo feminino arabe nos areaes da Syria.

Os diplomatas e a poesia

O velho Francisco Rodrigues Lobo preceituava, em tempos idos, formalisticamente, que todo diplomata deveria ser "illustre por autoridade do seu rei e do seu reino e dos illustres delle; discreto e cortezão, porque parece mais que todas as outras partes lhe requer o cargo aviso, entendimento, discripção e cortezia, para tratar as cousas convenientes á sua embaixada, encobrindo, desculpando e persuadindo o que a seu rei convém... E como o embaixador é um terceiro e reconciliador da amizade de dous principes, nenhuma cousa lhe é mais importante que o entendimento e tambem o ser cortezão lhe importa muito, pois a sua principal assistencia é no paço e junto á pessoa do principe, com communicação dos principaes senhores do reino; e ás vezes por esta parte sendo engraçado acaba mais facilmente os negocios e pretenções de quem o mande... E ha de ser animoso e liberal... E homem apessoado que pela vista obrigue a respeito e a consideração."

De tudo o que é necessario ao diplomata, ao artista apurado de tricas, convenções, arranjos, subtilezas e festas, sómente o velho classico esqueceu a qualidade de poeta. E' um caso digno de nota o da alliança da poesia á diplomacia. E não é unicamente pela futilidade que se explicará ser uma ancilla da outra, pois que homens eminentes e sérios, diplomatas de carreira ou diplomatas de occasião, têm sido poetas.

Boccacio foi embaixador e sonetista. Quevedo y Villegas suspirou trovas durante negociações de grande monta. Almeida Garret era tão apurado versejador quanto apurado casquilho de legação. Thomaz Ribeiro foi poeta e plenipotenciario. José Bonifacio, Francisco Octaviano, Araujo Porto Alegre, Domingos de Magalhães e o Marquez de Paranaguá resolviam alicantinas internacionaes e os problemas da rima e da accentuação. Maciel Monteiro, que, em Vienna, "callejára as mãos na maciez dos velludos", cantava as perfeições das Lédas estrangeiras.

Assis Brasil, Francisco Xavier da Cunha, Mucio Teixeira, que foi consul, Fontoura Xavier, Rodrigo Octavio, Magalhães de Azeredo, Guerra Duval, Cardoso de Oliveira, Aluizio Azevedo, Luiz Guimarães Pae, Luiz Guimarães Filho e Thomaz Lopes, todos tangêram ou tangem lyras.

No seu interessante livro "A minha Formatura", Joaquim Nabuco queixou-se de ter sido sempre abandonado pelas Musas. Não fallou a verdade. O grande brasileiro, apezar de sério e ponderado, fez tambem algumas quadrinhas.

Ha tempos, a "Noite" publicou um soneto do general Lauro Muller, perpetrado quando muito moço.

Parece que o Barão do Rio Branco escapou á regra geral. Ernesto Senna, seu intimo, se fôra vivo, seria o unico competente para affirmar se o Barão gatafunhava sonetos, nas horas de ocio, como garatujava caricaturas.

JOÃO DO NORTE.

"Mensageiro de Fé" - Bahia - 21-Abril-918

Para evitar confusões lamentaveis no espirito dos nossos leitores, resolveu o nosso companheiro de combate, **João do Norte**, voltar a pia do jornalismo e ahi trocar seu nome em **João Bahiano**, com o que nos regosijamos muito, pois, de ora avante, a ninguem mais surgirá a idéa triste de o confundir com um certo *desnorteado* João do Norte que vive por ahi fóra a garatujar chroniquetes e artigos impios e balofos.

Nota da Redacção.

12

"Correio Paulistano" - 7 de abril 2/1918

A OFFENSIVA

(João do Norte)

A grande culpa da violenta offensiva tudesca actual cabe, indubitavelmente, á Russia, que abandonou os seus alliados em momento angustioso, depois de não os ter ajudado, convenientemente, nos annos passados.

As tropas descançadas da frente oriental, numerosas e aguerridas, permittiram aos generaes allemães esse esforço terrivel que, parece, os alliados gloriosamente detiveram.

Para quem acompanha com interesse essa lucta em que se decide o futuro do mundo e a sorte da humanidade, não resta a menor duvida que a maior victoria da conflagração foi a ultima victoria moral franceza.

A resistencia ingleza é uma pagina brilhante de heroismo, mas não se compara com esse maravilhoso triumpho que foi a nomeação de Foch para generalissimo dos exercitos alliados, acceita pelo orgulho inglez e pelo amor proprio americano.

Mais do que isso sómente me surprehendeu a noticia bem anterior a essa de que a grande alliança da civilização entregára a direcção politica da guerra aos Estados Unidos, na pessoa habil e energica de Wilson. Isto, que parece uma **capitis diminutio** do governo inglez, nada mais é do que a prova duma admiravel união de vistas entre as potencias que combatem a Germania, formando a liga da civilização.

Como a Allemanha kaiseriana se tem enganado nesse herculeo combate pela hegemonia militar e commercial do universo! Ella cuidou morto o prestigio da moderna Roma, o Imperio Britannico. A' hegemonia hespanhola succedera a franceza; a esta succedera a ingleza. Havia mais dum seculo que dominava. Era fatal a sua quéda. E os pensadores allemães esperavam desta feita a posse da **Mittel Europe**, no cargo de directora da terra inteira. Esqueceram a marcha secular e constante da civilização do oriente para o occidente. Imaginaram um retrocesso e abriram a lucta. Não poderão vencer. A direcção do mundo emigrará, de accôrdo com a sua marcha eterna, para aquem do Atlantico, para a America nova e sadia. O futuro predominio do mundo pertencerá ao Novo Continente. Já começou a pertencer-lhe desde o dia em que o consenso das nações alliadas entregou a Wilson a suprema direcção politica da guerra.

A Inglaterra deixa na historia um exemplo unico, que a faz sob o aspecto da politica de hegemonia, de imperialismo, superior á velha Roma famigerada. Esta, depois de ter dominado em tres partes do mundo, se viu dividida, enfraquecida, mutilada e, por fim, derruida, sem que de suas ruinas nascesse alguem que a substituisse.

Roma não educou successores para o throno universal. Não teve herdeiro legitimo e directo de sua gloria immensa. A Grã-Bretanha o possue. Ella ammamentou e creou um paiz enorme, com a sua raça, a sua religião, os seus costumes e a sua lingua, do outro lado do Atlantico, e é este filho que vai substituil-a no throno das nações, **par droit de naissance et de conquête.**

Assim, não póde restar duvida a qualquer espirito atilado de que as duas noticias mais sensacionaes do momento, e quiçá de toda a guerra até hoje, são essas duas. Uma demonstra a eterna vitalidade da raça anglo-saxonica e a força das suas qualidades dominadoras ao mesmo tempo que nos aponta a morte da hegemonia politica da Europa á face da terra. A outra marca o maior triumpho da força moral e intellectual da França, cujo maior e mais sympathico general é investido de um commando que jamais algum cabo de guerra tivera nessa lucta feroz, que dura ha mais de tres annos.

O engano allemão é palpavel. A sua facil victoria na Russia deu á patria de Nietzsche uma confiança cega nos resultados do golpe que Hindenburg acaba de tentar. A certeza da sua inefficacia trará grande desanimo e seria um verdadeiro sonho de felicidade si tal depressão moral obrigasse os governantes prussianos á celebração da paz.

As nossas almas já estão cançadas pela guerra. A sangueira universal faz arripiar todas as almas. E de quando em quando nos sóbe aos labios, vinda lá do fundo do coração, aquella apostrophe de Fernandes da Cunha, na Camara dos Deputados do imperio, ao começar o seu celebre discurso sobre a campanha do Paraguay:

"A guerra! Ha tres annos que se não fala noutra cousa!"

Outróra se podia, ao menos, denominar com expressivo nome as grandes batalhas que livravam a humanidade dos cataclysmos das invasões, das rapinagens ferozes e das conquistas. Os Campos Catalaunicos tinham detido Attila. Poitiers parára o arremesso arabe. Lepanto suspendera o impeto dos turcos. Mesmo ainda ha pouco, a palavra Marne significava a subita estagnação do avanço teutonico. Mas, depois do Marne, tal foi o progresso da sciencia da destruição, tão vastas e tão complexas são as batalhas, tão grande é o terreno em que se desenvolve a lucta, que não é mais possivel designar com um nome de cidade, rio, aldeia, montanha ou ponte, uma batalha celebre. Ter-se-á de procurar um appellido sonoro e grande, imponente e expressivo. Essa batalha que ainda continua e que demonstra a bravura dos alliados e a sua firme resolução de não consentir que o inimigo passe, deveria chamar-se, afim de perpetuar uma heroica phase da França, o paiz das phrases heroicas, — a batalha de

Ou ne passe pas!

E' de lamentar, já que na guerra entrámos e em guerra estamos, que ainda não tremule ao vento dessa offensiva, no céo acinzentado do norte da França, a bandeira do Brasil. A brisa que sopra das Flandres, vinda das brumas do mar do Norte, açoita e acaricia as tres cores heraldicas da Belgica, a rubra cruz de S. Jorge da Grã-Bretanha, a aguia branca da Polonia, os pavilhões tricolores da França e das tropas russas fieis do occidente, a esphera armillar de Portugal e o estandarte estrellado que tremula ao som do **Yankee Doodle.** Mas ainda não conhece o verde e o amarello do nosso pendão nacional.

E o que assombra nessa louca offensiva é a quantidade immensa de mortos e feridos. Até parece que o mundo vai ficar despovoado. Nenhuma guerra da historia regista mortandade tal. Os mortos da guerra da Seccessão ou de todas as campanhas de Napoleão reunidas não attingem a cifra dos da guerra actual numa só dessas batalhas, que são um conjuncto formidavel de batalhas. O coração se confrange deante de tanto sangue. Mas ao mesmo tempo um consolo brota na alma do homem que medita e que lê, recordando aquelle sêcco, porém, mais que verdadeiro periodo de Clodd, o autor da "History of the creation":

"O homem, apesar de sua lenta reproducção, duplica de vinte e cinco em vinte e cinco annos. Nesta proporção, em menos de mil annos, não haveria mais na terra um logar em que coubesse um homem em pé."

Por isso é que ha guerras e que ha offensivas. E' uma necessidade da propria creação.

João do Norte

"Fon-Fon" - 13 - abril - 1918

Gatafunhos

Para vencer, lançando mão de todos os recursos, os Allemães vão semeiando a traição pelo mundo. Os Bolos Pachás têm surgido por toda a parte. Mas nem assim ainda conseguiram desmentir a energica affirmativa franceza, divisa de guerra de todos os alliados: *on ne passe pas!*

Mais um de seus titanicos esforços acaba de quebrar-se na resistencia occidental destes ultimos dias, pagina talvez a mais gloriosa da guerra.

O ambiente está calmo e a gente pode, passando a vista na historia, comparar o arremesso semi barbaro do povo allemão sobre a Europa com o avanço repentino dos arabes na sua ardente febre de conquistas que o Alcorão produzio: porque ambos esses conquistadores espalham a traição diante de si.

Os arabes derrotam os bysantinos em Yermuk pela traição do general Jorge; derrotam-n'os em Damarco pela traição do general Romano; derrotam-n'os ainda na Sicilia pela traição do general Eufemio. Batem os godos de Hespanha pela traição de Juliano e Oppas, que os filhos de Witiza acompanharam. Sempre a traição.

O mesmo com os Germanos. Na frente oriental, a traição lhes entregou a Russia e na frente occidental o mesmo methodo, posto em pratica com pesados sacrificios de dinheiro, nada consegue porque não ha traidores.

13

"Correio Paulistano" - 12 de abril de 1918

Lykophronte de Korynthо

(João do Norte)

"... o rei mandou proclamar que quem o acolhesse ou mesmo falasse com elle pagaria uma multa sagrada..."
(Herodoto — "Historias" — Thalia — C. LII).

Elle ia pela estrada scyronida, que corre entre os montes Geranios e as praias juncadas de algas do golfo de Saros. A poeira da caminhada cobria as suas pernas musculosas, riscadas de vermelho pelas correias das sandalias. O garbo de seu corpo mostrava o habito dos exercicios que dão elegancia e força: a lucta, a dança armada e o pancracio. Pesada tristeza ennevoava a sua face moça e embranquecera-lhe os cabellos das temporas. Na tunica côr de jacyntho, entremeavam-se nodoas e rasgões. E o seu olhar negro, sonhador e profundo, orgulhoso e ardente, perdia-se ao longe, no azul do mar de Myrtos, onde passavam, impellidos pelas azas brancas das velas, os navios samienses pintados de vermelhão, com uma cabeça de javali á prôa.

Florestas azuladas cobriam o dorso dos montes. Ao fim de um relvado, em que se balançavam corollas de lizes, sob a pallida verdura das oliveiras, uma cabeça de Pan, feita de marmore do Karysto, mirava-se na agua fria de um tanque. Elle sentou-se numa pedra e tirou da bolsa a tiracollo um pão recheado de alho, que começou a comer. Então, naquelle solitario repouso, ouvindo o canto da fonte e vendo o esplendor da luz sobre as cousas, baixou a cabeça ao peso das recordações.

No dia em que partira de Epidauro, da morada ancestral, onde tão feliz fôra, tangendo as manadas de gado e jogando o disco com os boiadeiros, Proklés, seu avô, por desgraça lhe contara como seu pae, Periandro de Korynthо, sabio e rei, matara Melissa, sua mãe, ás patadas, quando gravida, por injusta suspeita de adulterio.

Fôra, assim, para a casa paterna, com o odio ao matador no fundo do coração. Nunca o pudera disfarçar e, uma feita, furioso, Periandro o expulsára. Mas todas as mansões lhe abriam as portas e todas as mãos lhe faziam dons. Lembrava-se até que, ao atravessar uma ágora de aldeia com o manto esfarrapado, uma mulher despira o peplo de linho e o cobrira, sorrindo.

Os annos passavam e a raiva cruel do pae não diminuia. A sua vida era já um continuo vexame. Ordens ferozes o deitavam fóra das moradias que o acolhiam.

Então, deixou as terras do tyranno e percorreu outras que nunca vira. Estivera em Eleusis, em Corcyra, em Thisbéa coberta de pombas e em Haliartes dos grandes prados. Conhecera a fome, a sêde, a indifferença dos homens. Agora, um desejo imperioso de mostrar aos subditos do pae as miserias do filho o trazia da thalassocratica Athenas á formosa Korynthо, sua patria, embora a alma cortisse a saudade immensa da maravilhosa cidade dos templos, dos theatros e das estatuas, onde á sombra dos porticos os vultos brancos dos rhetoricos erguiam a mão direita, preceituando a eloquencia.

Um trinado de Kithara brilhou na estrada, logo seguido pelo som quente duma voz de homem.

Viu passar, guiado por uma criança de cabellos anelados e côr de ouro, um velho cégo, que cantava ao sol a canção de Kniras quando batia na bigorna, em Rhodes, a couraça de Agamménon.

Ergueu-se e acompanhou-o. Adeante, o velho parou o canto. Elle procurou nas dobras da tunica a sua ultima moeda, esverdinhado lepta de cobre, com uma coruja pousada sobre uma amphora, e deixou-o cahir-lhe no regaço. De novo, a voz do rhapsodo se elevou no ar, luminoso, repetindo a melopéa dos remadores da galera de Odysseus ao atravessarem as longas vagas do mar de Ikaro.

Dois dias depois, entrava em Korynthо e as pessoas que o avistavam fugiam como dum pestoso. Ninguem lhe offerecia asylo nem pão. Sentou-se, fatigado e faminto, á sombra dum muro coroado de hera. E logo, na praça que se lhe extendia adeante, um arauto appareceu, tocou a tuba de bronze, reuniu homens, mulheres e crianças ao redor de si e proclamou em nome do rei que quem trocasse uma palavra com o banido Lykophronte, filho ingrato de Periandro, pagaria a Phebo a multa sagrada de um talento. Após o annuncio, o pregoeiro retirou-se e o povo acompanhou-o. A sua voz ainda veiu, fanhosa e alta, duma esquina distante. A tarde cahia. O alto dos loureiros-rosas se banhava de luz. Sob sua copa florida adeusavam-se sobras. Lykophronte extendeu-se na relva, enrolando-se no pallio esburacado, e, para enganar a fome, procurou dormir.

Quando acordou, o sol lhe dava no rosto, em cheio. Esfregou os olhos e mirou em torno. Muita gente enchia a praça. E, deante delle, Periandro cercado de lanças cofiava sorrindo a longa barba branca.

Um sacerdote, as tiras sagradas do ritual esvoaçando no cabello preto, conduzia o sacco destinado a receber as multas do deus.

Periandro, compadecido do aspecto do filho e ao mesmo tempo saboreando a sua apparente submissão, disse alto, mas docemente:

— "Filho, melhores que as privações por que teimosamente queres passar são, decerto, as riquezas e o throno. Teu odio a quem, devias amar e respeitar condemnou-te a essa vida ultrajante. Vem para casa e esquece o passado."

E Lykophronte, fitando nelle os seus olhos profundos e extranhamente calmos, respondeu com altivez:

— "Mais alto que os ganhos e mais rica que as riquezas é a dignidade dum homem. Tu infringiste a tua propria ordem, ó rei! Paga, portanto, a multa e deixa-me em paz."

João do Norte

"Noticia" - 6 - junho - 1918

A IMMORTALIDADE

Uma eleição hoje na A. B. de L.

Candidatos, Srs. Helio Lobo, Gustavo Barroso e Saturnino Barbosa

A Academia Brazileira de Letras reune-se hoje para dieger o successor de Souza Bandeira, o notavel jurisconsulto. A morte tem sido rude e implacavel nos ultimos annos com a Academia. Dahi a renovação constante de seus membros. Ordinariamente entram para o gremio dos Immortaes homens de letras e exponentes que chegaram á edade avançada. Isto explica a porcentagem de vagas constantes. Hoje, porém, pela primeira vez se apresentam tres jovens escriptores disputando a cadeira Souza Bandeira.

O Sr. Helio Lobo

O Sr. Helio Lobo é um historiador capaz. Conta já uma série de trabalhos consideravel. Em volumes e em conferencias, o joven historiador tem dado provas publicas de um grande amor ao estudo dos acontecimentos que assignalam a nossa evolução. Ainda agora o Sr. Helio Lobo vae ao Uruguay e á Argentina realisar uma série de conferencias, depois de ter regressado de igual viagem aos Estados Unidos.

O Sr. Gustavo Barroso, que notabilisou na imprensa carioca o pseudonymo de João do Norte, assigna alguns volumes de merito, inciados com *Terra de sol*, estudos sobre o Ceará sertanejo, que lhe valeu o renome que desfructa nos meios literarios patricios. O Sr. Gustavo Barroso é um escriptor caracteristicamente nacional.

O Sr. Gustavo Barroso

O Sr. Saturnino Barbosa é poeta e publicou *A morte de Deus*, obra transcendente. De resto, o Sr. Saturnino Barbosa é todo transcendentalismos.

A eleição de hoje integrará a Academia.

Helio venceu por 16 votos no 1º escrutinio contra 10 e 17 no 2º contra 7

"Fon-Fon" 27 abril 1918

Garatujas

— Como?

— E' a verdade.

— Estou certo de que exaggeras.

— Qual nada. O que digo é o producto de lenta, paciente, pertinaz e imparcial observação.

— Negas-lhe então as qualidades de que ha mister para agir convenientemente.

— Nego todas. Jamais lhe encontrei uma só. Não é carne nem peixe. Vive sempre buscando o meio termo. E eu não posso perdoar o meio termo. E' a unica cousa que não supporto de maneira alguma — a mediocridade.

— Pois eu tenho melhor impressão desse homem.

— Eu não. Tenho a peior. Elle anda sempre atraz dos factos. Segundo estes se encarreiram elle toma uma resolução. Não ha um facto produzido pela acção delle, porém essa é sempre de accordo com os factos já realizados. Repito: elle anda sempre atraz dos factos. E se, por acaso, os factos demoram o passo para que elle passe adiante, elle pára. Sómente caminha de novo quando os factos abrem novamente a marcha...

— E dizer-se que ha uma infinidade de gente assim!

— A maioria, meu caro.

— "A Rua" — 16 - abril - 1918 —

ENSAIOS DE CRITICA

"A Abolição" — "Algumas figuras" — "Na vida"

As gerações passadas nos deram alguns historiadores, raros e não muito bons. A geração presente vae nos presenteando com alguns, actualmente. O genero historico tem sido muito despresado pelos escriptores brasileiros e raros são os vultos como Oliveira Lima que têm por ideal desenvolver themas da vida da nossa nacionalidade. Mas já se póde ir notando alguns impulsos neste sentido, sendo dignos de realce os trabalhos de Alberto Rangel, de Dantas Barreto e por ultimo de Osorio Duque Estrada.

Este, um conhecedor da lingua e um espirito affeito aos estudos criticos acaba de nos dar o seu bello e bom livro *A Abolição*, eminentemente prefaciado pelo Sr. Ruy Barbosa.

E', como o proprio autor o definiu um *esboço historico*, nem poderia caber nas suas trezentas e poucas paginas uma historia geral e completa dessa questão interessante e importante.

Mais ou menos já se tem tentado alguns esforços no nosso paiz para historiar a acção do branco conquistador e do indigena; porém pouco ou melhor nada se tem tentado para narrar a vida da raça negra no Brasil. E nenhuma questão nacional será mais digna de acurado estudo, de larga observação, de critica segura, de imparcialidade verdadeira do que esta, pois que profundamente está arraigada á propria existencia nacional, pela infiltração do sangue, das inclinações, pela complexidade dos resultados e das cousas.

O Sr. Josnson, um escriptor americano, fez renome com o seu admiravel livro *The Negro in the new wold*, cujas duas terças partes são dedicadas ao negro nos Estados Unidos. Um escriptor brasileiro póde obter um triumpho occupando-se da mesma questão. O primeiro passo está brilhantemente dado pelo Sr. Osorio Duque Estrada.

O seu livro prende e instrue. Refere-se aos antecedentes historicos do movimento abolicionista, que é a propria escravidão, o trafico negreiro, as primeiras repressões, as primeiras campanhas humanas contra o horrivel instituto. Estuda a lei de 1831 e as humilhações impostas ao Brasil pela Inglaterra, o contrabando de negros e a evolução emancipadora. Esmiuçaç, então, a acção do Visconde do Rio Branco e a lei do ventre livre, mostrando o papel ardente do partido liberal na questão.

Mais detidamente trata da luta abolicionista, verdadeiramente dita, contando em capitulo de confederação abolicionista e da libertação do Ceará, onde esse movimento humano e digno se manifestou de maneira incompativel, dando áquella "terra do sol" o eterno nome da "terra da luz". Redempção, antigo Acarapé, foi o primeiro municipio cearense que libertou os seus pretos e o Ceará aforriou os seus escravos, quando ainda o Brasil os possuia por toda a parte. Este é um titulo sempre vivo de gloria e um direito que o Ceará conquistou á gratidão da humanidade. Essa grande acção está minuciosamente estudada pelo Sr. Osorio Duque Estrada. Até a carta monumental de Victor Hugo sobre a abolição cearense ahi vem transcripto na integra. Essa é um documento que orgulha aquelle Estado do Brasil.

Continuando a relatar as phases diversas da grande luta nacional, talvez a unica luta social, politica e nacional que tenhamos tido analysa a acção dos ministerios Dantas, Saraiva, Cotegipe, chegando por fim ao 13 d Maio.

Transcreve o hymno da Redempção e organisa um bello pantheon abolicionista.

Todo o livro é escripto concisamente, claramente e singeladamente, predicados esses que honram a sua face litteraria do mesmo modo que a segurança dos seus conceitos honram a sua face historico-critica.

* * *

O pintor Virgilio Mauricio publica um volume de chronicas e artigos de arte, com o titulo — "Algumas Figuras". E' um livro interessante, escripto com elegancia e contendo alguns estudos criticos da pintura sobre-maneira bem feitos, e attrahentes. A prosa do livro é um tanto nervosa, o que não lhe apaga um certo brilho nem lhe prejudica a claresa. Talvez pelo contrario.

Afinal de contas este livro trata dum assumpto quasi novo e quasi inedito entre nós: critica de arte. Contem estudos sobre a obra de Columbano e de Antonio Carneiro, o admiravel autor de sanguineas admiraveis de Lopes Mesquita e Cardoso Ayres, de Zeferino da Costa, o grande illustrador da Candelaria, de Henri Martin, de Rodin, o immenso esculptor francez, de Menvier, de Carrière e outros. Termina com uma pagina sobre Justino de Montalvão, cuja admiração do autor não podemos comprehender, porém deve ser vasta, pois o incluiu num livro de chronicas de arte, recheiados de preceitos de esthetica. Emfim, os modos de ver differem.

Vale a pena de ler-se este livro do Sr. Virgilio Mauricio

* * *

O Sr. Rufino Fialho nos dá um pequeno livro de prosa *Na Vida*. Felizmente vae diminuindo a alluvião de poetas que sempre e sempre nos appareciam e os novos escriptores brasileiros começam a amar a prosa e a tentarem-n'a com mais ou menos um certo exito. Já se estava enfarado de poetas; agora os prosadores nos dão allivio e, muitas vezes, gosto.

O Sr. Rufino Fialho não é um escriptor feito, porém promette bastante, demonstrando possuir qualidades para chegar a sel-o sem muito esforço. Escreve, póde-se dizer sem lisonja, bem, encadeia com coherencia as scenas, não abusa das discripções nem usa termos empolados. O seu livro, uma novella ou pequeno romance, agrada, apezar de se occupar ainda muito com as phrases de amor e dum amor que não é muito lá o que costuma haver no mundo e vive de "ebriedades".

O que é condemnavel no autor de *Na Vida* é a sua ortographia, uma dessas invenções modernas de Portugal republicano, da nossa Academia ou não sei de qual reformador, em que gente se escreve com "j" e outras cousas deste possivel jaez.

Mas o livro é bem escripto e o seu enredo bem arranjado com qualquer cousa de apaixonado e de sceptico ao mesmo tempo, merecendo o Sr. Fialho parabens pelo seu trabalho, digno de qualquer instante exigente.

J. N.

"Rua" - 16-4-918

LEIAM QUINTA-FEIRA

O GUBARAZ

Semanario politico, noticioso, social, critico e litterario sob a direcção de GUSTAVO BARROSO e PAULO SILVEIRA.

99

"Fon-Fon" 27 abril 1918

Garatujas

Hoffmann conta o seguinte no seu maravilhoso conto *Signor Formica:*

« O doutor Pyramide abreviou sua vida por um erro que commetteu, escrevendo. As pancadas que Miguel lhe havia dado causaram-lhe violenta febre. Resolveu curar-se a si proprio com um remedio que inventára e escreveu a receita, mas se enganou na dóse. Apenas acabava de engulir o preparado, cahiu de chofre sobre os travesseiros e nunca mais se levantou. »

A pessoa a quem pertenceu o exemplar de Hoffmann, que possuo, escreveu á margem desse periodo, a lapis, as seguintes linhas que o folhear do livro vae lentamente apagando :

« Todos os terriveis epigrammas de Bocage contra os medicos não valem esta cruel satyra de Hoffmann em oito linhas. Matar-se com as proprias armas é o melhor dos castigos. Dahi o gozo que se tem de ver um medico morrer pela sua propria mão. E prouvéra a Deus que elles só se enganassem nas receitas para si proprios... »

15

"Correio Paulistano" 20. abril - 1918

O sorteio militar e a voz do povo

(João do Norte)

Todo o dia os jornaes registam novos e terriveis abusos, fraudes inacreditaveis e trapaças bem arranjadas, que estragam os effeitos da lei do sorteio militar. O ministro da Guerra annuncia providencias sérias o governo garante a punição de quem quer que se tenha prestado a essas illegalidades. Parece, porém, que as provas não serão faceis e que, segundo o louvavel costume brasileiro, "tudo ficará como dantes no quartel de Abrantes".

O bom senso do povo sertanejo, porém, adivinhando todos esses tramites a que já a sua velha experiencia o acostumou, começa a levar ao ridiculo o serviço militar de uma maneira verdadeiramente cruel. Venho denunciar aqui a critica mordaz da arraia miuda na esperança de que os poderes publicos providenciarão com tanta justiça e energia contra os fraudadores do sorteio que os matutos ficarão cheios de respeito pela nova lei.

No interior do Brasil, quasi sem escolas, sem hygiene, sem tribuna e sem imprensa, as manifestações do pensamento collectivo só têm uma sahida: a cantiga popular. Na Europa medieval, o menestrel allemão, o trovista da Bretanha, o trovador francez, o troveiro provençal, o cantor florentino, eram os unicos traços de união entre as varias sociedades insuladas.

Elles cantavam as novidades de toda a sorte e a historia dum paiz no outro, de maneira que eram jornaes falantes e falantes correios, do mesmo modo que reuniam em pequenos poemetos os fastos mais notaveis que chegavam ao seu conhecimento. Nessa época, as unicas manifestações do pensamento livre eram a architectura e a canção. Dahi a maravilhosa floração de cathedraes gothicas e a maravilhosa floração de cyclos de gestas, de rimances de arte-maior e de "estorias" admiraveis, afóra as redondilhas e as voltas, os lais e os solaus, os villancicos e as trovas do bem ou mal dizer, as vilhanescas, as cantigas de amor e amigo e os cantares de "alegre saber".

Mutatis mutandis, o mesmo se dá no sertão brasileiro, que ainda vive numa como modorra medieval. O cantor de pé de viola, cantador de samba e de desafios, errante e livre, é quem leva do alto sertão pernambucano ás ribeiras cearenses, dahi ás margens do Vasa Barris e do S. Francisco, as noticias dos acontecimentos mais importantes, os casos como elles chamam, glosando-os sempre com um enfado ironico, com uma troça malvada, uma birra cruel.

Nada se passa de notavel á face do Brasil, nenhuma lei nova se promulga, nenhum governo se installa, que isso não repercuta em versos no fundo dos sertões.

Tambem tudo o que acontece no interior e que no littoral não se sabe é guardado em versos, desde a ida aventureira dum Antonio Silvino até a pega dum boi de fama ou a fuga duma moça com o seu namorado.

Os cantadores sertanejos, que já se occuparam com o 14 de novembro, no quatriennio Rodrigues Alves, a obtenção do Acre, a morte de Affonso Penna, a Vaccina Obrigatoria, o João Candido e o Franco Rabello, agora rimam o sorteio militar, criticando-o.

Presentemente, corre o sertão do nordeste uma longa poesia sobre a nova lei do sorteio militar, cujos versos principaes transcrevo fielmente, pontuando-os e orthographando-os de accôrdo com a grammatica, mas sem a menor alteração:

"Alerta, rapaziada!
O tempo não está de graça.
Moço, velho, cégo e côxo,
Tudo agora assenta praça,
Bispo e vigario collado
Vai tudo ao pau de fumaça."

Conhecia uma antonomasia popular magnifica de espingarda — pau furado. Apprendo esta muito melhor — pau de fumaça. Por esta primeira estrophe já se vai vendo o espirito critico exaggerado do poeta. Pergunta elle, depois:

"Para que fazer soldado,
De velho, cégo e menino?
Está sem sal este mercado,
Róe a porca e quebra o pino?
Vamos ver si alistarão
Um como Antonio Silvino."

Os sarcasmos proseguem, infindavelmente:

"Eu viajei para o norte
E vi um pobre aleijado,
Me disse um vizinho delle
Aquelle está alistado.
Mas para que serve aquillo?
Perguntei ao delegado."
Então, elle respondeu:
"Esse não póde escapar,
Só anda de quatro pés,
Mas comtudo póde andar.
O Brasil tem precisão
De alguem para rastejar."

Jámais houve um jornal da opposição, por mais pessimista e atrevido que fosse, que tivesse a coragem de dizer as duras palavras dos dois ultimos versos desta sextilha. A alma mordaz do povo é terrivel. Ella nada poupa, porque sabe bem quanto soffre com as loucuras e as asneiras, a ganancia e os erros dos seus dirigentes.

"Outro tem um filho doido
Com uma perna cortada.
Disse-lhe o delegado:
— Você vai, meu camarada,
Tem-se precisão de doido,
Que é para atirar pedrada."

Ha tempos, um vespertino carioca affirmava que, na ultima leva de sorteados vindos do norte, a grande maioria era de opilados, doentes, anemicos, semi-imbecis, etc. Ora, ahi está o motivo do sarcasmo poetico do matuto:

Como vou eu sem pernas?
Perguntou um ancião.
Respondeu o delegado:
— Vai na corcunda dum são,
Um leva você nas costas
E a espingarda na mão."

"Tinha um filho uma viuva,
Sendo uma pobre mulher.
Disse ao filho: — Ora, meu filho.
O governo não te quer.
O juiz disse: — Esse eu levo,
Arranje outro, si quizer."

"E, si não estou enganado,
Os padres tambem irão.
E ha de ficar bonito
Um padre com cinturão;
Naquella batina preta
Fica de luxo o latão!"

Nas trovas seguintes se verá a critica á violencia das autoridades que entendem de recrutar a torto e a direito, fazendo peor com os seus abusos do que os proprios fraudadores:

"Me disse certa mocinha
Que em nossa casa vai.
Essa disse: — Lá em casa
Tudo está dentro, não sai.
Não quizeram dispensar
Nem o porco de papai."

"Até a meu irmão mais velho,
Que quebrou o espinhaço,
Furou o olho direito,
E o doutor cortou-lhe o braço,
Disse o juiz: — Você vai,
Embora falte um pedaço."

"A lei exige que, ainda
Estando morto e enterrado,
Arranque-se o esqueleto
E vá inspeccionado.
Quando nada, o povo diz:
— Isto é osso de soldado!"

Esta buliu com os recenseamentos e alistamentos mal feitos e atrasados, que permittiram o sorteio de varios individuos já mortos, mas cujos nomes figuravam nas listas officiaes.

Venha agora uma caçoada leve e anecdotica:

"Uma velha tem um filho,
Que é feio como um perigo.
Perguntou quando se alistou:
— Que querem fazer commigo?
Disse o juiz: — Praça feia
Faz assombrar o inimigo."

Tambem critica a surdez governamental ás reclamações de toda a especie, que chovem por toda a parte:

"O governo está dizendo:
Quem não gostar coma menos,
Vá fazer queixas ao bispo,
Faça os boccados pequenos.
Felizmente, eu já sou grande,
Não tenho medo de acenos."

16

O cantador aproveita o assumpto para caricaturar varios typos da sua região natal e as suas opiniões até chegar na sua esplendida descripção da situação actual difficil do povo brasileiro, especulado por todas as crises:

"O brasileiro se torce
Mais do que um parafuso,
A secca aperta do norte,
Do sul aperta o abuso
O imposto bota na prensa,
O sorteio acocha o fuso."

E é esse o quadro real. Tal qual a mandioca espremida na prensa de fazer farinha, que o fuso de pau d'arco movimenta e aperta, vai morrendo a nação. Que artigo de fundo de jornal terá a singela eloquencia dessa palavras verdadeiras?

Deante dessa opinião popular, o governo puna os fraudadores do sorteio e diminua as fraudes de modo energico e producente, para não se desmoralizar com a ironia dos cantadores por esses sertões immensos do Brasil, essa lei essencial para a nossa defesa e para a manutenção do nosso espirito nacional.

João do Norte

"Fon-Fon" - 27 abril - 918

Garatujas

Conversando na alpendrada larga da fazenda o velho plantador de café e criador de gado disse-me:

— Pode acreditar que o máu olhado existe. Eu sei de factos extraordinarios.

— Meu compadre, creio muito na sua palavra, mas estou acostumado a desmentir o sobrenatural. Você deve ter sido illudido por apparencias falsas. Na minha terra chamam ás pessôas que dizem ter esse poder terrivel — olhos de sécca pimenteira, porque não ha pimenteira que continue viva depois que para ella olhou.

— Pois aqui nos arredores existe uma velha que não pode gabar uma ninhada de pintos. Elles começam a morrer no dia seguinte e morrem todos um a um.

— Você já assistio a isso?

— Ora, homem, já o diabo dessa velha me deu cabo de mais de tres ninhadas de pintos de raça, que andavam ahi no terreiro. Basta ella olhar para acabar com ellas.

— Eu queria vêr para crêr.

— Não é difficil. Você terá occasião. Escute. Vou contar-lhe um facto que se passou commigo e eu, você bem sabe, nunca menti nem minto. Eu tinha ahi um cavallo muito ensinado, bonito, forte e bom, castanho escuro, todo fechado, um cavallão de tons. Apparecia-me aqui um sujeito, que andava embellezado por elle e que me offereceu um conto e quinhentos. Recusei. Elle olhava muito para o animal, despediu-se e foi embora. No outro dia de manhã o meu cavallo estava morto, no terreiro, defronte de casa. Eu fiquei *apaixonado!*

— Foi uma coincidencia, compadre.

— Qual coincidencia, qua nada, homem de Deus! Foi máo olhado.

"Correio Paulistano" 6 de junho de 1918

O Centenario da Independencia

João do Norte

O amor dos povos europeus pelas suas tradições e o seu culto do passado fazem com que nas cidades do velho mundo tenham grande imponencia as festas historicas, realizadas nas datas mais celebres. Entre essas, a que maior prazer dá ao povo e aos intellectuaes é a cavalgada ou oortejo historico, que lembra, com as suas côres, a sua indumentaria, a sua maneira de ser, a gente desapparecida, cuja saudade se quer eternizar.

Rara é a cidade de França, Allemanha ou Inglaterra que não commemore desta sorte os seus centenarios ou anniversarios memoraveis. Orleans refaz, assim, a entrada triumphal de Joanna D'Arc; Calais, a rendição dos inglezes, e em Saint Cyr, annualmente, os alumnos da escola militar repetem as phases duma grande batalha napoleonica: La Moskowa, Wagran, Marengo, Champambert, La Favorita.

Em 1909, foi commemorado officialmente, com o maior brilho, o tri-centenario de Quebec. Uma commissão do governo organizou com rigor archeologico os factos principaes da historia canadense nos proprios logares em que aconteceram. A população da velha cidade franceza e uma multidão de forasteiros presenciaram na praia de Stadacona, á margem do S. Lourenço, o desembarque de Jacques Cartier. Centenares de indigenas cahiam de joelhos, erguendo as mãos, em espanto, para os extrangeiros. Bombardeiros de colletão de couro, alabardeiros de couraça cercavam o descobridor enfarpellado em velbute vermelho, de monião emplumado, emquanto dois marujos enterravam numa lasca de pedra uma alta cruz de madeira com o escudo de França. As autoridades inglezas commemoravam, assim, um feito francez. Depois, o mesmo publico assistiu á reconstituição de outros quadros historicos, entre os quaes causou enthusiasmo a grande festa da côrte dada por Henrique IV e sua mulher, Maria de Medicis, em honra de Champlain, o fundador da Quebec. E, por fim, appareceu nas aguas do S. Lourenço, comboiado pelo couraçado inglez "Indomptable", monstro de aço eriçado de canhões, a diminuta galera de popa e prôa acastelladas e recurvas, com as suas velas quadradas e as suas gaveas de gradil, a "Don-le-Dieu", em que o fundador da cidade atravessou, corajosamente, o oceano.

Inaugurando a reconstrucção do velho castello de Kœnigsburg, na Alsacia, que lhe fôra dado de presente, Guilherme II deu uma grande festa no genero da anterior. Foi, salvo engano, em 1908. Um correspondente do "Figaro" mandou para o seu jornal notas interessantissimas, das quaes nos valemos para a nossa descripção.

O cortejo historico recordava a entrada triumphal, na velha fortaleza, do conde Sickingen, um feudatario feroz e rapinante das margens do Rheno. Appareciam falcoeiros, musicos, homens d'armas, fidalgos e donas. A acção desenrolava-se em pleno seculo XV. E não se pense que os figurantes desse cortejo eram profissionaes de theatro, lacaios ou comparsas arranjados por dinheiro. Não. Eram a melhor gente da localidade. Faziam o papel de acostados, vestindo a cota de malhas e esperando a partazana, os conselheiros municipaes da capital da Alsacia. O sr. Timme, sub-prefeito de Strasburgo, phantasiara-se de conde Pinckingen. O sr. Pfeiffer, magistrado, accessor do governo, vestira-se de fidalgo. O sr. Heitmann, chefe do districto, de labardo de picotilho e carapuço de velludo, trazia no punho um gerifalte raivoso de capirote e guizos. O sr. Martel, grande negociante, levava o estandarte. E os filhos do barão Zorn de Bulach iam como simples lansquenetes.

Na festa do jubileu de Francisco José, em Vienna, o governo fez desfilar pelas ruas a historia do costume militar da nação desde os soldados do anno mil com a sua "arteiharia" de catapultas e arietes, até aos cavalleiros dos Habsburgos nas cruzadas; desde os "usarz" ferozes de Mathias Corvino até aos dragões brancos do archiduque Carlos.

O septuagesimo quinto centenario da independencia belga foi commemorado em Bruxellas por identicas festas de cavallaria. A infeliz Bruges imitou, tres annos depois, em 1908, a capital, realizando festejos identicos, entre os quaes se destacou a reconstituição do torneio que, em 1468, Carlos o Temerario ali offereceu aos seus gentilhomens, afim de solennizar seu casamento com Margarida de York. Os figurantes dessas justas foram moços e moças da alta aristocracia belga, sendo os cavalleiros officiaes do terceiro regimento de lanceiros.

Porém, a mais bella e sentimental de todas essas festas tradicionaes, é a que se realiza de tres em tres annos, ha muitos seculos, numa pequena cidade da Inglaterra.

Leofrico, conde de Chester, tyrannizava seus subditos, já empobrecidos por impostos exaggerados. Uma nova taxa que lançou sobre a cidade de Coventry traria a miseria mais negra para a população.

Lady Godiva, sua mulher, pediu-lhe de joelhos a abolição do tributo. O mau senhor feudal sorriu e declarou que o faria si ella se atrevesse a passear pela cidade nua sobre um cavallo. A formosa dama sacrificou o seu pudor á felicidade de seu povo. Despiu-se e sentou-se sobre um palafrem, que uma aia levava pela arreiata. Assim, atravessou todas as ruas de Coventry, cujos habitantes, fechados nas suas ca-

17

sas, nada viram daquella linda nudez. O imposto foi abolido e sómente um rapazola, curioso e desleal, se atrevera a esconder-se para vêr nua a esposa do conde.

Julio Lefevre eternizou numa tela esse feito de verdadeiro heroismo feminino, que tambem inspirou a musica de Mascagni na opera "Isabeau". Mas a cidade de Coventry, apesar disso, resolveu jámais esquecer o sacrificio dessa mulher corajosa e boa. De tres em tres annos, a municipalidade realiza uma "Godiva Procession". Ao envez de se fecharem, como na edade média, ás casas se abrem. Todo o mundo fica ás janellas, vendo passar, sobre o alto palafrem ajaezado, o vulto de uma mulher, vestida sómente com um "maillot" roseo, que dá a perfeita impressão da nudez, emquanto uma velha serva conduz o animal pela redea. E de todas as varandas, janellas e balcões cai sobre a imagem de Godiva uma chuva de flores.

Approxima-se o primeiro centenario da nossa Independencia. Até agora os governos pouco se têm inquietado com a sua commemoração. O Instituto Historico prepara um diccionario. A Sociedade de Geographia, um grande livro. O Club de Engenharia, uma carta. O Itamaraty, uma resenha de documentos diplomaticos. A Prefeitura carioca um volume variado e interessante. Esperam-se providencias mais sérias do governo federal, dos governos de todos os Estados, e, especialmente, do governo de S. Paulo, onde teve logar o "grito do Ypiranga".

Acreditamos ser uma boa e patriotica idéa aconselhar ao governo paulista, a exemplo do que se faz na Europa e já se fez no Canadá, imitando os Estados Unidos, que mandam sahir ás ruas de Nova York, nos anniversarios da independencia, Washington, seu estado-maior e os tambores que tocavam a rebate; aconselhal-o a reconstituir, no dia 7 de setembro de 1922, á beira do mesmo arroio, sobre a mesma collina e á mesma hora, a scena memoravel de sete de setembro de 1822.

Não é difficil e nem custará muito caro nomear uma pequena commissão que estude com verdade e com gosto organize esse famoso quadro historico, presenceado no momento por toda a população paulista e por milhares de forasteiros. Depois da scena no Ypiranga, o cortejo imperial entrará pelas ruas de S. Paulo, trombetas soando, os velhos dragões de milicias escoltando o vulto do primeiro imperador e dos seus companheiros. E, em cada esquina, as mulheres paulistas de hoje amarrarão nos braços dos soldados e dos cortezãos os mesmos laços de fita verdes e amarellas, com o distico "Independencia ou morte", que as suas avós, ha um seculo, amarraram nas mangas das fardas e das casacas doquelles que nos deram a liberdade.

O governo de S. Paulo tem o dever moral de fazer essa commemoração, ensinando aos filhos do seu Estado, com uma lição pratica, a mais bella pagina da nossa historia e realizando o primeiro cortejo historico do Brasil, quiçá da America do Sul, no qual se orgulharão de tomar parte as melhores pessoas da grande capital paulista.

Sómente com exemplos desta ordem, partindo de S. Paulo, de onde têm partido os melhores exemplos para a nação, poderemos crear no nosso paiz aquillo de que necessitamos tanto quanto de ar para viver — o culto da tradição, a religião do passado, a veneração da saudade.

Porque a nossa vida nacional, o nosso futuro dependem da resolução de tres problemas: o economico-financeiro, o da instrucção publica e o do sentimento nacional. Para o primeiro ser resolvido, cremos que bastaria, com economia administrativa e o fim do proteccionismo, a creação do imposto unico, territorial. Para o segundo, será sufficiente a diffusão do a b c, que trará, forçosamente, a resolução de mil pequenos problemas, desde o eleitoral até o de saude publica. Para o terceiro, sómente a religião do passado crêa o espirito nacional, de que tanto e ha tanto tempo carecemos.

João do Norte

Gatafunhos

Caussin de Perceval, nos seus «Ensaios», dá este exemplo de lealdade:

— Samuel Ben Adia era um judeu, dono do castello de Alablak, na Arabia. Um dos mais celebres poetas da epoca anti-islamica, Imrulkais, perseguido encarniçadamente por seus inimigos, refugiou-se naquella fortaleza, com sua familia e seus thesouros. Depois, para salvar-se, sollicitou a protecção do imperador de Constantinopla, para cuja côrte foi, deixando a familia e a fortuna sob a guarda de Samuel.

O principe da tribu gáráni Harits-Ben Abi Chamir, adversario do poeta, sitiou Samuel e intimou-o a entregar-lhe mulher, filhos e alfaias do fugitivo. Tinha em seu poder um filho do judeu, prisioneiro de guerra, e ameaçava degolal-o, se o pae não lhe satisfizesse os desejos. O castellão recusou e o rapaz foi morto.

A mulher de Samuel, soffrendo a dôr horrorosa duma mãe, rompeu em invectivas contra o seu procedimento e elle respondeu-lhe:

— Basta de censuras, mulher. Ellas não me impressionam. Cumpri a minha palavra. Que outros violem a sua. Por nada violarei jamais a minha!

"Fon Fon" 20 abril 1918

"Correio Paulistano" 15 de junho de 1918

Os nossos feriados

(João do Norte)

A questão dos feriados no Brasil é uma das que mais têm preoccupado os jornalistas e os parlamentares, embora não seja de importancia capital para a vida da nação. Ainda na legislatura passada, della tratou na Camara dos Deputados o sr. Pedro Moacyr, procurando combater o exaggero de dias periados que atrapalham a vida commercial carioca. E creio que toda a imprensa, sem excepção, apoiou as suas considerações. Não ha muitos dias, um vespertino novamente voltava ao debatido assumpto, publicando interessante estatistica dos dias de vadiação em varios paizes do mundo e no Brasil, onde a sua progenie é immensa. Entretanto, o governo actual se tem encarregado de augmentar taes datas festivas, admittindo varios dias santificados pela Egreja, nelles abolindo umas tantas obrigações e facultando o ponto nas repartições publicas, o que é uma maneira suave de dar ferias.

Com effeito, é o Brasil o paiz do mundo que maior numero de feriados possue e o unico que, sob pretextos philosophicos, positivoides ou diplomaticos, feria até as datas nacionaes dos outros povos. Emquanto a França tem 18 feriados, a Italia 28, a Allemanha 20, a Inglaterra 16, a Russia 17, Portugal 8 e o Japão 15, nós possuimos simples e unicamente a bagatela de 84! Não incluimos nesta comparação os 54 feriados norte-americanos, porque, á excepção do dia da Independencia, nos Estados Unidos não ha feriados federaes. Cada unidade da federação guarda os que entende e essa cifra é a somma delles em todos os Estados.

Entre nós, o caso é mais complicado. Além dos dias de festa estatuidos pelo governo da Republica, temos os dias santos que o costume, a religião do povo, a tolerancia governamental mantêm, e os dias consagrados pelos poderes estaduaes e municipaes á insaciavel preguiça nacional.

Mal se avalia geralmente quanto é prejudicial essa facilidade de feriar dias uteis. Sómente quem labuta no commercio sabe quanto atrapalha a sua vida e o seu interesse a diminuição dum dia de venda e lucro, o fechamento dos estabelecimentos bancarios, a paralysação das transacções. Dahi a celeuma que lavra contra esse demasiado numero de feriados, muitos dos quaes perfeitamente dispensaveis.

E, actualmente, ja vai o governo procurando tornar feriados até dias que marcam victorias nossas no Paraguay, que nunca foram dias de ferias e que não devem e não podem ser. Imagine-se que uma qualquer nação européa resolva tornar dias de festa nacional as datas de suas victorias sobre os inimigos. Teria logo o anno inteiro quasi feriado. Só as cento e tantas victorias napoleonicas, de Arcole a Austerlitz e de Wagram a Ligny, matariam o anno commercial francez. A Inglaterra ver-se-ia em telas com as commemorações dos triumphos de Crecy a

18

Seringapatam, de Azincourt a Waterloo, de Trafalgar a Jerusalém. A Russia buscaria dos feitos de Donskoy aos de Suvarow uma série de feriados. E a Allemanha encheria o almanach com as suas dezenas de Czaslau. Sorr, Leipzig, Sadowa, Sedan e Taunenberg. Um nunca acabar de dias vazios pelo mundo todo!

Embora sejamos, de accôrdo com a grande maioria da nação, contrarios a esse exaggero de ferias, não podemos deixar de justificar a sua origem e a maneira por que elles se implantaram no nosso paiz. Tantos feriados não foram creados unicamente pela vasta preguiça brasileira. Não. A madraçaria nacional ajudou-os a viver. Mas a sua nascença foi devida ao sentimento claro e caridoso dos colonizadores, que, mau grado os ataques de que são alvo, tinham muitas vezes uma noção pratica e optima das cousas.

Num paiz tropical, cujo clima induz á indolencia, cujo céo de anil e o eterno verde da matta mostram ao homem menos necessidade de esforço e poupança do que nas regiões frias e de rudes invernos; num paiz em que todo trabalho é, pelo proprio ambiente, uma faina, nada mais justo do que augmentar os dias de descanço.

Dahi partiu o movimento que fez a Egreja decretar para o Brasil dias santificados especiaes e nasceu o costume de zelosamente se guardarem mais essas datas de folga, pois que os domingos sós não eram sufficientes. Logo após terem gorado as tentativas de escravização dos indios, em as primeiras levas de captivos africanos, os dirigentes portuguezes condoidos da sua dura sorte, do labor continuo sob o chicote dos feitores, fizeram sempre o possivel para o augmento desses dias de descanço, que minoravam a aspereza de viver do negro. A religião, como sempre, teve alto e carinhoso papel nessa pequena questão social. E nunca mais houve fazendeiro que deixasse de respeitar os dias de guarda, unicos em que entrava um pouco de fartura e alegria nas senzalas.

O respeito a esses dias sagrados, em que o trabalhador preto tinha merecido folga e melhora de rancho, tornou-se geral e tão sagrado, que horrorizava as populações a menor violação da regra. Tanto assim que, no interior, as lendas demonstram o que acabamos de affirmar. Em 1910, no valle do Paraopeba, em Minas, detivemo-nos deante duma ruinaria á beira d'agua, perto da povoação de S. Gonçalo da Ponte. E perguntámos ao arrieiro o que era aquelle casarão demolido pela agua do céo e invadido pelas plantas da terra. Elle nos respondeu:

— A antiga fazenda dum padre rico, que tinha muitos escravos e os fazia trabalhar até nos domingos e dias santos. Um sovinão! Morreu e a alma penada delle apparece entre essas paredes, nas noites dos dias santos, tocando um sino e gritando em voz fanhosa: "Hoje é dia santo! Hoje é dia santo!"

A mesma lenda existe no sertão cearense e já a registámos em um dos nossos livros.

A monarchia encontrou a quantidade enorme de dias santificados que a colonia lhe legou. Augmentou-os, fazendo mais alguns dias de festa official e fomentou o velho, ancestral respeito pelas datas da Egreja, com a qual era constitucionalmente ligada. Veiu a Republica. Creou maior numero de feriados e aboliu os dias santos. Mas a veneração popular e a força do habito os mantêm. Não se arrancam facilmente certas usanças dos povos. De maneira que não é condemnavel, sob esse aspecto, a tolerancia dos governos, consentindo na observancia das festas da religião. Certo, o numero de dias perdidos, para os negocios, nessas condições, é grande e os interesses e o mecanismo da vida actual exigem sua diminuição, justissima, necessaria, urgente até. Comtudo a origem dessas férias não é vergonhosa, sim humanitaria e de accôrdo com as condições do clima, do meio e da raça. Convenhamos que estas ultimas tenham mudado, porém, convenhamos tambem que os costumes nacionaes, com a sua velocidade adquirida no correr de seculos, não pódem ser modificados ao sabor das opiniões dos jornaes. O remedio ha de vir a essa situação, diminuindo os feriados, mas ha de vir lentamente e opportunamente.

João do Norte

"Fon Fon" 18 maio 1918

Garatujas

Foi num livro recente, *Cedrim*, do Sr. Albino Costa, escripto em portuguez e estylo de lei, que eu li uma symphonia do verde, feita em prosa, mas talvez com tanto vigor quanto aquella de Bilac, no *Caçador de Esmeraldas*, feita em versos maravilhosos.

Eu já conhecia, em materia de estylo e de originalidade duas admiraveis symphonias de côres. Uma, a do vermelho, escripta por Varmiento nas paginas monumentaes do *Facundo*. Outra a do cinzento, escripta por um narrador nacional de coisas do nordeste brasileiro.

Mas nenhuma destas tem a grandeza e a belleza da symphonia do azul que é o cahir da tarde na bahia de Guanabara, isto é, do Flamengo, nestas tardes ligeiras do começo do inverno, quando são azuladas as serranias da Estrella e dos orgãos, azues cobalto as aguas do mar, azues escuros os vultos dos morros, azues negros os reconcavos das enseadas, azues cinzas as neblinas distantes, azues enverdinhados os vultos dos navios, azul turqueza o ceu immenso e toda azul a propria luz crepuscular.

1º junho 1918

Garatujas

Um pequeno traço é quasi sempre sufficiente para se conhecer o caracter dum individuo. Uma feita, eu era menino e assistia a briga de dois collegas de classe, verdadeiro duello de petelecos, num areial, por traz da igreja do Sagrado Coração.

Repentinamente, um delles, se abaixa, apanha um punhado de areia, atira-o nos olhos do outro e, aproveitando-se da cegueira momentanea do adversario, esmurra-o á vontade, com covardia. Separei-os. Tive nojo. Afastei-me, fazendo pessima idéa da alma daquelle villão. Tenho lhe acompanhado a vida de longe elle nunca desmentio o meu conceito. Sempre tem vivido lançando terra aos olhos do proximo, nas occasiões difficeis.

Esse facto faz-me ficar de accordo com Paulo Hervieu naquelle seu monumental discurso sobre a Guerra, em que compara as effiges dos sellos da França e da Allemanha. A primeira uma mulher leve e sympathica semeando *á tout vent*. A segunda uma tarasca encouraçada de aço, apertando na garra egoista o punho da espada. Este pequeno traço mostra a alma dos dois povos.

29 junho 1918

Gatafunhos

Minha querida amiga. A sua pergunta amavel, disfarçada com o elogio do meu pseudo bom gosto, deu-me um grande prazer. Como deve fazer o berço de seu filho? Esta interrogação deu-me a justa medida do seu caracter e do seu coração. Julio Simon ensinou me o seguinte: «C'est á coté d'un enfant qu'il faut voir une femme». E eu a estou vendo na sua pequena carta com a sua alma de luz e o seu coração de oiro.

O berço de um filho não está destinado ao cabotinismo dos mueus como o de Jacques I, de Henrique IV, do duque de Bordeaux ou do Rei de Roma. Deve ser simples, com muitas rendas e laços côr de rosa. Ha muita gente que se ri hoje em dia do azul e do côr de rosa. Eu ainda não cheguei a essa degradação. Nem você. Não queira de ferro, banal, como os do catalogo do «Bon Marché». Procure arranjal-o de madeira, em estylo italiano, com amores que farandolam em torno, levemente esculpidos. E quando precisar dum compadre não esqueça do seu amigo *Claudio França*.

"Correio Paulistano" 15 de Maio de 1918

OS PARDAES

(João do Norte)

A maior parte das cidades do mundo tem os seus animaes predilectos, como si foram mascottes de sua propria existencia. Veneza possue os pombos grulhentos de S. Marcos, que a vaidade dos viajantes alimenta deante das machinas photographicas. Constantinopla mantém os seus cães celebres. Sofia tem os ratos; Roma, os gatos selvagens do Fôro Trajano, que inspiraram Rodó; Gibraltar, os macacos, os últimos macacos da Europa; Victoria, os urubu's; Campinas, as andorinhas alojadas á custa da municipalidade. Emfim, Paris orgulha-se dos seus pardaes garotos, celebrizados nas paginas bohemias da geração sentimental de Gautier e de Henri Murger.

Foi certamente pensando nisto que o prefeito Passos quiz dotar o seu querido Rio de Janeiro com um **porte bonheur** de azas. Mas o seu espirito viajado perdera um pouco do seu nacionalismo. Ao envez de lembrar-se da protecção aos ticos-ticos, resolveu importar os **moineaux parisienses**, dando razão ao velho brocardo italiano: **tutta la moda vicne di Francia.**

E por isso tivemos os primeiros pares de pardaes installados no arvoredo majestoso do Passeio Publico e nas moitas da praça da Republica. Proliferaram e viveram em paz.

Agora, surgiu na Sociedade Nacional de Agricultura uma formidavel reclamação de pequenos agricultores cariocas contra o passaro extrangeiro. Os jornaes occuparam-se com a questão e travou-se a controversia. Tal qual no caso, já passado, da guerra aos urubu's, uns apregoando as excellencias do passarinho immigrante, outros condemnando a sua nociva acção.

A ave saltitante e brejeira que faz a delicia das **midinettes**, quando almoçam no jardim do Luxemburgo, que alegra a solidão dos poetas e dos pintores nas mansardas de Montmartre, que esvoaça piando galhofeiramente ao estrugir o canhão monstro que bombardeia a Cidade-Luz, nunca pensou de ser tão guerreada na terra livre do Brasil.

Será verdadeiramente prejudicial o **moineau** trazido da Europa pelo prefeito Passos?

Estamos a crer que não. Só si degenerou ao contacto da terra americana, como os antigos fidalgos iberos se mudaram em ganhadores de ouro e aventureiros sem alma, ao pisarem a riba do Novo-Mundo. Brehm, um dos mais conscienciosos naturalistas que conheço, affirma, na sua "Vida dos animaes", que o pardal, "geralmente encarado como nocivo", é, ao contrario, mais do que util. Elle não nega que esse passaro se alimente de grãos e por tal motivo cause damnos, mas assegura que a sua guerra aos insectos vale o prejuizo que causa. Acha, portanto, que o pardal é util.

A campanha que actualmente se discute na Sociedade Nacional de Agricultura já foi tratada com experiencias praticas na Prussia, ao tempo de Frederico II. Deante de consecutivas reclamações de plantadores, que affirmavam estarem os pardaes destruindo a fructa dos vergeis e os grãos da seára, revolvendo mesmo as sementeiras frescas, o governo berlinez declarou guerra aos passaros. Estabeleceu o premio de seis pfenings a quem apresentasse um cadaver de pardal. Foi uma guerra de morte. Todo o mundo caçava os pobres bichos. O orçamento prussiano teve de incluir uma verba de milhares de marcos para occorrer a essa despesa extraordinaria. E os pardaes se acabaram.

O resultado foi descoroçoante. Dentro de algum tempo, os mesmos plantadores requeriam ao rei a volta dos pardaes, tal era o mal que estavam causando a searas e vergeis as cochonilhas, as carôchas, os besouros, as formigas, os mosquitos, as abelhas selvagens, todos os minusculos inimigos das plantas uteis A lei foi revogada e os pardaes ganharam paz até hoje, merecendo mesmo decretos de especial protecção. Os seis pfenings da recompensa pela morte dum desses passarinhos tornaram-se em multa por identico motivo.

Quem sabe aqui não se estará passando um facto semelhante. Talvez dentro em pouco, o sr. Miguel Calmon leia na Sociedade de Agricultura novo abaixo assignado de cultivadores do Districto Federal, implorando o retorno pacifico dos pardaes.

Paris foi no passado o paraizo dos pardaes. Hoje é Nova York. Pardaes brasileiros, mudai-vos para a Quinta Avenida ou para o jardim publico onde começa a sexagesima segunda rua! O celebre zoologista Brewer escreveu uma monographia sobre essas avezinhas, demonstrando que a ellas devem as arvores dos logradouros parisienses nunca deixarem de ter folhas, pois comem os insectos que costumam devoral-as. Nesse trabalho, o velho sabio dá conta dos espantosos resultados da importação dos pardaes em Nova York, onde os insectos damninhos desappareceram.

E desde 1867 a municipalidade nova yorkina abriga em casinholas de pau e alimenta a milho, arroz e trigo os seus **moineaux** officiaes.

Ainda é o mesmo doutor Brewer quem assegura ter sido o governo australiano obrigado a importar pardaes para destruir os insectos atacadores dos pomares.

Longe de nós defendermos os pardaes importados pelo prefeito Passos. Alinhamos sómente alguns factos e opiniões que poderão esclarecer os seus guerreadores, opiniões aliás de certo peso. Temos uma certa predilecção por esses pobres bichos, porque sempre lembrarão a acção desse grande homem que os trouxe dos telhados de Paris, certo de que não vinha expôr a sua descendencia aos tiros e armadilhas dos hortelões de Engenho Novo e Santa Cruz. Espirito elegante e sabio, discreto e fino, fugido das paginas dos livros francezes para a administração publica do seu quasi barbaro paiz, a sua intenção foi artistica e alta e nunca lhe passou pelo espirito que mãos cheias de terra das leiras e de estrume dos canteiros fizessem um dia guerra aos descendentes dos passaros que espiavam pelas vidraças duma agua-furtada Gautier resomnar de calças vermelhas e Musset escrever os seus versos eternos. Como a bruteza das realidades praticas da vida esmaga todo e qualquer ideal!

Queremos crêr que o pardal é antes util do que nocivo, embora não tenhamos por elle aquelle enthusiasmo ignorante que fazia Rasis escrever com a sua grossa penna de pato este periodo:

"O esterco do pardal tira as manchas da roupa. Cozido com azeite, acalma as dôres de dente, porém, é muito picante, segundo affirma Plinio. Misturado á banha de porco cura a calvicie e a febre."

João do Norte

"Fon Fon" 25 mai. 1918

Gatafunhos

Quando me apeei do cavallo naquella pequena praça da povoação da Volta Redonda, entre a agencia do correio e a cabeça da ponte que leva á estação da Central do Brasil, lancei um curioso olhar em derredor.

O Parahyba corria magestoso e barrento entre as margens baixas ensombradas de ingazeiras. O martello dum carpinteiro batia nos madeiros duros da ponte. Gritos de gaviões vinham da mataria ensolada. E sobre os terrenos agricultados cahia toda a gloria da luz.

Junto a mim, na fachada duma venda, negrejava grande lettreiro.

Li-o. «Armazem Encyclopedico». Transpuz a porta e pedi cigarros e phosphoros. O vendeiro, mulato gordo e sorridente, serviu-me com presteza. Paguei e perguntei-lhe:

— Porque seu estabelecimento se chama «Armazem Encyclopedico»?

Elle descobriu duas fileiras de optimos dentes num sorriso franco e retrucou:

— Porque vende de tudo.

"Fon Fon" - 27 julho 1918

GARATUJAS

A proposito duma taboleta de bonde andam ahi os jornaes a falar em chaleirismo, como se adiantasse alguma cousa tanta grita por questão de tão pouca valia. A adulação nasceu com o mundo e somente com o mundo acabará. Em todos os paizes, em todos os povos, em todas as sociedades, em todos os meios a lisonja vive, medra. Por toda a parte encontra caminho. Rabelais disse que o riso era proprio do homem. Esqueceu affirmar que a bajulação tambem o é.

Ninguem escapa a esse vicio por demais humano. Ninguem. Até os santos mais austeros caem nelle a proposito dum pequeno enthusiasmo ou dum sentimento admirativo. Descamba do louvor para a adulação.

Elogiando a veneravel Paula, diz São Jeronymo numa carta á virgem Eustochia: «Mesmo se todos os membros do meu corpo se transformassem em linguas, cada uma com uma voz humana, tudo isso ainda seria pouco para cantar os louvores da sua virtude.»

Eia, chaleiras do mundo! A postos! Pegae esta phrase admiravel e applicae-a nas nossas lisonjas babosas aos poderosos do dia. Nunca podereis dizer mais nem melhor.

20

"Correio Paulistano" 17 de março de 1918

O esquartejamento do urso branco

(João do Norte)

Das infindas steppes da Scythia e da Sarmacia, sempre envolta no cinzeiro das neblinas e das nevoas, vinham alluviões de barbaros contra as fronteiras romanas. Gepidos, herulos, vandalos, hunos, esclavões, brandindo armas brutas, arrastando carros de toldos amarellos, volteando em cavallos tartaros, passavam e raias e saqueavam, chacinavam as ricas provincias de Roma, até que um dia a derrubaram. E contra o imperio bysantino a lucta continuou com seus prós e percalços através os seculos.

Os grandes principes de Hiew, os knezes da Moscovia, traziam as suas tropas afaimadas contra as riquezas sumptuosas do imperio. Ora, os basileus decadentes, decrepitos, degenerados faziam pazes vergonhosas, ora a energia dum Cesar excepcional e a valentia dos eunuchos generaes, paradoxo historico e real, derrotavam as hordas sanguinarias. Igor veiu com as suas galeras do mar Negro até ás aguas do Bosphoro queimar as naves surtas nas taracenas e varadouros do Corno de Oiro. Oleg transpoz o Danubio e devastou as terras até Adrianopolis. Mas Sviatoslaf foi batido duas vezes por João I, o basileus usurpador e heroico, o grande autokrator, o immenso Tzimiscés.

O esplendor de Bysancio seduzia a mente dos povos miseraveis que ervavam nas planicies geladas. Mesmo os moscovitas dos grãos duques de Wladimir, subditos de Dmitri Donskoy e de Ivan o Terrivel, tributarios dos tartaros do Kaptchak, dos Khans da Horda de Oiro, mesmo esses sonhavam com a posse de Constantinopla. E nem o perpassar dos seculos e nem as vicissitudes da historia apagaram no coração do povo russo o ardente anhelo, a cobiça eterna da metropole bysantina. Pedro o Grande legou aos seus descendentes esse desejo incontido, que explodiu ainda em 1877 e nos nossos dias.

A alma da gente da steppe, açoitada pela eternidade dos invernos, sonhou sempre um céo mais azul e um clima mais doce.

E dahi, o perigo constante que a Russia sempre foi, não sómente contra Constantinopla ottomanizada e villipendiada, porém contra toda a civilização do occidente.

Si o impulso das suas hordas parou na Europa central e só alcançou uma margem do Adriatico, é que as resistencias oppostas foram demasiado fortes e a civilização mediterranea affirmou ainda uma vez, como o fez no Marne, no Yser, em Verdun, em Amiens, a sua coragem de viver.

Por trás do perigo allemão se escondia o perigo moscovita, como por trás desto se occultára o perigo amarello. O fluxo de barbaria vem sempre do oriente. Mas por um desses interessantes e quasi inexplicaveis phenomenos sociologicos a propria Allemanha se encarregou de annullar o perigo russo durante muitos seculos. Assistimos ao esquartejamento do ameaçador urso branco, que fazia o que mandava a autocracia, pela mão allemã.

Foram agentes allemães que fomentaram a revolução russa, aproveitando habilmente a atmosphera creada pelo czarismo. São influencias allemãs que conduzem a Finlandia e as Provincias Balticas. E' a mão de ferro da Allemanha que asphyxia os ultimos estertores dos soviets.

O grande imperio oriental europeu apagou-se do mappa. Não ha mais Russia. Ha a Esthonia, a Curlandia, a Livonia sob o guante tudesco; a Lithuania, a Polonia, a Ukrania com uma independencia ficticia; o Caucaso, o Don, a Siberia, republicas desorganizadas; a Finlandia com a lucta sangrenta entre a Guarda Branca e a Guarda Vermelha; a Moscovia debatendo-se na anarchia popular. A Romania readquire a Bessarabia. A Turquia apodera-se da Georgia e da Circassia. Os grandes Khans de Khiva, de Bukhara e de Khokhend emancipam-se. O imperio desmantelou-se e tombou.

Quem sabe si não virá dahi, desse desmantelo e dessa agonia, um grande bem para o occidente civilizado, livre por muito tempo dos horrores de novas invasões? Porque ha de existir sempre no psyché das raças alouradas do septentrião, nascidas na neve, o desejo dum céo melhor, quando o numero de habitantes excede a producção das suas terras. A kultur sem sentir trabalhou talvez pelo futuro da civilização.

E não ha que lamentar a sorte dos russos de toda a colcha de retalhos que é hoje o antigo imperio, porque, por peor que seja a anarchia actual, deve ser algo melhor que o sombrio horror do czarismo, réplica degenerada da autocracia bysantina.

João do Norte

Gatafunhos

Os feitos maravilhosos de aviação actual, o *looping the loop* de Garros, as façanhas dos officiaes francezes abatedores de aviões germanicos, os *raids* de Gabriel d'Annunzio, nada são diante dum *milagre aereo* de que fallam livros santos.

Andar pelos ares em aviatiks, gothas, taubes, zeppelins, bleriots, monoplanos, aeroplanos, hydroplanos, dirigiveis, azes e *tutti quanti* é relativamente facil. Andar como Ezequiel andou, de viagem para Jerusalem, onde hoje adejam aviadores britannicos, é que é. E não consta que o bom do propheta tenha ao menos sentido uma dôrsinha de cabeça, mau grado o esforço feito.

Emfim, perguntará o leitor, que aconteceu a Izechiel?

Nada mais, nada menos do que isto que o grande S. Jeronymo conta numa sua epistola, a XXIII, dirigida por Paulo e Estochia a Marcilia: «Irá além das vastas aguas do Chobar, de onde o prophela Izechiel foi transportado por um fio de cabello até Jerusalém».

Hoje em dia não ha mais desses cabellos antigos. Os nossos, influenciados pela electricidade, o gaz o wisky e não sei que mais, em-

"Fon-Fon" 13 julho 1918

branquecem muito depressa, caem a tres por dois e não supportam mais peso nenhum. Izechiel nos dias que correm teria levado um tombo e tanto...

Garatujas

Lendo um optimo livro sobre religiões antigas, detive-me no capitulo. talvez o mais curioso, relativo as velhas doutrinas chinezas. E entre muitas cousas interessantes encontrei esta singela noticia, terminando o periodo que narra o tavismo politico: «No anno de 932, o turco Li Se Yuen fez editar pela primeira vez, por meio de pranchas gravadas, os classicos confucianistas, que até então era difficilmente, copiado á mão».

Assim, todas as descobertas e invenções são obra chineza e até de turcos emigrados para a China longinqua. A polvora, a bussola, a imprensa, nasceram na China. Paciencia! Resignemo-nos nós, os occidentaes, a nada termos inventado. Mas eu prefiro pensar que, como os chinezes foram um mundo moral e intellectual á parte, as suas invenções são sómente delles e as nossas sómente nossas. . .

Entretanto, á margem do tal livro, unicamente me atrevi a escrever esta pergunta:

— E Guttenberg?

O germanophilismo vocabular do sr. Elpidio Mesquita

Ninguem ignora que o sr. Elpidio Mesquita, deputado federal por Toca da Onça e outras adjacencias, na Bahia, moderno Papiniano dos escriptorios do Café Cascata, é um germanophilo **enragée**. Fiel cumpridor do seu programma germanophilo, resolveu depois de velho aprender allemão, pouco ligando ao proverbio que ensina que "papagaio não aprende a falar". S. ex., que jamais cuidou de aprender portuguez, anda verdadeiramente atarefado com a sua aprendizagem do rebarbativo idioma tedesco.

A pedido dos srs. Theodoro Wille, Dannemann e varias familias allemãs, resolveu começar as suas lições da lingua de Goethe e Schopenhaueer. E, para não gastar uns cobres com professores, decora nos bondes os significados tirados dos themas da grammatica de Neumann.

Ainda na segunda-feira ouvimos no bonde do Largo dos Leões, ás dez horas da manhã, lendo, em papel timbrado da Camara, uma lista de vocabulos teutonicos com as suas traducções vernaculas, que pacientemente decorava, coçando a todo o momento o seu cangote despido de vegetação. Entre as palavras do vocabulario, podemos, indiscretamente, ler as seguintes: **Gesicht** — rosto; glied — face; schnurbart — bigode; schafskopf — **é elle!**

Como é que um representante da nação offende, assim, publicamente, a neutralidade nacional?

"Brazil Cultural" 18 abril 1918

21

"Correio Paulistano"
31 mai 1918

RHODOPE

João do Norte)

"Le roi, emerveille et par la singularité de l'aventure et par la beauté de la sandale, chercha par tout le pays la femme á qui elle avait appartenu, et c'est ainsi que Rhodopis devint reine d'Egypte."

(G. Maspero — "Histoire ancienne des peuples de l'Orient.

Era na época em que partiam, nas grandes barcas, para Bubastes, as peregrinações religiosas, com mulheres, coroadas de flores, tocando pandeiros e tamburahs, e homens assoprando frautas de barro. Ainda não apparecêra Ack, o crocodilo precursor da cheia do Nilo, que precedia as aguas verdes de mattos arrancados e as aguas vermelhas das barreiras cahidas.

O rio arrastava-se vagarosamente por entre os caes da admiravel Naukratis, "flor do delta", "poderosa navegadora", que nesse tempo era, por um decreto pharaonico, o unico porto egypcio onde podiam ancorar as ligeiras hemiolias e cumareas, os elegantes catascopios, pentecontoros e strongylos do Archipelago, as escaphas pesadas e os lembis fortes do golfo das Syrtes. Nenhum navio podia transpôr outra barra do lodento estuario que não a Canopica ou Heracleotica. O monopolio alfandegario, assim estatuido, fôra a base da monstruosa riqueza mercantil da cidade. Mesmo si, forçada por tempestades, perseguida por myoparoves de piratas, uma geseoreta carregada com o saboroso garum de Sambracia, uma horiola costeira penetrasse nas boccas Tanitica, Bolbitina, Sebennitica, Phutmetico e até na Pelusiaca, tinha o seu capitão de jurar, perante as autoridades severas, por Melkarth ou Zeus, a involuntariedade da acção.

Naukratis, mais grega que egypcia, com seu porto protegido por uma Artemisia maritima diademada de lagostas, de pé sobre o mólhe, hellenizára-se ao contacto commercial das ilhas proximas. O decreto real mais alargára sua influencia. Seu renome enchera o Mediterranco, do Palus Meotis, ás columnas de Hercules. Sua fama correria pelo mar Vermelho, das ilhas Sapirenas ao golfo dos Icthyophagos. Frequentavam os seus varadouros os hippos gadiritas, que trazem na prôa uma cabeça de cavallo, as órias que conduzem orcos e congros das salgadeiras do Ponto Euxino e as céletes da gente de Lemnos, descendente dos Sintios, que acolheram Hephaistos quando tombou do Olympo.

Os marmores claros, os granitos de Silsileh, os calcareos de Mokattan dos edificios reflectiam-se tremulos na agua preguiçosa. Nos jardins, palmeiras esguias ramalhavam lassamente. E o céo encinzentado do Egypto pesava sobre as cousas, soturno e abafador.

Numa volta do canal de Sakharah, erguia-se um palacete de porphyro verde.

As paredes lustrosas das fachadas inclinavam-se, estreitando-o no alto. Entre columnas, que relembravam pelos atilhos os velhos feixes de zanniço, entalpados de lama, das construcções primitivas, terminando em capiteis com a forma da flor do lotus, para imitar as plantas que desabrocham no ar, abria-se uma porta trapezoidal. Na moldura larga, espalmava as azas o milhafre sagrado e luzia, dourado, num vibrante contraste com os ornatos egypcios, uma inscripção grega, simples e alegre.

Sobre o terraço, junto ao parapeito polido, num divan de correias trançadas, afundando-se mollemente em fulvas pelles de leão, descançava a sensual Rodhope. Um braço aivo e roliço pendia fóra do leito e o olhar seguia a lenta correnteza das aguas, fitava madeiros carunchosos derivando em rodamoinhos. Elevava-se, pousava na nodoa escura das azas dos grous, voando muito alto, emigrando para o paiz dos pygmeus. Ainda se divertia com o fluctuar das côres sagradas nos galhardetes verdes, azues, brancos e vermelhos, içados nos mastros dos templos. Mais um momento, as palpebras cançadas fechavam-se e quando, de novo, lentamente se abriam, elle se extendia pelo azul parado do mar, procurando avistar a galera em que Karaxo vinha de Mytilena, todos os annos, á terra fertil do Egypto.

O sol riscou de vermelho o céo para os lados de Sais. Raios feriram os pyramidions de ouro dum obelisco. Leve claridade espalhou-se nas planicies, além do casario, onde o sólo alimentava os trigas flavescentes e se erguiam, á beira dos campos, os stélos consagrados a Nu, agua primordial, a Gabu, terra fecunda. O grito do vigia da barra Canopica, annunciando a noite, varou o ar, duro e cortante como a voz de Ramsés appellidando ao combate as legiões de Sotek.

Entre folhas de lotus, de papyrus, de lirios e de byblos, nos lameiros de ao pé dos cáes, passeavam ibis, gravemente, como guerreiros chardanas montando guarda aos pylones reaes de Memphis. Alvejava entre casarões escuros o frontão do Pan-Hellenion, elevado á custa de nove cidades gregas, dominando as columnatas, dos templos de Hera e de Zeus, onde descançavam vultos brancos de cegonhas. Ao longe, num comoro, reluzia tocada de sol a estatua de basalto verde dum rei antigo, Miriri ou Usitarsen, com um gerifalte de azas abertas sobre a cabeça. No terraço dum santuario, corriam cynocephalos.

Rodhope esperava o amante, que a cobria de riquezas, mas que sua ambição e seu amor desprezavam. Mais bella que Eos dos dedos côr de rosa, que Thetis dos pés de prata e que Athena dos olhos claros, como os poetas cantavam, sonhava dominar os homens e governar os imperios. Cerrava os longos cilios escurecidos com antimonio, vendo com os olhos da alma o triumpho dos seus desejos. Então, se estirava toda sobre a sigma felpuda, cruzando os pés calçados de minusculas sandalias de couro do Epiro, bordadas a perolas, com incrustações de saphyras por entre os lavrões dourados, tão ricas quanto as da celebre Lamia, regio presente de Demetrio Poliorcetes, inventor do helepole e senhor da Macedonia.

Filha de Hephestopole de Samos, Rodhope nascêra na Thracia e se educára a vêr o treinamento dos homens para o pugilato e o disco, a creação dos garanhões para montaria dos cataphractas. Ao sahir da puberdade, poderia disputar com vantagem o premio de formosura a Lais, a Kleiné, que teve estatuas, a Demonassa de Korintho e até á bella Alcé, que Pythagoras affirmava ter sido uma de suas encarnações. A nomeada de sua belleza extendera-se da Pamphylia á Trinacria, de Gades a Tadmor. Os argivos chamavam-na "dorica" e diziam que, no Egypto, por sua influencia se erigira a pyramide de Mykerinos. Outros davam-lhe os appellidos da divina Heré: "deusa dos braços brancos e dos olhos de ouro". Della falavam os soldados nos acampamentos de Elephantina, os guias das caravanas, que atravessam o deserto para trazerem o silphium de Agazymba, os pilotos das prorumias navegando para as Cassitéridas, de onde vem o estanho, remontando as costas além da Maurusia, na visionaria cobiça do ouro.

Em Samos, nos ergastulos de Yamdon, fôra escrava em companhia de Esopo, vindo da Phygia. Muitas fabulas do corcunda pagára com beijos. Preço melhor elle nunca recebêra. Levou-a ao Egypto, esperando lucros, o equivoco Xanto, negociante de escravas, fornecedor dos dicterions do Pireu, traficante de auletridas para os festins athenienses, vendedor de hetairas para os jardins do Ceramico, explorador de bordeis em Epheso, em Asiné, em Halikarnasso, mercador de cortezãs para os prostibulos de Canope, de Pelusia e de Naukratis. Ahí, Karaxo, commerciante de vinhos, filho de Skamandronymo e irmão de Sapho, a poetisa "mascula", mercou-a a peso de ouro.

Insulado na rica mansão, vigiada por escravos fieis, a ambiciosa mulher entediava-se e só tinha um pequeno prazer: a chegada do amante, que mandava aromiar com tripodes de resinas perfumosas a sala das festas, nella reunindo musicos, dançarinas e ephebos, ou lhe mostrava objectos curiosos, joias raras, estatuetas delicadas de Myrina.

Estava só no terraço. As servas tinham descido. Espiraes de fumo azulado desprendiam-se das caçoletas de perfumes. Uma aguia bordejava, ao alto, na pallidez do céo. Soarem perto tubas de guerra. A grega debruçou-se para a rua.

Passava um cortejo real. O divino Ahmés, da vigesima sexta deprastia, visitava a cidade, que protegia carinhosamente desde que se apoderára do throno, expulsando Aphté, o conquistador de Chypre, toda verde de parras, rica de cadmio, de spodio e de vitriolo. Cadenciados e rijos, marchavam os frecheiros da guarda, saggitarios de Creta e do Moab, as tunicas vermelhas com calasiris de ouro, carcaz ao hombro, longo arco na mão, a tiracollo o escudo rectangular mordido no alto por uma rosacea rubra, amarella e azul, cobertos com mitras pelludas como os antigos soldados de Babylonia. Depois, espalhando o som das trombetas de bronze, negros vigorosos do Harusck e de além dos Garamantos, no confim do deserto, onde os elephantes enterram as presas que cáem de velhice, dos limites da Ethiopia com a região dos anões, onde vive o Catopléas, serpente preguiçosa que mata com o olhar. Logo, entre lanças de hermotybios e leques de flabelliferos, Ahmés garbosamente conduzia a quadriga real, de rodas incrustadas de nacar, marfim e gemmas, a frente colorida por hieroglyphos e cartuches. Os corceis brancos encurvavam o pescoço aos puxões das rédeas de purpura, tranqueando. O pharaó, hirto e solenne, erguia a face majestosa, emmoldurada pelas abas cahidas da calantica azul: e a vibora de ouro que lhe sahia da fronte vibrava toda aos solavancos do carro. Seguiam-se as insignias da realeza e da nação, rematando longas varas de acacia: cabeças de Hathor, de Neith e de Ptah; gypaetos, globos alados, urœus, maxillas de crocodilo, deuses ibiocephalos, anubis de ouro com olhos de carbunculo; baris mysticos de Hor, de Khum e de Ammon-Ra, a cara de gavião de Harœris e a cabeça de touro de Khnumu, modelador da terra. Acotovellavam-se sacerdotes com alvas oureladas de azul, dignatarios da ordem civil da

mosca, astrologos phenicios de simarras escuras, œris balançando as plumas de avestruz do capacete e ostentando os collares de pedraria da ordem militar do leão.

A aguia voava mais alto. Rodhope, sorrindo, tirou uma de suas sandalias, atirou-a sobre o carro real e escondeu-se.

O prestito parou num espanto. Mercenarios jonicos ergueram os olhos: avistaram a ave sagrada, abaixaram as sarissas e ajoelharam. Curiosos, os egypcios de pés longos e cabeça grande, os operarios de orelhas e nariz cortados, os marinheiros de Myos Hornos, a gente de Pelusia, que não comia cebola, porque cresce quando a lua diminue e mingua quando a lua augmenta, apertavam na rua irregular a passagem do sequito. Batedores brandiram azorragues de couro de hippopotamo: pelas viellas sordidas, pelas betesgas lamacentas o povilêo se escovou em silencio.

O pharaó apanhou a sandalia, viu a aguia, relanceou um olhar pelos terraços desertos e recolheu pensativo ás salas hypostilicas da sua moradia. Não dormiu, porém um instante, apesar dos medicos syrios lhe haverem matado a sêde com agua de elleboro branco e negro da ilha de Anticyra, que estivera, num vaso de barro de Oph. exposto ao sereno, e ao orvalho nos degraus do templo de Osiris.

Mal o sangue da aurora tingiu o horizonte, estava de pé. Dos corpos de guarda ao gyneceu borboletearam ordens. Um tetrarcha de hoplitas, cercado de soldados, percorria as casas. Em cada esquina, um trombeteiro eitriopico soprava a tuba sonora. E escravas phenicias procuravam calçar a sandalia de Rodhope em todas as mulheres que encontravam.

Experimentaram-na nas matronas gordalhufas e nas donzellas esguias, nas prostitutas do canal das Lamas e nas tecelonas do becco do Ibis Morto, nas bojudas camponezas de Sint, nas femeas dos marujos que iam ás ilhas de Eolo, ás Afortunadas e ás Gymnesias buscar peixe, nas tintureiras vindas da cidade dos Exitanos e até nas mulheres rescendentes a alho, que traziam comsigo os mercadores de Helatompyla.

Durante quatro dias, o pharaó divertiu o seu furor, vendo os mensageiros infelizes atirados á fossa dos leões. No quinto, porém, o Oeris encarregado da diligencia trouxe-lhe Rhodope, que fôra encontrar pensativa e risonha no palacete em cuja porta brilhava, sob as azas egypcias do milhafre, um verso attico á gloria e ao prazer de Aphrodité Geribasia e Callypigia.

A' noite, o paço real tumultuou em grande orgia. Lampadas de oleo perfumado de Sillicipryo illuminaram as pesadas columnatas engrinaldadas de lotus, symbolo do sol, e os grandes entablamentos pejados de inscripções hieraticas. Tiniram sobre as mesas de pedra repousando em sócos de pedra, espatulas, copas e pratos de ouro. Derramaram-se ôdres e amphoras de vinhos raros: de Cós, de Rhodes, de Chios e de Parthenope. Perpassaram em farandolas lascivas, nuas entre gazes claras, auletridas e tocadoras de sistros. Escravos nahasis, com os braços riscados de manilhas de cobre, saudavam os convivas á maneira egypcia, pondo a mão no joelho, antes de lhes servirem o tenro grou de Melos e o perfumado cabrito de Ambracia.

Alnnés, o victorioso audaz, sagrava a nova favorita, passando-lhe ao pescoço um fio de ouro de que pendia, talhada em escaravelho, uma enorme esmeralda, gemea da de Polykrates, tyranno de Samos, que Theodoro, filho de Peleade, o maior ourives, encastoára. Depois, erguendo a taça, o pharaó perguntou:

— "Que mais desejas, Rodhopes? Dize e eu te darei o que pedires, afim de satisfazer teu ambicioso capricho para sempre. Possues o pharaó, és dona do Egypto e, para nella seres sepultada, farei terminar a pyramide de Mykerinos, egualando-te a Kephreu e a Nitokris. O teu sepulcro será eterno como a fama de tua belleza, como a memoria dos antigos e divinos reis. Que mais queres?"

E ella, sorrindo, respondeu:

— "O impossivel, porque tudo isso uma outra mulher, tão bella e feliz como eu, poderá ter. Assim, dá-me, ó rei! o phenix de pennas vermelhas e douradas, que renasce das proprias cinzas, que é só no mundo e conduz o pae morto dentro dum ovo de myrrha."

João do Norte

"Gazeta de Noticias"
6-junho-1918

Os trapeiros

Ainda até bem pouco tempo, não tinhamos nas nossas ruas um unico trapeiro, esse expoente da miseria popular das grandes capitaes; mas com a crise decorrente do quadriennio marechalicio, aggravada pela guerra européa, o Rio começou a ter, como Paris, os seus "chiffonniers".

E todos nós que andamos nas horas mortas da noite por essas ruas fóra, podemos ver milhares de homens miseraveis, de mulheres esqueleticas e de crianças esfarrapadas catando pedaços de papel e trapos nas latas do lixo, para encher os seus enormes saccos de lona velha.

A ninguem faz mal essa pobre gente, que ganha, assim, a sua vida com honestidade e esforço, vendendo o producto da sua pesca no cisco ás fabricas nacionaes de papel de embrulho e papelão. O governo, que nunca lhe estendeu a mão protectora nos seus dias de fome e desespero, intervem agora na sua vida obscura e mesquinha, tão sómente afim de prejudical-a, roubando-lhe as migalhas de pão que arrancam dos detrictos destinados á Sapucaia. O Sr. Amaro Cavalcanti, prefeito desta mui leal e heroica cidade, acaba de prohibir que os trapeiros remexam nas latas do lixo collocadas diante dos portões das casas.

Os homens de Estado têm a obrigação de meditar muito antes de agir, porque o menor de seus actos produz consequencias perniciosas. Essa simples ordem do prefeito, dada a fiscaes e guardas na pessoa de seus chefes directos, em amavel e brasileira palestra no gabinete da Prefeitura, entre dous goles de café, traz fome negra para muitas centenas de creaturas pauperrimas, cujo ultimo recurso era a venda de trapos e papeis velhos. E perguntamos: têm os poderes publicos o direito de augmentar a miseria que não sabem diminuir? Absolutamente não.

E' verdade que os pobres trapeiros, na maioria, não sabem ler, não compram jornaes e só terão conhecimento da ordem iniqua, quando os guardas civis, os nocturnos, os cavallarianos da policia e os fiscaes da municipalidade os impedirem de tocar nos depositos de cisco caseiro, brutalmente. Então, sentados á beira dos passeios, na dura pedra dos meios-fios, olharão os cães vagabundos catarem ossos nos mesmos depositos em que não poderão tocar, sob o olhar bondoso dos rondantes vagarosos. Mais felizes os cães, sobre os quaes não pesam posturas municipaes e para quem a carrocinha é um flagello, que volta em periodos mais longos que os da secca do nordeste e ao qual a gente canina escapa com astucia e boas pernas!

A miseravel classe, a mais miseravel de todas, attingida pelo decreto do Sr. Amaro, habita em tugurios, no alto dos morros abandonados ou dorme pelas vias publicas. Não tem certo o parco pão de cada dia, não tem escolas, não tem assistencia de ordem alguma, não tem presente, não tem futuro, nada tem. "A la belle étoile" é a sua divisa. Como defender-se da iniquidade municipal? Quem lhe ensinará a panacéa do "habeas-corpus" e quem o requereria para esses clientes que não podem pagar custas? Não se podem defender de maneira alguma e, satisfeito de sua obra meritoria, o prefeito do Districto Federal talvez murmure:

—Porque não nasceram antes cachorros, a quem eu não posso prohibir que escarafunchem nas latas preciosas do lixo particular?

Indaguemos por inducções quaes os ponderosos motivos que levaram o Sr. prefeito a dictar essa ordem. Foi por hygiene, dirão alguns; para que essa pobre gente não adquira molestias contagiosas apanhadas na sujeira em que tocam. Não serve a razão. Não se póde acreditar na caridade municipal que não ajuda os mortos de fome. Esta é a peor doença dos trapeiros. E' engraçado querer dar hygiene á força a uma casta de individuos que não têm banho, nem roupa, nem comida e que, á custa de passar mal caminham para a tuberculose. Pois a Prefeitura obrigue os trapeiros a andar como os das capitaes do velho mundo, com a sua vara armada com um pequeno harpão. Desde que elles apanhem trapos e papeis servidos, mexendo nas latas infeccionadas de longe, a metro e meio de distancia, seguindo o que lhes serve com o gancho e com este mesmo atirando o que apanharam no seu sacco receptor, está salva a responsabilidade hygienica municipal.

Outros affirmarão que o prefeito quiz impedil-os de despejar nas calçadas o conteudo das vasilhas domesticas. Tambem não é aceitavel a razão. Primeiramente, devia ser promulgada uma ordenança contra os cães vadios, mais numerosos no Rio de Janeiro do que os seus semelhantes de Constantinopla, hoje exilados numa ilha do mar de Marmara. E mesmo os effeitos decorrentes desse accrescimo de trabalho dado aos apanhadores de lixo matutino, não são sufficientes para que o poder publico arranque da bocca dos "va-nu-piers" os seus duros, pequenos e amargos bocados de pão. O Sr. Amaro Cavalcanti é profundamente injusto e deshumano nesse acto cruel.

Jámais um prefeito das grandes capitaes européas ou das immensas cidades da America do Norte, pensou em impedir os trapeiros de cavar a sua dura vida. Vienna, Berlim, Roma, Lisboa, Madrid, Haya, Copenhague, todas os toleram e quasi todas até regulamentaram a sua profissão. A Prefeitura de Paris, em 1884, ha mais de 30 annos! publicou um pequeno regulamento, pelo qual os trapeiros são obrigados a usar o seu harpão, a tirar uma matricula que custa poucos "sous" e a circular sómente alta madrugada, quando já se recolheram todos os elegantes, todos os "noceurs" e todos os estrangeiros vadios, afim de estes não conhecerem o "bas fond" da cidade-luz e não se arrepiarem ao doloroso contraste da miseria humana com a sua vida "chic".

Faça, desta sorte, o prefeito carioca. Estabeleça uma pequena matricula, no maximo de quinhentos réis, para a profissão de trapeiro, torne obrigatorio o uso do harpão, mas não impeça de vegetar a pobre gente, que nunca fez o menor mal á farta aposentadoria de S. Ex.

João do Norte.

"Correio Paulistano"
21-12-918

O primeiro-tenente Herculano de Carvalho e Silva, ajudante de ordens do sr. presidente do Estado, retribuiu a visita que fez a s. exc. o sr. dr. Gustavo Barroso, nosso illustre collaborador, que esteve nesta capital, tendo regressado hontem para o Rio.

"Correio Paulistano" 25 junho 1918

O galão branco

(João do Norte)

Infelizmente, no nosso exercito, jámais se consultam as tradições para as mudanças da indumentaria da tropa, entregando-se esse trabalho á imaginação dos sirgueiros. Dahi não possuir o Brasil um uniforme caracteristico, expressivo, verdadeiramente nacional. Ainda ha bem pouco tempo se deu um caso interessante a esse respeito.

Tendo varios officiaes reclamado que o uso geral da calça garance trazia a impossibilidade de distinguir o official combatente dos intendentes, medicos, veterinarios, pharmaceuticos e dentistas, resolveu o ministro da Guerra acabar com esse estado de cousas, creando o famigerado "laço hungaro", mettido á força numa tunica de feitio francez, nascendo, incoherentemente, de galões horizontaes e parallelos á maneira franceza. Devemos esse traço carnavalesco da nossa farda ao pouco caso pelas tradições e á ignorancia da historia da farda brasileira.

Desde os tempos da independencia, essa differença sempre houve nas vestes dos officiaes do exercito, porém logica e coherente. Os combatentes possuiam os galões presos da carcella do punho, como os actuaes, os não combatentes os mesmos galões sem a carcella, rodeando totalmente o canhão.

Agora se discute a differença a ser estatuida entre os officiaes da activa e os da reserva, recentemente creados. Falaram uns numa esphera armillar collocada entre as ramagens do laço hungaro, outros lembraram divisas mais complicadas e não tarda que se inventem novas cousas desconnéxas e sem significação ou de significação errada.

Temo-nos sempre occupado com as questões militares do nosso paiz, e, portanto, cuidamos ser dever nosso lembrar ao governo um meio efficaz, simples, decente e justificado de estabelecer a necessaria differenciação entre ambas as classes de officiaes sem offensa da esthetica e da singeleza. Será esse a adopção, sem mudança do uniforme, dos botões, galões e dragonas prateados, para os officiaes da reserva, continuando os outros com os dourados.

Talvez surja uma objecção. A de que no nosso exercito os musicos têm usado esses ornatos de prata. Não terá razão de ser. Os musicos podem abandonar essa côr de metal. Ademais, o prateado, na vida militar, jámais significou menor valia que o dourado. Muitas e muitas vezes antes pelo contrario.

Si, nas nossas praças armadas, o galão de prata não tem historia, isto nada quer dizer, porque não podemos querer manter uma tradição num caso que nada tem de tradicional, porquanto o Brasil nunca possuiu officialidade de reserva. Porém os exemplos dos outros exercitos devem ser sufficientes afim de prestigiar a idéa de que tratamos e mostrar que o prateado não traz diminuição alguma, sendo até quasi sempre adoptado nos corpos especiaes e verdadeiramente de escól.

Na França, têm botões, dragonas e galões de prata os militares empregados em certos serviços do Estado Maior, os dragões, os caçadores a cavallo e os hussares, a maioria da cavallaria, portanto, a Guarda Municipal de Paris e os gendarmes. Nos Estados Unidos os têm varias unidades da Guarda Nacional. O exercito inglez os usa em quasi todos os corpos da guarda: Coldstream Guarde, Life Guards, etc.; de lanceiros e nos celebres hussares do York-shire.

A Allemanha estabeleceu a côr prateada para os enfeites das seguintes tropas: uhlanos, granadeiros, couraceiros e hussares da guarda; "leib garde ritter" ou guarda do corpo; hussares da morte; varios regimentos de uhlanos; officiaes do Estado Maior; carabineiros da Saxonia; dragão do Wurtemburgo; officiaes generaes bavaros e wartemburguezes. A Austria mantem-nos nos dragões, em alguns corpos de hussares e na "landwehr" ou reserva territorial.

Encontramos o galão branco enfeitando na Belgica alguns regimentos de lanceiros e caçadores a cavallo e a gendarmeria; na Dinamarca, os hussares da Guarda Real, os guias e os gendarmes; na Hespanha, os lanceiros, os guardas a cavallo, os alabardeiros do Paço e os gendarmes.

Na Hollanda, os generaes têm galões e dragonas de ouro, porém botões de prata e alamares de prata; galões desta ultima especie a Real Academia Militar e a Schuterij, guarda civil ou gendarmeria. Em Portugal, são prateadas as agulhetas dos officiaes do Estado Maior.

O galão branco é ainda adoptado no Japão para a artilharia; na Noruega, para a engenharia e a guarda do rei; na Suissa, para os dragões e os guias; na Turquia, para os uhlanos e o Estado Maior; na Romania, para o Estado Maior, a Escola Militar e os gendarmes.

Os guardas a cavallo, os granadeiros da Guarda Real e os caçadores da Suecia têm botões e galões brancos. O mesmo se dava quanto aos sapadores granadeiros, no corpo topographico, no Estado Maior, a alguns corpos da infantaria e aos gendarmes da Russia.

A Italia, porém, bateu o "record" do uso dos galões brancos. Quasi todas as tropas o adoptam: infantaria de linha, dragões, couraceiros, guias lanceiros, medicos, carabineiros ou gendarmes e officiaes generaes.

Desses exemplos claramente se vê que o galão branco é, na Europa, signal de elite, pois, insistentemente os organizadores dos uniformes dessas nações o empregam nas tropas privilegiadas, Estados Maiores, Escolas Militares e gendarmeria. Sabe todo o mundo que o gendarme europeu é um soldado de primeira ordem, escolhido a dedo, com regalias especiaes, tanto assim que, em toda a parte, é a unica praça de pret que usa agulhetas.

Ora, cremos que á saciedade ficou provada, sinão a superioridade pelo menos a egualdade do galão branco ao amarello. Nada mais facil do que o receber a reserva do exercito brasileiro de braços abertos, como a insignia que mais lhe convém. E' simples, visivel, facil, curial, accorde com o bom costume militar e mais do que justificado pelo emprego que delle têm feito os melhores exercitos.

O uniforme brasileiro já é tão contrario á nossa indole, á nossa tradição e ao bom gosto militar que é caso de se pedir aos céos não se crie novos enfeitos heterogeneos, estapafurdios, semelhantes aos das fardas haitianas e da "Grande Duchese de Grolstein". Não exaggeramos. No Haiti e no theatro de feira tem-se recusado deante de certas cousas. Aqui não. Corou-se numa parada internacional o gorro russo-americano dos nossos soldados e officiaes com trajes e penachos!

Acreditamos não poder e não dever ser repellido o galão branco galão dos Estados Maiores da Allemanha, da França, de Portugal, da Turquia e da Romania, galão das cavallarias teutonica, austro-hungara, belga, dinamarqueza, hespanhola franceza, ingleza, italiana, sueca, suissa e turca.

João do Norte

Trecho de um artigo de Mario José de Almeida no "Norte" de 15 de junho de 1918

Não ha muito houve quem quizesse demonstrar que o autor do magnifico discurso, em bôa hora publicado em volume, foi por demais influenciado pelo bello e minucioso estudo que Gustavo Barroso (*João do Norte*) publicou sob o titulo suggestivo de "*Terra de Sol*"

A meu pensar a observação não tem razão de existir pois que é o proprio autor quem declara, no prefacio do seu livro, que aquelle discurso é antes um relatorio em que elle procurou expor toda a magnidade do problema baseando-se em "provas irrefutaveis e testemunhos insuspeitos".

Esta declaração estampada no prefacio dispensa a referencia particularisada ao volume do talentoso escriptor Gustavo Barroso por isso que ninguem deverá escrever sobre o Ceará sem previa leitura deste trabalho magnifico.

"Correio Paulistano" 20. mai - 1918

A Vertigem das Pedras Preciosas

(João do Norte)

Era noite alta. Haviam apagado os quintuplos lampeões de gaz da Avenida. Mas os jorros das lampadas electricas clareavam o asphalto, e ainda faiscavam illuminadas as montras dos joalheiros. Eu recolhia, pensativamente, numa dessas disposições de espirito em que tudo entristece e todos os pensamentos descem sobre a alma como um nevoeiro de inverno. Parei junto a uma vitrina e olhei as joias expostas. Nunca tive a paixão, ou melhor, o vicio das preciosidades; porém nesse instante, os meus olhos cançados gostaram de contemplar a pallidez mate das perolas e a scintillação sumptuosa dos brilhantes. Quedei muito tempo em muda contemplação até que um empregado, bocejante e indifferente, veiu fechar com estrondo as portadas de ferro connelado. Vagarosamente caminhei crispando os punhos num desejo até então desconhecido de ter riquezas sem conta, de joeirar com as mãos avidas, sentindo-as entre os dedos pedrarias de envolta com pepitas de ouro.

Custei a adormecer e tive um sonho extraordinario. Ia por um longo e bem illuminado corredor subterraneo, onde as sombras das pontas de rochas mais faziam destacar o clarão dos archotes de resina, perfumados e vermelhos, presos em grampos de ferro do feitio de garras de abutre.

Um kobold, barbado e sorridente como os das lendas allemãs, levava-me pela mão e eu ouvia além da espessura das paredes, como que se coando através da terra, uma musica lenta e suave.

Andámos muito tempo, silenciosamente. Depois, o anão me puxou o braço, indicando um portico de marmore negro da Numidia, em frente do qual dançavam farandolas de elfos subtis, á luz das tochas. E a sua vozinha aflautada soprou-me por entre os pellos brancos da barba:

— Vais entrar no templo de Ophir!

Penetrámos numa escuridão. Pouco a pouco, meus olhos se affeiçoaram ao negror. No meio da treva saltavam faiscas, dançavam fagulhas. Eu não via mais o gnomo, porém ouvia perto o seu risinho sarcastico. E fui lentamente distinguindo as veias tremidas, côr de ouro velho, dos marmores Portoro, o reluzir dos onyxs filigranados, dos lusidios jaspes da Ethiopia. Senti estremecer no ar pesado o frio brilho das pedras que Boccio de Bovet denomina "as tristes": pyroxenes côr da noite, ouricolos raiados que Plinio appellidava egyptinas e diamantes negros.

Andei algum tempo naquella noite cortada de lumes tremulos e subitamente me achei num ambiente de sangue. Luzes vivas bateram-me nos olhos, que se fecharam doloridos. Era como si eu estivesse no seio ardente dum incendio. Facetas mais rubras refrangiam, reflectiam, refractavam a luz rubra que por tudo havia. Chispavam no alto os olhos de enormes rubis balaios e espinellos, que assombrariam Furetiére e Walhs e que a Edade Média chamava esclavonias e escravonetas. Tudo era uma floração mineral de radiancias vermelhas. Mal se distingula a côr pesada das alambaudinas da leve rutilancia das granadas da Bohemia. Hematites sanguineas casavam-se aos jacynthos e ás aventurinas, que são os sandastruns da antiguidade e de que fala João de Laet. Pilastras de parphyro purpurino sustinham jarrões de marmore rosado de Arzew na mautritania, onde ficavam as melhores pedreiras dos romanos, dos quaes cahiam ramaes de coral com flores de comalina da côr do sinete de Buonarotti.

Para descançar a minha vista fatigada de esplendor e repousar a minha alma saturada do desejo dos rubis, o meu pequeno companheiro arrastou-me para uma transparencia de céo. Sobre minha cabeça se arqueava uma alta abobada de adularias tiradas do monte Adula, o São Gothardo, e de lapis-lazzuli, que é a pedra da Armenia dos classicos, sustentada por columnas de marmore azul florido de Saravezza, dos proprios canteiros de Miguel Angelo.

Dos seus capiteis pendiam grinaldas de iris, eguaes aos do collar de Josephina, de turmalinas côr de agua tranquilla e de asterias arroxeadas, que reproduzem os raios das estrellas. E por ali tudo voavam passaros mudos e vagarosos, refulgindo como pequenos astros, feitos duma grande saphira, com as pennas das azas flammejantes talhadas em berylos ovaes de Bereeof, em turquezas da collecção Genevosio e em comidons vivos, que alguns chamam telesios. De quando a quando, luzia no alto, como estrella triste, uma amethysta tão grande quanto as do throno da czarina.

O meu peito arfava de ambição reprimida e a minha bocca se escancarava como que para devorar as pedrarias. Sentia crispações subitas nos nervos. Abriu-se uma porta de crystal e eu me encontrei como que no fundo transparente dum golfo. Tinha á vista a symphonia maravilhosa do verde. Estava num verdadeiro bosque mineral, que despedia chammas verdes, verdes rutilancias. Os troncos das arvores eram de marmore verde claro de Genova, de marmore verde escuro de Campan; os galhos, daquelle jade do cabo dos punhaes que Tippoo Sanib enviou a Luiz XVI. Todo o chão reluzia em preciosos mosaicos compostos de diallage verde-musgo, de euclasio côr de folha nova, de zirconio verde-oliva, de malachite verde esmeralda, de peridoto côr de azeitona e de variolites ora mais claros, ora mais carregados. As folhas immoveis e duras recortavam-se em laminas diaphanas de prasios, em laminas sombrias de augitas. Fructas miudas pendiam dos ramos, feitas de epidotos da Noruega, côr de pistache, de girasóes esphericos gravados por Dioscorides, de heliotropios em que broris gregos tinham traçado o perfil de Esculapio. E as flores, desabrochando no ar illuminado de verde, verdes todas ellas, mostravam a riqueza de tom das colubrinas, das aguas marinhas roubadas á tiara de Julio II, das esmeraldas orientaes, avelludadas e raras que lembravam os stelos dos templos phenicios e a luneta lendaria de Nero, no Circo.

Passei, tremendo, sob uma arcada de ouro de onde chovia moedas de ouro. Adeante, tudo era amarello e refulgia. Ergui os olhos ao tecto e pousei-os com delicia no jalne heraldico dos marmores de Siena com veias côr de violeta murcha. Baixei-os e vi espalhadas sobre banquetas d ouro massiço todas as irradiações do amarello: chrysoberylos côr de aspargo maduro; crysolitos leves como a primeira claridade do dia, nos quaes Berenice gostava de mandar gravar a sua cabeça e a de Tito; chrysoprasios de Kosemutz, côr de laranja; olivinas douradas, topazios do Mexico; sardonias que os Etruscos adoravam ou tinham sido contemporaneas de Creso; olhos-de-gato com raias multicôres, citados na "Historia de Ceylão" de Ribeiro como preferidos pelo rico principe de Ura; emfim, cacholongs côr de queijo, achados nos rios da Tartaria, por noites de luar, quando brilham no cabeço dos cerros as lanças dos nomados.

Subitamente me encontrei noutra peça. A face do kobold ria mysteriosamente ao meu lado. E era como si eu tivera mergulhado no esplendor do sol nascente. Meus olhos fecharam-se deante da scintillação inexoravel. Quando puderam abrir-se, viram paredes de marmore cris do Hainant, tendo, embutidas, rosaceas de hydrophanas transparentes como a agua quieta, cercadas por medalhões de marcassite, grisalhos, ferruginosos, ou de agatha de Kamil, cinzenta translucida, da qual Pesaro teve um camafeu celebre, natural, com as figuras de sete arvores.

Do sólo scintiliante vinham raios côr de leite, côr das transparencias das gazes, das aguas e das luzes, com irisações. Eram verdadeiros tapetes de opalas pallidas de Zimapan, que a humidade estraga e dão má sorte como a deram a Roberto do Diabo, duque de Normandia. Verdadeiras alcatifas de perolas maiores que a Peregrina de Philipe II, mais bellas que as do collar de Cleopatra, que as dos brincos de Servilia, irmã de Catão da Utica, que as dos braceletes de Solia Paulina, esposa de Caligula. Havia barrocas rosadas, levemente esverdinhadas ou arroxeadas, de feitios exquisitos. Havia orientaes côr de nata e côr de cinza. E havia nacaradas que luziam como uma tentação, relembrando o collo nu' das princezas sob os lustres dos salões em festa.

Aos cantos, de grandes pias de porphyro adamantino, saliam refulgencias de sol. Eram montões de diamantes de todos os formatos e tamanhos, uns com reflexos amarellos, outros com raios azulados, outros com relumbros sanguineos como os crystaes na sua extrema fusão, mais famosos do que aquelles de que falam Dutens no "Tratado das Pedras" e Berqueen na "Maravilha das Indias".

Os "rosas", sahidos das officinas escuras de Amsterdam, symbolizavam o destino, na opinião dos antigos. Os "boorts" pareciam ter sido ainda ha pouco apanhados na mina encarvoada.

Tinham vindo do Visapur ou de Golconda, pela mão dos ambiciosos que os haviam arrancado das entranhas da terra, pescado no seio das areias fluviaes, roubado dos thesouros dos rajahs, desprendido das orbitas dos idolos, á custa de afflicções, deshonras e sangue. Muitos deviam ter servido de penhor de reis a judeus prestamistas, para a compra de mercenarios e o levantamento de emprestimos. Muitos foram engulidos pelos seus roubadores em momentos difficeis, perdidos nas batalhas, tomados nos saques. A maioria luzira nas corôas reaes, entre os florões de alpo e sob os braços da cruz.

Baixei as palpebras, para descançar as pupillas, e dei com uma vasta bacia de platina cheia de cymophanas do Brasil, que são como "luzes fluctuantes", de calcedonias leitosas de glossopetros que cáem da lua, como diz Theophrasto, no "Tratado das Pedrarias". E sobre a pilha dessas pedras menos valiosas reluziam ainda diamantes: num molho, os 2.536 da corôa de Catharina II; noutro, o Pachá, o Grão-Duque, o Mogol, o Orlof, o Sancy, a Estrella do Sul, a Lua das Montanhas, a Montanha de Luz!

Extendi, tremulamente, as mãos avidas para apoderar-me daquella riqueza sem par. O anão soltou uma aspera gargalhada de mofa. Um feixe de luz fortissima bateu-me no rosto. Abri os olhos. Estava na minha cama. Pela janella aberta entrava a gloria do sol. Eram oito horas da manhã. Sentei-me no leito e fiquei um instante a pensar no meu sonho maravilhoso — imagem talvez da minha vida, porque eu tenho passado por dentro de muito thesouro e sahido sempre de mãos vazias.

João do Norte

25

"A Semana"
Pereira Lagoa
18-abril-1918

Heroes e Bandidos

E' este o titulo do ultimo livro de Gustavo Barroso (João do Norte) brilhante jornalista e talentoso escriptor da Terra do Sol, das Praias e Varzeas e das Idéas e Palavras, tendo ainda um novo livro no prélo, Porgaminhos, collecção illustrada de contos medievaes.

O livro cuja leitura acabamos de effectuar, bem cuidado e de estylo elevado, como os demais de Gustavo Barroso, lembrando muitas vezes a linguagem modelar do grande escriptor patricio dos Sertões, o admiravel estylista Euelides da Cunha tem por assumpto os cangaceiros do nordeste, essa praga social do Brasil desconhecido, attestado do estacionamento secular de sua marcha retardataria para o progresso, para a civilisação

Divide-se o trabalho em duas partes distinctas — As causas — e — Os typos —, constituindo a primeira um estudo profundo tanto quanto possivel, dentro dos limites de um volume de 280 paginas, sobejamente documentado, das causas antropologicas e mesologicas do cangaceirismo do nordeste brasileiro, esse extenso cadinho no qual se vem fundindo, num amalgama inextricavel essas diversas raças que vão do autocthone americano e do selvicola africano, às raças europeas representadas na colonisação por portuguezes, hespanhóes e flamengos, sem contar a dosagem menos importante do sangue de outros povos europeus.

«As causas do banditismo — escreve G. Barroso — o mais importante phenomeno da rude vida do sertão — são complexas e o seu estudo offerece sèrias difficuldades.

Agrupamento de muitas causas primarias e secundarias formam, com a ausencia de umas, com o concerto de outras ou com a reunião de todas, a razão da existencia do typo social do cangaceiro, alma feita de contrastes, anormalidade quasi normal na primitiva e estiolada sociedade sertaneja.

Emmaranharam-se causas e effeitos, os phenomenos resultam de tantos antecedentes e geram tantas consequencias que seria temeridade fallar das leis que os regem e produzem a criminalidade no interior do nordeste brasileiro »

Estudando as modalidades da vida sertaneja, remota e hodierna, «esgravatando a existencia vagabunda do selvagem e rastreando os filhos pelos paes, até o outro lado do oceano, restabelecendo parallelas sobre o testemunho escripto a respeito de outros povos, por psychologos, criminalistas e historiographos de costumes, dos mais notaveis,» acompanhando, consoante o seu proprio dizer, «as modernas correntes sociologicas e criminalistas, estudando-lhes as manifestações psychologicos e passando em revista as causas q' os produziram, quer na ordem physica, quer na social, causas mais importantes do q'elles em si proprios, porq' não passam de consequencias logicas, de resultantes fataes», consegue, de modo vantajoso, o escriptor dos «Heroes e Bandidos», attingir a méta visada, preencher o escôpo a que se propoz, sem lhe faltar o criterio indispensavel nem a desejada minucia.

A documentação de todo o seu trabalho é verdadeiramente notavel, revelando o amor com que foi trabalhada a sua obra, digna das locubrações dos nossos estadistas, daquelles que se não avassalaram á politicagem dissolvente que infesta o Paiz de norte a sul, como uma praga.

Porque afóra os chamados Estados cultos brasileiros, Rio e São Paulo á frente, a partir da Bahia rumo norte, um só dos nossos Estados está immune da macula do cangaceirismo.

O nosso, si bem que não estudado no trabalho de G. Barroso, está incluido nesse immenso « habitat » do cangaceirismo, com uma circumstancia aggravante, a mais, a de servir de couto, por falta de perseguição, a quanto cangaceiro è obrigado, para escapar á acção da justiça, a transpor as fronteiras dos Estados limitrophes, de Sergipe, Bahia Pernambuco, Paralyba etc., e até Ceará, pois, o assassino do bravo capitão J. da Penha, occorrido nas recentes luctas daquelle Estado esteve em varios Municipios do Sul deste Estado, de onde, levas de romeiros, peregrinam de continuo, ao reducto do padre Cicero.

E, a insegurança, é tão commum em nosso Estado, como naquelle em que mais o fôr, os actos confirmam'n'a, estado social, a merecer a desvelada attenção dos governos, não só pela repressão do crime, mas e sobretudo, pela divulgação do ensino, pelo encurtamento de distancias, removendo assim as principaes causas como sejam o retardamento da civilisação pelo afastamento do littoral e pela vastidão dos desertos, e, mais ainda, pelo analphabetismo, causas, cujos effeitos morbidos deram logar ao cangaceirismo e constituem o seu refugio.

E, a cousa vae a ponto de em recente palestra entretida comnosco por estadista patricio, publicada e merecendo transcripção em jornaes da capital, foi abordado o assumpto e evidenciada a necessidade de uma forte campanha da imprensa contra esse estado de insegurança.

Isso que aqui se nota, como em toda esta vastissima região que constitue o Brasil, ignorado, na expressão verdadeira de escriptor paulista em artigo recentemente reeditado nesta folha, faz com q' os Heroes e Bandidos seja uma obra de palpitante actualidade para quasi todo o Paiz, e, consequentemente, nos casos e ser manuseada pelos nossos homens de governo em geral.

25. 21-abril-1918

Heroes e Bandidos

(Conclusão)

«Os erros da colonisação, escreve Barrozo, não deram ao sertanejo meios de progredir. A Monarchia deixou-o em abandono, porque a organisação do trabalho, no seu tempo unicamente se baseava no arcerce falso da escravidão. A Republica até hoje pouco si nada fez para instruil-o ou melhorar-lhe a sorte. Antes tem explorado o banditismo para fins politicos. O jagunço é, ás vezes, a «ultima ratio» do governo federal afim de dominar num Estado rebelde. Para a nação são perniciosas as consequencias desse abusivo modo de agir, como descuido em impedir a formação de nucleos de bandidos, consequencias que difficilmente se apagam.»

Ha paginas ahi, tão cheias de verdade tão nossas, que, bem poderiam ter sido escriptas por qualquer dos jornalistas ou litteratos da terra de Floriano Peixoto.

Destaquemos, a proposito, algumas passagens dos «films» heroi tragicos, que o fino espirito de historiador de G. Barrozo faz desfilar á nossa vista, como scenas animadas dos mais emocionantes cineoramas, nas paginas do seu «Heroes e Bandidos:»

—»Um fazendeiro ignorante deu-nos, uma feita, prova cabal da influencia mesologica sobre o banditismo. Fallando da protecção que as pessoas influentes do interior prestam aos cangaceiros, extranhamos que homens de bem empregassem criminosos nos serviços das fazendas, sonegando-os à acção da justiça.

Apoiamol-o até como um dos protectores, sorriu e respondeu-nos com a maior calma:

«Não sei porque se espanta. Si vivesse aqui, procederia da mesma forma, como eu e como os outros.»

Outro trecho typico:

«Tempos há que a vida do sertão se torna impossivel por causa da anarchia decorrente do desenvolvimento espantoso da cangaceiragem. Ha quatro annos passados um jornal da Parahyba («A União») pintava assim esses horrores «A insegurança por toda a parte, as feras desertas, os campos sem semeadura, os rebanhos descurados, as rendas publicas por arrecadar e em pé de guerra um pequeno exercito.» «Mutatis mutandis», hontem ou hoje, aqui ou alli, em qualquer recanto sertanejo do nordeste brasileiro, a mesma insegurança, as mesmas scenas de banditismo.

Ainda outra illustração:

«A 4 de outubro de 1911 cita Barrozo, q' è um cearense, reuniram-se na Camara Municipal da então villa do Joazeiro (do Crato) os chefes politicos de dezesete municipios do Cariry, entre os quaes havia padres e doutores (Os padres Cicero Romão Baptista e Augusto Lins e o dr. Arnulfo Lins.

Fizeram lavrar uma acta da reunião na qual apoiavam os sentimentos de tristeza do presidente do

600.$000
30.$000

26

Estado pelas discordias reinantes naquella região. Confessavam-se tacitamente co-autores da anarchia, porque se propunham estabelecer a amizade e apaziguar os odios.

Si nas suas mãos estava fazer cessar as luctas com um simples accordo, è que elles lhes davam origem. Denominaram á tal convenção «fè politica» e todos a assignaram.

Eis a summula dos artigos: (Publicada pela «Republica» de Fortaleza orgão official, a 8 de novembro de 1911.)

1º Nenhum chefe politico protegerá criminosos no seu municipio nem acolherá os dos outros, mas auxiliará as capturas.

2º Os chefes não se hotilisarão mutuamente.

3º Nenhum chefe intervirá na deposição dos outros.

4º Essa intervenção só se dará se o governo estadual ordenar. (sic)!

5º As desintelligencias entre os chefes serão resolvidas mediante accordo.

6º Sendo impossivel o accordo ouvir-se-á o chefe supremo do partido.

7º A bem da ordem e da moral os chefes terminarão a protecção aos cangaceiros. (sic!)

8º Todos os chefes serão solidarios.

9º Serão solidarios com o chefe supremo do partido.»

A segunda parte do livro de Gustavo Barrozo contem, perfeitissima estereotypia de caudilhos sertanejos, verdadeiros heroes do cangaço, escolhidos entre Ceará Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, fechando essa curiosa serie de typos, verdadeira collecção de scelerados, com a figura legendaria de Antonio Baptista de Moraes, o famigerado bandido Antonio Silvino, a respeito do qual insere grande copia de trovas com que consagrou o heroe do cangaço a musa pittoresca dos nossos sertões, constituindo um repositorio precioso para o enriquecimento do «folk lore» nacional.

Para fechar a resenha, que longe está de apparentar uma critica, mera e despretenciosa apreciação ao excellente estudo de G. Barroso, devemos constatar nosso desaccordo quanto a esta sua conclusão, ao terminar da primeira parte do «Heroes e Bandidos», moldada evidentemente sobre opinião citada de Stendhal sobre os bandidos da Italia.

«Se apreciarmos os quadilheiros do sertão somente quanto aos crimes e torturas que praticam, delles nos afastaremos com horror, porem si analysarmos as causas do seu viver e os motivos porque agiram, chegaremos á conclusão de que são mais dignos de admiração que de outro qualqner sentimento» E mais adiante, ás ultimas palavras.

Porque, assim são e, em ontro meio, com outras directrizes e impulsos, suas qualidades os fariam uteis, dedicados e grandes, os chamamos Heroes e Bandidos, certos de que muita vez são mais bandidos que heroes, porem quasi sempre mais heróes que bandidos».

Ante os sentimentos christãos da civilsação hodierna, em vez de admiração, antes sentir e por todos estes patricios desintegrados, heroes ou bandidos, compaieão sincera e efficiente, sem platonismos de theorias, quando não fosse pelos sentimeutos de humanidade, pelos de patriotismo, ao menos

Opiniões não pagam imposto, felizmente.

"Fon-Fon" 22 junho 1918

Hachette de 1900, que noticiava os grandes progressos do automobilismo em França e publicava as photographias de duas horrorosas carruagens Dietrich e Decauville.

Recordei o seu aspecto pesado, feio e triste. Não me pude conter. Como homem verdadeiramente moderno murmurei, sorrindo:

— Carros de bois!

Gatafunhos

Pela Beira-Mar corriam automoveis. Entre os taxis sujos e barulhentos, velhos carros cançados da faina diaria, passavam grandes *landaulets* ricos, envidraçados como uma vitrina de salão, duplos phaetons americanos de *carros-series* envernisadas de claro, do feitio de torpedo, luzentes e elegantes. A's vezes fonfonava, em louca velocidade, uma barata côr de ovo, tripulada por moços ricos e desoccupados.

Eu recolhia vagaroso e pensativo pela praia do Russell e lentas recordações passavam pelo meu espirito como nevoas de verão, ligeiras e claras. O perpassar de tão bonitos e bons automoveis lembrou-me uma pagina do Almanack

"Fon Fon" 15 junho 1918

Garatujas

Estamos privados de ter bons queijos emquanto a guerra durar. O unico recurso é contentarmonos com os insipidos queijos de Minas, os pastosos requeijões do Norte e as imitações nacionaes do Chester, do Gorgonzola, do Parmesão e do Camembert.

Mas ás vezes, depois de um almoço no restaurante vem a vontade de devorar uma fatia de Brie, um pedaço de Emmenthal, um naco de Roquefort. E as narinas se dilatam ao recordarem a sensação picante dos odores *faisandés* dos bons queijos.

Ha um consolo a esses desejos gastronomicos. E' abrir o «Ventre de Paris» de Zola e lêr, vagarosamente, aquella pagina rescendente a Port du Salut em que elle descreve a loja duma queijeira, com as suas pilhas de Pont l'Eveque e Livarot, as suas prateleiras de Mont d'Or, de Gruyére de Bondon e de Coulommiers.

"Fon Fon" 22 junho 1918

Rio de Janeiro, 22 de Junho de 1918.

Educação Nacional

As condições de progresso dum povo dependem sobremodo do factor instrucção. Esta é uma verdade axiomatica, banal á força de ser repetida. Dahi a opinião generalisada de que a grande maioria dos nossos defeitos, dos nossos erros, das nossas infelicidades provém unica e exclusivamente da falta quasi absoluta de ensino publico elementar. A proporção de analphabetos no nosso paiz é de noventa e meio por cento ou mais.

A explanação dessas verdades simples foi feita, em varios discursos, na Camara dos Deputados, pelo Sr. José Augusto, representante do Rio Grande do Norte, que os reunio em suggestivo volume, sob o titulo «Pela Educação Nacional». No recinto dessa assembléa, muitas têm sido as vozes clamadoras e energicas, que se levantaram contra o descuido dos poderes publicos em materia de instrucção e educação, desde Carvalho e Mello, logo após a independencia até os dias que correm. Ahi estão, pedindo providencias, demonstrando á saciedade o crime governamental continuo do abandono da instrucção, trabalhos completos sobre o assumpto, entre os quaes os do conselheiro José Liberato Barroso e do senador Ruy Barbosa.

O Sr. José Augusto junta-se á phalange que pugna pela emancipação do pensamento brasileiro, instruindo-o e educando-o. E' mais um batalhador a provar a magnitude do problema do ensino, especialmente da diffusão do *a b c*, como base para a diffusão das idéas sãs e para a cura dos males de toda a ordem, dos vicios de toda a especie que affligem a nossa sociedade.

Somos, felizmente, daquelles que pensam que do ensinar a lêr derivarão todos os beneficios possiveis, que da resolução desse problema dependem as resoluções de quasi todos os nossos problemas, o proprio futuro da nossa raça e da nossa nacionalidade. E acreditamos que aquelles que pensam estarão comnosco no affirmar que as questões de saude publica e as de politica, as de caracter e de patriotismo, as de hygiene e de communicação, as de cultura dos campos e de aformoseamento das cidades, as de bom gosto e de industrialismo, todas dimanam da escola publica, do conhecimento generalisado das primeiras lettras.

Foi a certeza dessa convicção que produzio, na Argentina, aquelle vulto immenso de Sarmiento e a sua obra gigantesca. Esse homem que, num paiz da America do Sul, em meiados do seculo XIX, escrevia com atticismo anatoliano a vida de Facundo Quiroga e prescrutava como analysta subtil as causas da Civilisação e Barbaria dos Pampas; quando tomou conta do governo de sua terra, só teve uma preoccupação: fundar escolas. E creou-as aos milhares: fixas nas cidades e povoações, ambulantes através dos campos, nomadas dos pampas do sul, temporarias nas estações de caça e pesca da Patagonia e das Terras quasi desertas de outros departamentos. Quiz ensinar todos os argentinos a lêr. Conseguio realisar o seu tentamen, senão completamente, pelo menos o mais vastamente possivel.

Ainda não tivemos a felicidade dum estadista dessa natureza assumir a direcção da nossa patria. E até agora sómente um dos nossos homens de governo tem no seu cerebro bem organisado idéa semelhante. E' elle o Sr. Altino Arantes, actual presidente de S. Paulo, espirito de dilatada cultura, o grande creador das escolas paulistas, que tem tido seguidamente a preoccupação nobre de augmentar o seu numero e de espalhal-as pelo interior da Terra do Café. Estadista educado ao contacto dos grandes homens através das paginas litterarias e scientificas que, continuamente, manuseia e estuda, nem podia deixar de possuir tão verdadeira orientação. Desde quando secretario do Interior se dedicava ao grande problema, e achou para seu secretario outro homem de opinião identica, o Sr. Oscar Rodrigues Alves, continuador de sua obra.

Assim pensassem todos os dirigentes da Federação e teriamos, em breve, o Brasil na altura em que Sarmiento deixou a Argentina. Instruir — Educar — não póde haver maior nem melhor divisa para um homem de governo.

Jotaenne

La emboscada

por João do NORTE

(Traducción de Arturo Aguirre)

A pesar de haberle prevenido con pruebas inequívocas, sus buenos amigos, de que Ignacio de Alburquerque había puesto asesinos en el transcurso que debía recorrer del Umary al Iguatú, Esteban Matos no desistió de la resolución que había tomado. Ir hasta aquella ciudad del interior, cruzando el desierto inhospitalario, significaba para él un compromiso de honor. Había prometido a la firma Ricarte hermanos saldar sus deudas el día 30 del mes. Sus negocios de ganado en Piedras de Fuego, habían dado ganancia suficiente. Poseía, pues, el dinero suficiente para pagar las letras que los Ricartes tenían en su poder. Ellos le habían proporcionado aquellas sumas para salvarlo de una situación difícil en sus negocios. Había puesto al día sus compromisos y sólo le restaba saldar esa obligación. No habrían, pues, fuerzas humanas capaces de hacerle desistir de su propósito. Ni siquiera aceptaba la idea de mandar pagar con otro. Iría personalmente, para demostrar a la firma que era hombre de palabra, y para demostrar a Ignacio que no temía a sus asesinos traicioneros ni a su venganza mezquina.

La mujer se arrojó llorando a sus pies; los hijos pequeños le suplicaron en vano. Decidió la fecha de su partida. Dió órdenes severas para dar de comer una buena ración de maíz a su caballo, y preparar un fiambre para la travesía. Valiente, honesto y franco, no le temía a otro hombre. Es verdad que de un tiro certero en una emboscada, nadie estaba libre. Pero él sabía bien, "dónde vivían los pájaros". Era vaquero viejo, conocedor de guaridas y al cabo de todas las trampas. Anduvo mucho tiempo atrás de bandoleros, guiando destacamentos. Tenía plena confianza en sí mismo.

El día marcado, siguió viaje. Partió de madrugada, pero sin ocultarse en las breñas, ya que alguno debía estarlo espiando para luego ir a llevar la noticia a los asalariados de la emboscada. Paró fuera de la villa, en casa de Matías Florindo, estacionó su caballo en el molino y allí se quedó charlando con el amigo hasta que entrara la noche. Protegido por las sombras, siguió viaje, llevando el animal al paso y la carabina de repetición atravesada sobre el arzón de la silla. Abandonó el camino y se internó en el monte, guiándose por las estrellas rutilantes, que veía por la ramazón rala de los árboles. Tenía miedo de la luna. Esa noche aun saldría tarde; pero al otro día más temprano, y al otro más temprano aún.

Cuando la luna aclaró el monte, ya la madrugada anunciaba el día. Se apartó aun más del camino que seguía paralelamente, algunas veces, por entre los troncos lisos. En un paraje rodeado de "mandacarús" y "umburanas", donde el pasto verde y suculento cubría el suelo, desensilló el caballo y lo ató a un tronco por el cabestro. Después hizo una cama con su recado, y se adormeció al pie de los árboles. El sol estaba alto cuando se despertó.

Así viajó una noche más y un día. En la tercera noche de viaje, la luna salió muy temprano. Aquello contrarió sus planes. Con mayor razón, cuando en aquellos lugares abundaban las plantas parásitas que se enredaban a las fronda espesas del monte, amén de lo accidentado del terreno, lleno de barrancos, piedras y fosos. Se tuvo más remedio, después de explorar el monte en distintas direcciones, que volver al camino, lentamente, de oído atento y ojo avizor.

La luz de la luna se filtraba a través del follaje y se deslizaba por los troncos, transformando las resinas en transparentes lágrimas de luz. Altas, inmóviles, las frondas de los árboles se destacaban en la claridad del cielo. Las aves, llamadas "madres de la luna", carcajeaban a lo lejos, muy a lo lejos.

Los ojos expertos de Esteban notaron que en una "gameleira" grande, entre dos ramas que formaban una horqueta, las hojas eran tan tupidas, que por ellas no se infiltraba la luz de la luna. Paró su caballo y apuntó con su carabina para aquel obscuro follaje, con la desconfianza instintiva que traía, y para el caso de que tras de los follajes estubieran escondidos los asesinos que lo esperaban. El tiro partió, y su eco resonó entre el monte. Y un cuerpo de hombre desde lo alto, agitando sus brazos hasta cuer al suelo blanco por la claridad de la luna.

Desde un árbol, más distante, se oyó la voz de hombre, dura y cortante, en el silencio de aquella soledad.

—¿Lo mataste, chico?...

Esteban se estremeció. La emboscada era de dos. ¡Qué hacer? Si hablaba, el bandido le conocería la voz y huiría a prevenir al amo vil la muerte del compañero. Si no respondía, el miserable desconfiaría, y trataría de expiar lo que pasaba, e irla. asimismo, a sembrar la chusma encanallada de los bandidos de Ignacio, el cual, desde su propio escondrijo, tal vez podía matarlo de un tiro certero. Su indecisión duró un instante. Su sangre fría, ante el peligro, lo salvó, ayudada por la fertilidad de su espíritu aguzado y todo sutilezas. Por eso se limitó a soltar un silbido largo y discreto, llamando al otro:

—Fa-fí-i-ô-ô-ô...

Rápidamente desmontó del caballo y quedóse de pie, con la carabina preparada, en medio del camino iluminado, ante el cuerpo del bandido. El otro, bajó cauteloso del árbol. Al verlo, Esteban, llevó el arma a la cara. El tiro partió y el bandido cayó de rodillas dando un grito. Después rodó de bruces sobre el barro, estremeciéndose algunos segundos. Luego se quedó inmóvil.

A su grito, sólo respondió el eco. Ni una voz resonó en las espesuras del monte o bajo las frondas de las "umcaryseiras". Un gran silencio flotaba en aquel ambente lleno de claridad lunar.

Luego, Esteban montó a caballo, encendió un cigarrillo y partió al galope por la estrada afuera...

Ilustración de Bolin.

"Fon-Fon" 25 mai 1918

Gatafunhos

— Devias abandonar completamente o jogo e ficar só com o fumo. Um vicio é sufficiente para toda uma vida.

— Ora, deixa-me! Que tens tu com isso? A vida sem vicios seria um mar sem ondas, um lago de Asphaltite, negro e repugnante. O vicio é que lhe dá movimento e valor. Eu não desejo ser Mar Morto.

— Sim. Acredito. Mas escolhe dos vicios o menor e contenta-te com elle. Tens, no entanto, tres: bebes, fumas e jogas.

— Deixa-me em paz! Não me amoles!

— Pouco me importa aborrecer-te o que digo. Tenho obrigação, como amigo mais experiente, mais velho, de dar-te conselhos.

— Pipocas! Guarda-os para teus netos...

Não. Dou-os a ti. Cumpro o meu dever de accordo com o preceito de São Jeronymo na sua epistola elogiosa de Asella:

« Reprehender o vicio é, ao mesmo tempo, corrigir os máos e louvar os bons. »

"Correio Paulistano"
4 julho 1918

The model republic

(João do Norte)

Para o velho Montesquieu, uma unica forma de constituição politica livrava os homens de cahir sob o dominio de um só. Era a republica federativa, fórma de governo pela qual varios Estados se tornam cidadãos dum Estado mais poderoso, mais forte, maior. E o autor do "Espirito das leis" achava que essa sociedade de sociedades, formando um agrupamento novo e com outras caracteristicas, tinha todas as vantagens internas dos governos republicanos e toda a força exterior das monarchias. Ninguem ali poderia usurpar nunca o poder. Mesmo subjugando a metade do paiz, restaria uma outra metade livre a se lhe oppôr. A maioria sempre estaria em condições de intervir nos Estados rebeldes e, emfim, a nação teria a faculdade de, perecendo o todo, resurgir nas partes, em caso de dissolução da federação, tornando-se os seus componentes Estados soberanos.

Foi essa fórma governamental elogiada por Montesquieu que Washington e seus companheiros de cruzada em fins do seculo dezoito, tão cruel ao despotismo universal adoptavam para a maior e mais forte nação do continente americano, que sahia duma liga heroica de treze colonias inglezas. A transformação dessa liga em federação completa, segura e modelar não correu sem tropeços. Antes pelo contrario. Si o poder e o triumpho da democracia americana escondem para muitos as tacanhices dos seus primeiros dias de independencia, os historiadores americanos não se esquecem de relembral-os como exemplo de quanto são perniosas a intriga e a hesitação.

Motley escreve: "Quando cessou a guerra, quando nossa independencia foi reconhecida, em 1783, cahimos rapidamente em condições de completa impotencia, de imbecilidade e de anarchia. Tinhamos assegurado nossa liberdade, mas não fundaramos uma nação. Não formavamaramos uma nação. Não formavamos um corpo politico. Não se podiam applicar as leis, reprimir as insurreições, obter o pagamento das dividas. Não havia segurança para as pessoas nem para as propriedades. A Gran Bretanha concluira comnosco um tratado de paz, porém recusava desdenhosamente dar-nos um tratado de commercio e amizade, não porque tivessemos sido rebeldes, sim porque não eramos um Estado; porque eramos uma liga meio dissolvida de provincias querellantes, incapazes de garantir as estipulações dum tratado de commercio. Não fomos nem capazes de cumprir as condições do tratado de paz e de obter, conforme as estipulações assentadas, o pagamento das dividas dos cidadãos americanos aos subditos inglezes. E, consequentemente, a Gran Bretanha recusou abandonar os postos militares que mantinha áquem de nossas fronteiras. Doze annos depois da nossa independencia reconhecida, fomos humilhados pela vista constante de soldados extrangeiros occupando longa cadeia de fortes, ao sul dos grandes lagos, no nosso proprio territorio. Eramos uma confederação; eramos Estados soberanos: e esses os fructos dessa confederação e dessa soberania!

Foi até hoje a hora mais negra da nossa historia."

Quem vê o palco não se lembra do que vai por trás dos bastidores e é justamente esse aspecto diverso, inesperado e triste da formação politica dos Estados Unidos que nos mostra, para escarmento, o historiador yankee. Todas as nações passam por essas crises terriveis no seu inicio ou nas suas mudanças bruscas de regimen. O modo como sáem dellas e se salvam demonstra o caracter de seu povo e o pulso dos seus estadistas.

Em algumas, a crise perdura. Basta-nos passar os olhos no mappa da America do Sul para logo vermos quaes as republicas que ainda não estão salvas.

Mesmo, collado aos Estados Unidos, ali está o Mexico, incapaz de seguir os exemplos vizinhos, escorregando da lucta de Hidalgo para o avassallamento de Iturbide, passando das mãos extrangeiras de Maximiliano ás mãos ensanguentadas de Juarez, produzindo o vulto cavalheiresco e tyrannico de Sant'-Anna e a alma despotica e recta de Porfirio Diaz, vindo parar ao duello theatral de Huerta e Carranza, numa teimosia de viver que é só devida á sua fórma federativa. As qualidades que a esta empresta Montesquieu dão-lhe alento, mas ao mesmo tempo produzem a sua eterna anarchia. A impossibilidade do abocanhamento geral das unidades federadas nos paizes cultos e progressistas traz a impossibilidade do despotismo de um só. Essa mesma impossibilidade nos paizes enfraquecidos e decadentes acarreta a anarchia continua.

Os Estados Unidos [illegible]m do mau passo que Motley nos aponta com uma energia juvenil e um surto formidavel para a ordem e para o progresso. O grande partido federal ou nacional, como preferia chamar-se, arrastou a maioria da nação para a formula verdadeiramente americana da republica federativa. Os embaixadores das treze provincias transformaram-se em delegados legisladores e o paiz foi salvo.

E' essa transformação politica e a maneira viril por que foi feita, num momento de angustia, que honram os homens daquella época e mostram quanto estava preparado o substracto da raça que havia de um dia assumir no mundo a direcção politica da maior guerra da historia com o seu nobre desembaraço victorioso. Hoje, como naquella época, os homens de Estado da America do Norte podem dizer como a Convenção, a Assembléa Constituinte que preparou as bases da grande republica, elaborando a sua Constituição e terminando o periodo amargo lembrado por Motley: "Em todas as nossas deliberações, constantemente não perdemos de vista o que nos parecia ser o maior interesse de todo americano verdadeiro, a consolidação de nossa união, á qual se ligam nossa prosperidade, nossa segurança e até nossa existencia nacional."

Por essa união salvadora que os livrou da anarchia estupida dos primeiros annos da independencia, o povo americano fez a memoravel guerra da Secessão, sacrificando immensos interesses, porém triumphando mais uma vez. Apesar das proporções espantosas dessa lucta, não foi tão duro esse periodo quanto aquelle a que já nos referimos, porque nelle estava em jogo a propria alma da patria e o outro não passou duma guerra civil ateada pela minoria interesseira contra a maioria nobre.

Foi essa guerra, no dizer de um escriptor francez, amigo sincero dos Estados Unidos, uma tentativa premeditada duma aristocracia de senhores de escravos [illegible] não queria sujeitar a perder a direcção politica geral do paiz, verdadeiro golpe de Estado dum bando feroz contra a Constituição.

Mais uma vez a idéa sadia do dever e da liberdade, a grande idéa dominadora e salvadora das democracias, a **virtude** de Montesquieu, salvou a patria americana, e dahi por deante lhe imprimiu o movimento que estamos vendo accelerar-se para a gloria, num arremesso armado contra a autocracia avassalladora da **mittel Europe**, encabeçada pelo militarismo prussiano. E a ninguem cabe melhor que á America a defesa das idéas democraticas do mundo, porque ella foi até agora quem melhor chegou, em grande escala, ao ideal do republicanismo, misturando intimamente liberdade e egualdade, favorecendo essa alliança pela immensidade territorial, offerecendo a todos a independencia do trabalho numa sociedade nova, circumscrevendo as funcções do Estado, abolindo todas as tutelas historicas, obrigando os cidadãos a se occuparem sem cessar dos seus interesses e da defesa de seus direitos, separando inteiramente os cultos do poder publico, familiarizando todas as consciencias com o exercicio da mais alta liberdade, elevando o patriotismo ao sacrificio total pela União Sagrada, pela Constituição, garantia da sua grandeza nacional.

"Correio Paulistano" Maio 1918

Annotando o "Espirito das Leis", com o seu proprio punho, La Harpe escrevera que os homens que lhe pareceram maiores foram sempre os romanos de Bruto, os suissos de Guilherme Tell, os hollandezes de Nassau e os americanos de Washington. Não diminuiu desse julgamento o povo que acaba de atirar na balança da conflagração que presenciamos a sua espada de ha muito embainhada, porém, sempre prompta ao serviço da liberdade e da civilização. Alguns seculos depois de La Harpe, quasi nos nossos dias, Auguste Laugel affirmava com enthusiasmo: "Os Estados Unidos mostraram que os homens podem fundar um governo de razão, em que a egualdade não abafa a liberdade, em que a democracia não se entrega ao despotismo. Mostraram que um povo pode ser religioso sem que o Estado assalarie as egrejas e discipline as crenças. Deram á mulher o logar que lhe compete numa sociedade christã e civilizada. Nada lhes pode tirar esses tres titulos de gloria." Dahi podermos dizer, como os orgulhosos constitucionalistas "yankees" do meado do seculo findo, com os olhos na grande Republica do Norte: the model republic.

João do Norte

"Fon-Fon" 11 maio 1918

Garatujas

Um cachorro pellado e sujo, magro e triste parou no terreiro, catando-se lentamente ao sol. Perguntei quasi indifferente como se chamava. O fazendeiro respondeu-me, sorrindo:

— Rompe-nuvem!

— Como?! indaguei com espanto.

E elle repetio ainda a sorrir:

— Rompe-nuvem!

Desde esse dia nunca mais vi um cadello sertanejo de barriga pregada ao espinhaço que não indagasse do seu appellido. E tive sempre respostas assim:

— Trovoada!

— Relampago!

— Gigante!

— Turuna!

— Come-fôgo!

Corre-vôo!

— Engole-vento!

— Pisa-em-braza!

Um dia, na casa duma senhora idosa, interroguei o pagem sobre um cachorro preto que dormia sobre um carro de bois.

— Já te disse!

— Hein?

— Já te disse!

E aquelle outro, perebento, que vae se arrastando rente ao curral?

— Aquelle alli?

— Sim.

— Teu irmão!

Encolhi hombro e apontei um cadello esbranquiçado que se assentara no limiar da casa, somnolento e esqueletico.

— Como se chama aquelle outro?

— Põe-p'ra ti!

Virei as costas ao famulo e até hoje nunca mais perguntei nome de cachorro no interior.

As almogavares catalães

(João do Norte)

Almogavares! Este nome que tem a belleza de todos os nomes arabes herdados pela lingua portugueza traz-me a lembrança da mais valente, sanguinaria e selvagem bohemia militar que eu conheço na historia.

Os mouros chamavam "almogaver" o soldado pelejador e bravo de cavallaria ligeira, que, de albornoz e alfange, se contrapunha, quasi sempre com vantagem, ao pesado cavalleiro godo-romano. Dahi o nome passou para as hostes castelhanas e leonezas, as mesnadas de Portugal. Eram homens que viviam sempre sobre a sella e sob as armas, escolhidos pela sua pericia e resistencia, batalhando sempre contra as algaras, as mangas e as algarunas sarracenas. Elles faziam os fossados ou arremettidas e incursões nas terras da mourisma, retomando, com despojos de toda a sorte, grande cópia de captivos.

Tinham uma como vida á parte da sociedade e os reis toleravam a sua indisciplina e a sua rapinagem ou desordens em troca do grande mal que causavam aos infieis. A's suas escalas ou companhias se acolhiam todos os tresmalhados da vida: o bufarinheiro arrebentado, o fidalgo empobrecido, o desertor da hoste real, o vassallo rebelde, o villão fugido e até o sacerdote apostata. Ninguem perguntava ao recem-chegado o seu nome nem o seu passado. Dava o appellido que entendia e contava a historia que queria. Bastava ser bravo e leal com os companheiros.

Soffriam fome e frio. Passavam dores atrozes. Quando vinham as alegrias se lhes entregavam com excesso. Delles diz um classico na sua interessante linguagem: "Succedia passarem dois e tres dias sem gostarem cousa alguma, e quando muito alguma hervas cruas dos campos."

Mal vestidos e mal armados suppriam essa falha com a celeridade no acommetter e a resistencia herculea ás marchas, que fizeram desses cavalleiros uma tropa verdadeiramente terrivel. Durante muito tempo tudo quanto foi incursão ás terras dos arabes arraianos se denominou almogavria, tanto ficava tradicionalmente a sua habilidade ligada ás expedições.

Tal escola creou uma raça de homens excepcionaes e de aventureiros quasi lendarios que, com o correr dos tempos, se modificaram e transformaram nos celebres Fabriqueiros ou miqueletes, ainda combatentes nas guerras carlistas, nas guerrilhas de Zumalacarréguy.

O Sr. Gustavo Schlumberger, do Instituto da França, publicou um estudo sobre esses aventureiros hespanhoes, que trata da ida para o oriente, da jornada aventurosa, de muitos desses almogavares, na maioria catalães da Catalunha. A essa excursão que terminou no imperio bysantino Emilio Gebbart chama no "Jardins de l'histoire", a Odyssea sanguenta. E com effeito nunca se viu tanta bravura alliada a tanto banditismo, tanto heroismo a tanta crueldade.

O elegante historiador assim descreve taes companheiros de guerra:

«Bandos de aventureiros que esqueciam o seu paiz e devastavam, indistinctamente, todos os paizes, ávidos de prazeres brutaes, de ouro e sangue, bestas-féras que o domador, o capitão ou condottiere, levava ás guerras — astadas de ferro, semeando a forca, admiraveis valentes no campo de batalha, capazes de se fazerem matar até ao ultimo em redor da bandeira; mas que numa tarde de victoria, soltos numa cidade tomada de assalto ou num convento de freiras, ultrajavam de todos os modos a humanidade e o evangelho."

Esses guerreiros catalães reunidos a italianos, francezes e hungaros partiram da Hespanha para a Asia e foram para o oriente sumptuario e tentador, levando a toda a parte o morticinio, o saque, a violação e o incendio.

Iam entre elles hespanhóes de todas as Hespanhas: catalães, maiorquinos, navarros, galegos, arogonezes, leonezes, algarvios, andaluzes e malaguenhos. Batalharam na Sicilia contra os mercenarios da casa de Anjou, pagos pela casa de Aragão. Após a guerra, repellidos da Hespanha e do continente italiano, sob o commando de dois Rogerios ferozes, de dois Berengarios terriveis e de um Ximenes sanguinario, partiram para Byzancio, cujo imperador precisava de soldados para repellir a invasão turca. Apregoavam a defesa da christandade e tinham em mente a rapina e a sangueira.

Com trinta e seis galeras e seis mil homens chegaram a Constantinopla, onde os aquartelou régiamente a fraqueza senil de Andronico II Paleologo. Então, começa a mais heroica, a mais louca e a mais ardente das aventuras rubras da historia. Esse punhado de almogavares pinta o diabo.

Primeiro abrem lucta com o poderoso partido genovez de Pera e Galuta, que derrotam nas aguas byzantinas, aos olhos do Cesar decrepito. Depois, percorrem a Asia Menor, batendo os turcos onde quer que os encontrem. Nada lhes reeiste. A sua passagem é como um simoum devastador. Tanto soffrem amigos como inimigos. O seu chefe, nomeado Megaduque do imperio, saqueia os aduares ottomanos e saqueia tambem as cidades, as villas e os castellos dos basileus.

A sua mais bella façanha é a derrota dum grande exercito turco-tartaro, commandado pelo emir da Karamania, em pleno coração da Asia Menor.

63.906

30

"Fon-Fon" - 4 de maio de 1918

Mais tarde, essas companhias de almogavares se estabelecem na peninsula de Gallipoli, de onde o Megaduque extorque, com ameaças, os besantos de ouro do imperador fraco, humilhando-o de todas as maneiras possiveis.

Estoura a guerra dos byzantinos contra os bulgaros. Os catalães partem para ella, reunindo-se ao exercito de alanos mercenarios commandados pelo filho de Andronico, Miguel Paleologo, que odiava e temia o Megaduque Almogavar. Num banquete, surge uma tropa de alanos valentes e assassinam o hespanhol, sem lhe dar tempo de puxar a espada, matando depois todos os seus soldados.

Outros mercenarios de Bysancio dirigem-se ao Hellesponto e chacinam as guarnições catalãs, sitiando por fim na cidadella de Gallipoli os ultimos almogavares. Estes defenderam-se com um sangrento heroismo e por fim, num esforço heroico, fazendo uma sortida, derrotaram os inimigos e espalharam-se como um flagello á face do Imperio, sob o esvoaçar das bandeiras enormes que traziam as barras de Aragão, as tres pernas da Sicilia, e a cruz de S. Jorge. Essa tempestade de ferro e fogo rodopiou pela peninsula balkanica, matando e rapinando. As populações fugiam deante delles e os exercitos eram batidos á primeira carga.

Todas as tentativas de paz e a accommodação que o imperador fez foram repellidas. A sua audacia subiu ao ponto dum dos capitães surprehender Constantinopla e incendiar no Corno de Ouro cento e cincoenta galeras bysantinas. Um outro bando surprehendia ao pé dos Balkans os alanos mercenarios e os destroçava, emquanto a guarnição de Gallipoli batia os genovezes de Spinola, mandados para surprehendel-a pelo imperador.

A série ensanguentada dessas aventuras vermelhas somente terminou pelas intrigas e disputas entre os varios chefes dos almogavares. Os principaes capitães começaram a ser assassinados e a se retirarem. Os ultimos soldados desceram para a Grecia, puzeram-se ao serviço do duque latino de Athenas, que trahiram e cujo ducado tomaram, acabando misturados aos soldados turcos e com o seu ultimo chefe feito duque da cidade de Minerva.

E' a mais extranha aventura guerreira e sanguinaria da historia dessa dos catalães ferozes, cortada de clarão de heroismo e vermelhidão de sangue, de brilhos de ouro e manchas de vinho, tão extranha que mais parece uma lenda romantica do que um facto veridico.

Os almogavares peninsulares que partiam em busca de aventuras pelo mundo, no seculo XIII, elevando o espirito ardente daquelles asturianos de Pelayo e preparando o moto expansionista que havia de se manifestar nos descobrimentos maritimos do seculo XV, não buscaram sómente a Sicilia e Bysancio, foram a outras paragens, a Flandres, á Bretanha, á Lombardia, ás planicies hungaras e slavonias.

Falta, porém para realizar o estudo das suas outras odysséas, uma penna egual á do sr. Schlumberger.

João do Norte

31

Rio, 4 de Maio de 1918.

Uma dansarina

A dansa que foi uma das artes mais queridas da Grecia classica, das mais bellas e das mais difficeis, a arte que modela o corpo e crea a symphonia cambiante das formas, arrastava-se atravez os seculos decadente e triste, quando os creadores das dansas russas lhe deram nova vida. A fria Moravia, guardadora das tradicções de arte do sumptuario Imperio Byzantino, que sempre invejou, tambem quiz mostrar que não esquecêra as alebres dansas classicas ou sensuaes, divinamente hieraticas, do palacio de Blachernes, á luz do céo azul do Bosphoro e ao som das cantigas dos marujos do Corno de Ouro. Reviveu os movimentos leves e elegantes das dansarinas dos Isaurios, dos Tzimiscés, dos Armenios, dos Comménes e dos Paleologos, raça de mulheres encantadoras da qual sahiu Theodora, a grande Imperatriz. Então, Nijinsky passeiou pela Europa e, depois, pelo resto do mundo, os seus bailados maravilhosos.

E o amor da arte choreographica renasceu na terra, quasi tão ardente quanto o fôra na Grecia antiga. Multiplicaram-se as escolas de dansas ao ar livre, nas pelucias dos gramados, á sombra estrellada de oiro dos arvoredos. O resurgimento da dansa byzantina fez apparecerem de novo as attitudes gregas, as farandolas das bacchantes, os ademanes da pyrrhica, as *poses* plasticas da estatuaria. Houve uma nova escola em cujo cimo brilhou como uma evocação de toda a belleza da Hellenia a arte de Isadora Duncan.

Não bastaram ao universo essas duas resurreições. Os publicos das grandes capitaes começaram a exigir novidades. Vieram as dansas egypcias e hindustanicas, os bailados exoticos da China, até os passos exquisitos de tribus selvagens. E, finalmente, as dansarinas começaram a exhibir uma arte composita, na qual entravam todas as maneiras de dansar.

Entre as dansarinas da escola russa creou fama bem justa a senhora Anna Pavlowa que, presentemente, vae dansar perante os Cariocas. A sua dansa que reveste a forma mais completa e mais alada, materialisando no palco a musica polaca de Chopin.

O seu physico contribue sobremodo para o prestigio que tem alcançado, incarnando todas as creações de sonho da imaginação moscovita. Sua esbelta elegancia se arreia com a pureza edenica duns braços puros e se illumina com dois olhos cariciosos, rasgados num rosto pensativo. A sua plastica tem sido o encanto dos mestres, que reconhecem a pureza, a graça e o classicismo impeccavel de sua dansa, que encerra numa rêde de oiro de movimentos plasticos o hieraticismo mysterioso de Byzancio e o symbolismo ridente do Paganismo.

E' a creadora inimitavel de varios bailados e realizações choreographicas do pensamento dos grandes mestres da Musica. Fez o *Orpheu* de Gluk e o *Cysne* de Saint Saens, as *Sylpbides* e as *Scenas dansantes* de Bucherini, a *Invitation à la danse* de Weber e a *Boneca Encantada* e o *Preludio* de Lizst e a magnifica *Libellula*.

Ella reune a agilidade de Nijinsky á plastica admiravel de Isadora e á belleza physica de Norka Rouskaya. O seu corpo parece feito de gaze fluctuante como talvez de gaze fluctuante é feita a sua alma de mulher e de actriz. Na musica verdadeiramente russa, acompanhando as notas e os harpejos nascidos no fundo triste das *steppes*, ainda a dansarina é mais assombrosa. Dahi o seu triumpho absoluto nas suas creações: *A Rosa Moribunda* e o *Passo de dois* de Tschaikowsky ; a *Bacchanal* de Glasunoff e as *Dansas Russas* de Kalinikoff.

A admiração da arte pura, da arte verdadeira, admiração que é mundial a respeito da dansarina que nos visita, espalhada pelos chronistas de todos os jornaes, ajuda-nos a elogiar a sua dansa perfeita, sem que pareça que exaggeramos.

A Anna Pavlowa, á maneira duma saudação, se póde dizer como Gabriel D'Annunzio na *Gioconda:*

— « Cada movimento rythmico de teu corpo divino, desfaz uma harmonia para crear uma harmonia nova ! »

Felizes os tempos que passam, pois um momento, uma visão de arte fazem esquecer a bruteza sanguinaria duma guerra maldita e olvidar o amargor da vida corrente. Felizes os nossos tempos, pois caminham para o culto do bello com o esplendor que este tinha nas edades heroicas.

Jotaenne

"Fon-Fon" 8 junho de 1918

Gatafunhos

Cada cidade tem os seus animaes predilectos, seus protectores ou seus protegidos, parecendo esse habito ser uma como reminiscencia do totemismo primitivo da humanidade.

Veneza tem os pombos de São Marcos, enchendo de azas brancas a Piazzetta doirada do sol. Constantinopla possuia os cães que auliam e uivavam a noite inteira através das viellas de Eyub, dos cemiterios de Pera e dos jardins de Galata. Paris conserva os seus *moineaux*, os pardaes agavrochados da bohemia de Mürger e de Vigny. São Paulo, com o Butantan, é a capital das cobras. Nova-York, quando era moda as senhoras da alta roda conduzirem um alligator atrelado em prata, era a cidade dos jacarés. E Campinas vive sob um esvoaçar e um revoar continuo e grulhante de andorinhas, aninhadas á crista da propria Camara Municipal.

Roma é mais curiosa. Os seus *totems* são os gatos. Ao sahir da via Alexandrina, quem passa á tarde no Forum Trajano vê correrem milhares de gatos, que o povoam, amarellos e tigrados, cinzentos e pintados, pretos e brancos, que vivem entre os capiteis tombados e fitam, nas noites de luar, a columna negra de Trajano naquella attitude pachorrenta e meditativa que encantava Theophilo Gautier.

Esta «gente da unha», como a chamara Quevedo, povoadora de Roma, mereceu de Enrique Rodó estas expressões :

« — Não gosto dos gatos. Sempre me pareceram seres de degenerescencia e parodia, degenerescencia e parodia da fera. São a fera sem energia, o tigre amesquinhado, o tigre de Liliput, o instincto contido pela debilidade, a intenção perfida e sinuosa que substitue o arrebatamento da força, a mansidão diante do homem e a ferocidade diante do rato. Quando a corôa dos sêres vivos está na cabeça do leão, como na famosa fabula de Gœthe, a propria tyrannia se ennobrece e a propria crueldade cria prestigio de justiça. Ai ! do reino animal quando os gatos governam !... »

Gatafunhos

Está desencadeada uma nova e mais terrivel offensiva germanica contra a fronte occidental, matadouro horroroso de milhões de homens. Apezar da resistencia gigantesca dos franco-inglezes, das repetidas derrotas, do gasto monstruoso de munições, do desperdicio fantastico de vidas, o marechal Hindenburgo ainda não poude avançar com vantagem para o seu grande objectivo — Calais.

A orgulhosa phrase franceza *on ne passe pas !* mantem-se de pé, não desmentida, affirmada dia e noite pela sébe de aço dos seus guerreiros. E os esforços de Hindenburgo continuam improficuos. Calais é por ora uma longinqua esperança.

Marechal e Principe, a frente occidental não é a Masuria coberta de lagunas, nem esses soldados são commandados por Grão-Duques !

Calais tem sido uma das mais cobiçadas cidades do mundo. Os inglezes, depois de cem annos de guerra cruel, guardavam-na como a joia mais preciosa das suas conquistas. A sua perda trouxe a morte de Maria Tudor, que dizia ter esse nome escripto no seu coração de rainha e de ingleza. E o desespero de Hindeburgo ha de escrevel-o na sua alma com lettras de fôgo...

"Fon-Fon" 1° de junho de 1918

Rio de Janeiro, 1 de Junho de 1918

LIVROS

Livro combatido, livro victorioso. E tanto mais combatido quanto mais victorioso. Este anno, pode-se affirmar, a obra mais guerreada, que mereceu uma idefinida serie de terriveis artigos de fundo, foi a «Cura dos Nervosos», do illustre professor e homem de lettras, Antonio Austregesilo.

A idade-media teve as suas paginas de alegre saber, de gaia sciencia, nos quaes se aprendia sorrindo e sorrindo se ensinava. E' quasi um methodo identico que o nosso grande medico resuscita nos dias que correm para gaudio dos que apreciam as bôas obras. Em linguagem bôa e sem atavios desnecessarios, elle ensina aos proprios doentes as razões scientificas dos seus padecimentos e a maneira melhor de cural-os. Todas as duzentas e quatro paginas do volume estão cheias de conselhos uteis e ensinamentos claros, mostrando amplamente a alta influencia do espirito sobre o corpo e procurando, suggestionando uma auto-suggestão sobre os enfermos.

E' um livro de agradavel leitura e de real valor, agradavel mesmo aquelles que não soffrem dos nervos e não carecem de procurar meios de cura ou de saber porque soffrem. Isto mostra como foi bem pensado antes de ser escripto e bem escripto depois de ter sido bem pensado.

Continua a serie de livros do autor, dedicada aos que precisam de conhecimentos e conselhos medicos, conseguindo maior successo que seu antecessor, o attrahente e suggestivo «Pequenos Males». Com elle o eminente professor firma mais uma vez os seus altos creditos de scientista e escriptor.

Costa Macedo, um talento moço e seivoso, deu-nos num bello livro com o titulo «O Enforcado» uma collecção de contos excellentes, elaborados com pensamento claro e artistico, executado com uma ferramenta perfeita — lingua pura, sadia e gloriosa como um dia de sol.

O volume, lindamente impresso na «Renascença Portugueza» e magistralmente illustrado pelo lapis de Correia Dias, contem seis contos: O Enforcado, Carolina Augusta, O Libertario, Penelope, Pobre Florinda, Por causa da Capa, Os Covas e Malfadada. Oito perolas sem jaça, do mesmo brilho, do mesmo frescor de setim, do mesmo oriente, entre as quaes não é possivel a escolha.

Louvemos as qualidades de imaginação do moço escriptor; porém louvemos mais ainda as suas qualidades mestras de execução, das quaes a maior é o seu conhecimento da lingua, que torna sonoro como peças de ouro novas os periodos cantantes do seu estylo.

Uma surpreza litteraria!

Quando pegamos no livro do sr. Albino Costa, intitulado «Cedrim» tivemos a impressão de que iriamos folhear um tomo feito com oito ou dez trabalhos esparsos e á tôa, reunidos pela vaidade dum commerciante retirado com um prefacio dado pelo bom coração do sr. Fernandes Costa. Mas ás primeiras paginas, percorrendo periodos estylisados numa linguagem pura, sonora, perfeita, rebrilhante, tivemos de dizer como Sainte Beuve disse de Flaubert — *Enfin, il sort de lá un plus gros monsieur...*

O sr. Albino Costa, affirmamos com verdade e prazer, é um admiravel escriptor. Nada lhe falta. Tem emoção, estylo, propriedade, caracteristicas, sobretudo conhecimento da lingua. E' um classico modernisado. E sabe arrancar risos como sabe arrancar lagrimas. A scena de sua chegada á povoa nativa e o encontro com sua velha mãe que não o reconhecia pode ser assignada por qualquer escriptor de qualquer parte do mundo, com orgulho.

Não ha demasias nesta louvaminha. Não temos relações pessoaes com o senhor Albino Costa e sómente o conhecemos pelo retrato. A surpreza que nos causou, porém, manda que lhe paguemos o seu agrado com estas palavras cheias de lisura.

A segunda parte do livro consta de versos do mesmo autor. São merecedores de elogios e revelam um bom poeta. Entretanto, preferimos o sr. Albino Costa como prosador.

O livro termina com um *aperçu* bem feito sobre a vida do autor.

Eduardo Tourinho dá-nos a cinza clara dos seus versos sob o patrocinio deste tituleiro sceptico de Eça de Queiroz: «Eu não sei escrever; — ninguem sabe escrever.» Quanto á primeira parte, de accordo; quanto á segunda, não. Ha muita gente que sabe escrever. O Eça foi ahi, o que raras vezes costumava ser, paradoxal.

«Cinza» é um bonito livro de versos, simples, despretencioso, elegante e amavel.

O poeta soffre da molestia de todos nós, homens do Brasil de hoje, ligados á psyché ancestral européa e donos e escravos duma perpetua saudade a que chamamos tristeza,

«... E chegaste com loiros de incerteza
Dando-me uns ares de que não existe!
Eu senti a alegria de ser triste
E de juntos soffrermos, ó tristeza!

E como é bôa a alegria de ser triste no meio de todas as alegrias!

«Percebes! Vinte e um annos de tristeza,
Trespassados de magua e de anciedade
Erguidos sobre uns restos de saudade,
Torturado do Sonho e da Belleza!»

A tristeza do poeta ainda não para ahi. Continua:

«Sei que minha tristeza é que te encanta,
Abençoado seja o meu soffrer!»

E são tristes assim quasi todos os poetas...

Jotaenne

"Fon-Fon"
8 junho 1918

Gatafunhos

Basta frequentar os cinemas da Avenida e assistir ás fitas americanas para chegar á conclusão de que nos Estados Unidos existe já na arte, na architectura, no mobiliario, na moda, verdadeiro caracteristico nacional.

Os estylos Luiz XIV ou Luiz XVI dos salões americanos têm o seu quê de *yankee* como o têm as fachadas das casas e o vestido das mulheres e o casaco dos homens.

No Brasil ainda a mistura de tudo e mui especialmente o predominio do máo gosto. Da nossa amalgama de gentes e psychés ainda infelizmente não sahiram as linhas dum estylo em qualquer manifestação de arte nem mesmo na litteratura. Entretanto, já no tempo da independencia americana Cooper era original...

Garatujas

Não ha homem nenhum que nos seus momentos de meditação deixe de indagar da existencia e da natureza de Deus, de si para si, na solidão silenciosa da consciencia. E as interrogações caem mudamente dos labios diante do mysterio impenetravel que Rabelais, sorrindo, chamava o Grande Talvez.

Então, ao approximar da velhice e ao approximar da morte essa muda indagação cada vez se torna mais constante na dolorosa sensação de sahir da vida sem ter podido conhecer a causa da vida.

Dahi aquella pergunta que, com olhos de assombro na sua formidavel face pallida, fez, erguendo-se a meio no seu leito de morte, Clotario, o grande rei dos Francos batalhadores:

«Quem é esse Rei do Céo que póde matar os maiores Reis da Terra?»

"Correio Paulistano" 12 julho 1918

Juizo de Deus

João do Norte

"... dans le système fiscal si imparfait du moyen age, le juif servait en quelque sorte de collecteur d' impôts, d'intermediaire officieux entre le trésor et le contribuable.. "

Theodore Reinach.— "Histoire des Israelites".

Isaac Vasco fôra judeu. Convertera-se, porém, em tão bom christão que até por um guete referendado pela carta de camara do alvasil de Tortosa se divorciára da mulher, judia abarroada e fanatica, tratada pelo instrumento juridico por marafona e barregã. Após a conversão, arranjára ser arrecadador das fóragens, afogações e outras costumagens do mosteiro de Alcaniz, o mais rico do reino de Aragão, cujas barras usava na metade do escudo, e que só dos quintos, sextos e oitavos das coirelas e herdades rendia, annualmente mais de mil e quatrocentos auriques. Já mais houvera regadeiro que tanto augmentasse o tiramento dos tributos. Exercia o mester com habilidade nunca vista. Quando outros, pelas direituras de falas e miunças ou fóros cabaneiros, traziam meia duzia de rezes, um ceirão de gallinhas, um cabaz de ovos, transformava tudo isso em dinheiro, entregando ao prior da Ordem oito, dez pilhas de reaes pretos e brancos.

Dom Geraldo, abbade de Alcaniz, era confessor do rei de Aragão. Morto El-Rei, o convento herdou por abbadengo as terras de Hijar, cuja alacir dava cento e oitenta almudes de vinho e duzentas mêas de azeite. De taes terras, o cobrador começou a tirar, pela fumagens, areaticas e eirádegas, trezentos vintens de prata e cento e noventa e dois cotrins. Entre os freires era grande o seu valimento e a honestidade de suas cifras desafiava perquirições. No emtanto, nas casas dum conqueiro e dum pergamilheiro seus amigos, que lhe davam albergagem, escondera pequenos bahu's recheados de coroas velhas, cujo ouro não limaram nunca os banqueiros e os ganhadores dos escambos. Nos burgos sujeitos ao abbade, em troca de ligeira almeitega, refeição de couves, pão e ovos, que tomava numa alpendrada da judiaria ou da mouraria, dispensava dum terço dos pesados impostos da álfita, do azagui, da quarentena e da judenga os mouros e os seus irmãos do antigo credo Assim conciliava as sympathias de todos.

Em dia de grande mormaço, vinha o recebedor ao passo ronceiro da faca pedrez pelo sombreado caminho de Castellote. Trazia, aos lados da albarda acedrenxada, duas pequenas arcas de carvalho com cruzes em relevo. Dentro, vinham os dinheiros das fintas. Devia ser grande quantia, porque desde a ante-vespera andava cobrando nos logarejos a açougagem atrazada e, segundo o accoirelamento dos campos e o ateigar dos fructos, os terradegos, montadegos e albergarias, além das dividas por fóros encommissados, não cumprimento de cartas de gádea e detenção dos gados do vento, pertencentes á congregação como todos os bens do acaso. O céo era dum azul metallico. Não se movia uma franja de arvore. Desprendia-se do solo um bafo morno. Zumbiam moscardos. Ao longe, gritavam milhafres. No recesso do arvoredo sentia-se o fremito dum regato.

O judeu coxilava, cabeceando, quando um homem de esfarrapado piquicé, saltou do matto e travou da arreata da egua com um longo punhal na mão. Mal teve tempo de abrir os olhos, já a lamina aguda lhe transpassava o ventre obeso. Deu um grito e mollemente cahiu sobre as caixas. O sacomardo arrancou o cadaver da albarda, arrastou-o pelos braços até ao bosque e deixou-o, entre touceiras de panasco, á beira do corrego. Abriu as arcas. Revolveu com avidas mãos e guloso olhar os saccos da espadius, os atados de escudos e mealhas; remexeu as tulhas do chinfraus; alisou com delicia a face das castellas de ouro. Por fim, montou e fugiu, esporeando furiosamente a cavalgadura com a arma.

Dahi a pouco, passava ali o senhor da Bica de Calamoxa, dom Egas Ortiz, que vinha de Castelote e ia para o seu solar. Ouvindo o murmurejo da levada, refreou a montaria e desmontou com ligeireza. Apartou arbustos, debruçou-se sobre uma rocha e, com a conca da mão, bebeu demorados goles de agua, sem reparar no cadaver esparramado a dois passos, entre as hervas molhadas. Ao inclinar-se para o riacho, sem que désse fé, a adaga filetada de ouro, com o seu brazão no punho, escorregou da bainha sobre a terra humida. Mitigada a sêde, d. Egas partiu.

Na alvorada do outro dia, um alfeireiro que guiava o rebanho estrada a fóra, descobriu o cadaver pelo fedor e os corvos. Correu ao convento levar a noticia. Vieram servos buscar o corpo, para sepultal-o christãmente, e o abbade trouxe a justiça afim de examinar os vestigios do crime.

Alguns aldeões de bristois escuros, que accorreram curiosos, disseram ter visto, na azinhaga de Miraflores, no calor da tarde, um homem de má cara, fugindo numa egua pedrez carregada de uchotes. Mas o alcaide não prestou ouvidos a tal reconto, porque um dos officiaes lhe trazia o punhal encontrado á beira da agua. Mirou-lhe o cabo brazonado e disse:

— "Não ha mais procurar. O matador e ladrão é dom Egas Ortiz, senhor da Bica de Calamôxa. Estão aqui, em campo de bláu as suas sete lisonjas de prata. Chamai um physico para vêr o morto e elle será castigado conforme o numero e enormidade das feridas."

Virando-se para um meirinho, ordenou:

— "Ide com gente armada ao solar do matador e prendei-o em nome da justiça de El Rei!"

Perante o fôro de Tortosa, dom Egas negou com tal fortaleza, durante tantos dias, a autoria do homicidio e furto que os juizes não tiveram talante de lavrar a sentença sem uma prova mais concludente ainda. Tendo em vista as leis civis e canonicas, resolveram tentar o juizo de Deus. O cavalleiro acceitou cheio de fé. O duello ou desafio não se podia travar, porque não havia outro accusado ou suspeito, nem padrinhos. A agua fria e quente era benigna provação para crime tão alto. Restava a purgação vulgar do ferro em braza.

O senhor de Calamôxa confessou-se e commungou, jejuou tres dias, foi benzido e exorcismado. Dos homens nada podia esperar. Mas Deus por certo demonstraria sua innocencia. A sua alma enchia-se de esperança ao pensar lenda formosa, tão rança ao pensar na lenda formosa, tão espalhada pelas Hespanhas, de dona Tareja Soares, flor das mulheres de Riba-Douro, que segurára nas macias mãos um ferro caldo, retirando-as tão brancas como dantes, confundindo, assim, por mercê do céo, o marido que, falsamente, a accusára de adulterio.

No dia do julgamento, na praça do pelourinho, o algoz esquentou em grande fogareiro uma rêlha de arado, ferro puro que rasga a terra fecunda. Quando ficou da côr das brazas, um meirinho verificou-a, bem como as vestes e mãos do fidalgo, afim de impedir qualquer remedio, composição ou encanto que onervasse ou rebatesse a virtude do fogo. Fechando os olhos pestanudos e jurando em alta voz estar limpo do crime que lhe imputavam, o bello senhor da Bica de Calamôxa pousou a mão direita sobre aquella chapa ardente. As carnes fumegaram. Soltou um grito, erguendo a palma em carne viva; e uns farrapos de pelle ficaram chiando, enrugados, de encontro ao ferro.

A convicção da culpa penetrou a alma da credula multidão que assistia ao feito. Morava já no sentir dos julgadores. Até os aldeões que tinham visto o salteador fugindo sobre a egua do judeu, acharam que Deus apontára o verdadeiro culpado, recusando o milagre da carne não ser queimada pela chapa em braza.

Uma hora depois, o alcaide de Tortosa firmava esta iniqua sentença:

"Peor que os cinco delictos nefandos que os foraes punem com peitas, coimas e justiçamento: homicidio, furto, rapto ou rauso, arrombamento e lixo em bocca (stercus in orc); foi este commettido por don Egas Ortiz, senhor da Bica de Calamôxa, nas ter-

"Braz Cubas" 18 abril 1918

ras de Castellote, coute do mosteiro de São Paio de Alcaniz; porque tanto roubou fintas e tributos do dito mosteiro, como praticou com arma miuda morte de homem. Assim, por boa justiça, e em nome de El Rei, mando eu, seu alcalde desta castellania, capellania, freguezia e conselho, que o solar, e contados, e compos, e granjas, e eiras do dito matador e ladrão, sejam dados ao abbade em quitança dos dinheiros roubados, que morra por al, sendo justiçado com injuria na encruzilhada de Tresfuentes; e peite ao escrivão sessenta soldos, e ao verdugo quatorze soldos pela corda de enforcar e os carvões gastos no auto e prova do Juizo de Deus".

João do Norte

O deputado Torquato Moreira folk-lorista

Temos a prova provada de que o sr. Torquato Moreira, muito digno tabellião nesta capital, é grande amador do folk-lare nacional que sabe de cór, talvez até maior amador que o sempre lembrado Sylvio Roméro.

Um dos nossos companheiros de redacção assistiu da janella do seu quarto, que dá para a casa do referido politico, uma scena interessantissima. O sr. Torquato, de pyjama claro, listado de azul, zangarreava um violão saudoso e gemente, de joelhos defronte de duas cadeiras de braços, envernisados de escuro, trasidas do corredor para a sala de visitas, onde elle estava. Uma devia representar a ex-cadeira do Espirito Santo. A outra a actual poltrona da Bahia.

Voltado para a primeira, o illustre politico cantava com lagrimas nos cantos dos olhos:

Quando eu de ti me apartei,
Disfarcei o que podia
P'ra não dar a conhecer
As penas que padecia.

De olhos quasi fechados, a face orvalhada de prantos, continuou:

Quando eu de ti me apartei,
Logo no primeiro dia
Meu peito cobri de luto,
Não tive mais alegria.

E voltando-se para a outra cadeira, que os seus olhos scintillantes viam mais nova e mais bella, já de lagrimas enxutas e risos florindo aos cantos da bocca, sob a espessa sombra do grosso bigode grisalho, o sr. Torquato exclamou, arrancando dós do peito robusto:

Botei o preto por luto,
O branco por bizarria,
O verde por esperança
De te lograr algum dia.

O nosso companheiro affirma que, desde a sua nomeação para tabellião até á sua entrada na chapa bahiana, o sr. Torquato Moreira andou sempre de roupa preta, camisa branca e gravata verde...

"Fon Fon" 13 de julho de 1918

Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1918.

As sete espigas

Depois de eu ter commentado com acrimonia varios actos politicos e governamentaes do momento, exaltando-me por vezes como bom latino que sou, o meu amigo Claudio França ficou em silencio, labios franzidos num leve sorriso. A gaze da tarde cahia lentamente, encinzentando os morros, onde as manchas das casas empalledeciam entre as verduras. Aqui e alli, brilhava um fóco de luz. O vento frio da noite soprava da barra com força. Na avenida deserta do Flamengo, nós estavamos sós, num banco, defronte do mar.

Claudio, cessando o seu sorriso leve, disse-me a brincar com a ponta da bengala no cimento gretado do passeio :

« — Tanta irritação por duas ou tres questões duma vulgaridade desprezivel ! Perdes tempo, estragas a tua tarde, amofinas-te e nada adiantas. Porque motivo ha de aborrecer-te a maioria da opinião publica chamar a este ou aquelle individuo estadista. Deixa fallar. Não te inquietes com o zumbir dos mosquitos emquanto elles não te morderem. Quando te morderem, esmaga-os. Neste mundo, é necessario ser paciente e ser forte. Não sentir o que lhe não diz respeito e destruir o que lhe póde causar mal. O mais, meu caro, illusão, illusão e illusão.

« Ademais o teu paiz não carece senão de um certo methodo de agir dos seus governantes para eleval-os á dignidade de semi-deus. Não és sabio na vida e por isso te irritas. Se fôras sabio, comprehenderias quão pouco vale ter opiniões preconcebidas. Nunca discutir é o ideal. E desse ideal se approxima todo aquelle que deseja ter por si a opinião da maioria. Foi o seu eterno silencio que deu a Pacheco a sua nomeada. Foi a calma e a banalidade, o terra-terra e a inexpressão das suas phrases que cercaram de uma aureola o conselheiro Acaccio. Até a voz do povo, a voz de Deus, affirma : quem muito falla, muito erra ; e garanto que, se a palavra é de prata, o silencio é de ouro. »

Quiz interrompel-o. Claudio impoz-me silencio com um gesto e proseguio, vagarosamente, na escuridão que em torno de nós ia a pouco e pouco se fazendo :

« — Tse-Ki, um grande doutor taoista chinez, contou uma vez ao seu discipulo Tse-Yu a seguinte historia. Um criado e educador de macacos davalhes de ração quotidiana tres espigas de milho, a cada um, de manhã, e quatro a tarde. Os macacos, achando pequenas as refeições, andavam descontentes. Com o tempo e a continuação da fome se tornaram furiosos. Até chegaram a tramar uma revolta, durante a qual assassinariam o seu patrão. O homem era arguto e conhecia um tanto a lingua dos simios. Desconfiado das razões do seu descontentamento e não podendo, por falta de meios pecuniarios, dar-lhes mais de sete espigas, que fez ? »

« Reduzio ainda mais as rações como castigo e pôz em serviço o chicote e a mordaça ! »

« — Não, meu caro estonteado. Mil vezes não. Começou, do dia seguinte em diante, a dar aos seus micos quatro espigas de manhã e tres de tarde, fazendo grande alarde do augmento generoso do almoço e calando, prudentemente, a diminuição do jantar. Os macacos ficaram radiantes.

« Mezes após, alguns saguis intrigantes demonstraram á macacaria a continuação do *statu-quo* alimenticio, o *plano* do sujeito. Houve *meetings*. Uma guariba fez um discurso de arromba sobre a maternidade affrontada e novamente o homem cedeu. Prometteu-lhes mais uma refeição, a merenda. Foi um delirio de contentamento. Então, elle começou a dar aos seus macacos tres espigas de manhã, uma ao meio-dia e tres á tarde. E até hoje que eu saiba os macacos não cuidaram mais de rebeldias nem de conspirações, acclamando o seu bemfeitor a todo o instante. Ninguem resiste ao augmento duma refeição, mesmo quando ella é ficticia.

« Pois os homens, meu amigo, são mais faceis de governar que os macacos. Com as sete espigas da sua ração diaria augmentam-se repastos e cream-se refeições novas, conseguem-se todas as cousas possiveis. E' uma questão de saber mudar, a proposito, o numero das espigas. Mas não se precisa ter mais de sete nesse interessante jogo, para se ser acclamado e elevado. »

De subito, todas as lampadas electricas, accesas a um tempo, magicamente, clarearam a Beira-Mar. A minha irritação fôra com os ultimos véos do crepusculo. Rindo das derradeiras palavras do meu paradoxal amigo, levantei-me e, batendo-lhe no hombro, perguntei :

« — Vamos jantar ao Leme ? »

« — Vamos. Chama um automovel. »

Jotaenne

34

"Brazil Cubas" - 18 abril - 1918

O Sr. Ministro Carlos Maximiliano e el rei D. Diniz

Quem quer que esteja ao par das questões de actualidade no Brazil não poderá negar que é tão necessario moralisar a nossa justiça como agricultar nossos campos e incentivar todas as energias nacionaes. E' uma verdadeira questão vital. Entretanto, para o bom resultado desse proposito se requer extremo bom senso, cuidados e, sobretudo, intelligencia. Não será levianamente que se conseguirão os fins optimos de tal campanha, porque o problema a resolver é bastante complexo e as accusações de prova difficultosa.

Para que fazer demissões a esmo, sem base certa, realisando verdadeiras fitas de energia que não existe, para amanhã a nação ser sacrificada com indemnisações mandadas pagar pelo judiciario? Para que apregoar aos quatro ventos medidas que só podem e só devem ser tomadas com segredo e cuidado? Para que procurar nos despachos e ordens ostentar uma literatura suburbana, contundente e desafinada, enchendo-se papeis publicos de indubitavel seriedade com termos estaduaes ou provincianos, com phrases como "cair na bocca do lobo" e outras que taes? Então, jamais ha de sair o nosso paiz do reinado excelso da opereta?

Em tempos idos de ha muito, um rei portuguez, herdeiro de glorias e degenerescencias, mandara escrever aos seus juizes uma carta admiravel, que póde servir hoje em dia ainda como modelo de eloquencia official, linguagem sã e elevada, energia discreta e bom senso lidimo. Eil-a:

— "Dom Denis pela graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve, a todolos Alcaides, e Commendadores, e Meirinos, e Alvasis, e Juizes, e Justiças do meu Reino, saude. Sabede que Eu som certo que vós nom fazedes Justiça assi como devedes, e os demais por quem se nom faz. E porque vós Alcaides, e per vós outros, per quem se deve a fazer, que levades ende algo: Porque vos Eu mando su pena dos corpos, e de quanto avedes, que Justiça que a façades, e a comprades de guisa, que nom mengue ende en nengua cousa; ca bem crede que aquel que Eu souber de vós que a nom faz, nem na compre, assi como deve, que eu o matarei por ende, ou lhi farei dar aquella pena meesma que ouvesse receber aquel, eu quem menguar a Justiça; cá bem sabedes vós cá pera esto me fez a mim Deus Rei pera fazer Justiça, e pera fazela fazer em todo meu Reino: de guisa que cada num haya aquello que deve aaver: e Eu para esto vos meto en meu logar pera fazerdes Justiça, e pera comprila: de guisa, porque per medo, nem per meaça, nem por ofreçom, nem per outra cousa nenhuma nom se perca minha Justiça, e que cada uum aja seu direito.

E por esto sede certos que Eu de todo en todo quero saber per Inquisiçoens, que mandarei fazer, aquelles per que a Justiça mengua, e as cousas en que se nom compre, nem se faz, e farei y tal escarmento en aquelles per que menguar que serom eixempro pera todo o mundo.

E mando a todolos Taballioens de meu Reino, su pena dos corpos, que escrevam todalas cousas, en que se nom fezer Justiça, e aquelles per quem menguar; de guisa que quando Eu fôr na terra, ou mandar sobr'esto fazer Inquiriçom, que o possa todo saber.

Item vos mando que en os preitos, que perante vós veerem, nom sofrades que nenguum y faça perlongança, senom aquella que fôr de dereito: nem er sofrades aos Avogados, que façam esta pontaria **(trapaça)**, nem esta burla, nem que se façam en os preitos: mais sem outra pontaria, e sem outra perlonga, fazede que cada uum aja todo o seu dereito, e nenguum nom perca seu dereito por pontaria; cá Eu nom quero que os preitos andem, senom chãmente, e per verdade.

E mando a este meu homem, portador desta carta, que a faça leer en Cada uuma Villa, e en cada logar, e no Concelho apregoado. E mando aos Tabellioens que registem esta Carta, per tal, que sea pera sempre, e que a lêam cada domingo uuma vez en o Concelho. Dada en Beja, 1° dia de Agosto. El-Rei o mandou. Airas Martins a fez en Era M.C.C.C.XIX.".

Mire-se o sr. Carlos Maximiliano nesse espelho de justiça. Ao atilado espirito do grande rei portuguez não escapou um só dos vicios congenitos da justiça publica que deviam ser combatidos energicamente. Assim, elle condemnou as vendas de sentença, as protecções, as maldades, as demoras dos processos, as peitas, as patifarias e até a chicana e a trapaça dos advogados, tão velhas como o mundo. A justiça naquelle tempo rude, conforme a palavra do foral, minguava por causa de tantos erros e crimes. Elle lembrava o seu poder de rei, discreto e energico, rigido e justo, calmo e resoluto, combatendo a peste damninha da má justiça. Mire-se o sr. ministro neste espelho e aprenda como em 1319 escreviam melhor, no portuguez da época, mais elegantemente e mais decentemente, os Airas Martins, da Mesa da Camara de Beja do que os **ronds de cuir** de 1918 do casarão do largo do Rocio.

E agora que, por todo o Brazil, a Justiça mingua e se torna odiosa e prejudicial pela "perlongança" dos pleitos, as "pontarias" de advogados, curadores e juizes, pela "meaça" dos poderosos, pela "ofreçom" dos ricaços ou negocistas, pela "burla" dos velhacos, ha mistér dum escarmento, porém, parece que as mãos do ministro actual são demais fracas para escrever e para agir, realisando esse feito.

Aprenda sr. ministro da Justiça com El-Rei Dom Diniz de Portugal como se sanêa e alimpa a justiça dum paiz e como a nossa lingua quanto mais velha mais interessante e mais bella é do que aquelle discurso do Codigo Civil ou a demissão do sr. Honorio Coimbra.

Livre-nos Deus de defender a Justiça brazileira e dê-nos força para atacal-a, quando errar. Mas isto não quer dizer que compactuemos com a maneira de agir do sr. Carlos Maximiliano, errada do começo ao fim.

Dom Diniz mandou escrever nessa citada e celebre carta **que sea pera sempre** e ella para sempre ficou. Permittam os fados que o sr. Carlos Maximiliano, lendo-a, tome o quinhão na unha e de ora em deante a:a e escreva de modo que o que sair de sua cabeça ou de sua penna tambem fique **pera sempre.**

"Fon-Fon" 27 julho 1918

As barbas axilares do sr. Barbosa Lima e os bigodes cerebraes do sr. Paula Rodrigues

A politica opposicionista cearense anda em maré de cabellos. E', actualmente, o que ella mais possue. Não lhe bastando os pellos felinos do sr. Mané Onça nem o pêllo do sr. Ildefonso Albano, foi buscar para seu candidato a senador um homem de barbas, permittam a expressão, verdadeiramente sovacáes, o sr. Alexandre José Barbosa Lima.

Este, arrivista de marca em politica, homem que enganou o paiz durante muito tempo, fazendo-se de puro, e que só é positivista militante, para fugir aos duellos, agarrou a occasião pelos cabellos, como diria o sr. Carlos Maximiliano. Zás! apresentou-se candidato a senador pelo Ceará, com o honesto fim de cavar nos bastidores da politica meios de esbulhar desse direito o legitimo eleito, seu collega e camarada. Mas enganou-se redondamente. Nada arranjará. Espera-o o ostracismo, peior mesmo que o ostracismo, o carangueijocismo, pois o sr. Barbosa já está na época de andar para traz. As injecções de serum vital dadas pelo sr. Antonio Carlos atravez das unhas do sr. Onça não bastarão para salval-o.

O sr. Barbosa Lima é um homem ao mar. Nada o salvará. Nem as intrigas. Nem as chicanas da sua lagarteira habilidade politica. Nem os esforços onças do sr. Moreira. Porque é chegado o tempo irremissivel em que o famigerado governador de Pernambuco tem de desapparecer da vida politica do Brazil, na qual a maior memoria que delle ficará será a da sua catadura horrivel enfeitada com as suas barbas sovacáes.

Como estamos a falar dos pellos da bancada rabellista, é necessario não esquecer os bigodes espetantes do sr. Paula Rodrigues, untados de "hongroise" e torcidos até ficarem como espinhos de ouriço cacheiro, symbolos da sua espiculante neurasthenia e má educação.

Tchitchakoff, um personagem celebre de Miguel Gogol, typo principal das "Almas Mortas", sómente tinha um merito: espirrar com força. O sr. Paula Rodrigues tambem só possue um merito: ter bigodes. Desafiamos quem quer que seja a descobrir-lhe a menor qualidade. Fez-se notavel, no Ceará, pelos bigodes; fez-se deputado pelos bigodes; e na primeira occasião oportuna será bigodeado pelo Mané Onça, que, muito intimamente, não o tolera. O sr. Paula não dá por isso, porque, coitado! é duma assombrosa myopia intellectual. Imagine-se que um dos nossos mais eminentes medicos já nos disse desconfiar ser a massa cinzenta das circumvoluções cerebraes do referido bigodeiro composta de cerdas torcidas e "hongroise" rançosa.

Para ter influencia no partido democrata do Ceará, nada melhor do que possuir barbas sovacáes na cara e bigodes retorcidos no cerebro...

Gatafunhos

Mitre dizia não saber escolher um livro para levar para o exilio. Cicero demorou a sua fuga de Roma por causa da difficuldade dessa escolha. E o nosso grande Joaquim Nabuco frisou a mesma opinião no seu discurso á Academia.

Vejam só a quantas attribulações conduz a cultura dum homem. Para que saber? Afim de hesitar na escolha duma obra amiga a folhear nos dias máus? Pensando nisso é que se comprehende bem o symbolismo biblico da «arvore da sciencia do bem e do mal», cujos pomos deram ao homem a sua longa desgraça.

Até para tornar um livro companheiro de viagem ou solidão o homem ignorante leva vantagem ao sabio. Ao envez de ficar indeciso entre Cesar e Herodoto, Flaubert e Renan, Saint-Victor e Zola, estende a mão avida e apanha «A Menina dos tres calções» de Paulo de Kock ou a «Mocidade do Rei Henrique» de Ponson du Terrail.

"Braz Carlos" 18 abril 1918

O Conselheiro Antonio Prado no governo do Conselheiro Rodrigues Alves

O ex prefeito de S. Paulo deverá ser o futuro prefelto do Rio

Nenhum vislumbre de certeza existe ainda nos zunzuns que correm por ahi acerca do futuro ministerio do governo Rodrigues Alves; mas o passado politico e administrativo do conselheiro, que deu a este paiz o seu mais formoso quatriennio, nos induz a crer que os seus auxiliares serão escolhidos unicamente de accordo com a sua capacidade e o seu valor.

Gloriosamente envelhecido no trato das questões publicas, o futuro presidente sabe conhecer os homens, discernir as suas obras e avaliar os seus esforços. E é justamente na segurança desse seu comprovado criterio que repousa a maior esperança da Patria brazileira.

Não só para as pastas diversas deverá ser segura e habil a escolha do futuro governo. Auxiliares de outra immediata categoria ha que merecem ser cuidadosamente nomeados. Entre esses cargos está no primeiro plano o de prefeito do Districto Federal.

Depois do velho Passos, nunca mais houve um prefeito que o igualasse. Um ou outro tem agido regularmente. A maioria tem dado com os burros n'agua. Administrações têm havido verdadeiramente vergonhosas como a do sr. Azevedo Sodré, por traz da qual se sentia o asinino resfolegar do sr. Macedo Soares. E esta actual do sr. Amaro Cavalcanti não vae lá muito bem das pernas *et pour cause*...

A Prefeitura carioca precisa ter á sua testa um homem respeitavel e experiente, rico e desprendido, viajado e observador, emprehendedor e energico, sobretudo dotado de bom gosto e educação artistica, afim de que se não estrague a obra do velho Passos.

Ora, essa obra foi concomitantemente a obra do governo Rodrigues Alves; portanto ao novo governo Rodrigues Alves compete salvar do anniquilamento o que elle proprio produziu. Dahi as grandes esperanças cariocas na escolha habil de s. ex..

Porém, onde encontrar no momento actual alguem com a capacidade de intelligencia, bom gosto e acção sufficiente para ser um optimo prefeito? Parece ser difficil ou quasi impossivel a resposta, tanto mingua o Brazil de homens illustres. Não é tanto assim como pensa o velho e immenso pessimismo nacional. Ainda ha juizes em Berlim.

O Estado de São Paulo, o mais culto do Brazil civilisado, ahi está com varios nomes de real destaque e de verdadeiro valor publico e pessoal.

Entre esses, avulta á primeira vista o grande nome do conselheiro Antonio Prado, um dos vultos mais dignos, mais interessantes, mais uteis e de maior valor do nosso paiz.

Espirito que tem muito lido, muito meditado, muito observado, estudado e agido, se essa opportunidade o puzer á frente dos negocios municipaes cariocas, trará para as suas altas funcções publicas o brilho do seu talento, do seu prestigio de nome, de familia e social, a grandeza dos seus ideaes, o habito do mando discreto e util, fertilisador e duradouro nos seus resultados ,tirando a capital do Brazil do chãos administrativo em que a vão mergulhando espiritos que nem por terem lido e viajado deixam de ser estaduaes até ás mais reconditas profundezas.

Coefficiente da nossa grandeza nacional e expoente do nosso patrimonio moral e intellectual, o conselheiro Antonio Prado viria fazer renascer aquelles aureos tempos em que o Rio se transformou. Tel-o-iamos embellezando ruas e praças, enchendo os gramados de brancas estatuas, arranjando perspectivas, reformando as vias publicas, melhorando transportes, endireitando a instrucção, tudo movimentando e de tudo se occupando.

Passos em pessôa escolhia até o formato dos bancos dos jardins e as estatuas de marmore que nos ornamentam as *pelouses*. Depois delle, é vergonhoso, porém se deve dizer, jamais houve um prefeito com educação artistica capaz da escolha duma obra qualquer de esculptura ou de pintura, de architectura ou de ajardinamento. Felizmente, tiveram a discreção de nada escolherem, os seus successores, porque se assim não agissem, teriamos a praia de Botafogo e a do Flamengo, para risota do visitante educado, cheias de anõesinhos de terra-cota ou bolas coloridas como os jardins dos ricaços do Encantado ou dos capitalistas da rua Barão de Mesquita.

O conselheiro Antonio Prado, descendente duma alta familia, que influenciou sempre o meio em que vivia, e vive, tem qualidades que são muito pouco communs. A sua vida é um espelho de honra e de energia, de victorias moraes e de triumphos da intelligencia. O seu espirito tem o dom da ubiquidade e da apprehensão de todos os conhecimentos. Elle lê uma pagina de Anatole e tambem se apraz num relatorio sobre immigração, conhece as questões urbanas como as questões politicas do seu paiz, é capaz de discutir, com galhardia e vantagem, politica internacional, arte, litteratura ou os menores problemas agri-pecuarios do seu Estado.

Homem feito para exercer altos cargos, ministro no Imperio, de Estrangeiros e da Agricultura, capitalista, agricultor, negociante, dotado dum grande bom senso pratico, sociavel, educado, fino, elegante, nobre nas attitudes e nas maneiras, está talhado para optimo prefeito do Districto Federal. Para tal cargo o seu nome não é lançado pela nossa admiração sincera, tão sómente; mas sim pela verdade inilludivel dos factos, que o ha de apontar ao futuro presidente da Republica, senão para este, quiçá para cargo mais importante como o de ministro do Exterior, pasta onde seria *au right man in the right place*.

Milita mais em seu favor uma circumstancia relevante. Mais de dez annos foi prefeito de São Paulo e essa segunda cidade do Brazil sabe o quanto lhe deve de progresso, bom gosto e bem estar. A sua passagem naquelle cargo attesta a sua acção proveitosa e a maneira pratica, intelligente, recta e sadia por que resolveu, no seu tempo de administração, todos os problemas urbanos.

A escolha do dr. Rodrigues Alves não poderá recair em nome mais digno. O antigo prefeito de São Paulo deve ser o futuro prefeito do Rio, para que o governo do sr. Rodrigues Alves de 1918 a 1922 salve a sua obra na Capital Federal realizada de 1902 a 1906, que ameaça ir abaixo aos pouquinhos.

"Braz Carlos" 25 abril 1918

O ZE' DA JUSTA CONTESTA TUDO

Ora, os senhores não conhecem o Zé da Justa, ex-deputado da bancada do sr. Mané da Onça?

E' um pobre medico cearense, que tem um hombro mais alto que o outro e fuma charutos de tostão. Esse pobre ente, que miseravelmente trahiu o seu partido, lançando-se nos braços dos rabellistas, que o tinham perseguido em tempos passados, assaltando-lhe a casa e matando-lhe o papagaio de estimação, sem se lembrar de que tremeu por causa delles noites inteiras — no quartel de caçadores, em Fortaleza, com medo dos seus actuaes correligionarios, apresentou contestação a todos os diplomas conservadores do Caerá no proximo districto.

Ora, que tunante pretencioso! Esse dono de um nome cabuloso e quasi indecente pensa que vale alguma cousa, quando não passa de reles politicoide, que jaz no ostracismo eterno, sem talento, sem valor.

Contam do tal Zé da Justa, o seguinte caso:

A cinco de Julho de 1914,deu-se uma grande e grave sarrafascada no Ceará entre soldados do Exercito e um batalhão de policia, travando-se um tiroteio, que durou de nove da noite ás cinco da manhã. Elle era chefe de policia na occasião. Apezar de chamado pelo telephone e por portadores, só appareceu no palacio do governo de madrugada, com um revólver pica-pau, na mão, valentaço como aquelle bailio dos "Sinos de Corneville". Estava tão pallido que o sr. Benjamin Barroso, presidente do Estado, lhe offereceu agua de Melissa, S. ex. acceitou e bebeu meio frasco.

Sentou-se numa poltrona de vime, estendeu as pernas e tremia tanto a cada descarga do combate travado no outro extremo da cidade que a cadeira gemia longamente. O official de policia, commandante da guarda, teve pena delle.

Trouxe-lhe café. Reconfortou-o. E, como elle continuasse a tremelicar, perguntou-lhe á queima-roupa.

— Dr. chefe, esta tremedeira é medo?

— Não, meu amigo, replicou o dr. José Lino, não é medo, é sómente uma especie de pavor.

Agora o nosso Justa ajustou ser valente e contesta tudo. Entretanto, naquella noite, "in illo tempore", havia qualquer cousa do andava lá muito justa...
seu corpo, que, com a especie de pavor, não

"Braz Carlos" 18 abril 1918

CONFESSIONARIO POLITICO SOCIAL

Pretendiamos iniciar esta inoffensiva secção com a entrevista que nos concedeu o ex-senador Barbosa Lima. Recebemos, porem, uma carta anonyma assignada pelo sr. deputado Mané Onça, vulgo Moreira da Rocha, pedindo o favor de ser elle o primeiro. Conhecedores que omos do alto valor scientifico, litterario e internacional de tão illustre paredro, o mais celebre caçador de onças da ribeira de Soure, pretas, pintadas, sussuaranas, vermelhas e maçarocas, orador rival de Gambetta e Castellar, não hesitamos e ahi têm os leitores as espirituaes respostas do talentosissimo politico, que trahem a sua psychologia felina...

O TRAÇO PREDOMINANTE DE MEU CARACTER.

— Onça não tem caracter.

A QUALIDADE QUE PREFIRO NA MULHER.

— Que não seja onça...

O TYPO FEMININO QUE MAIS ME AGRADA.

— Pintada.

A NACIONALIDADE DE MULHER QUE MAIS ME AGRAD

— Sussuarana.

A MINHA PRINCIPAL QUALIDADE.

— Assaltar pelas costas.

O MEU DEFEITO PRINCIPAL.

— Arranhar.

O MEU PASSATEMPO FAVORITO.

— Sangrar bezerros.

A MINHA VERDADE[illegible] VOCAÇÃO.

— Ser onça.

O QUE EU DESEJARIA SER.

— Tigre de **bengala** ou leão de tapete...

A EPOCA EM QUE EU QUIZERA TER VIVIDO.

— Antes das armas de fogo.

O DIVERTIMENTO QUE MAIS ME ATTRAE.

— Brincar com a ponta da cauda...

OS MEUS ESCRIPTORES E POETAS PREDILECTOS.

— Catullo da Paixão Cearense, quando canta a onça urrando na verde capoeira; o capitão Henrique Silva, quando descreve caçadas de onça em Goyaz.

O QUE MEU PALADAR PREFERE.

— Gado em pé.

O QUE MAIS ME ATACA OS NERVOS.

— Andar de botinas.

OS ERROS QUE MERECEM MINHA INDULGENCIA.

— As mordidellas.

O QUE PENSO DO FLIRT.

— Miados de gato, á noite.

OS ANIMAES D EMINHA PREDILECÇÃO.

— As onças.

A MINHA DIVISA.

— E' hora da onça beber agua.

MANÉ DA ONÇA vulgo Moreira da Rocha

"Fon-Fon" - 27 - julho - 1918

Garatujas

Os grandes artifices da pedra, os creadores da arte gothica nunca pensaram que o seculo vinte viria matar com os seus obuzes as maravilhas que alevantaram em seculos de trabalho. A' face da França septentrional reina a desolação. Mercados, camaras municipaes, igrejas, tudo que a architectura gothica produziu de mais bello e mais puro, tudo se afunda, desapparece sob a chuva terrivel das granadas.

Vão morrendo uma a uma as velhas cathedraes de lioz dourado, de marmore *patiné*, de granito avelludado pelo mugre dos seculos. Foi Reims, foi Chartres, foi Arras. Amanhã será Amiens, depois talvez Orleans e outras e outras mais...

E qual será o castigo de Deus para os violadores malditos das suas mansões e daquillo que as mãos humanas haviam produzido de mais bello e de mais duradouro?

37

"Boy Cultura" 15 abril 1918

"Fon-Fon" - 3 agosto 1918

As tres graças

A' sombra semeada de moedas de luz dos antigos bosques sagrados, dansavam, por vezes, lentamente, repetindo os ademanes pyrrhicos dos guerreiros ou a encantadora levesa das nymphas, as Charites, filhas de Zeus e de Eurynomé.

Na França das arvores sussurrava o halito perfumado dos deuses. Os carvalhos magestosos, robles seculares, eram consa-

grados a Jupiter Pan-Hellenico, o deus da barba florida e das mãos que despediam raios, sempre apaixonado e ardente. O espirito eelgante, frio, puro e perfeito de Athena palpitava na folhagem prateada das oliveiras. Os loureiros verdes pertenciam a Phebo-Appollo. Proserpina amava as romanzeiras, que se espalhavam entre o arvoredo. A nympha Philyra protegia as tilias e a sua irmã Pithys o pinheiro. Aos heróes se destinavam os altos freixos frondosos.

Ao recesso amavel desses bosques sagrados desciam do Olympo as Graças maravilhosas, para correrem sobre a pelucia dos relvados ou se banharem nos regatos crystalinos. Nenhum mortal se atrevia a transpôr os limites da selva e num mesmo deus vinha turbar o seu passatempo. Uma ou outra vez Pan, escondido entre troncos ou detraz de moitas, assistia, com um faiscante olhar caprino, o banho divino das filhas de Zens. Esperava silencioso que ellas saissem da agua pura. Após se vestirem, afastava-se mais. Fazia soar de longe a sua syriux maviosa. E ao som da frauta suave do deus capripede as tres bailavam rindo sobre a relva florida.

Jamais homem, força da natureza ou deus algum tentaram perturbar a vida leve, sã, limpa e admiravel das dansas até que uma nova religião, migrada das planicies ermas da Judéa, veiu devastar os bosques sagrados e tanger da face da terra as tres Graças que sobre ella, de quando a quando, desciam. Um piloto egypcio ouvira nas costas da Grande Grecia, do alto duma falesia, uma voz mysteriosa e prophetica bradando:

— Pan, o grande Pan morreu!

E com elle morreram, sendo sepultadas em dez seculos de idade-media, as maiores alegrias dos homens. Agora, os tempos modernos, embora sordidamente praticos, com que estão se encarregando de fazel-as ressurgir, pois que de novo se ama o natural, se ama o bom e se ama o bello. E até parece que, depois de enxuta a sangueira que ora submerge a civiilsação, as Graças novamente virão á face da terra, descansar, dançar e sorrir. Que essa Bôa-Nova encha as almas de grandes esperanças!

As Charites, segundo Antimaco, eram filhas de Helios e de Egléa, do sol e do esplendor do céu. Hesiodo fal-as nascer de Zeus, deus do relampago e do raio, e Eurynomé, a aurora do oceano. E Phebo, o grande deus solar do Hellade, na sua estatua de Délos, trazia as tres pousadas na palma da mão. A mythologia ensina assim que ellas eram brilho, esplendor, luz, os do sol beijando a natureza, cobrindo-a de raios ardentes, fecundantes, illuminantes mil dons: os pomos ontommaes, as seáras do verão e as flôres da primavera. Por isso, na "hora em que os prados reverdecem e as arvores de novo se enfolham, as Graças, unindo suas mãos ás das Nymphas, formam córos alegres e batem na terra fecunda, com os pés aligeros, candenciadamente."

Na crença hellenica e no pensamento artistico dos homens de gosto de todos os tempos, nada é bello, moço, amavel ou inductor sem o sôpro vigilante e perfumado das Graças. Por isso serão eternas nos corações dos artistas. Pindaro dizia: Comvosco tudo se torna encantador e ameno. Por vossa causa o homem é sabio, bello e illustre."

Eis ahi, oh mulheres, Graças da nossa vida, a unica razão porque nós, homens, conseguimos ser alguma cousa.

Evohé! Thalia, Aglaia, Euphrosyné, filhas de Zeus!

G. B.

Garatujas

Ninguem possue no Rio de Janeiro melhor e mais vasta colleção de porcellanas e faianças do que o meu amigo Claudio França, que as conhece de modo profundo e as ama com verdadeiro fervor. Eu já conhecia os seus Sêvres e os seus Saxes, os seus *bibelots* Doulton e os seus *rouge-flambés*. Um destes dias, porem, elle fez-me uma surpreza. Levou-me a um pequeno gabinete forrado de sêda malva com pequenos moveis lacados. Abrio uma vitrina. Tive um deslumbramento.

Eram faianças admiraveis, antigas e autenticas, das mortas fabricas francezas. Copas de Oiron com um H corvado. Pratos de Nevers marcado com um N grosseiro. Um pires de Rouen primitivo, imitando a porcelana persa com seu fundo azulado, assignalado com uma flor de liz colorida. Um jarrão de Marselha tendo um L e um coração, datado de 1777.

Os meus olhos ainda examinaram outras marcas: o escudo dum assucareiro de Beauvais; o H simples de José Hannoug numa leiteira colorida de Haguenam; a cruz de Avinhão; a ancora de Sceaux; o G de Luneville e por fim o monogramma singelo de Bernardo de Palissy na aza dum vaso de terra esmaltada.

Não me poude conter. Abracei o meu amigo. E disse: — Tu és o unico homem de gosto nesta terra onde ha tão poucos collecionadores!

GARATUJAS

A injustiça do destino não persegue sómente os homens e sim todas as obras dos homens. Quanta vez o esquecimento cobre um individuo, um facto, um lugar, quando outros menos mereciam ou mereciam tanto ficam, eternamente, illuminados pela fama e pela gloria.

Logo que se falla nas erupções do Vesuvio, todo o mundo recorda Pompéa e Herculanum. Entretanto, ninguem se lembra de Stabia, cidade igual a essas duas e que pereceu na mesma hora nefasta. Porque? Injustiça do destino.

Temos identico exemplo no oriente antigo. Os leitores das escripturas e os amantes das cousas antigas fallam a todo o momento no fim terrivel de Sodoma e Gomorrha, cidades tristemente celebres pela sua devassidão e pelo seu tragico desapparecimento sob o enxofre ardente do Deus enfurecido. No emtanto, ninguem relembra as pobres cidades de Adama e de Sebrin, visinhas das outras duas, tão devassas como essas e submergidas sob o flagello ao mesmo tempo. No local das quatro estendem-se hoje as aguas do mar Morto. Duas vivem na memoria dos homens. Duas estão no olvido. Porque? Injustiça do destino.

"Tradição Militares", artigo de Escragnolle Taunay
"Correio Paulistano" 28 outubro - 1918 -

Num dos seus ultimos sempre tão agradaveis e eruditos artigos — com a maior impaciencia esperados e lidos com avidez por quantos diariamente percorrem o **Correio Paulistano**, é excusado lembral-o — trouxe o sr. Gustavo Barroso interessantissima contribuição inedita para a nossa, tão mal explorada ainda, historia militar anecdotica.

"Bons Contos" 18 abril 1910

O REI DAGOBERTO

(Conto de Emilio Gebhart, da Academia Franceza)

Porque o dia baixava e não lhe permittia mais trabalhar nas delicadas figuras da sua ourivesaria, Santo Eloy guardou no seu estojo o martello de fino aço, as limas e os buris; depois se approximou da estreita janella de sua officina trepada no alto das Thermas, velho palacio dos imperadores romanos, onde residia nessa occasião o rei Dagoberto. Com um longo e sonhador olhar abraçou Paris branco de neve, o Sena que rolava as suas aguas esverdinhadas entre a lama das margens; ao longe, o monte dos Martyres eriçado de florestas e, mais perto, as praias tristes da Cidade, o telhado negro de São Julião o Pobre, as torres macissas de São Germano dos Prados. A' medida que o crepusculo escurecia e o nevoeiro subia mais espesso da face do rio, o rosto do bom santo parecia mais triste e de quando a quando um profundo suspiro fugia do seu coração. Voltou á mesa de trabalho, accendeu uma vela de cêra pallida, cobriu com um véu de lã o relicario de prata quasi acabado que o occupava havia muitos dias e, fincando os cotovellos no canto da banca, escondeu o rosto nas mãos, abandonando-se a uma grave meditação, lentamente embalado pelo vento do inverno.

Pensava no seu rei, o cruel e encantador Dagoberto, que amava com uma ternura de irmão mais velho, cujo thesouro, cuja politica e cuja consciencia governava, para quem cinzelava corôas e fazia rezar nas suas cellulas de pedra todos os monges da Austrasia. Agora não esperava mais adoçar aquella alma violenta e resignava-se a ver os grandes do reino traiçoeiramente degolados nos banquetes reaes, os prisioneiros de guerra chacinados sem misericordia, as forcas erigidas em todas as encruzilhadas da terra dos Francos, porque comprehendia vagamente que sómente uma justiça trrivel poderia impôr a paz ao mundo barbaro. Porém a sua mais amarga dôr vinha dos loucos amores de Dagoberto. Desde o dia em que imprudentes aduladores o appellidaram "segundo Salomão", o neto de Fredegunda, embriagado pelo orgulho, resolvera imitar completamente a vida do grande soberano judeu. Teve, por isso, ao mesmo tempo, tres esposas, tres rainhas e favoritas sem conta. Aos bispos que lhe supplicavam, chorando, o favor de repudiar ao menos as favoritas, respondia sorrindo: "Salomão, filho de David, teve mil e o Espirito Santo falava pela sua bocca!"

Entre as jovens mulheres que tomava para si das familias dos seus cortezãos ou do povo miudo das cidades, a ultima escolhida, a mais bella, Genuna, inspirava aos bons christãos um verdadeiro terror. Ninguem conhecia o seu torrão natal, se era Constantinopla ou Roma. Tinha olhos côr de oiro e labios côr de purpura, uma graça selvagem, um sorriso insolente e uma mãosinha mais branca que o marfim. Dagoberto amava-a loucamente. Ora, Gemma queria ser rainha do reino, não a quarta, mas a unica. Depois de seis mezes de homenagens, presentes, ameaças e lagrimas, o pobre rei ainda nada obtivera de Gemma, nada senão risadas, scenas de furor e canções numa lingua estranha, da qual não entendia uma palavra. Era muito pouco para o Salomão meromigio, que talvez sacrificasse as tres mulheres legitimas, mas sinceramente desejava conservar as concubinas.

— "Eu sou Gemma, repetia-lhe ella, um nome magnifico que nada significa para vós, Barbaros. Ordena o teu ourives Eloy que faça um diadema de oiro purissimo para nelle engastar Gemma, sosinha, a perola mais nobre do mundo."

Santo Eloy, recebera, da propria pratica de sua arte, o gosto das meditações subtis e das fantasias imprevistas. Martellando folhas de oiro e prata, soprando os fornos, julgou comsigo decifrar o mysterio. Gemma, era, certamente, magica, votada ao culto dos deuses do Paganismo, isto é, dos demonios. Ella enfeitiçara Dagoberto, afim de entregar a Satanaz uma alma de rei. Já Dagoberto esquecia o caminho das egrejas. E como Jesus Christo parecia cuidar pouco da salvação desse principe, Eloy procurou entre os eleitos do Senhor o advogado de tal causa quasi perdida. Agarrou São Diniz, bispo martyr de Paris, que lhe pareceu o mais accessivel de todos os bem-aventurados.

Como a cabeça de São Diniz estava guardada em qualquer parte numa caixa de cedro, se Dagoberto consentisse em lhe dedicar um lindo relicario, sem duvida pela intercessão do santo seria salvo. E o piedoso ourives soprava, martellava, limava e cinzelava sem descanso o cofre de prata que devia resgatar a alma do seu augusto patrono.

Nessa tarde, fatigado pelo seu aspero labor, á claridade da vela de cêra, Eloy evocava pelo pensamento todas as causas de sua angustia, a audacia de Gemma, a colera surda dos grandes, as festas impuras do palacio, a tristeza dos bispos, o preço crescente das pedras preciosas, a raridade das esmeraldas, os peccados mortaes de Dagoberto. Os fornos apagaram-se e o frio de dezembro o envolveu. Cochilava dôcemente, a fronte caida para o peito, murmurando por vezes fragmentos de psalmos, o eterno **Miserere** dos infelizes.

Sentiu, então, um braço que familiarmente se apoiava sobre seu hombro. Ergueu a cabeça. O rei estava de pé na sombra do santo.

— "Eloy, disse Dagoberto, juraste irritar o teu amo? Espero constantemente de tua bôa vontade a cadeia de oiro, os braceletes de oiro e o pente de oiro. Espero ha muitas semanas e Gemma se impacienta. Toma cuidado! O ministro arrogante póde pagar pelo ourives preguiçoso!"

Eloy não respondeu; mas alevantou o panno que encobria o relicario de prata pousado sobre a banca de trabalho. A obra era singular: uma cabeça humana coroada pela mitra baixa e sustentada por duas mãos largamente abertas, trazendo a direita no dedo annular um annel episcopal. Duas grossas amethystas luziam no fundo das orbitas de prata.

— "Que loucura é esta?" exclamou o rei.

— "Não é loucura, porém, sim um cofre para guardar a cabeça do meu senhor São Diniz, que não é honrada como o devia ser. Lêde a inscripção gravada no alto da fronte, sobre a tira da mitra:

Sancti Dionysii martyris caput.

Eloy continuou:

— "E será um tabernaculo digno de tão grande apostolo. Sómente me faltam uma duzia de rubis para realçar o brilho dos labios e algumas pedrarias para florir a mitra. Mas um homem do Oriente, que conheço em Paris, nos offerece por cincoenta soldos de oiro..."

"Sois ourives, Eloy", interrompeu seccamente Dagoberto.

A figura do santo afinou-se visivelmente. Olhava sem dar palavra o infeliz relicario ,emquanto o rei ia e vinha, inquietamente, na offiicna.

De repente, Dagoberto, approximou-se do ministro:

— "Daqui a dois dias, parto para minha villa de Rambouillet. Quero dar quinta-feira, á noite, uma bella festa aos meus officiaes e ás minhas favoritas. Far-nos-eis companhia?"

— "Que festa?" perguntou Eloy anciioso.

— "Um baile!"

— "Um baile! bradou o santo com um murro tão forte na mesa que um dos olhos do senhor São Diniz caiu e rolou pelo assoalho. Um baile na noite de Natal, na noite sagrada em que o senhor nasceu sobre a palha dum estabulo!"

Dagoberto encolheu hombros, piruetou sobre os calcanhares e saiu sem dar bôa noite e sem fechar a porta da pia cellula.

No dia seguinte, Eloy enviou ao principe o bispo de Paris e os monges mais austeros de São Germano dos Prados. O bispo lembrou ao rei sacrilego a memoria de Clovis e de Clotilde. Dagoberto, sorrindo, convidou-o para o baile. Os frades falaram do julgamento final. Dagoberto ameaçou-os de mandar enforcal-os nas ameias de suas terros.

Eloy desanimado fez sellar a sua mula e de longe, cabeça baixa, seguiu atravez da campanha nevada, o ruidoso cortejo da côrte, a cavalgada impia que conduzia, marchando á direita do rei, Gemma, a magica dos olhos côr de oiro.

— "Afinal de contas, resmungava elle, tiritando de frio sob a capa de pelles velhas, não me obrigarão a dansar e talvez eu possa impedir a consumação de qualquer desgraça."

A villa real de Rambonillet, castello de aspecto sinistro, com profundas salas abobadadas, tenebrosas, glaciaes, elevava-se no proprio coração duma floresta immensa, á vista dum lago amortecido e triste. As aguas immoveis, ensombradas pela visinhança de arvoredos gigantes, esmaltavam-se de pruridos nenuphares, cujos talos mergulhavam e se desenrolavam ameaçadores como reptis. Perto do castello se via uma humilde capella edificada por Clovis e consagrada por São Remigio, já toda roida pelo musgo.

Os varlestes prenderam archotes nas muralhas humidas da mais vasta sala. Dos buracos da abobada fugiram, então, espantados com a luz, soltando pios de mêdo, bandos de morcegos. Pelos vitraes quebrados e descoloridos das altas janellas, baforadas de vento entravam, assobiando, e curvavam a chamma das tochas. Em torno dessa casa de descanso a grande floresta, atormentada pela tempestade, chorava lamentavelmente, emquanto pairava no céu, no meio das nuvens esfarrapadas, a face dolorosa da lua e largas sombras movediças balançavam-se sobre o espelho do lago. Debaixo do seu lençol de neve a villa pareceu flammejar e a festa sepulchral do rei Dagoberto começou.

Sentados em dois thronos germeos, na parte mais afastada dos sôpros da ventania, Dagoberto e Gemma contemplavam as duras evoluções dos bellos senhores e das bellas mulheres. Uma musica bizarra, formada por harpas gementes e instrumento de cobre de notas agudas, acompanhava os gestos hieraticos dos dansarinos que, sem sorrisos, sem palavras alegres, mediam ao comprido e ao largo o chão da sala, emquanto se arrastavam acima de suas cabeças farrapos de nevoeiro. O rei vestia a chlamyde branca dos patricios romanos, tão amada pela raça de Meroneu. Gemma, com o collo semi-nú, a fulva cabelleira solta, envolvia-se numa tunica de brocado vermelho laivado de espessos bordados de oiro representando imagens fantasticas. Dagoberto sustinha na mão direita um sceptro de oiro encimado por uma agua. Gemma, para se distrahir, observava o turbilhão espantado dos morcegos na penumbra avermelhada das abobadas.

A ampulheta ia annunciar meia-noite. Os musicos pararam, as danças tambem e

se ouviu, misturada aos queixumes da noite, uma psalmodia monotona, que parecia vir da floresta. Gemma, irritada, levanta-se do throno:

— "E' ainda o vosso ourives que perturba nossos prazeres com a sua cantilena de funeral. Fazei-o calar!"

— "Mas elle canta na sua capella, minha amiga, em companhia de velhos monges e por causa dum nascimento", respondeu timidamente Dagoberto.

— "Funeral ou nascimento, que importa! O martellador de oiro é meu inimigo mortal. Ademais, vosso baile não é alegre. Entedio-me e resfrio-me. Quero dançar uma dança do meu paiz."

Ella tomou pela mão um pagem do rei e os senhores e damas, prolongando a cadeia humana, começaram aos clamores furiosos dos cobres, uma marcha rythmada cada vez mais rapida. Dagoberto, encantado pela invenção, segurou com a mão esquerda a moça que vinha por ultimo e deixou-se levar, mantendo sempre o sceptro de oiro na mão direita.

Então houve um milagre de terror.

Impellidos para diante como por uma tempestade, braços estendidos, cabeças altas e rindo com um riso de frenesi, presos entre si por invisiveis laços, incapazes de parar, os hospedes de Dagoberto e o proprio Dagoberto pularam fóra da sala, atravessaram os corredores, desceram as escadarias e lançaram-se na floresta. Corriam vertiginosamente, resfolegando, sempre mais depressa, com um riso sempre mais horrivel. Rodopiavam ao redor dos troncos negros dos robles, deixando apenas sobre a neve a marca dos pés. Rompiam os espinheiros e gottas de sangue corriam no collo nú das mulheres. Os ramos das moitas chicoteavam-lhes o rosto e a geada prendia-se nas suas sobrancelhas e pestanas. Viram no fundo dum matagal brazas que saltitavam e vinham para seu lado. Era uma alcateia de lobos que seguiu os seus passos e não mais os abandonou. Passando numa larga clareira, avistaram resvalando por cima da neve uma nuvem de manchas negras. Eram aves nocturnas, todas as corujas e harpejas da floresta que voavam em longa fileira e gemiam horrivelmente. Iam, assim, sem jamais parar, subindo e descendo os declives, atravessando os platós, ora afogados no cinzeiro azulado das ravinas, ora illuminados no cume dos cerros nús pela brancura da neve e pela brancura do luar. E Gemma, a feiticeira, com a sua faulhante cabelleira açoitada pelo vento, o vestido vermelho manchado de oiro, arrastava sempre, encadeiado pelo seu sorriso, o assombroso turbilhão; e, quando ella se erguia na ponta dos pés, voltando a face afim de avistar no fim da sarabanda o seu real amante, parecia tão grande, tão seductora, que os desgraçados, extenuados e sentindo já sobre os hombros as garras de Satanaz, estremeciam ainda e atiravam para o céu gritos de amor.

Sómente o rei Dagoberto não ria. Na desordem daquella furibunda corrida, procurava ligar algumas ideias melancolicas: Santo Eloy, o inferno, o relicario de São Diniz, a belleza diabolica de Gemma, os revôos de vampiros na sala do baile, outras tantas imagens variadas que fluctuavam no seu pensamento sem consolar o seu coração. Como acabaria essa aventura nocturna? Rodopiar-se-ia eternamente na floresta, entre os diabos disfarçados em lobos? A aurora empalledecia o horizonte. A lua ia deitar-se e aqui, ali cervos despertados pelo perpassar insolito da côrte, grasnavam. Mas qual não foi seu espanto, quando descobriu ao longe a sua villa, cujas luminarias atravessavam os pallidos vapores matinaes e, mais perto, o lago maldito, onde todos os seus convidados, precipitados por mão mysteriosa, eram engulidos, rindo!

Gemma, a encantadora dos labios de purpura e olhos côr de oiro, foi a primeira a descer no tumulo gelado coroado de nenumphares funebres; depois, os jovens fidalgos, os pagens, as mulheres desappareceram. Já Dagoberto tinha um pé no outro mundo. Porém, atirou á agua o sceptro de oiro que trazia na mão direita e fez o signal da cruz. Sentiu-se logo livre, á borda do lago, no grande silencio duma aurora de Natal. E, como sua emoção era tão grande quanto sua fadiga, desmaiou.

Uma hora mais e, deitado no seu leito, ouviu á cabeceira o som duma voz familiar. O bom Eloy acabava tranquillamente uma homelia contra os perigos da dança.

— "Pois então, proseguiu elle, terei os rubis, os topazios e as saphiras de que carece o relicario de meu senhor São Diniz?"

— "Certamente", murmurou o rei.

— "Mas, continuou o ministro, ao relicario é necessario uma igreja, para guardal-o; á igreja frades, para nella rezarem; aos frades um mosteiro, para dormirem. Ha, perto de Paris, na orla duma grande floresta..."

— "Não me fale mais de florestas, meu amigo."

— "Junto dum burgo, um bello terreno, onde poderemos construir uma bella igreja e um grande convento. Ahi prepararemos o vosso tumulo. Se o rei me der ordem..."

— "Comprai o terreno, Eloy, disse Dagoberto, edificae ao vosso gosto e procurae os monges. Eu estou cansadissimo. Deixae-me em paz."

Assim, foi edificada a real abbadia de São Diniz.

"Fon-Fon" 17-agosto-1918

GARATUJAS

— Conheci o Jóca, fugindo á noite das pensões que não podia pagar, mordendo uns e outros, de botas cambadas e roupa surradissima, o chapéo, como os dos cadetes de Cyrano, remendado de luz. Vejo-o agora lampeiro, vestido nos melhores alfaiates, passeiando de automovel, tomando chá na Avenida, ceiando no Assyrio, frequentando festas e assignando o Municipal. Um verdadeiro milagre nestes tempos lindos!

— Sim, meu amigo. Você presencia um dos beneficios palpaveis do Commissariado da Alimentação. Para esse, ao menos, a carestia, a crise acabou-se.

— Como assim?

— O homem está com um optimo emprego no Commissariado.

E ambos rimos gostosamente.

"Braz Cubas" 18-abril-1918

O sr. Mauricio de Lacerda julgado por S. Jeronymo

Não está definitivamente liquidada, ao que se diz, a eleição do sr. Mauricio de Lacerda, pelo Estado do Rio. E até corre que ha probabilidades delle não ser reconhecido. Em que pese a muita gente que cuida os seus atrabiliarios discursos verdadeiras revelações de eloquencia maravilhosa, podemos dizer com verdade que elle não fará falta á Camara.

O sr. Mauricio é um espectaculoso de pouco bom senso, um alinhavador de logares communs com a facil costura da sua machina de falar. Leiam-se os seus discursos: a maioria é incomprehensivel, depois de escripta. Ademais, nunca esse homem creou cousa alguma. Vive de destruir. Ora, quem tem por elemento vital a destruição não possue merito real. O verdadeiro valor plasma molda, funde, erige, alevanta, produz. Quem é incapaz de fazer não possue caracteristicos de utilidade. E quem não é util póde ser amputado sem que se sinta falta.

Esta é a verdade. Numa carta a Domnion, o grande São Jeronymo dizia, referindo-se a um seu contradictor: "nec considerat quid, sed quantum dicat.". O sr. Mauricio tambem é assim: pouco se inquieta com o que diz, o essencial é que fale muito.

O velho Santo, apezar do seu ascetismo, conhecia muito bem os homens. Numa outra epistola, dirigida a Nepotiano, elle fazia ainda de modo melhor a psychologia do quasi ex-deputado pelo Estado do Rio: "Verba volvere, et celeritate dicendi, quod imperitum vulgus admirationem sui facere, indoctorum hominum est.". O que desta sorte cremos que se traduz: Precipitar as palavras, falando com rapidez para chamar a attenção do vulgo estupido, é verdadeiramente proprio dos ignorantes. Algumas linhas depois, o grande escriptor sagrado referendava a sua opinião com estas expressões: "Nihil tam facile quam vile plebeculam et indoctam concionem linguae volubilitate decipere quae quidquid non intelligit plus miratur.". Traduzimos para uso do sr. Mauricio, "ad usum Mauricii": Nada mais facil do que se impôr, pela volubilidade da linguagem á multidão grosseira ou a um auditorio ignorante, que admira justamente o que menos entendeu.

E São Jeronymo não conheceu pessoalmente o sr. Mauricio de Lacerda. Imagine-se como não o descreveria, se o conhecesse, assombrosamente, numa epistola "ad Nepotianum" ou "ad Heliodorum monachum.".

"Fon-Fon" - 20 julho 1918

Gatafunhos

Encontrando-me outro dia num café e conversando sobre as ultimas recepções e eleições da Academia Brasileira, o meu amigo Claudio França fez algumas considerações sobre o criterio dos expoentes e o valor intrinseco e extrinseco dos nossos homens de lettras. Por fim referiu-se a Ataulpho de Paiva e gabou-lhe a correcção gentil, a delicadeza de trato, o seu valor intellectual. Sorrindo, accrescentou:

— Foi até hoje o unico immortal brasileiro que teve a honra de receber uma espada artistica de presente. Offereceram-n'a os seus melhores amigos e foi executada pelo grande Falize. Em França tambem é raro o novo immortal receber um espadim rico de mimo. Conheço sómente dois exemplos: João Richepin, que teve um dado por suas admiradoras; Marcel Prevost, o autor do «Feminités», a quem a Redacção de «Femina» presenteou com outra. Cá e lá a alta elegancia triumphante.

Eu despedi-me, dizendo-lhe:

— E' bem interessante o teu *rapprochement*...

"Brás Cubas" 18 de abril de 1918

O sr. Ildefonso Albano e seu palavreado sobre a secca do Ceará na Camara

Quando, no anno terrivel de 1915, a secca campeou no sertão cearense, expulsando os matutos de seus lares e terras, enxotando-os em levas de famintos para o littoral, ao mesmo tempo que, por baixos sentimentos de politicagem, o sr. Calogeras, ministro da Fazenda, negava todos os recursos, difficultava todos os soccorros para aquella terra infeliz, a bancada rabellista ou democrata, na Camara chefiada pelo sr. Manoel Moreira, o celebre Mané da Onça, guardou o mais criminoso dos silencios. Nunca se ouviu de nenhum de seus membros uma palavra contra o ministro malvado nem uma palavra de dó a favor de seus compatricios com receios de offender os ouvidos do governo. Nem se sabe como tiveram coragem esses deputados de assignar uma subscripção que, para soccorrer os flagellados, andou pelos corredores do Monroe. Até mesmo quando um de seus collegas, embora do partido adverso, o unico que se atreveu a dizer no recinto palavras de opposição á acção do sr. Calogeras, pedia a palavra para expôr ao parlamento e ao paiz as torturas de seus irmãos desprovidos de tudo, o bando do sr. Mané da Onça, fugia espavorido para não compactuar, nem com um aparte, com aquella acção patriotica.

Mas o tempo passou e approximou-se a época da reeleição. Havia dois annos invernos abundantes alegravam o Ceará. Não se falava em sêcca. O sr. Ildefonso Albano, deputado rabellista-democrata, pediu a palavra e **leu** um longo discurso sobre o assumpto, que depois fez publicar por todos os jornaes onde poude e conseguiu do governo cearense ser tirado em fasciculos.

Analysemos essa obra monumental, pyramide de Gizeh da litteratura brazileira, agulha de Cleopatra da sciencia nacional, digna de merecer os encomios de Castellar e Ruy, da cruz de ferro e da medalha de salvação, do premio Nobel e do Grand Prix d'Auteil. Consta quasi totalmente de citações, felizmente todas entre aspas, sendo dignos de nota entre ellas varios trechos daquelle formoso livro de Gaston Boissier "L'Afrique Romaine". Depois, ha uma scena dos grandes cataclysmos de agua e sequidão no mundo inteiro, a começar pelo Diluvio Biblico e acabando pela secca cearense de 1915. A resenha de secção que ahi se acha não é novidade nem causa assombro, já foi feita de modo explendido pelo sr. dr. Thomaz Pompeu num grande livro sobre o Ceará, no seculo XX.

Ha um unico trecho que é do **orador.** E' a descripção da sêcca. Mas nos disse uma bôcca malevóla que esse parece plagio do livro "Terra de Sol", do sr. João do Norte, no seu primeiro capitulo e nos enviou a documentação a respeito. Queremos crer, e tudo nos ajuda para tanto, que se tratam de simples coincidencias, pontos de contacto inverosimeis e phrases quasi identicas.

Transcrevemos aqui as partes mais notaveis desse libello que nos enviaram:

"Em janeiro, quando deve começar o inverno, é curioso vêr-se a soffreguidão com que o sertanejo fita a abobada celeste. **Discurso Ildefonso.**"

"Do meiado de dezembro em deante, o sertanejo começa a olhar o céo, a **namorar as nuvens. Terra de Sol,** pags. 33."

"**Cobrindo o sertão de ricas pastagens de panasco, mimoso e milhã. Discurso Ildefonso.**"

"**O panasco, o mimoso, o milhã, todas as gramineas. Terra de Sol, pag. 14.**"

"Com as primeiras pancadas de agua, as arvores se revestem de novas folhas, a rama brota por toda a parte... O gado devora com avidez a verde forragem. **Discurso Ildefonso.**"

"Dias depois das chuvas, de todos os galhos negros e resequidos brotam folhinhas verdes, medrosas, transparentes ao sol. E' a rama. O gado atira-se a ella guloso, faminto e avidamente. **Terra de Sol,** pag. 38."

"Uma nuvem sequer não quebra a monotonia azul do firmamento. **Discurso Ildefonso.**"

"A inclemencia azul do céo se arqueia numa monotonia tumular. **Terra de Sol,** pag. 32."

"No dia 19, festa de São José, não chove. **Alea jacta est. Discurso Ildefonso.**"

"A derradeira esperança é que a 19 de março, dia de São José, dois dias antes do equinoxio, o inverno se regularise. **Terra de Sol,** pag. 60."

"Está suspensa a vegetação, a semente em lethargia profunda. **Discurso Ildefonso.**"

"Começa o lethargo dessa vegetação interessante. **Terra de Sol,** pag. 13."

"Levam-lhe uma solução de chlorureto de sodio, alimento, agua. **Discurso Ildefonso.**"

"Dão-lhe agua, sal, ramas, murchas, carôço de algodão. **Terra de Sol,** pag. 26."

"Começa a luta entre o homem e a natureza, lucta terrivel e desigual. **Discurso Ildefonso.**"

"Luta de vida e de morte, luta do homem contra a rocha, das energias dum coração contra as energias da natureza inteira! **Terra de Sol,** pag. 31."

"E o fazendeiro, outr'ora abastado e independente é obrigado a "bater á porteira" e emigrar. **Discurso Ildefonso.**"

"Então, muito sertanejo derrotado abandona a terra e vae para a miragem fabulosa da Amazonia. **Terra de Sol,** pag. 27."

"Pelo caminho arido e interminavel, os retirantes se alimentam da carne apodrecida de rezes mortas, da raiz venenosa da mucunã. **Discurso Ildefonso.**"

"Nessa época, os matutos que emigram, caminhando a pé pelas poeirentas e ermas estradas, em demanda do littoral, a morrer de fome, escavam o solo aspero á cata de batatas selvagens e raizes moles. Pilam e lavam a venenosa raiz da mucunã. **Terra de Sol,** pag. 33."

Basta por agora. Maior que a semelhança de pensamentos e palavras é a da seriação dos assumptos e dos periodos. Ha uma outra prova concludentissima. Na primeira edição da **Terra de Sol** saiu por engano **raiz da mucunã.** Na segunda edição, esse engano foi emendado: e veio **fructo da mucunã.** O que se come da planta da mucunã, com effeito, não é a raiz e sim o fructo. Ora, se o sr. Ildefonso Albano conhecesse o sertão e não tivesse baseado o seu engenho no livro alheio, não teria cahido no mesmo erro. E' claro como agua da Carioca.

Depois da arida leitura destas notas, o nosso paciente leitor dirá com certeza:

— Não. Não houve plagio. Sómente encontro de palavras e, quando não encontro de palavras, unicamente encontro de idéas.

"Brás Cubas" 25 abril 1918

O CLASSICO DA SAPUCAIA

Elle é rolico e cotó, tendo partes de bicho de muque. Os portuguezes chamal-o-iam "bola d'unto". Nós nos contentamos em achal-o parecido com cevado novo.

Formou-se em medicina e nunca arranjou clinica. Teve de cavar um empreguinho. E foi doutor da Assistencia. Andava na carrocinha branca, junto do "chauffeur", as patas esquentadas pelo calor da gazolina. Recebia trezentos por mez. Um vidão!

Uma feita, um menino ficou com a perna esquerda cortada debaixo de um trem da Leopoldina. Elle chegou na Assistencia, examinou o ferido, verificou que os dous pedaços da perna ainda estavam ligados por uma grossa pelle e resolveu emendal-os.

Cuidou lá no seu bestunto que teria uma gloria immensa e o seu eterno desejo de subir, de crescer, explodiu. Que maravilhoso triumpho na cirurgia nacional!

E zás! juntou os dous pedaços da perna do garoto, poz as talas, os apparelhos, as gazes, os desinfectantes, fez tudo de accordo com o que dizem os livros, que sabe de cor, pois estuda 26 horas por dia. Passaram-se os tempos. Emfim, chegou o dia de se retirarem os apparelhos.

Convidou os amigos e a familia, para assistirem o caso "kolossal", na Santa Casa. Todos foram. Os homens de sobrecasaca e cartola. As senhoras de seda e plumas. A horas tantas, o chefe da enfermaria retirou os apparelhos. Ao desenlaçar a ultima gaze iodoformica, desmaiou. Varias senhoras tiveram chiliques. Os cavalheiros esbogalharam olhos. Elle approximou a sua obtusa rotundidade e olhou. Ceus! tinha emendado a perna do pequeno com o pé para traz!

Desde esse assombroso dia, nunca mais a administração da Assistencia Publica lhe confiou uma ambulancia. Então, arranjou, por causa de amisades particulares, um logar de deputado. Foi o governo marechalicio quem lh'o deu. Entretanto, na primeira occasião, rompeu contra o caridoso marechal, pensando que o sr. Nilo era tolo, acreditava na sua lealdade e ficava com a sua carga ás costas. Mas o sr. Nilo, macaco velho, abandonou o nosso porquinho da India, na primeira volta do caminho.

E a Camara definitivamente se viu livre do asnatico e redondinho deputado. Agora, elle arrota ás vezes, uma certa fidalguia e diz que não foi reeleito nem eleito para a presente legislatura porque não quiz. E, affectando intimidade, espeta o dedinho no ar e fala:

— O Nilo disse-me... O Nilo chamou-me. O Nilo offereceu-me...

O esperto do Nilo nunca mais se lembrou delle!

E' o caso de se cantar:

"Xo, xo, xo, Araruna!
Vae te catar,
Araruna!"

Para viver, o homunculo é medico do Cáes do Porto. Que bello futuro clinico e cirurgico! Toma conta da desinfecção das saccarias e superintende a turma do armazem numero 00.

Tambem tem a mania de comprar velhos classicos na livraria do Castilho e finge que os le. Quando os le finge que os entende.

Soffrendo da maior prisão de ventre mental que temos conhecido neste mundo, á custa de consecutivos Rubinats consegue de dous em dous annos estampar num jornal qualquer um artigo, estylo Sapucaia, que, felizmente, ninguem le.

Mas elle fica radiante, decora aquillo, mostra aos amigos, manda transcrever nos "A pedidos" do "Jornal do Commercio", prega num "passe-partout" de seda brana, põe-lhe uma moldura de velludo vermelho, com dourados, e pendura o quadro na sala de visitas.

41

"Braz Cubas" 18 abril 1918

A PARTIDA DA ESQUADRA E O MINISTRO DA MARINHA

Annuncia-se para breve a partida de uma divisão de nossa esquadra para os mares europeus, actualmente infestados por submarinos terriveis. Os nossos navios irão collaborar com as esquadras alliadas nos arduos serviços de policiamento das aguas do Atlantico, do Mediterraneo, da Mancha ou do mar do Norte, bem como no comboiamento dos vapores de transporte de tropas e munições, dos navios hospitaes e dos barcos de passageiros.

Somos herdeiros duma grande tradição maritima. Os nossos ascendentes, os heróes da raça lusitana lavraram com a charrúa do beque das caravellas os mares desconhecidos, arrancando imperios do seio das ondas. Os nossos avós lutaram sobre os mares das nossas costas, defendendo o Brazil nascente da pirataria normanda, franceza, bretã, ingleza e flamenga. Em mares brazileiros travaram-se os maiores combates navaes do seculo desesete. Ainda na guerra da Cisplatina ou do Rosas as nossas escunas caçavam os corsarios platinos ou atacavam cidades fortes; na guerra do Paraguay passavamos em Humaytá e batiamos-nos em Riachuello, praticando o feito audacioso que valeu ao almirante Tegetkoff a victoria assombrosa de Lissa sobre a Armada italiana. E as nossas costas do Amapá á Lagôa-Mirim fornecem uma verdadeira floração de admiraveis marujos. Os barqueiros do Pará costumeiros ás ondas do largo e aos saltos escumantes das pororocas. Os canoeiros maranhenses que recruzam as aguas entre a ilha de São Luiz e o continente e tão calmos e resolutos recruzam o mar alto. Os jangadeiros heroicos, verdadeiros demonios do mar, que nascem nos areiaes brancos, sob os coqueiraes gementes, e vivem á face do oceano, desde o Ceará até Bahia. Os pescadores audazes de Caravellas e do Espirito Santo, os da costa pedregosa do Rio, os dos baixios de São Paulo e Santa Catharina, os marujos valentes da Lagôa dos Patos.

Nem falta ao Brazil uma cabeça e um braço fortes para enviarem á Europa as náus republicanas, ha tanto tempo adormecidas na paz. Ahi está o actual ministro da pasta da Marinha, que, quer queiram quer não queiram, é um vulto de grande prestigio e um marinheiro de grande capacidade. Nem ha melhor prova do seu valor do que o exame imparcial de sua acção no Ministerio do cáes dos Mineiros.

Autor da reforma da Armada e do plano de organisação naval que ainda continuamos, foi afastado por um novo governo. Veiu a dolorosa rebeldia de João Candido e a desorganisação mais completa campeiou no seio da marinha nacional. Que fez o governo? Procurou por todos os lados e com todo o esforço um marinheiro capaz de estabelecer a ordem onde havia a desordem, a disciplina onde existia a anarchia, a regra onde imperava o desregramento, a confiança onde unicamente proliferava o desanimo. Ninguem appareceu capaz de executar a obra salvadora. Ninguem.

O governo novamente lançou os olhos para o almirante Alexandrino de Alencar e elle acceitou a incumbencia difficil. Era preciso ter muita confiança no seu conhecimento das questões da Marinha, muita segurança no seu prestigio e na sua energia individual para receber aquella pasta em tão escabroso momento. O velho marinheiro não exitou. Submetteu-se á exigencia e o que fez ahi está. Tirou do cháos a ordem. Nenhuma disciplina existe maior no Brazil actual do que a da Marinha brazileira. Nem todas as accusações fortuitas dos Macedos Soares do jornalismo despeitado conseguem desnortear o modo de agir do ministro nem calar no espirito publico que sabe ser ali o almirante Alexandrino **the right man in the right place.**

E é. Nada mais facil do que verificar quão arduo foi o seu esforço para pôr a esquadra e as suas tripulações na situação de relativa correcção em que estão hoje. De relativa correcção, dizemos nós, porquanto o ministro não póde fazer milagres. Tem de cingir-se aos meios que o Congresso lhe dá. Estes têm sido parcos. As consequencias dos erros e das desorganisações anteriores perduravam. Sanal-os já era uma obra. Organisar de novo obra mais vasta e mais escabrosa. O almirante Alexandrino vae realisando-a e, se o governo Rodrigues Alves o mantiver na chapa, terminal-a-á para bem da nação.

O futuro presidente da Republica conhece muito bem o valor do digno auxiliar do sr. Wenceslau Braz. Elle foi o seu ministro da Marinha. Quando da revolta de 14 de novembro, a Armada quedou fiel ao governo. Sempre sob a chefia do almirante a Armada tem sido fiel ao governo. E bem sabe o sr. Rodrigues Alves como lhe foi dedicado o seu secretario de Estado.

São grandes as probabilidades de s. ex. continuar no seu Ministerio, onde é o homem necessario. Seria o caso de felicitar o futuro governo. Embora reformado, nenhum official general das nossas forças de mar possúe mais valor, competencia e prestigio no seio da classe do que o almirante Alexandrino.

A esquadra deve partir graças aos seus esforços. Assim, tremulará sobre os mares da Europa o pavilhão estrellado do Brazil, levando aos nossos alliados a segurança da nossa lealdade e o auxilio material que ao nosso alcance está prestar. E, se as opportunidades fizerem os nossos marinheiros entrar em fogo, hão de portar-se tão bravamente quanto os mais bravos, porque da nossa raça nunca foi apanagio a covardia, sim a coragem leonina.

Deveremos a ida da esquadra, difficil nestes tempos de difficuldades de toda sorte, unicamente ao esforço do almirante Alexandrino de Alencar, que muito merece de materia e de sua gente.

"Braz Cubas" 25 abril 1918

UM DEPUTADO ELEITO

O sr. Manoel Reis faz politica no Estado do Rio. Mas faz politica ás direitas. Elle não é nenhum bravateiro e nenhum intrigante. Sim um homem de forte e accentuada individualidade publica, ornada por grandes qualidades de ordem pessoal.

O sr. Manoel Reis, ao contrario da maioria dos chefes politicos fluminenses, não faz a politica da Avenida e do café Jeremias. Elle exerce a sua actividade num centro populoso do interior, numa das mais bellas localidades da terra do sr. Nilo. Nova Iguassu' até bem pouco tempo era um arraial de velhas casas, com uma estação ferroviaria. Actualmente, após a continuada e pertinaz acção do sr. Manoel Reis, é uma quasi cidade, admiravelmente construida, nova e habitada, commercial e cultivadora, creadora e industrial, enriquecida e florescente.

Não ha negar que todo esse progresso é obra da influencia e do trabalho do prestigioso e sympathico politico a que nos referimos.

E quem vem do interior e vê as ruas admiraveis de Nova Iguassu', a velha Maxambomba, julga até que ali começam já os suburbios do Rio de Janeiro.

São raros os politicos que se podem gabar de assim trabalharem e dedicarem por uma causa nobre, por uma ambição justa, por um fim progressista. Então, no nosso visinho Estado do Rio, são ainda mais raros.

A essas todas qualidades, reune o sr. Manoel Reis a sua inconfundivel lealdade politica, embora esta até ás vezes o prejudique como aconteceu nesta ultima eleição.

Foi ella que o prejudicou. O moço politico abandonou um tanto os seus proprios interesses, descuidou-se de si, para manter os compromissos do seu partido e fazer vencer a chapa combinada no Ingá. Dedicou-se á victoria collectiva e nem pensou no seu triumpho individual. Tudo isso para salvar os Macedos Suores da chapa official, esses cabulas, esses urucubacas politicos do Estado do Rio, onde nada valem e unicamente se sustentam por causa dum jornal manbembe que se edita na capital da Republica, pobre nau batida pelos vendavaes da quebradeira, que as velas semirotas duma fortuna particular ajudam a navegar, pobre barcaça tangida pelo furacão duma administração pessima e duma redacção "pessimissima", que sómente os lemes de esparrela vindos de quando a quando de S. Paulo mantêm mal contra a mareta.

Mas a Camara, a bem da verdade eleitoral, deve reconhecer os verdadeiros eleitos. Entre esses está o sr. Manoel Reis, cuja votação não precisou de esguichos, nem de cartorios, e é tão segura, tão sã como a sua propria influencia politica indiscutivel no seu districto eleitoral

"Brazil Cultura" 28 abril 1918

A NECESSIDADE DAS OLIGARCHIAS

dignas nas democracias sul-americanas

Nenhuma sociedade jamais foi dirigida pela multidão, embora indirectamente. Sempre um grupo de homens encabeça as suas manifestações collectivas e a leva pelo bom caminho. O governo do povo pelo proprio povo é uma das maiores **blagues** juridico-politico-sociaes que têm apparecido na vida da humanidade.

Eternamente a minoria intelligente governará a maioria semi-ignorante. O mais, utopias.

As democracias de hoje não são mais puras do que as da antiga Grecia. Absolutamente não. Se, na Hellade, floresciam por vezes tyrannos, e sabios como Periandro de Coryntho aconselhavam o ceifar de todas as espigas que se emparelhassem á espiga chefe do trigal, nas republicas modernas crescem e vicejam todas as plantas damninhas. Ha grupos soezes de dominadores, que exploram os dinheiros publicos por todos os meios; ha Acciolys e Maltas; ha negociatas e roubalheiras formidaveis; ha a degenerescencia fatal dos costumes, da justiça e da administração.

Na Grecia esses vicios eram extraordinariamente menores. Sómente um se igualava ao seu similar dos tempos que correm á nossa vista: o vicio do eterno augmento do funccionalismo publico. Em Athenas, que tinha trinta mil habitantes no tempo de Aristoteles, havia quasi doze mil empregados publicos.

A não ser nesse ponto em que havia egualdade, as democracias gregas eram mais verdadeiras, mais democratas que as actuaes. Entretanto, já Thucydide, quando escrevia a Historia da Guerra do Peloponeso achava que uma cidade, um paiz, uma republica, uma nação sómente podiam ser dirigidas, conduzidas, governadas por uma classe especial, mais intelligente, mais habil, mais digna, que elle chamava, no seu estylo claro e proprio, o "pequeno numero".

Com effeito, em qualquer sociedade organisada, unicamente um certo numero de individuos, um "pequeno numero", estuda, aprende, adquire qualidades excepcionaes e, portanto, consegue o direito de indicar ao grande numero o caminho que a collectividade deve seguir. E 'esse "pequeno numero" de Thucydide, esse escól de capacidades e de almas dignas, que se chamava, theoricamente, na velha terra de Platão, olygarchia, e não uma familia voraz, devoradora da seara publica. Tambem nessa accepção vae aqui empregado o termo e não como indicador duma cafila sugadora do thesouro dum Estado qualquer.

O "pequeno numero", nas sociedades civilisadas, é quem guarda as leis do bom gosto, da arte, da belleza, almas unicas da vida dos povos. O "pequeno numero" mantem a dignidade das attitudes. O "pequeno numero" incentiva os estudos. O "pequeno numero" viaja, aprende, gasta, observa, applica e age. E', por conseguinte, elle que deve dirigir os destinos sociaes e guiar o "grande numero", que não consegue obter as suas altas qualidades de victoria.

Dirão: não é sua a culpa. Nem da minoria escolhida. Sim da propria natureza que condemnou em tudo, á face da terra, a egualdade absoluta. Agora a vantagem dos regimens democraticos antigos e modernos está no facto do circulo do "pequeno numero" ser accessivel a quem tiver qualidades para alcançal-o. Isto não se dá nos regimens monarchicos ou aristocraticos. A muralha do nascimento cerca os dominantes. Estes não têm verdadeiros talentos ou virtudes, quasi sempre. A sociedade se arrasta, anemica e desunida. O "pequeno numero", a minoria se agita na sombra. Um dia a revoução explode. A classe ou casta dominadora cáe e a ella se sobrepõe a minoria valiosa que esperava o seu dia de reivindicação.

O "pequeno numero", na frase feliz do historiador helleno, é a reunião das capacidades artisticas, scientificas, moraes e governativas. Elle é quem póde e quem deve governar. E' uma necessidade vital de qualquer sociedade. E a verdadeira acção efficaz social e politica dum homem de Estado, no nosso paiz, por exemplo, seria crear, fundar, alicerçar uma olygarchia de capazes para governar o Brazil, salvando-o da minoria de ignorantes que as circumstancias puzeram no poder e ameaçam subverter a Nação.

Essa escolha é muito difficil para os homens baldos de intelligencia verdadeira a fazerem; porém, simples por demais de executar por quem tiver acuidade espiritual e bôa vontade de servir á patria. Porque, como diz Aristoteles, no terceiro capitulo da "Politica": "O homem eminente differe do individuo vulgar como a belleza differe da hediondez, como um quadro differe da realidade". E accrescenta: "Em toda a especie de povos, a differença entre a multidão e o **pequeno numero** de homens eminentes é sempre a mesma."

O grande mestre da philosophia é um extremado partidario do "pequeno numero" governativo de Thucydide, pois que, no mesmo capitulo a que nos referimos, elle condemna fortemente o facto de, ás vezes, cidadãos da ultima laia, sem a menor valia, exercerem cargos que sómente se deviam destinar áquelles que constituem a pequena excepção.

O governo verdadeiro e melhor é o dos homens que se distingam por seus talentos e por suas virtudes. Esses constituem o que nós entendemos de chamar a "olygarchia digna", unica gente capaz de conduzir um povo, uma nação aos seus verdadeiros destinos, dando-lhe todas as vantagens que precisa ou que merece.

Parecerá paradoxo o titulo deste artigo, mas se reflicta sobre o assumpto, e as conclusões demonstrarão a verdade da these.

A multidão livre jamais construiu alguma coisa. Sempre destruiu tudo. Ella sómente constróe dominada e guiada. As razões desse phenomeno estão contidas nesse capitulo de Aristoteles que citámos. Até hoje ainda ninguem produziu melhor demonstração. Sem governo, ella é o sansculoltismo e o maximalismo. Com governos dignos, forma as grandes nações do mundo. A existencia das olygarchias dignas, laboriosas e nobres pelas suas proprias qualidades, abertas aos que tiverem merecimento para nellas penetrar, é uma necessidade vital nos organismos sociaes, especialmente nas democracias e mais especialmente ainda nas attribuladas e tristes democracias sul-americanas.

CLAUDIO FRANÇA.

"Fon Fon" - 27 - julho 1918

Garatujas

Terra de basbaques! Peiores que os parisienses do tempo de Gargantuá, criticados pelo riso eterno de Rabelais. A's vezes não se póde andar na Avenida e nas ruas commerciaes tantos são os grupos de desoccupados, vadios, lambarys e *badauds* que estacionam nos passeios. E olhando o que? Os reclamistas que apregoam pomadas, brinquedos para creanças ou edições de livros baratos. Apreciando horas inteiras os cãesinhos felpudos, os angorás, as plantas raras das montras. Examinando detidamente os novos postes electrificados de signaes de vehiculos, soletrando os telegrammas, noticias de enterros e de missas pregados á porta das redacções.

Terra de innumeros basbaques a dar com um páu! São tantos que a gente já se não póde mais indignar com a vasta preguiça dos mesmos. Mas ha dias eu me enraiveci terrivelmente. Tambem foi de mais. Passei ao meio dia pela porta do Alvear. Estava um homem de cinzento, parado, mãos para as costas, assobiando. Fui ao Itamaraty, á Prefeitura, ao Cáes do Porto. Voltei ás quatro horas. O homem ainda lá estava. Ainda passei na Avenida ás sete e meia, recolhendo. O homem continuava lá! Ah! foi demais! foi demais!

GARATUJAS

Uma das cousas em que mais se emprega o *não ter que fazer* da maior parte dos Cariocas é o telephone. A brincadeira, a intriga, a pilheira telephonica são divertimentos costumeiros nesta bôa terra. Pelo telephone denunciam-se segredos, marcam-se entrevistas imaginarias, fazem-se declarações de amor de caçoadas, deixam-se as pessôas a imaginar e a matutar horas inteiras taes as cousas engraçadas, insultantes ou despertadoras da curiosidade que se ouvem.

Quasi todo o mundo se queixa e muita gente procura descanso tendo o numero do seu apparelho em segredo. Nem assim escapam. E as pilherias continuam, ás vezes interessantes, espirituosas, quasi sempre desaforadas e a exsudar injurias da peior especie.

Estão todas as victimas de accordo em affirmar que as vozes das brincadeiras são femininas. E é o caso de se arranjar um bom remedio: aconselhar a obrigatoriedade dos trabalhos domesticos, de maneira a matar a ociosidade quasi geral do outro sexo...

43

"Bruz Cubas" 28 abril 1918

O Senado de Feijão

Andando uns tantos candidatos a senador , vergonhosamente derrotados, apregoando por ahi em fóra que serão reconhecidos, graças a taes ou quaes influencias, não podemos deixar de dizer-lhes em publico umas palavras.

O principal desses arrivistas é o sr. Barbosa Lima, proprietario de barbas sovacáes e positivista nas horas vagas, que anda affirmando precisar a politica paulista de suas luzes na commissão de finanças da rua do Areial.

Ora, para que havia de dar o fazedor de pilulas de Pernambuco! Quem é que precisa das luzes do sr. Barbosa Lima, para cousa alguma? S. ex. capacite-se que é um homem passado e moido como peixe de *vol-au-vent*. Nada vale. Nada é. Quando esteve annos fora da Camara, a Camara e o Paiz não sentirâm a menor falta. O mais é pretensão sua.

O sr. Bulhões é um outro desses apregoadores.

Ex-senador, ex-ministro, ex-chefe goyano, anda em maré de saudades de tudo isso e argumenta com o seu nome, a sua hypothetica influencia, os seus afamados conhecimentos financeiros, até com a sua magreza, para furar a entrada no Senado.

Deixem-se disso, srs. Pardaes da politica. O tempo de se lhes fazer crua guerra chegou. A nação e o povo já os conhecem de sobra para acreditar em lamurias. Todo o mundo sabe que ha vinte e cinco annos o sr. Barbosa se finge de puro e o sr. Bulhões finge que estuda finanças, cousa de que entende tanto quanto o Luiz Guimarães ou o Macedo Suores.

A eleição agora, meus gajos, é eleição. E talvez v. exas. se saiam mal, pessoalmente, se teimarem em fazer mal aos candidatos eleitos. Os esbulhos causam muita raiva e ha muita gente que não costuma fugir de duellos...

Conta Thucydides que o Senado de Athenas era chamado o Senado da Fava, porque os seus membros eram escolhidos por meio de favas brancas e pretas, que se punham nas urnas. A urna do individuo que apanhava maior numero de favas brancas dava-lhe a posse da cadeira. Dahi talvez se tenha originado a palavra *favado*, para indicar os individuos derrotados, assim como o foi, no Ceará, o sr. Barbosa Lima.

Mais perto de nós do que na Grecia classica, existiu outro Senado da fava. Foi o Conselho dos Quinhentos, que Napoleão dissolveu.

O povo parisiense chamava-o "Le Senat de la Féve", como o de Athenas. Os seus membros eram tambem eleitos com favas. E dahi talvez tenha vindo aquella expressão "são favas contadas".

A fava é rara no Brazil, pelo menos, mais rara que o feijão. Este é que é commum e agora, com a exportação para a Europa, celebre. Se o nosso Senado quizer instituir, para os reconhecimentos. um modo de escolha identico ao grego ou ao francez antigo, terá de lançar mão do feijão nacional. Ha de todas as cores, e, portanto, é facil achar branco e preto, para as urnas.

E' a esse triste papel de Senado do Feijão, que o sr. Bulhões e, muito especialmente, o sr. Barbosa Lima, querem reduzir o Senado Republicano com as suas intrigas e as suas insidias, os seus embustes e as suas conversas fiada, assoalhando influencias de que não gozam e valor que não têm..

Mas estamos certos, que nestes tempos em que o voto requer até impressões digitaes, o Senado da Republica, não se sujeitará aos desejos do Barbaças e do sr. Bulhões, reduzindo-se a menos do que já é, a um triste e mentecapto Senado do Feijão.

Vae começar a menopausa politica do sr. Barbosa Lima e do sr. Leopoldo de Bulhões. Esta é que é a verdade. Tambem já não é sem tempo.

LOGICA MÃE DE FAMILIA

Por que razão vive o sr. Medeiros e Albuquerque a fazer opposição ao illustre ministro das Relações Exteriores? Não se sabe. O jornalista d'A Noite de repente, de um momento para o outro virou de bordo e começou a bombardear impiedosamente o Itamaraty. Tenha ou não tenha culpa, o sr. Nilo Peçanha, é sempre victima da nymphomania jornalistica desse rastá celebre nos cafés alegres de Paris.

Todo o mundo sabe que o sr. Medeiros e Albuquerque sempre detestou o Brazil. Isto aqui só lhe servia para ganhar alguns cobres e cavar umas aposentadorias que lhe dessem vida farta e regalada nos boulevards parisienses. Les sauvages de la bas como de costume se referia aos seus patricios, eram uns pacas. Aos vinte e nove annos aposentava-se com trinta de serviços prestados ao paiz. Já era alguma cousa para um rapaz que fazia versos pornographicos e usava colletes de papel de parede.

A vida para esse jornalista marca-barbante sempre deslisou sur des roulettes Nunca encontrou difficuldades. Arranjou meia duzia de empregos, e conseguiu aposentar-se em todos elles. Além disso, apezar de escrever num estylo mãe de familia é supersticiosamente admirado por certos basbaques que o julgam como um genio.

Bem. Pois, esse coronel que faz jornalismo aposentado, pensa lá na sua cachola, poder dar o tombo no Nilo. Elle que se intitula autor da quéda do Lauro, entende que póde fazer crise ministerial.

E' muita pretenção do sr. Medeiros. Os seus disparos de polvora secca, são inoffensivos. A sua logica em primeiro logar é de uma inocuidade espantosa.

O sr. Nilo Peçanha continua imperturbavel a não tomar conhecimento das suas attitudes offensivas.

Porque, é preciso muita inconsciencia para se taxar o sr. Nilo de protector dos allemães como vive a moer todo o dia na sua pianola, o pseudo-jornalista Medeiros.

Ninguem póde accusar o nosso chanceller de parcialidade, para o lado boche. A sua conducta no Itamaraty tem sido a mais correcta e patriotica possivel. Dia a dia a sua acção esclarecida, mais se evidencia aos olhos do povo, como uma attitude merecedora dos mais vastos encomios.

E' preciso que se saiba, que o illustre fluminense quando entrou para aquella casa, pensou estar numa succursal da Wilhelstrass. O germanophilismo ali, era uma praga. Muitos dos empregados eram mais germanistas do que os proprios filhos da Germania. Só faltava nos papeis da secretaria, as armas do Imperio Allemão.

Ora, deante daquelle prolongamento da kultura, as suas decisões foram energicas, e, de um momento para outro a transformação foi geral. Por fim tudo mudou. As cobaias mudaram de rumo e não pensaram mais no kaiser.

A nossa situação internacional que no tempo do sr. Lauro Muller era suspeita aos alliados, modificou-se completamente. Com muita habilidade e intelligencia o sr. Nilo Peçanha conseguia espancar as nuvens negras que se accumulavam sobre as nossas cabeças, varrendo do espirito prevenido dos alliados qualquer prevenção que por acaso ainda houvesse. A nossa attitude hermaphroditica, tornou-se positivamente crystalina. As duvidas foram dissipadas e hoje em dia, graças á sabia orientação do Itamaraty, o Brazil na medida das suas posses, collabora lealmente ao lado da França e da Inglaterra, pela grande causa da humanidade.

Mas, o sr. Medeiros não quer saber disso. Continua diariamente a fazer intrigas a respeito da nossa orientação internacional.

Póde continuar o illustre e perfumado personagem dos romances amorosos de Marcel Prevost. Em nada prejudicará o chanceller. Os seus ataques se pulverisam deante dos factos. O sr. Nilo continuará no ministerio. E o sr. Medeiros alacre e faceiro cantará para o publico:

Esta guerra é boa cousa
Ella lá e eu aqui...
Ah! ah! ah!
Era assim que meu bem cantava.

"Bruz Cubas"
2 maio 1918

Por motivos de ordem particular deixou de ser director deste jornal o nosso querido companheiro Gustavo Barroso.

"Bom Conselho" 25 abril 1918

DO PINHEIRO AO CARVALHO

Já se foram os tempos em que a politica era tão sómente uma expressão da força e da energia individual, em que os homens, para agir em beneficio da collectividade, eram obrigados a usar até de meios physicos, afim de triumphar, obtendo as mais altas posições á custa de violencia e, muitas vezes, de terror.

A culpa não era delles. Quasi sempre, no intimo de sua intelligencia, lamentavam ser levados á imposições, que, apparentemente, os condemnavam. Mas que fazer? A época, as circumstancias, as possibilidades, o meio politico e social, o seu proprio caracter dominador e forte, não lhes consentiam outro modo de acção.

Os homens dessa época só comprehendiam attitudes plasticas, photographicas, caudilhescas. Para elles, o politico representava um prolongamento á paisana das forças armadas.

Ainda esmaeciam e mhorizonte proximo os clarões revolucionarios accesos pela implantação do novo regimen. Elles só comprehendiam a dictadura moral e intellectual dos chefes politicos. E estes, se estavam pela intelligencia, pelo prestigio e pela energia pessoal acima dos seus partidarios, commummente lhes eram inferiores em cultura e em educação. Porém deante do seu poder curvavam-se tristemente os homens de valor real e de talento, vencidos pela traição do ambiente e a experiencia das lutas improficuas.

O politico bismarckiano, que Machiavel descreve como um mixto de raposa e de leão, muita vez, por philanthropia, viu-se obrigado a tomar a paternidade de actos espurios, com o fito unico de pôr a salvo as responsabilidades de varios presidentes da Republica. A sua força centrifuga, egocentrica, attrahia para a sua personalidade viril os odios e os defeitos incandescentes dos falhos e dos ignorantes pretenciosos.

Essa força attractiva, se fazia gyrar em torno de si cerebros lucidos e braços potentes, tinha tambem o defeito mechanico de impulsionar ao mesmo tempo uma farandola de quantidades negativas e de quantidades prejudiciaes.

Como vae longe esse tempo ainda tão perto de nós! Que subita revolução se fez no mundo politico brazileiro!

A mudança é radical. Da masculinidade potencial do Pinheiro chegámos á serenidade elegante do Carvalho.

O leader *actual da nossa politica é um exilado dos romances politicos de Anatole France para a vida tropical e ardente dos turbilhões que haviam ficado sem centro, para a anarchia de um systema planetario desorganisado.*

S. Exa., temperamento aristocratico, espirito esclarecido, intelligencia culta, unicamente póde acceitar essa posição com grandes sacrificios. Com effeito, é doloroso sahir de um ambiente civilisado para mergulhar no seio das intrigas e das competições pessoaes.

Mas a necessidade de um chefe, neste momento de angustia e apprehensão, exige esse devotamento. Com habilidade e um savoir faire, *só conhecido nos homens da politica frânceza, o* leader *paulista, tem sabido guiar através de difficuldades e privações, o pascento rebanho dos carneiros do Manroe, sob cuja calma se occultam o ardor das ambições e o fél das illusões perdidas.*

Ninguem como S. Exa. sabe consolar um candidato desilludido, sem que este guarde o menor vislumbre de aborrecimento. Ninguem como S. Ex. resolve um problema politico, de accordo com as possibilidades do momento e o respeito da lei.

Espirito moderno e habil, sabe catar as agulhas da verdade no vasto palheiro das mentiras profissionaes, sabe divergir das opiniões que lhe trazem, sabe desviar-se das tricas e das importunidades, escolhendo o caminho plano e liso, sem obices e sem embustes, do verdadeiro criterio dos meneurs d'hommes.

Conductor de homens, de energias e de aspirações, não o é pela força ou pela audacia, sim pela lucidez e pela intelligencia, mantendo o prestigio de sua autoridade nos momentos opportunos, quando isto se faz necessario para impedir a quebra da disciplina ou o explodir das pretenções sopitadas.

E agora, nos preludios dos reconhecimentos, calmamente, energicamente, discretamente, S. Exa. tem agido de accordo com a verdade eleitoral, obedecendo ás indicações do voto popular. A Camara, que o sr. Antonio Carlos enfraqueceu com a sua acção emolliente dos personagens de Marcel Prevost, se revigora e se fortalece, deante do procedimento sabio e claro do novo chefe.

O TOTEMISMO NA POLITICA

E' sabido pelos que lêm cousas de historia, ethnographia e sociologia, que os individuos primitivos tomam a alcunha e os modos dos animaes com os quaes acham possuir parecença yhysica ou similitude moral Este phenomeno fetichico-religioso foi chamado no ultimo congresso de religiões de Oxford "o totemismo". Os Peles Vermelhas da America do Norte, os Bantus da Africa, os Negritos da Oceania, todos têm os seus respectivos "totems". Assim, ha a tribu dos "castores", a tribu dos "corvos", o fulano que se chama "veado" ou o sicrano que se appellida "giboia".

Como aquelle indio de Fenimore Cooper, que se alcunhava Raposo Manhoso, temos mil sujeitos nos nossos quasi barbaros sertões que são conhecidos por antonomasias totemicas: os Chicos Bacuraus, os Joões Mocós, os Manecos Piranhas e os Zés Macacos.

Pedimos permissão ao publico para applicarmos o totemismo á politica ou politicalha nacional. Veremos que "totems" tomariam os nossos paredros.

O sr. Justiniano de Serpa, que parece irmão do dr. José Carrasco, ministro da Bolivia, e avô (tôrto) do nosso collega Leal de Souza, escolheria o macaco. O sr. Luiz Domingues, ficaria entalado na escolha, lembrando-se do jardim zoologico do Maranhão, que, diz o Viriato Correia, elle devorou por inteiro. O sr. Antonino Freire appellidar-se-ia Lobishomem ou Sacy Pererê. O sr. Affonso Barata, dispensa a escolha, já tem o seu animal predilecto no nome. O general Lauro apoderar-se-ia da raposa. O celebre Moreira da Rocha apontaria a onça sussuarana. O sr. Cunha Machado o coati.

Para o sr. Arlindo Leone seria reservado o sagui e para o sr. Serapião de Aguiar a guariba.

A tartaruga pertenceria ao sr. Lopes Gonçalves e o urubu' malandro ao sr. Lamounier.

Poder-se-ia dar a garoupa cosida ao sr. Macedo Soares; a patativa ao sr. Azeredo; o noitibó, ao sr. Bulhões, e a preguiça ao sr. Bernardo Monteiro.

O sr. Cunha Lima teria a coruja mãe da lua. O sr. Zé Bezerra, a abelha mestra, ou melhor o maribondo mestre. O sr. Urbano Muller, o socó boi. O sr. João Luiz Alves, o salta-caminho. O sr. Annibal Mascarenhas, o cardeal gaucho. O sr. Perneta, o João de Barros.

E, por fim, o sr. Alvaro de Carvalho, a ave do Paraiso, isto é, dos Campos Elyseos...

45

"Bruzil Cardoso" 25 abril 1918

Os mendigos hereditarios

O Rio de Janeiro é a cidade das miserias e, mais propriamente, a cidade da Miseria.

Das miserias o é, porque nunca houve capital de paiz algum que tivesse maior numero de piratas, de intrigantes, de invejosos, de canalhas e imbecis pretenciosos.

Da miseria o é, porque os mortos a fome proliferam por todos os cantos e nunca se viu em parte alguma tão grande profusão de mendigos. Dizem que é por causa da crise. Grande quantidade de individuos vêm para aqui a busca de trabalho. Acham vadiação e facilidade de esmolar. Ficam e acostumam-se. Assim, cada dia o numero de desoccupados mendicantes cresce. A tradição de pedir é velha no Rio. A capital da Republica, quando era capital do Imperio ou capital do Reino, podia ser chamada a cidade dos "mordedores".

Por toda a parte se vêm mendigos, de dia e de noite. Nos batentes das portas, sentam-se mulheres com creanças ao collo. Nas esquinas, homens estendem a mão. Ha os que lamuriam em voz alta e ha os discretos que choram de mansinho ao pé da gente. Creanças trepam nos bondes, pedindo. Velhas se arrastam pelas praças, supplicando.

E dormem por todos os cantos: na ladeira do Convento de Sãnto Antonio, sob os arcos da Carioca, nos armazens do Cáes do Porto, ao pé dos gradis do Mangue, debaixo das arvores do Pharoux, nos bancos do largo do Machado, junto á amurada da Avenida Beira-Mar.

E' a cidade da mendicancia, a capital federal dos mendigos.

A gente vê pedintes de toda a especie, desde o leproso e do aleijado, até o cego, e aquelles que fingem molestias incuraveis ou feridas ensanguentadas.

Dá até vontade de que São Martinho deixe o Paraiso, e venha cá abaixo, neste paiz do sr. Aurelino e do sr. Maximiliano, dar um passeio saneador.

Porque, contam as lendas da Edade-Media, São Martinho, tem o poder de curar com a sua simples vista todas as chagas da alma e do corpo. Se elle apparecesse era um abalar de todos os diabos!

No começo do seculo dezoito, havia na grande cidade de Colonia, na Allemanha, uma quantidade de mendigos nunca vista em parte alguma do universo. Calculavam as estatisticas existirem ali para mais de doze mil mendigos. E essa classe tornou-se poderosa e mesmo influente, chegando a conseguir da municipalidade uma lei protectora de seus interesses, a qual lhe permittia o direito incontestado de transmittir aos seus descendentes o privilegio de esmolar nas ruas e estradas do perimetro urbano, sem serem incommodados por mendigos vindos de fóra.

Já que a policia nenhuma providencia toma contra a mendicancia voraz que assola o Rio, ao menos devia fazer de modo que o numero de mendigos não augmentasse com gente nova.

Isto é facil. O sr. Aurelino conversa com o sr. Maximiliano e ambos dão uma prosa com o sr. Amaro. Resolverão tudo. Não precisará nem o sr. Maximiliano deitar falação, nem o sr. Amaro ostentar saber juridico, nem o sr. Aurelino espalhar circulares. Após a conferencia, o Conselho do largo da Mãe do Bispo votará uma lei, tornando vitalicio, innamovivel e hereditario o digno officio de pedir esmola nesta mui leal e heroica cidade.

"Bruzil Cardoso" 25 abril 1918

O Brazil, ás avessas do Myrmecoleo

Os autores classicos antigos e, depois, Leonardo da Vinci no seu 'Bestiario', reuniram todos os bichos fabulosos creados pelo medo ou pelo sarcasmo dos homens primitivos, para que seculos mais tarde Rabelais, Victor Hugo e Gustavo Flaubert os aproveitassem nas suas formosas paginas litterarias.

Não falando do Grifo, do Dragão, da Esphynge, da Chimera e do Basilisco, desses animaes fabulosos os mais terriveis eram o Sadhuzag, veado colossal, cujos cornos resoavam ao vento como flautas, o Martichoras, leão com a cara de homem, o Mané Onça da Mythologia, e o Catoblepas, buffalo de cabeça de porco, que a penna de Leonardo descreve horrorisada.

Havia mais o Tragelaphus, cervo e boi ao mesmo tempo, a Pastinaca, que fedia a pôdre, como muita gente que conhecemos e tem horror aos banhos, o Mirag, lebre de chifres, o Senad, urso de tres cabeças, Cepus, o cão que dava mais leite que o Thesouro da Republica e, finalmente, o Myrmecoleo.

Este vale a pena ser estudado. Flaubert descreve-o assim:

'Leão pela frente, formiga por traz, tendo os orgãos genitaes ás avessas'. Plinio conta toda a sua vida.

A critica sardonica da fabula antiga é palpavel nesse animal que é Leão e formiga ao mesmo tempo.

Pela frente tem a apparencia e os arrancos do rei dos animaes.

Bem examinado, visto por traz, não passa duma formiga.

Ainda ha mais sarcasmo. Os seus orgãos genitaes são ao avesso e todos os filhos que produz vêm ao avesso, misturas de animaes, hibridismos de almas, combinações invertidas de formas, fraquezas e forças ao mesmo tempo, desorganisações de toda sorte

E a caricatura da fabula classica servia aos folliculatios antigos para as suas comparações e as suas criticas terriveis. Tudo quanto era torto e mal feito, errado e sujo entre os homens e entre as coisas nascera do Myrmecoleo.

Eram os seus orgãos genitaes ao avesso que produziam os actos máus, os homens covardes e indecisos, os governos timoratos, perniciosos e desconfiados, as leis erradas e perniciosas, as nomeações e escolhas injustas e indignas, as negociatas réles, os individuos incapazes e pretenciosos, até mesmo as nações abandalhadas e decadentes.

Todas as fraquezas e todas as miserias nasciam desse bicho horroroso, leão pela frente, formiga pela rectaguarda.

Revivendo esta fabula de Plinio, repetida por Leonardo da Vinci, pelo cura Rabelais e por Flaubert, a gente não pode deixar de applical-a ao nosso paiz como um novo prisma e assim verificar as suas manifestações de vida.

E chega-se á conclusão de que não ha nem mesmo houve paiz nenhum no mundo onde o Myrmecoleo fizesse tantos filhos, de tal maneira aqui as coisas andam sempre ás avessas: homens, casos, instituições, leis, governos, tudo.

Até parece que o proprio paiz, o proprio Brazil, é filho legitimo desse monstro fabular, tão ás avessas anda, e filho muito parecido com seu illustre progenitor, pois que faz de leão quando não passa, na verdade, de formiga.

"Careta" - 15 - agosto - 1918

Artigo de V. Manricio sobre o Salão de Bellas Artes — Retrato feito pelo Bela

"Rua Cultura" 25 abril 1918

CONFISSIONARIO POLITICO SOCIAL

Chegou a vez de darmos nestas linhas as opiniões secretas do senador Antonio Azeredo, bem conhecido em todas as rodas cariocas, cuja psychologia fica patente, clara como um diamante. S. Ex. faz agora, nas nossas columnas, a apologia do jogo que já fez, publicamente da tribuna do Senado.

O traço predominante de meu caracter — Jogar.

A qualidade que prefiro na mulher — Que seja *dama*...

O typo feminino que mais me agrada — A dita de paus.

A nacionalidade da mulher que mais me seduz — Das quatro nações: paus, espadas, copas e ouros.

A minha principal qualidade — Ganhar.

O meu defeito principal — "Tricher".

O meu passatempo favorito — Pocker.

A minha verdadeira vocação — Banqueiro

O que eu desejaria ser — Cronpier.

A época em que eu quizera ter vivido —Antes do Aurelino e do Armando Vidal...

O divertimento que mais me atráe — Dar a bola...

Os meus escriptores e poetas predilectos — Grimaux, autor das cartas de Baccarat.

O que meu paladar prefere — Fichas.

O que mais me ataca os nervos — O azar.

Os erros que merecem minha indulgencia— Os das cartas.

O que penso do flirt — Um bluff.

O que penso do casamento — Uma trinca furada...

Os animaes da minha predilecção — Os 25 bichos.

A minha divisa — Trunfo é paus.

AZEREDO

As novas medidas militares

-- e o marechal Faria --

Até hoje nenhum ministro da Guerra, diga-se a bem da verdade, tem tido tão benefica influencia nos negocios de sua pasta quanto o actual ministro, marechal Caetano de Faria.

Official dos mais distinctos e dos mais preparados, energico e ao mesmo tempo bondoso, simples e honesto, s. ex. tem dado ao Exercito, nesta hora de apprehensão e incerteza, os seus melhores esforços. Foi elle a quem coube definitivamente realisar a lei do sorteio e estamos vendo o seu proceder em relação á mesma, procurando moralisal-a de modo inconfundivel e duradouro, punindo severamente quem quer que a tenha fraudado. Diariamente, as levas de sorteados vão chegando aos quarteis cariocas, vindas do Norte e do Sul, sendo incorporadas e instruidas, preparadas para o cumprimento do seu dever militar quando fôr necessario.

A actividade do ministro tem-se mostrado ampla e forte na organisação dos novos corpos pedidos pelo augmento de effectivos, já os localisando, já providenciando para a acquisição de quarteis, já determinando o recolhimento de seus officiaes, distrahidos em licenças e cousas secundarias.

E a sua acção imprime grande desenvolvimento ao fabrico de armas e munições, libertando já o paiz, em varias cousas, do fornecedor estrangeiro. Incrementa as linhas de tiro, publicando o novo regulamento que define e melhora sua situação perante o Exercito.

Devemos-lhe outro inestimavel serviço: a lei que cria os officiaes de reserva, mais do que necessaria á definitiva organisação da nossa tropa de terra. O nosso corpo de officiaes mal chega para o effectivo de paz. Em pé de guerra, teriamos soldados sem officiaes. Agora, o ministro sanou essa falha. E teremos o corpo digno e brilhante da officialidade de reserva.

Não podemos regatear applausos a tão fecunda acção. Somos obrigados pela propria veracidade dos factos a homenagear a acção continua e efficaz do titular da pasta da Guerra.

Elle não carece de elogios, porém é dever nosso mostrar ao publico o valor de sua energica acção administrativa.

Agora mesmo, s. ex. prepara um novo serviço, e importantissimo, que vae prestar ás nossas forças armadas. E' o regulamento de ensino militar, obra bem feita e util, proveitosa e necessaria, cuja falta se fazia sentir de ha muito, porque vem unificar os varios regulamentos esparsos e tornar em verdade as aspirações de alumnos e professores.

"Annaes" nº 2 - julho - 1918

O canhão de Paris

Nenhum povo até hoje mostrou amar tanto a tutella da historia quanto o allemão. Não só nas manifestações de sua vida urbana, politica e social, nos uniformes de seus soldados e nas suas festas publicas demonstra grande culto pela tradição. Vai mais longe. Applica a historia nos seus golpes politicos e mesmo nos seus golpes estrategicos. E não esquece na sua alma semi barbara as offensas sobre que os seculos lentamente passaram. Um estudante allemão dizia a Henrique Hime odiar os francezes por causa da morte de Conradino de Hosldenstauffen, em Napoles, no seculo XIII!

A sua acção revolucionaria na Irlanda lembra os planos do tempo da Invencivel Armada, da Convenção Franceza e de Napoleão. Bolo Pacha foi a resurreição do Megabazo de que fala Thucydides. A sua crueldade calma e animal veio dos hunos. A *sclagne* em que se açoitam os seus soldados data do Gordo Guilherme, pae de Frederico II. E a sua intriga endinheirada desorganidando a Russia nada mais é do que o augmento daquelle plano que impulsinou as devastações da Communa, em Paris.

Dessa tutella não se libertam nunca os povos de pouca imaginação, e os germanos são o povo de menos imaginação do mundo. Agora mesmo, para o bombardeio de Paris, elles copiam o passado, afim de crear o seu canhão monstro, o tal obuzeiro da potencia *kolossal*, que atira a centenas de kilometros da Cidade-Luz.

Esse canhão formidavel é simples e unicamente a *reprise* daquelle morteiro immenso, de alvenaria com arcos de ferro batido, manobrado sobre rolos, puxado por quatro mil bois que bombardeou Constantinopla, um dia triste de 1453. Neste ponto a imaginação do Kaiser não foi além da de Mahomet II. Na propria Allemanha, a guerra dos trinta annos vio em Braibach, no Rheno, uma colubrina de ferro forjado, que recebia cento e sessenta libras de polvora e pesara ahi umas vinte toneladas. Orleans, cercada pelos inglezes no seculo XV e libertada por Joanna d'Arc, possuia quatro colubrinas tambem enormes e celebres: La Bonque, La Bergére, Montargis e Rifflart, que era o nome do diabo da guerra. O duque de Borgonha, no cerco de Compiégne, tinha quatro peças valentes e grandes: Remesvale, Borgonha, Beaurevoir e a Vermelha. Nós mesmos no Brasil possuimos a Vovó, que obteve notoriedade quasi mundial.

O canhão de Paris ainda não conseguio das obtusas cabeças allemãs

47

um appellido sonoro, retumbante ou espirituoso. Nem mesmo onomatopaico como aquelles engenhos castelhanos que os rudes soldados portuguezes do Mestre do Aviz chamaram trons. O canhão monstro da Allemanhã ainda não foi baptisado como não foram baptisados os seus paes, os 420. O soldado prussiano não tem a arte da alcunha nem possue leveza de espirito. E' uma machina preparada para morrer e matar. Nada nelle palpita. E se essa revivescencia da grande bombarda de Mahomet tem a honra de ser conhecida é porque bombardeia Paris. Mais uma vez na historia o nome da victima torna eterno o do carrasco. A memoria de Pilatos vive por causa de Christo e a lembrança de Napoleão faz pensar em Hudson Lowe. O grande obuzeiro allemão ficará na historia como o canhão de Paris. E já não é pouco.

JOÃO DO NORTE.

"Fon-Fon!" 7-9-1918

GATAFUNHOS

A Persia antiga póde orgulhar-se tanto da sua Judith quanto a Judéa da mulher que trouxe num sacco a cabeça de Holophermes. Ha, porém uma differença: a judia não era esposa do general assyrio e a persa era mulher da sua victima.

Spitamenes foi um satrapa de Dario que se revoltou contra a conquista de Alexandre e deu grande trabalho aos generaes macedonicos. Depois de uma lucta terrivel, sua mulher aconselhou-o a entregar-se á clemencia do conquistador. Elle recusou e expulsou-a de sua presença. Tal affronta tinha de ser vingada.

Uma noite, Spitamenes dormia entre os vapores do vinho, após um grande festim. Sua mulher arranca-lhe a cimitarra da bainha, corta-lhe a cabeça com seguro golpe e vae ensanguentada ainda entregal-a a Alexandre, que, horrorizado, nem a quiz vêr.

Que interessante essa paixão das mulheres pela cabeça dos homens que as injuriaram! Quantas ha que vemos formosas e elegantes, suaves e delicadas, no saráu e na rua, e que seriam, se não houvesse policia e o codigo penal, Judiths, Salomés ou iguaes a essa mulher cruel do satrapa persa?!

"Diario de Santos"
6 - Setembro - 1918

Officiaes-atiradores

O dr. Gustavo Barroso, ex-deputado federal pelo Estado do Ceará e litterato brilhante, publicou hontem nesta folha um bem lançado artigo sobre o Tiro de guerra, e referindo-se á situação pouco lisongeira em que pela nova lei foram collocados os officiaes dessa instituição, fez algumas considerações ponderadissimas. O nosso brilhante collaborador, que nos enviou o seu trabalho com a assignatura de João do Norte, pseydonymo com que deu á publicidade o seu livro «Terra de Sol» e sob o qual igualmente é conhecido no mundo das lettras, fez referencias ao projecto que sobre a materia apresentou á consideração da Camara o deputado mineiro Valdomiro Magalhães e para o qual suggeriu a consciencia de um substitutivo. Como esse artigo despertou grande interesse entre os atiradores santistas, que não se podem mostrar indifferentes ao que se passa no seio da corporação a que se acham filiados, damos hoje como parte complementar, o projecto do deputado mineiro que considera officiaes da reserva do Exercito os officiaes atiradores que houverem sido investidos dessas funcções e dá outras providencias.

"Bons Contos" 9 mai 1918

Os pães pretos

(Conto de Anatole France, da Academia Franceza)

Naquelle tempo, Nicolau Nerli, era banqueiro na nobre cidade de Florença. Mal soava a hora de terça, estava assentado á sua banca e, ao soar a de nona, ainda estava assentado.

Ali todo o dia alinhara algarismos sobre as suas taboletas.

Emprestava dinheiro ao Imperador e ao Papa. E, se não emprestava ao diabo, é porque temia fazer máos negocios com esse a quem chamavam o Maligno e que é cheio de embustes. Nicolau Nerli era audacioso e desconfiado. Adquirira grandes riquezas e empobrecera muita gente. Por isso, era honrado e respeitado na cidade de Florença. Habitava um palacio, onde a luz que Deus creou entrava por estreitas janellas: era prudencia, porque a mansão do rico deve ser como uma cidadella; os que possuem bens agem prudendetemente, defendendo pela força o que obtiveram com astucia.

Assim, o palacio de Nicolau Nerli tinha grades e cadeias. Dentro, os muros tinham sido pintados por habeis operarios, que nelles representaram as virtudes sob a apparencia de mulheres, os patriarchas, os prophetas e os reis de Israel. Tapeçarias estendidas nos aposentos offereciam aos olhos as historias de Alexandre e de Tristão, taes como são cotadas nos romances. Nicolau Nerli gostava de ostentar sua riqueza, na cidade, por estabelecimentos pios.

Elevara fóra dos muros um hospital, cuja frisa esculpida e pintada representava as mais honrosas acções de sua vida. Em signal de gratidão pelo dinheiro que dera para a terminação da egreja de Santa Maria Nova, seu retrato pendurado no côro. Estava ajoelhado, de mãos postas, ao pé da Santa Virgem. E logo era reconhecido pelo gorro de lã vermelha, a samarra forrada, o rosto amarello e gordo, os olhinhos vivos.

Sua boa mulher, Nona Bismantova, de aspecto honesto e triste, tanto que se não podia pensar que alguem jámais a tivesse gosado, estava do outro lado da Virgem, na humilde attitude da oração. Esse homem era um dos primeiros cidadãos da Republica.

Como nunca falara contra as leis, não se importava com os pobres nem com aquelles que os poderosos do dia multam ou exilam, nada diminuira na opinião dos magistrados a estima que adquirira aos seus olhos por sua grande fortuna.

Entrando, uma noite de inverno, mais tarde que de costume, no seu palacio, foi cercado, no limiar, por um bando de mendigos semi-nus que lhe estendiam a mão.

Afastou-os cóm duas palavras. Mas a fome os tornava ferozes e ousados como lobos. Rodearam-n'o e pediram-lhe pão em voz queixosa e rouca. Abaixava-se já, para apanhar pedras e lh'as atirar, quando via vir u mdos seus creados, trazendo á cabeça um cesto dè pães pretos, destinados aos empregados da estrebaria, da cosinha e dos jardins.

Fez-lhe signal que se approximasse e, enchendo as mãos na cesto, lançou os pães aos miseraveis. Depois, entrando em casa, deitou-se e dormiu. Durante o somno, um ataque de apoplexia matou-o, tão repentinamente, que ainda se julgava no seu leito, quando, viu, num logar "silencioso e todo luz", São Miguel illuminado por uma claridade que sahia de seu proprio corpo.

O archanjo, com a sua balança, na mão, enchia os pratos. Reconhecendo no lado mais pesado as joias das viuvas que guardava em penhor, a quantidade de malha dos escudos que indevidamente limára e certas moedas de ouro, lindas e raras, que sómente elle possuia, tendo-as adquirido por usura ou fraude, Nicolau Nerli viu que era a sua vida, ora terminada, que São Migue pesava deante de seus olhos. Ficou attento e receioso.

— Senhor São Miguel, disse elle, desde que estaes pondo num prato o que fiz na minha vida, ponde no outro, por favor, o bellos estabelecimentos pelos quaes manifestei magnificamente minha piedade. Não esqueçaes o domo de Santa Maria Nova, nem o hospital fóra dos muros, que construi á minha custa.

— Não tenhaes receio, Nicolau Nerli. Nada esquecerei.

E com suas mãos gloriosas poz no prato mais leve o zimborio de Santa Maria e o hospital com sua frisa esculpida e pintada. Mas o prato não desceu.

O banqueiro tornou-se inquieto.

— Senhor São Miguel, replicou, procurae bem. Não puzestes na balança a minha bella pia de agua benta nem a cadeira de Santo André, que tem o baptismo de Nosso Senhor Jesus Christo, representado ao vivo. E' uma obra que me custou os olhos da cara.

O archanjo poz a cadeira e a pia em cima do hospital e o prato ainda não desceu. Nicolau Nerli sentiu um suor frio inundar-lhe a fronte.

— Senhor Archanjo, perguntou, estaes certo que a balança é fiel?

São Miguel, respondeu, sorrindo, que, ju tamente por não ser do modelo das balanças de que usam os lombardos de Paris e os cambistas de Veneza, a sua era exacta.

— Como! suspirou Nicolau Nerli, pallido como defunto, a cadeira, a pia, o hospital com todos os leitos, não pesam mais que uma palha, uma penna de ave!

— E tás vendo, Nicolau, disse o Archanjo, e até agora o peso das tuas iniquidades é maior que o das tuas boas obras.

— Eu vou para o inferno, disse o florentino.

E seus dentes batiam de terror.

— Paciencia, Nicolau Nerli, retrucou o pesador celeste, paciencia! não acabamos. Resta-nos isto.

E o bemaventurado Miguel tomou os pães pretos, que o rico na vespera atirara aos pobres. Pol-os no prato das boas obras, que desceu repentinamente, emquanto a outra subia: e os dous pratos nivelaram-se.

O braço não se inclinava mais nem para a direita ne mpara a esquerda e o fiel marcava a egualdade perfeita dos dous pesos.

O banqueiro não acreditava o que via.

O glorioso Archanjo disse-lhe:

— Vês, Nicolau Nerli, não prestas para o inferno e não serves para o céo. Vae! Volta á Florença, multiplica na tua cidade os pães que destes com tua propria mão, á noite, sem que ninguem visse, e salvar-te-ás. Porque não sómente o céo se abre ao ladrão que se arrepende e á prostituta que chora. A misericordia de Deus é infinita: ella salvará mesmo um rico. Sê este. Multiplica os pães, cujo peso vês na minha balança. Vae!

Nicolau Nerli andou acordou na sua cama. Resolveu seguir o conselho do Archanjo e multiplicar os pães dos pobres, para entrar no reino dos céos.

Durante os tres annos que passou sobre a terra, após sua primeira morte, teve sempre piedade dos infelizes e deu esmolas sem conta.

"O Tiro de Guerra" - Orgão official do Tiro
Agosto - 1918

ACTOS MINISTERIAES

O Exm. Sr. Marechal Ministro da Guerra, em aviso n.º 136 de 2 de Julho findo, considerando que o atirador Gustavo Barroso foi eliminado da Sociedade de tiro n.º 5 por uma falta disciplinar e tendo em attenção os bons serviços prestados pelo mesmo atirador anteriormente áquella falta, não só na dita soceidade, como em outras; e que o motivo de sua exclusão póde ser attribuido a uma irreflexão, sem de modo algum affectar a moral, resolve, attendendo ao recurso apresentado pelo citado atirador, e do tempo já decorrido, não considerar sua eliminação definitiva, para o final da letra *c* do art. 9 do regulamento então em vigor.

48

"Correio Paulistano"
17 Janeiro 1918

Gigantomachia

(João do Norte)

Parece que a memoria dos monstruosos entes ante-diluvianos, animaes formidaveis e horriveis, dignos da "Historia Natural" de Plinio e do "Bestiario" de Leonardo da Vinci, homens selvagens e enormes, pithecauthropos de força colossal, perdurou nos annaes da humanidade, á sombra das theogonias, transformando-se na lenda dos gigantes. Foi essa lembrança espantosa que deu origem aos cyclopes e aos titans da Hellade, aos ogres da gigantomachia dos Eddas, todos elles capazes de amentrontar até os proprios deuses. Uns tentaram escalar o Olympo, outros desafiaram a colera divina de Odin e de Thor.

A mythologia grega faz os cyclopes nascerem do consorcio de Caea e Urano, do Céo e da Terra: Brontés, Steropés e Argés. E o grande Hesiodo accrescenta que ainda dessa união monstruosa sahiram os gigantes de cem braços, orgulhosos e audazes: Cottos, Briareu e Gyas.

Mais tarde, a raça dos titans se multiplica. Para a escalada do céo, põem montanhas sobre montanhas os trezentos braços, as seiscentas mãos dos gigantes primitivos e os musculos de aço de Eryon, Artacheu, Typhoé, Agatho, Eryx, Tityos, Aloé, Ladon, Lytiersiés, Perimnitis, Damastés, Alcyoneus. Mas o castigo de Jupiter victorioso pelo raio forjado na officina dos cyclopes é terrivel. Todos rolam no Tartaro, esbravejando; afundam-se nas aguas do mar, espadanando vagas; são pregados no firmamento como uma pelle de raposa com pregos de estrellas; somem-se debaixo da terra com vulcões e cordilheiras sobre o peito robusto. Adamastor é transformado no cabo Tormentoso. Briareu, sepultado debaixo da Sicilia, fuma sua raiva gigantesca pelas crateras do Etna e do Stromboli. Orion, espichado no céo, dá origem a uma constellação. Geryon é atirado no inferno, onde as suas três gargantas cospem chispas de fogo. Prokustés é preso num leito de torturas. O proprio Anteu, que recobrava vigor tocando a terra, é vencido e reduzido á mais sombria impotencia.

Quem são, no emtanto, esses monstros de figura humana, que a mythologia traz ao nosso conhecimento? O Rig Veda nos explica o mysterio, relatando as luctas de Indra, a luz, o sol, contra os genios negros e immensos que pretendem offuscal-o, as nuvens que os ventos semeiam no céo, nimbus esfrangalhados e vastos como um campo, agitando mil braços de polvo, que trazem a chuva tediosa, cumulus altos como templos, affectando formas de animaes e de homens que atopem o poente e impedem, no nascente, os primeiros raios luminosos do Deus.

Nos Eddas, os gigantes são ou mais ferozes ou mais formidaveis. Os ogres das florestas devoram viandantes tresmalhados, alimentam-se de tenras criancinhas, são os unicos montros que a imaginação dos germanos selvagens, errantes nas florestas escuras, dos borussios sanguinarios vivendo nas lamas da Masuria, dos escandinavos, miseraveis, envolvidos pelas neves polares, poderia crear. Os gigantes são do tamanho da propria terra e a sua luva de couro, humida e fetida de suor, é uma caverna de morte, onde pousam nas noites de geada os deuses errantes e aventureiros.

O povo egypcio que povoou o seu paiz de colossos, talhando no granito de Mokaltan as figuras de Keops, de Kephreu e de Mykerinos, esculpindo no calcareo de Silsilen a estatua de Ramsés II, cortando no basalto verde de Sais os vultos de Usitarsen e de Miriri, ou gravando no duro mármore de Nubia aquella imagem de ~~Aminof~~, que os antigos diziam cantar ao sol como si a pedra lamentasse o seu martyrio sob o cinzel e o escopro, não povoou a sua imaginação de gigantes. Busiris é o unico titan egypcio que se conhece.

A Biblia, no emtanto, influenciada pelos touros humanos da Persia e os kerubs gigantescos da Assyria, fala de Og, um rei de Bazau, herculeo e membrudo, de Gemmagog, um homenzarrão mysterioso, e de Gog e Magog, os dois gigantes que devem ladear o Antechristo como duas torres.

A febril imaginativa da média edade, accendida na noite da ignorancia pela fé nos prodigios e a exaltação cavalheiresca da coragem, do amor, da lealdade e da honra, de novo enche bosques e planicies, tremedaes e silvas, castellos e fortalezas, de gigantes ferozes, cujos nomes sonoros ou ridiculos os troveiros espalham ao som do luth milanez, da guzla mourisca, da fithile saxonica, da guitarra peninsular, da viola provençal e do bandolim florentino. Então, esses monstros humanos são reis e são generaes, servem de escudeiros aos paladinos que os venceram ou prendem em carceres subterraneos os cavalleiros vencidos, habitam negros solares atorreados guarnecidos por avantesmas, andam com botas de sete leguas e raptam as princezas dos proprios palacios paternos. Saralyth e Farilyth enchem com suas façanhas os cyclos literarios. Galafre, Gayoffe, Ferragús, Offot são heróes das canções de gesta. Ferrabraz de Alexandria commanda um exercito turco. Amicos é rei dos Belrices. Perceforest serve de escudeiro a Roldão. Malruno e Brocalruno combatem com os doze pares de França. A giganta Amyota, uma virago terrivel, amedronta o proprio Carlos Magno. A Giralda, que combatia pelos mouros contra os christãos, transforma-se numa torre em Sevilha.

O tempo corre. Os gigantes vão morrendo um a um. Os ultimos são transformados na satira do "Dom Quixote", que mata a cavallaria, em ôdres de vinho e em moinhos de vento. Ao derradeiro bruxolear da edade média, o riso de Rabelais tira-os do tumulo, resuscita-os com nomes de opereta, para matal-os com o seu sarcasmo impiedoso. Lá desfilam os pobres gigantes, tão velhinhos, pelos valles ridentes da França ou no convez dos barcos, sobre o mar calmo, onde viajam Pantagruel e Parnugio. O proprio Pantagruel é gigante, filho do gigante Gargantua, que pendura ao pescoço do seu asno os sinos de Notre Dame. Lá desfilam os pobres gigantes: Hacquelebar dando a mão ao estupido Barrocás, Parrafús de braço dado com Engolevento, general do rei Picrochole, e Pandafilandro aos abraços e beijos com Caraculiambro...

Mais uma vez estava morta a gigantomachia. Ao seculo dezesete coube, porém, revivel-a ainda. E isto deu a Paulo de Saint Victor algumas paginas immorredouras do "Gros Guillaume".

Frederico Guilherme, rei da Prussia, pae do grande Frederico, o rei-gordo, o rei-sargento, tinha a mania de possuir gigantes, tornando-os granadeiros da sua guarda. Para tanto lhe serviam todos os meios. A compra, a tortura, a mentira, a intriga e a força. Não achando na sua Prussia homens altos em quantidade sufficiente para o seu regimento, encommendava-os em todos os paizes como Philippe Augusto encommendava falcões e dom Pedro o Cruel, de Castella, cães de caça. Os seus recrutadores percorriam a Europa. Ai! de quem tivesse mais de um metro e noventa de altura.

Um homem de cinco pés e dez pollegadas valia setecentos escudos; um de seis pés, mil escudos; um de seis pés e meio, mil florins; um de sete pés, tres mil rixthalers; um de sete pés e meio chegou a ganhar pelo seu engajamento trinta e duas mil libras esterlinas. Trocava a graça de condemnados á morte e os objectos raros dos museus por soldados colossaes. Declarava guerra aos vizinhos, afim de tomar-lhes subditos de grande altura. Até padres e frades altos se metamorphoseavam em granadeiros.

Nunca os gigantes foram tão perseguidos. Nem os raios de Jupiter Tonante, nem o martello de Thor, nem as flechas de ouro de Indra, nem as espadas dos cavalleiros andantes e nem o riso de Rabelais causaram nunca tanto terror aos gigantes como a caça organizada pelo rei da Prussia.

Toda essa perseguição ainda não foi bastante. Paulo de Saint Victor diz: "il essaya de reproduire ses colosses. Aprés la recrue des geants, il fit la traite des geantes. Toutes les viragos du royaume furent enlevées... Il en esperait une race gigantesque..."

E ainda ha quem se admire da paixão que existe na Allemanha por tudo quanto é kolossal...

João do Norte

"Etoile du Sud" - n.º especial - 14 julho 1918

Les Huns

Ce fut dans «l'Histoire d'Attila et de ses Successeurs» par M. Amédée Thierry que j'ai connu toute la barbarie des Huns. Et je garde dans ma mémoire toute l'horreur de mes impressions. D'ailleurs, il y a un grand écrivain français, esprit éminemment critique, qui lui aussi, a gardé de cette lecture une si vive impression qu'elle lui a fait écrire un de ses plus beaux chapitres. C'est l'auteur consacré de «Barbares et Bandits», d'Hommes et Dieux, un prosateur qui écrivait avec tant d'éclat qu'il faudrait pour le lire des verres enfumés, selon disait M. Theophile Gauthier.

Sans cesse, passent par mon imagination, évoquées par Thierry et Paul de Saint Victor, les scênes terribles des ravages des huns auprès desquels les propres vandales semblaient des soldats bons et disciplinés. Les Goths croyaient que ces horribles têtes humaines avaient eté enfantées par les sorcières, hideuses femelles des démons errants.

Saint Jerôme, dans une de ses merveilleuses lettres disait qu'ils arrivaient par-tout, à l'improviste et allaient plus vite que le bruit de leur irruption, qu'ils ne respectaient ni la religion, ni l'âge, ni la dignité des personnes.

Ils n'avaient pas même pitié des faibles et pauvres enfants, qui, ignorants de tout danger, riaient en regardant les épées nues.

Jornandès affirmait qu'ils n'avaient d'humain que la parole. Ammien Marcellin les appelait des bêtes à deux pieds. Saint Victor les peint trapus, avec des têtes grosses, des nez écrasés, des mœurs de loups; perfides, farouches, pillards, d'une cruanté sereine d'animal féroce.

«Les peuples fuient à la débandade devant cette tempête humaine qui pille, broie, massacre, dévaste, saccage et achève par la flamme les œuvres du glaive. De tous côtés, on n'entend plus que les fracas des villes qui tombent et le râle des nations qu'on égorge. Le sang ruisselle et fait des torrents; les cités se vident, les forêts s'emplissent; la terre cultivée s'efface sous le niveau de la destruction. On dirait que, du fond de l'Asie, les huns ont emporté le désert, et qu'ils le déroulent comme un linceul sur le monde...»

Nous assistons aujourd'hui, malheureusement, aux mêmes tableaux. Les huns sont revenus non avec leurs épieux rudes et leurs coutelas ébréchés d'autre-fois, mais avec des fusils modernes et des canons Krupp, des gaz asphyxiants et des obusiers monstres, avec toute une science dediée à la guerre, comme si les mathématiques tudesques avaient comploté la mort de la civilisation. Sa haine envieuse de l'élegance cultivée des peuples méditerranéans a créé son envie haineuse guidé par la *Kultur* minutieuse et étroite, qui brule mais n'illumine pas. De là son désir d'écraser la culture greco-romaine pour instituer une nouvelle kulture allemande, quelque chose qui participe de la mythologie scandinave, de l'idolatrie féroce des borussiens, de l'idéalisme maladif de l'Allemagne du Sud, des dogmes du Moyen-Age, des préceptes du Roi Sergent, de la tactique de Frédéric, de la fourberie bismarkense, de la férocité d'Attila et de la science minutieuse et aride, le tout parsemé de morceaux philosophiques nébuleux ou immoraux de Kant, de Hegel que personne n'a jamais entendus, de Nietsche que tout le monde fait semblant de comprendre.

Pour être libres d'imposer ses idées au monde, il faudrait souffler la lumière du monde. Pour ça, ils ont pénetré en France et tenté de tuer cette nation éternelle.

La France renaquit de ces propres cendres, plus forte et plus belle qu'auparavant comme pour montrer encore à l'Europe le chemin du salut.

L'indifférence criminelle et egoiste de l'Europe a laissé l'Allemagne s'agrandir et s'armer. Mais la Belgique et la France ont été les barrières heroïques qui ont arreté les premiers élans des barbares, pendant que le monde ajustait son ceinturon et fourbissait son epée.

Et tout ce que les huns ont fait, ils le reproduisent. Le germain a toujours idéalisé Attila. Il y a un seul prince en Europe qui porte ce nom terrible: c'est Eittel, le fils de Guillaume de Prusse. Comme ses aieux, ils massacrent les populations, il déportent les travailleurs, ils violent les femmes, ils tuent les enfants, ils renversent les villes et jettent partout le deuil, les gémissements, l'épouvante et la mort. Pourtant, tel comme le disait Saint Jerôme du monde romain les têtes des nations qui combattent unies ne savent pas se ployer. *Tamem cervix nostra erecta non flecitur.*

Attila et ses bandits sauvages ont été vaincus sur un champ de bataille gaulois. Je veux croire que sur les champs de bataille français seront vaincus et refoulés les barbares bandits, les modernes Attilas, plus féroces et peut être moins braves.

João do Norte

"Correio Paulistano" 30 julho 1918. Resposta aos "Mercenarios" com o titulo "Um parenthesis"

Tiveram os meus modestos commentarios que sobre a traducção que o dr. Vicente de Sousa Queiroz fez da obra de Bosche a honra de merecer do illustrado sr. Gustavo Barroso uma série de elogios que, si sobremodo me desvanecem, muito mais lhe apregôam a benevolencia ou antes a generosidade.

Nada mais justo do que os excellentes conceitos por elle traçados em relação ao estudo a fazer-se da **literatura dos mercenarios**, essa divisão, clara e syntetica, em tres capitulos, abrangedores de todos os items a examinar, exposta com o brilhantismo que sempre acompanha quanto traça o autor acclamado da **Terra do Sol.** Si a outrem empresta erudição o sr. Gustavo Barroso, é que a modestia lhe inspira a inversão do conceito biblico relativo á visão da trave e do argueiro.

Lapso grave de memoria foi o meu ao deixar de lado a obra de Schlichthoret quando esbocei a resenha bibliographia relativa aos mercenarios de Pedro I. Pouco antes, justamente, escrevendo-lhe Alberto Rangel ácerca da traducção do livro de Bosche, dizia: "Bom será que o amigo Vicente se dedique agora a verter o livro de Schlichthoret ou o de Seidler. Em ambos, ha cousas interessantissimas, dizem-me quantos sabem o allemão".

A pormenorizada descripção que do primeiro nos dá agora o autor de **Herróe e bandidos**, assim sirva de incentivo a quem já prestou tão valioso serviço ás nossas letras historicas divulgando os **Quadros alternados** de Bosche. Ha um topico do artigo do sr. Gustavo Barroso que me leva comtudo a lhe apresentar uma rectificação cordial, visto como trata de pessoas de minha familia, cuja memoria venero, e ácerca de quem, levado por uma falha momentanea de memoria, se escrevem referencias que não são exactas.

Assim, contando que ao livro de Schlichthoret acompanha uma lista de officiaes extrangeiros ao serviço do Brasil, nota o sr. Gustavo Barroso: "No meio desses officiaes attrahidos ao Brasil por um courtier sem escrupulos, que alliciava corpos e soldados na Europa, contavam-se nobres da velha raça allemã ou franceza: os barões von Kettler, von Leenhoff e von Moillet, o conde de Escragnolle-Taunay, um Platt von Steen, um von Falkenstein, etc".

Esta affirmação é inexacta quanto ao indicado official francez. Levado por uma associação moderna dos nomes de dois homens, o conde d'Escragnolle, coronel de infantaria, e Carlos Augusto Taunay, major do estado-maior, destas duas pessoas fez o illustre articulista uma só individualidade. Nesse tempo eram inteiramente extranhas as familias destes dois militares, que só se ligaram em 1840, quando Felix Emilio Taunay, mais tarde barão de Taunay, director da Escola Nacional de Bellas Artes e preceptor de d. Pedro II, desposou Gabriella de Robert d'Escragnolle, filha do conde deste nome. O filho de ambos, Alfredo d'Escragnolle Taunay, nascido em 1843, foi o primeiro a realizar a união dos dois appellidos.

Era natural que o illustre autor da "Terra do Sol" commettesse o engano em que laborou, tratando-se de duas personalidades cujos nomes só podem occorrer na nossa historia pormenorizada. Pareceu-me, porém, dever apresentar-lhe esta contestação, havendo elle incidido num qui-pro-quo involuntario. Offereço-lha, reiterando-lhe os meus muitos agradecimentos pelas palavras generosas com que entendeu qualificar os meus summarios estudos sobre o livro de Bosche.

AFFONSO D'E. TAUNAY

50

"Correio Paulistano" 23 julho 1918

As Cathedraes

(João do Norte)

A predicção de Heine vai se realizando. O martello de Thor derrúe as cathedraes gothicas. Reims pereceu. Arras foi attingida. Amiens já não está intacta. Acabo de vêr numa revista franceza a sua photographia majestosa, todo o seu rendilhamento de pedra de obragem, todo o seu luxo de cantaria martyrizada a cinzel. E, deante do aspecto venerável da grande egreja gothica, o meu espirito invocou toda a grandeza dessa architectura, que foi o unico fructo artistico duma época de quasi barbaria, nascido do espirito religioso e amadurecido pelas almas que careciam duma sahida para a prodigiosa expansão do seu genio ulgemado pelo feudalismo e pelo dogma.

Percorri linha a linha o velho monumento, examinei-o nos mais intimos pormenores, estudei-lhe a delicadeza dos corucheus, a pureza das ogivas, o rendilhamento das rosaceas, a altura dos botareus, a perfeição das silharias, a riqueza dos vidramentos e, si pudesse, beijaria o mugre dos arcos, pátina dourada do passar de seis seculos.

Quanta paixão, quanta emoção, quanta esperança e quanto esforço a alevantaram, estas e outras, para a cega impiedade dos obuzes teutonicos! Como nas penumbras violetas das sancas e dos portêlos se podem palpar, em camada, as sombras dos centenarios! E toda essa alma duma civilização passada, escripta em pedra, para o prazer da pontaria de alguns artilheiros selvagens!

Alma duma civilização, sim; porque num tempo em que não havia imprensa, nem tribuna, nem pintura, nem theatro, sómente pela architectura o pensamento se podia manifestar: o pensamento nacional, o pensamento religioso, o pensamento politico e o pensamento artistico. Por isso na renda de pedra das cathedraes ha satira e caricatura, opposição aos governos e critica á sociedade, fé e esperança, religião e amor. Ha tudo. E em cada nação a especialização do gothico eleva monumentos representativos do seu caracter. Na Allemanha, ha só uma cathedral celebre: Colonia. Os grandes monumentos gothicos são os castellos, que demonstram o arraigado feudalismo nacional. São o Wartburg e o Hohen-Neufen, o Hohen-zollern e o Rheinfeld.

Nas Flandres, uma unica egreja é digna de nota: Santa Gudula, em Bruxellas. A grande copia de edificios consta de predios municipaes: halles ou mercados como o de Ypres, destruido agora; hotels de villes ou palacios da municipalidade como o de Louvain, destruido tambem.

A Inglaterra é a patria das grandes abbadias gothicas, acastelladas, fortalezadas, lembrando as luctas religiosas. Westminster é cathedral e fortaleza. Os proprios castellos gothicos da Escocia têm qualquer cousa de monacal no seu aspecto guerreiro.

O estylo manuelino é uma variante do estylo Tudor, tendo como caracteristica a ogiva abaixada ingleza. Os seus ornatos maritimos e cosmographicos, recordando os descobrimentos iniciados em Sagres, sobrecarregam faustosamente os velhos silhares, dando-lhes quasi a apparencia das paredes ornamentadas do Oriente, de onde vinha o ouro com que se pagavam os artifices da pedra. Na Hespanha, o gothico não passou de Burgos, repellido pela esbelteza da architectura mourisca. Na Italia, não passou de Milão, vencido pela quadrada e elegante construcção florentina, batido pelo classicismo romano.

Houve, porém, um paiz que se cobriu com um manto branco de egrejas, segundo a phrase feliz do chronista e monge Raul Glaber. Foi a França.

Ali se ergueram a Notre Dame e Reims, Ruão e Arras, Amiens e Chartres, Strasburgo e cem outras. A essa floração de cathedraes correspondia uma outra floração de sociedades secretas, de corporações unidas, onde se acolhia o espirito livre dos incredulos que construiam aquellas maravilhas para a alma religiosa da época.

E nunca mais a arte religiosa produziu nada que se possa egualar em symbolica christã a esses monumentos unicos, que ninguem poderá nunca copiar, imitar, reproduzir, porque tão grande resultado era o producto da propria alma dos povos e do proprio espirito da civilização medieval. Fóra da edade-média, o gothico é um anachronismo insupportavel. Sómente aquelle ambiente lhe dava vida e expressão. Dahi o valor cada vez maior dessas grandes reliquias historicas.

Uma cathedral gothica é uma feéria de pedra que contém um mundo de pensamentos, um mundo maior de symbolismo como si ella fôra uma theogonia de marmore e de granito.

A base da cathedral é uma cruz formada pela grande nave e pelos transeptos, que se cruzam na abside, ladeados pelas ousias. A elevação do edificio é dividida em tres partes, que lembram a Santissima Trindade. Todas as proporções e distancias obedecem a um mysticismo symbolico. Nellas só se encontram os numeros sete, dez e doze, com a sua significação biblica ou evangelica. As torres são obrigatoriamente differentes, para significarem os dois grandes poderes da Egreja. Uma, a menor, é a torre da Encyclica, o poder temporal; outra, a maior, a do Evangelho, o poder espiritual. E tudo, linhas verticaes, ogivas, flechas, a vegetação bizarra dos trevos e dos florões de aipo, os columnelos de diadlemas floreados, os nichos angulosos, tudo representa o impulso para o alto, para o céo. Os arcos fenestraes são como duas mãos postas em oração, entre as quaes reluz o sangue, refulge o azul e rebrilha o ouro dos vitraes.

Dentro é tão grande e completo como fóra o symbolismo liturgico. O estylo gothico martyriza em acanhos as molduras de pedra dos retabulos, dos diptycos, dos triptycos e dos polyptycos em que se enquadram vidas de santos e scenas da Paixão. Feixes de columnas finissimas, cada qual com um capitel diverso e ricamente arrendado, mostram, unindo-as, entrelaços delicados de pedra trabalhada. As sombras cáem dos arcos profundos do corporal, melancolicas, vagarosas e pausadas como um canto religioso. Lá fóra, o escoamento das aguas se faz pelas gárgulas caricaturaes, emquanto das balaustradas, debruçados e ferozes, os gryphos, as chimeras e os demonios presidem mudamente o concilio de furias de granito e de santos e anjos de marmore. Dentro, o mesmo contraste continua. Ao lado do capitel pejado de hydras de linguas bifidas, de javalis peçonhentos, de beguinos emborrachados, florescem outros com azas de seraphins e rosas mysticas entre corôas de espinhos. Não ha limites para a phantasia dessa esculptura. A ogiva trouxe da Asia e através das cruzadas e de Veneza a imaginação brilhante do oriente.

Mas em tudo reina, apesar desse luxo e desse delirio de esculptura, a seriedade christã. As quatro grandes columnas da archinave são os quatro Evangelistas; as sete capellas, os sacramentos; as sete janellas do côro, os sete dons do espirito; e as sete arcadas, os sete peccados mortaes. As tres rosaceas de vitral da fachada representam o padre ladeado pelo diacono e o subdiacono.

Nos porticos ricos de estatuas, o genio do mal defronta sempre o espirito do bem.

Perante a rainha Pedauca, arregaçando a saia, para mostrar seus pés de ganso, está Maria Magdalena, cobrindo o collo semi-nú com a seda dos cabellos. Deante de Eva, que é a falta, fica a Virgem Maria, que é a redempção. E, em cada nicho de portal, se perfila a imagem duma sybilla, que adivinhou a vinda do Christo e cuja existencia defenderam os maiores doutores da Egreja: Origenes, Justino e S. Clemente de Alexandria.

A indumentaria dessas prophetizas pagãs que viram o Christo antes de nascido, lendo o futuro dos povos, lá está nas cathedraes e no livro de Barbier de Montault, "Iconographie des Sibylles".

A Persica traz uma tocha empunhada. A Agrippina, a Européa e a Erythréa brandem gladios. A Phrygia leva uma cruz pascal. A Hellespontina aspira o cheiro duma roseira florida. A Cumana embala um berço. A Delphica conduz uma corôa de espinhos; a Samieuse, um sceptro de caniço; a Tiburtina, um feixe de vergastas; a Cimmeriana, uma cruz.

Nessa architectura symbolica da edade-média é este o unico ponto de contacto com o paganismo mórto, que a Egreja de Julio II e de Leão X haveria de resuscitar para sua gloria.

51

E' contra essas maravilhas seculares que se alevanta feroz o martello barbaro de Thor. Reims cahiu, Arras cahiu, Ruão, Chartres, Amiens, já não estão mais perfeitas. Os tempos mudaram. A humanidade de hoje não cobre mais a face da Europa com um manto branco de egrejas, segundo dizia o freire Raul Glaber; veste-a, porém, com um manto ainda mais branco — de ossadas.

João do Norte

"Fon Fon." 24 julho 1918

GATAFUNHOS

Não ha nada mais velho neste mundo e que não tenha progredido do que o modo de marcar os cavallos. Numa fazenda do agreste sertão cearense ou numa estancia das pampas platinas se *ferra* um quartau ou um pingo da mesma maneira que se fazia no Egypto e na Thracia antiga. Aquelles admiraveis corceis de crinas em escova da frisa do Parthenon foram marcados com um ferro em braza, na côxa, como um rocim de carga e carroça das nossas estradas modernas.

E a prova dessa antiguidade das marcas dos cavallos se encontra em primeira mão numa ode de Anacreonte, em torno da qual sussurram abelhas e em cujo rythmo ainda se sente o pulsar do velho coração grego. O poeta diz que as verdadeiras amantes imprimem um signal de fogo nos corações, signal pelo qual se reconhece o amor verdadeiro «como os Parthas se reconheciam por suas tiaras e os cavallos pela marca queimada em sua côxa.»

"Correio Paulistano" - 27 de julho de 1918

OS MERCENARIOS (João do Norte)

Ainda está por fazer a historia dos mercenarios extrangeiros que serviram no nosso exercito, quando do primeiro reinado, ao se iniciar a nossa vida nacional. Mas as contribuições para esse fim vão chegando com lentidão e segurança. Entre essas, occupam logar de honra as que o illustrado sr. Escragnolle Taunay tem publicado nestas columnas, repetidamente, escriptas com clareza, estudadas com amor e commentadas com sobria verdade. Lendo tão sympathicos e bem feitos trabalhos, pensei na necessidade de se fazer com lizura a historia dessa tropa extrangeira, antes que levem sumiço pelo descuido patricio os poucos documentos existentes sobre o assumpto. Parece que essa historia poderia ser elaborada em tres capitulos, cada qual o mais digno de nota. O primeiro trataria dos mercenarios e de sua vida, influencia, origem, costumes, etc. O segundo poderia ter este titulo: "O que nós pensavamos delles", resumindo as opiniões nacionaes ácerca de tal gente. E o terceiro occupar-se-ia das suas opiniões sobre nós, de sua literatura, com o distico: "O que elles pensavam de nós".

Para esta ultima parte, já nos deu o sr. Escragnolle Taunay uma vasta e erudita contribuição. Pedimos-lhe agora licença afim de trazer uma pequena pedra para o edificio commum.

Temos em mão talvez o mais curioso specimen da literatura dos aventureiros e soldados da fortuna que serviram sob nossas bandeiras. E' um livro que o illustre articulista não citou no rol em que entraram os volumes de Schaffer e de Bosche. O exemplar que possuimos está bem conservado, encadernado em escuro e tem no verso interno da capa o **ex-libris** da casa de Hesse-Darmstadt, com o nome fidalgo do primitivo possuidor raspado a canivete, sómente se distinguindo a derradeira letra — um z.

O titulo da obra é "Rio de Janeiro wie es ist", O Rio de Janeiro tal como é, acompanhado das seguintes declarações: **Beitrage zur Täges und sitten Geschich te der Haupstadt von Brasilien, mit vorzüglicher Riicksicht auf die Lage des dortigen deutschen Militairs von C. Schlichthorst, chemaligen kaiserl. Brasil. Offizier.** O que significa: Contribuições de um diario para a historia dos costumes da capital do Brasil, com um excellente estudo da situação dos militares allemães neste paiz, por C. Schlichthorst, ex-official do Imperial Exercito Brasileiro. Entre parenthesis ha mais em baixo, resaltando como uma critica ironica, este distico, em portuguez mesmo: "Huma (sic) vez e nunca mais!"

Ahi está contida toda a philosophia do livro. Esse homem foi um illudido por promessas douradas, que se não poude conformar com a realidade. Deixou o seu paiz, esperando boas cousas; achou uma situação má: não póde conter a sua decepção. Não é amigo do Brasil. Toda a vez que encontra motivos, não nos poupa. Mas não é um calumniador. Diz verdades. Talvez exaggere um pouco, aqui e ali. No fundo, porém, tem grande dóse de imparcialidade.

O volume foi publicado no Hanover, em 1829, sahindo da Livraria Real de Hahn, impresso por uma subscripção de amigos, sendo por isso reduzido o seu numero de exemplares. Logo ás primeiras paginas traz a lista geral dos subscriptores. Nella figuram entre medicos, militares, advogados, jornalistas, magistrados, negociantes, sacerdotes, senhoras, nomes de associações e de individuos dum certo destaque social e politico. Lá estão o Museu de Bremen, os generaes senhor von Ulmenstein, conde von Alten, o major general von den Busche e o mestre de campo general von Decken; o conselheiro privado von Grote, o conselheiro Einfeld, o conselheiro do gabinete secreto Hoppeustedt e o conselheiro de Justiça von Bothmer; o coronel Soest e o tenente coronel Brückmann.

Não será de todo sem interesse dar a lista dos subscriptores residentes no Rio, completa: o guarda-livros Daw, o vice-consul da Hollanda Hendricks, os negociantes Melchert, Scheinert e Wiers, o traductor imperial Zaeb, o medico Ran, o consul da Prussia von Theremin, o consul da Liga Hanseatica Tembrinck, o sr. Makler Ray e o tenente-coronel Schaffer. Este, official do mesmo officio, emquanto toda a maioria se contentou com um exemplar e raros com dois, assignou 25, certamente para propaganda.

Num simples artigo de jornal nada se póde dizer de completo sobre esse livro. Dahi o resumo que fazemos, para dar uma idéa mais ou menos fiel do seu conteudo.

Na Introducção (**Enleitung**), o autor conta como veiu em 1826 parar no Brasil, engabelado com promessas e cheio de esperanças, que todas ellas perdeu da noite para o dia.

O primeiro capitulo chama-se: "Chegada ao Rio de Janeiro e historia do autor". (**Ankunft in Rio do Janeiro und Geschichte des Verfassers**). C. Schlichthorst desembarcou na Guanabara a 4 de abril de 1824.

Die Stadt und der Hof von Rio de Janeiro. E' o segundo capitulo e descreve a nossa atrasada capital e a côrte de S. Christovam naquellas "priscas eras", com côres quentes e com ironia.

O titulo do terceiro capitulo é: **Sudliches Leben**, a vida meridional, isto é, a vida do paiz, a vida em outro hemisphero, a vida inteiramente diversa da européa, da septentrional.

Um tanto forte em certos pontos o quarto capitulo, que trata das brasileiras nas suas relações com os extrangeiros (**Brasilierinnen und Fremde**), mettendo o pau na moralidade ficticia da época.

Curioso capitulo é o quinto, referente aos negros e aos mestiços: — **Neger und Ur — Einwohenr von Brasilien.**

O capitulo mais agradavel, o mais elogioso para nós, é o sexto, onde o autor fala da nossa facilidade de apprehensão, da nossa intelligencia viva e da nossa literatura, reconhecendo-lhe qualidades (**Litteratur von Brasilien**).

Como o quartel do seu batalhão ficava na Praia Vermelha, nesse tempo a duas horas de viagem do Rio, o official allemão fazia longos passeios por praias e montes, capinzaes e valles. Conta-os num vasto capitulo intitulado **Süd-Amerikanische Promenaden**, passeios sul-americanos.

Sob o aspecto historico, a parte mais importante é a penultima **Ruckblikc auf die neneste Geschichte von Brasilien und politische Lage des Reichs — 1826**, retrospecto sobre a moderna historia do Brasil e a situação politica do imperio — 1826.

A ultima parte refere-se aos corpos allemães no Brasil e á continuação da historia do autor: **Deutsches corps in Brasilien — Fortsetzung der Geschichte des Verfassers**, terminando por alguns trechos sobre colonização e uma breve conclusão (**Schluso**).

52

"Annaes" — 1. Agsto. 1918

Nas ultimas paginas, vem uma lista dos officiaes extrangeiros ao nosso serviço, entre os quaes estão muitos nomes conhecidos e ligados á vida brasileira, tornados com o tempo, e brilhantes serviços mais do que nacionaes. Lemos nessa lista nomes como estes, cujos descendentes ainda os usam: Suckow, Ewbank, Leenhoff, Niemeyer, Escragnolle, Saint Brisson e outros. No meio desses officiaes attrahidos ao Brasil por um **courtier** sem escrupulos, que alliciava colonos e soldados na Europa, contavam-se nobres da velha raça allemã ou franceza: os barões von Kettler, von Leenhoff e von Moillet; o conde de Escragnolle-Taunay; um Plaat von Steen, um von Falkenstein, um von Alten, um Wolf von Wedlig, um de Cojet e um von Bulow, tenente de caçadores.

Além de descrever, minuciosamente, o uniforme dos granadeiros imperiaes e dos caçadores, que o povo alcunhara "perequitos", por causa da fardeta verde, dá os seguintes interessantes pormenores sobre o soldo diario das praças:

Pão	2 vintens
Ração	2 vintens
Limpeza do correame.	2 vintens
Caixa	2 vintens
Dinheiro	2 vintens
Total	10 vintens

Um soldado de hoje, deante deste pret e da carestia da vida, desertava com certeza...

Vale tambem a pena dar a conhecer o soldo dos officiaes desse tempo:

Alferes	26$200
Tenente	28$200
Capitão	34$000
Major	45$000
Coronel commandante do corpo, incluindo a ração do cavallo.	100$000

E o sr. Schlichtorst queixa-se desta mesquinharia, mostrando o custo exaggerado das fardas e dos lavados e engommados, affirmando ser impossivel sustentar-se com tão pouca quantia, mormente devido ás obrigatorias despesas de representação.

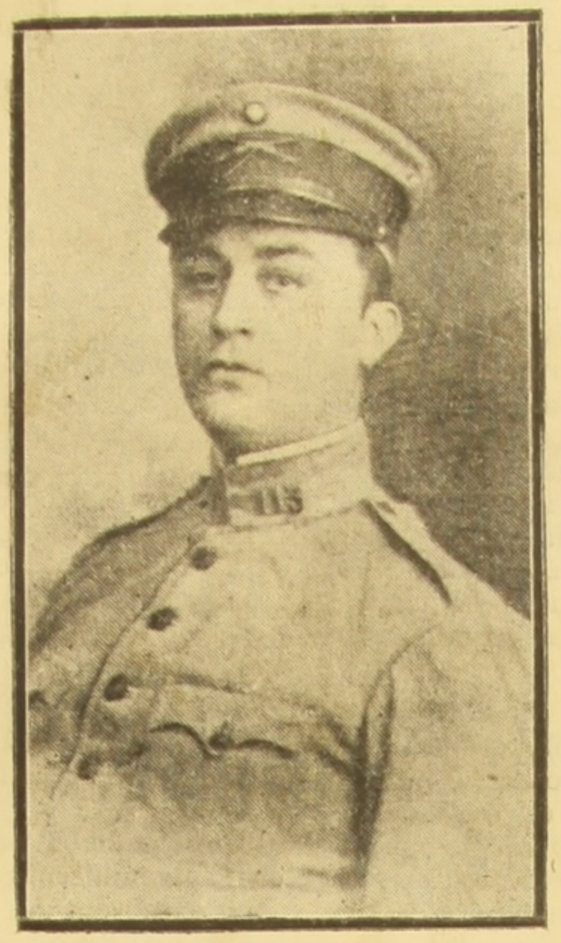
Este mercenario tambem era poeta. Elle inclue nas derradeiras paginas do seu livro um soneto que perpetrou em 1825, offerecendo-o a sua majestade a imperatriz Carolina Leopoldina. São quatorze pesados versos em pesado allemão. Nos oito primeiros, descreve as bellezas e maravilhas da bahia de Guanabara, o esplendor tropical da natureza brasileira. Nos seis finaes eleva a soberana, através dessa paizagem paradiziaca, pela sua bondade e aureolada de gloria até ao céo.

O livro tem muitas e duras verdades. Por elle e pelos seus irmãos de Schaffer, de Bosche, etc., estamos inteirados do que de nós pensavam os mercenarios. Precisamos agora procurar nos annaes parlamentares, sociaes, jornalisticos e literarios da época a nossa opinião, o que nós pensavamos delles.

João do Norte

Os Conquistadores

Ha um laço intimo que une todos os conquistadores, aquelles que tudo sacrificam á grandeza do seu povo, como Napoleão, aos que batalham pelo proprio prazer de batalhar, como Carlos XII. Entre Mardo o Scytha, cuja lenda se perde na noite dos tempos, e Carlos Magno, cuja historia vive nos romances de cavallaria, ha uma ligação



João do Norte

que se não suspeita. Os impulsos que levaram Gengis Khan a percorrer, devastando-a, a face da Asia são identicos aos que trouxeram Thearco dos confins da Ethiopia até o Deta egypcio. Não ha differenças entre as vidas ensanguentadas de Cobus, rei dos Treros, e de Cyro, rei dos reis. No fundo, a alma de Ramsés é igual á de Attila, o espirito de Tamerlão equivalente ao de Bajazet, a mesma a psychologia de Mahomet, de Mirthridates, de Cesar e de Alexandre.

No amago de todos esses homens extraordinarios, ha um orgulho descommedido, uma ambição pessoal mais vasta que o mundo, um desprezo completo pelas leis geraes e pelo soffrimento alheio. No «Memorial» de Las Cases, o prisioneiro de Santa Helena confessa que somente uma vez se emocionou deante dos soldados feridos, sangrentos, gementes e desconsolados. Mas logo escondera essa emoção, porque um chefe deve ser sempre superior aos sentimentos communs.

Houve um povo antigo que, embora selvagem, comprehendeu perfeitamente a crua alma dos conquistadores. Fôram os scythas. Quando Alexandre atravessou as suas fronteiras, enviaram-lhe immediatamente um velho embaixador (conta Quinto Curcio), que disse ao heróe macedonio mais ou menos estas verdadeiras palavras, acariciando a sua esvoaçante barba branca:

— Se os deuses tivessem querido igualar o tamanho do teu corpo á avidez de teu espirito, o universo não te conteria. Com uma mão tocarias o oriente; com a outra, o occidente; e, conseguido isto, não te contentarias, quererias saber onde se esconde o sol. Assim como és, desejas o que não pódes alcançar! Da Europa vaes á Asia e da Asia voltas á Europa. E quando tiveres sob teu jugo toda a especie humana, irás sem duvida fazer guerra ás florestas, ás neves, aos rios e ás feras.

Ignoras que as grandes arvores, que levam annos a crescer, podem ser desenraizadas numa hora?... O leão ás vezes serve de alimento aos mais fracos passaros e o ferro é devorado pela ferrugem. Tudo quanto é forte corre perigo de ser destruido por tudo quanto é fraco...

E tu, que te gabas de perseguir bandidos, achas que não és tambem um bandido?...

E's o primeiro em que a fome nasce da saciedade. Quanto mais tens mais queres!

Está ahi feita a psychologia dos conquistadores em quem «a fome nasce da saciedade». Depois de lêr estes periodos, tem-se vontade de enviar ao Kaiser allemão, conquistador irmão dos outros em alma ambiciosa, mas *até* quanto aos processos e aos designios, o discurso do velho Scytha, que Alexandre Magno escutou sorrindo, e dizer-lhe:

— Mira-te neste espelho, ó neto de Attila e dos mongóes, em alma senão em raça, e pensa que se os deuses tivessem querido dar-te em physico o talhe do teu espirito inquieto, avido, ambicioso, encherias o mundo como um novo Atlas ou um novo Briareu. Mas o destino resolveu fazer de ti um Tantalo moderno. Emquanto tua alma esbraveja sedenta e famínta de conquistas, a curteza do teu braço não te permitte alcançar a Torre Eiffel e teus ouvidos já escutam o *sourd trepignement des legions en mardre*. São os povos americanos que accorrem á cruzada pela libertação da Europa!

Certo, não escutarias sorrindo, como Alexandre, semelhante discurso...

JOÃO DO NORTE.

"Fon-Fon" 3 agosto 1918

GARATUJAS

Alguns escriptores e jornalistas têm comparado os modernos *tanks* ou automoveis de guerra aos carros-balistas e outras machinas semelhantes dos antigos, até mesmo aos elephantes que esmagavam os soldados sob as patas formidaveis.

Lendo, entretanto, outro dia as obras de Quinto Curcio, que salvaram da morte a Affonso, rei de Napoles e de Aragão, e que elle preferia aos medicos, deparou-se-me com o verdadeiro *tank* da antiguidade. Essa comparação, creio, satisfaz melhor do que todas as que têm sido feitas.

Dario, rei da Persia, preparando seu exercito, para dar batalha a Alexandre, inventou uns carros de guerra, terriveis naquella época, que quasi amedrontaram os macedonios heroicos. Eis como os descreve o attico escriptor latino de cousas gregas:

« Da extremidade do temão sahiam lanças com a haste guarnecida de laminas de ferro. Os dois lados da canga eram cada um armado de tres laminas de espada e entre os raios das rodas appareciam innumeras pontas de dardos. Emfim, foices presas no alto das rodas ou abaixadas para o chão deviam cortar tudo quanto os cavallos impetuosamente lançados encontrassem á sua passagem. »

Como são velhas as invenções mortiferas dos homens!

GARATUJAS

— Viver da penna no Rio de Janeiro é impossivel, dizia-me um amigo. E' perfeitamente impossivel.

— Não. Não é, respondeu o grande escriptor que nos dava a honra da sua palestra brilhante. Mas é um sacrificio continuo, vitalicio, innamovivel e tão pesado que muitos, quasi todos, não podem arcar com elle. Eu tenho vivido, unica e exclusivamente, da minha penna, da minha capacidade de trabalho. Estou careca aos trinta e cinco annos, neurathenico, arruinado, escangalhado de tanto esforço. Tenho o ventre enorme da vida sedentaria. E o que ganhei? Um pouco de respeito? Não. Nada. Sympathia? Rara. De alguns. Os meus quarenta volumes são esquecidos propositadamente por essa gente que anda ahi. O meu nome é arrastado pela rua da Amargura, villipendiado mesmo. Não me lembro de ter feito mal a ninguem. Dizem, no emtanto, horrores de mim. Porque? Não sei. Ou melhor: sei talvez de mais... Póde-se viver da fama no Brasil, meus amigos, porém não vale a pena!

Eu não me pude conter e estourei:

— No nosso paiz, temos a obrigação de ser imbecis para não sermos vencidos pela inveja e pela ignorancia ambiente.

53

"Fon-Fon" 3 de agosto de 1918

RIO DE JANEIRO, 3 DE AGOSTO DE 1918.

ARTE E POLITICA

No volume terceiro das suas memorias, Alexandre Dumas escreveu o seguinte :

« As senhorinhas Mars e Talma, essas duas grandes glorias artisticas do Imperio e da Restauração, viverão ainda no espirito do seculo vinte, quando já estiverem esquecidos até mesmo os nomes dos comediantes politicos que se chamam ministros e que, com a ponta desdenhosa dos dedos, lhes atiravam todos os annos a subvenção concedida pela Camara como esmola a tão sublimes mendigas.

Quem era ministro na Inglaterra, no anno em que Shakespeare fez *Othelo ?*

Quem era gonfaloneiro em Florença, na época em que Dante escreveu a *Divina Comedia ?*

Quem era ministro do rei Hieron, quando Eschyilo, o auctor de *Prometheu*, veio pedir-lhe asylo ?

Quem era archonte em Athenas, quando o divino Homero morreu numa das ilhas Sporadas, no meiado do decimo seculo antes de Jesus Christo ?

Eça de Queiroz, que não deixava nunca de aproveitar as boas idéas alheias, apresentando-as como suas, estylisou algures este trecho :

« A arte é tudo — tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade dum povo. Leonidas ou Pericles não bastariam para que a velha Grecia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espiritos : foi-lhe preciso ter Aristophanes e Eschylo. Tudo é ephemero e ôco nas sociedades — sobretudo o que nellas mais nos deslumbra. Pódes-me tu dizer quem foram no tempo de Shakespeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres? Nada ha mais ruidoso e que mais vivamente se saracoteie com um brilho de lantejoulas do que a Politica. Por toda essa antiga Europa Real, se vêm multidões de politiquetes e de politicões enflorados, emplumados, atordoadores, cacarejando infernalmente, de crista alta. Mas concebes tu a possibilidade de que daqui a cincoenta annos, quando se estiverem erguendo estatuas a Zola, alguem se lembra dos Ferry, dos Clemenceau, dos Canovas, dos Bright ? Pódes-me tu dizer quem eram os ministros do Imperio em 1856, ha apenas trinta annos, quando Gustavo Flaubert escrevia *Madame Bovary ?* »

Em relação ao nosso paiz, muito embora o pouco valor que relativamente se dá aos homens de lettras, podemos verificar que a observação de Dumas, referendada pelo Eça, é mais do que verdadeira. Qual foi até hoje o nosso homem politico que conseguio a nomeada gloriosa de José de Alencar, cuja propria vida politica, aliás brilhante, a sua vida litteraria, mais brilhante ainda, offuscou ? Sabe algum brasileiro quem era ministro da fazenda, do Imperio, ou da Guerra quando Macedo escreveu a *Moreninha ?* Quem se lembra dos secretarios da Presidencia da Republica contemporaneos de Machado de Assis e de Euclydes da Cunha ?

A arte é mesmo tudo na vida do homem. Batalhas, legislações, politicas, odios, tudo isso passa. De eterno só ha belleza e o amor. De eterno, tanto quanto possa ser eterna uma acção humana, sómente a arte. Os seculos esqueceram o nome da maioria dos tyrannos de Athenas, mas ainda se lembram do de Phidias, que esculpio os cavallos da frisa do Parthenon.

Os nossos homens publicos já comprehenderam a força desse postulado, que o auctor de *Mes Memoires* enunciou. E a sua faina em fazer livros, para legar o nome aos posteros, é continua e até mesmo um tanto ardente. Dahi os nossos ministros e deputados escreverem a tudo o instante livros sobre á Europa, guerras coloniaes, instrucção publica ou commentarios juridicos e constitucionaes. Esperemos sobre suas obras o juizo da posteridade.

Talvez que ella os eleve e que um dia tenhamos de ver no Brasil os homens politicos exemptos do esquecimento e o seu nome vivendo ao lado do dos homens da arte, tão desprezados por elles. Então, ao se perguntar — quem era ministro do interior, ou da fazenda, quando Fulano de Tal escreveu o seu poema ? possa alguem responder : Beltrano, auctor do romance tal ou Cicrano, jurisconsulto e artista, que escreveu a grande obra tal.

Será isso possivel ? E' provavel que não e... *pour cause.*

JOTAENNE

(ivem)

GATAFUNHOS

A questão da occupação da Siberia por tropas nipponicas põe em fóco o Japão e o seu imperador, o mikado sagaz, de olhos sempre abertos e de ouvidos sempre á espreita, desconfiando dos occidentaes e esforçando-se de todo o modo pela grandeza do seu paiz.

Desde a mais remota antiguidade que esse soberano, outrora espiritual e hoje temporal, age pelo progresso e pela glo.ia da nação. Assim procedia Jimmú Tennô, o primeiro mikado, o que fundou o reino de Yamato, de onde nasceu o Japão medieval dos samorais e o Japão moderno dos Togos e Kurokeis. Assim agio Kimmei, o que primeiro leu livros budhistas e espalhou o gosto das boas lettras. Assim fez Shokotu Taishi, o grande regente da imperatriz Suiko. Assim trabalharam os Tokugawa.

E essa tradição de bem fazer em pról da patria nunca se apaga no transcorrer dos seculos. Yoritonno' o shogum que repellio os mongoiə da grande invasão, foi tão grands quanto Mutsuhito, que preparou derrota dos russos. E o filho de Mutsuhito ha de, forçosamente, continuar a obra ancestral.

10 - agosto - 1918

GATAFUNHOS

Porque todo o mundo, nos bondes, nos cinemas, nas casas de chá e nos theatros, só fala na ruindade dos creados ? E' um queixume que se levanta de toda a parte, continuamente. Parece que ninguem escapa.

Não queremos crêr que os nossos creados sejam peiores que os europeus e attribuimos toda essa falação á absoluta falta de assumpto, pois a guerra está demasiado batida e prolongada para ser motivo de conversa.

Na Europa, segundo dizem os viajados, a creadagem não é muito bôa e na America do Norte já se arroga fóros de quasi completa independencia.

Ademais, queixar-se dos servidores é veso muito antigo. Uma anecdota de Lord Byron prova-nos isso á saciedade.

Conta-se que o grande poeta inglez chamou um dia o seu mordomo e perguntou-lhe com o seu ar spleenetico :

— Quanto ganha V. por mez?

— Quinze lib as.

— Quer receber de hoje em diante trinta, com a condição de não me roubar nas contas dos fo necedores ?

— Não, *mylord*, absolutamente não!

5 - Outubro - 1918

GATAFUNHOS

As greves amiudam-se. Desde os *garçons* até os mecanicos da Cantareira, todas as classes trabalhadoras sentem um prurido de reinvindicações. E o que fazem os poderes publicos ? Discutem o Codigo do Trabalho lentamente, e não cuidam de remediar o mal, dando a mão aos operarios, para que os fermentos anarchicos delles se não apoderem. Este é justamente o maior perigo. Quasi sempre o operariado serve a explorações occultas. E' tão facil, no entanto, contental-o. A's vezes uma pequena acquiescencia a tempo remedeiam faltas seculares.

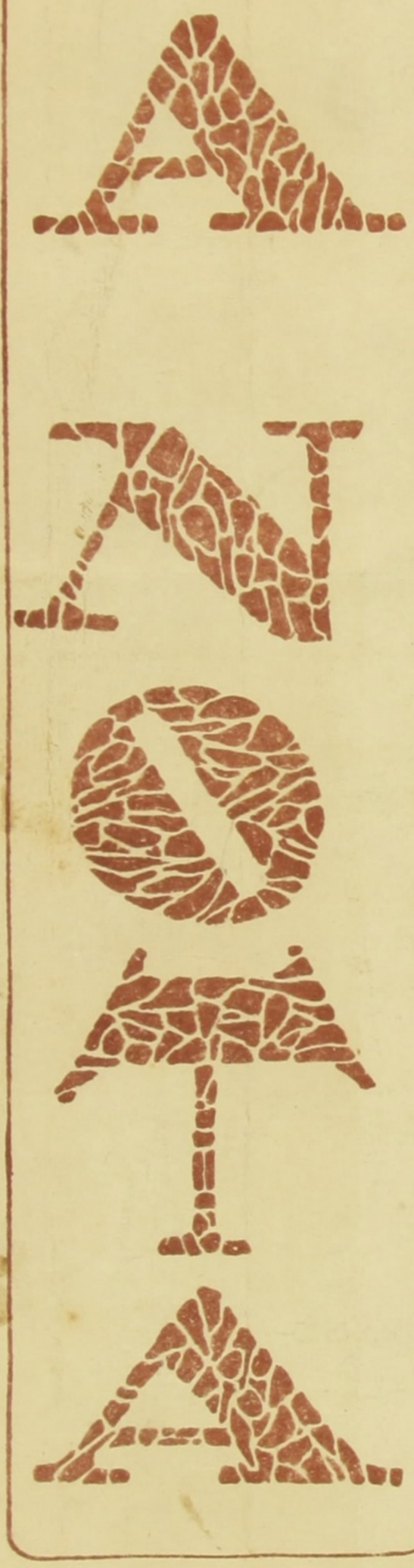
A carestia da vida cresce, apezar de tudo. A vida se torna difficil. Entretanto, é bom não esquecer que diariamente, uma empreza de navegação annuncia precisar de trabalhadores, a seis mil réis por dia, com alojamento e comida, não os encontrando.

Dahi o se poder affirmar que ha muita exploração escondida e inconfessada nos movimentos paredistas.

54

Anno 3. Nº 113
Fortaleza
7 Julho 1918

(Caricatura a nanquim.)



Ao João do Norte
° Emme

Um legitimo representante de POMONA

"Diario Popular"
S. Paulo
5 - agosto - 1918

TRADIÇÕES DO EXERCITO

—oo—

No Club Militar o talentoso escriptor Gustavo Barroso leu uma interessante conferencia historica do exercito brasileiro.

E' uma monographia de trinta e quatro paginas que se acha publicada em folheto e com dedicatoria ao marechal J. C. de Faria, ministro da Guerra, na actual presidencia da Republica.

O apreciado escriptor da "Terra de Sol" e das narrativas dos "Heroes e Bandidos", revestio esta conferencia da formosura do estylo e deu muitas provas do estudo constante a que se entregou para restaurar os documentos do nosso passado historico e militar.

Assim é que dividiu a sua dissertação nestes onze assumptos que merecem reproducção na synthese deste artigo :

A religião do passado — Evolução das unidades tacticas — Origem dos postos e dos ornatos militares — Explicação das tropas especiaes — A infantaria — A cavallaria — Sub-divisões da cavallaria — Tradição das armas e dos uniformes — Historia dos regimentos tradicionaes — Os regimentos tradicionaes do Prata — A tradição no exercito brasileiro — Os dragões da Independência — Historicamente compete ao 1.º regimento de cavallaria a denominação de dragões da Independencia.

Principiou o conferencista por declarar que "nunca tivemos o culto das tradições, especialmente das tradições militares. Até parece sermos o unico povo que procura esquecer sua vida militar como se não gostasse de tel-a vivido. Entretanto nunca fomos vencidos...

Sem o amor do passado e a lição dos feitos antigos, não póde haver nacionalidade. Não se ama sua patria sem amar sua historia.

A alma nacional só se pode affirmar com a continuidade historica..."

De facto, é pelo culto da patria, transmittido de geração em geração, que as nações formam a consciencia dos seus deveres essenciaes e a mocidade aprende a defender a bandeira e os brazões d'armas como symbolos sagrados.

Na descripção das unidades tacticas, o dr. Gustavo Barroso esbocou a narrativa da historia dos povos da antiguidade grega e latina ; tratando da phalange macedonica, das cohortes e das legiões da Republica romana, das tropas dos soberanos asiaticos que as combateram ; descreve, em seguida, a organisação tactica dos tempos medievaes e o predominio da cavallaria destinada nas fragores da batalha a arma branca.

Vem depois o terço hespanhol, de dez companhias de trezentos homens cada uma, organisado pelo valente Gonçalo de Cordova.

Acompanha a sua evolução até as campanhas da Revolução franceza e as Napoleonicas ; depois, no seculo dezenove com os progressos da sciencia novos ensinamentos foram adquiridos ; as unidades se simplificaram e dahi a especialisação dos soldados nos serviços de granadas, de signaes, de telephonia e telegraphia, de metralhadoras e de minas."

Minuciosamente descreve como se adoptaram os postos, nos exercitos antigos e modernos ; expõe que "Os officiaes do terço castelhano eram um Mestre de campo, commandante, um sargento-mor, immediato ; dez capitães, chefes da companhia, dez tenentes e um alferes ou porta-estandarte.".

Na opinião de alguns autores, o posto de alferes vem de "aquila feris", o porta-aguia das legiões de Roma ; mas é certo derivar do arabe "al-ferer", porta-bandeira, pois havia uma insignia que se chamava alférina.

Agora este posto só existe no exercito portuguez.

"A origem do sargento está indicada pelos "sergentes" de armas ou "Sirventes" ; a de forriel nos actos de forrear, forrejar ; a do cabo, em "caput", cabeça ; o anspeçada, soldado de 1.ª classe, apparecem quando a nobreza da cavallaria estava no seu apogeu."

Quanto á differença das tropas de um exercito, isto é, as armas a que pertencem os soldados, diz que: "a Artilharia, arma mechanica, scientifica e moderna é querida, estudada, augmentada, melhorada e dotada de todos os recursos, assim como a engenharia nas suas multiplas subdivisões ; porém a tradição da linha, da elegancia e das côres vivem nas outras duas, a infantaria e a cavallaria."

Nesta parte, o conferencista dá explicações necessarias, por exemplo : a infantaria italiana, os "bersaglieri" ; são os soldados que atiram ao alvo Bersaglio.

Lembra os usos antigos de algums exercitos da Europa em cujos regimentos o tambor-mor e os portamachados abrem a mracha ; existe a primeira companhia de granadeiros e as outras de fuzileiros.

"A granadeira, antigo fuzil pezado, transformou-se em metralhadora".

Na parte que pertence a cavallaria, o dr. Gustavo Barroso deu maior desenvolvimento á sua brilhante exposição e argumentação.

Considera a cavallaria "a arma por excellencia da Historia ; das jornadas gloriosas e das tradições. Então recorda as façanhas das tropas de Cyro, rei da Persia; dos gregos de Alexandre o Magno ; dos carthaginezes de Annibal; dos cavalleiros das Cruzadas ; dos arabes que pelejaram contra Carlos Martel em Tours e Poitiers, e nas guerras de Napoleão, cita o general Murat, chefe da cavallaria franceza, cuja bravura, tão extraordinaria, alarmava os cossacos nas steppes da Russia.

E chegando aos epizodios da historia militar moderna diz que, na Crimêa : os caçadores dAfrica salvam da carnagem os cavalleiros inglezes em Balaklava e em 1870, na guerra prusso-franceza : os couraceiros, em Reischoffem, cobrem a retirada do exercito e em Rezonville, cahiu ceifada pela metralha e glorifica a divisão do general Margueritte, na desesperada e macabra carga de Sedan...

Nos annaes da patria recordou : o brigadeiro Andrade Neves "precipitando do alto das collinas os esquadrões brasileiros contra os quadrados paraguayos eriçados de bayonetas, á margem do Avahy!"

— A cavallaria tem os mais exaltados e dedicados adeptos. R. de Beauvoir, entende que ella " é a arma da opportunidade e da offensiva. Seu elemento é a rapidez ; seu caracteristico, a audacia ! Affirmava Napoleão que ella exigia audacia, habilidade e sobretudo não ser organisada com avareza e espirito de conservação...

"Os generaes russos são os mais cathegoricos sobre o valor da cavallaria. Kulgotchev exclamava : Quando estou a cavallo, só Deus é maior do que eu ! e diz o general Strukow : exige-se do cavalleiro, reunidas, a maior audacia e a maior prudencia... O coronel francez Chenile applaude a força das cargas, com esta expressão : a cavallaria é um martello de batalha".

Na descripção da historia dos regimentos e de outras unidades radicionaes nos exercitos do mundo, o conferencista, tem paginas magistraes, principalmente quando se refere aos granadeiros de San Martin, na Argentina, e aos "blandengues" de Artigas, no Uruguay.

Todos ainda "usam o mesmo uniforme daquella epoca de glorias".

Dos granadeiros argentinos que transpuzeram os Andes ao mando do general San Martin, transcreve periodos dos epizodios contados pelo eloquente escriptor Julian de Charras ; este é um dos mais fulgurantes :

"Ah ! quão formoso é forjar logo, no sonho ardente da emoção patriotica, a visão das suas cargas lendarias !

Vel-os passar, fazendo nas pedras chisparem os cascos dos potros, sob o olhar de aguia do seu grande capitão, como a cavallaria de Murat em Marengo, arrebatados pela violencia do furacão, com scentelhas de sol nas charlateiras de ouro e nas dragonas de prata, nas escamas das juguares e nos escudos dos morriões typicos.

Ao alto, os sabres como linguas luminosas de uma voragem sublime. Assim os vio San Martin, seu genio tutelar, em Chacabuco e Maipo ! Assim, os vio Bolivar, na tarde triste de Junin ! Assim, os vio Sucre, na hora decisiva de Ayacucho !"

— O illustrado conferencista abordou, afinal, a descripção da tradição no exercito brasileiro, desde o tempo colonial portuguez, a epoca da Independencia e depois fundamenta a conveniencia da creação dos Dragões, pois existiram, naquelle tempo, assim como lanceiros, hussares e granadeiros, tendo riquissimos uniformes.

Demonstra que D. Pedro quando proclamou a Independencia, á beira do arroio celebre, a sua escolta era um esquadrão das milicias a cavallo da heroica provincia de São Paulo. Esses soldados ainda usavam o uniforme portuguez", como se pode ver nas estampas do artista Debret.

"O valente esquadrão das milicias paulistas com um ardor e devotamento unico, galopava logo para o Rio, onde chegou a 3 de Junho e se poz á disposição das novas autoridades, afim de combater os portuguezes. Dias depois, com o mesmo

56

"Correio Paulistano" 9 agosto 1918

fim, chegavam dois novos esquadões de milicias: o de Minas e o da provincia do Rio de Janeiro".

Foi então que o imperador creou a sua guarda de Honra.

Devemos de tomar interesse pelo restabelecimento desse glorioso regimento no exercito nacional. Em toda parte do mundo os uniformes vistosos contribuem para o realce das formaturas e animam o enthusiasmo popular.

L. E.

O CINTO DE CASTIDADE

"Si en y eut-il une qui s'advisa de s'accoster dun serrurier fort subtil en son art, a qui ayant monstré le dit engin, et le sien et tout, son mary estant allé dehors aux champs, il y appliqua si bien son esprit qu'il lui forgea une fausse clef, que la dame l'ouvroit et le fermoit á toute heure et quand elle vouloit."

Pierre de Bourdeilles; abbé et seigneur de Brantôme — "Les Dames Galantes".

Gémeos, mui amigos, e ligados por cunhadia, Gualdim e Froila, ricos e voltelros senhores, habitavam bem defendido villar, de cujas torres, nos tempos de assédio, os engenhos de guerra, escorpiões e balistas béstas de bodóque e de peloiro, ceifavam os inimigos, não lhes permittindo construir gatas e bastidas, para se ampararem. Era um lindo solar com todas as achegangas e pertenças precisas. Rodeavam-no hortas e coutados, adémas de adubio e lavrança faceis, pescarias, terrenos congelados, soutos, landes e rocios, almargens, padeliças e figueiredos. De um lado, entre piúgos, se extendia um vazeiro proprio para justas e jogo de bola. De outro, se espalhavam as choupanas dos colheireiros, que lavravam e afructavam as terras raçoeiras.

E como o castello, do alto da sua penha, olhava as ondas do mar, havia nome de Mira-Agua.

No mez de agosto do anno da Graça de 1177, uma ordem regalinda determinou-lhes que, com brevidade, partissem em accorrimento do fronteiro Crimenço Leirão, encurralado pelos ismaelitas no préstamo de Salzêda. Os dois irmãos, obedecendo ao mandamento do rei, ordenaram ao villico, aos cuiteleiros e açagadores preparassem o alçamamento da hoste para grande arrancada. Pressa e gosto tinham no feito, porque o barão sitiado era pae de suas mulheres, as duas formosas irmãs de Salzêda, dos collos de garça real e dos labios côr de cravo vermelho.

Quando foi acabado o aquadrelamento dos besteiros do numero, fornecidos pelos alfózes do feudo, e a peonagem da caga recebeu cuitélos e ascúmas, e se içaram ao lombo dos mulatos e quartáus os uchotes de pão e as uchas de vianda, os dois mandaram sellar os seus murzellos com os arnêzes de guerra.

Cingidos nos gibanêtes de aço, o brazão agironado de oiro e gôles ao peito das jaquetas, subiram as escaleiras da alcáçova, para se despedirem das damas. Pelas enxáras e alvercas abarregadas da redondeza soavam, resoavam na luminosa alegria da manhã, os toques de clarom, convocando os vassallos retardatarios para a arremettida guerreira.

Froila entrou na camera de Brites. Deante da ogiva aberta, sentada na estadela, reclinada sobre alpes macios, ella fitava no mar os olhos rasos de agua. Achegou-se devagarinho e beijou-a na testa.

— "Já o sol alumia o pateo todo. E' hora de partir".

Brites levantou-se. A longa tunica de merendal escuro moldou-lhe as fórmas do corpo loção. Os cachos de oiro do cabello cahiam até o abánico de garça, que lhe enrolava o pescoço. Dum cinto de couro com relhos de prata lavrada, a escarcella pendia. Pôz as mãos de neve sobre o gorgelim espelhante do cavalleiro e encostou, chorando, a cabeça ao seu peito. Froila afastou-a com afagamentos. Abriu uma arca e tirou um cinto de castidade. Ella, de olhos enxutos já e voz altiva, repelliu-o:

— "Ide, senhor, onde vos manda El Rei, sem receanças nem abalamentos. Não sou como as mulheres de França que carecem de taes instrumentos, nem como as de Allemanha que se encerram nos mosteiros. Não sou como as de Italia que se cercam de espias, nem como as dos mouros que vivem entre guardas. Para as mulheres de Hespanha e não para as de Portugal, crearam os homens o fôro do alcaide da honra. Sei, pela mãe de Deus, vol-o juro! cumprir o meu dever. Si me sujeitardes, meu marido e senhor, a tal abaixamento, matar-me-ei!"

Vendo, na claridade daquelle olhar e na indignação daquella voz, toda a rectidão da sua alma, sem falsura, elle atirou o cinto a um canto e beijou-a, longamente, na bocca.

Gualdim deteve-se á entrada do apartamento de Leanor. Ella toucava-se, alindava-se com vagar, mirando-se num espelho veneziano. A luz que entrava pela janella escancarada tornava ainda mais negros os seus cabellos e tremia nos embroslamentos de ouro do epitogio que a cobria. Sobre uma banqueta, coberta com toalhetes de milheu, brilhavam albarradas e agomis de prata com lavor de busios, grifos, cardos, amendoas e bastiães, e faiscava uma bocêta atufada de esclavagens e aveloríos. Ao ver o marido, ergueu-se com acanhamento.

— "Leanor, arraneamos sem detença sobre o solar de Salzêda, para livrar teu pae. Adeus."

— "Senhor e esposo meu, como chegam depressa as horas más! disse com os olhos no chão e a voz tremula. Parti, mas deixai-me uma remembrança vossa. Não a quero tão rica como os dons que me destes em arrhas e compra de corpo. Mas nella desejo mirar a bondade ossa." E, perdendo a estudada tidez, a linda criatura enlanguesia o olhar negro e ostentava com a rubra pôlpa dos labios. Elle sorveu demorado beijo naquella bocca de ramboeza madura. Ella proseguiu, fagando-o:

— "Mandai que Simeão Croio judeu marráno, dono da lovisaria de Grijó, me entregue uns arrieis de orelhas que acabou de fazer. Têm duas sueiras mais azúes que o céo e quatro esclavonias mais rubras que o sangue. Não são de grande careza. Custam sómente duzentas frolenças."

Gualdim sacou de debaixo da jaqueta o cinto de castidade, de couro reforçado de ferro, com o cadeado do segredo.

— "Si eu voltar com vida, dar-te-ei o que pedes. Agora é esta a unica lembrança que te pósso deixar."

Ella sorriu e falou:

— "Que eu seja empicotada com vil hervoeira e me ponham á cabeça a polaina ou a enxarávia das alcaiotas no dia em que vos enganar! Eu vos seria fiel sem este cinto. Mas ponde-o, senhor. O seu contacto não me deixará esquecer-vos um momento. Adeus. Sêde feliz e breve tornai para eu ser feliz por minha vez."

Os endurentados homens de guerra deixaram o castello. Leanor subira ao estrado da torre de menagem e ali ficára, acenando com o lenço, té se apagar nas abrutelas distantes o lampejo das armas. Brites ficou rezando na camera. Depois de passar o dia inteiro a espreguiçar a sua acidia sobre os alfanbores do leito, quando a noite cahiu, Leanor, embuçada num capeirão de baêta, atravessou os corredores da mansão, indo bater á porta do aposento de Ericio de Lindoso, bello donzel cheio de galanice, que fazia o apprendizado de cavalleiro no solar de Mira-Agua e jouvia com a formosa castellã. Alta madrugada, ao sahir dali, dando-lhe o ultimo beijo, ella dizia-lhe baixinho:

— "Procurai, dom donzél, no logar de Treixedo, mestre Vicenço Barduz, ferreiro de seu officio, habil forjador de chaves, e trazei-m'o cá. Teremos mór gosto de viver em pós a sua vinda, vol-o asseguro eu."

Passado um mez, reduzida de metade, a mesnada de Mira-Agua chegou ao castello. A' frente dos escudeiros estropiados ou feridos. Gualdim vinha sózinho, acarvado, a cabeça envolvida em pannos avermelhados. As duas castellãs o esperavam no patim da alçácova. Brites singela e triste no seu vestido de meni, Leanor esplendida de saude e graça, coberta com um toga de mudbage e um florejado capeirete de santaome. Com um grito de prazer e lagrimas de alegria enrodilhou-se no pescoço do marido, enchendo-o de beijos, indagando da sua ferida e de como a recebêra. Brites, segurando o braço do cunhado, perguntou, contendo os soluços:

— "E o meu Froila?"

Gualdim empallideceu e, com os olhos humidos, fez uma triste narração. Já nas alfas do reino com as terras dos infieis, em pugna bem travada, perseguindo a retaguarda

"Correio Paulistano" 17 agosto 1918

los agarenos desbaratados, um garuchão derrubára-o. Penetrára pela juntura da brafoneira sinistra e varára o coração. Já o corpo fedia quando os serviçaes o encontraram. Sepultaram-n'o na galilé do mosteiro de Linhares, ao pé de Salzêda com um orgulhoso bitafe e o brazão gironado, esculpidos na lousa.

A viuva rompeu em chôro convulsivo agarrada á irmã e ao cavalleiro. Leanor soluçava com a facil ehemencia de sempre. E os rudos esteiros da hoste, de olhos pregados no chão, tinham as ruivas barbas orvalhadas.

Já na alcôva luxuosa, depois que Gualdim lavára as faces e as mãos o jacto de agua da agomia que Ericio inclinára com elegancia, Leanor, jogueteando com o olhar, disse com suave e demorada voz:

— "Bem revindo senhor e esposo meu, aqui me tendes pura como me deixastes, incapaz de fazer maldade. Verificai o cinto — dôce lembrança que me déstes. Vereis que nem tentações tive. Pois si sou tão sómente vossa!"

E Gualdim tornou entre dois beijos:

— "Minha mui fiel esposa, dize ao ouriveseiro Simeão Croio que te mande os arreis de orelhas."

Nesse mesmo tempo, sózinha na sua camera, Brites punha o cinto de castidade, dava as tres voltas do cadeado de segredo e atirava a chave no mar.

João do Norte

"Fon-Fon"

7 - Setembro 1918

GATAFUNHOS

Ninguem pense que, depois dessa formidavel guerra que ensanguenta o mundo, haja salvação para as nações do sequito allemão nem compaixão das que se mantiveram em indifferente ou benevola neutralidade. Não póde haver. Os sacrificios que os povos alliados se impõem são de tal ordem que não lhes consentem indulgencia, para os que os combateram, para os que assistiram impassiveis a lucta feroz, para os que fingiram entrar nella e nada fizeram pelo ideal commum.

Quando a paz se fizer e se estatuirem as futuras condições de vida commercial e industrial do universo, o castigo para os paizes amigos e companheiros dos germanos deve ser terrivel, deve perdurar como um grande exemplo na historia, que ha de encher de assombro todos os soberanos salteadores á maneira medieval, porventura existentes após a queda do Kaiser. Então, hão de concorrer ás vantagens da grande victoria os neutros, os indecisos e os tibios. Terão, cada um, o que tiverem merecido.

Será o momento opportuno para os chefes da Liga das Nações, expulsando de sua vista os que ajudaram os crimes dos hunos modernos e os que viram a sua pratica, impassivelmente, pronunciarem aquelle celebre anathema historico lançado na Grecia contra os thebanos, que a tinham alliado aos invasores persas:

— Quando os barbaros nos traziam a escravidão aquelles fizeram causa commum com elles.

As mulheres

(João do Norte)

Uma das observações mais interessantes, que se podem fazer, na vida social carioca, é a continua separação de homens e mulheres, no sarau, na praça, nas recepções, nos theatros. Nos bailes, os homens só se approximam das senhoras para dançar. O resto do tempo passam fumando, nos corredores, ou, encostados ás hombreiras das portas, em grupos, olhando os pares que tangam ou valsam. Nas reuniões familiares, as senhoras conversam entre si, sobre modas ou cousas do dia, os homens discutem guerra ou politica, no seu canto. Si uma dama intervem na sua palestra, elles recebem a sua opinião com um desprezo de raça superior.

Si um cavalheiro dá seu modo de vêr a respeito dos novos vestidos ou da côr das fazendas, ellas acolhem suas palavras com risinhos de mofa.

Nunca a intimidade se estabelece entre os dois grupos.

E' uma cousa impossivel vêl-os de accôrdo. Parecem sempre rivaes.

No footing, os rapazes se alinham rentes aos canteiros dos passeios, emquanto as moças vão e vêm, aos pares e aos ternos, sósinhas. No Municipal, quando um casal visita outro no seu camarote a senhora fala sempre com a outra senhora e o marido com o outro marido. Não ha meio de obter o contrario, salvo em rarissimas excepções.

De quem a culpa dessa separação horrivel, que cria dois mundos diversos numa humanidade só e insula a vida do homem, tanto quanto torna solitaria e triste a da mulher? Dos homens, dos costumes, das proprias mulheres?

De tudo isso junto. No Brasil especialmente do uso aldeão de falar mal dos outros, da constante preoccupação da vida alheia. A menor conversa entre um moço e uma senhorinha é namôro, compromette, estraga aquella candidata ao casamento. A menor palestra, mais ou menos amavel e espirituosa, entre um cavalheiro e uma dama, é flirt entre casados, quando não é considerado cousa mais grave. Imagine-se que proporções não assume essa separação dos dois sexos, nas capitaes das provincias e nas cidades do interior, onde as linguas são mais venenosas, menor o meio para a circulação dos potins, nada existe do cosmopolitismo, que dá certa liberdade, e a severidade dos habitos patriarchaes da colonia e da fazenda perdura!

Ademais, a causa mater desse horrivel afastamento, que prejudica ambos os sexos, está na propria evolução da humanidade. Não sómente na nossa sociedade elle se faz notar. Um grande escriptor francez, não ha muito tempo, escrevia isto.

"Todo o mundo vê, diariamente como um salão se separa em dois salões, um de homens, outro de mulheres O que se não vê, constantemente, mas se póde experimentar, é, numa reunião intima de dez ou doze pessoas, reinar o silencio, matando as conversas, si a dona da casa, com doce violencia, exigir que os dois circulos se misturem.

E' preciso dizer francamente a cousa como é. Elles, homens e mulheres, não têm mais idéas communs, nem linguagem commum, mesmo nem sabem como falar sobre os proprios assumptos que a ambos interessam. Perderam-se de vista. Dentro em pouco, si não tomarem cuidado, apesar dos encontros fortuitos, não serão mais dois sexos e sim dois povos."

A grande causa está na propria evolução da humanidade, dissemos Sim, e o escriptor que citamos deu-nos a sua chave: "perderam-se de vista". Isto é: o homem caminhou muito e, maldosamente, abusando de prerogativas e forças, deixou a mulher para trás, creando através dos seculos a sua escravidão, sob o pretexto de fazel-a tão sómente o anjo do lar, esquecendo que ella foi, nas cavernas das edades primitivas, mais archanjo luctador que anjo adocicado, combatendo, de machado de silex em punho, as feras que atacavam a familia incipiente. E essa tradição das luctas em que tomou parte perpetuou-se na lenda e na historia com as Amazonas do Thermodonte e aquellas mulheres irlandezas, dos primeiros seculos da civilização celtica, que Dubois de Jabanville, nos seus "Etudes sur le droit celtique", affirma prestavam ao rei serviço militar egual ao dos homens.

Nem devemos entrar em considerações ácerca das qualidades combativas ou de resistencia das mulheres, que sómente os trabalhos da maternidade impedem, durante certo tempo; tantos factos e observações demonstram sua adaptação a toda a casta de serviços até hoje reputados masculinos

Depois da época dos combates com os monstros, as feras e a propria natureza, quando as primeiras civilizações se aprumavam, começou o homem a afastar a mulher, pintando-a perniciosa. Os poetas moralistas da Grecia exprimem bem essa antiga concepção. Simonide de Amorgos affirma que a divindade, na origem do mundo, fez a intelligencia sem a mulher. E dá os seguintes nascedouros á gente feminina: uma porca para as desmazeiadas; uma raposa para as expertas; uma cadella, para as curiosas; a lama, para a preguiçosa Quanto ás rarissimas, que são bôas e amaveis, essas nasceram da branca espuma do mar como Venus, como Thetis dos pés de prata, como Leucothéa, a vaga que tangia o navio de Ulysses. Mais adeante, ainda o velho poeta assegura: "O maior flagello que Zeus creou foi a mulher!"

58

Phocylide de Mileto indica desta sorte humilhante a origem das mulheres: as robustas, duma egua as preguiçosas, duma porca; as caprichosas duma cadella, e as boas duma abelha.

A tradição biblica é tão cruel quanto essas. E' a mulher quem faz a humanidade perder o Paraiso e vem sempre, por todos os livros sagrados em fóra, prejudicando a sorte do homem: a mulher de Putipnar, Jezabel, Bethsabé, as esposas extrangeiras que estragaram Salomão.

Toda a opinião do Oriente sob a femea se condensa neste periodo duma velha lenda arabico-persa:

"Sinuosa, indirecta, espirito tortuoso, não foi creada com uma costella torcida de Adão? E não pede para ser violada, apesar de todas as suas sinuosidades?"

Dahi a escravidão da mulher, o harem com seus perfumes, o serralho com seus eunuchos e a obrigatoriedade da hypocrisia e da sinuosidade, para ella poder conseguir alguma cousa, valendo-se do exaggero dos seus encantos, tudo lhe estragando o caracter. Dahi a compra da noiva e da concubina, esse sujo tributo de dinheiro dado primeiramente á familia da esposa, depois á propria esposa como as arrhas medievaes ou **compra de corpo**, que se transformaram nas varias especies do dote moderno, com o qual ás vezes é a mulher quem faz a **compra de corpo** do marido.

O Christianismo veiu levantar a mulher, como o suave Rabbi da Galiléa levantára do chão Magdalena envergonhada e salvára com o "quem nunca peccou" a adultera apedrejada. E' maravilhosamente doce a passagem de Christo pelo meio das mulheres, rindo e consolando do alto da sua castidade intangivel. Cada vulto feminino que a sua luz dourou vive, eternamente, na historia dos homens, com uma poesia e um encanto especiaes: a Samaritana, Martha e Maria, a viuva de Naim e, acima de todas, a Virgem-Mãe, que é a propria redempção de todos os peccados mulheris aquella que se oppõe a Eva, — falta original, nos porticos das cathedraes gothicas, das Biblias de pedra que enthusiasmaram Ruskin.

A noite medieval trouxe para a mulher uma situação de grilheta, que não correspondia ao sentimento cavalheiresco da alma da época. Emquanto a mulher espiritual era divinizada nos rimances, nos villancicos, nas balladas, nas voltas de amor, nas redondilhas, nas canções de alegre-saber, a mulher material, a mulher carne era agrilhoada nas cameras das altas torres de menagem, cercada de aias feias como corujas, escondidas dos olhares do seculo, onde sómente apparecia para presidir as justas e os torneios, amarrada com cintos de castidade e castigada pela bocca das sanguesugas, o ferrão das abelhas, o bico dos falcões de caça, o dente dos lebréos, a lama dos pantanaes, o ferro e o fogo quando se deixava embahir pela labia amorosa dos trovadores.

Sob varias formas nos tempos posteriores a mulher continuou escravizada, hoje menos, amanhã mais, com alternativas maiores para a felicidade, porém, sempre jungida á **bocca do mundo**, o maior tyranno das mulheres.

E' preciso libertar a mulher, como foi preciso libertar os escravos, dar-lhe o que merece, egualmente comnosco, na dura lucta da vida. E' necessario fazel-a progredir, desimpedindo-lhe o caminho. Já ella avança poderosamente nos paizes escandinavos e nos Estados Unidos. Deixemol-a caminhar com desembaraço na conquista dos seus destinos. A guerra actual veiu dar-lhe ensanchas de se adeantar, substituindo o homem, que partiu para a batalha, em todos os seus trabalhos, da lavoura á engenharia, do laboratorio ao commercio, no occidente europeu; correndo á peleja, de armas na mão, encabeçando revoluções e participando da administração, na Russia.

As mulheres são, actualmente, mais ou menos, companheiras do homem, salvo certas excepções e uns restos de preconceitos. Precisamos que ellas sejam eguaes aos homens, tão boas e com tantos direitos quanto elles, para que os dois circulos apontados por Michelet se confundam e, ao envez de formar dois povos, a humanidade seja una e indivisivel.

João do Norte

Dr. Gustavo Barroso,
ultimamente distinguido com o alto cargo de Secretario do Boletim Commercial e consular do Ministerio das Relações Exteriores

"Revista Illustrada"
Ceará
11 de agosto de 1918

"Correio Paulistano" - 21 - agosto - 1918

Jonas, Sindbad, São Brandão e as baleias

(João do Norte)

Os jornaes acabam de noticiar ha dias que encalhou nas praias de Guarujá uma baleia de oito metros, o que não é grande tamanho para um desses cetaceos, monstros de carne e oleo, que parecem os ultimos animaes anti-diluvianos, esquecidos na profundez dos mares pelos cataclysmas geologicos. E eu, ao lêr as gazetas que trataram do assumpto, recordei o quanto esses bichos marinhos têm servido á imaginação dos homens para as suas fabulas literarias.

Dentro do ventre gigante duma baleia, apesar das barbatanas que lhe gradeiam a bocca e apesar de não existirem baleias nos mares da Syria, da Erythréa e do paiz perfumoso de Sabá, o propheta Jonas viajou com pouca commodidade. Essa crença ichthyologica é propria de todas as religiões primitivas como si todas ellas pretendessem provar aos posteros que a scentelha da vida sahiu das turvas aguas que cobriram o mundo na sua gestação e sobre as quaes boiava o Verbo, o espirito de Deus. Na Assyria, Oannés é um peixe-deus. Na Grecia, Glauco é um deus-peixe. Os phenicios adoravam os lottos, peixes primordiaes que tinham posto e fecundado o ovo mystico de que nascera Astartéa. Na theogonia escandinava, as ondinas eram metade mulheres e metade peixes.

Mais infeliz que Jonas, com as baleias, foi Sindbad, o Maritimo, na sua primeira viagem, segundo ao sultão Schariar contou, numa das suas divertidas mil e uma noites, a sultana Scherazarda.

Numa tarde de calmaria, do barco em que viajava o traficante arabe se avistou um ilhéo musgoso, bolando á flor das ondas. Logo, o capitão mandou amainar vélas e permittiu o desembarque, para descanço, naquella pequena ilha. Sindbad, por mal de seus peccados, lá foi com alguns marinheiros. Desembarcaram e, quando comiam e bebiam, notaram com terror que a ilha se movera. Todos correram, aos gritos, para os escaleres; mas o mercador não teve tempo de fazer o mesmo. A baleia — porque era uma baleia a tal terra rasa e esverdeada de musgo, aborrecida com as cocegas dos pés humanos no seu dorso, mergulhou, deixando-o, agarrado a um pau, debater-se na immensidão do mar.

Ha, porém, em materia de baleias, uma historia mais interessante ainda. E' a lenda de S. Brandão, monge dos conventos da Irlanda e evangelizador dos pagãos.

Naquelles mares septentrionaes e brumosos que cercam a verde Erin dos bardos ossianicos e onde pullulam ilhas, ilhotas, ilhéos, rochedos

esparsos florescendo em construções maravilhosas de basalto, como a gruta do Fingal, o santo viajava em companhia de noviços e peregrinos com as suas romeiras de estamenha enfeitadas de conchas. Como Sindbad, acampou, ao cahir da noite, nas costas dum monstro marinho, onde abicara na sua barca pesada, pensando fosse uma pequena insula deserta.

Ao acabarem a ceia, a baleia mexeu-se e começou a nadar. Foi um horror! Freires e peregrinos tombaram de joelhos, pedindo misericordia. S. Brandão, calmamente acariciando com a mão esquerda as vieiras rugosas do habito e com a direita percorrendo as camaldulas da cintura, fez serenar aquelle pavor:

— Meus irmãos, não tenhais medo! De joelhos agradecei a Deus Nosso Senhor a graça que nos fez dando-nos tão seguro e tão commodo navio para viajarmos, navio sem remos e sem velas, sem tripulantes e sem perigo de afundar.

Todos renderam graças ao Senhor e continuaram encantados a doce viagem sob o calor vivificante do sol, cantando psalmos pela solidão do mar em fóra. Das praias, ao longe, vendo passar o "navio de Deus" pescadores e marujos, com suas mulheres e filhos, ajoelhavam nas areias fofas ou nas duras pedras dos caes, persignando-se e rezando.

Os piedosos cenobitas perlongaram as costas escalvadas e vermelhas de Cornualhes, passaram entre Jersey e Guernesey, avistaram na bruma do horizonte os menhirs e os dolmans celticos da costa da Bretanha e perderam-se no vasto lençol das vagas verdes do Atlantico.

Dias e dias se succederam, todos elles dourados pela luz do sol espalhada na limpidez do ambiente livre, immensamente livre no vasto azul dum céo primaveril. Noites e noites transcorreram, todas ellas prateadas por uma lua de verão que tornava ainda mais branca a espuma do mar. E nunca tombou das alturas um fio de neblina e nunca soprou um vento mais forte.

Emfim, numa radiosa manhã, a baleia encalhou nas praias risonhas duma ilha que lembrava Ogygya com as perfeições que lhe déra Calypso. Arvores enormes, seculares, com os troncos cobertos de musgo e de agaricos, sombreavam os prados em cuja relva se balançavam lizes e açucenas. Nas ramadas verdes e agitadas por uma briza subtil, cantavam divinamente passaros multicores, reluzentes como si foram de esmalte, de ouro e de pedraria.

Mal acabavam os da comitiva de S. Brandão de agradecer, ajoelhados, os favores de Deus, sahiam dos bosques, em cujo recesso as fontes gemiam, longas theorias de frades, vestidos de habitos brancos com o seu prior ostentando uma casula dourada e o seu abbade empunhando a aurea cruz abbacial. Eram os monjes do unico mosteiro da ilha paradisiaca, unicos habitantes dessa paragem de sonho todos elles santos desde o leigo de cópa ao irmão illuminador dos manuscriptos, desde o porteiro com o seu burel singello até ao abbade com a sua estola de ouro e seda. Jámais os peccados tiveram entrada naquelle recanto do mundo, santo dos santos em cuja fimbria beijada pelas ondas espumantes os maiores demonios paravam com respeito: Deggial vindo da Arabia e rescendendo aos perfumes dos serralhos; Lusbel indo para a America desconhecida, com as mãos a tilintar de pepitas e diamantes, preparando ostentações futuras; Asmodeu claudicando mais por ter percorrido toda a Europa entre o riso cruel dos senhores feudaes que se degollavam nas guerras continuas.

Ali, em doce paz e serena doçura S. Brandão e seus companheiros envelheceram rezando, morreram rezando e, rezando, subiram ao céo.

Creio não ter causado mal a ninguem recordando essas lendas que tantos antepassados nossos embalaram, acariciaram e consolaram talvez; lembrando-as numa época enxanguentada e triste, interesseira e material, em que as baleias não servem mais á germinação de visões e sonhos, sim para dar azeite e cebo para a industria, e barbatanas para os colletes elegantes das senhoras.

João do Norte

"Correio Paulistano" 7-Set.º-1918

REGISTO LITERARIO

TRADIÇOES MILITARES, pelo sr. Gustavo Barroso. - Rio, 1918.

O nosso brilhante collaborador, sr. dr. Gustavo Barroso (João do Norte), vem de publicar num opusculo o seu optimo estudo literario, recentemente lido no Club Militar, sobre as tradições militares. Trabalho que se lê com immenso enlevo, é bem uma das fortes e originaes producções desse fino intellectual, que, com inoffuscavel relevo, se destaca na primeira plana dos modernos prosadores brasileiros.

Estas paginas excellentes, de arduas excavações historicas, em que as tradições militares de todos os tempos avultam revividas pelo colorido estylo do sr. dr. Gustavo Barroso, são de tocante opportunidade. Vêm não só no momento agudo em que a patria renasce ao influxo das novas correntes intellectuaes, que lhe insufflam no organismo os alentos da crença e do ideal — mas ainda no momento em que mais urge rehabilitar as tradições do nosso exercito. Sobre isto bate-se com denodo o illustre homem de letras, que, ao concluir a sua scintillante conferencia, lembra a instituição de um corpo — **Os Dragões da Independencia**, que reviva o cavalleiro da velha guarda imperial do nosso primeiro Pedro — e que seja, "pelo seu symbolismo patriotico, querido por todos os brasileiros."

"Correio Paulistano" 25-agosto-1918

A nossa "Arnaga"

(João do Norte)

No volume das "Musardises" edição illustrada de Pierre Laffite, vêm diversas photographias da esplendida residencia de Rostand, no sul da França.

O autor da "Princesse Lointaine" vive ahi, num delicioso e completo retiro espiritual, aspirando o ar puro dos campos. Chama-se "Arnaga" a sua casa e fica sobre um planalto, a cavalleiro das aguas do Drive, que alumiam entre a rama dos salgueiros, dominando com a vasta fachada de **chalet** montanhez os immensos jardins verdejantes, que a emmolduram.

As portadas de vidros **biscauté** abrem para a frescura de pequenos recantos, onde, entre os teixos apparados e os buxos tosquiados, canta a agua crystallina dos repuxos. Dos **bow-windows** elegantes, avista-se todo o valle de Cambo: azambujaes mosqueando de verde-negro a vastidão dos prados, faiaes grimpando pelas encostas das serrotas e alandroaes curvados á beira dos corregos borbulhantes.

Os jardins lembram os de uma "villa" romana, com os seus bancos de pedra, as suas estatuas muito brancas sob a folhagem dos arbustos, os canteiros de gramados macios, as ruasinhas orladas de mangerona e de madresilva, as corollas dos lizes balançando sobre o tapete gaio dos tornilhos e dos resedás e os obeliscos verdes dos cypreste erguendo aqui e ali a sua elegancia severa.

Na primavera, das janellas rasgadas, debruçado ao poial, scisma o burilador dos "Romanesques", contemplando, com a calma do seu coração satisfeito, a festa da luz á face da natureza vestida de flores. No fundo verde dos valles, por todo o seu vasto jardim, desabrocham loucamente, aos raios do sol ou á sombra dos carvalhos e dos alamos, anemonas rubras, jacynthos, goivos, perpetuas, margaridas, aspho delos brancos. A humildade roxa das violetas cobre os relvados e as giestas douram as ravinas, onde as fontes suspiram. Abelhas de ou-

cantam na alvura embalsamada dos amendoeiros em flor. E os seus finos cães de raça brincam, joviaes ao pé do grande relogio do sol, do **gnomon** grego, que fica ao centro do parque.

As photographias não nos desvendam o maravilhoso segredo do interior de "Arnaga", porém a imaginação mais ou menos calcula o raro bom gosto do mobiliario e o valor das obras de arte.

Um passeio dos olhos cobiçosos por esses aspectos da vivenda principesca do Fray Juan de Legoria, que burilou no ouro mais puro da lingua franceza as joias do "Cyrano", acorda, no intimo da alma, outras lembranças tão agradaveis quanto essa admiração. Lentamente, a gente se recorda dos grandes artistas, que, á custa de sua arte, de seu talento, têm construido o seu **cantinho** agradavel, o vinho delicioso de seu exilio voluntario e discreto, afim de poderem produzir obras duradouras, obras eternas. Na sombra desse silencio, é que os mestres das télas, dos buris, dos cinzeis e dos livros preparam a grandeza do seu povo e o nome futuro de sua nação. Porque tudo passa, como o disse Dumas e o Eça repetiu, e só a arte fica. Não se sabe o nome do archonte de Athenas ao tempo que Homero cantava como não se conhece o do tyranno de Syracusa, quando ali chegou Eschylo proscripto; nem pessoa alguma se lembra de quem era prefeito em Paris, quando Flaubert foi ao tribunal correccional por causa de "Madame Borary", como ninguem se recorda de quem era nosso ministro do Interior, quando José de Alencar publicou "Iracema".

A gente relembra o castello delicioso, que habitava Ruskin, e, recuando no tempo, aquelle sitio aprazivel, perto de Tusculum, onde Cicero passeava, envolto na sua toga branca, á sombra amena das oliveiras, com um rôlo de papyrus na mão.

Nos tempos mais remotos, os artistas eram miseraveis. Homero possuia um tugurio ignobil e tocava o kinnor na mesa dos reis, para ganhar uma peça de carne. Anatole France pinta-o no "Chanteur de Kymé", devorando o seu naco de pão recheado de alho. Mas eram épocas rudes, em que se equilibraram as primeiras civilizações. Depois, em tempos de maior doçura a arte deu a gregos e a romanos sombras de jardins, frescuras de piscinas, elegancia de viver e todos os prazeres sensuaes do **triclinium**.

Essa casa admiravel de "Arnaga" assemelha-se, no seu feitio e na sua posição, áquella magnifica "villa" de Plinio o Moço, em Laurentino, que elle tão gostosamente gabava numa carta ao seu amigo Gallus.

Era o seu retiro querido, a dezesete milhas romanas da capital do mundo, pela larga e frequentada Via d'Ostia, ora apertada entre bosques, ora desdobrada como uma fita clara sobre o verde forte dos campos. Do eirado, elle avistava as pastagens fartas onde se moviam as manchas brancas dos rebanhos. O ar era doce e a luz abundante. No pateo, voavam pombas. Ao poente, o mar fugia até encontrar o céo; ao nascente, as montanhas avultavam, impedindo as nuvens, que se rasgavam nos pincaros, deixando sobre as florestas de bétulas e de azinheiros farrapos de nevoa.

A sala de jantar dava para um terraço, ao pé de cujo muro as ondas batiam. Uma rotunda de vidros esclarecia o gabinete do escriptor. E, nos seus armarios profundos, havia sómente, como elle proprio escrevia, os livros que se relêem sempre e não aquelles que só se lêem uma vez **(quod non legendos libros, sed lectitandos capit)**.

Ao lado dessas felicidades materiaes, ajudando, augmentando a felicidade moral e intellectual de tão grandes homens de espirito, o coração se confrange pela sorte de outros que muito penaram.

Todas essas casas cheias de encantos, a fortuna de Victor Hugo, a alta posição de Goethe, a paz abundante de dons que desfructa o philosopho do "Mannequin d'Osier", contrastam horrivelmente com as miserias e desgraças de outros. Não absolvem, por certo, os deuses e a humanidade de terem consentido que Dryden morresse de fome e Hoffmann vivesse num verdadeiro inferno.

Mas, no seio da civilização mediterranea a fama dum autor póde dar-lhe fortuna. Ha muitos que perecem; comtudo, ha muitos que vencem; e a estes os livros dão independencia economica.

Nós, os que escrevemos, no Brasil, não temos nenhuma esperança de fortuna, de futuro melhor, por meio dos livros. A' nossa custa, enriquecem os editores, que morrem, deixando milhares de contos. Nunca as nossas edições se exgottam, porque são sempre clandestinamente renovadas. São fifios os nossos lucros e quasi sempre perdemos em publicar livros. E' até má recommendação escrever.

A nossa civilização tem ainda muito do garimpo, da lavra, da fazenda, do seringal. O artista é um objecto dispensavel. Precisa-se de outros individuos, com habilitações mais uteis, embora mais rudes, mais materiaes. Uma civilização de acampamento!

Dahi a falta de estimulo que, de manso, vai matando os nossos escriptores, poetas, pintores, esculptores, musicos, architectos. Só lhe resta uma sahida, quando não possuem fortuna propria: o funccionalismo publico, isto é, a estiolação, a estagnação, a nossa tabes dorsalis, a nossa molestia do somno.

Seria já tempo de apparecer, para a salvação da arte e do artista, no nosso paiz, um Mecenas, um Augusto, um Laurenço Magnifico, um Luiz XIV, que convidava Corneille para jantar; um Frederico II, que punha Voltaire á sua mesa. Mesmo um Francisco I, que abraçava os seus architectos florentinos, ou um Carlos V, que apanhava os pinceis de Ticiano, nos seserians...

Qual! Temos de nos contentar com a visão das "Mil e Uma Noites", que é essa faustosa, silente e amavel casa de Rostand. Jámais, por meio de livros ou quadros, conseguiremos alguma cousa. A nossa Arnaga" serão seis ou sete palmos de terra, um dia...

João do Norte

"Gazeta de Noticias"
19 - agosto - 1918

Livros novos

"Tradições militares"—Conferencia de Gustavo Barroso (João do Norte)

O sr. Gustavo Barroso (João do Norte), quando representante do Ceará na Camara dos Deputados, apresentou áquella casa do Congresso um projecto creando os "Dragões da Independencia".

Se bem que a idéa do deputado cearense tivesse despertado as maiores sympathias no seio do Exercito, esse projecto encalhou na pasta da commissão de Marinha e Guerra da Camara, não havendo forças humanas que de lá conseguissem arrancal-o.

Sobre essa idéa, que mereceu uma grande parte do seu carinho, o Sr. Gustavo Barroso, fazia, alguns mezes depois, uma interessante conferencia no Club Militar. A sua palestra tomou o titulo de "Tradições Militares" e subdividia-se em varios capitulos. Foi um trabalho que agradou, sobremodo, não só pelo estylo em que o mesmo fôra elaborado, como ainda pelas curiosas informações que nelle se continham.

O Sr. Gustavo Barroso, aliás, é um escriptor já feito. Tem todas as qualidades que se possam desejar a um homem de letras. Diz as cousas com muita simplicidade, sem prescindir, porém, de uma grande dóse de elegancia e bom gosto. O seu estylo é muito natural, chegando mesmo a ser fluente, despido de recursos artificiosos e de preciosidades inuteis.

Por esta razão mesmo o Sr. Gustavo Barroso é um escriptor que agrada e que se tem prazer em lel-o. Na sua brilhante conferencia sobre as "Tradições Militares", conferencia esta que acaba de ser publicada em folheto, o distincto escriptor da "Terra do Sol" dissertou com muita propriedade, do ponto de vista historico, sobre varios assumptos militares.

Os capitulos da sua conferencia que mais merecem menção, são os que se referem á evolução das unidas tacticas, á origem dos ornatos militares, á tradição das armas e dos uniformes e aos regimentos tradicionaes do Prata. A parte em que o Sr. Gustavo Barroso disserta sobre os "Dragões da Independencia" é de uma eloquencia e de uma simplicidade que nos toca a alma. E' uma pagina onde se patenteia exuberantemente a emoção sincera da penna que a traçou, dominada pelo espirito de conservação das nossas glorias tradicionaes.

61

"Diario de Pernambuco"
26-agosto-1918

Os cabôclos

O despreso da raça conquistadora pela raça vencida, no Brasil, se traduz nas chufas populares, com que sempre se perseguiram os indios e seus descendentes, em todo o sertão.

Desde o inicio da vida colonial até hoje, o cabôclo tem sido, na sociedade matuta, a cabeça de turco da satyra e do motejo. Todas as asneiras se lhe attribuem, todas as tolices foi elle quem disse, todas as cousas mal feitas foi elle quem praticou, todas as anecdotas vêm delle. Assim, o caboclo sertanejo é uma especie de Marechal Hermes, no quatriennio passado, autor e personagem de todas as jogralices possiveis.

Um outro cyclo de historias e canções, menor e menos conhecido na nossa vida rural, defende o caboclo e pinta-o como um sabidão, que se faz de tolo, para poder enganar melhor. Mas essa reivindicação não tem eco. E até a raça negra, que veio para o Brasil escravisada, zomba da Parda, vencida e perseguida pelo branco, no inicio da nossa vida colonial. Por isso, diz uma espalhada quadra do folk lore de Nordeste.

«Tenho visto muito negro
No altar dizendo missa,
Mas cabôclo ao mais que chega
E' a official de justiça».

Sabendo-se a ogerisa, o descaso o despreso que se vota no interior ao meirinho mal pago, malcreado e cheio de pretenção, pode-se avaliar quanto é forte a critica desses versos toscos.

Houve, no emtanto, um repouso, uma interrupção no motejo secular contra o descendente do indio infeliz, sempre taxado de preguiçoso, marombeiro e fujão. Durante uns cinco annos, todas as suas «proezas» tiveram outro autor. Foi quando se próclamou a independencia e quando se deram as curtas luctas pela nossa emancipação politica. Então, a sociedade sertaneja dividio-se em duas metades distinctas: os corcundas e os patriotas. Patriotas eram os brasileiros; corcundas, os portuguezes. Ahi, toda a caçoada foi parar aos hombros largos do lusitano.

Mas tão bom tempo passou depressa, depressa de mais. Logo, voltou o pobre caboclo ao pelourinho do ridiculo.

Ainda alli continua algemado. Presentemente, corre pelo sertão, em verso, a complicada, interessante e engraçada historia do casamento dum caboclo. E' uma critica terrivel a esse pobre ente, victima tão antiga do espirito dos cantadores e dos autores matutos.

Remexo o meu acervo de notas sobre o folk lore do centro-nórte e encontro a dum episodio desse casamento famigerado, que transcrevo, afim de mostrar como a intelligencia e o espirito espontaneo da raça brasileira perde-se sem eco nos confins do nosso vasto «hinterland».

Bocage satyrisou uma certidão de obito dum padre, naquelle seu epigramma, que assim começa: «IN FIDEI PAROCHI», attesto, escrevia inchado cura...» O roceiro do sertão escaldante moteja duma certidão de parocho, com maior rudeza de linguagem, porém com igualdade de graça. Não exaggeramos. Eis o documento:

«Nesses sertões atrazados,
Um cabôclo solteirão
Quiz casar e o vigario
Exigio-lhe a certidão.

Era a dita certidão
Dum logar desconhecido
E um vigario toupeira
Attestava ter nascido:

—Eu vigario descollado
Na pagina numero vinte
Do livro dos baptizados
Achei a cousa seguinte:»

Pelo introito já se vae vendo que tem finura a critica, nem parecendo dum ignorante menestrel de ribeira sertaneja. Continuemos:

«Em mil oitocentos e quarenta
Achei que foi baptizado
Felix, de côr exquisita,
Filho dum tal João Torrado.

Sua mãe, Anna Tapagem
De Souza Barba Commum
Salmoura Puz de Oliveira
Cuspe de Fumo em Jejum.»

Este pandego nome tão comprido ridicularisa as pretenções de muitos, que pretendem fóros de brancura, e fidalguia, apezar da «côr exquisita» e de filhos dum «torrado» ou queimado. Não param ahi os appellidos descommuns. Proseguem:

«Fôram padrinhos do dito
Zé Bate Beiços Cotó
E dona María Crueira
Alves de Sá Mocotó.

O mez e data não vão,
Devido á pagina rasgada;
O mais que achei escrevi,
Sem me constar de mais nada.

Villa dos Desconsolados,
Doze ou dezoito de maio.
O vigario Zé Cochicho
Montenegro Apara-raio.»

Ha muito o que respigar na larga riqueza do folk-lore brasileiro. Cada dia se encontra uma nova nota digna de attenção. Nem sei de muitos outros que sejam mais ricos. Entretanto, ainda não nos appareceu um Gastão Paris, que o catalogasse e commentasse, nos seus varios cyclos, cada qual o mais abundante e o mais notavel. Só o cyclo completo dos cabocios daria um capitulo hilariante e agradavel.

Pobres indios e seus descendentes! Tiveram, nas eras amargas da colonia, os alvarás e cartas-regias, pregando as formidaveis «guerras de corso»; tiveram, na monarchia, completo esquecimento; tem, na republica, a blandiciosa catechese positivista. Comtudo, esta, se os livra um tanto das balas dos seringueiros, não os póde livrar da satyra sertaneja, que, indirectamente, offende a raça no vulto engraçado e motejado dos seus netos.

JOÃO DO NORTE.

"Boletim Mundial"
Rio - 29 - agosto - 1918

Os deputados e o povo

Perguntou-me, outro dia, um amigo, se nós, brasileiros, temos, de verdade, precisão de 202 deputados federaes, entre os quaes se encontram os Srs. Manuel Moreira e Ildefonso Albano *ad majosem Brasili gloriam*. Fiquei entalado com a resposta, porque não sei mesmo se temos necesidade desse pessoal.

O unico remedio, afim de obter plena certeza da verdade, seria consultar o proprio povo. Porém é tão difficil! Pedi alguns dias para pensar e meditei, longamente, sobre o assumpto. Verifiquei na historia, que é a mestra de toda a humanidade, inclusive o Brasil, que o povo só faz deputados ou, melhor, consente que os façam, porque a isso é obrigado. A sua concepção intima do papel do poder legislativo, de tão apregoada valia pelos juristas, praxistas e outros individuos terminados em ista, como constitucionalistas etc., é a mesma no passado, no presente e, com certeza, será no futuro.

Vejamos qual é. Numa carta a Eduardo III da Inglaterra, *Charta Eduardi III*, lê-se o seguinte: *malitiose constrictos ad mittendum homines ad parliamenta*. Era o povo de França que se queixava ao rei inglez de que o seu soberano legitimo o queria maliciosamente obrigar a mandar representantes seus ao seu real parlamento. Ora, vejam só! E isto em plena Idade Media. Já tal gente recusava a grande conquista da democracia moderna.

— E porque esse povo assim procedia?

Augusto Thierry responde, em commentario a esse documento da epoca, dizendo que as cidades de França somente escolhiam representantes ás Côrtes ou Estados Geraes, quando a isso eram compellidos. E quando o rei não lh'os pedia assim, nunca se queixaram dessa interrupção, que era, em theoria, violação de seus direitos politicos. Muito pelo contrario, burguezes e cortezãos felicitavam-se por não funccionar a machina parlamentar, que era quem fabricava *talhos* e *gabellos*, isto é, os impostos do tempo.

Afim de fazer uma experiencia, indaguei, no outro dia, dum popular, que dizia horrores do Congresso, porque assim fazia. Elle respondeu-me:

— Porque Sr. Doutor? Porque esses diabos só servem para votar impostos.

O substractum da alma popular é o mesmo sempre. Esse brasileiro pensa como os signatarios da carta medieval. O Congresso, a emanação dos seus direitos politicos, serve unicamente para lançar tributos. Se não existisse, não lhe faria falta, é o que se deprehende do seu descaso aborrecido de victima esfolada pelo Estado, á sombra das palavras engabelladoras do *direito politico* e outras que taes. Ah! se elle tivese um Eduardo III a quem recorrer, pedindo a suppressão do Parlamento, fal-o-ia de certo.

Estou apto a responder agora á tal pergunta do meu amigo: Podemos dispensar deputados e senadores? Experimentemos. Creio que o povo não reclamará contra essa violação theorica dos seus direitos politicos... Não é verdade?

JOÃO DO NORTE.

"Fon-Fon!" 19 outubro 1918

GARATUJAS

O nosso paiz não é tão sómente o paiz dos poetas, mas tambem o dos grammaticos. Não ha quem não queira entender de crases, accentuações, syntaxe e etymologia. Por toda a parte se discute a collocação dos pronomes. E todo o mundo quasi escreve pessimamente.

Haverá preoccupação mais mesquinha do que catar pulgas grammaticaes, criticar cochilos, joeirar niquices? E' uma dessas preoccupações sómente proprias das nações sem cultura e sem imaginação. Toda a sociedade de pequena cultura e de parca imaginativa produz as seguintes especies de escriptores: os compiladores, os criticos de meia tijéla, os grammaticos e a casta feroz e cavadora dos juristas. Nós temos uma cornucopia dessa gente, que, por infelicidade, não vae derramar seus productos em outras terras, porém continua a espalhal-os sobre a nossa mesmo.

Veja-se a França, doirada por todos os soes da intelligencia, como é, relativamente, pobre de jurisconsultos *et reliqua*, de compiladores historicos *et concomitante caterva*, de grammaticos e de criticos de ultima hora.

Ah! eu tenho um medo horrivel dessa gente e ando sempre com a apostrophe de Claudiano nos labios:

« — Que eu nunca soffra os calores da Ethiopia, nem o frio da Scythia, nem as tempestades do mar Jonico, nem a lei tura do que escreve um grammatico, coisa que só aguentaria obrigado pelo chicote infernal das furias! »

E mesmo assim...

"Correio Paulistano" - 29 agosto 1918

O Romance da Raposa

(João do Norte)

A edade média despiu as fabulas esopicas dos seus attributos de moralidade e, então, ellas não tiveram outro fim, sinão divertir. Dessa nova maneira de encarar as fabulas herdadas da antiguidade, resultou uma verdadeira **epopéa animal**, na qual se individualizaram completamente todos os bichos. O lobo passou a ser Isengrin; a raposa, Richent ou mestre Renart; o leão, Noble; a doninha, Grimbert; a lebre, Conard; o carneiro, Belin; o gato, Tibera; o burro, Bernard; e o gallo, Chanteclair, de onde Rostand tirou a fórma modernizada Chantecler.

No nosso sertão do centro-norte, onde a vida medieval perdura **quoiqu'on dise**, nota-se o mesmo phenomeno. As fabulas tornam-se de moralizadoras em divertidas e a individualização dos animaes é patente. Podemos dar dois exemplos, ambos capazes de serem incluidos no **Roman du Renard** da média edade e partes integrantes do Romance da Raposa sertanejo. O primeiro é em prosa; o segundo, em verso.

* * *

A' beira do rio, sob a folhagem dos ingazeiros, o sr. Tago-reré, um kagado muito conhecido na ribeira, todas as manhãs e todas as tardes tocava a sua gaita de taboca. E o tejúassú, um lagarto cúpido, escutava-o com inveja.

Um dia, o tejú escondeu-se nas fôlhas sêccas para vêr onde o Tago-reré guardava aquella maviosa flauta selvagem. Viu-o occultal-a numa moita espessa e, depois, mergulhar na agua quieta. Mestre Gonçalo, o lagarto, furtou-a. Desse dia em deante era elle quem tocava o instrumento, á porta de casa, isto é, á beira da sua tóca. Mas não tinha estudos nem geito. Seguia vocação errada. Era um desafinado de truz. Os mattos se enchiam com aquella cacophonia horrivel, que espantava o passaredo. Estavam satisfeitos, porém, os seus desejos.

Como Calypso não se podia consolar da partida de Ulysses, o sr. Tago-reré não se consolava da falta que lhe fazia a sua gaita. Era necessario rehavel-a. Sabia que o tejuassú apreciava muito o mel de abelha. Teve uma idéa. Foi a um cortiço de jandahyra, tirou um favo e espreneu-o na bôcca (o matuto conta isto pedaço de modo irreproduzivel), deitou-se dentro das fôlhas êccas e ficou sómente com os queixos abertos, cheios de mel, de fóra.

O Gonçalo veiu rastejando e farejando. Deu com aquelle petisco. Ahã, **macaco velho**, não passou a lingua. Molhou o dêdo e provou. Achou bom. Tornou a molhar o dêdo. O kagado apertou as maxillas e segurou-o. Foi um espanto. Estava lisgado pelo inimigo, que rugia em voz surda:

— Ou me dás a minha gaita ou corto-te o dêdo!

— Compadre kagado não trago a tua gaita commigo.

— Então, pede á tua mulher. E apertava cada vez mais o dêdo do tejú, que soffria horrivelmente.

— Não tenho mulher, sou viuvo meu compadrinho.

— Pede ao teu filho.

— Pois sim. Pois sim. Mas não apertes tanto! Vou pedir.

E, alteando a voz dolorida, o tejú'assu' bradou no silencio dourado do matto banhado do sol:

— Gonçalinho! Gonçalinho!

Uma voz de criança-tejú' respondeu ao longe:

— Que é, meu pae?

— Gonçalinho, traz a gaita do Tago-reré.

A distancia matava um pouco a força da voz. O pequeno não entendia bem. Perguntou:

— E' para eu ir lá?

— Não! Traz a gaita do Tago-reré!

O kagado apertaca os queixos. O lagarto gemia de dôr. A voz de tejú novo se fez ouvir:

— Você achou um cortiço de abelha-canudo, meu pae?

— Não! Diabo! Traz a gaita do Tago-reré!

— A sua casaca, papae?

— Não! A gaita! A gaita!

E o sertanejo diverte-se em fazer o Gonçalinho demorar a entender o pedido, para que o roubador preso na original armaldilha, soffra com paciencia, emquanto a meninada, que escuta o narrador, ri da estupidez do filho e das dores do pae.

* * *

Nas fabulas do sertão, a raposa o mestre Renart da edade média, desempenha papeis salientes ,embora o **canis vellutus** ou o **canis brasiliensis** das nossas catingas estejam mais perto dos chacaes do que da **vulpes** européa, cujos caracteristicos astuciosos não possuem. Mas a impressão é legada pelo ascendente europeu e fructifica no folk-lore mestiçado das tres raças basicas.

O poeta sertanejo Gregorio das Neves põe em versos toscos, porém ricos de interesse, a fabula da Comadre Raposa e do Manê de Sousa, o sapo cururú.

Eis a poesia:

Uma raposa sabida
Como as raposas são,
A um sapo Manê de Sousa
Associou-se no verão.

Foi que, vendo o sapo amigo
Certa vez atrapalhado,
Concordou plantar o milho,
Com elle pondo um roçado.

Prepararam as coiváras,
Sem o menor contratempo,
E plantaram as sementes,
Fazendo a apanha em tempo.

Da sociedade engraçada
Foi feliz o resultado,
Havendo muita fartura
No producto do roçado.

Depois de tudo apanhado,
Viu-se afinal tanta cousa,
Que para ser dividida
Teve inveja a tal raposa.

E lá comsigo pensando,
Poz em pratica, logo mais,
Um plano que era filho
Do seu talento sagaz.

Visava o plano da bicha
Não ser a partilha feita,
Ficanda ella com tudo,
Como dona da colheita.

Depois da labuta do dia,
Quando descançava o sapo,
A, fingindo-se alegre,
Deu-lhe um cascudo no papo.

E lhe disse: amigo sapo,
A apanha foi bem boa,
Tivemos muito milho,
Mas só para uma pessoa...

Para dois é quasi nada
A metade que a nós toca,
E' um tiquinho, que parece.
Que até parece tabóca!

Portanto, melhor seria,
Cuça o que vou lhe dizer,
Uma aposta bem honesta
A gente logo fazer.

— Olhe lá, muito ao longe,
Não está vendo uma ladeira?
Pois de lá vamos partir
Todos dois numa carreira.

Ganhará todo o milho
Quem aqui chegar primeiro.
Que é que diz, amigo sapo?
— Acho bom! disse o brejeiro...

— Sendo assim, logo, amanhã,
Será o dia da aposta.
E o sapo sabidão
Ria della pela costa.

Quando tudo combinado
Foi para casa a raposa,
Pensando ter enganado
O sapo Manê de Sousa.

Elle, porém, era esperto,
E comprehendeu sua manha.
Foi para o rio e arranjou
Ter a sua aposta ganha.

Um bom meio sem perigo
Com tres irmãos combinou.
Um assentou-se no milho
Dois na estrada collocou.

Os tres cururús ficaram
Nos logares respectivos.
Todos tres bem parecidos,
De olhos abertos e vivos.

Elle foi para o logar
Marcado para a sahida,
Até que a raposa, chegando,
Désse signal da partida.

— Bom dia, compadre Sapo,
Madrugou alguma cousa.
— Esperava, para, então,
Corrermos, dona Raposa.

— Vamos lá, pouca demora!
Marque os passos duma vez.
E corramos logo! Já!
Vamos! Prompto! Um, **dois, tres!**

A raposa corredeira
Sahiu, que até parecia,
Em vez duma raposa,
Uma forte ventania!

"Fon-Fon"-31-agosto-1918

Depois de correr bastante,
Parou e indagou rindo
— Compadre Sapo, onde estás?
E um disse: Cá vou indo!...

Ouvindo a voz, na carreira
Ella sahiu novamente.
Só parou quando estava
Cançada completamente.

E a "catinga", sem demora,
Olhando, nada achou.
Perguntou: Compadre Sapo,
Onde é que você ficou?

O segundo irmão, pulando,
Na frente, disse, sorrindo:
— Eu já passei de você.
Cá vou indo! Cá vou indo!

Não posso mais, disse ella,
E correu como um veado,
Para ganhar a aposta
E o milho do roçado.

Mas, quando chegava junto
Do milho, inchando o papo,
Assentado nas espigas,
Lá estava mestre sapo!

Essa bicha tão esperta,
Comadre dona raposa.
Perdeu, assim, a aposta
Com o sapo Mané de Sousa.

Quando lhe falleçam outros meritos, esta pagina de folk-lore nacional terá, pelo menos, o de mostrar uma nova fórma, bem brasileira, da fabula da Lebre e da Tartaruga, que Esopo eternizou em grego e La Fontaine nos deu em francez.

João do Norte

"Correio Paulistano" - 3 - Setembro - 1918 -

OS CABOS DE VASSOURAS

Quando leio, nos jornaes, artigos laudatarios a esta ou áquella personalidade publica, que eu, intimamente, julgo com severidade, mas sem acrimonia, fico na duvida se esses elogios são verdadeiros ou se não passam de uma ironia terrivel. Quasi diariamente, qualquer mortal como eu pode saborear, nos periodicos, essas lisongeiras referencias, porque, no nosso paiz, por infelicidade, ha tanta facilidade em denegrir como em elevar ás nuvens.

Individuos ha que tudo têm conseguido, arranjando bôas noticias nos jornaes. E, de repente a nação fica sabendo que possúe mais um homem eminente, sem que o esperasse e sem que possa adivinhar de onde surgio.

Seus feitos, suas obras, suas acções? Ninguem as conhece. Mas as sonoras tubas de ouro da Fama as apregôam por toda a parte. Entregam-se-lhe logo os melhores postos, as maiores responsabilidades e os mais pesados encargos. Quasi sempre, o fracasso é inevitavel. Elles, entretanto, continuam, tranquillos e impavidos, a sua gloriosa jornada. E vão longe, muito longe mesmo.

Tudo conseguem essas celebridades de ultima fornada, esses heróes inventados, esses sabios de geração expontanea, que se multiplicam á face do Brasil como os gyrinos das rãs, na agua quieta dos charcos.

Quanto aos que valem algumas cousa, esses nada obtêm, nada conseguem. Ha contra elles, sempre e sempre, uma vasta trama de hostilidade, que os sorrisos acolhedores muitas vezes mal disfarçam. A campanha que lhes é movida divide-se em tres phases. A primeira é a violenta, reminiscencia da idade da pedra, da epoca paleolithica ou da neolithica. Procura-se dar-lhes pancada. Se resistem, passam á segunda manifestação, ás descomposturas e perversidades nas folhas. Não deu resultado, vai-se á terceira, á mais terrivel, á que raramente falha, *tsé-tsé* que innocula a molestia do somno. E' o silencio em derredor. Publicam livros, não se dão noticias. Fazem conferencias, não se annunciam. Produzem, todos calam. Escrevem, ninguem lê. Pouco e pouco, vão assim, perdendo o estimulo e por fim amodorram e dormem.

Emquauto isso, o cabotinismo dos homens illustres de occasião prosegue victorioso, retumbante e ôco, produzindo os novos pomos de ouro, que os Hercules anestesiados não colhem e deixam para os anões devorarem soffregamente, pacatamente, voluptuosamente.

O meu espirito, comtudo, se compraz em pensar que, no fulgor dos elogios e das lisonjas, transparece a ironia immensa, mordente, silenciosa, dos que os fazem e que elles proprios não se podem conter olhando esses calungas que arrumam e obrigam a dançar no *guignol* da vida.

Um velho livro portuguez define-os muito bem nestas duas singelas e philosophicas phrases:

«Ha cabos de vassoura que pensam que são columnas. Ha chapéos armados que pensam que são generaes.»

A chave dessa ironia que eu sinto nas bajulações feitas aos *cabos de vassouras*, veio ao meu espirito, depois que eu li os dois volumes de Valerio Maximo. O seu prefacio é uma ladainha a Tiberio, nojenta e babosa adulação ao solitario libertino de Capréa, um dos mais infames imperadores de Roma, a quem elle dá todas as virtudes...

Os dois tomos são recheiados de nobres exemplos de piedade, patriotismo, devodamento, honradez, delicadeza, amor, pureza de costumes. Ora, tantos episodios dignos offerecidos a Caio Tiberio, episodios que contrastam com a sua vida dissoluta, só podem ser uma ironia atroz, que passa despercebida aos olhos do Cesar caduco, degenerado.

Onde ha a mesma razão, julga o mesmo direito, dizem os praxistas. Applicada a regra aos elogios patricios, feitos a individuos sem o menor valor moral ou intellectual, resalta a discreta e maldosa ironia dos *chaleiras*...

Ainda assim, os elogiados, cuidando que enganam a opinião geral, andam por ahi em fóra, orgulhosos e soberbos, com um vinco de desdem nos labios. Pobres *cabos de vassoura* convencidos de que são columnas de marmore, de porphyro, de alabastro, com as volutas da ordem jonica e os acanthos ornamentaes da arte corinthia!

JOTAENNE

Mil e um phantasmas

JOÃO DO NORTE

Na minha pobre e querida cidade natal, havia um guarda da Alfandega, o sr. Achilles, já me não lembra de que, tido e havido como homem de leonina coragem. Era alto e alourado, tostado pela ardencia do sol naquellas praias brancas e incandescentes, que, diariamente, palmilhava. Ao anoitecer, fumava o seu cachimbo de raiz, sentado num velho bote, junto ao trapiche da Guarda-Moria.

Eu tinha dez annos e admirava o sr. Achilles. Gostava de ouvir-lhe as historias de pescarias em jangada e de contrabandistas nocturnos. Uma vez, ao lusco-fusco, contou-me uma de arrepiar couro e cabello. Ainda recordo o medo com que voltei para casa e quanto custei a adormecer.

Uma noite de lua cheia, no mez de agosto, elle rondava a praia, porque havia dois vapores inglezes no porto e se receavam contrabandos. O luar, livido, frio, indefinido, prateava as dunas, onde os vultos dos coqueiraes se immobilizavam no espaço. O mar, manso, soluçava na areia, quebrando a vasta monotonia do silencio. De repente, avistou um vulto negro á flor das aguas quietas, que nenhuma aragem enrugava. Sentou-se na praia e esperou.

Dentro em pouco uma bateira se avizinhavam da arrebentação, tripulada por um só homem, que remava á pôpa, na ginga. E, cousa interessante!, o remo revolvia a agua sem fazer o menor barulho, e a embarcação caminhava silenciosamente. O Achilles não teve duvidas. Era um contrabandista do "Hildebrand" ou do "Hilary". Deu um pulo e escondeu-se atrás de uma jangada.

A bateira abicou. O marinheiro saltou na praia. Atarracado e escuro, vinho nu' da cintura para cima e coberto com um vasto sombreiro de palha de carnahuba. Atirou o remo em cima do paneiro, puxou o barco sobre a areia molhada, enfiou os mãos no bojo e começou a tirar grandes pacotes, envoltos em oleado negro, empilhando-os longe da humidade.

Mas, caso nunca visto!, nem o encalhar da canôa, nem o lançar descuidoso do remo, nem o andar do extranho sujeito, nem o arrumar brutal dos embrulhos, produziam o menor ruido. Dir-se-ia que tripulante, escaler, remo, fardos, tudo era de borracha ou fôfo e silente como as azas dos morcegos.

Apesar de estar certo de que era um contrabandista, o guarda, que não pensava em cousas do outro mundo, sentia, involuntariamente, os cabellos endurecerem, empinando-se, e um frio lento correr-lhe pelo corpo, formigando...

Arrancou o revólver do cinto e surgiu na luz, apontando-o ao mysterioso marinheiro. Bradou:

— Está preso, seu patife!

Lentamente, o homem se voltou. Seus olhos, redondos e vidrados como os dos corrupiões, faulharam. Soltou um assobio prolongado. Em derredor, os pacotes desembarcados foram-se transformando em tulhas de caveiras, de tibias, de tarsos, de sternos, de costellas amarelladas como um velho teclado de piano. E um vento frio começou a soprar, curvando os palmares, augmentando o soluçar dolorido das ondas.

O Achilles disparou um tiro. Então, aquelle homem atarracado, um verdadeiro batoré, um baiacu' de vasante, foi-se adelgaçando, afinando, crescendo no luar. Outro tiro écoou nos morros distantes. O vulto fino e alto já passava além do mastro da jangada proxima e seus olhos coruscavam, mais ferozes. O terceiro tiro partiu da mão tremula do Achilles. A cabeça da visagem perdia-se nas nuvens, os pés espalmados enterravam-se na areia humida. A sua sombra, esguia como a dum mastro, prolongava-se sobre a alvura da costa, ia longe, longe, perdia-se além das casas da Volta da Jurema, na enseada do Mucuripe, a uma legua boa.

O Achilles largou ainda o quarto tiro e cahiu de costas, desmaiado. Acordou com o sol aquecendo-lhe o rosto. Na festa de luz da natureza não restava o menor vestigio da bateira e do phantastico contrabandista. De então por deante, o guarda nunca mais se atreveu a rondar aquelle recanto da praia.

Eu, que fôra educado sem ouvir contar do lobishome, do sacypererê, da mãe d'agua e do caipora, travei conhecimento nesse dia com o meu primeiro phantasma. E a impressão foi duradoura. Amedrontei-me e diverti-me.

Logo que pude, comecei a procurar quem me contasse historias de almas e muitas vezes andei pelas praias e atravessei os sertões um tanto receioso. Mas nunca vi nada.

Com a edade e a leitura, tomei um verdadeira indigestão de assombrações. E' um genero aliás muito cultivado e, por vezes, bastante agradavel. Entretanto, melhores que essa estupenda aventura do Achilles só encontrei algumas paginas de Edgard Poé, cheirando a taverna, e um velho livro esquecido de Alexandre Dumas — "Mil e um phantasmas".

Este é assombroso. Ha nelle historias que se lêem aos quinze annos e nunca mais se esquecem. Dumas tem essa caracteristica. Prende, na adolescencia, pela propria natureza do espirito, que se compraz com o seu romantismo. Prende, em edade viril e na velhice, pela saudade que desperta da adolescencia. Ainda ha pouco, recordei com a maior alegria, num cinema, os capitulos queridos do "Conde de Monte Christo" que tantas horas de prazer me deram, aos dezoito annos, lidos no balanço de rêde, sob a alpendrade sombrio duma velha fazenda sertaneja, quando o quente sol do meu Ceará alourava, nas vazantes do açude, os roçados de milho.

Mas voltemos ao livro olvidado de Dumas. Essas historias que nunca mais se esquecem são as de Solange, a guilhotinada, cuja cabeça separada do corpo ainda beijou piamente a testa do amante; do Gato, do Meirinho e do Esqueleto, metamorphoses da alma dum enforcado vingando-se dum juiz injusto; e as dos vampiros hungaros e polacos, que só a espada sagrada de Godofredo de Boutillon, rei de Jerusalém, vencia e com os quaes luctar, mesmo triumphando, era morrer.

Nestes dias de incredulidade e sangue, que vão lentamente correndo, tanto se anceia por segurança crença e paz, os phantasmas da minha meninice renascem. E imagine-se onde?! Neste sumptuoso e illuminado Rio de Janeiro, sobre o asphalto liso, junto dos automoveis e dos bondes electricos, perto dos telephones e da radiographia, com feições e gestos de gente moderna e civilizada. As almas do outro mundo tambem progridem, evolvem como o diabo, que, de cavalleiro medieval bordado de ferro, passou a usar a seda vermelha, mephistophelica, á maneira do seculo XIV, e, por fim, se apresentou, pela mão de Gautier e de Eça de Queiroz, de rabona, cartola e... guarda-chuva!

Os Achilles cariocas, que têm visto avantesmas, não contam a sua aventura aos meninos e garotos, ao pé dos botes adernados; sim vão narral-as aos jornaes, para gaudio do publico, que é uma eterna criança e um eterno garoto.

Não ha muito tempo, um "chauffeur" declarou a um vespertino ter tido uma terrivel assombração. Vinha pela rua general Polydoro, em Botafogo, voltando de levar um freguez a Ipanema. Quasi á porta do cemiterio de S. João Baptista, um sujeito alto, embuçado num capote preto, fez-lhe signal de parar. Cahia um nevoeiro humido, um borraceiro impertinente. Deteve o taxi, abaixou a bandeirinha do marcador e perguntou:

— Para onde?

A voz fanhosa e tumular do passageiro rangeu como dobradiça mal azeitada:

— Para o Caju'. A toda! Preciso chegar lá antes de meia noite.

O "chauffeur" olhou o relogio. Faltavam cinco minutos. Era impossivel chegar ás doze horas. Mas nada disse, para não perder o freguez, e largou na maior velocidade. Voou pela rua deserta, ganhou a praia de Botafogo, dobrou, como um furacão, a Curva da Morte, deante do busto de Tamandaré.

Ao meio da avenida Oswaldo Cruz, ouviu um apito estridente arrulhante e prolongado. Devia ser um rondante, que o advertia do excesso de velocidade. Diminuiu a marcha e olhou para trás. Os seus cabellos arrepiaram-se. O homem tinha desapparecido. Era impossivel descer do carro naquella vertiginosa carreira. Olhou o relogio: meia noite em ponto!

Ora, até que emfim os progressos dos vivos servem aos mortos de alguma cousa! Já em automoveis se fazem visitas de cemiterio a cemiterio. Dentro em pouco, si não já, as almas andarão por ahi de aeroplano, mesmo porque no outro mundo não devem faltar almas de aviadores. A guerra ahi esta para fornecel-as.

Uma ou duas semanas, após esse maravilhoso caso, acõnteceu outro mais notavel ainda. Os que o assistiram contaram-n'o, tiritando de medo, numa delegacia policial de São Christovam, que o transmittiu aos **faits divers** da reportagem.

Um bonde da Ponta do Caju' recolhia, em disparada, á estação do Mangue. Ao passar entre as palmeiras da praia e o canto do cemiterio de São Francisco Xavier, um homem embuçado correu, segurou-se a um balaustre e trepou no estribo com uma agilidade de simio. O conductor, que nunca julgou possivel alguem pegar um carro que vôa, vazio, a recolher, murmurou uns ohs! de espanto e foi cobrar a passagem até á praça da Bandeira. O sujeito sentara-se no primeiro banco. Chegou e estendeu a mão. O homem enrolava-se num poncho pala côr de tréva. Desenrolou-o. O pobre conductor soltou um grito. A mão que segurava o nickel era de esqueleto e a cara, uma caveira de olhos de fogo, sorria, calmamente.

Ao grito, o motorneiro voltou-se. Viu pelos vidros o phantasma. Travou o carro. Largou as manivelas e despencou-se na carreira como doido, pela primeira travessa. O conductor já tinha disparado e voava á sua frente. Ambos entraram pela delegacia, allucinados.

O bonde ficou abandonado na linha, cheio de luz, com o tal defunto, vadio, furioso por não ter mais conducção...

Antigamente, eu pensava que o canto dos gallos e a luz escorraçavam os espectros. Qual nada! Nem a luz electrica é capaz de espantal-os. Si a policia não tomar sérias providencias contra esses defuntos noctivagos e desoccupados, o Rio de Janeiro, á noite, vai ficar intransitavel...

João do Norte

(Commentario á Academia, artigo da "Gazeta de Noticias" de 11-Set.º-1918

Agora, ha novo "steepie-chase". Entre os nomes postos sob a espada dos immortaes, avultam dous, sobre os quaes é necessario meditar: — o do Sr. Humberto de Campos e o do Sr. Gustavo Barroso...

São dous legitimos artistas que têm, devido exclusivamente ás letras, a preeminencia social em que vivem.

Elegendo-os, a Academia só se poderá prestigiar a si propria e dar prova de comprehensão intelligente da sua finalidade.

Gustavo Barroso candidata-se á vaga de Inglez de Souza. E' a segunda vez que se candidata.

Não cultiva a literatura de ficção, que representa obra ornamental e inutil no Brasil, isto é, mais um recreio de contemplativos isolados do que mesmo expressão significativa do nosso espirito, que deve ser autochtonico.

Os seus trabalhos encerram um estudo minucioso dos costumes, da vida, dos defeitos, do caracter do sertanejo do nordéste, região que elle conhece perfeitamente.

Elle é um enraizado e tem uma directriz na sua arte, a qual não trae nenhum peregrinismo, antes reflecte o sentimento de nacionalidade, o amor da terra e do homem, que elle estuda nas suas expressões aberrantes.

Os problemas capitaes da nossa época não lhe passam despercebidos ou indifferentes, antes elle os versa com habilidade e com patriotismo.

Contra Gustavo Barroso com certeza deve haver entre nós a prevenção sceptica que os moços provocam.

Mas a Academia, se tem o dom de saber seleccionar, estudando-lhe a obra e a sua efficiencia, ha de sentir que, recolhendo-o no seu seio, chama a si uma força que já traçou, insophismavelmente, as suas possibilidades creadoras.

Os homens de talento, de vontade orientada e de mocidade victoriosa, como Gustavo Barroso, podem e devem contrahir na vida as mais illimitadas responsabilidades.

A de ser immortal, conferida pela Academia, ninguem, entre os moços, melhor do que elle, tem direitos e garantias de contrahil-a...

Mario Mattos.

65

"Boletim Commercial"
Ministerio do Exterior
Agosto de 1918

A cêra de carnauba

A carnauba

Nos Estados de Nordeste do Brasil a carnaubeira, *corypha ceripha* de Arruda Camara, estudada por Von Martius, é uma arvore providencial. Dessa palmeira que cresce aos milhares, nas varzeas que perlongam os rios e até nas lombadas das serras, tudo se aproveita. O tronco dá solida e duradoura madeira para a construcção de tectos e, especialmente, de trapiches, porque se eternisa na agua salgada. Os fructos e o palmito são comestiveis. As raizes fornecem medicamento. E as palhas são empregadas na cobertura de casas, no fabrico de artefactos, taes como chapeus, esteiras e cestos, dellas extrahindo-se a famosa cêra, de que vamos tratar, hoje tão procurada e tão conhecida.

A CERA

A industria universal faz uso das diversas especies de cêra: a) de procedencia animal: cêra de abelha, de espermacete e chineza, que é a secreção d'um insecto, o *coccus sinensis;* b) e procedencia vegetal: cêra japoneza, de mirica, de palma, de candalilia e de carnauba; c) de procedencia mineral: a montana, unicamente.

A todas ellas sobreleva a de carnauba, não só em quantidade de producção como em qualidades, de accordo com as analyses chimicas feitas, rigorosamente.

Oquadro presente mostra essa superioridade.

	Carnauba	Japoneza	Candalilia
Densidade	0,999	0,977	0,9587
Ponto de fusão O,C	88%	51%	75,80
Indice de refracção 40.º	66,0	47,0	45,0
Indice acido	0,01	9,25	0,03
Indice de sapmificação	87	221,3	106
Indice de iodo	13,5	4,5	5,5
Indice de Benedict	57	200	104

O chimico Lenkowitsch tambem comprova com uma detalhada analyse a inferioridade da cêra mineral montana. A comparação da carnauba foi feita somente em relação ás cêras japoneza e candalilia, por serem estas as mais utilisadas, não valendo a pena fazel-a com as outras, que não teem o seu valor industrial.

A cêra é dividida nos seguintes typos: flor, 1.ª qualidade, mediana, 2.ª qualidade,gordurosa e arenosa conforme a pureza do seu fabrico, a finura de sua grã e a sua cor, que varia, indo do amarello levemente esverdeado até ao verde garrafa e ao quasi negro.

A COLHEITA DA CÊRA

De setembro a março cortam-se as palmas novas e os *olhos* quasi abertos das carnaubeiras. Com um canivete, raspa-se cada folha ao meio. Expõe-se palmas e olhos ao sol. No fim de quatro dias, batem-se as palhas. Sáe um pó fino, impalpavel, cinzento claro que é levado ao fogo e fervido; depois coado e solidificado em pães.

Mais ou menos identico é o processo, porque se obtem as cêras vegetaes do Mexico e do Japão.

Mil folhas de carnauba dão, seguramente, uma arroba, 15 kilos, de cêra. Sem ler, no seu livro *Die Tropische Agrikultur* calcula um minimo de producção de 1.807 grammas e um maximo de 6.250, em cada cem palhas.

A EXPORTAÇAO

Os Estados do Brasil, que produzem a cêra de carnauba, são Piauhy, Ceará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Goyaz, existindo tambem carnaubaes inexplorados ao sul do Pará. Mas os verdadeiros exportadores de cêra são Piauhy e Ceará.

A exportação é feita para os Estados Unidos, Inglaterra, França, Italia, Portugal, Uruguay, Argentina e, antes da guerra, era feita para Allemanha e Belgica.

Essa exportação foi iniciada no anno de 1846, pelo porto de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, com a pequena quantidade de 26.218 kilos.

Quatorze annos mais tarde, em 1860, pelo mesmo porto sahiram 68.906 kilos, e sómente o municipio cearense de Aracaty produziu 562.016 kilos.

A exportação do Brasil foi calculada, de accordo com o diagramma abaixo, de 1903 a 1909, em kilos: 1903, 1.925.955; 1904, 1.955.456; 1905, 1.896.757; 1906, 2.559.247; 1907, 2.778.801; 1908, 2.592.027; 1909, 3.041.683.

De então por deante, essas cifras têm constantemente augmentado. A exportação do Estado do Piauhy, que foi em 1903, de 179.095 kilos, ascendeu, em 1911, a 1.546.557.

Em 1913, só a producção da cêra, no municipio cearense de Aracaty, foi de 40 toneladas, rendendo mais de mil contos de réis. Em 1909, o municipio, tambem cearense de Limoeiro, deu 180 toneladas de cêra.

Ha uma grande differença entre a producção e a exportação, porquanto mais ou menos metade da cêra produzida é utilisada no proprio paiz, em velas de illuminação e outros empregos.

Actualmente a exportação de cêra de carnauba pode ser calculada em 5 e 6 milhões de kilos e a producção total em uns 9 a 10 milhões, dos quaes o Ceará fornece uns 3 e o Piauhy outros tantos. As reservas de carnaubaes, no Pará, em Goyaz e no Maranhão, são immensas e a sua exploração trará enorme augmento de cêra.

APPLICAÇÕES DA CÊRA

A cêra de carnauba serve para diversos e variados fins. E' um dos melhores isolantes electricos. E' empregada, exclusivamente, na fabricação dos discos phonographicos e em certos apparelhos physicos. Toma o logar do breu, em muitos productos, es-

"Diario de Santos" 12 de setembro de 1918 —

A lagarta rosada

Cada paiz tem a sua praga especial, que assola em certas epocas a pecuaria ou a agricultura. A historia dessas devastações vem da mais remota antiguidade.

Strabão, na sua geographia, conta uma terrivel invasão de lebres que quasi expulsou toda a população das ilhas Gymnesias e duma outra horrivel invasão de ratos, na Iberia antiga. O historiador Justino narra que os Abderitanos, povos visinhos da Macedonia, abandonaram seus lares por causa duma praga de rãs, contra as quaes era impossivel combater, tamanha a sua quantidade.

Num livro interessante, «Des Batignolles au Bosphore», o viajante francez Theodoro Cahu fala da invasão da Bulgaria pelos ratos, por alluviões incontaveis de ratos, no meiado do seculo ultimo, com assombro. Tambem Victor Hugo, no «Le Rhin», consagra mais ou menos duas paginas a descrever a cidade de Moguncia invadida pela mesma casta de roedores.

Porém em cada paiz a praga é uma só. A Africa tem os gafanhotos; a Argentina **langostas,** que é a mesma cousa; a Australia, milhões e milhões de Coelhos selvagens. Outras regiões existem que possuem passaros destruidores ou insectos insidiosamente prejudiciaes.

Mas até os dias que correm unicamente dois logares do mundo tiveram do destino a honra de receber sobre sua face soffredora sete bôas pragas. O primeiro foi o Egypto; o segundo, a zona brasileira do Nordeste, especialmente o Ceará.

No Egypto, o pharaó, retendo o povo hebraico em duro captiveiro, inflammou a colera de Jeovah e este desencadeou os sete flagellos de que a Biblia longamente fala e todo o mundo perfeitamente conhece.

No nosso Nordeste jamais houve pharaós (embora tivesse sido o velho Accioly um quasi pharaó), que offendesse a Deus. Não sei de onde a origem da animadversão da sórte contra aquelles rincões. O certo é que ali têm cahido sete pragas como no paiz vetusto do Nilo.

A primeira foi a secca que tudo estorrica: prados e gentes, gados e sementeiras. A segunda, o **mal triste** que acaba os bezerros e as vaccas, as ovelhas e os bodes. A terceira, o«rengo», que anniquila os rebanhos, os lotes e as manadas. A quarta, a politicagem incendiando propriedades sob a bandeira do rabellismo e pilhando as fazendas sob a egide do Joazeiro. A quinta, a lagarta commum do sertão, de-

66

vorando os milharaes. A sexta, os ratos tão numerosos e devastadores como na Bulgaria e no Rheno, assolando todas as plantações. E a setima, a lagarta rosada, vinda do Egypto para completar a série.

Contra ella não ha quasi remedio. Resignem-se ôs matutos á perda de seus algodoeirós, planta moderna do ouro, arvore actual da pataqueira. O governo resolveu fazer uma campanha contra esse exercito infame. Espalhou funccionarios e creditos. Esperavam-se grandes resultados. Desillusão! Ha poucos dias, na Camara, o deputado Juvenal Lamartine, operoso representante do Rio Grande do Norte, veiu denunciar a fallencia da acção governamental, mais propria a proteger pimpolhos do que a salvar as roças de algodão.

Assim, está o Nordeste sem defesa contra essa setima praga, legitima do Egypto, como sempre ficou sem defesa contra as outras que o têm tanto perseguido.

Até hoje foi o Egypto que deteve o «record» das pragas, com as suas sete celebrisadas pela Escriptura Sagrada. Agora, o Nordeste igualou-o. Dentro em pouco, é capaz de arranjar uma oitava, para ter a dianteira, ao menos na infelicidade...

Rio, Septembro de 1918.

João do Norte.

"Correio Paulistano" 7 de outubro de 1918

Dois artigos de João do Norte

Agradecimentos ao distincto homem de letras

O nosso brilhante collaborador, sr. dr. Gustavo Barroso, que é, tambem, o prosador victorioso de "Terra de Sol" e "Praias e Varzeas", e uma das mais fortes organizações da nova geração intellectual brasileira, vem, de ha muito, publicando neste jornal, com regularidade, interessantes chronicas semanaes, em que trata, com elegancia de concepção de linguagem, os mais variados assumptos, dando-lhes um brilho e um relevo especiaes.

Como é natural, essas chronicas têm despertado a attenção do publico, e João do Norte é, hoje, sem duvida, um dos nossos mais queridos collaboradores.

Ainda agora, sobre o seu magnifico artigo intitulado "Imperialismo Inglez", publicado em nossa edição de 22 de setembro findo, acaba o sr. dr. Gustavo Barroso de receber o seguinte officio da legação ingleza no Rio de Janeiro:

"O ministro da Gran Bretanha no Rio de Janeiro cumprimenta o sr. João do Norte e muito lhe agradece, no Correio Paulistano" de 22 do corrente, na primeira pagina, o magistral artigo "Imperialismo Inglez", onde o sr. João do Norte tão brilhantemente defende a Inglaterra contra a propaganda insidiosa de que se tem servido os rabulas da Mittel-Europe em seus ataques contra o Imperio Britannico. Legação Britannica, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1918".

* * *

Tambem do sr. Edwin Morgan, embaixador americano no Rio, recebeu o sr. dr. Gustavo Barroso a seguinte carta, a respeito do seu magistral artigo "The Model Republica", publicado por este jornal em data de 4 de julho:

"Mr. Edwin Morgan, the American Ambassador to Brazil thanks mr. João do Norte very much for his interesting and brillant editorial of the 4 th July, "The Model Republic", published in the "Correio Paulistano" of that date. Best Wishes and gretinge."

pecialmente sabonetes, sendo utilisada em graxas, polimentos, lustres de madeiras, preparo de couros, vernizes, encerados e lubrificantes. Por ser muito aseptica e sem gosto, empregam-na no fabrico de emplastros, unguentos, pomadas e pilulas.

A chimica industrial moderna deu-lhe nova e importantissima applicação, maximé por causa da guerra actual. Sabe-se que della se pode extrahir boa quantidade de acido picrico, muito utilisado no preparo de polvoras. Dahi a grande procura desse producto, nos nossos mercados, fomentando a sua maior producção e exportação.

O professor Oliveira Bello explica que, para obter o acido picrico, basta, simplesmente, ser a cêra de carnauba fervida com tres quartas partes de seu peso de acido azotico.

PREÇOS

O valor da carnauba, em confronto com as outras cêras, que apparecem nos mercados, está mais do que comprovado pelo seu preço. Emquanto uma tonelada de cêra de carnauba attingio, ha tempos epoca da procura normal, ao custo de 240$000, a cêra de candalilia não chegou nunca á decima parte dessa quantia.

Com o augmento da procura, os preços da cêra nacional tem crescido muito. Cada vez mais se accentuam as differenças. Em 1904, uma arroba (15 kilos) de cêra valia, no Brasil, 22$000. Em 1912 já estava em 30$000. Custava a mesma arroba, em Fortaleza, no anno de 1913, 38$000 e até um pouco mais.

Presentemente, por causa da guerra, sobretudo, mais ainda têm subido as cotações desse optimo producto, cujas applicações vão sendo, cada dia, mais vastas, mesmo mais necessarias.

O mercado de cêra de carnauba oscilla muito, de accordo com a safra e com a grande procura do momento. As suas cotações não são muito seguras, tem por tendencias a subir. Entretanto, tomando por base informações dignas de fé, prevem-se estabelecer as seguintes medias, de conformidade com os varios typos de cêra, catalogando pelos negociantes do producto: por 15 kilos, Flor, 105$000; 1.ª qualidade 100$000; Mediana, 95$000; 2.ª qualidade, 90$000; Gordurosa, 85$000, e Arenosa, 72$000.

Nos dias que correm, ha até grande falta desse producto no mercado, estando tudo o que existe já vendido para o extrangeiro.

EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR

Procedencia	Quantidade Anno 1917	Quantidade 1.º Semestre 1918	Valor em mil réis papel Anno 1917	Valor em mil réis papel 1.º Semestre 1918
Pará	91.348	174.089	261:200$	865:900$
Maranhão	12.482	9.258	24:189$	34:617$
Ilha	1.091.668	600.470	1.779:703$	1.904:557$
Fortaleza	1.776.792	1.157.498	4.493:780$	6.034:658$
Camocim	4.800	—	15:000$	—
Recife	181.241	305.664	506:019$	1.433:153$
Bahia	210.639	32.645	468:207$	118:240$
Rio	272.481	335.477	770:744$	1.507:102$
Santos	25.255	3.537	99:371$	15:050$
S. Francisco	—	300	—	1:150$
Laguna	1.920	—	3:590$	—
Total	3.668.626	2.618.938	8.421:803$	11.914:427$

Destino	Quantidade Anno 1917	Quantidade 1.º Semestre 1918	Valor em mil réis papel Anno 1917	Valor em mil réis papel 1.º Semestre 1918
Argentina	6.430	—	16:855$	—
Chile	—	300	—	1:150$
Estados Unidos	2.122.519	1.957.965	4.887:939$	9.523:185$
França	130.595	419.249	296:083$	1.632:075$
Grã-Bretanha	1.367.680	225.437	3.077:562$	683:536$
Hespanha	29.790	787	11:252$	4:000$
Italia	6.740	6.970	18:872$	34:716$
Para Grã-Bretanha a ordem	—	6.000	—	30:030$
Portugal	4.845	610	13:164$	1:199$
Uruguay	27	1.620	76$	4:536$
Total	3.668.626	2.618.938	8.421:803$	11.914:427$

67

"Diario de Santos" / 20 / agosto / 1918 / 20

As abelhas de Platão e as formigas de Midas

Contam as lendas antigas que, quando Platão era menino, os deuses annunciaram, por meio dum prodigio, a sua futura eloquencia. Elle dormia, tranquillamente, no seu berço singelo, á sombra dos myrtos do jardim, quando os paes viram um enxame de abelhas, que revoavam em torno delle. Approximaram-se, inquietos, e notaram, com espanto, que, um a um, os industriosos insectos depunham o seu mel nos labios vermelhos do adormecido.

Nesse tempo se acreditava em prodigios. Logo, o casal grego procurou os adivinhos, que meditaram e disseram coisas maravilhosas. Auguraram que uma eloquencia suave, doce e penetrante correria daquella bôcca, mais agradavel que o mel do Hymeto fabricado pelas abelhas doiradas, mais perfumoso que as veigas banhadas de sol, rescendentes a tomilho e a balsamina. Affirmaram mais que os insectos tinham ido colher a sua carga liquida e côr de ambar, nas collinas do Helicon, morada das musas, onde as flôres eram impregnadas da sciencia amavel do ambiente, vindo distillar, assim, o favo do saber na bocca daquelle menino predestinado.

Os paes de Platão recolheram contentes á sua casa e a Hellade, mais tarde, honrou a grandeza moral e o saber do seu filho.

Lendas mais antigas contam um outro prodigio semelhante. Midas, um phrygio, resomnava sobre uma esteira, na casa paterna, quando sua mãe, que fiava o linho alvo, ao canto duma janella, viu, com assombro, uma porção de formigas, guardando, na bocca aberta do pequeno, doirados grãos de trigo. Chamou o marido e foi, em sua companhia, aos sacerdotes do templo mais proximo contar o acontecido.

Os padres pensaram um pouco e responderam que aquelle prodigio era certamente, um signal dos deuses para significar os seus designios. Restava explicar estes. O symbolismo das formigas, carregando e armazenando grãos entre os labios da creança, parecia querer dizer que ella seria, no porvir, muitissimo rica e distribuidora de abundancia ao redor de si.

O tempo provou a veracidade da predicção. Midas foi rei da Phrygia, rei bondoso e liberal. Conseguiu, dando paz e felicidade a todos, ajuntar grandes riquezas. Foi o soberano mais rico de sua epoca. Teve maior numero de vasos e siclos de oiro do que todos os reis, seus visinhos, reunidos. A sua sorte deu seus favores á Phrygia. O povo nadava na abundancia.

Então, grato ás divindades, elle mandou erguer um rico templo no lugar da antiga casa de seus paes. E, justamente no canto onde estava o seu berço, quando do prodigio das formigas, amontoou saccos e mais saccos de moedas de oiro, offerecidas aos deuses protectores.

Lendas prodigiosas e lindas do oriente longinquo e da Grecia admiravel, lendas das abelhas doiradas de Platão e das formigas trabalhadoras de Midas, porque não aconteceis, não vos realisais no nosso querido Brasil, tão carecido de milagres que o salvem das aperturas presentes e dos perigos futuros?

Não sei se os paes de Ruy Barbosa presenciaram algum prodigio no seu berço e calaram-se, prudentemente, por serem outros os tempos e não existirem mais advinhos e augurios. Certo, porem, é que, se algum houve, foi igual ao que fez vaticinar o esplendido destino de Platão. As abelhas devem ter deixado fios de assucar nos labios desse brasileiro gigante, cuja palavra de leite e mel fartamente se tem despejado pela face de sua terra natal, coalhando em lagrimas de ambar e em stalactites de luz.

Ha cincoenta annos o seu verbo illumina os nossos destinos, nos dias alegres cantando o epithalamio da nação em festas, nos dias amargos soluçando o requiem do paiz em luto. Mas sempre ardente e heroico, sem desfallecimento e sem tibieza, cada vez mais deslumbrante, cada vez mais glorioso.

Entretanto, não nos basta só a immensidade dessa palavra rutilante e sonora, para a finalidade de nossos destinos. Carecemos dum varão forte, predestinado, incorruptivel e conscio do seu valor, do valor de sua obra, que nos arranque do despenhadeiro por onde começamos a rolar. Arranque-nos com mão de aço e nos impilla pelo recto caminho da salvação.

E elle tarda demais esse Messias, que o Brasil espera com anciedade. Será elle que nos dará segurança na justiça, fé na administração, certeza nas leis, coragem nas difficuldades, esperança no futuro. Agora que os transes mais augmentam por toda a nação, elle devia vir accumular as riquezas de Midas e espalhar a abundancia em derredor.

Não nos basta que o céu tenha realisado o prodigio grego, offerecendo-nos a intelligencia sem par de Ruy Barbosa. Carecemos do milagre que trouxe as formigas á bocca infantil de Midas. E' de Midas e não dePlatão que precisamos no momento.

Talvez a esta hora, n'um lar humilde de nossa terra vasta, as formigas da lenda estejam carriando para a bocca resomnante do nosso futuro salvador os primeiros grãos de trigo loiro.

Que a Artemisia hellenica e o moço Athys, deus dos phrygios, escutam e exaltem a nossa prece!

JOÃO DO NORTE.

"Fon-Fon" 7 dezembro 1918

GARATUJAS

Claudio França mostrou-me um destes dias no seu elegante gabinete um pequeno quadro do pintor allemão Ziem, que, apezar de boche, é um grande pintor. O quadro figurára numa exposição e tivera medalha de oiro. Trazia numa pequena placa de metal collada á moldura o distico: *Traumbild*.

Figura de sonho! E era mesmo em visão a fragil, loura, encantadora creatura que se alongava duma fonfe á sombra de carvalhos, com a bilha ao hombro, toda aljofrada de gottas, o vestido molhado collando-se ás formas fascinantes.

E eu lembrei-me duma scena da minha adolescencia, que nunca mais esquecerei. Era no sertão escaldante da minha terra, num pôr de sol de inverno. Eu cavalgava por asperas, retorcidas veredas, no sombrio pé duma grande serra. Ia fumando vagarosamente, quando da beira duma grota murmurante surgio uma figura de sonho. Era uma rapariga de desesseis annos, pobremente vestida, toda perolada de gottas luzentes de agua, com um pequeno pote á cabeça, sobre a rovilha dos cabellos negros como a noite que devia vir. A sua mocidade campesina enfeitava-se de todas as graças. A pelle setinosa, morena, tinha qualquer coisa do oriente no brilho da sua tentação. Os olhos escuros e profundos trahiam a volupia duma alma creada ao sol ardente da terra das seccas. O andar era o das mulheres do harem casados ao das ciganas de Sevilha. E seu perfume de fruta e de flôr do matto, de manipuçá e de jytirana, entontecia.

Nunca tinha visto uma mulher mais bella. Fiquei parado na curva do caminho até que ella se sumio adiante, á sombra densa dos joazeiros. Depois, segui pelo sertão afora levando na memoria a rapidez encantadora da sua passagem. E, embora tivesse voltado alli varias vezes, nunca mais a tornei a vêr.

GATAFUNHOS

Discutia-se a morte, as causas da morte e as consequencias da morte, numa roda de rapazes, que fumavam charuto e faziam algazarra por vezes. Uns, catholicos, criam no céu e no inferno. Outros, atheus, acreditavam no nada, o que já é acreditar nalguma coisa. Alguns outros, ledores de Peladan, de Annie Besant e demais autores esotericos, affirmavam a reincarnação das almas. Havia até quem se batesse pela metempsychose.

Um unico não falava e constantemente sorria, quando não fumava ou assoprava o fumo, em volutas lentas, para o alto, para o forro branco do *fumoir*.

E foi este o que, por ultimo, deu sua opinião:

— Não sei a que systema philosophico pertenço; porem sou como Anatole France, na derradeira pagina do «Jardin d'Epicure»: acho que morrer é realisar um acto de incalculavel alcance.

GARATUJAS

A proposito de ter sido baptisada uma creança com o nome de Alberto Wilson da Paz, um vespertino carioca transcreveu uma lista de nomes exquisitos, difficeis, encrencados mesmo, de varios cidadãos brasileiros.

O mais curioso, porém, é que dois terços dos individuos citados como portadores desses appellidos, tão descommunaes que até parecem ignominiosos, são já fallecidos.

Não te parece, o' leitor amigo, que usar um nome desses é carregar urucubaca da miudinha?

Com effeito, tambem nós temos conhecido varios sujeitos chamados de maneira indigna, pretenciosa e carnavalesca, que batem a bota na flôr da idade, salvo quando em tempo mudam o nome. Um baptisado por Quariguazil viveu horas sómente!

Acautelem se, portanto, os portadores de appellidos engraçados ou contundentes com os exemplos ahi apontados e, não sejam tolos, mudem de nome emquanto é tempo.

"Diario de Santos" 4-Setembro-1918

Officiaes-Atiradores

Nenhum paiz do mundo conseguiu ter reservas, para o seu exercito, com mais facilidade do que o Brasil. Os europeus obedecem á lei do serviço obrigatorio, mas passivamente, sem enthusiasmo. Este veio com a guerra. Nós não. Antes do sorteio, já tinhamos, de motu proprio, começado a organisação da reserva do exercito, com a fundação dos Tiros de Guerra, que se multiplicaram, assombrosamente, á face do Brasil.

Essa creação do patriotismo brasileiro não deu logo resultados apreciaveis. Fizeram-lhe uma guerra surda. Abandonaram-n'a nos seus parcos recursos. Difficultaram-lhe tudo. Os Tiros quasi desappareceram. Mas, no fundo da alma nacional, o desejo de preparar-se para bem servir á patria era tão arraigado, que bastou, de uns 2 annos a esta parte, alguns acenos protectores do governo para o rénascimento ainda mais enthusiasta das linhas de atiradores.

Qual será a nação que tem soldados como os nossos atiradores? Elles não custam aos cofres publicos mais do que meia duzia de cartuchos para exercicios de tiro ao alvo, assim mesmo dados de má vontade. Fardam-se á sua custa, alimentam-se á sua custa nos «raids» e formaturas prolongadas, calçam-se á sua custa, pagam mesmo o aluguel do seu quartel e a limpeza do armamento fóra de uso que lhes foi confiado.

Um official que o governo designa para cada linha de Tiro não póde arcar com o peso completo da instrucção. São os proprios sargentos e officiaes atiradores que dirigem as escolas de recrutas, de pelotão e de companhia, ministrando com vantagem os preceitos da ordem unida e da ordem dispersa. Tiros ha tão bem organisados quasi como um batalhão da primeira linha, com as attribuições de seus officiaes inteiramente discriminadas, as responsabilidades bem definidas, os seus superiores e inferiores do dia, o seu ajudante dando conta de suas tarefas, o seu fiscal, os seus commandantes de companhia, os seus fieis de armamento, os seus intendentes, as suas guardas e até punições disciplinares a que os socios se sujeitam na maior resignação militar, como velhos tarimbeiros endurecidos.

A administração da Guerra fornece a cada Tiro sessenta armas descalibradas, modelo 1895, para exercicios, e cinco ou seis perfeitas, modelo 1908, para o serviço do «stand». Muito poucos são, no paiz, as linhas que tenham mais de sessenta armas. Com esse numero restricto têm de se contentar todas, embora possuam, fardados e aptos para a instrucção do conjuncto, mais de quatrocentos homens. Os Tiros, que têm cento e tantas, duzentas e tantas carabinas, obtiveram-nás em outros tempos, por meio de favores especiaes ou de certas e determinadas influencias. De sorte que, num Tiro, não se pode, geralmente, ir alem da instrucção de companhia e ainda assim...

Alem desses fusis, nada mais dá o governo. Até as bandas de musica, de cornetas e de tambores são adquiridas pela sociedade. Em troca de tudo isso, quasi nenhumas são as vantagens offerecidas aos atiradores, verdadeiros soldados por amor á arte.

Qual o paiz, portanto, que possue uma reserva constituida por si mesma, que obtem soldados por um preço tão insignificante?

As praças de pret dos Tiros, após exame e manobras, são consideradas reservistas do exercito de primeira linha. Ainda conseguem isso. Porem os officiaes atiradores, que fizeram exame e durante annos mourejaram na instrucção nocturna e dirigiram completamente a sua tropa, nada absolutamente alcançam. Nem um fio de cadarço preto, que lhes riscava as passadeiras, podem continuar a usar. Tirou-os, cruelmente, o aviso simples e frio dum general.

Veio a lei da officialidade de reserva. Pensaram ser aproveitados. Qual! A mesma fazia exigencias de mais de dois annos de effectividade no posto, numa linha de Tiro, e serviços de manobras ou de guerra. Ora, ha muitos officiaes atiradores que têm esses serviços e não têm mais de dois annos seguidos de effectividade, por se terem afastado algum tempo. Exemplifiquemos: um official atirador obteve o seu posto em 1910, trabalhou, constantemente até 1916, tomando parte em todas as manobras annuaes e servindo, mobilisado, na revolta do João Candido (considerado serviço de guerra); mas, em 1917, por questão particulares, viagens, negocios, etc., largou o Tiro. Voltou em 1918, no fim do anno, para o seu posto. Esse homem não pode ser tenente de reserva, porque lhe faltam os dois annos seguidos que a lei exige para os candidatos, na data de sua promulgação.

Tambem o individuo pode ter esses dois annos. ser excellente official e não haver prestado serviço de guerra ou manobras. Não pode ser official de reserva. A lei, como estes dois casos e mil outros, que seria enfadonho exemplificar, o provam, não attende aos desejos dos officiaes atiradores nem aos seus interesses, porque não é justa. Certamente, é necessario ser exigente, para evitar a guarda-nacionalisação das patentes de reserva. Comtudo deve ser exigente com justiça.

Dessas difficuldades e dum certo descaso que taes medidas traduzem, para com esses officiaes, que trabalharam e se esforçaram pelos seus Tiros, veio o retrahimento dos mesmos em requerer a officialisação dos seus galões. Preferem ficar na situação dubia, indecisa, mesmo um tanto desprestigiada, em que estão e, sem desfallecimento, continuam a trabalharem em pról dessa «reserve a bon marché», que o Brasil, com felicidade, vae conseguindo.

Dê-se amanhã a mobilisação e o governo ver-se-á a braços com a crise de officiaes. Com o effectivo actual, uns quarenta mil homens, temos 150 vagas de segundos-tenentes na infantaria, umas 60 na cavallaria, nenhum segundo tenente no quadro de artilharia onde já ha varios claros de primeiro tenente.

Duplicado o effectivo, onde se irão buscar depois das promoções obrigatorias dos existentes, officiaes para os postos subalternos? Nomear-se-ão alumnos das Escolas Militares, sargentos aproveitaveis. Será pouco ainda. Não será então forçoso e melhor aproveitar os officiaes do Tiró, relativamente preparados, do que os da Guarda Nacional?

O deputado mineiro Waldomiro Magalhães apresentou á Camara um projecto sobre officiaes atiradores. Quando se pensava que vinha facilitar-lhes a obtenção do que merecem, sahiu ás avessas. Veio peiorar. Veio difficultar mais. Seria occasião opportuna para um substitutivo justo, equanimo, que resolvesse a questão. Já é tempo de se fazer justiça aos officiaes atiradores.

Rio, Setembro 1918.

JOÃO DO NORTE.

"Fon-Fon"
23 nov. 1918

GARATUJAS

Eu tinha, apezar de tudo, uma certa admiração pelo Kaiser. Não se espantem: cuidava que fosse mau, mas que fosse um homem. Agora estou certo que não é um homem e que é mau. A minha admiração foi fumo que o vento tangeu, escurraçou, dissolveu no ar.

Eu esperava que o imperador allemão soubesse ser derrotado, soubesse cahir com dignidade ou honra, que, no momento de ver as coisas pretas, fosse para a frente de batalha, assumir o commando do exercito, desse combate á antiga, em campo raso, e morresse guiando a ultima carga de *leib cuirossieren*, cujo uniforme branco gostava tanto de vestir nas festas de gala de Potsdam.

Mas qual! O pobre rei da Prussia anda encolhido e quasi silencioso, pensando em abdicações clandestinas e em fugir, burguezmente, para o *chalet* dum amigo, na Suissa.

Que decepção!

GATAFUNHOS

Com tudo o homem se acostuma e mais depressa do que geralmente se pensa, mesmo com as maiores desgraças. E ai da pobre humanidade se não fosse assim!

A gente de Paris habituou-se de tal modo com o *terrivel* Terror da Revolução, que, dentro de algum tempo não fazia mais caso das execuções diarias e empregava na moda, com elegante indifferença, denominações de arripiar. Assim, é que havia janellas á guilhotina e penteado de senhora á Victima.

A *hespanhola* ceifou-nos meio milhar de pessoas, diariamente, durante uma quinzena. Scenas horrorosas desenrolaram-se no Rio de Janeiro. Pois bem, a alma do povo foi logo se acostumando com a desgraça.

Eu vi gente desoccupada de pé diante da porta dos postos hospitalares, *apreciando o movimento*. Um pedreiro, um preto, disse-me que, diariamente, ia ao Necroterio. Fazer o que? Divertir-se! E ouvi, na minha rua, passar uma negra velha, semi-bebeda, cantando em voz soturna de Gagula africana:

— *A hespanhola!*
Olé! Olá!
O' vai te embora,
Para o Pará!

Não duvido nada que no proximo carnaval surjam ahi nas ruas cordões de hespanholados e cantigas referentes á tristissima crise por que o pobre Rio de Janeiro passou.

Não era possivel a vida sobre a terra sem o esquecimento.

"Correio Paulistano" 20-12-918

DR. GUSTAVO BARROSO

Encontra-se desde hontem nesta capital, tendo-nos honrado com a sua visita, o sr. dr. Gustavo Barroso, que é, tambem, na vida literaria, João do Norte, um dos mais apreciados e distinctos collaboradores do "Correio Paulistano".

O illustre hospede, que é uma das mais fortes organizações de prosadores da actual geração brasileira, regressa hoje para o Rio, devendo seguir por estes dias para a Europa.

O festejado escriptor visitou hontem o sr. presidente do Estado.

Desejamos ao brilhante intellectual uma boa estadia em S. Paulo.

69

"Correio Paulistano"
7. Setembro 1918

O turbante de Drapandi

(João do Norte)

"Nenhuma historia antiga conta que, mesmo em caso de necessidade, um brahmane ou kchatriya tomasse por mulher uma rapariga da classe servil."

("Leis de Manú", livro III, paragrapho 14).

O povindah do rei de Tamrapani deteve o ligeiro e franzino cavallo, com um grito rouco, no alto do morro. Aos seus pés extendia-se Ratnapura, a vasta Planicie dos Rubis. O sol, muito alto, offuscante, dourava a formosa cidade de Cidocanda, cujas bizarras construcções appareciam entre as palmas verdes e os thyrsos floridos dos talipots centenarios. A' sombra das figueiras sagradas, raras cabanas se acolhiam e reinava a maior solidão em toda a paizagem cheia pelo estridulo canto das cigarras.

O correio real demorou o olhar maravilhado no templo de Siva, orgulhoso entre o casario distante, recamado e arabescado de ouro, com a flecha terminando num grande carbunculo, que alumiava no espaço. Depois, deu com os calcanhares no ventre do corredor, soltou novo grito, para incital-o, e desceu a rampa velozmente.

Ao pé da primeira torre de madeira, que fiscalizava o caminho de Sidocanda, repuxou as redeas. O animal parou. Chamou pelo guarda, que dormia a sesta. Um rosto resequido e escuro, envolto em farripas brancas, espreitou por uma lumieira. E logo, ao ver os atavios do cavalleiro, a pelle de tigre real cobrindo a sella, o homem escancarou a porta, ergueu o braço descarnado no ar, respeitosamente o saudou:

— Que Varuna, deus das aguas livres, conduza em paz o correio do nosso rei!

O povindah sorridente perguntou-lhe:

— Onde mora nesta redondeza o valente Vrikodara, kchatriya de meu senhor?

O vigia extendeu a mão aberta para os campos e disse:

— Além daquelle milheiral, á sombra de arvores, junto a um lento regato.

O outro galopou. Adeante, entre sébes de cardos, um pastor sujo e esfarrapado tocava com o nariz a rude frauta de canna. Pediu-lhe novas indicações. Dentro em pouco, parava o cavallo coberto de suor e espuma á porta da casa de Vrikodara, toda construida de tijolos claros e voltada para o nascente.

Atravessou o vestibulo. Um escravo mahratta abriu-lhe uma porta de teba. Viu-se num claro pateo, onde aguas cantavam em bacias de marmore, sob a rama dos arbustos em flôr. De pé, junto a uma columna, o guerreiro do rajah apoia-se no punho do alfange faulhante de pedraria e olhava-o com os seus olhos muito negros e muito tristes. Prosternou-se humildemente. Vrikodara fez-lhe signal de levantar-se e falar. O indu' deu o recado que trazia, empolado e sonoro:

— Grande kchatriya, que a deusa Saravasti, a mais bella das sete irmãs, filha e esposa de Brahma, lance sobre tua face olhos de protecção! O rei nosso senhor, tão forte como Savitri, o Pae do Sol, acaba de declarar guerra ao maharajah de Samudra, o Paiz do Mar. Quer que vás, sem detença, commandar seus heroicos soldados, os veteranos de Adjuma, para que tenham a victoria. Espera-te amanhã cedo, no palacio de Udumbara, que, como Janaidar, a Cidade dos Immortaes, se reflecte na agua pura.

O rosto severo e melancolico do kchatriya, com os seus rasgados olhos, muito negros e muito tristes, ficou impassivel. Um leve rubor tocou-lhe a pelle morena. E elle quieta e lentamente respondeu:

— Vai á cozinha e toma novas forças para a jornada de volta. Daqui a pouco darei a resposta.

O povindah saudou e sahiu. O guerreiro levantou um grosso reposteiro vermelho manchado de flores negras e penetrou num pequeno aposento, todo forrado de cedro cheiroso, onde fofas almofadas e pelludos tapetes se alastravam pelo chão. Em banquetas de ebano incrustadas de marfim repousavam as caçoletas, para queimar o nardo e o aloés. Um vanaphrasta, velho anachoreta das montanhas, ali estava de joelhos, immovel, as mãos abertas no ar. Numa dellas aninhava-se, titilando, um pequeno passaro domesticado. Seus olhos enevoados pela edade fitavam o tecto. Não teve um movimento á entrada do guerreiro.

Vrikodara deixou-se cahir sobre uma almofada perto delle e falou, torcendo as mãos numa mal contida impaciencia, a face crispada pela dôr:

—— Prometti contar-te a minha desgraça e faço-o, esperando uma solução digna, um consolo talvez, da tua bocca sabia, que conversa com os deuses.

Não sei porque, santo homem, Brahma lançou sobre mim a maldição dum amor culpado. Quando havia sacrificios humanos em Anadjapura, sempre costumei trazer um pedaço da victima. Enterrava-o ao pé da lareira, afim de obter do céo colheitas fartas e prosperidade da familia. Sempre venerei minha esposa, a mulher que os brahmas me deram de accôrdo com as velhas leis. Sempre, respeitando os preceitos, offereci aos manes arroz cozido em leite, mel e manteiga, no decimo terceiro dia das luas, quando a sombra dum elephante cai para o oriente, afim de tudo me ser propicio. Nunca esqueci shradiras, oblações, jantares funebres e nunca deixei de usar a cintura ritual da minha casta, — uma corda de arco tecida de fibras de murva.

Fui iniciado por meu pae aos onze annos. Jámais comi olhando o poente, para obter longa vida; mas contemplando o sol, para chegar á gloria.

Entretanto, meu pae, cobriu-me a maldição desse amor criminoso! Porque?

Escondeu a cabeça nas mãos e chorou longamente. O asceta, estatua humana immobilizada pela vontade ferrea, que matava o sentimento em favor do dogma, alheio a todas as dores, alheio a todas as alegrias, superior a todas as sensações, escutava-o impassivel na sua rigida postura. Limpando as lagrimas, o outro continuou:

— Na feira de Nigama, vi-a a primeira vez. Estava ao meio duns sudras, admirando os encantadores de cobras de capello. Vil prazer de servos! Parei e olhei, não as najas, as serpentes empinadas sobre a cauda, mas aquella mulher da casta servil, tão bella, de uma pelle tão quente, tão macia tão capitosa que entontecia de amor...

O velho estremeceu todo, como um velho tronco reseccado. A sua voz lenta e grave, tendo qualquer cousa de inspirada e tumular, interrompeu a confissão:

— Kchatriya, devias ter presente ao espirito a dignidade da tua classe e a austeridade inilludivel da lei. Nunca se viram em Tamrapani, em Madhyadesa, em Brahmavarta, na região do Ganga ou nos valles de Himavet, um guerreiro e uma serva coroados de flores de laranjeira, e nunca se verão!

Houve um silencio afflictivo, a que a immobilidade do velho dava como que maior duração. Ouviam-se as rôlas tatalando no vergel, e o chilrear dum passaro no beiral da casa. Depois, um sôpro forte de vento açoitou os arvoredos e morreu, fazendo arfar pesadamente o reposteiro vermelho. Vrikodara falou:

— Lembrei-me de tudo isso, meu vatsa, mas já não governava o meu coração. Segunda vez a encontrei. Trocava, á porta do meriah da aldeia, o milho das plantações de seu pae pelas conchas porcellanicas de cauri, que servem de moedas aos pobres. Os nossos olhos já se conheciam e os meus obedeciam aos delia!

Eu, que me julgava tão valente como Yudchitra, que obrigou os deuses a receberem com alma o seu cão de caça, tornei-me covarde. Não resisti áquella seducção. Numa clara noite de luar, no mez de Srivana, possui o seu corpo, silenciosamente. A lua prateava a aldeia adormecida. Os perfumes das flores embalsamavam o ar. Os cães ladravam á sombra movediça das arvores. E nós estavamos estreitamente unidos, como si fossemos uma só alma e um corpo só. A felicidade cobria-nos com o seu manto luminoso.

Ao outro dia, veiu-me o arrependimento do crime commettido. Eu estragára as suas esperanças e ella perturbára a minha vida. Deviamos ter um filho e esse innocente, fructo de tanto amor, seria um ugra, ente feroz, cruel e abjecto como todo filho dum kchatriya e duma sudra, destinado á vil profissão de caçador dos animaes que moram em tócas. E nós sempre ficariamos separados! Eram horriveis essas idéas! Davam vontade de morrer.

Um esgar arrepiou a face enrugada do vanaphrasta e a sua voz mysteriosa apontou novamente, o mandado imperioso do dogma:

— Kchatriya, a divina Trimurti creou na sua alta sabedoria as castas, e os opprobrios dos mestiços, para que ellas se não misturassem. A ti não cabe a revolta e sim a submissão.

— Perdão, meu santo! Amámonos muitas vezes ainda. Peccámos ainda muitas vezes. Uma tarde, ella veiu a mim, sob as figueiras, chorando, dizer que já sentia o nosso filho, o nosso infeliz filho. Não se matava, jurou, porque não tinha coragem. Dias depois, antes de minha partida para a guerra de Madiapura, trouxe-me um turbante vermelho. Fôra um fakir de Aryawasta que o déra a seu avô, salvador do santo homem num naufragio. Era magico, affirmou-me. Quem o puzesse á cabeça, ficaria invulneravel. Pediu-me que o usasse nas batalhas, lembrando-me della.

Duvidei de tanta credulidade. Ella cobriu-se com elle e desafiou-me a ferir-a. Ri muito. Mas o seu tom era tão convincente, que tive vontade de experimentar. Mostrava tanta segurança, que não resisti. Ergui o alfange. Ella sorria confiante e serena. Desfechei o golpe... Ai: Vichnú! A cabeça de minha amada cahiu sobre as hervas. O seu lindo corpo ficou um instante de pé, balouçando-se. O', nunca, nunca esquecerei essa scena! O sangue sahia aos borbotões, fumegando. Depois, o corpo tombou de lado, surdamente, para sempre immobilizado!

Sahi do estupor que logo me invadira. A dôr enchia-me a alma abafava-a, suffocava-a. Ajoelhei, levantei nas mãos aquella formosa cabeça, e, ó richi! gritei tres vezes o seu nome fácil, doce, claro e propicio como uma bençam:

"Diario de Santos" 15 setembro 1918

Drapandi! Drapandi! Drapandi!

Os olhos fechados reabriram-se um instante, mas esse olhar macio já não via mais. Fugi horrorizado. Ella não tivera coragem de matar-se e preferira morrer por esta mão, que tanto a acariciara. Por isto, enganou-me, faz-me assassino! Montei a cavallo e, com o seu turbante vermelho, que levei, sobre a cabeça, mil vezes procurei a morte.

Mas, como si a sua virtude mentirosa nascesse daquella morte que praticuei, fui invulneravel. As settas roçavam-me respeitosas, os ferros das lanças afastavam-se por si e as trombas dos elephantes de guerra desviavam-se de mim. Prestei taes serviços ao rajah, que elle acaba de offerecer-me o commando do exercito.

Fala, vanaphrasta, diz o que devo fazer para acabar com a minha dôr e para redimir os meus crimes!

O ancião poz-se rapidamente de pé. Os braços abaixaram-se e collaram-se ao corpo magro, abrindo para fóra, como si apregoassem desinteresse as mãos pallidas e seccas. Falou, com voz amarga e demorada:

— Ouve, guerreiro! E's tres vezes culpado e a sudra mesquinha que mataste valia mais do que vales. Ella teve a nobre coragem do sacrificio. Tu ainda amas a vida que tanto manchaste. Deves ser punido. Escolhe entre o castigo por tua propria mão e as longas torturas infernaes do Yama, que precederão á comprida gestação de tua alma por corpos de animaes vis e abjectos, a começar pelo porco e a acabar por muitos peores que o porco. O castigo é a lei energica e poderosa que mantém a ordem no mundo. E' divino. Vai para a guerra. Serve bem o teu rei. Procura a morte. A lei diz: "O homem nasce só, vive só, morre só e recebe só a punição de seus crimes. Depois de abandonarem seu cadaver á terra, como um pedaço de pau ou um bolão de barro, os parentes afastam-se, voltando a cabeça; mas a virtude acompanha sua alma." Vai, kchatriya! Serve teu rei, serve teu povo, recupera com teus feitos a virtude que perdeste. Morre, castigando-te, e ella te acompanhará no grande jornada do além.

Disse e sahiu, solenne e erecto, silenciosamente pizando as lages do claro pateo, onde cantavam aguas. Sob uma arcada, o correio esperava. O kchatriya ergueu o repostei-ro, chamou-o e ordenou-lhe:

— Volta ao rajah e dize-lhe que Vrikodara amanhã irá beijar os seus pés. Vai!

Dois mezes mais tarde, á hora do pôr do sol, travava-se, numa praia de Tamrapani, o ultimo combate entre as tropas da ilha e os invasores de Samudra, que tinham sido vagarosa e difficilmente repellidos. Protegidos pelos frecheiros, os cavalleiros e peões embarcavam, apressados, nos seus navios ligeiros. Os elephantes de Vrikodara davam a ultima carga, cerrados, uivando, com as trombas direitas no ar. Os cornacas erguiam os cutellos rebrilhantes, soltando brados de incitamento. Os archeiros, debruçados nas torres, apontavam as settas. Em torno, remoinhava a infantaria, empinavam-se, nitrindo, os cavallos de guerra.

Quando os derradeiros invasores partiam nos seus barcos velozes, do alto de um elephante branco, coberto com o amplo guarda-sol real enfeitado de guizos, que patinhava na espuma das ondas, cahiu, frechado no coração, o grande Vrikodara, baladhyaksha, ou general do rei de Tamrapani.

Os soldados malabares que o cercavam de longe contaram que, de bordo de um navio de Samudra, partira a frecha assassina. Porém, o cornaca affirmou tel-o visto enfiar no corpo, com a propria mão, o ferro que o matou. O certo é que os seus dedos de cadaver famintamente apertavam sobre o coração um turbante de panno escarlate.

Folha do Norte

71

Batalhões de meninos

Quasi diariamente, toques de corneta e rufos de tambôres despertam a attenção do publico, na Avenida Rio Branco. Logo, os meios-fios dos passeios se enchem de gente curiosa, suspende-se o transito dos automoveis e um batalhão de meninos, de branco ou de kaki, desfila em columna de esquadras.

Não ha instructor de estabelecimento de ensino, actualmente, que não obrigue seus commandados a um desses passeios, uma vez por semana, ao longo da arteria central da cidade, em cinematographica revista de mostra. Hoje, passa o Collegio Santo Alberto; amanhã, o Santo Ignacio; depois, o Luso-Brasileiro; na quinta-feira, o Paula Freitas; na sexta, a Escola de Menores; no sabbado, o Pio Americano; no domingo, o Santa Rosa, de Nictheroy. E dias ha em que passam até dois ou tres. E' um nunca acabar.

Todos esses batalhões collegiaes têm uniformes imittando, na fórma, os do exercito, com pantalonas compridas, tunicas e gorro americano, o que é proprio para homens e fica ridiculo em creanças, especialmente nas menores de seis annos, que eu, horrorisado, tenho visto formadas, marchando sobre o asphalto aquecido! Têm officiaes em galões de cadarço preto ao hombro, desde coroneis até segundos-tenentes, numa copia descabida do tradicional Collegio Militar. E têm bandeira!

Ora, penso que todas estas cousas são bastante sérias, especialmente as ultimas, para serem assim prodigalisadas aos meninos dos collegios. Isto absolutamente não quer dizer que eu seja contrario á instrucção militar nos collegios e outros estabelecimentos de ensino. Quem como eu, em livros, em jornaes, em conferencias, na tribuna do parlamento e no seio da sua commissão de marinha e guerra, bem como, praticamente, na acção das linhas de tiro, se tem esforçado pela bôa militarisação da patria, deve estar ao abrigo dessa suspeita.

Pelo contrario, sou muito e muito a favor da educação militar dos meninos, que serão os soldados futuros e quanto mais cêdo se iniciarem melhor. Mas quero que sejam educados com efficiencia: aprendam a aguentar intemperies, a acertar tiros, a se conduzirem em momentos difficeis, a gymnastica applicada em objectivos praticos. Porque nada lhes adianta uma fardeta de Judas de aldeia e o conhecimento do manejo da arma, de quatro ou cinco evoluções em conjuncto, para exhibições semanaes na Avenida.

A direcção da Guerra impede a quaesquer corporações o uso dos uniformes do exercito e, com um injusto rigor, arrancou uns magros galões pretos, que usavam os officiaes-atiradores, homens que commandam homens. Entretanto, deixa se pavonear pela rua quanto frangote de quinze annos se farda de kaki num collegio de tito-tico e põe, nas passadeiras, seis galões identicos. Neste caso concreto, que aponto, o governo devia tomar providencias e impedir o uso desses ridiculos uniformes pelos alumnos dos estabelecimentos particulares. Existe ahi um delles, cujos rapazes têm, na gola vermelha e na fita da mesma côr do boné, ambas de velludo, bordados a ouro de general! Era o caso do sr. ministro da Guerra determinar, em aviso, que os collegios sómente poderiam usar o fardamento de **boy-scout**. Essa roupa, anglicanamente singela e pratica, nos escoteiros, batedores ou escolares, como quer que lhe traduzam a mundial designação, é a unica que compete ás creancas e aos rapazelhos. Cada collegio, então, estabeleceria o seu distinctivo.

Outra questão séria é a da bandeira. Outróra se tocava, no Brasil, o hymno nacional em todas as occasiões: num baptisado, num baile official, á passagem do presidente da Republica, nas festas de igreja, nas orchestras ambulantes de cégos, nos realejos e até no carnaval. Houve uma alma caridosa que mostrou á nação que o seu hymno era um symbolo da sua alma como a bandeira era o symbolo da sua personalidade social, natural e juridico-internacional. Ahi o governo resolveu prohibir que continuasse o desrespeito ao hymno e permittil-o sómente nas occasiões solemnes, officiaes ou verdadeiramente nacionaes.

O mesmo é preciso fazer quanto á bandeira. No Brasil, todos se acham com o direito de andar com ella pela rua. Paciencia! Não deve e não póde ser assim. Muitas unidades do exercito já a possuem por abuso. Eu não comprehendo que uma simples companhia de cacadores possa ter uma bandeira. Em nação alguma do mundo,—desafio que me apontem um exemplo,—, as companhias isoladas de qualquer arma possuem bandeira. Os nossos regimentos têm uma collecção de bandeiras: tres cada um! Onde se viu isto? Dirão: os regimentos são compostos por tres batalhões e cada batalhão leva a sua bandeira. E' um erro, é, simples e unicamente, um erro. Na Allemanha, na Austria, na Inglaterra, na Italia, na França, na Hespanha, os regimentos são compostos por tres,

quatro, cinco batalhões e cada regimento só tem uma bandeira. Está é a signa do regimento. Não é a do batalhão. Tanto assim que esses, nas tropas de Foch, têm, para se distinguir, um **guidon**, um guião, com emblema, levado no fusil dum sargento da primeira companhia.

Ademais, é um velho costume militar só conferir o symbolo augusto da patria á tropa que já tenha provado poder defendel-o. A posse dessa bandeira já deve ser um galardão. Desde Roma, que esse habito se tornou lei. As legiões novamente creadas não tinham o direito de conduzir aguia e vexillo. Depois de experimentadas na batalha e citadas pelo **imperador** como se tendo distinguido, eram-lhes dados os emblemas. Poderiamos, atravez da historia, ajuntar algumas centenas de exemplos. Não é necessario. Basta lembrar que a Escola Polythecnica de Paris, que é militar, fórma officiaes de engenharia e artilharia, e existe ha mais de um seculo, unicamente obteve o direito de usar bandeira em 1900, fazem dezoito annos! A brigada heroica dos **diables-bleus,** dos celebres caçadores alpinos, comprehendendo batalhões de aliás um tanto de recente organisação, ebtalhões montanhezes mais antigos porém de legira mobilisação, nunca possuiu bandeira. Esta foi dada pelo generalissimo Joffre, como recompensa, depois do Marne.

A bandeira é uma cousa mais séria de que geralmente se pensa e o seu culto no Brasil ainda é recente. Data de bem pouco tempo a consagração de seu dia official, a creação de seu hymno e esse publico tributo de respeito: tirar-lhe o chapéo. Dahi a facilidade com que se distribuem bandeiras a torto e a direito.

Acho que mesmo as linhas de Tiro deveriam, para poderem ter bandeira, pedir licença ao ministro da Guerra, que a concederia em vista do numero de atiradores e de outras qualidades de sociedade. Porque, no interior, linhas de Tiro ha semelhantes a essas caixas de soldadinhos de chumbo para creanças: um tambor, um corneta, um official a cavallo, um porta-bandeira e tres soldados...

Pois bem, todos os batalhões collegiaes carregam bandeira, mesmo os que formam com quatro esquadras sem cabos cobertos, isto é, trinta e seis homens! E' necessario para bem do paiz e desses meninos, transformar os batalhões e companhias escolares em **boys-scouts** ageis, decentemente uniformisados e sem essas patacoadas de batalhões «que fazem» a Avenida.

Se não se tomarem taes providencias, receio que um destes sabbados, o Manéco, espevitado filho do meu visinho, leve a dar uma espalhafatosa volta pela Rio Branco, o seu lusido batalhão de oito moleques, armados de páus de vassoura, com bicornios de jornal á cabeça e tambores de latas de kerozene.....

Rio, Setembro, 1918.

João do Norte

"Correio Paulistano"
17 Setembro 1918

AS FADAS

João do Norte

Além dos desertos da Parthia, entre a Gedrosia, a Drangiania e os altos montes Paropamisios, ficava o paiz de Iran, o planalto da Arya, de onde as grandes migrações se espalharam á face do mundo. Umas desceram, pela praia dos Ichthyophagos, para a India scythica e para o valle do Ganges. Outras se espalharam na Pueiana, na Potamia, na Asia Menor. E ainda outras, pela Grecia, pela Thracia, pela Pannonia, pela Germania, pela Etruria, avassallaram a Europa inteira.

Povo eminentemente civilizavel e civilizador, trazia, nos seus carros de toldos de couro, no seio das suas rudes familias, os germens das religiões, das linguas e das civilizações do futuro. Dahi as analogias, as approximações que, da terra dos Vedas ao paiz dos Germanos, do occidente europeu ao oriente asiatico, ligam a alma dos povos que parecem mais diversos e mais afastados.

Foi na concepção religiosa dos aryas que surgiu o culto das fadas, encanto de cem épocas, diversão de cem gerações de homens e de mil gerações de crianças. Sob as tendas aryanas, ellas nasceram na religião primitiva das divindades sylvestres. Depois, partiram com as levas de emigrantes do planalto central e foram morar, baptizadas com varios nomes, no seio dos povos que os varios habitats escolhidos lentamente formaram.

Nenhuma crença é mais antiga e nenhuma mais encantadora. O poder sobrenatural dessas criaturas deu uma suave esperança aos que já não tinham mais remedio para suas dôres. Talvez apparecesse uma fada propicia nos ultimos momentos do desespero, que, com a vara de condão, tudo salvasse. Eram mesmo tão raras as fadas ruins! Nos banquetes dos reis que baptisavam as filhas, emquanto cincoenta boas fadas a dotavam de grandes bens, uma unica lhe prognosticava o mal. Hoje, os meninos riem, na sua incredulidade atavica, desses bons contos de outróra; mas houve tempo em que nelles piamente acreditaram os homens feitos.

Deusas sylvestres dos aryas transformaram-se nas peris luminosas da Persia e foram, na Grecia, as nymphas tutelares das fontes e dos bosques sagrados, morando nos carvalhos de Zeus como as Lamadryadas. Na Gallia, a veneração popular confundiu-as com as sacerdotizas druidicas, que erravam, com uma foice de ouro na mão, pelas azinhagas sombrias. Os latinos casaram-nas com os faunos. Eram as fatuas ou as faunas. E dellas Procopio tirou as suas fatatas, cujo nome os cyclos das canções de gesta e os romances de cavallaria mais tarde haviam de perpetuar.

Pouco e pouco perderam os seus attributos iniciaes e transformaram-se ao sabor dos povos e dos ambientes em entes de natureza sobrenatural, que intervinham na vida dos homens, ora benefica, ora maleficamente. Os moscovitas das steppes sem fim appellidaram-nas duergares. Os flamengos amedrontavam-se deante de seu vulto — propheta de males sem conta — e chamaram-nas **white wroukins,** damas brancas. Os caçadores escandinavos denominaram-nas nokkas e diziam ouvir, nos pinheiraes escuros, a sua musica nocturna, acompanhada do uivo estridente dos lobos.

Morto o paganismo, morto mesmo o velho Pan, que tanto custou a morrer, as fadas continuaram a sua vida. Aqui, os seus attributos eram os de prophetizas, de adivinhas, accórdes com os romanos que as tinham chamado fatas, de fatum, destino. Ali, habitavam as selvas, como as nymphas desapparecidas e as faunas enterradas no esquecimento. Acolá, se misturavam á lembrança ainda viva de Diana, casta e caçadora. Assim, Holda percorria as densas florestas da Thuringia, rodeada de sua matilha ululante, como a deusa que fizéra morrer Actéon sob o dente cruel dos cães da Molossia. Mas Holda era incapaz de matar alguem. Seus olhos verdes faziam crescer as searas e sua bocca côr de sangue só se abria para dar boa sorte.

Recordemos as fadas creadas pelo crente, fervoroso, original e ingenuo espirito da Edade Média. A mais bella e a mais famosa de todas foi Melusina, seio de neve, collo de garça real, corpo loção de estatua classica. Era filha de Elinas, grande rei imaginario da Albania, e vivia nas grutas dos bosques. Todos os sabbados, triste fadario! Tornava-se serpente da cintura para baixo. O conde Raymundo della se enamorou e com ella casou. Porém, curioso de saber que fim levava a esposa nos sabbados, apesar de seus constantes pedidos para que moderasse a curiosidade por alguns annos, procurou surprehendel-a. E conseguiu. Desculpemos o conde [illegible] desculpemol-o como a propria Melusina o desculpou. Viu-a nesse horrivel estado de semi-cobra. Ella soltou um grito e evaporou-se. Raymondino morreu de saudade.

Esta fabula mostra bem quanto é antiga e grande a curiosidade do homem, o animal que mais tem condemnado a curiosidade da mulher...

Melusina, muito boa e generosa, tomou a peito proteger a familia do conde e data dessa resolução a copia de felicidades que sempre cobriu a familia nobre dos Lusignans. Tambem elles lhe deram o pago.

(grandes)

72

Fizeram-na entrar na heraldica franceza, o que é uma cousa séria. A figura da fada tornou-se o timbre do brazão de ouro e goles da raça de Lusignan.

Outra fada egualmente conseguiu nomeada nos annaes nobiliarchicos e foi inscripta nos pergaminhos bullados do rei de armas da Torre de Londres: a excellente Blanschee, protectora da raça anglo-normanda de Fitz-Gerald e timbre do escudo dessa familia.

Mais feliz que Melusina foi a fada Gentil. Emquanto a outra todas as semanas tinha de se ver serpente durante horas, ella só se transformava nesse reptil de cem em cem annos.

O grande cyclo da Tavola Redonda está cheio da fama de Morgana e de Viviana, duas damas da cruz vermelha daquella éra de espadas nuas e choques brutaes de cavalleiros. Morgana curou as feridas do celebre rei Arthur e de **Ogier le Danois**, o Urgel de Danôa dos nossos classicos. Viviana apprendera com Merlin o Encantador a tratar com simples e hervas aromaticas os ferimentos do braço; e foi ella quem raptou do seu castello e educou Lancelote do Lago.

Com essas duas, andava de parceria a poderosa Urgela, que, muitos seculos mais tarde, Victor Hugo haveria de cantar em versos sonoros.

Adão o Corcunda, o Lope de Vega medieval, eternizou nos seus mysterios Assilia e Glorianda, que, nos ultimos actos, como dois anjos do Senhor, surgiam para punir os maus e recompensar os bons. Ha uma outra fada que o mesmo corcunda glorifica. E' a encantadora Morgne. Mas Alfredo Maury no seu bello livro "Les feés au Moyen Age" prohibe-me de a ella referir-me, affirmando que é a mesma Morgana dos poemas bretões ás vezes intitulada Morgante e Morgiana.

Os grandes escriptores do inicio dos tempos modernos não desprezaram as fadas. Ariosto trata dellas no "Orlando Furioso" como Tasso o faz na "Jerusalém Libertada", e Shakespeare, no "Sonho duma noite de verão", ao lado de Oberon, que é o germano Auberich, rei dos Kobolds, põe a maldosa Titania, rainha das fadas.

Os contos orientaes atravessaram os seculos medievos quasi sem modificações e vieram ter ás mãos inconscientes de Perrault, que os reuniu para as crianças, mal sabendo ia prestar assignalado serviço aos velhos sabios da Allemanha e França e inspirar uma das melhores paginas de Gastão Paris. Nelles existem tantas fadas quantas nos estudos minuciosamente tudescos de Wolff e de Schreiber, cada uma com o seu nome suave e delicioso, menos Cancalina, que era má, e, além de má, estupida.

A fada dos Lilazes levára Pelle de Burro á pia baptismal, e Tulipa era familiar das alcôvas das rainhas. Susio protegia a princeza Truitona, como Merlucha, madrinha da princeza Fina, ajudava aos expedientes de sua afilhada. E Candida andava vestida de branco com uma corôa de rosas brancas e a sua vara de condão toda branca.

Mais modernamente, Hegesippe Moreau lembrou Angelina, a delicada fada das Lagrimas, consoladora dos afflictos, que, disfarçada em Blanchette, uma ratinha branca, fazia companhia ao duque de Nemours engaiolado por Luix XI. Os corsos recordam as maravilhas da fada Ortoli. Carlos Nodier fez uma bella pagina sobre a honesta fada das Migalhas. E, por fim, o genio de Wagner poz numa de suas musicas o genio mesmo das fadas.

Mas nem musica, nem literatura, nem poesia, nem pintura ou esculptura resuscitarão jamais as fadas mortas de velhice e do cançaço dessa grande viagem do Iran, de Aryawarta, á civilização mediterranea e occidental. Hoje sómente raros meninos crêem nas fadas. Mas, porque é tão doce e sensivel essa crença, desejariamos ser meninos e ouvir da vida das fadas, pelos labios da ama, na paz familiar, quando a noite desce e o somno pesa nas palpebras só aos seis annos vivas e ainda não cançadas de olhar as maldades do mundo, que não sabem ver.

João do NORTE

"Fon-Fon" 28-Set°-1918

GATAFUNHOS

Sahiamos do cemiterio de S. João Baptista, conversando, eu e o meu amigo Claudio França. Era quasi noite. Raros lampeões electricos luziam entre as folhagens densas dos cyprestes e as palmas ralas das casuarinas. As linhas de tumulos brancos, esguios, alongavam-se perdendo-se á distancia, no escuro. Numa alameda passava um coveiro com o seu facho acceso numa das mãos e puxando com a outra uma pequena carreta, cujas rodas davam um ruido surdo e sinistro sobre o macadam.

Duas pessoas, envoltas nos sobretudos negros, regressavam do acompanhamento dum feretro. Cahia uma poeirada de neblina. Eu e Claudio commentavamos os epitaphios lidos na ida, quando ainda havia luz do sol, quasi todos banaes, insipidos, communs e duma semelhança constante.

O meu amigo opinou:

— O tumulo é a ultima prova da soberba. O cemiterio um resto do orgulho dos vivos. Para que esses sepulchros brancos, caiados, semelhando os phariseus, com quem Christo os compara e cheios de podridão?

— Prefiro a cremação ao apodrecimento vagaroso no chão humido — disse eu.

— Sim. As cinzas são mais decentes que o esqueleto. Não tomam logar. Cabem numa urna. Ao cemiterio é preferivel o *columbarium* romano, com os seus ovulos cheios de urnas de marmore, o que livrava do perigo dos epitaphios. Eu tenho horror aos epitaphios. Permittam os deuses que sobre o meu tumulo mão piedosa escreva sómente isto: *Claudius vivis!*

"Correio Paulistano" 22 Setembro 1918

IMPERIALISMO INGLEZ

João do Norte

Um dos elementos fortes, com que contava a Allemanha, para a victoria completa da terrivel guerra que desencadeou, era a desaggregação do grande imperio colonial inglez. Ella esperava que, aos primeiros revezes das tropas alliadas, aos primeiros recúos dos francezes e dos britannicos, a India, a Australia, a Nova Zelandia, a **Africa do Sul** e o Canadá se revoltariam e sacudiriam o jugo de Albion, si é que é jugo a sabia orientação governamental do povo que, quando a Europa se debatia na escuridão medieval, pelo orgam poderoso de seus barões impunha a João Sem Terra a sancção da Magna Carta.

Deu-se justamente o contrario. Todas as colonias correram em soccorro da metropole, unidas e contentes no sacrificio pela causa commum. As tropas canadenses, australianas, zelandezas, indús e africanas têm prestado os maiores serviços possiveis. Os governos quasi independentes dessas regiões, agindo na ampla esphera de sua autonomia, têm provado nas suas medidas seguras, coherentes e patrioticas a união de vistas do immenso imperio inglez. Não é sómente nas bandeiras que as listas gloriosas da "Union Jack" palpitam: ellas vivem no coração, na alma desses povos que, á sombra das instituições da Grã Bretanha, têm alcançado a felicidade nacional. A cruz de Santo André sobre a cruz de S. Jorge não une só Inglaterra e Escocia, mas sim todo o mundo colonial que as suas navegações, as suas conquistas, a sua expansão formidavel, a sua tenacidade mais formidavel ainda, têm conseguido organizar.

E, por fim, accorreu ao campo de carnagem, brandindo a sua espada luminosa, a terra de Wilson, colonia tornada independente, maior, mais rica, mais populosa, mais forte talvez que a mãe patria. O mundo viu, novamente, Carthago equipando suas frotas para soccorrer Tyro ameaçada. A unica differença é que o soccorro de Carthago não poude chegar a tempo de salvar a metropole das mãos de Alexandre e o esforço americano salvará o mundo da hegemonia do junkerismo prussiano.

Mas porque essa dedicação, essa união de vistas, essa cohesão de sentimento, esse bafejo duma mesma patria sobre raças tão differentes, fazendo ondular nos ares a mesma bandeira, alimentando a mesma crença e os mesmos ideaes?

Porque o imperialismo inglez é uma cousa muito differente daquillo que se pinta e que muita gente imagina. Esta falsa opinião está consubstanciada nuns periodos ardentes de Victor Hugo. O grande genio francez diz, na conclusão dos tres volumes do "Rhim", que o espirito inglez é o renascimento do espirito punico. A alma da Inglaterra é a alma de Carthago. Esse espirito é o de navegação e aventura, mercancia e lucro, egoismo e avidez.

Não, em que pese ao grande scismador de Jersey, o espirito punico mesmo não é somente isso e o espirito do imperialismo inglez não é, absolutamente, o espirito do imperialismo carthaginez. Ha differenças essenciaes. Carthago, como a Hollanda, aliás, tem feito em Java e Sumatra, estabelecia feitorias e sacava do paiz dominado todos os proveitos possiveis sem lhe dar uma

gôtta do seu progresso estonteante. Mesmo, apesar disso, quando fundava uma colonia verdadeira, elevava-a á categoria de sua rival. Assim o fez em Carthagena, em Cadis e em Sagundo.

O fino espirito de lord Rosebery, politico doublé de literato, define no seu maravilhoso livro "A ultima phrase de Napoleão" o imperialismo inglez como o producto natural das circumstancias historicas, do caracter dum povo, da liberalidade de suas leis, que não causa males e até hoje só tem servido para o bem da humanidade. Com effeito, nunca a Inglaterra se empenhou numa guerra continental sinão para abater a violencia dum ambicioso que arrasta uma nação para o dominio universal, como Napoleão, que era, não obstante, immenso, e contra o kaiser, que o militarismo erigiu em figura de prôa dos seus desmandos. Esse imperialismo phenomeno natural, produzido á sua hora propria sem o forceps militar ou mercantil, é que é o imperialismo inglez, segundo o brilhante successor de lord Gladstone.

Ruskin, numa das paginas sumptuosas da "The Bible of Amiens", fez umas tantas ironias contra a politica colonial ingleza, dizendo o seguinte: "Elle (o sr. Edward Creasey) não se dá, nem aos seus leitores, o trabalho de indagar quanto tempo as nações sujeitas pelo povo livre que somos e de cujo opprobrio é feita a nossa gloria poderão continuar satisfeitas desse arranjo do globo terrestre e de seus interesses".

Não teve razão o velho Ruskin em gravar este periodo. Agora se está escrevendo a resposta das colonias, desses povos, de cujo opprobrio fala. Todos, sem excepção, sem um movimento de revolta sem um gesto de recusa, estão correndo, de armas em punho, á defesa da velha metropole gloriosa, da thalassocracia britannica, que deu ao mundo uma longa paz como a de Athenas deu longa paz á Grecia inteira. E' verdade que, depois, veiu a lucta sem treguas do Peloponeso e, actualmente, a horrivel guerra mundial. Mas isto é o destino dos homens e dos povos.

O duro imperialismo da Mittel Europe não póde apregoar taes resultados. Pelo contrario, muito pelo contrario. Os povos jungidos á Austria e á Prussia anceiam por sacudir o jugo pesado. Apesar da mão de ferro militar que os asphyxia, estremecem revoltados. E já tcheques-slovacos, romaicos da Transylvania, italianos das Irredentas, polacos do lado austriaco ou prussiano se agitam.

E' proprio do systema politico e social inglez desmentir aphorismos e opiniões antigas e acatadas, desmentil-as com exemplos praticos, com resultados palpaveis, com provas concretas, inilludiveis. Thucydide, que é um dos mais claros espiritos de historiador que eu conheço, inicia o paragrapho XXXVII do seu livro III com este preceito: "Tenho muitas vezes e em muitas circumstancias reconhecido que a democracia não convém a uma nação que impere sobre outras."

E' falso, eminentemente falso o conceito. Nenhuma nação tem imperado melhor e mais tempo sobre as mais vastas e as mais ricas regiões do mundo do que a Grã Bretanha. Entretanto, nenhuma mais profundamente, mais historicamente, mais socialmente, mais completamente democratica do que ella, embora as formulas, simplesmente protocollares da côrte, que de nenhum modo actuam sobre a direcção dos negocios publicos.

Um dos mais subtis e adeptos dos classicos latinos, Velleius Paterculus, historiando a grandeza de Roma, diz que a lei mais perniciosa das promulgadas por Caio Graccho foi a que consentia no estabelecimento de colonias romanas fóra da Italia. Está visto que se referia a colonias, no sentido dos gregos, para o povoamento e aproveitamento de territorios novos, não ás numerosas colonias militares espalhadas, serenas dentro dos seus castros, da foz do Tejo ás margens do Ponto, entre os scythas, lá onde Ovidio foi desterrado e morreu.

Paterculus apontava os exemplos de Marselha, fundada pelos phocios, de Carthago, pelos tyrianos, de Syracusa, pelos corinthios, de Byzancio e Cyzico, pelos milesios, tornadas todas mais importantes, ricas e poderosas que suas metropoles, velhas cidades cheias de tradição, de gloria e de grandeza: Phocéa, Tyro, Corintho e Mileto. Essa licção da historia atemorizava Roma, que não queria ser sobrepujada.

O Reino Unido desmantelou este conceito. Creou, produziu, estabeleceu, engrandeceu meia duzia de colonias, que, ao influxo de sua lingua, de sua raça, de seu progresso, de sua arte e de sua sciencia, ahi estão formando uma immensa confederação industriosa e forte, apta a resistir ao embate de qualquer força que queira perturbar a marcha da civilização e á qual se uniu a colonia mais velha, já livre de todos os compromissos, independente e maior que a metropole. O medo romano não se acclimou na Grã-Bretanha. Por isso, Roma derruida pelos barbaros não deixou successor e a Inglaterra assistirá á derrota dos barbaros como tem assistido, encanecida, mas viril sempre, ao crescimento fabuloso dos seus filhos.

O imperialismo inglez, phenomeno sociologico, produzido no seu momento preciso por uma nação apta a todas as luctas da intelligencia e da força, tão bem explicado por lord Roseberry, foi o nucleo em torno do qual se reuniram as nações, tremulas de espanto ante o arremeço teutonico, para a resistencia que lhes havia de trazer, com o tempo, a victoria. Só por esse grande serviço á causa da humanidade, si revivessem hoje, Ruskin e Victor Hugo modificariam as suas opiniões.

João do Norte

"Diario de Santos" 26-Set.º 1918

A furia franceza

Depois que os francezes deram em passar os Alpes e cahir, de armas brancas em punho, nas ridentes planicies da Italia, os poetas e os escriptores da peninsula, que Dante chamava **hospedaria da dôr,** espalharam pelo mundo a fama da **furia francese**. Com effeito, os tudescos dos imperadores Gibelinos, os condottieri dos soberanos guelfos, os suissos mercenarios dos duques de Milão, a guarda do Papa, os proprios hespanhóes, ninguem resistia ao primeiro impeto, nas cargas, dessa infantaria ligeira e formidavel.

Assim foi com Carlos III, com Luiz XII e com Francisco I até Marignan. No decorrer dos seculos, esse prestigio cresceu. Cimentaram-n'o, na guerra dos trinta annos, os piques victoriosos de Rocoy e de Nordlingen. Tornaram a lembral-o as bayonetas vencedoras de Fontenoy, na guerra dos sete annos. Então, com a Revolução e a epopéa incrivel de Napoleão, a furia franceza elevou-se a alturas jamais igualadas. Essa infantaria maravilhosa passeou pelo mundo o seu triumpho, desde Valmy, onde vencera os veteranos da Prussia, até ás Pyramides, onde derrotára a melhor cavallaria do universo — os mamelucos. Batera os cossacos e entrára em Moscou. Exterminára os miqueletes celebrisados por Victor Hugo e penetrára em Saragoça. Conquistára Lisboa e Berna Vienna e Berlim, Bruxellas e Haya, Roma e Varsovia. Afinal na triste planicie da Waterloo morrêra sem se render.

E é ainda mais velha a tradição do valor assombroso dessa infantaria ardente e malleavel, que carrega como levada num turbilhão, ébria e céga, doente dessa doença gloriosa que o italiano tão bem appellidou furia francese. Cesar experimentou-a varias vezes e Strabão registou-a no capitulo IV do seu livro I, quando diz que os gaulezes eram loucos pela guerra, e na guerra tumultuarios, ardentes e duma franqueza brutal.

Esses seus caracteristicos produziram a sua leve e terrivel infantaria, dura no resistir e verdadeira columna de fogo na

investida, levando a bocca dos fusis, essa arma tão franceza que até na França nasceu — a bayoneta originada em Bayona.

Vieram-me á memoria essas considerações inexpressivas e sem valor, ao lêr uns commentarios estrategicos e tacticos aos ultimos combates na linha de Hindenburg. Feitos por um homem de responsabilidade e de nome firmado na historia militar deste arduo periodo que atravessamos, não podia deixar de impressionar-me e de calar no meu espirito. O general Maletefre, que é o commentador, descreve de minuciosa maneira o papel da infantaria nas batalhas modernas e termina por affirmar com firmeza que é ella, unicamente ella a propria alma da victoria.

Nunca uma arma teve tão grande consagração. Durante seculos de historia, a cavallaria foi a rainha da guerra e nunca ninguem disse tanto della, nem mesmo os que a amavam mais do que a propria vida e morreram carregando, na vertigem do galope e do brandir luminoso de sabres e lanças, á frente dos esquadrões vencedores.

Manes de Montluc, alevantai-vos do tumulo e vinde vêr com os vossos olhos de velho soldado o destino glorioso da arma dos villões, do populacho e da poltroneria! Velho general das guerras antigas, miniaturas desta em que, num unico combate, morre mais gente do que numa dellas de principio a fim, recolheria á sepultura envolto na mais sombria tristeza. Era elle que lamentava a invenção das armas de fogo, porque faziam o melhor e o mais valente cavalleiro ficar á mercê do mais poltrão dos infantes...

E hoje, com canhões que arrazam cidades, aeroplanos e dirigiveis, gazes asphixiantes, tanks, morteiros de trincheira, e quanta mortifera invenção o cerebro humano tem produzido, é ainda a infantaria quem decide a sorte da luta. Emquanto a vaga do assalto não sáe de seu abrigo, precipita-se sobre a linha adversa, rompe obstaculos e cáe de bayoneta calada sobre os «boches» que erguem as mãos na supplica angustiosa do **Pas Caput Kamerade!** a victoria não está ganha. De sorte que é a essa infantaria enlameada, paciente e silenciosa, aquiétada horas seguidas sob a calma fustigante de gazes e de metralha, no fundo escuro dos «boyaux», atirada depois num jacto para o viso dos comoros e para as esplanadas varridas de obuzes, com o seu cordão de bayonetas alluminando ao sol, que a humanidade deverá um dia ser libertada do perigo de cahir ás mãos duma nação que enlouqueceu.

Sendo assim, a palma do primeiro logar certo cabe á infantaria franceza, cuja fama no arremeço é secular e aurifulgente. A' bayoneta, carregando o prussiano e o bavaro ninguem supera o «poilu» e o "diable-bleu". Elles que venceram o lansquenete suisso, o miquelete hespanhol, o highlander de Fontenoy, o mameluco das Pyramides e os cossacos de Valutina vencerão tambem os pomeranios e os borussios, os saxões e os hessenses, todas essas descendencias dos Hunos esquecidas ao meio da civilisação moderna, afim de perturbal-a e ensanguental-a.

Contra a rigida disciplina prussiana só mesmo a furia franceza!

Rio, Setembro, 1918.

João do Norte.

"El Diario" - Buenos Aires
17 - Agosto - 1918

"Tradiciones militares"—

Otro libro brasileño, de Gustavo Barroso, Joao do Norte, el vigoroso autor que en "A seca", pintó con extraordinaria fuerza la region de Pará. Pero en este libro, no hay que olvidar que Barroso es político, abandona la literario, para tratar temas sociales de su patria. Habla elocuentemente del ejército y da organizacion práctica á ideas coincidentes con las del poeta Olavo Bilac.

Se ha discutido bastante en Brasil cuál de las instituciones armadas debía ostentar el noble título de la Independencia y Barroso opina debe concederse al primer regimiento de caballería, que se llamaría de dragones de la independencia.

Es un libro de propaganda, al mismo tiempo de enseñanza y nunca, este es su mejor elogio, militarista.

"Correio Paulistano" - 29 - Setembro - 1918

IMPOSTO TERRITORIAL

(João do Norte)

Cobrir um povo de impostos é proprio dos governos ignorantes e banaes; augmentar ainda esses impostos, dos governos criminosos. Nunca os grandes administradores se preoccuparam com aggravações de tributos, antes pelo contrario; e a historia das questões economicas ahi está provando os males das nações sugadas pelo fisco. Quando o imperio romano cahiu e novos paizes surgiram do caldeamento dos barbaros com os velhos elementos latinos, as administrações da cousa publica rolaram numa infantilidade perigosa. Os soberanos sómente se preoccupavam com as guerras e o erario publico era entregue aos economos e prestamistas judeus, habeis em auferir, pessoalmente, grandes proveitos.

Foi nessa época escura e barbara que mais houve impostos á face da terra. Tambem por isso a agricultura e as industrias foram reduzidas á mais desgraçada condição. Façamos um ligeiro estudo da tributação nesse tempo, do qual sahiu a civilização moderna e que é sempre fertil em proveitosos ensinamentos.

Os impostos eram cobrados pelo rei e pelos senhores feudaes nas suas terras, de maneira que o seu valor e a sua especie variavam assustadoramente.

Para trafegar nas estradas com burros, pagava-se a alcávola; a pé, os peagios ou pedagios; com cargas, os acarretos; nas pontes e entradas de villas ou cidades, as barreiras e portagens. A' Egreja entregavam-se oblações, mortalhas, sizas, dizimos, osas, gayosas e luctuosas, além da annata, que pesava sobre os rendimentos do primeiro anno de aforamento das terras de qualquer mosteiro.

Afim de sustentar os anadeis ou commandantes das tropas de besteiros das villas e coutos, sorteados ou mobilizados da época, o povo marchava no pagamento da anadaria, embora já satisfizesse á cobrança dos feitos e colheitas, da brancagem, das decimas, das guiagens, e das gabellas, que eram impostos alfandegarios e já bem pesados, por signal.

A enumeração é um tanto cansativa, mas dá bem uma impressão desse tempo monacal, guerreiro e atrasado, que demorou dez seculos todo o progresso humano.

Ainda ha mais.

Nunca as terras de lavoura foram mais tributadas. Sobre ellas pesavam foragens, afogações, costumagens, quarteiros, quintos, sextos, oitavos, direituras, areaticas, eiradegas, jugadas e regedorias. Si eram terras chans, montanhosas, de chavascal ou maninhas mesmo, tinham de pagar terrádegos, montádegos, chavádegos ou maninhadegos. Além desses, conforme os beneficios existentes, eiras de trigo, moinhos de agua, etc., cahiam-lhe em cima eiras, angueiras, perangueiras, carreiras e fossadeiras.

Acharão poucos esses impostos medievaes? Seriam, si fossem sómente esses; porém, o pobre povo esfolado dessas priscas éras ainda soffria outros: pelo peixe pagava as peixotas; pelos rebanhos e varas, os fóros coboneiros, falas e miunças; pela dispensa dos jejuns, a quarentena. Ha na cathedral de Amiens a prova de pedra da dureza de pedra dos impostos; é uma das torres desse maravilhoso edificio gothico, a Torre de Manteiga, elevada com o dinheiro que o povo da cidade pagou de impostos para poder comer manteiga na quaresma. Para se usar

manteiga

75

azeite e beber vinho, havia tambem um tributo terrivel: o alacir, peor que o das estalagens — a albergaria.

Até com o fim de alimentar os falcões caçadores do fidalgo e do rei os açougueiros, que já tinham sobre os hombros a açougagem, davam mais a aliava, que o estomago das aves nobres devorava. Do mesmo modo que para possuir chaminé e lareira ia uma certa somma de fumagem, para poder caçar, primeiro dava-se conta do encolto. E de tudo quanto se caçava ou pescava, salsão, lampreia e truta, as primariças e relegagens eram do senhor feudal.

Na Peninsula Iberica, sobre os mouros pesava mais a alfita e o azagui; sobre os judeus, a judenga. E ainda: ao cobrador de impostos era a gente do povo obrigada a offerecer almeitegas ou refeições forçadas. Nos municipios e behetrias, as posturas não davam descanço a ninguem e toda a população de villa e campo era obrigada ao tributo pessoal, nos trabalhos de reconhecida utilidade publica ou de gosto do fidalgo. Eram as corvées, que os velhos foráes portuguezes chamam áduas. E o peor de todos esses direitos suffocantes era aquelle celebre que os francezes chamavam enjambement ou jambage.

Em qualquer época da historia, em que os governos se debatam em crises, quando não apparece um homem excepcional, a primeira idéa dos governantes terra a terra é o lançamento de tributos, que muitas vezes mal chegam para pagar seus recebedores e escripturarios.

Saint-Simon mostra numa interessante pagina de suas memorias a França algemada pelos impostos, quando da sua exhaustão pelas guerras de Luiz XIV. E' um quadro negro e faz lembrar a escuridão medieval, tão rica de tributos como já mostrámos.

"A capitação dobrada, triplicada á vontade arbitraria dos intendentes de provincia, as mercadorias e generos de toda a especie tributados quatro vezes mais que seu valor; taxas de auxilio e outras de toda a natureza sobre toda a especie de cousas. Tudo isto esmagava nobres e villões, senhores e ecclesiasticos, sem que o seu producto servisse ao rei, que tirava o sangue de seus subditos sem distincção, expremendo-os até sómente sahir puz."

Comparemos a pintura de Saint-Simon e o quadro medieval com o nosso paiz e veremos quão completa é a semelhança. O numero e a variedade de impostos que nos assoberbam, apanhando com injusta desegualdade as varias classes sociaes, restringindo o ordenado do funccionalismo e deixando em paz o profiteur de la guerre, é verdadeiramente medieval e o seu resultado será chupar todo o sangue do povo como no tempo de Luiz, o rei-Sol.

Lancemos um rapido olhar ao nosso systema tributario, mesmo um olhar literario e não scientifico como é o nosso; chegaremos á conclusão de que a politica financeira e economica dos homens do governo da Republica tem sido a mesma de Samuel ben Levy, ministro da Fazenda de Dom Pedro de Castella, em mil e trezentos e tantos. Até nomes de taxas mediévas continuam a figurar nos nossos cadastros: pagamos decimas, dizimos, posturas e miunças!

Nenhum povo tem sido mais conservador nesse assumpto do que nós. Que amor á tradição! Tambem nenhum tem maior cópia, casta, caterva ou chusma de tributos do que nós. Pagamol-os feudalmente, não ao senhor, ao bispo, ao conde e por fim ao rei, mas ao municipio, ao Estado e á Nação. Ha para todos os gostos, de todos os feitios e dos mais variados tamanhos: portas e janellas, dizimos do plantio, penas d'agua, taxa sanitaria, tributo vespasiano; sellos de consumo, com variegadas côres, para bebidas, comidas, fumos, etc.; transmissões, estampilhas, fóros, alfandega, exportação municipal, estadual, federal e que sabemos mais!

Tudo isso é reminiscencia do passado e condemnado, mais do que condemnado por todos os economistas, que são theoricos e por todos os grandes estadistas, que são praticos. Essa edade-média financeira não póde continuar no Brasil. Precisamos modificar por completo o nosso systema tributario, alliviando o povo, repartindo com maior equidade os encargos, cobrando com menor esforço e recebendo mais do que antes. Quanto menos impostos, melhor. E o ideal de taxação é o imposto unico, que só póde ser o imposto territorial, tão bem descripto e estudado em França pelo sr. G. Dufour, no seu "Impôt Foncier".

Do grande Estado paulista de ha muito partem brados em pról dessa medida salvadora, cujo campeão é o sr. Luiz Silveira São artigos de jornal e conferencias continuas, nas quaes o esforçado jornalista tem á saciedade provado as vantagens do imposto territorial, sua facilidade de cobrança, seu augmento de renda, sua difficuldade de fraudação, nelle fazendo repousar a salvação financeira do paiz e sua melhora economica.

Agora mesmo, acaba de reunir num pequeno volume duas conferencias que fez a respeito do imposto territorial, nas quaes mostrou com vantagem e clareza o progresso dos paizes que adoptaram esse imposto, apontou estatisticas comprovando sua utilidade e fundamentou com brilho todas as suas idéas.

Não ha quem, lendo esses dois trabalhos, não se convença, ante o raciocinio do autor, do erro em que laboramos e das vantagens a advir da adopção do imposto territorial. Os estudos do sr. Luiz Silveira têm o grande merito da clareza, da sinceridade e da logica. Limitamo-nos a esse estudo mais literario do que verdadeiramente economico do seu livro, porque, pobre de nós!, mal entendendo da nossa economia propria, como poderemos destrinçar a de vinte e cinco milhões de brasileiros...

Num dos seus mais interessantes capitulos, o sr. Luiz Silveira escreve:

"Não é só o Brasil, que, tal como um gigante algemado, se debate herculeamente para libertar os seus membros immobilizados pelo fisco... Onde quer que vigore o systema de impostos multiplos, a opinião agita-se e a idéa da tributação da terra vai empolgando as consciencias e conquistando o prestigio dos estadistas e dos economistas que, unanimemente, proclamam a necessidade da reforma tributaria com base no imposto territorial."

Continue o sr. Luiz Silveira a sua ardua campanha sem desfallecimento, como até aqui o fez, e a idéa por que se bate vingará como já vingou em muito paiz. A nossa edade média financeira ha de passar forçosamente. E quando o Brasil gosar os proveitos do imposto sobre a terra, unica fonte capaz de bastar ás despezas publicas, no dizer de Lloyd George, certo não esquecerá o nome do propagandista desse grande beneficio.

João do Norte

"Fon-Fon" - 9 novembro - 1918

GARATUJAS

Cahia uma chuviuha fina, miuda, continuada, impertinenfe. Reflectia-se no asphalto espelhante de agua, profundamente, o clarão dos fócos electricos. E não passava uma pessoa, não corria nos trilhos um bonde, não se avistava o lanternin dum automovel. Tudo deserto! A grande cidade adormecida em immensa dôr, envolvia-se num silencio e numa quietude sinistras.

Aconchegando as capas molhadas e apressando o passo, eu e um amigo subiamos a rua Sete de Setembro, onde não se via um vulto, nem mesmo de cão vadio remexendo as latas de lixo. Não trocavamos uma palavra e ligeiros, tristes, amarfanhados, succumbidos.

De repente, um ruido cavo, sinistro, veiu duma rua transversal. Olhamos. Era uu caminhão-automovel, pesadamente rodando, com o vulto acocorado, negro do *chauffeur* empoleirado na boléa alta. Veiu depressa e passou por nós. Um fetido horrivel espalhou-se no ar. O carro ia cheio de cadaveres!

Eu e o meu amigo nos entreolhamos. As nossas mãos procuraram-se e apertaram-se com força, como á beira duma desgraça terrivel. Elle murmurou contristado e apprehensivo:

— Que horror, santo Dcus!

E eu retorqui-lhe:

— Se já leste Thucyides, lembrate da peste de Athenas no quarto seculo antes da era christã. O Rio de Janeiro, meu caro, está atrazado mais de dois mil e trezentos annos!...

GATAFUNHOS

A mania do trocadilho não é unicamente uma mania parisiense; é tambem carioca e bem carioca, de tal maneira nella estão viciados tantos dos mais conhecidos e populares individuos desta mui heroica e leal cidade.

Bastaria a propaganda que dos trocadilhos fazem, pessoalmente e nos varios jornaes em que trabalham, Raul, Calixto, Bastos Tigre e muitos outros, para que o vicio se generalisasse de modo nunca visto em parte alguma.!

Não o criticamos. Apezar dos abusos, achamol-o até bem interessante e bem engraçado. Ademais, o vicio do trocadilho tem os maiores fóros de nobreza, de fidalguia e até mesmo de santidade. Os reis nunca o desdenharam: Carlos o Gordo, numa batalha perdida, bradou ao inimigo que tentava aprisional-o: «On ne prend le roi aux echecs!» Luiz XVIII murmnrou no seu leito de morte, alludiudo ao irmão e herdeiro da corôa, debicando do medico que o tratava: «Finissez, Charles attend (charlatan)!»

De santidade? Dissemos e é verdade. Um santo e santo de lei já fez um *calembourg* notavel. São Francisco Xaxier, obtendo da rainha de Portugal um auxilio de suas economias particulares, disse-lhe:

— «Com esse *pé de meia*, vossa magestade irá a passos largos ao Paraiso».

E viva o trocadilho!

"Fon Fon!" - 5 - outubro - 1918

FAÇO PUBLICO...

Acabo de lêr com gosto e proveito o bello livro do sr. Alberto Faria, que, no seu retiro espiritual de Campinas, estuda em fecundo silencio e doce paz o nosso abandonado Folk Lore. Este seu livro não trata somente delle, mas se occupa tambem de interessantes questões litterarias nossas e alheias. O *quantum* dos nossos é muito maior, porque o espirito de Alberto Faria é profundamente nacional, capaz de sentir todos os aspectos da nossa natureza e da nossa ethnica, capaz de comprehender todas as gradações da nossa psyché e da nossa vida social.

Sei de muitos escriptores que são completamente brasileiros; porem não sei de nenhum que o seja mais do que esse grande estudioso paulista, cujo nome já o Brasil todo admira e conhece.

Aerides é o titulo de seu livro, que, ao contrario dessa expressão, não foi concebido nem erguido no ar como volutas de fumo dum charuto e sim baseado em terreno proprio e solido—uma grande cultura e um invejavel talento. Nelle se explanam com leveza e graça de chronica jornalistica arduos e agrestes pontos de linguistica e de Folk-Lore; estudam-se origens e causas, assumptos litterarios e artisticos.

Entre todos, na sua variada e attrahente copia, destacamos as bellas paginas sob os seguintes titulos: *Traduttore-Tradittore* e *Papagaios*. Isto sómente quer dizer que estas duas nos ficaram de memoria, pelo agrado especial que nos causaram, o que não faz com que seu valor se eleve acima das outras, por diversas razões tão bellas ou mais bellas. Porque o livro é coherente e não tem altos e baixos. Eleva-se á primeira lauda e mantem seu nivel de planalto até o fim.

Não ha necessidade de tratarmos aqui das qualidades de estylo e da bôa grammatica da obra. Alberto Faria é um sabedor da lingua, da sua historia, da sua evolução, dos seus mais reconditos escaninhos, ao mesmo tempo que a sua vida de gabinete,—o convivio com os grandes elaboradores da sciencia e da arte da humanidade, lhe empresta a sobriedade elegante e a ironia leve dos litteratos de bôa raça.

Para bem se comprehender uma figura litteraria nada melhor do que comparal-a com outras a que o nosso cerebro já se affeiçoou. Eu encontro em Alberto Faria muita semelhança com dois vultos queridos do meu espirito: um que tem existencia real e outro nascido dum dos maiores escriptores da epoca actual, que é o Luciano de Samosata da decadencia néo-latina, typo irreal que tráe no seu modo de ser algo do effluvio e da alma de seu creador.

Alberto Faria, no seu amor pelo estudo scientifico e cuidadoso do Folk-Lore e pela attica simpleza com que o expõe, é um Gaston Paris brasileiro, bem brasileiro mesmo, um Gaston Paris nascido sob o sol tropical, com a sua muita luz e a sua muita vibração. Outra face do seu espirito traduz-se no typo imaginario a que já me referi. E' a face da bondade discreta, da simplicidade de vida, da paz domestica entre livros amados, collecionados com ardor, manuseados com respeito, contemplados com admiração e lidos em silencio e calma, o coração cheio de suavidade e deleite, no extase dos bibliophilos. Então, Alberto Faria é um Sylvestre Bonnard brasileiro, queimado pelo sol paulista, de olhos costumeiros a poisar no rôxo das quaresmas floridas, semeadas pelas brutas encostas das nossas serras; porém capaz como o outro duma empreza arriscada atraz duma edição ou copia rara de Jacques de Voragine, mesmo de Frei Luiz de Souza e de Garcia de Rezende.

* * *

No primeiro capitulo do seu livro, Alberto Faria estuda as varias traducções até hoje feitas daquelle maravilhoso e profundo soneto de Heredia, o Recife de Coral, inspirado talvez em versos de seu mestre Leconte de Lisle. Elle analysa taes versões, proficientemente, desde a de Theophilo Dias até á do sr. Basilio de Magalhães e dellas faz uma critica sadia, facil, leve, agradavel e verdadeira.

Ha mais uma traducção e optima a juntar a todo esse cyclo contido em *Aerides*. E'de Olegario Mariano e vem no seu ultimo e bello livro de versos *Agua Corrente*. Olegario Mariano, que ama as cigarras de Anacreonte e os lagos da Suissa, sem poder tirar de suas rimas e do seu rythmo todo o oiro do nosso sol, é um trovador florentino ou provençal, perdido na Avenida Rio Branco. Elle nasceu poeta, é profundamente poeta e ha de morrer poeta, Deus queira que muito depois de mim...

Mas não o elogiemos mais, porque elle tem sido elogiado muito e é até capaz de estourar. Façamos publico para conhecimento de todos a sua traducção:

« O sol dentro do mar, em mysteriosa aurora,
O brenhal dos coraes da Abyssinia illumina;
Mesclando ao fundo da bacia esmeraldina
A fauna florescente e a luxuriante flora.

E tudo que de sol e de iris se colora,
O musgo, a actinia, o ouriço e a pobre alga franzina
Pôe desenhos irreaes de sombra purpurina.
No chão rendado a que o polypo se incorpora.

Apagando o esplendor da espuma iriada, passa
Um peixe a navegar na trama que se enlaça.
Ora as aguas alisa, ora as aguas desfralda...

Subito agita em leque a barbatana enorme,
E á tona do crystal de agua mansa que dorme,
Corre um fremito de oiro e nacar e esmeralda.

Dado e passado nesta cidade de S. Sebastião do Rio de janeiro, em...

João do Norte

NOTAS POLITICAS

Dr. Eduardo Studart

Almoço offereçido a S. Ex. no Jockey-Club pela maioria da representação cearense no Congresso Nacional, em homenagem á sua eleição a 1° vice-presidente do Estado. S. Ex. é o 6° sentado, a partir da esquerda.

77

"Diario do Estado" - Ceara - 19 - Setembro - 1918

A candidatura de João do Norte á Academia de Letras

"O que diz a "Gazeta de Noticias"

Rio, 17

A «Gazeta de Noticias» publica hoje um artigo lançando a candidatura de Gustavo Barroso á vaga de Inglez de Souza, na Academia de Letras. Transcrevo os seguintes topicos:

«Elegendo Gustavo Barroso, a Academia somente pode á prestigiar-se a si propria. Seus trabalhos literarios encerram um estudo minucioso dos sertões brasileiros. E' um cidadão enraizado no amor de sua terra, sempre preoccupado com todos os problemas actuaes brasileiros, que expõe com habilidade, patriotismo e esthetica. Contra elle só ha uma objecção, e essa mesma sem valor—ser moço. Os homens de talento e vontade orientada como Gustavo Barroso podem e devem, mesmo jovens, contrahir na vida as mais illimitadas responsabilidades. A de ser immortal, conferida pela Academia, ninguem entre os moços actuaes melhor do que elle tem direito de contrahir.

"Fon-Fon" - 9 novembro - 1918

25 março 1918

GATAFUNHOS

— Com os theatros e cinemas fechados, todas as casas de diversão ás moscas e a cidade quasi vasia, nos dias lutuosos da *hespanhola*, que fizeste, Marcos Silveira, tu, que és rico e desoccupado, e só pensas sempre em te divertires?

— Filho, é o pouco que desta vida se frúe. De repente, a morte vem e carrega a gente para o outro mundo, sem dizer agua-vai! Por isso é que sempre, eu, que não tenho familia nem responsabilidades, procurei diversões e alegrias.

— Conheço já as tuas opiniões, meu caro. Portanto, pergunto que diversões arranjaste nestes dias passados, em que a cidade ficou vasia,

— Não tive grippe!

— Sei disso. Mas desejo saber o que fizeste.

— Li os jornaes...

— Olhaste a porta dos hospitaes, visitaste os necroterios, fôste ao Cajú, espiaste as filas seguidas de enterros e o movimento das casas de flôres....

— Não, filho. Isso tudo não diverte. Prezo-me de ter bom coração, de não ser tão egoista quanto pareço. Isso tudo não me diverteria. Arranjei outra coisa e essa de truz. Adivinhas?

— Não. Conta.

— Lêr as providencias do governo. E ri a valer...

— Eu tambem.

GATAFUNHOS

No Alvear em uma das mesas discretas do fundo, o meu amigo Claudio França, depois de accender o charuto, falou-me assim:

— Tambem tenho a minha lenda sobre a epidemia. Todo o mundo conta a sua. Creio ter o direito de contar a minha, militando em seu favor o facto de ter sido verdadeira.

Escute. Fiquei na cidade durante os dias de panico, quando as ruas estavam vasias e passavam os horriveis caminhões cheios de cadaveres. Um dia, não achei onde almoçar. Tomei café simples na rua de São José. A' noite, sem ter merendado nem almoçado, avalie qual a minha fome! Solteirão, ir para casa seria rematada tolice. Comecei a subir e descer ruas atraz duma venda, dum botequim, duma pocilga, onde pudesse comprar ao menos um pedaço de pão.

Na rua General Camara, entre Andradas e um bêcco sordido, encontrei uma casa de petisqueiras, aberta por milagre. Com difficuldade obtive carne fria, farinha sêcca e café. Jantei. Puz o ultimo charuto á bocca e toquei-me para casa, mais ou menos satisfeito. Eram onze horas da noite.

Ao desembocar no largo de São Francisco, deserto como a praça da sé duma villa sertaneja á noite, um vulto alto, espigado, corre não sei de onde e vem até ao pé de mim. Era um sujeito moreno, magro, de barbicha pontuda, descalço, envolto num velho sobretudo. Tinha olhos luzentes de quem arde em febre e tremia todo com arrepios de frio. Olhou-me de frente e soltou uma gargalhada agreste, sarcastica e alfinetante. Depois, correu pelo asphalto e sumiu-se á sombra densa da Escola Polytechnica. Meus cabellos ficaram de pé, levando o chapéo, um tremor nervoso agitou-me o corpo todo e eu, que sou sceptico como Anatole France, ainda estou em duvida se aquelle homem era um louco ou o diabo em pessôa...

Quando o meu amigo acabou de narrar-me o seu caso, não me pude conter: em pleno Alvear, á luz das lampadas electricas, olhando os grandes espelhos da sala, fiz, insensivelmente, o signal da cruz.

25 março 1918

GARATUJAS

Je t'adore, ó soleil! diz Rostand pela bôcca de Chantecler, o velho Chantecler do Romance da Raposa medieval. E o sublime Gallo Gaulez continua:

Tu fais tourner les tournesols du presbytére,
Luire le frére d'or que j'ai sur le clocher,
Et, quand parmi les tilleuls tu viens avec mystére,
Tu fais bouger des ronds d'or sur la terre,
Si beaux qu'on ose plus marcher!

Talvez seja o pedaço mais bello, litterariamente, nesse extranho e formoso poema dos animaes, o hymno ao sol, recitado pela ave em forma de trompa, que, com o seu cacarejante e victorioso som de trompa, o annuncia ás gentes adormecidas.

O lindo sol do Rio de Janeiro, que, infelizmente, Rostand e os gallos de França não conhecem, merece um hymno ainda mais bello que esse de que falamos. Dois ou tres dias que elle dourou monte e valle fôram sufficientes para o declinio da grippe assassina. Como não sou poeta e a minha gratidão de carioca adoptivo a esse grande e bello sol, melhor que todas as providencias governamentaes possiveis, limito-me a repetir os versos maravilhosos de Rostand todo o dia que vejo o sol luzir no esmalte azul do céo sobre a nossa infeliz cidade.

Je t'adore, ó soleil!

Eia legião de poetas do Brasil! Um hymno ao nosso sol!

"Correio Paulistano" 9 de outubro de 1918

Na guerra do Lopez

João do Norte

Quando eu era menino, conheci um veterano da guerra do Paraguay, da guerra do Lopez, como dizem os sertanejos, feito fazendeiro na ribeira do Quixeramobim. Official do 26 de voluntarios, fizera toda a campanha, e, aos domingos, ia á missa, na cidade, com o peito cheio de medalhas. Homem intelligente e de espirito original, contava com certa graça factos e episodios occorridos naquelles cinco annos de lucta. Ao começar qualquer um delles, dizia sempre á guisa de exordio: A guerra foi feita por nós, os voluntarios, pela Guarda Nacional e pelos escravos alistados á força; os outros ganharam a fama do heroismo...

Eu tinha doze annos, sonhava com cousas militares, anciava por um ideal patriotico para combater, tinha a alma medieval de toda a criança que forma batalhões com chapéos armados de papel e espingardas de cabos de vassouras: por isso só eu sabia o goso que me dava ouvir as historias do fazendeiro. E elle narrava-as singelamente, á sombra da alpendrada, com os meus olhos febris seguindo seus gestos e procurando seguir suas palavras no ar. Ainda me lembro de tres desses episodios.

* * *

Na primeira noite que o exercito brasileiro acampou em territorio paraguayo, elle, que era alferes de voluntarios, meio bisonho em cousas de guerra, sahindo a passeio, sósinho, perdera-se naquella cidade de barracas de lona branca. Andára por aqui e por ali sem acertar com a direcção para o seu batalhão. Passára por abarracamentos de tropas montadas, cujos cavallos relinchavam presos em fileira. Olhara, curioso, um parque de artilharia, todo elle com muito asseio e muita ordem, tendo alinhados á luz das fogueiras os temões dos armões de munição e os réparos das peças cobertas de oleado. Ouvia-se o brado distante das sentinellas e um vento frio começava a soprar.

Depois de muito caminhar, cada vez mais perdido, sem encontrar quem lhe désse indicação certa da posição de sua unidade entre aquellas quasi trinta mil barracas, sentindo-se já bastante cançado e ouvindo o resfolegar da soldadesca na maioria adormecida, avistou uma tenda grande, illuminada, em torno da qual, enfiadas no chão, brilhavam lanças. Chegou á porta e bateu palmas. Uma voz masculina e decidida, mas ao mesmo tempo franca e boa, respondeu lá de dentro:

— Entre!

O cearense entrou. A' luz duma candeia, deante de pequena mesa cheia de mappas e papeis, um homem forte, de physionomia varonil, barba negra, olhar aberto de alma simples, generosa e fidalga, em mangas de camisa, chupava o seu chimarrão, lentamente. Sobre o leito de campanha havia uma farda dobrada pelo avesso, de forros amarellados, um poncho e um bonnet coberto por elle, do qual sómente se via a virola de metal da pala. Nada que indicasse quem era o homem e qual seu posto. Sorriu á entrada do outro e perguntou com serenidade e brandura:

— Que deseja, camarada?

O official de voluntarios encalistrado balbuciou:

— Sou o alferes Fulano, do 26 de voluntarios... do batalhão do Ceará...

O outro, brincando com o canudo da bomba do matte, replicou sorridente:

— Eu sou o capitão Sousa, de cavallaria e do Rio Grande do Sul. Sente-se ahi neste tamborete, collega, e conte-me a que devo o prazer de sua visita. Esteja á vontade.

Gritou pelo ordenança, mandou buscar outra bomba de chimarrão, passou-a ao cearense, que nem sabia para que aquillo servia, nem que especie de bebida era e ficou atarantado, com o trambôlho na mão. Repousado no tamborete elle narrou como se perdera e a difficuldade em que estava de tornar ao seu batalhão. Ainda nem tinha jantado. E terminou:

— O sr. capitão Sousa poderia indicar-me a direcção?

— Posso, sim; mas quero que jante primeiro. O jantar é de pobre, porém sempre mata a fome.

— Não se incommode, capitão, não se dê trabalho, por favor!

— Ordenança, traz ahi carne fria, pão, uma garrafa de vinho e queijo. Serve ahi ao sr. alferes.

O meu patricio jantou. A familiaridade e bonhomia do gaucho davam-lhe confiança. Soltou a lingua e começou, na sua pinturesca linguagem de sertanejo, a contar anecdotas engraçadas. O outro ria a valer e incitava-o, bem humorado com aquella facundia original. Por fim abriu uma caixa de charutos e offereceu-os ao alferes, que tirou um.

— Tire mais!

— Não, capitão, muito obrigado.

— Tire mais, homem! Encha o bolso. E' para se lembrar de mim, quando os fumar.

Consultou um croquis sobre a mesa, mandou sellar dois cavallos, fez recommendações em voz baixa ao ordenança e, voltando-se para o cearense, maravilhado e grato por tanta gentileza, despediu-o:

— Daqui ao seu batalhão é longe. Mandei sellar um cavallo para o camarada ir. E' um bom cavallo, é o meu. O ordenança sabe a direcção e guial-o-á. Vá com Deus.

O sertanejo apertou-lhe a dextra com ambas as mãos, dizendo:

— Muito obrigado, capitão! Disponha dum amigo lá no 26, para tudo. E partiu.

Ao apear-se á porta da sua tenda e ao entregar as redeas ao cabo de cavallaria que o guiára, indagou:

— Como é o nome todo do capitão Sousa? Esqueci-me de perguntar e quero guardal-o com reconhecimento.

— Que capitão Sousa, seu alferes?

— Esse official que me hospedou e mandou você trazer-me até aqui. Ora, quem haveria de ser?

O cavallariano voltou redeas aos animaes, para seguir, e, com alguns muchôchos, retrucou:

— Hom'essa! Com licença da palavra, seu alferes está maluco. Aquelle homem nunca foi o capitão Sousa. Aquelle é seu general Osorio.

O cearense ficou estarrecido á porta da barraca, sob a luz fraca e tremula das estrellas. Depois, pensou em voz alta:

— Por um homem desses a gente morre com gosto!

* * *

Havia uma certa rivalidade entre o 1.o e o 2.o corpos do exercito brasileiro, na campanha. Depois do revez de Curupaity, essa rivalidade augmentou, porque, apesar disto não ser patriotico, sempre se motejava do mallogro do ataque effectuado contra a terrivel fortaleza inimiga. Havia uma differença nos uniformes: o 1.o corpo usava o pequeno kepi branco; o 2.o chapéo de feltro negro. Ademais, no 1.o corpo estava Osorio e o 2.o era commandado pelo conde de Porto Alegre. Os soldados de ambos adoravam o seu general e as figuras dos dois heróes defrontavam-se cada qual com seu relevo especial, fazendo a emulação da soldadesca traduzir-se em interessantissimos potins de acampamento.

Um dos mais espalhados no selo do 1.o corpo era este: Contavam que, numa ilha do rio, havia um posto de observação paraguayo. Uma sentinella, trepada em alta arvore, vigiava as aguas barrentas e velozes. De repente, gritava para o escuro do matto:

— Capitán!

A voz roufenha do official paraguayo respondia:

— Que és, hombre?

— Um buque cargado de soldados brasileños.

— De sombrero negro ó de kepi blanco?

— De sombrero negro.

— Entonces podemos reposar: son los paisanos de Puerto Alegro.

Dahi a instantes, a sentinella berrava:

— Capitán!

E a voz roufenha do official perguntava:

— Que és, hombre?

— Otro buque cargado de soldados brasileños.

— De sombrero negro ó de kepi blanco?

— De kepi blanco, santo Dios!

— A las armas! A las armas! Son los diablos de Osorio!

E um rumor de armas enchia a selva paraguaya...

79

* * *

A infantaria de Caxias varrera a planicie de Angostura e a cavallaria de Andrade Neves esmoera os soldados escolhidos de Caballero, em Ayahy. As tropas brasileiras marchavam para Assumpção.

Explorando o terreno, na vanguarda, para lá da estrada de Villeta, ia uma forte columna de infantaria ligeira, composta pelo '26 de voluntarios. Eram duas horas da tarde e fazia calor.

Passavam no céo azul, lentamente, os urubús engordados em Lomas Valentinas. Perlongando os banhados, extendiam-se immensos laranjaes communs naquelle paiz e todos brancos de flores, que embalsamavam o ar. A' margem dos potreiros, gritavam tristemente os queros-queros. A soldadesca caminhava silenciosa e unida, cheia de saudade do seu sertão escaldante, que havia tantos annos tinha deixado para as duras lides daquella campanha.

A tropa tinha de atravessar um laranjal perfumado. Sumiram-se os tambores sob as arvores; sumiu-se o commandante a cavallo; sumiram-se os soldados. A folhagem rescendia um perfume de noivado. Uma grande paz reinava naquella sombra cheirosa. Mais tristes e nostalgicos caminhavam os soldados. De repente, um caboclo atarracado, arrebitando o nariz como a farejar, na direita da terceira companhia, não se poude conter e gritou:

— O' que cheiro bom de mulher, meu Deus!

A soldadesca largou uma gargalhada longa e sonora. E lá na frente, junto aos tambores, cahido sobre o pescoço do cavallo, o commandante ria-se a perder, silenciosamente...

João do Norte

"Diario de Santos" - 11 - Outubro - 918

MISSÃO MILITAR

O deputado Chermont, representante do Estado do Pará, acaba de levantar mais uma vez, na Camara, a debatida questão da missão extrangeira para o exercito nacional. Em diversas legislaturas, varios deputados se têm batido por essa idéa altamente patriotica, que, queremos crêr, será mais cêdo ou mais tarde vencedora.

Entretanto, na legislatura passada, o caso foi mais ventilado do que em qualquer outra. Delle longamente se occupou na tribuna do Monróe o sr. Mauricio de Lacerda, apresentando sobre o assumpto um interessante projecto, que quasi foi victorioso. Os debates a respeito da vinda duma missão estrangeira, nessa epoca, suscitaram até a realisação duma sessão secreta, cujo resumo todos os jornaes publicaram...

O projecto do sr. Mauricio foi relatado pelo autor destas linhas, então deputado, que lhe apresentou um substitutivo de accordo com o proprio sr. Mauricio, substitutivo esse acceito pel acommissão de marinha e guerra. Mas a vontade official era contraria á vinda da missão. Ella agio, rez com que o projecto voltasse á commissão e lhe innoculou a molestia do somno na gaveta profunda e insondavel dum relator complacente...

Mas outro deputado faz renascer a questão e um dia ella será realidade, se sempre houver quem a resuscite e defenda.

Os que se batem contra a vinda da missão argumentam da seguinte fórma: — será reconhecer nossa incapacidade militar. Parece, mas não é. Nossos generaes e officiaes superiores não têm a pratica dos seus collegas europeus. E isto em nada os desdoura. Desde a guerra do Paraguay que o nosso exercito repousa, emquanto as guerras em que os paizes da Europa têm tomado parte, no seu continente e fóra della, se contam por dezenas no mesmo periodo.

Ademais, ha as questões da ascendencia, da raça, da educação, do meio. Somos um povo eminentemente civil. Nunca fomos um povo militar. Impossivel nos compararmos em virtude e talento militar com as velhas e experimentadas nações européas, que ha seculos enchem a historia de guerras e de feitos heroicos.

Absolutamente não é humilhação aprender com os que sabem aquillo que se não poude aprender devido a cousas e circumstancias varias. Outro fôra o modo de pensar curial e logico, ninguem aprenderia nada. Reconhecer seus erros é das grandes virtudes humanas. Perseverar nelles por mal entendido orgulho, crime contra a patria e contra a humanidade. Reconheçamos nossos erros militares e corrijamol-os para o bem do nosso paiz.

Não negamos aos dirigentes do exercito nacional as mais altas qualidades de competencia e civismo. Porém o seu preparo é inteiramente theorico sem applicações praticas. E nós carecemos dessas applicações com urgencia.

Talvez que, theoricamente, nossos generaes saibam muito mais que os «missionarios», permittam a palavra. Comtudo de que nos serve essa admiravel theoria, se não nos dá resultados palpaveis?

Os exemplos de outras nações, tão dignas e tão nobres como o Brasil, devem reflectir sobre nossa situação actual e incitar-nos a seguir seus exemplos.

A grandeza militar de todos os paizes balkanicos é devida ás missões francezas e russas que os educaram. A força militar e naval do Japão nasceu de missões extrangeiras. O exemplo da Turquia ainda é melhor, porque ali a primeira e a segunda missões, consecutivas, não deram resultado. Sómente a terceira resolveu a questão. Aqui se teria, ante o insuccesso das duas primeiras tentativas, condemnado logo o alvitre. No continente sul-americano, temos os admiraveis exemplos da Bolivia, do Chile, da Argentina e do Peru'. No nosso proprio paiz, os de Minas e de São Paulo.

Todos os que são contrarios á vinda da missão extrangeira para o exercito, sem se lembrarem de que nada é mais honroso do que aprender, acham que o facto será uma capitis diminutio para as altas autoridades da Guerra. Deante de tão mal entendido amor proprio, tão primitivo orgulho pessoal, pode-se dizer que esses preferem a capitis diminutio do exercito e da patria á dessas personalidades. E' uma nova, extranha e notavel forma de patriotismo!

O exercito brasileiro carece de direcção essencialmente pratica. Não a possuimos. O estado de desprevenção em que a guerra nos colhe prova-o de sobejo. Procuremol-a, então, onde a pudermos achar, e applique-a poder-mos achar e applicuemol-a o mais depressa possivel.

Se tivesse havido continuidade de acção nos nossos governos e uma certa previsão administrativa; se em tudo não vivessemos a legislar para o momento, sem estudar o passado e sem visar o futuro, insulados, pode-se dizer, no tempo e no espaço, como um povo sem economia, sem visão e sem alma, a grave, a séria, a urgente questão da missão militar já estaria resolvida de outra fórma mais benigna e mais facilmente acceitavel, sem melindrar susceptibilidades, sem despertar contradictores e sem fazer inimigos.

Bastaria que o governo tivesse mandado buscar professores militares extrangeiros, tivesse-os enquadrado nas nossas escolas de officiaes, de maneira que formassem, com seus ensinamentos e sua pratica, um grande nucleo de subalternos e superiores, que mais tarde dirigiriam o exercito e gloriosamente o levariam a seus destinos.

Isso, porém, era para ser executado ha quinze ou vinte annos e não o poderá ser na premencia da situação de hoje. Agora se impõe a vinda da missão. Não podemos esperar cinco quanto mais vinte annos, mesmo porque daqui a vinte annos será muito differente com certeza a arte da guerra.

Nessa questão da missão militar é bom lembrar aos dirigentes do paiz que Deus talvez já esteja cançado de ser brasileiro...

Rio, Outubro, 918.

João do Norte.

"Diario de Santos" - 9 - Outubro - 1918

A FORÇA DA INGLATERRA

Ha vinte e cinco annos, em 1893, num seu livro offerecido ao duque de Aumale sobre as cavallarias européas, o capitão francez Lucien Vallet citava as seguintes palavras dum escriptor inglez:

«O nosso exercito permanente é diminuto, mas facilmente será desenvolvido. Numa palavra: a força da Inglaterra sobre o papel não faz medo a ninguem: porem a força de sua riqueza, de seus arsenaes, de sua esquadra, de sua tenacidade e resolução indomaveis, de seus multiplos recursos é tal que nenhum de seus amigos deve ignorar e seus inimigos errarão desprezando.»

Infelizmente o sr. Vallet não cita o nome do escriptor britannico, que tão claramente previa e tão singelamente expunha o actual esforço da sua grande patria.

Nesta guerra não sabe o observador distante o que mais admirar: se o sacrificio consciente e abnegado da Belgica, se o renascimento heroico da França, se o esforço herculeo da Grã-Bretanha.

Fica-se indeciso.

Cada um tem vultuosas qualidades, faces rebrilhantes de gloria. Mas o preparo momentaneo e a teimosia valente de Albion levam a vantagem de demonstrar que uma nação é verdadeiramente nação, immortal, caracteristica, prompta a todas as lutas, quando tem qualidades intrinsecas para isso tudo e não somente porque levou meio seculo a preparar-se para determinado fim.

Ainda mais. Tudo quanto a Inglaterra tem feito prova quão pouco vale o grande exercito permanente que custa os olhos da cara a um paiz e quanto lhe é superior a firme, inabalavel vontade de vencer, apoiada, alicerçada na consciencia nacional. Para as nações fronteiriças cuja continuidade terrivel permitte a rapidez da invasão, o exercito permanente é uma necessidade vital. Para as que não estão em tal situação, seria despeza inutil, catafante encargo. A Grã-Bretanha mostrou que, dispondo de algum tempo, um paiz convencido de seu papel e dotado de recursos improvisa exercitos maravilhosos.

Ella deu exemplos em demasia. Ergueu-os do seu proprio sólo. Levantou-os em todas as suas colonias fieis: no Natal, na Africa do Sul, nas Indias, no Canadá, na Australia, na Nova Zelandia.

Tem gloriosamente combatido por toda a parte, colhendo louros, affirmando o alto valor de seus soldados. Sobre suas costas pesa a maior responsabilidade do policiamento dos mares e sobre estes a esquadra allemã não se atreve a andar. Mergulha para fazer alguma cousa. Na frente occidental sustenta metade do peso teutonico e empurra-o com as bayonetas dos «tommys» unidas ás dos «gammies», dos «poilus» e dos «pork-and-beans». Combate na Italia e na Macedonia, em Bagdad e no Caucaso. Varre da Africa os allemães. E um de seus generaes, o sympathico Allenby, entra em Jerusalem como um novo Godofredo de Bonillon. Até não sei porque sua Magestade o rei da Inglaterra, Escocia, Irlanda e Imperador das Indias, lembrando os tempos de João Sem Terra e de Ricardo Coração de Leão, não faz do Allenby o segundo Barão do Santo Sepulcro.

Revendo as façanhas inglezas em todas as paragens em que a guerra ferve, não se póde deixar de pensar como o velho general Bugeand, vencedor de Isly, que a infantaria ingleza é a primeira do mundo. Já esta fama vem de longe. Antes de Waterloo, Napoleão que nunca combatêra pessoalmente os inglezes, perguntou a Ney, veterano das guerras peninsulares, que especie de soldados eram. E o marechal duque de Elchingen replicou-lhe:

—Não sabem arredar pé!

Vem de mais longe a fama, de Crecy e de Azincourt, quando os seus archeiros «de a pé» venceram a grande nobreza franceza «de a cavallo» como dizem os foráes.

Quanto á sua cavallaria, cujas patrulhas acabam de entrar em Saint Quentin e de cortar em tres o exercito bulgaro, o general de Brack dizia que, se tivesse experiencia da guerra, seria a melhor da terra. Essa cavallaria, creio, tem agora demasiada experiencia da guerra.

Sem grande exercito permanente e sem grandes inclinações militares, os Estados Unidos, filhos legitimos da Grã-Bretanha, acabam de mostrar que para efficiencia guerreira não precisaram de quarenta annos de junkerismo prussiano e duma educação militar que fosse alem de Frederico II, ao proprio reinado do Rei-Sargento ou do Grande Eleitor de Brandeburgo.

Esses dois exemplos de improvisação militar vêm derruir todas as theorias prussianas do longo preparo e até do atavismo da caserna. Uma nação não é forte por ser militarisada; é forte pelas suas convicções, pela sua raça, pela sua expressão politica, pelos seus recursos economicos e pela sua consciencia nacional.

Entretanto, se as tropas heroicas de Joffre não detêm no Marne a avalanche tudesca, a Inglaterra não teria tido tempo sufficiente para se preparar. E, se a Belgica não se sacrifica antes, a propria França não poderia sustentar o embate allemão. Seria outra a feição da guerra. Por isso é que eu não sei o que mais admirar de tão grandes feitos, para os quaes as glorias artisticas do mundo pedem, afim de perpetual-os, um poeta maior que Homero, um esculptor maior que Miguel Angelo e um pictor maior que Leonardo.

Felizmente agora começa a desfazer-se o grande edificio politico-militar que a Allemanha construiu. As ultimas victorias dos alliados na frente oriental accarretam resultados espantosos. Parece que mais uma vez a paz européa depende da «questão do oriente».

A grande faixa territorial, cheia de multiplos recursos, que cortava o velho continente do Baltico ao golfo de Ormus e ao mar Vermelho, sente o penetrar das primeiras cunhas de separação. O exercito da Palestina avança alem do Jordão, invadindo a Syria e a antiga Coelo-Syria. O exercito da Mesopotamia sobe pela velha Chaldéa. Já uma expedição conseguio chegar ao Caucaso. Os servios, italianos, gregos e francezes entram na Bulgaria. É a grande offensiva occidental, insufflada pela injecção do novo e ardente sangue americano, não da treguas aos germanos de Ludendorf.

Então, começa a desaggregação. A Bulgaria pede armisticio. A Turquia arreceia por uma paz em separado. E, ao desencadear duma offensiva italiana, a Austria certamente fraquejará, ella que tantas mostras anda dando de querer a paz.

Emquanto isso, do lado dos alliados a união, aggregação é cada vez maior. Italia, França, Portugal, Grecia, Japão, Belgica, Servia, Estados Unidos, Brasil, China, todos têm um só desejo: o esmagamento do perigo allemão. As colonias inglezas formam com a mãe-patria um blóco indestructivel. O membro gangrenado da grande união foi logo amputado: a Russia. E o presidente Wilson lança as bases duma alliança mais intima: a sociedade das nações.

Como se enganou a Allemanha de Bethmann Hollweg com o valor da Inglaterra, «magna pars» por tudo nessa grande luta! Todos os seus planos falharam e Albion sahirá do combate gloriosa e tão forte como dantes. Bem razão tinha o escriptor inglez que Vallet citou sem nomear: «a força da Inglaterra é tal que seus amigos não devem ignorar e seus inimigos errarão despresando.»

Rio, Setembro, 1918.

JOÃO DO NORTE.

"Fon Fon" 23 novembro 1918

GARATUJAS

As questões das aguias brancas.

Eram duas questões serias a resolver na Europa, mais dia menos dia. A guerra actual apressou-as. Mas sua resolução seria fatal, porque se não ajonjam, esmagam, aniquilam povos, por mais fracos que pareçam e mais pequenos que sejam, tão facilmente quanto calcula a ambição cruel dos despotas.

Não era possivel que, por mais tempo, continuasse escrava uma velha nação sympathica como a Polonia, digna de todo o amor e respeito, terra que produzio os Jagellões, Sobieski, Kosciusko e o Poniatowsky de Napoleão.

Tambem não era possivel que a Austria continuasse a dominar os jugo-slavos da Croacia, da Esclavonia, da Dalmacia, da parte da Istria, da Bosnia e Erzegovina, irmãos dos servios e dignos por tudo deconstituir uma nação unica, forte e livre.

Com a guerra, esses povos manietados manifestaram o seu espirito nacional, patriotico, ardente e heroico. A liberdade será o pagamento de taes virtudes.

Nós, homens do seculo XX, podemos nos orgulhar do renascimento da Polonia e da Grande Servia. A alma dos povos aferrolhados vê de novo a luz. E nós tiramos o chapéu e saudamos as duas aguias brancas, symbolos de independencia, que conseguiram escapar ás sanhudas garras das duas aguias negras da Allemanha e da Austria. A aguia branca dos descendentes dos horóes de Maciejowice abrirá as azas na purpura real da bandeira da Polonia. A aguia branca de Jorge o Negro palpitará ao vento, no fundo tricolor do pavilhão servio, signa dos slavos livres do sul.

81

"Correio Paulistano" 13-outubro-1918

A espada do rei Dagoberto

(João do Norte)

"Quoniam, cupiditate tanta hauriendi sanguinis nostri teneris, quid cessias in me cruentam securim distringere."

Valerius Maximus, L. III, cap. II.

O bom Santo Eloy, esporeando o lento cavallo pela estrada de Soissons, pensava no seu querido rei Dagoberto, cuja crueldade seus bons conselhos não podiam vencer.

Era ainda esse rei christão dos francos meio domesticados um verdadeiro barbaro, trovejando imprecações em idioma guttural, mesclado de teutonico e romano, á menor contrariedade. Amava sómente cacadas e guerras. Com os longos cabellos amarrados ao alto da cabeça e a barba intonsa varrendo as pelles da tunica, varava os bosques a cavallo, rindo rumorosamente ao enterrar a framéa amolada no sangue purpurino dos uros selvagens. Nos escuros caminhos das velhas florestas druidicas, a sua enorme matilha ladrava em torno do carro de bois em que viajava, comendo e bebendo entre mulheres nuas.

Ia para a batalha, cantando, fazendo rodopiar sobre as azas douradas do casco germanico o gume espelhante do frankisk. Atirava cavallo negro ao mais acceso das pelejas. E não tomava prisioneiros. Vencedor dos bulgaros, que pretendiam invadir a Allemanha, mandara trucidar nove mil, que se tinham entregado.

A exgottada raça dos Merovingios bruxoleava na energia malvada desse rei, precursor da longa theoria dos soberanos indolentes, manietados pela astucia forte dos prefeitos do palacio. Nos ultimos annos de vida do pae, fôra seu perigoso associado ao throno, especie de Cesar feroz junto a um Augusto enfraquecido. Dono de uma parte da França, usurpara a outra ao proprio irmão, que fallecera, cortando todas as tentativas dos seus fieis com o assassinio do sobrinho, unico herdeiro legitimo. Dominador dos leudes, respeitado pelos inimigos internos e externos, era rei da Neustria, da Austrasia, da Borgonha, da Aquitania e de Soissons, imperador dos francos-salios e dos francos-ripuarios.

Contam as lendas da Egreja que um eremita da Thebaida só se prendia ás vaidades do mundo por um fraco: a côpa de ouro em que bebia, resto unico de sua passada fortuna. O rei Dagoberto tambem só tinha uma inclinação doce e pacifica, por onde o bom Santo Eloy, seu ourives e seu ministro, o seguiava. Era um grande amor pelas cinzeladuras florejadas, uma grande paixão pelas pedrarias. Nas horas de furia, o santo mostrava-lhe um anel lavrado em fino ouro, uma sueira azul como as aguas do Mediterraneo, e logo seus olhos riam, seu coração se aplacava. E o soberano barbaro ficava tão quieto e manso como Saul ouvindo a harpa de David.

Quantas vidas não foram salvas, quantos decretos iniquos revogados, quantas duras ordens contidas por Santo Eloy, mercê da belleza de um cofre incrustado de marfim e gemmas, da finura de uma taça mais bella do que um seio de mulher?

E era ainda com o desejo de bem fazer e acalmar a ira do rei que o bondoso Eloy deixára o calmo retiro da officina, em Paris, e galopava com esforço para Soissons, constantemente pensando na salvação daquella alma barbara, que o baptismo de seu ancestre, Clovis, o orgulhoso sicambro de São Remigio, ainda não havia redimido.

Ao declinar do sól, o ministro avistou a cidade, os muros negros com atalaias e torres, os campanarios das egrejas, a alvura das casas entre a verdura dos jardins. Na planicie, que começava nos fossos e ia até aos combros violetas do horizonte, carregados de vinhedos, uma grande multidão pousava como bando de aves marinhas, em rebolico, á face da praia.

Santo Eloy galopou mais. Apeou-se, por fim, ao pé de rude estrado sobre o qual, numa sédia romana de braços recurvos, se assentava o seu amado rei. Rodeavam-no os leudes, os condes, os senhores francos. O povo de Soissons enchia as ameias, o campo, a berma dos vallados. As tiuphadias de guerreiros alinhavam-se ao sól; e, entre ellas, gemiam, ululavam alguns milhares de homens, mulheres e crianças captivos, mãos amarradas nas costas, faces maceradas, boccas famintas, roupas em farrapos. Eram as tribus saxonicas que o chefe dos francos acabava de vencer na fronteira do reino.

Dagoberto acolheu Santo Eloy com um sorriso e uma pergunta:

— Que me trazes, ourives?

— Este anel, para Alda, a tua favorita, ó rei! E apresentou-lhe um fino aro de ouro, em que duas serpes escamentas se contorciam segurando com as bifidas linguas uma pedra côr de sangue. Os olhos do soberano maravilharam-se no lavor precioso do metal e no brilho sanguineo do rubi.

— Alda vai ficar radiante, Eloy, disse elle; mas como sei por experiencia antiga que só me dás um goso destes em troca de grande favor e como o maior rei do mundo já se acostumou a ceder aos desejos dum ourives caprichoso e dum ministro avaro, dize logo o que queres em troca.

Santo Eloy extendeu a mão para os prisioneiros de guerra, a barba branca açoitada pelo vento, e, sem hesitação, todo piedade e meiguice, respondeu:

— O perdão dessa pobre gente, meu querido senhor.

— De toda? indagou o barbaro com um sorriso cruel.

— De toda! affirmou o santo, com segurança, e proseguiu:

— Bastam os nove mil bulgaros chacinados numa só noite, para fartar a vingança selvagem de vossos guerreiros. Christo ensinou que o verdadeiro poder é o de perdoar. Elle perdoou os seus proprios inimigos. Si continuardes, meu senhor, a desprezar os ensinamentos de Deus e a praticar taes actos, talvez que as orações continuas deste vosso servo não cheguem para salvar do inferno a vossa pobre alma.

Em derredor, leudes e barões franziam os rostos cheios de cicratizes, de longos bigodes louros pendentes, uns sorridentes, desdenhosos, outros enfriados com esse velho que vinha demover ou mesmo roubar-lhes o prazer tudesco da matança. Já um lento rumor de revolta corria entre a soldadesca barbara e a barbara população de Soissons, anciosos pela esperada e annunciada diversão da chacina.

Dagoberto, bem humorado pela victoria recente, pelo esplendor do dia e da festa, pela vista da linda joia, ficou indeciso. Santo Eloy de novo lhe metteu nas mãos uma [illegible] esmaltado de sinopla e blau, com leopardos e licornes de olhos de amethysta, conchas, ostras, vieiras, mariscos, ramagens de aipo e uma grande cruz peitoral, a mais perfeita obra sahida das mãos do santo ourives.

Mirou-o, remirou-o o rei, quasi extasiado. Depois, não podendo desgostar o santo e não querendo descontentar guerreiros e povo, determinou:

— Perdôo a metade! Os mais fracos, Eloy! Soltou uma curta exclamação guttural: um vozear brutesco encheu o espaço:

— O pavez! O pavez!

Quatro leudes puzeram aos hombros um grande escudo alongado, de tres gomos, com bordas pregueadas. Sobre elle, lestamente, o rei saltou, arrancando a espada da bainha. Vasta acclamação repercutiu até ao horizonte. Ao asserenar-se, de pé em cima do escudo, Dagoberto lançou a arma deante de si. A folha larga relampeou no ar, enterrou a ponta no sólo duro e ficou tremendo e reluzindo ao sol. Então, o rei ordenou:

"Diario de Santos" 19 outubro 1918

— Matem quem passar dessa altura! Voltou-se sorridente para a face triste de santo Eloy:

— Salvo por tua causa as crianças, ourives!

Dois homens, armados de achas afiadas, puzeram-se a um lado do gladio. Do outro, dois guerreiros traziam as victimas e mediam-nas com a arma real, murmurando-lhes ao ouvido:

— Ajoelha-te! De joelhos ficarás mais baixo e o rei perdoará o artificio.

Nenhum homem, nenhuma mulher das tribus vencidas se ajoelhou! Entregavam os condemnados aos carrascos. As cabeças rolavam no ólo, ás vezes rangendo os dentes, e o sangue vermelho dos saxões ensopava os hervanços.

Ao pé do pavez, silenciosamente, cobrindo o rosto com as mãos, Santo Eloy chorava. Já umas vinte cabeças se empilhavam sobre o prado, quando os guardas trouxeram uma criança, de mais ou menos dez annos, com uma fita de purpura amarrando-lhe os cabellos louros. Era visivelmente mais baixa que a espada. Santo Eloy respirou. Mas o menino poz-se na ponta dos pés: seus bucres de ouro passaram do punho ornamentado da arma e a voz fraca, porém, decidida, bradou:

— Quero ir ver meu pae no Walhalla! Matem-me, não tenho medo!

Os carrascos olharam o rei numa interrogação muda. Todos os guerreiros baixaram a cabeça, confusos. Entre o povo mudo, muita gente levantava a mão como os romanos no circo, para perdoar. Santo Eloy acercou-se do rei e sussurrou-lhe:

— Perdoai, meu senhor, pela bravura desta criança, a todos os outros!

Na lucta interior de sua alma, admiração por aquelle heroismo infantil e vaidade do seu poder de rei entrechocaram-se como duas filas de guerreiros em peleja. Mas a vaidade de não ceder, de não voltar atrás venceu a admiração. Dagoberto cerrou ouvidos á angustiada supplica. Endureceu a face e gritou roucamente:

— A ordem do rei é uma só! Passou da altura da espada, matem! E a cabeça dourada, com a sua fita de purpura, tombou sobre as outras.

Santo Eloy lentamente se afastou, montou a cavallo e fugiu pela estrada de Paris, em busca do socego de sua officina. E as lagrimas corriam-lhe pela face rugosa, perolando os fios brancos da barba, toda a vez que pensava no seu rei Dagoberto, tão querido e tão cruel...

João do Norte

Nenette e Ritintim

Nada se faz em Paris que se não imite no Rio de Janeiro. As «grisettes» crearam um patuá especial para livral-as dos projectis dos aeroplanos allemães. Na nossa formosa capital sobre a qual nunca evoluiram «tanks» nem «aviatiks», as moças entendem de usar os «fetiches» parisienses. Andam todas ou quasi todas com os dois bonequinhos de lã, que o espirito subtil de Lutecia appellidou de Nenette e Ritintim, em lembrança de duas victimas dos «zeppelins», pendurados dum fio ao pescoço.

Bonequinhos ao pescoço, como «porte bonheur» são coisas tão velhas que a sua memoria se perde nos tempos mais remotos. As meninas de Paris não inventaram nada. Limitaram-se a uma servil imitação da antiguidade ,pela qual á grande distancia se prolonga a historia das Nenettes e dos Ritintins. Ademais, que é toda a vida da humanidade senão cópia, eterna cópia do que já foi feito?

Já na idade-media, quando os homens da guerra dos cem annos enchiam de lamentos, como a guerra de hoje, a nobre terra de França, as mulheres de Paris, afim de se livrarem de Borgonhões e Armagnacs, os dois partidos rivaes, que as não poupavam, andavam com os bonequinhos da epoca. Eram de raiz e eis como Anatole France os descreve:

«Muitos paresienses, com effeito, pagavam carissimo a essas velhas que pretendem saber tudo mandragoras e conservavam-nas preciosamente num cofre. Essas raizes magicas têm o aspecto dum homenzinho muito feio, bizarramente e diabolicamente disforme.»

Comparemos o calunguinha de lã, mal amanhado que as elegantes e melindrosas trazem ao pescoço com essas raizes da idade-media: chegaremos á conclusão de que as mandragoras são irmãs mais velhas de Nenette e do Ritintim.

Mas a tradição dessa crença num feitiço contra a adversidade mais commum no momento ainda é mais velha. Os Phenicios e carthaginezes carregavam ao collo presa a um fio de oiro uma imagensinha de pedra azul transparente, pela qual juravam antes de falar em publico. Era a estatueta da Verdade, que os impedia de mentir e, ao mesmo tempo, os livrava de afflições, segundo os depoimentos de Eliano e de Diosbro da Sicilia, um dos mais interessantes historiadores antigos. Mesmo as mandragoras nao datam sómente da noite medieval. Hippocrates já falava nellas nas suas prescripções medicinaes. E os proprios «teraphins» hebraicos, de que falam velhos livros sagrados e profanos, que lembravam os santinhos de metal ao redor do chapéo ruço e pelludo de Luiz XI, nunca passaram de fórmas primittivas de Nenette e Ritintim.

Ha, porém, um antepassado dos polichinellos de lã, que Paris nos exporta, mais antigo que qualquer outro e mais celebre que todos reunidos. E' a celeberrima e celebrada raiz do Baraz ou do Baarás, á qual, na «Reliquia», o Eça, que todo o mundo lê, allude de quando em quando, naquellas descripções de Jerusalem e da Judéa, imitadas de Flaubert e com paginas Fpiadas «ipsis litteris» de Petmecelli della Gathica, porém sempre tão cheias de encantos, tal o poder suggestivo do seu estylo.

A fama do Baraz encheu todo o oriente e veio depois para o occidente europeu. E' a raiz dum arbusto asiatico e deve ser colhida, isto é, desenterrada, com ritos especiaes, em noites sem lua, por pessôas duma certa casta, afim de nada perder de sua virtude.

Nunca houve amuleto mais poderoso. Dava todas as felicidades possiveis e dulçurosa bonança na vida inteira. Nãc havia poder que prevalecesse contra ella, a raiz providencial, cujos rebentos esgalhados lhe davam um todo de corpo humano com braços e pernas bem abertas, um feitio de mandragora, de Nenette e de Ritintim...

A moda tem um extranho poder. Resuscita com as côres da mocidade as mais vetustas creações. Neste tempo super-civilisado, veste uma antiquissima crença com lã multicôr, baptisa-a com dois nomes inteiramente boulevardianos e impõe-na de novo á humanidade inteira, que, sorrindo, pendura-a logo ao pescoço, em Paris, em Londres, no Rio, em Buenos Aires ,em Nova York, como os phenicios ,os carthaginezes, os hebreus, os arabes, a arraia-miuda medieval, os contemporaneos de Luiz XI, a gente atrazada da Asia Menor o faziam. E' que no fundo da alma humana, apesar da aviação, da electricidade, de Marconi e do radio, as superstições adquiridas na era palealithica ainda não morreram.

Rio. outubro — 1918.

João do Norte

"Correio Paulistano" 1º Novembro 1918

A EPIDEMIA

(JOÃO DO NORTE)

A peste mais antiga de que fala a historia dos homens é a de Athenas, occorrida durante a guerra do Peloponeso, uns quatro seculos antes do nascimento de Christo. Até hoje não se conseguiu saber que especie de morbo foi, pois a sua symptomatologia, bem descripta nos documentos da época, nunca mais se reproduziu; e, assim, o mal jámais poude ser identificado.

Transcrevo da "Historia" de Thucydides, de acôrdo com a optima traducção franceza do professor Loiseau, a descripção de tal epidemia:

"Desde o começo do estio, os dois terços das tropas do Peloponeso e dos alliados atiraram-se sobre a Attica, ahi acamparam e devastaram o paiz. Era Archidamos, filho de Zeuxidamos, quem os commandava.

Fazia dois dias que ali se encontravam, quando, pela primeira vez, começou a apparecer a peste entre os athenienses. Diziam que varias vezes já atacára Lemnos e outras regiões; porém, ninguem se lembráva em parte alguma de tão terrivel flagello e tamanha mortandade. Os medicos, no começo da doença, não lhe puderam dar remedio, porque a não conheciam; e morriam mais que quaesquer outros, porquanto se approximavam mais dos enfermos: todavia a sciencia humana parecia impotente. Em vão se fizeram orações nos templos e se consultaram os oraculos; em vão se recorreu a outras praticas semelhantes; tudo foi inutil e acabou-se por abandonar tudo, tal o abatimento causado pelo mal.

Este, segundo contavam, começára pela Ethiopia, descera ao Egypto e á Lybia, alastrára pela maior parte dos dominios do rei da Persia e, subitamente, chegára a Athenas. Primeiro, atacou os habitantes do Pireu, que pretendiam terem os peloponesianos envenenado as fontes, embora ali não houvesse fontes. Canhou depois a cidade alta e, então, foi ainda maior a devastação.

Deixo a cada um, medico ou não, o cuidado de dizer o que souber sobre esse flagello, sua origem, causas que produziram tal revolução na saude e remedios julgados efficazes. Quanto a mim, direi só qual foi o mal. Como fui em pessoa attingido por elle e vi outros atacados, poder-se-á, segundo os symptomas que vou enumerar, prever seus effeitos e não estar em ignorancia, si reapparecer por acaso.

Certamente, não houve anno em que outras molestias menos se fizessem sentir; e, si acontecia que alguem as sentisse, logo as levavam á conta da crise geral.

Commumente, os individuos eram atacados de repente, sem a menor causa apparente, gosando perfeita saude.

Primeiro, sentia-se quentura á cabeça, os olhos ficavam vermelhos e inflammados; a garganta e a lingua ficavam sanguinolentas, a respiração irregular, o halito fétido. A esses symptomas succediam espirros e rouquidão. Em pouco tempo o mal ganhava o peito e causava fortes tosses. Quando attingia o coração, excitava os seus movimentos e, com o seu cortejo de dôres, vinha todos os derramamentos da billis que os medicos conhecem.

A maior parte dos enfermos tinham vomitos seccos. Em alguns as dôres logo se aplacavam; noutros duravam muito. A pelle não era muito quente nem pallida, porém avermelhadas, cobrindo-se de pequenas pustulas e ulceras. O interior do corpo era tão ardente que os resto-os não supportavam as mais leves roupas. Ficavam nu's e seu unico allivio era mergulhar na agua fria; mesmo muitos, que não estavam guardados á vista, precipitavam-se nos poços, atormentados por inextinguivel sede. Entretanto, nada adeantava beber isto ou aquillo; o doente não conseguia obter repouso nem diminuir a sua insomnia".

O grande historiador grego indica outros symptomas, como a diarrhéa, cada qual o mais terrivel; estuda a desorganização que lavrou em todos os serviços e na vida social de Athenas, tendo muitas phrases como esta: "Cada um enterrava seus mortos como podia."

Eu já lêra toda a historia da grande Peste Negra, que no bruxolear da éra medieval desabou sobre a Europa, a narração da celebre peste de Marselha no começo do seculo dezoito e os recontos das epidemias da variola e cholera-morbus, pelo interior vasto e infeliz do nordeste brasileiro, ahi pelo meado do ultimo centenario. Mas nenhuma dessas descripções me horrorizou tanto quanto essa desconhecida peste de Athenas, tão singelamente registada pelo imparcial Thucydides, e que causou mil vezes mais mal que a conhecida peste dos Antoninos, no imperio romano.

Nunca, porém, julguei que tão dolorosos lances fossem um dia vistos com os meus olhos cançados de jornalista do seculo XX, da éra das grandes cousas. Nunca pensei que, [illegible] a vêr os horrores duma peste como si vivesse em plena edade média ou no longinquo tempo de Thucydides.

Sempre pensei que, actualmente, estivessem mortas as grandes epidemias deante dos recursos da sciencia moderna; que a hygiene levada ao extremo, os conscienciosos e custosos estudos de pathologia e bacteriologia, toda a vasta pretenção da medicina official, fossem barreiras sufficientes para fazer recuar os bacillos insidiosos. Sempre estive certo de que a peste era um espantalho de papel, sepultado nas paginas do passado, do qual não deveriam ter o menor receio os homens maravilhosos dos dias do aeroplano, do sem-fio e do rádio, poderosamente armados de desinfectantes e do conhecimento profundo do corpo humano e de suas funcções.

Despertei dessa illusão deante do Rio de Janeiro de 1918 reduzido ao papel de Athenas do 4.o seculo, antes de Christo! Porque o que descreve Thucydides eu tenho visto em plena capital moderna do Brasil, horrorizado.

A influenza hespanhola, peste de Dakar ou não sei que outro titulo tenha, cahiu sobre a cidade de Oswaldo Cruz e encontrou-a sem defesa, entregue a uma administração de pouca energia, e transformou-a logo na capital grega ha mais de dois mil e trezentos annos!

Tudo o que se passou na guerra do Peloponeso, os habitantes do Rio de Janeiro atravessaram e ainda vão atravessando. Aqui, como em Athenas, sabia-se que o contagio já andava por outros logares e sobre nada se providenciou; os medicos não conseguiram combater fortemente o flagello, por não ser este bem conhecido e ainda não haver um especifico contra a molestia; esses mesmos medicos morreram ás duzias; nada adeantaram tambem procissões ou rezas. Como a gente do Pireu accusou os peloponesios de envenenarem as fontes, a do Rio fez correr o boato do empeçonhamento das caixas dagua pelos allemães. Em Athenas, a devastação foi terrivel na parte alta da cidade. Aqui, foi horrorosa na população miseravel do morro do Salgueiro, da Favella, do Pinto, da Saude e dos suburbios. Tambem não se falou doutras molestias; só se adoeceu e só se morreu de grippe. Geralmente, os ataques foram subitos e mortaes. Doentes, que não estavam guardados á vista, fugiram como loucos, não para se atirarem nos poços, porém para se metterem nos mattos. E muitos dos symptomas apontados pelo historiador grégo têm seus correspondentes entre os da grippe actual...

A peste mais sinistra, no emtanto, é a referente ao enterramento dos mortos, mais grave talvez que a do tratamento dos vivos. Após o terremoto de Lisboa, Sebastião José de Carvalho, o grande marquez de Pombal, disséra: "Agora temos que enterrar os mortos e cuidar dos vivos." O nosso governo achou conveniente, durante muitos dias, não cuidar dos mortos e procurar, lentamente, tardigradamente só tratar dos vivos.

Então, por causa da immensa mortalidade da gente de toda a sorte e da fallencia immunda do serviço funerario duma Santa Casa infamemente administrada, os cadaveres se accumularam nos nossos cemiterios aos montões, empestando o ar. Houve, sem o menor exaggero, corpos apodrecendo nas casas e atirados ao meio das ruas, das proprias ruas por onde passam bondes.

908.22

...ultimo, um dia o governo mexeu-se, occupou militarmente o cemiterio e regularisou o serviço de sepultamento, embora para isso houvesse de sua policia recrutar á força coveiros pelas ruas. Mas a balburdia desse serviço vai grande e vasta ainda. Da minha janella, tenho visto milhares de caixões de pinho simples, sem cobertura de panno ou dourados; caminhões cheios de cadaveres quasi nu's, empilhados; esquifes em carros e automoveis de praça; bondes da **Light** pejados de corpos de indigentes e mortos nos hospitaes.

Parece que a vida da cidade, que se paralysara, volta aos poucos e aqui a epidemia decresce, pelo menos na parte urbana, onde são maiores os recursos de toda a sorte. Uma ameaça pesa ainda no horizonte, annunciando borrasca proxima: a falta de generos, a perspectiva da fome!...

Como todas as cousas boas e como todas as cousas **más**, a epidemia ha de passar. Mas a sua horrivel lembrança ha de ficar gravada na retentiva dos habitantes da mais formosa e infeliz capital do Brasil. E eu, embora viva cem annos, jámais hei de esquecer que vi, na minha terra, em pleno seculo XX, as scenas que Thucydides descreveu quatro seculos antes da éra christã, mesmo aquellas contidas na phrase tristissima: "Cada um enterrava os seus mortos como podia."

João do Norte

"Fon-Fon" 23 nov. 1918

GATAFUNHOS

Os architectos e pedreiros têm umas complicadissimas armações de madeira, com cujo auxilio fazem arcos, arcadas, rotunda e abobadas, e que, justamente por serem complicadas, technicamente se chamam *simples*.

Depois de construido o zimborio, a cupola, a porta, o mestre alvanel chega alli e retira uma simples cavilha, menor que um palmo. Então, toda aquella complicação de travessas, taboas, traves, barrotes, etc., vem abaixo com medonho estardalhaço. E a construcção fica assim livre daquella modrinaria interessante. Foi desse modo, segundo Herculano, que se fez sobre a cabeça do mestre Affonso Domingues, o dono do mosteiro da Batalha de Aljubarrota.

Pois, meus caros, aquella construcção politica que se chamou *mittel Europe*, accrescida das perfidias das cambaias da Bulgaria e Turquia; que, durante quatro annos, ensanguentou terras e aguas do mundo, acaba de desabar mais depressa e mais fragorosamente do que os *simples* complicados da architectura.

Jamais se pensou que o bloco Germano - Austro - Turco - Bulgaro ruisse com tal rapidez e com tanta desmoralização. Nunca se esperou tal!

E' que ninguem se lembrára de estabelecer o paralello, que é mais do que verdadeiro. Tanto assim que no dia em que os alliados retiraram a cavilha, que era a Bulgaria, os barrotes das cercas de arame farpado, os taboados da trincheiras, as estacas pontudas dos fossos, o madeiramento de baterias e fortes, todas as traves que os olhos allemães, tão promptos em enchergar argueiros na vista alheia, ainda não tinham dado fé, vieram abaixo estrepitosamente...

Finis Germaniæ!

"Boletim Commercial e Consular do Ministerio do Exterior"

Setembro 1918

A Balata

O que é a Balata

A balata, que pouca gente conhece é o producto duma arvore denominada pelos botanicos *mimusops globosa*, que existe em grande quantidade na zona norte da Amazonia.

A arvore da balata assemelha-se muito á seringueira, *hevia brasiliensis*, sendo de maior diametro e de lento crescimento. Só attinge á idade adulta aos quarenta annos. Essa arvore pode alcançar a altura de 36 metros. Sua madeira é rigida e muito duradoura de uma bella cor avermelhada, servindo perfeitamente para a confecção de moveis.

Ha uma outra arvore da mesma especie da *mimusops globosa*, que, tambem produz a mesma resina. E' a *mimusops balata*. Alguns scientistas opinam, porém, que não existem essas duas variedades. Da massaranduba, arvore muito commum no Brasil, pertencente á mesma familia, *(mimusops elata)* extrae-se abundante latex, que não serve para os mesmos fins industriaes dos da balata, mas, pode ser-lhe misturado sem desvantagem. Isolado, tem o grande inconveniente de ser muito quebradiço.

BALATA E GUTTA PERCHA

Tem sido preocupação constante dos chimicos industriaes encontrar uma materia qualquer capaz de substituir a gutta-percha nas suas multiplas applicações.

A gutta-percha é produzida nos paizes do Oriente por uma arvore, que já está desapparecendo com rapidez devido a varias causas da *isonandra*.

Receiando, deante da escassez da producção da gutta-percha, a sua falta completa, procurarão logo arranjar um succedaneo. Fizeram-se experiencias com o leite da *Dichopis elliptica* do Hindostão, da *euphorbia cattiandoo*, da *euphorbia tirucalli*, da *calatrops gigans* e da *bassia parkii*. Nenhuma deu resultados apreciaveis. Então, estudaram de *mimusops* e verificaram ser o seu producto o unico capaz de substituir a gutta. Dahi o grande valor commercial a que attingio a balata.

HABITAT DA BALATA

As arvores da balata, *ball tree*, como chamam os inglezes, são naturaes das guyanas, da Venezuela e do Brasil. Das tres Guyanas a que mais a possue é a Ingleza, onde sua exploração está bastante adeantada e já regulada por leis muito praticas. Ella abunda mais nos districtos do Canjé, Bebrice, Esequibo e Correntyn.

Na zona brasileira limitrophe a Guyana Ingleza é immensa a quantidade de balata existente, quasi toda em estado selvagem, não existindo uma exploração systematisada.

APPLICAÇÃO DA BALATA

A balata que é dotada de grande resistencia, tem absoluta propriedade isoladora da electricidade, o que lhe dá o terreno do material de illuminação e telephonia ou telegraphia illimitada applicação.

Serve misturada a outras substancias, para telhas de casas (com o arbesto), solas de sapatos, evitando a humidade, polias, correias de transmissão, valvulas de machinismos e milhares de pequenos objectos de envolta com uma certa quantidade de borracha.

ANALYSE CHIMICA

Humidade	1.9%	—
Gutta	49.7%	50,7%
Resina	44 %	44,8%
Proteide	3,8%	3,9%
Cinza	0,6%	0,9%

Esta analyse foi obtida pelo director do Collegio Real de Georgetown e existe no relatorio apresentado pelo Sr. W. Boyd á Superintendencia da Defeza da Borracha em 1913, e na monographia que, sobre o mesmo assumpto, o Sr. Gustavo Barros, secretario daquella repartição, apresentou á Exposição de Borracha do mesmo anno.

EXTRACÇÃO DA BALATA

Tira-se o latex da arvore por meio de incisão, cujos methodos são variaveis. Reune-se em tinas ou calhas untadas de sabão e deixa-se seccar ao ar livre, evitando a humidade. Dentro de dias a superficie exposta ao ar secca, Tira-se então uma como pelle que se pendura duma vara para seccar mais. A superficie novamente exposta secca dentro de pouco tempo. Arranca-se outra pelle. Assim se faz successivamente, até chegar ao fundo do deposito.

Quando as folhas penduradas ficam inteiramente seccas, podem ser exportadas.

Calcula-se que cada arvore produz cinco kilos de balata secca por safra.

EXPORTAÇÃO

A primeira amostra de balata que appareceu nos mercados da Europa foi enviada da Guyana para Londres, em 1859.

Em 1865, já a exportação era do valor de 20 mil libras. Em 1888, exportaram-se 115 mil kilos. Em 1908, iam para a Europa 496 mil kilos do producto, valendo 98.128 libras.

85

"Diario de Pernambuco" - 9 - novembro - 1918

O fim dos Hunos

1

Quem desejar saber o que foram e o que fizeram os hunos leia a «Historia de Attila e seus successores» pelo sr. Amadeu Thierry. Horrorisa. Impressiona profundamente. Depois que a leu, o espirito eminentemente critico de Paul de Saint-Victor, esse escriptor de estylo tão brilhante, que Theophile Gauthier dizia serem precisos oculos fumaçados para o ler, escreveu um dos mais bellos, senão o mais bello capitulo do livro «Barbaros e Bandidos».

As devastações dos hunos eram tão terriveis, que, ao pé delles, os proprios vandalos pareciam soldados bons e disciplinados. Diante das suas atrocidades, os godos crearam a lenda de que elles tinham nascido do infernal connubio das feiticeiras scythas com os demonios errantes das steppas.

Numa de suas maravilhosas epistolas São Jeronymo dizia que, por toda a parte, elles chegavam imprevistamente e andavam mais depressa que a noticia de sua irrupção; não respeitavam religião nem idade ou dignidade das pessôas.

Não tinham mesmo piedade das creanças, que, innocentes do perigo, riam olhando o luzir das espadas nuas!

Jornandés, escriptor da decadencia latina, descendente de gétas, affirmava que só uma cousa tinham de humano: a palavra. Eram féras que ao envez de urrar, bramir, uivar, falavam.

Amoniano Marcellino chamou-os bestas de dois pés.

Saint-Victor pinta-os baixos e grossos, cabeças chatas, chamorras, brutaes, narizes esmagados sobre a face bestial, com habitos de lobo e de urso. Eram perfidos, furentes, ladrões, com uma serena crueldade de animal feroz. Eis um dos seus periodos:

2

«Os povos fugiam em debandada diante daquelle furacão humano que pilhava, esmigalhava, chacinava, devastava e saqueava, acabando com o fogo as obras das armas. De todos os lados só se ouvia o estertorar das nações degoladas. O sangue corria em torrentes. As cidades esvasiavam-se. As florestas enchiam-se de fugitivos. A terra cultivada aplainava-se sob o nivel da destruição. Dir-se-ia que os hunos traziam o deserto e o desenrolavam como um lençol sobre o mundo....»

3

Não assistimos hoje em dia ao mesmo quadro?

Os hunos reappareceram, não envoltos em pelles, brandindo cutelos e azagaias; porém armados de fusis Mauser e de canhões Krupp ou Skoda, assoprando gazes asphyxiantes, trazendo toda uma sciencia só á guerra dedicada, como se a mathematica e a chimica tudescas tivessem conjurado a morte da civilisação.

Desenrolaram o deserto sobre a Servia e o norte da França, fusilaram mulheres, assassinaram creanças, tramaram perfidias e, como seus velhos ascendentes, tiveram um principe com o mesmo nome de Attila: Fittel, o filho segundo do Kaiser...

Peores que os mesmos hunos, mais falsos e mais saqueadores, os seus Estados Maiores preceituaram o «butin» official, os seus governos pagaram a traição e espalharam a perfidia, ostentando a mais cynica hypocrisia.

Os hunos antigos, que se atiraram sobre a civilisação greco-latina, foram afinal vencidos. Os hunos modernos, que vieram contra a mesma civilisação, trazendo o contrabando de uma «kultur» philosophica, que as satyras de Heine tanto corroeram, estão sendo vencidos.

De todos os lados recuam batidos. Cada reencontro que travam é um novo Marne, novos Campos Catalannicos, nova aguilhoada de ferro em braza que os acua para além de suas fronteiras. E elles pedem armisticio, e elles supplicam áquelles que hontem ameaçavam, e elles imploram á aviação alliada que não bombardeie suas cidades abertas, quando ainda ha bem pouco sem piedade bombardeavam Paris e Londres.....

4

O fim dos novos hunos se approxima a passos largos. O mundo vae respirar livre do terror dessa nação que enlouquecera e que será contida nos limites que merece. Terminou a edade barbara e ca grenta dos novos hunos. Mais uma victoria contra a civilisação mediterranea, cujo espirito alado e eterno, cuja belleza leve e pura, cuja vida rythmada e sonora, não podem ser substituidos pela dureza duma «kultur» nascida no fundo sombrio da Germania.

O fim dos hunos!

Rio, novembro, 1918.

João do Norte

"Fon-Fon" 23 novembro 1918

GATAFUNHOS...

Faz-se uma constatação mais do que triste, hoje que a epidemia passou ao ról dos factos consummados, o ról maior que existe no Brasil. E' que a morte só levou gente boa. Isto não quer dizer que, segundo o classico costume, todos os que morrem são bons. Não. Só morreu mesmo gente boa.

Cada vez que se abria o obituario, ficava-se com os olhos cheios de agua. Moços, fortes, sadios, bons amigos, bons chefes de familia, honestos, leaes, generosos, falleciam aos pares. Entretanto, os typos invejosos, pequeniuos, despreziveis e maus de natureza, ahi ficaram todos, mais sadios que antes, palitando dentes e fazendo figa á boa vontade que se tinha de não mais os vêr...

Com mil raios! E' até de se perder a paciencia, de se ficar furioso e mesmo de se dizer assim ao ouvido das pessoas intimas: esta grippe foi mesmo uma decepção...

"Correio Paulistano" 20 outubro 1918

Saudade das Amazonas

(João do Norte)

As mulheres cavalleiras, que se deleitavam nos combates e odiavam os homens, cujo nome o visionario Orellana perpetuou, dando-o ao maior rio do mundo, as Amazonas existiram ou nunca passaram duma fabula como os centauros, os monstros e povos fabulosos de Plinio?

Eis ahi uma questão que se não póde resolver impensadamente, ou melhor, que se não póde resolver. Quem conhece a geographia fabulosa dos antigos, cheia de paizes esrambolicos povoados por gente ainda mais exquisita: blemmyes dum olho só, sciapodos dum pé unico, pygmeus que os grous devoravam, ethiopios macrobios e quejandos, não póde levar muito a serio a existencia desse povo feminino, habitando a Asia Menor ou insulado na Scythia. Mas todos os autores da antiguidade e os de maior peso affirmam que essas mulheres viveram longo tempo, desde antes da guerra troyana até aos dias de Alexandre, o macedonico, narrando interessantes pormenores do seu caracter e do seu modo de vida.

Herodoto, no capitulo cento e dez do seu livro quarto, conta mais ou menos o seguinte: Os scythas chamavam-nas oiorpata, isto é, mataloras de homens. Dahi se vê que as mulheres não nos perdoam a longa e velha injustiça com que as tratamos. Têm-nos odio, emquanto que nós não: amamos todas as que merecem ser amadas. Ha tribus de homens que possuem cada um dezenas de mulheres, mas nunca houve tribus de homens que fossem matadores de mulheres.

Dado este ligeiro cavaco, voltemos ás Amazonas do grande Herodoto. Ellas habitavam á margem do Thermodonte e abriram lucta com os gregos, que as venceram, aprisionaram e embarcaram numa trireme. Em pleno mar, ellas revoltaram-se, mataram os guardas e tripulantes, recobrando a liberdade. Mas, coitadinhas! não entendiam nada de navegação. Tinham nascido para usar couraça, montar cavallos de guerra e combater rindo argentinamente sob o tape-zape das laminas de aço; não para furar vélas, trepar em mastros ou agarrar o punho dos grandes remos de amieiro. O navio andou á matroca pelo Ponto Euxino, o mar Negro de hoje, até que uma ventania o levou ao Palus Meotis, o mar de Azof, atirando-o sobre as praias da Scythia fria.

As valentes damas desembarcaram e logo avistaram com alegria um grande lote de cavallos, que pastavam num prado, os ancestres illustres dos corredores de Orlof, que os cosacos montam. Estavam em casa, como vulgarmente se diz. Laçaram-nos, montaram-nos assim mesmo em pello e começaram uma vida cangaceiral de morticinio e de pilhagem.

Os naturaes do paiz, embora surprehendidos com aquella irrupção de bandidos desconhecidos, imberbes, formosos, que combatiam rindo, deram-lhes combate e conseguiram que abandonassem alguns cadaveres no campo de batalha. Examinaram-nos e reconheceram, com espanto, que eram mulheres.

Então, resolveram não batalhar mais contra as innocentes e doces criaturas... Enviaram um esquadrão de rapazes escolhidos entre os mais bellos e fortes, com ordens especiaes, acampar perto dellas. Puzeram o fogo junto da palha. Os dois acampamentos defrontaram-se. Elles não procuravam fazer-lhes o menor mal. Ellas tambem. Havia olhares cobiçosos duns para os outros. A confiança veiu vindo com o correr dos dias. E lentamente as tendas brancas se approximaram sobre a verde pellucia da steppa.

Um dia, um dos rapazes surprehendeu uma, sósinha, perto da fonte, e ella não o repelliu, diz o maldoso Herodoto. O que ambos fizeram é segredo delles, mas o certo é que ella pediu-lhe que ao outro dia ali viesse e trouxesse um companheiro, porque ella traria uma amiga. Dia a dia, elle trouxe mais um e ella guiou mais uma, de maneira que em pouco tempo os dois acampamentos viviam em romaria á fonte, que podemos chamar do Amor. Homem e mulher, quando se ajuntam, diz o sertanejo, perdem o juizo.

Vejamos agora o que diz Justino, o intelligente abreviador da grande historia universal de Trogo-Pompeu. Herodoto contou a chegada das virgens bellicosas á Scythia. Justino narra a sua origem. Dois principes scythas de sangue real, expulsos do seu paiz por uma lucta politica qualquer, vieram acompanhados de todos os seus numerosos partidarios buscar um refugio na Cappadocia. Estabeleceram-se na planicie de Themiscyra, banhada pelo rio Thermodonte. Não sabendo a divina arte de semear o trigo, que outróra Triptolemo inventára para felicidade dos homens, e não possuindo rebanhos para criar, tornaram-se bandidos.

Quando suas depredações exgottaram a paciencia dos povos vizinhos, estes ligaram-se, perseguiram-nos e mataram-nos todos. Não escapou um para contar como foi a lucta e por isso não a podemos descrever.

As esposas, filhas e irmãs desses salteadores foram tambem perseguidas. Obrigadas a se defenderem, sósinhas no mundo, correram ás armas e brigaram como heroinas, repellindo os inimigos e fazendo-se de então por deante respeitar. Renunciaram ao casamento por entendel-o uma servidão (palavras de Justino, não minhas) e resolveram desprezar os homens. E' bom accentuar que mantiveram tal resolução até ao dia em que elle a encontrou (são os dois que já nós conhecemos) junto daquella ensombrada fonte, onde tantas boas e bellas cousas aconteceram...

Justino accrescenta que ellas, para que a raça se não extinguisse, procuravam, de quando a quando, os bonitos mancebos da redondeza. Emfim, os homens sempre servem para alguma cousa. Porém estrangulavam todos os filhos machos e educavam as filhas, fazendo-as montar e combater. Para lhes tornar mais facil o distender da corda do arco, com que atiravam certeiras flechas, queimavam-lhes, ao se tornarem moças, o seio direito. Dahi o seu nome. A é o privativo; mazona, o seio: amazona — sem seio.

Os phenicios e carthaginezes, afim de se governarem, tinham dois juizes: o suffeta do mar e o suffeta da terra. Ellas possuiam duas rainhas: uma que governava a nação, outra que conduzia a guerra. As mais celebres foram Marpésia e Lampedo, que fundaram Epheso e dominaram a Asia. A primeira morreu numa expedição, á Europa, vendo com o ultimo olhar seus esquadrões destroçados no campo da batalha. Lampedo falleceu mais tarde.

Succederam-lhes Antiope e sua irmã Orithya, a unica dessas virgens que foi eternamente virgem e que tinha fama de invencivel. Por essa razão, trazer suas armas vencidas foi um dos doze trabalhos a que Hercules foi obrigado. O semi-deus, acompanhado por Theseu, rei de Athenas, e pelo escól da juventude grega, desembarcou na Asia Menor e colheu de surpresa a rainha Antiope, rodeada de poucas guerreiras, porque Orithya andava em guerra nas fronteiras. Foi facil a victoria. Theseu aprisionou Hippolyta, cuja ferocidade domou, com quem casou e de quem teve um filho — Hippolyto. Hercules apoderou-se de Menalippa, trocando-a pela armadura florejada de Orithya, que trouxe a Eurysthen, cumprindo o trabalho que lhe fôra imposto.

As Amazonas juraram odio eterno aos hellenos. E odio feminino não é brincadeira! Penthesiléa levou-as contra elles durante o cerco de Troya, tendo-se Virgilio encarregado de celebrar suas façanhas á margem do Thermodonte. Foi então que os argivos confederados as venceram e exilaram na Scythia.

Nem só o grande poeta mantuano lhes perpetuou os feitos. Ovidio exilado lembrou-os nas "Cartas Ponticas", enchendo com o rumor das suas armas a epistola decima, e Propercio fez-lhes uma elegia. Outros poetas de menor peso tambem dellas se occuparam. Um tempo, em Roma havia a mania de celebrar o esplendor das Amazonas. Todo e qualquer metrificador elogiava Phebéa e Philippis, Aella e Asteria, Antiope e Penthesiléa. Até Martial ridiculariza numa satira Marsus, autor dum poema incolor denominado "Amazonida".

Quinto Curcio, o historiador de Alexandre Magno, admitte a existencia das Amazonas e conta um facto muito interessante. Minithya ou Thalestris, rainha das mulheres guerreiras exiladas entre os scythas, sabendo da approximação do conquistador macedonio, escreveu-lhe mostrando-se anciosa de conhecel-o. O rei mandou dizer-lhe que viesse. Apresentou-se a cavallo, coberta de aço, com dois dardos na mão. Ficou olhando-o muito tempo, admirada de que fosse pequeno de estatura o dono do mundo. Alexandre perguntou-lhe si desejava alguma cousa. E ella, com o maior desembaraço, respondeu que, em vista da grandeza delle, desejava que fosse pae dum filho seu. Caso a criança fosse menina, guardal-a-ia; caso fosse menino, entregal-o-ia a Alexandre. Quinto Curcio accrescenta que o heróe de Arbellas e de Granico acceitou, que ambos viveram juntos treze dias e que se despediram satisfeitos um do outro.

Esta é a mais interessante e original aventura das Amazonas.

Mas contra a existencia das mulheres guerreiras eleva-se uma opinião formidavel. E' Strabão, que vem destruir o edificio alevantado pelos escriptores e poetas antigos, desde Virgilio e Pompeu até Metrodoso e Hypsicrates, mesmo até Jornandés, o gothico. No seu livro XI, Strabão discorre assim, judiciosamente:

"No que concerne ás Amazonas, a Historia offerece certa singularidade: emquanto, geralmente, os historiadores se mostram cuidadosos de bem separar o que é do dominio da Fabula (isto é, tradições antigas, metirosas e maravilhosas), do que pertence á Historia, a qual só deve, seja qual fôr a época, procurar a verdade, nunca admittindo o maravilhoso, a não ser mui raramente; no que concerne ás Amazonas, todas as historias, tanto presentes como passadas, sómente nos offerecem narrações fabulosas, tradições absurdas e inverosimeis. Quem poderá, algum dia, acreditar que mulheres sósinhas, sem homens, tenham jámais podido perpetuar-se em estado de exercito, cidade ou nação, não sómente perpetuar-se, porém fazer expedições em regra contra nações extrangeiras, chegar assim, de conquista em conquista, a apoderar-se do paiz conhecido hoje por Ionia e atravessar mesmo o mar, afim de atacar a Attica?"

Strabão continua pondo em duvida varios outros episodios e o repentino amor de Thalestris por Alexandre Magno. A opinião do geographo insulado vale mais que a de todos os historiadores que o precederam, inclusivé Herodoto. Estamos certos de que as Amazonas não existiram, mas o amor das lendas que morrem faz o nosso espirito rebellar-se contra a sciencia

87

implacavel, destruidora de todas as bellas phantasias humanas. Que os nossos olhos sejam sempre cheios de visão como os de Orellana, que, no seio da matta virgem, verde e cipoenta, debruçada sobre os igarapés e os igapós, viu sombras guerreiras de mulheres valentes duma tribu americana semelhantes á nação feminina do Thermodonte.

Neste mundo de ficções, que é o que existe e o que não existe? Ademais, exemplos de Amazonas verídicas pullulam: Joanna d'Arc, Joanna Hachette, a duqueza de Montpensier, a senhora Adame dos vendeanos, dona Catarina de Erauso, monja-alferes, Annita Garibaldi; nos nossos sertões — Ricardina de Lavras, a cangaceira; e mil outras. Nunca faltaram á face da terra viragos e machonas, que Brantôme, com espirito, chama hommasses.

Tanta cousa de existencia real tem desapparecido, emquanto lendas ou historias fabulosas como as das Amazonas se perpetuam! E essa perpetuidade acaba, de accôrdo com a nossa imaginação sempre prompta a amar as bellas phantasias da humanidade soffredora, a dar existencia real a essas creações do pensamento das velhas gerações mortas. Afinal, porque ás mulheres não podemos dar a gloria de ter vencido homens em combates leaes e dominado orgulhosamente uma parte do mundo? Temos, ás vezes, com Heredia, saudade das Amazonas:

"Où sont Phœbé, Marpé, Philippis, [Aella,
Qui, suivant Hippolyte et l'ardente [Astérie,
Menérent l'escadron royal á la [tuerie?
Leurs corps échevelés et blêmes [gisent lá."

E, como o Tasso lembrando as Amazonas, veste uma mulher amante com o arnez de guerra e fal-a correr aos combates, ainda a saudade da lenda grega palpita no "Esmalte" do poeta dos "Trophéos":

"Non. Plutôt, en un orbe éclatant [de saphir
Inscris un fier profilde guerriére [d'Ophir,
Thalestris, Bradamante, Aude, Pen- [thesilée.
Et pour que sa beauté soit plus ter- [rible encor,
Casque ses blonds cheveux de [quelque bête allée
Et fais bomber son sein sous la [gorgone d'or."

João do Norte

"Diario de Santos" 17 novembro 1918

Os ladrões da guerra

A imprensa do mundo inteiro condemna o systema allemão do saque organizado a que se tem entregue o seu exercito segundo a mais ampla documentação o prova. Parece que a guerra regressou, para essa gente, ao tempo do condestavel de Bourbon, saqueador de Roma á frente dos imperiaes, cuja metade era já de lansquenetes allemães.

Porém, mais ladrão do que os officiaes e soldados prussianos liessenses, foram, nos acontecimentos militares desenrolados nos Balkans, as tropas bulgaras.

Se o deputado tudesco Hebermann declarou em pleno Reichstag o "direito dum exercito apoderar-se dos bens e propriedades pertencentes aos habitantes dos logares conquistados pelas armas", o governo bulgaro publicou uma decisão declarando todos os bens moveis, immoveis e semoventes da "antiga" Servia propriedade bulgara.

A "Neue Freie Presse", de 9 de Janeiro de 1916 publicou a seguinte correspondencia bulgara:

"O commandante da divisão ordenou que se fossem buscar todos os objectos antigos, todas as bibliothecas e todos os archivos servios. Descobriose um vaso do rei, de prata macissa, com adornos de granle belleza, no valor de mais de cem mil francos. Esses objectos são hoje propriedade da Bulgaria... A bibliotheca do seminario produz grande impressão, pois, com excepção das bibliothecas nacionaes de Sophia e de Plowdio e da bibliotheca Pleven, nenhuma cidade bulgara possue uma bibliotheca que possa, nem de longe, comparar-se á de Prizren... Livros russos, religiosos e scientificos... Gogol, Tolstoi, Shakespeare, Puckhine (entre os quaes varias traducções servias)... Obras de Vuk Karadjitch e uma serie de velhas chronicas. Depois, obras classicas francezas e italianas; entre ellas, todo a obra de Moliére. Estes livros têm grande valor historico; alguns têm mais de cem annos. Todos os livros dignos de ser "salvos" (!) foram levados. O mesmo se fez com os archivos do Ministerio do Exterior, que encheram oito caixões..."

Segundo uma noticia official da "Gazeta de Francfort", para a capital da Bulgaria, foram conduzidos até os côches de gala do rei da Servia. O caminho de ferro transportou para alli em milhares de vagões, mobilias, cousas de bronze e de ferro, joias, machinas agricolas, utensilios de toda a especie, crystaes, cordas, fios, garrafas cheias e vazias, cruzes e outros objectos preciosos de egreja, como castiçaes, etc., lã, opio, fumo, café, calçados, vestidos, quadros, fazendas e que sabemos mais?

O rei da Bulgaria sanccionou quatro resoluções ministeriaes sobre appropriação pelo Estado de bens dos refugiados servios. O governo vendeu em hasta publica tudo o que foi roubado. A imprensa bateu palmas á pilhagem. Os mineiros do "Dnevnik", de Sophia, de 24 de Fevereiro, 8 e 17 de Março, 5 e 12 de Maio de 1916; do "Cutro", de 26 de Abril, 3 de Maio, 10 de Junho, 27 de Agosto e 20 de Novembro do mesmo anno; do "Balkanska Potcha", tambem de Sophia, de 9 de Outubro, 15 e 20 de Novembro, ainda de 1918, confirmam tudo quanto fica dito.

O peior é que, no proprio recinto do Parlamento bulgaro, da Sobranié, segundo o diario official "Narodin Prava", de 4 de Novembro de 1916, o sr. Radosvaloff, presidente do Conselho de Ministros, porta-vóz do rei Fernando, declarava:

"O patriotismo nos impõe o dever de soccorrer as familias indigentes. E' uma nobre e justa obra a de distribuir os vestidos e outros objectos procedentes dos trophéos de guerra. Não causamos com isso damno a ninguem. Estes bens não têm proprietario... Os trophéos de que se trata são "bens abandonados, sem proprietario: seus proprietarios fugiram, não se sabe para onde"...

Como a hypocrisia aladroada dos teutões foi bem aprendida por esse ministro bulgaro!

O mesmo fizeram os allemães na frente occidental. Num de seus ultimos numeros, a "Illustration" estampara uma photographia de caixotes cheios de cousas furtadas, já emballadas e endereçadas á Allemanha.

Agora, felizmente, os ladrões da Allemanha e da Bulgaria foram vencidos e humilhados. Os seus chefes de quadrilha: Guilherme e Fernando andam fugidos. Fala-se em aprisional-os e condemnal-os como assassinos da humanidade. Elles não merecem essa honra. No incendio de Moscow, Napoleão mandou fuzilar não só incendiarios, mas sobretudo os ladrões; o mesmo já tinha feito, no terremoto de Lisboa, o marquez de Pombal. Nessas convulsões sociaes não se perdoam gatunos. O kaiser e o czar bulgaro devem ser julgados e condemnados como ladrões da guerra.

João do Norte.

"Diario de Santos" 2 - novembro - 1918

Do Rio

A EPIDEMIA

Os mais antigos habitantes do Rio de Janeiro são accordes em asseverar que nunca viram esta grande cidade passar por crise igual a esta que lhe trouxe a "influenza hespanhola". Nem na questão do imposto do vintem, nem na revolta do Custodio, nem na vaccina obrigatoria e nem na rebeldia do João Candido a capital do Brasil atravessou dias tão lutuosos.

As ruas estão desertas. O commercio fechou. Os serviços publicos de communicações — bondes, telephones, mensageiros, etc., acham-se aqui interrompidos. Não ha quasi pão. Quasi não se encontra leite. A carne é difficil.

Mais de metade da população, certamente, está atacada do mal. De maneira que as pharmacias não dão conta do receituario, os cafés e hoteis, restaurantes e casas de pasto não abrem portas por falta de pessoal, o correio não entrega correspondencias e, como, officialmente, a grippe é "benigna", os enterros estão sendo feitos pela policia, porque a Funeraria não chega para as encommendas. Não ha estatisticas da mortalidade. Mas para se avaliar qual seja, bastará dizer que os sentenciados estão servindo de coveiros e as "viuvas alegres" da policia carregam duzias de cadaveres. Apezar da censura, sabe-se pelos jornaes que ha, aqui e ali, corpos insepultos.

O quadro da vida no Rio de Janeiro é verdadeiramente tetrico. Tudo tem aspecto sinistro. E parece que se está vivendo numa cidade medieval. Porque só numa cidade da Idade Média era licito haver epidemias com esse caracter, essa propagação e essas consequencias. Eu nunca julguei possivel ver as scenas transcorridas em 1720, em Marselha, na cidade maior e melhor do meu paiz. Eu nunca achei possivel que a capital duma nação civilisada, em pleno seculo XX, com telegrapho de fio e sem fio, com prophylaxia oficial, com sabios, com todos os recursos modernos, fosse invadida assim por uma pandemia vinda dum porto africano. E' o cumulo!

Ruio por terra a organisação do Brasil. E' uma verdade o mal que della se diz. A grippe, com seu doloroso cortejo de consequencias, veio provar que não temos á altura de debellar uma crise de vulto — governo, serviço sanitario, medicos, pharmacias, cemiterios, hospitaes, capacidade de combate e orientação na luta. Porque as providencias do governo têm sido tão radicaes que tudo vae de mal a peior...

Bem se diz que, no Brasil, tudo é grande e só o homem é pequeno...

A doença entrou francamente pelos navios empestados que tiveram licença de atracar. Ha dois mezes os jornaes gritam aos ouvidos do governo, pedindo providencias no sentido de ser evitada a vinda do mal, que já diminuira a missão medica e dizimara a maruja da esquadra em operações de guerra. O chefe da Saude achava que era impossivel impedir a sua propagação, "que esta se fazia pelo ar" e abrio todos os portos brasileiros á insidia assassina da epidemia. Eu ainda estou

"Correio Paulistano" 27 - novembro - 1918

procurando na cabeça um nome expressivo para o grande crime desse homem e outro para a falta governamental de não o ter demittido **a bem do serviço publico.**

Faz quasi um mez que o andaço sargio nos quarteis do exercito e fez com que o ministro da guerra resolvesse não realisar as manobras annuaes. Já o diabo estava dentro de casa, porém ainda se podia providenciar para que fosse segregado. A imprensa cansou de bradar por medidas sanitarias. O criminoso chefe da Saude nada fez. Estão ahi os resultados: o Brasil, de norte a sul, cheio de grippe hespanhola e o Rio de Janeiro numa situação horrorosa, parecendo uma cidade deserta e funebre.

Um facto pinta perfeitamente o que foi a nefasta acção do medico que exerceu o cargo de director geral da Saude Publica no Brasil. O inspector de saude do porto do Maranhão telegraphoulhe, segundo foi publicado, pedindo-lhe a revogação da "ordem de entrada" dos grippados, que elle director considerava doentes de molestia benigna, porquanto não consentira até então no seu desembarque em S. Luiz e este era o unico porto do Brasil onde não havia ainda a epidemia...

Para envenenar a situação fervilham boatos. Ha quem affirme outra epidemia concomittante, mais grave. Ha quem jure que os allemães puzeram toxicos na agua da cidade e no pão. Et reliqua.

A gente sente-se transportado ás eras mortas da historia, ás eipdemias antigas, que se debellavam com supplicas e promessa aos deuses, ao envez de medidas scientificas severas. A hespanhola anda em varios logares europeus, menos grave, porém, do que aqui. Imagine-se se, sob a responsabilidade do ex-chefe da Saude do Rio, estivessem os vastos milhões de homens em com-

ate na frente occidental, que horror eria! A influenza hespanhola invadia logo os exercitos de Plumer, de laig, de Mangin, do rei Alberto e do Garcia Rosa; e adeus offensiva victoiosa, a Bruges e a Lille. Os allemães é ue viriam a Paris. Felizmente, lá lles têm amor á responsabilidade e á ompetencia, emquanto entre nós, infeizmente, grassam os vicios contrarios ão combatidos por Faguet.

Leio, por acaso, em Thucydides, um ivro tão velho! a descripção duma peste em Athenas, mais ou menos qua ro seculos antes de Christo. A descripção é horrivel: o contagio rapidissimo; os medicos, desconhecendo o mal, sem poder tratal-o e delle morrendo tambem; todas as providencias inuteis; a epidemia alastrando-se pelo Egypto, a Lybia, a Ethiopia, toda a Asia Central; e o povo de Athenas em panico acreditando no envenenamento das aguas pelos inimigos.

Vinte seculos depois de Christo e vinte e quatro depois desses acontecimentos estamos vendo a sua repetição exacta. De que vale, pode-se perguntar, o grande progresso humano?

Ha opiniões mais severas, mais apprehensivas, mais terriveis:

— Guerra, Fome, Peste... O fim do Mundo!

Rio, outubro, 1918.

JOÃO DO NORTE.

A revolução allemã

João do Norte

Em 28 de janeiro deste anno, da **grippe** e da paz, escrevi nestas mesmas columnas um desalinhavado artigo sobre a situação da Allemanha, com o titulo "Perigo Moscovita".

Nos seus periodos incolores, estudei, conforme mo permittiram as poucas forças do espirito, a alma barbara e philosophica da **kultur** germanica. Lembrei a evolução da psyché allemã para a seccura dos sentimentos de piedade e de humanidade delineando-se desde Luthero; a influencia de Kant, Hegel, Schelling e Ficht sobre a mentalidade tentonica, especialmente na Prussia; e o resurgimento dos processos de guerra dos hunos e dos bulgaros, que as velhas chronicas medievaes chamavam peores que os **hunos.** Transcrevi alguns periodos de Heine, quando o grande poeta diz que, um dia, as velhas divindades guerreiras e assassinas da Germania antiga se alevantariam do tumulo, limpando dos olhos a poeira dos seculos, e o martello de Thor destruiria as cathedraes gothicas. Prophecia que vimos realizada!

Depois de tudo isso, affirmei: "No intimo do povo allemão, sob a capa frigida e formalista da ordem social, queimam aspirações que ninguem confessa e que muitos ainda não sentiram, tão latentes são. Então, historiei o effeito, cada vez mais accentuado, na Allemanha, das revoluções francezas, em 1793, em 1830, em 1848, e na Communa de 1871". Por fim, escrevi isto:

"Agora, o espelho de emulação está mais visivel e mais proximo. E' a Russia entregue ao populacho e descambando para o socialismo com todas as suas formulas ainda impraticaveis. Quem sabe ainda si não cantará na Germania a Internacional? Não serão as revoltas de Kiel os prodromos duma revolução gigantesca que abalará nos seus fundamentos o novo imperio, filho do velho e santo imperio, como elle enraizado na noite dos tempos, cujo vento terrivel açoitará no fundo da caverna solitaria de Adsberg as longas melenas brancas de Frederico Barbarôxa?

Seria melhor, para a Allemanha, a Russia armada e luctando do que a Russia dos **soviets** maximalistas e ukranianos, mostrando ao soldado e ao operario allemão quanto é facil depor os Cesares e gosar um pouco a vida antes de morrer. Como as epidemias, as revoluções são contagiosas. Maior perigo, actualmente, para a Allemanha a desorganização moscovita do que a organização americana".

Sem nenhuma pretenção a hierophante, posso gabar-me de que quasi adivinhei a actual situação do imperio dos Hohenzollern, nas suas linhas geraes. Com effeito, a alma allemã já estava minada por certos anceios de liberdade, que a ordem e o methodo da organização social suffocaram. Os soldados das guarnições na Russia corromperam-se ao contacto dos **bolshevikis** e trouxeram para a terra-mater o virus revolucionario, o peor de todos. As circumstancias do momento agiram e multiplicaram-no. Dahi a virulencia com que se apresenta, tangendo dos seus thronos seculares os ultimos soberanos feudaes, que fogem de trem, de automovel, a cavallo, buscando as fronteiras da Suissa e da Hollanda, como loucos, cobardemente. Uma corrida de reis!

A organização da mittel Europe era como uma dessas machinarias de construcção architectural chamadas, si me não engano, simples, e que são, pelo contrario, as cousas mais complicadas deste mundo. Colloca-se sobre um edificio essa encrenca de madeiros e traves seguros, bem ligados. Sobre ella constróem-se o domo, o zimborio, a abobada. Quando a rotunda está prompta, tira-se sem esforço uma pequena cavilha e toda aquella complicação de barrotes, aduelas, travejões, etc., vem abaixo em dois minutos, deixando livre e erecta a obra de pedra.

Pois bem, a cavilha da organização politico-militar da Europa Central era a Bulgaria. Um general francez puxou-a. Logo tudo, como por encanto, se desmantelou. A Turquia pediu armisticio. A Austria, convulsionada immediatamente, supplicou a paz. E, afinal, a gloriosa, soberba, omnipotente, omnisciente, intoleravel Allemanha humilhou-se como nenhuma nação jamais se humilhou, corroida pelo cancro maximalista.

Cantou-se a Marselheza e uivou-se a Internacional nas ruas de Berlim; proclamou-se a republica; estabeleceram-se conselhos de operarios e soldados; os marinheiros de Kiel tornaram-se Joães Candidos, içando o pavilhão rubro como os seus collegas de Petrogrado e do antigo **Kniaz Potemkine**; a guarda imperial a esta hora talvez se te-

nha mudado em guarda vermelha; e o kaiser, que era amigo intimo do Deus das proclamações militares, deu ás de Villa Diogo, sem um gosto de dignidade, sem uma palavra historica, com muito menor nobreza e muito menor coragem que aquelle pobre e infeliz Napoleão III, o diabetico, que seu avô vencera em Sedan. Oh! como foi completa a revanche da França!

Não sei si foi o acaso ou quaesquer outros motivos que fizeram que o meu annuncio despretencioso do perigo russo sahisse certo e justo. Quando escrevi esse artigo, em janeiro de 1918, não havia motivos de descrença na Allemanha. Os seus exercitos iniciaram aquella offensiva que os trouxe até Chateau Thierry. A Italia tinha sido batida. As operações da Macedonia e da Asia Menor não inspiravam receio. E o bloco central europeu mantinha-se uno e indissoluvel.

Augustin Thierry, creio que na "Histoire de la conquête d'Angleterre", diz que, para a imaginação guiada pelo estudo, não ha segredos no passado nem segredos no futuro. Não é, infelizmente, o meu caso. São attributos que não possuo — imaginação e estudo. De maneira que estou certo de nada ter previsto ou adivinhado e sim de que uma mera coincidencia teve logar. Entretanto, como essa coincidencia lisonjeia bastante o meu amor proprio de jornalista obscuro, tomei a liberdade de lembrar pelo "Correio Paulistano" as minhas palavras do principio do anno, que, certamente, passaram despercebidas a todos os leitores deste illustre jornal.

A revolução allemã está no seu inicio. Ninguem sabe o que poderá ser, como se desenrolará em sua plenitude de força, até que ponto attingirá e quaes seus resultados. Talvez seja uma cousa terrivel, mesmo nunca vista na historia dos povos. A Revolução Franceza, que vinha derrubar uma realeza absoluta, fórma já abrandada do velho feudalismo, foi uma epopéa de horrores. Imagine-se o que não será uma revolução que vem destruir o proprio feudalismo, porque a Allemanha era o ultimo paiz feudal da Europa, revolução sahida duma outra, que alçou o collo temeroso para estraçalhoar a autocracia bysantina dos successores de Ivan e de Pedro o Grande! Heine disse no seu livro sobre a Allemanha que, no dia em que se desencadeasse na sua patria a revolução social, o mundo haveria de tremer, porquanto os seus horrores deixariam longe os da Revolução Franceza, simples rebeldia comparada com ella.

A hora que o mundo atravessa é grave. E' muito grave. E' mais grave que o seculo das invasões barbaras, que o anno da quéda de Bysancio e que os dias sanguentos da Revolução de 1789. Ha uma renovação social necessaria. Uma grande transformação. Uma nova ordem de cousas a se estabelecer á face do mundo, que carece de reformas sociaes, administrativas, politicas, moraes, religiosas e profundissimas. Tudo isso não se faz sem uma grande crise e uma grande lucta.

O furacão do maximalismo vai percorrer o mundo, desorganizando tudo. Cahirão os ultimos thronos. Fugirão os ultimos reis. Destruir-se-á a velha ordem social. E, quando passar o cyclone, a nova aurora de liberdade pousará o pé côr de rosa na montanha. Custam muitas dôres e muito sangue as menores conquistas do homem. Quanto mais as grandes! Para a libertação da Allemanha jungida ao junckerismo foi necessaria a da Russia amarrada ao czarismo, a da Austria ligada ao habsburguismo, a Grande Guerra, toda essa tragedia humana que nossos olhos têm contemplado com assombro. Para a libertação total do mundo, quanta dôr e quanto sangue ainda não serão precisos?

E o maximalismo é fatal e perigoso como tudo quanto vem do oriente: as invasões, as conquistas, os barbaros, as pestes!

João do Norte

"Boletim Mundial"
21 novembro 1918

Os tres livros do Brasil

Ruskin, o grande apostolo da arte, o maravilhoso autor da "Biblia de Amiens" e do "Repouso de São Marcos", affirmou o seguinte:

"As grandes nações escrevem a sua historia em tres livros: o das suas acções, o das suas palavras e o da sua arte. Nenhum desses livros póde ser comprehendido sem a leitura dos outros, mas o unico digno de confiança é o ultimo. Porque as acções duma nação podem ser triumphantes pelos golpes da fortuna e suas palavras poderosas, graças ao genio de alguns de seus filhos, porém, sua arte é a somma dos dons generosos e das sympathias communs da raça."

Lendo isto, meditamos sobre nosso paiz. Apezar do Corpo de Bombeiros, do Pão de Assucar, do Batalhão Naval e de outras maravilhas, o Brasil não é uma grande nação, salvo se a medirmos pelo tamanho physico. E' uma nação fraca, asseguram os nossos jornaes; fraquissima, berram os pessimistas. Por ser fraca, no emtanto, cremos que não póde e não deve escapar á lei de Ruskin. Como qualquer outra, tem estricta obrigação de escrever os tres livros que formam a Divina Comedia dum povo, a Biblia de sua nacionalidade.

Acreditamos que o livro das acções brasileiras não valha grande coisa, não mereça grande attenção, não seja digno de grande importancia. *Et pour cause.* A sua pagina de maior vulto é a guerra do Paraguay, um acervo de episodios como nunca os relatou Vegecio, no *De Re Militari*, Polybio, nos seus "Estratagemas" ou Polyeno nas suas "Astucias de Guerra". Existem laudas interessantes e notaveis: Canudos, o Contestado, a rebeldia do João Candido, Franco Rabello e o Joazeiro, o "Satellite" e o bombardeio da Bahia, a guerra contra a Allemanha *et reliqua*, ou melhor *et concomitante caterva*...

O livro de que acabamos de fallar, verde, com certeza, serve de introducção ao amarello. Este, sim, é massudo. E' o livro das palavras. Talvez o seu material não caiba em um milhão de volumes *in-quarto*. Os annaes do Congresso formam a sua base e só os discursos e requerimentos do Sr. Mauricio de Lacerda dão para encher-lhe a metade. E os relatorios dos ministros? E as plataformas dos chefes de Estado? E os appellos ao povo e á nação? E as promessas do Sr. Bulhões?

Nem fallamos da boa vontade geral e nem toquemos nos juramentos de honestidade particular que pullulam.

De boas intenções, diz a arraia-miúda, o inferno está mais do que cheio. Na nossa abençoada Republica, o que não é boa intenção não passa de *words, words, words*, palavras, palavras e ainda palavras.

Mas palavras o vento as leva como folhas sêccas do estio e o resultado é a decadencia por que temos, emquanto as mais gastas nações do mundo se retemperam na luta. Nem isto podemos fazer, porque não é questão de palavreado...

O nosso Livro das Palavras é immenso. Nenhuma nação do mundo, neutra, benevolente, conquistada ou em guerra, possue um Livro das Palavras egual ao nosso. E' o nosso Pão de Assucar intellectual, a nossa Bahia de Guanabara das lettras. O Brasil é, em verdade, o paiz das palavras. E, diante do livro em que as reuniu, o tomo das acções sumiu-se de enfiado, transformado em réles monographia num desses folhetos manhosos com que os talentos da provincia vão cavando, duas vezes por anno, a sua nomeada.

Infelizmente, Ruskin acha que os tres livros salvadores duma nação são inter-dependentes. Se assim não fôra, o Brasil estava salvo e nas culminancias da Gloria, mesmo com—g—grande, o que lhe dá um certo ar de outeiro que fica entre o Cattete e o Russell...

Resta-nos o derradeiro livro, o livro da arte. Onde o ler? é a primeira pergunta. A parte de esculptura na estatua de dom Pedro, respondem os optimistas. E' dum francez, affirmam os pessimistas. Os engraçados acodem: no monumento positivista do Floriano... O capitulo da pintura foi esboçado por Pedro Americo e vae sendo mal continuado, porque os poderes publicos abandonam, quando não afogam, as illusões e os esforços dos artistas. Ademais, é um sonho vão, uma pretenção descabida querer um Mecenas, ou um Lourenço o Magnifico, ou um Julio II, no Brasil, cujos chefes de Estado vêm de Mar de Hespanha, de Botucatu' e de onde mais sabemos nós?

O capitulo sôbre a architectura é delicioso. Quem quizer rir que o leia, dando umas voltas de automovel pelo Rio de Janeiro, a melhor coisa do Brasil. Nas outras cidades nem vale a pena. Faz chorar. Ha coisas admiraveis, assombrosas, a cujos pés não chega a Acropole, nem São Marcos, nem Santa Sophia, nem São Pedro, nem Florença ou Verona, nem as Sete Lampadas da architectura gottica que assombraram o maior espirito artistico da Inglaterra moderna.

Os nossos edificios são feitos pelos nossos caricaturistas e as nossas caricaturas, quasi sempre, pelos nossos architectos...

Qual o paiz que possue um palacio do Cattete, quadrado como caixa de fazenda, a um canto dum parque, transformado em quintal? Um Theatro Municipal, dando o lado para a melhor avenida urbana? Um Guanabara, em estylo X. P. T. O.? Um Itamaraty, com os seus celebres retratos a cleo, pinta[illegible] com a lingua? O Louvre-Mirim de tijolo, que é a Escola de Bellas Artes? Por serem de tijolo os jardins suspensos de Semiramis foram-se, emquanto as pyramides dos Pharaós, de pedra, lá estão! Uma Candelaria rodeada de lojas? Um lindo *sky smraper* como o "Jornal do Brasil"?

E aquella casa do Virzi, queijo esburacado com um pharol em cima, que se eleva na praia da curva de Copacabana?

O capitulo litterario é vasto eôco: uns poetas satyricos ou imitadores, segundo um delles prova, mostrando os verdadeiros donos dos versos, milhares de volumes de rimas á tôa, milhões de volumes de prosa... Ah! mas isto devia estar no Livro das Palavras e não no da Arte. E o theatro? — O "Marroeiro".

A trilogia da nossa vida nacional é maior que a do Dante, tão alto se eleva no céo da historia, que não podemos deixar de dizer á geração, na qual, seja dito de passagem, temos menos fé do que na nossa:

— Sobre teus hombros pesa grande responsabilidade. Detem tua juventude e pensa! O que está escripto nos tres livros da vida de teu paiz nada vale. E' teu dever refazer essa Biblia.

— Para que? Talvez perguntem.

— *Fac et espera!*

JOÃO DO NORTE.

"A Rua" - 25 - novembro - 1918

O PROBLEMA DOS INDESEJAVEIS

PARA QUANDO A SOLUÇÃO?

Que os poderes publicos apressem a votação, a sancção e a execução do projecto Gustavo Barroso!

Em Setembro de 1916, o Dr. Gustavo Barroso, então deputado federal pelo Ceará, apresentou á Camara um projecto de lei impedindo a entrada no territorio da Republica de individuos indesejaveis: cegos, surdo-mudos,

O Dr. Gustavo Barroso

fermos de molestias contagiosas ou incuraveis, paralyticos, mutilados, loucos, criminosos, mendigos e quaesquer outros sem meios de vida sufficientes para se aguentarem no paiz até arranjar collocação. Esse projecto, que despertou grande interesse, sendo apoiado no Conselho Municipal, em entrevistas de jurisconsultos e homens do governo como o Sr. Aurelino Leal, por exemplo, tendo approvação da maioria da imprensa carioca e dos Estados, foi entregue á commissão de Constituição e Justiça daquella casa do Congresso, que o deu a relatar ao Sr. João Maximiano, já fallecido.

O seu autor, para fazel-o, estudou primeiramente, com o maior cuidado as legislações similares da Australia, do Canadá, da Argentina, do Chile e dos Estados Unidos, que lhe foram obtidas por intermedio da nossa chancellaria, conseguindo estatuir excepções justas que nestas ultimas não ha e tornando menos rigorosas suas disposições prohibitorias.

Apezar dos esforços do autor e dos lembretes da imprensa, especialmente dos nossos collegas do "Jornal do Commercio", edição da tarde, de artigos do Sr. Medeiros e Albuquerque na "A Noite", todos mostrando a necessidade do Brasil defender-se da invasão de estropiados depois da guerra e da continua invasão de criminosos, caftens, anarchistas e outros que tanto trabalho dão á policia, o projecto dormiu o somno do esquecimento na pasta da referida commissão.

Foi preciso que nos ultimos dias de Novembro do anno passado, mais de um anno após a apresentação do projecto, o Sr. Gustavo Barroso apresentasse um requerimento pedindo viesse o mesmo, de accordo com o regimento, a plenario independente de parecer, para o caso ter solução.

O relator apresentou parecer que foi assignado pela commissão e agora só falta entrar em ordem do dia, para ser vencedor, por que, acreditamos, o Congresso não negará approvação a tão justa e necessaria medida.

O Brasil é a unica nação do mundo que acolhe de braços abertos os inuteis, os vagabundos e os criminosos.

Nem a liberal Inglaterra chega a esse exaggero e colonias suas, embora necessitando de povoamento ainda, como Nova Zelandia, Canadá e Australia, possuem leis draconianas sobre o assumpto. A Australia lembra-se que foi povoada por degredados e forçados e sabe quanto custou á bondade evangelica de Carolina Brown o seu amansamento. Nós tambem tivemos em tempos coloniaes algumas levas de degredados.

Devia sobrar-nos experiencia como á Australia. O rigor das leis canadianas e australianas é terrivel: prohibe a entrada de indesejaveis vindos da propria Inglaterra.

As leis americanas são duras e inamolgaveis. Não fazem excepções. Agora mesmo, não consentem na entrada de japonezes menores de 15 annos e maiores de 40.

Um paiz, como o nosso, extenso e pouco povoado, precisa de braços, é verdade. Por isso mesmo deve afastar todo aquelle que não lhe traz capitaes ou trabalho e vem augmentar a madraçaria e a miseria das cidades maritimas. As nossas ruas estão ahi cheias de mendigos, na maioria estrangeiros. O nosso operariado ahi está eivado de elementos perturbadores e perniciosos de origem estrangeira. A todo o instante falla-se da necessidade da expulsão de estrangeiros indesejaveis. Não será melhor impedil-os de entrar no paiz, interpretando de maneira conservadora e limitando as franquias demasiadas da Constituição?

Póde entrar no territorio nacional qualquer individuo, garante a Constituição; mas qualquer individuo util, apto ao trabalho productor, vantajoso, desejavel. Se assim não fôra, como restringir a entrada do paiz nas épocas de epidemia? As restricções em beneficio da saude são tão necessarias quanto as em vista da moral e da economia collectiva.

A falta dessa lei, trouxe, logo no começo da guerra, graves prejuizos á Hespanha. Com as severas medidas militares decorrentes do estado de guerra, em França, especialmente em Paris, rufiões, caftens, prostitutas, apaches e jogadores de profissão invadiram a Hespanha, enchendo as suas maiores cidades de elementos deleterios que déram o que fazer á policia. O governo viu-se obrigado a xpulsar essa gente e pedir ás Côrtes uma lei que impedisse sua volta.

Nós somos os recebedores do lixo humano do universo, o "monturo" como disse o sr. Medeiros e Albuquerque. Recebemos todas as cousas ruins que desembarcam em nossos portos e ás vezes não podemos mandar embora os que abusam de nossa paciencia.

E' necessario acabar com essa criminosa benevolencia. A guerra acabou. Muito miseravel, muito inutilisado, muito sem profissão hão de procurar as nossas plagas. O Brasil não póde continuar a ser Asylo de Invalidos. A lei dos indesejaveis precisa ser votada, sanccionada e executada. As nossas estatisticas mostram que, na Santa Casa da Misericordia, nas casas de Correcção e Detenção quasi sempre existe maior numero de estrangeiros que de nacionaes.

Com a cessação da guerra, a carencia de braços na Europa e o aproveitamento mecanico dos inutilisados impedirá a emigração em grande parte. Talvez até se dê um phenomeno interessante: procurem seus paizes de origem muitos emigrantes mais ou menos fixados em outros. Entretanto, sempre estaremos ameaçados de sermos invadidos por inuteis de toda a especie.

Prevendo isto, o Chile não esperou uma lei do seu Congresso. Promulgou logo um decreto prohibitivo. A Argentina regulamentou ás pressas um dos artigos da sua lei geral da immigração, instituindo disposições novas e rigorosas.

Mais vale prevenir que remediar. Os bons governos como os bons estadistas prevêm afim de prover. Dahi appellarmos mais uma vez junto aos nossos poderes publicos, para que apressem a votação, sancção e execução da lei consubstanciada no projecto patriotico do sr. Gustavo Barroso, que tanto successo obteve e que tão util e necessario é:

"Paiz" - 7 - Dez.º 1918

Os indesejaveis.

O projecto de autoria do ex-representante do Ceará no Congresso Nacional, Sr. Gustavo Barroso, apresentado á Camara dos Deputados, na legislatura ultima, regulando a entrada de estrangeiros no territorio nacional, foi incluido na ordem do dia daquella casa legislativa para a sua 1ª discussão, isso em consequencia de um requerimento do *leader* da maioria da bancada cearense, o Sr. Frederico Borges.

Justificando o pedido de inclusão em ordem do dia do alludido projecto o Sr. Frederico Borges, professor de direito e dos mais abalizados juristas, accentuou ser o mesmo de inilludivel opportunidade. A terminação da guerra, observou, vai intensificar o trafego não só de mercadorias inanimadas, mas de pessoas de ambos os sexos. E parece razoavel que nos defendamos dos incapazes, material ou moralmente falando, dos mutilados que se inutilizaram para o exercicio de funcções que lhe assegurem a subsistencia, de caftens, de prostitutas,—de toda a gente, emfim, que não venha contribuir para o nosso desenvolvimento material ou para o nosso progresso moral.

Não consideraram, hontem, assim o projecto em debate os tres oradores que com elle se preoccuparam. Os Srs. Evaristo do Amaral, Augusto de Lima e Joaquim Ozorio deram-lhe vigoroso combate. Por motivos de ordem constitucional ou com razões de natureza sentimental estes oradores procuraram demonstrar a inconveniencia da adopção do projecto, que teve, aliás, a sua 1ª discussão encerrada e a sua votação adiada.

Os argumentos quanto á inconstitucionalidade do projecto são semelhantes aos que se tiveram contra a lei de expulsão de estrangeiros e contra as medidas de defesa sanitaria adoptadas para impedir a invasão de molestias e epidemias no paiz. Os mesmos fundamentos de ordem social e de ordem juridica que justificam as medidas de excepção contra os estrangeiros expulsos e as providencias prophylaticas contra os atacados de enfermidades infecciosas—os de defesa da collectividade—cabem para justificar o projecto de lei contra os indesejaveis.

Não se comprehende que se invoque a protecção da Constituição para que os exploradores do lenocinio e os profissionaes do amor mercenario, os individuos expulsos de outros paizes e perigosos á ordem publica. Seria, então, de facto, a Constituição, na phrase do saudoso senador Feliciano Penna, o obice permanente a tudo o que de razoavel, de sério, de digno e de bom se pretenda fazer neste paiz.

"Correio da Manhã" 7-12-918

Esteve hontem em discussão na Camara o projecto prohibindo a entrada no Brasil, dos mutilados e invalidos da guerra. Quando toda gente suppunha que esse projecto, desde o seu primeiro momento, obtivesse o apoio geral dos legisladores, que não podem perder de vista os interesses da nossa terra, o projecto é atacado, logo na discussão inicial, por tres deputados.

O primeiro diz que elle não póde medrar num paiz que tem por lemma a egualdade, a liberdade e a fraternidade. O segundo allega que não póde ser evitada a residencia, no nosso paiz, dos heroicos defensores da liberdade, da democracia e da civilização, que se inutilizaram na grande luta. O terceiro orador afina pelo mesmo diapasão.

Ha ahi um desvirtuamento de

91

"Fon-Fon" 7 de dezembro de 1918

RIO, SABBADO 7 DE DEZEMBRO DE 1918

OS GERMANO-TARTAROS

Os stores estavam corridos. Entrava no amplo gabinete uma luz diffusa, leitosa, que tocava de raros brilhos o bojo dos grandes vasos de Guda e de Vienna. Sobre a mesa Luiz XVI, abria-se uma caixa de charutos e varios jornaes do dia, misturados. Vinha do jardim um cheiro forte de jasmineiro e de rosal. Na rua, ao longe, um quitandeiro lançava o seu alto, sonoro pregão. Uma fumaça perfumosa adensava-se no ar, farandolando, espiralando, subindo lentamente para o alto estuque do tecto.

Debrucei-me para a mesa, lancei o resto do elegante Coroña ao elegante cinzeiro de Campigalli, olhei rapidamente os jornaes e falei:

— Felizmente a barbaria allemã foi vencida! O sonho do pan-germanismo, da Weltpolitik, que depois se transformou no da Mitteleuropa, restringindo-se, batido pelas armas alliadas, ruío como uma nova monstruosa Babel, para que os povos respirassem livres desse pesadelo preparado pela força.

Recostado no espaldar de cordovão macio e vermelho da poltrona, o meu amigo Claudio França sorria de olhos fechados, cruzando os pés calçados de escarpins negros e de meias mais finas que teias de aranha. O seu jaquetão caseiro, de flanella castanha com alamares de torçal de seda, meio aberto, deixava vêr o desalinho da camisa branca amarfanhada, sobre que se destacava o laço da gravata azul riscada levemente de vermelho e grampeada por uma perola cinzenta.

Parecia dormir, o charuto esquecido entre os dedos finos. Ao som da minha voz, abrio os olhos, levantou-se com vagar e lentamente respondeu:

— Tens razão. Felizmente foi vencida a ultima invasão dos barbaros...

— A ultima?

— Note bem que eu digo a ultima e não a derradeira. A differença é mais do que essencial.

Levantou um store. A luz entrou em jorros, clareando as vidraças e as tramas de bronze finamente doirado das altas estantes de estylo, em que se enfileiravam, solennes nas suas luxuosas encadernações, as melhores obras dos melhores homens. E o jardim surgio ao sol com uns alinhados canteiros de verbenas, chrysanthemos e floxs, as suas moitas de papoulas rubras e as grandes pelucias de grama sob a sombra das palmeiras, dos buxos aparados e o vôo inconstante dos pombos.

Apanhei sobre uma cadeira uma brochura azul. Levei-a á janella, dizendo:

— Este livro de Etienne Fournol, que tambem possuo, abrio-me os olhos sobre certas questões do oriente europeu. Os estadistas da Europa deviam lêl-o com cuidado e firmar-se na idéa de que o peor inimigo do allemão é o slavo. Assim, a reconstituição da Polonia, a união nacional dos tcheco-slovacos e o estabelecimento da Yugo-Slavia são os tres meios de acabar, duma vez para todo o sempre, qualquer velleidade de pan-germanismo renascente.

Claudio França lançou ao jardim o charuto apagado, voltou-se para dentro de casa e, brincando com a faca de marfim de cortar papel, olhando-me sorridentemente, discorreu:

— O germano, meu caro, não teve amigos nesta guerra; não os teve nunca, aliás: e nunca os terá. E' do seu proprio egoismo o seu estado de solidão. Só se póde ligar a povos inferiores e crueis, porque só se póde ligar a povos que domine e de quem exija a maior dureza de alma. Vivendo na Europa e para dominar a Europa, a Allemanha só se poude alliar a povos asiaticos. Um paradoxo? Não. Uma verdade. Ella repugnava aos povos verdadeiramente europeus e estes repugnavam a ella propria. Dahi o germano dar a mão ao tartaro e avançar sobre a civilisação mediterranea, greco-latina, occidental, de parceria com os netos de Gengis-Khan, como outróra os cossacos zaqporogos de Chminielcki vinham contra os grandes hethmans da corôa polaca, trazendo as cavallarias dos Nogais da Criméa, dos Murzas do Kaptchat e do Grande Prekop da Horda de Oiro.

Eu ri. Baforei o ar limpido de fumo cheiroso. Duvidei:

— Os tartaros! Ora, essa é boa! Este Claudio tem cada paradoxo... E bati-lhe com força, no hombro.

O meu amigo abalou a cabeça e affirmou categoricamente:

— Alguem disse que a arremettida dos teutos sobre a Europa occidental elegante e descuidosa era a conspiração da sciencia contra a civilisação. Eu digo que foi a união asiatica germano-tartara, cubiçosa e rude, contra os ultimos herdeiros da cultura e da riqueza do Imperio Romano.

« Sim! Os ultimos tartaros da Europa e da Asia correram ao chamamento militar dos tudescos, sequiosos de rapina, de violencia e de saque. Quaes foram os alliados da Allemanha, os mais fieis e os mais terriveis, nessa campanha de quasi um lustro, na qual por milagre não sossobrou o claro espirito occidental? »

— Austria, Hungria, Bulgaria, Turquia.

— E então? Não precisamos fallar da Austria allemã, que é igual ao ex-imperio de Guilherme, em tudo. Os povos slavos dessa monarchia dual portaram-se brilhantemente: os regimentos tcheques rendiam-se sem combater, os croatas rebellavam-se, os polacos iam enganados ou á força; nenhum delles teve enthusiasmo pela causa germanica. Quaes os enthusiastas, os que levaram a cruz até o fim? Hungaros, bulgaros e ottomanos...

Eu começava a comprehender. O meu amigo accendeu novo charuto e proseguio:

— Hungaros, bulgaros, ottomanos, quem são e que são? Simples e unicamente, meu amigo, os tartaros da Europa, restos de invasões finnezes, tchudas, hunnicas e turko-pulas. Os magyares, como todos sabem, são de pura raça tartara, como o são os descendentes dos conquistadores de Bysancio, lixo humano esquecido pela vassoura das potencias nas praias do Bosphoro e á margem do Corno de Oiro. Ao sangue fervente, audacioso e traidor dos bulgaros, ha dez por cento de sangue slavo e noventa de sangue finnez, isto é, de sangue puramente tartaro. Esses tres foram os satellites fieis do militarismo prussiano, que, no seu fundo tambem tráe qualquer cousa de asiatico. Assim, creio poder dizer francamente, solennemente que a união germano-tartara ameaçou a Europa e o teutão só encontrou alliados entre os mongóes.

Era impossivel replicar. Claudio fez soar a campainha electrica, ligeiramente sorrindo do meu entalado silencio. E quando o criado de libré escura com agulhetas de oiro arregou a *portière* turca do gabinete, ordenou com serenidade:

— Traga chá e licores.

JOTAENNE

"Fon-Fon" - 14.12.918

discussão, empregado para armar ao effeito. A nossa situação de paiz, em que vigoram a liberdade, a egualdade e a fraternidade, e a defesa da democracia e da civilização, não vêm ao caso.

Se têm olhos para ver o que se passa entre nós, e ha muito tempo, os legisladores devem ter observado que não sómente nesta capital, mas em toda a Republica, ha avultado numero de estrangeiros a pesar sobre a economia nacional, cégos, aleijados e portadores de molestias incuraveis, que bem podiam permanecer nos seus paizes de origem. Trata-se de um facto de alcance absolutamente pratico, com o qual se não compadecem quaesquer argumentos da ordem dos que foram expendidos hontem na Camara.

Uma vez a guerra acabada, como já está, os estadistas que figuram á frente dos paizes europeus, nella envolvidos por forte contribuição de sangue, cogitam de pôr em acção todos os elementos uteis que possam produzir, e necessariamente procurarão no exterior os braços que lhes fôr possivel adquirir para a reconstituição dos estragos da guerra. E isso elles farão muito logicamente, tratando de afastar para outras nações o peso morto dos que não produzem.

Nós não devemos acceital-os. Chegam-nos os que a imprevidencia dos administradores e a facilidade das nossas leis já consentiram que aqui se estabelecessem.

Vejamos claro.

GATAFUNHOS

Rostand morreu. Na sua maravilhosa villa de Arnaga, perto de Cambô e dos Pyrineus, a grippe hespanhola foi buscar o corpo do poeta, ainda relativamente moço e por tudo digno de viver.

O autor querido do *Cyrano* e o rimapor invejado do *Aiglon* não foi, no emtanto, apezar da sua immensa fama, um litterato de genio. Teve muito talento e aproveitou-o com habilidade, embora o cabotinismo horrivel que o estragava. Mas genio não. Faltou-lhe a significação social, sem a qual não se pode ser uma grande personalidade. Elle não exprimia effectivamente sua época nem synthetisava um rumo de idéas. Teve, porém, as lantejoulas faceis, o enthusiasmo vibrante, o grande espirito gaulez e a luz do sol derramada sobre as suas paginas de versos maravilhosos.

Ainda vale a pena escrever livros. E' o pensamento que logo suggere a morte do poeta dos *Romanesques*, desse fino trovador medievo da *Princesse Lointaine*. Todo o mundo vibra, commenta a morte de Rostand e se entristece. O seu fallecimento provoca mais attenção e mais pena que o de qualquer rei da Romania ou do Wurtemberg, que o de qualquer czar bulgaro ou bey tunesino.

Ainda vale a pena escrever.

"Noticia" 24-10-1915

A traducção do Tratado de Paz...

O jornalista Dr. Gustavo Barroso acaba de traduzir o texto integral do Tratado de Paz, enfeixando-o numa elegante brochura, editada pelos Srs. Leite Ribeiro & Maurillo.

E' um trabalho muito bemfeito, vasado em portuguez de lei, respeitada a fidelidade absoluta ao original. Constitue, por isso, uma excellente vulgarização do Tratado de Paz entre nós, pondo-o ao alcance e á intelligencia de todos, não só pelo preço modico por que é vendido como tambem pela clareza e simplicidade com que foi traduzido.

"Imparcial" 23-10-1915

TRATADO DE PAZ

O Sr. Gustavo Barroso, escriptor muito conhecido pelo pseudonymo de João do Norte, acaba de publicar um livro util e muito interessante. Tendo feito parte da embaixada brazileira á Conferencia da Paz, traduziu, com carinho, o celebre tratado da paz, de maneira a tornar a leitura desse magno documento accessivel a toda gente. O livro foi impresso na livraria Leite Ribeiro e é obra que se recommenda pelo seu proprio valor.

92

se destaque, sobre fórma do projecto separado, a disposição do art. 5º.

Sala das sessões, 6 de dezembro de 1918. — *Octavio Mangabeira.*

Encerrada a 3ª discussão do projecto n. 100 B, de 1918, e adiada a votação.

Encerrado em 2ª discussão o artigo unico do projecto n. 178, de 1918, autorizando abrir, pelo Ministerio da Fazenda, um credito especial de 3.114:674$068, para occorrer ás despezas com a cobrança das rendas federaes, a que se refere a verba 18ª, do orçamento daquelle ministerio, no exercicio de 1917; ficando adiada a votação.

Encerrados successivamente em 2ª discussão os arts. 1º e 30º do projecto n. 438, de 1918, regulando os accidentes de trabalho; ficando adiada a votação.

Encerrado em 2ª discussão o artigo unico do projecto n. 435, de 1918, considerando de utilidade publica a Associação Commercial do Alto Juruá, no Territorio do Acre; ficando adiada a votação.

1ª discussão do projecto n. 351, de 1917, regulando a entrada de estrangeiros no territorio nacional; com parecer da Commissão de Justiça favoravel ao projecto; reservando-se o direito de emendal-o opportunamente (vide projecto n. 177, de 1916).

O Sr. Evaristo do Amaral (*) — Sr. Presidente, ao chegar á Camara — pois que antes de sahir de casa não recebera o *Diario do Congresso* — fui tristemente surprehendido com o encontrar em ordem do dia este projecto, que classifico de «projecto de selecção animal», formulado em um paiz que tem por lemma de sua vida a igualdade, a fraternidade e a liberdade, paiz cuja Constituição garante tudo isso que se quer vedar na lei planejada, paiz cujos Estados indistinctamente gosam da justificada fama de hospitaleiros, á moda dos antigos judeus, que, a quem quer que chegava a suas tendas, offereciam immediatamente o pão e o vinho.

Tive, repito, dolorosa surpreza ante o facto de se encontrar o projecto dada para discussão, posto isto houvesse sido feito regimentalmente, pois um distincto collega requereu a resurreição da materia, afim de que a mesma viesse ao plenario e fosse resolvida.

Esse illustre collega, infelizmente, não está presente; S. Ex. de certo, trataria de justificar o projecto, que a mim parece de todo descabido em face das occurrencias contemporaneas, que todas ellas consagram a fraternidade e sentem a fazer desapparecer das sociedades modernas as desigualdades de ordem civil ou de ordem humana. (*Muito bem.*)

Senhores, sem habitos de tribuna, sem talento de expressão (*não apoiados*), as minhas toscas palavras traduzem simplesmente a vibratilidade de que ainda somos capazes, sob o impulso do sentimento de solidariedade humana.

A approvação do projecto, Sr. Presidente, seria uma triste pagina da historia do Congresso Nacional, na época em que se restabelece a paz, conquistada sobre a barbaria.

O projecto, consagrando medidas deshumanas, vem ainda aggravar a situação social, de si tão penosa, na qual o trabalhador é esmagado ao peso do tributos e tem o suor sugado pelo fisco, sob a fórma de imposto; na qual a riqueza se desfaz antes de ser utilizada com proveito. E, assim, se vae gerando a carestia, consequencia dessa organização social defeituosa, assim é creada a maior penuria, a mais funda miseria, assim, quantias enormes são empregadas para manter em custodia, pois que não se lhes dá amparo, os meudigos que nas ruas esmolam o pão quotidiano. (*Muito bem.*)

Não sei qual a formula regimental preferivel no caso; o que sei é que se deve, desde já, cortar a aspiração, traduzida no projecto, de perfectibilidade, de esthetica do homem na vida physica, quando do que nos cumpre cogitar primacialmente é da perfectibilidade na vida espiritual, na vida abstracta, na vida moral, na vida de relações sociaes, em que se não póde crear, para os que teem dous braços e duas pernas, situação diversa da que é reservada aos que só teem um braço ou não teem pernas.

Com estas singelas palavras de repulsa ao projecto, eu peço a attenção da Camara para o proprio fim a que se destina a primeira discussão, e que consiste em cotejar a materia com a Constituição e verificar si esta não é violada. Ora, nem só ignoro haja sido proposto no Congresso projecto mais pungentemente desolador do que este, como, apezar da douta opinião da Commissão de Constituição, evidentemente os termos claros e expressos da Carta Magna não permittem approvemos o mesmo projecto.

Espero que os meus dignos collegas rejeitem, desde este primeiro turno, o projecto, que cruelmente viria fechar as nossas portas a uma quantidade enorme de infelizes, mutilados na guerra universal, como ás viuvas daquelles que tombaram na luta travada em prol da liberdade, que seria sacrilegamente violada, com o se impedir que esses elementos viessem commosco collaborar naquillo em que lhes fosse possivel. (*Muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado.*)

O Sr. Augusto de Lima (*) — Sr. Presidente, concordo com o nobre Deputado, que me precedeu na tribuna, em toda a extensão, que delimitou, para combater o presente projecto, apprehendendo exactamente, os casos em que, por piedade humana, por fraternidade social, não pederemos recusar asylo áquelles que demandam as nossas plagas. Acompanho, ainda S. Ex., considerando que na rede estendida por essa disposição deshumana se podem apanhar elementos que no paiz produziriamos, porque não ha regra geral, absoluta, que determine ser tal ou qual individuo inutil á sociedade.

A *priori*, como affirmar que um cego não seja um excellente artifice, não se applique a artes de vantagem economica?

Ante os processos hoje em pratica, não se contesta ao surdo-mudo aptidão para as artes manuaes. Não é justo condemnar á inercia, o ambidextro, ou a *priori*, assegurar que elle com o braço e a mão restantes não execute determinados trabalhos artisticos, com proveito para o paiz. Além de deshumanas, portanto, é contraproducente a medida que se pretende; ella vem estancar uma corrente, da qual poderão advir beneficios para o nosso paiz. O meu illustre collega deixou, porém, de mencionar, entre os elementos cuja entrada deve ser vedada, os nocivos, os criminosos, os viciosos, como taes reconhecidos, os individuos cuja permanencia em qualquer nação seja uma ameaça á ordem publica, pelos habitos de propaganda contra a ordem juridica. Estes, naturalmente, já teem contra si a acção repressiva das leis communs e na parte, preventiva, certo dispõe o legislador, dentro da Constituição, de normas que previnam, devidamente applicadas, os inconvenientes de tal immigração.

A illustre Commissão de Legislação e Justiça pondera:

> «...Medidas identicas vigoram nos Estados Unidos, desde a lei de 3 de outubro de 1892, tornando-se mais rigorosas com a lei de 3 de março de 1903, reguladora da immigração estrangeira, e promulgada com o intuito de protecção ao trabalho nacional (Annuaire de legislation étrangère, vol. de 1882, pag. 1.004, e vol. de 1903, pag. 642); e a Republica Argentina, ameaçada, como todos os paizes novos da America do inconveniente da immigração perniciosa, que o projecto procura evitar, já regulamentou, por decreto de 26 de abril de 1916, o art. 32, de sua lei de immigração, de 19 de outubro de 1876, ampliando as suas disposições, de accôrdo com as necessidades e os receios do momento».

Mas é preciso que, ao envez de encararmos essas medidas adoptadas no estrangeiro pelo lado da autoridade que as recommenda, as observemos antes, tendo em vista o caracter nacional, as necessidades do paiz, a corrente das idéas, o espirito das nossas instituições, afim de que, ao defrontarmos com os exemplos dos paizes civilizados, possamos estudar as suas condições de applicabilidade, o momento historico em que se acha a região de que se trata, os seus compromissos para com os principios da respectiva educação. Si uma crise determinada, em dado momento, no trabalho, pelo grande volume de immigrantes invalidos, póde occasionar o apparecimento de uma lei de excepção, não comprehendo que, depois de uma guerra que tenha como principio fundamental, na bandeira das reivindicações, o direito da civilização, o direito da igualdade humana, pairando acima de todas essas legendas sagradas, a piedade humana (*apoiados*), não comprehendo, repito, que, neste momento, quando as nações se congraçam, quando se procura fixar o ideal humano, proclamando a igualdade, não theoricamente consagrada nas declarações de direito, mas consubstanciada nas proprias condições biologicas dos seres que constituem o corpo social, não comprehendo que neste instante devamos estabelecer um crivo para apurar os elementos válidos de que nos vamos egoisticamente aproveitar, enriquecendo na paz. (*Muito bem.*)

Lembrando-nos de que esses homens gloriosamente defenderam os direitos da humanidade e tambem os do Brasil, porque faziamos parte dos belligerantes, é inadmissivel opponhamos uma barreira em nossos portos á corrente que, fugindo á congestão das populações em desequilibrio com os recursos de alimentação, venha procurar, neste vasto es-

(*) Não foi revisto pelo orador.

(*) Não foi revisto pelo orador.

"Paiz" - 10 - dez. 1918
1.ª pag.

OS INDESEJAVEIS

A Camara ainda não pôde votar, em 1ª discussão, o projecto regulando a entrada de estrangeiros no territorio nacional. E' de esperar, no entanto, que o faça no primeiro dia em que houver numero, pois já se acha sufficientemente esclarecida acerca dessa proposição de lei.

A approvação desse projecto está sendo retardada, pela attitude resolutamente contraria assumida pela bancada do Rio Grande do Sul e por alguns representantes de outros Estados. Não nos parece, comtudo, que essa attitude seja de molde a modificar a opinião da Camara, sabidamente favoravel á decretação de uma lei que resolva, de vez, o problema dos indesejaveis.

Os debates em torno dessa melindrosa questão não têm sido encaminhados com a segurança e a clareza que seriam para desejar. Emquanto, de um lado, os oradores, que, na sessão de sabbado, da Camara, impugnaram o projecto, só invocaram, contra elle, motivos de ordem religiosa e philosophica, desprezando, incomprehensivelmente, os seus aspectos sociaes e economicos, e alludindo apenas a insignificantes nusgas constitucionaes, os que o defenderam não quizeram ter a franqueza de accentuar, desde logo, quanto é absurda e incomportavel a explosão sentimental que chegou a provocar, da parte de um dos mais austeros representantes sulistas esta declaração espantosa: o Brasil está de posse, de modo injusto, de uma superficie territorial que excede de muito as necessidades da sua população.

Como se vê, os adversarios do projecto se collocam em um ponto de vista extraordinario: o de que os interesses brasileiros devem ser postos inteiramente de lado, no estudo e na solução deste urgentissimo problema. Ora, é evidente que esse não é o ponto de vista da Camara, como não é o da Nação, como não é o de quantos não subordinem as suas opiniões a concepções philosophicas que são apenas as de uma minoria sonhadora e ingenua.

A Camara, como todas as forças pensantes e constructoras do paiz, tem que encarar o problema sob o seu triplice aspecto constitucional, social e economico. Foi isso o que, no seu parecer, na legislatura passada, fez o saudoso deputado Maximiano de Figueiredo. E' isso o que, nesta hora, deve ser feito, afim de que não repercutam, cá fóra, desorientando a opinião publica e creando, contra o projecto, uma atmosphera de injustas prevenções, as divagações positivistas com as quaes se tem pretendido forçar a Camara a tomar uma resolução contraria aos interesses vitaes do Brasil.

O aspecto constitucional desta questão é de uma limpidez inconfundivel. O projecto ora em debate na Camara não incide, absolutamente, nem no espirito, nem na letra do art. 72 da Constituição da Republica. Os direitos que esse artigo e seus paragraphos concedem a estrangeiros se referem, tão sómente, aos "estrangeiros residentes" no Brasil. Nem poderia ser de outra fórma. Como admittir, effectivamente, que os constituintes republicanos de 91 tivessem pensado em estender os direitos de que cogita o art. 72 aos estrangeiros não residentes no Brasil, isto é, a toda sorte de individuos, mesmo aos que, por quaesquer circumstancias, não devessem penetrar no territorio nacional? Então, segundo a curiosa hermeneutica dos adversarios do projecto, a Constituição brasileira torna impossivel a execução de qualquer medida visando impedir que o nosso paiz seja invadido por individuos portadores de graves molestias infecciosas; por aleijados irremediaveis, por tarados moraes, por todos os elementos deleterios que são o refugo das velhas civilizações européas? Basta enunciar essa interrogação para que se avalie quanto são improcedentes, extravagantes, inaceitaveis, os argumentos juridicos invocados contra o projecto.

E' certo que o projecto apresenta um ou outro ponto cuja constitucionalidade é duvidosa. Mas, isso mesmo já foi assignalado pelo parecer da commissão de justiça, que se reservou o direito de emendal-o, opportunamente. Portanto, o mais razoavel seria que se apresentassem essas emendas e não que se pleiteasse, intolerantemente, a recusa immediata e inappellavel do projecto.

Quanto ao aspecto social e economico do projecto, é preciso não esquecer que o objectivo dessa medida é, como já ficou perfeitamente accentuado, o de dotar a Nação de uma lei que a defenda contra os perigos de uma immigração que só serviria para entorpecer o nosso progresso, acarretando-nos novos onus economicos e novas difficuldades sociaes e para trazer novas complicações á solução do nosso problema ethnologico.

Todas as nações cujos exemplos poderiamos invocar adoptaram providencias identicas ás do projecto ora em primeiro turno regimental na Camara. Na America, ha, para não citar outros casos, a legislação dos Estados Unidos e a da Argentina, uma e outras compendiando, em leis e regulamentos, as medidas mais severas contra o indisfarçavel e temeroso perigo que é a liberdade de entrada, no territorio nacional, dos elementos que são, por todos os titulos, indesejaveis, isto é, dos immigrantes que não vêm collaborar na obra do engrandecimento social e economico do paiz que os recebe, mas constituir uma legião de parasitas e de exploradores.

Ha quem allegue, para combater o projecto, que "não devemos perturbar o grande sonho da paz universal". Isso, na mesma hora em que Lloyd George, o grande chefe da democracia ingleza, suggere a necessidade de medidas de excepção contra a entrada de allemães na Inglaterra, depois de realizada a paz...

A verdade, aliás, é que não precisamos procurar fóra do Brasil os argumentos mais impressionantes e mais decisivos em favor do projecto que regula a entrada de estrangeiros no territorio nacional. Não ha quem ignore estes factos altamente suggestivos: primeiro, que quasi todos os agentes anarchistas que tanto têm contribuido para que as nossas classes proletarias se mantenham em permanente agitação, são estrangeiros expulsos pela policia dos respectivos paizes de origem, como elementos perigosos á ordem social; segundo, que as proporções insolitas que nos grandes centros populosos do litoral tem tomado a exploração da caridade publica, são devidas, principalmente, ao verdadeiro alluvião de mendigos estrangeiros desembarcados em nossos portos; terceiro, que a epidemia do trachoma, que tanto mal tem feito a certas zonas productoras, foi trazida por immigrantes já infeccionados e cuja entrada não foi possivel evitar.

Outro argumento falso e infantil que appareceu contra o projecto é o de que os Estados Unidos e a Argentina não decretaram leis reguladoras da immigração depois da guerra. Mas, então esses cavalleiros andantes do idéal da dissolução das patrias ignoram que isso só não aconteceu porque já antes da guerra aquelles paizes haviam tido o cuidado de decretar as referidas leis, com as quaes sempre colheram os melhores resultados?

A Camara deve approvar, quanto antes, o projecto, certa de que presta um immenso serviço ao Brasil, evitando que um problema que agora póde ser facilmente resolvido assuma, no futuro, proporções perigosissimas. Não nos esqueçamos dos males que já desencadearam sobre a nossa Patria os ingenuos ensaios sociologicos, que, nos primeiros annos da Republica, entenderam de fazer os adeptos de certas philosophias incompativeis com os interesses fundamentaes dos povos que querem viver livres, respeitados, ricos e fortes.

"Correio da Manhã" (1
9 - dez.º - 1918

A impugnação que tem soffrido na Camara o projecto chamado "dos indesejaveis", funda-se em dois motivos distinctos: um, de ordem puramente sentimental, o outro, todo de natureza doutrinaria.

O motivo de ordem sentimental está em que é absurdo, impiedoso, anti-republicano, e até inconveniente do ponto de vista da situação internacional, crear embaraços á entrada no paiz dos mutilados da guerra européa, que cimentaram com o seu sangue a resistencia ao militarismo prussiano.

O motivo de natureza doutrinaria, cultivado com particular agrado pelos deputados da bancada do Rio Grande do Sul, esse está adstricto á these politica dos supraditos parlamentares, que aprenderam em Comte e Julio de Castilhos que a liberdade é a essencia do organismo social e deve ser dada ao homem tanto para escolher a casa em que móra como o paiz onde deve exilar-se.

Do ponto de vista sentimental, o exagero do combate ao projecto é evidente. Primeiro que tudo, não se trata duma lei imaginada para o fim especial de fechar o Brasil aos mutilados da guerra, mas de estabelecer certas regras, sem a observancia das quaes o estrangeiro aqui não possa entrar. Historicamente, ella é uma adaptação de duas antigas leis americanas, a de 1882, dos Estados Unidos, e a de 1876, da Argentina, todas estabelecendo medidas de policia social, desde que esses dois paizes se tornaram o ponto de convergencia das correntes emigratorias deslocadas da Europa meridional pela crise do trabalho.

E' certo que, decretada, a lei não deixa de crear certas difficuldades á entrada no paiz dos mutilados da guerra, mas essas difficuldades são relativamente poucas. Assim, é que o accesso só é, não defeso, porém, condicional a uma classe de incapazes, a saber: os cégos, os surdos-mudos, os paralyticos, os enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, os alienados de qualquer especie, os idiotas, os imbecis, os criminosos condemnados nos paizes de origem, mendigos, ciganos, mulheres sós, viuvas com filhos menores de 16 annos, homens maiores de 60 annos e menores de dezeseis annos, etc. Quanto aos mutilados, o projecto só attinge aos que tiverem per-

dido o braço direito, ambos os braços ou ambas as pernas; quer dizer, visa precisamente aquella especie de individuos que nos seus proprios paizes, por se haverem tornado inuteis, estão entregues aos cuidados da reeducação.

No mais, a lei em questão só trata de estabelecer um apparelho administrativo, se assim se póde dizer, de refinamento da massa immigratoria, não impedindo a entrada dos capazes, mas evitando a dos perturbadores da ordem economica e da ordem social, e que são aquelles que ou vêm consumir sem produzir, ou alterar a tranquillidade e a segurança dos naturaes com a sua presença, as suas idéas e os seus antecedentes.

Por outro lado, e do ponto de vista doutrinario, a impugnação ao projecto é feita como numa teia de aranha, por principios philosophicos sobre os quaes já envelheceu um seculo de critica. Os que sustentam esse principio entendem que a Constituição da Republica garante todas as liberdades, mesmo a de um só individuo, embora estrangeiro, prejudicar os interesses da communhão. Mas nem essa liberdade, assim extensiva, chega a ser ainda uma these, nem os que a preconizam são os prophetas da sociedade futura, o que só aconteceria quando o Brasil fosse um paiz de loucos.

"Correio da Manhã"
10-12-918

Hontem, na Camara, ficou bem evidente que é só da bancada do Rio Grande do Sul que partem os embaraços que está soffrendo, na sua primeira discussão, o projecto chamado "dos indesejaveis". Os sete votos contrarios que teve a materia foram todos de riograndenses.

Seria, pois, o caso de, bem examinada a questão, apresentar o sr. Alvaro Baptista, o sr. Joaquim Osorio, ou outro qualquer, uma emenda que talvez fosse acceita de bom grado, a qual emenda tivesse por fim excluir os portos do Rio Grande do Sul das medidas de caracter geral que o projecto estatue, abrindo-os assim ao accesso franco dos elementos de decomposição social que as outras terras e as outras gentes evitam; o que, tudo feito, teria a vantagem de demonstrar não só que, mesmo em casos dessa ordem, toda regra tem excepção, como ainda que a politica positivista dos gaúchos não se arrecearia, de, por amor á liberdade, sacrificar a hygiene social.

Com essa emenda ou sem ella, o projecto trata, porém, de uma questão que já existia ha muito tempo, sobretudo nas nações para onde convergem as grandes correntes emigratorias da Europa. A guerra não fez mais do que realçar o problema, impondo-o á cogitação dos poderes publicos. Na imprensa, o brado de alarma a respeito do assumpto — e é com o maior desvanecimento que o recordamos — partiu dum artigo de Gil Vidal. Posteriormente, o então deputado pelo Ceará, sr. Gustavo Barroso concretizou na fórma juridica dum projecto de lei, as idéas correntes sobre a materia, moldando o seu trabalho no espirito das leis anteriores, norte-americana e argentina, reguladoras da entrada de estrangeiros no territorio nacional.

O projecto, que adormecia na pasta da commissão de Constituição e Justiça, veiu a debate mediante requerimento do sr. Frederico Borges; está, pois, sendo discutido sem que sobre elle haja dito em definitivo a commissão technica competente, a qual, quando lhe dér o seu julgamento, na segunda discussão, necessariamente introduzirá no trabalho primitivo do sr. Gustavo Barroso as emendas que elle requer.

A primeira discussão do projecto versa, regimentalmente, de preferencia sobre a sua constitucionalidade. Tudo indica, portanto, que o debate *de meritis* está ainda por começar.

Muita coisa ha a corrigir no projecto, com a prohibição da entrada das mulheres sós. Essa medida fere e offende a concepção moderna do papel da mulher na sociedade, papel que os acontecimentos da guerra ampliaram como uma conquista de tal modo reconhecida, que a endossou, na sua ultima mensagem ao Congresso Americano, o presidente Wilson; além de que seria absurda, mesmo do ponto de vista da selecção animal, num paiz que precisa, e cada vez mais, de povoar-se... A prohibição será licita, isso sim, nos casos em que a mulher, só ou acompanhada, incidir nas hypotheses formuladas na lei.

De um modo geral, o projecto é, porém, digno dos melhores applausos. Que a Camara não lh'os regateie e deixe os deputados do Rio Grande do Sul girarem, atordoados, dentro do estreito limite dos seus principios philosophicos, do mesmo modo que faz o perú, quando lhe traçam em volta um circulo a giz.

"Paiz" - 9-12-1918

Os indesejaveis.

E' argumento de ordem sentimental, para combate ao projecto que regula a entrada de estrangeiros no territorio nacional, a affirmação, muito em voga entre os parlamentares que hostilizam a adopção de medidas contra os indesejaveis, de que este projecto viza apenas crear obices á entrada em territorio nacional dos soldados da civilização, que se deformaram nos campos de batalha do velho mundo em lucta por uma causa com a qual nos manifestámos solidarios.

Esta proposição é inexacta. Um dos maiores propugnadores da adopção de providencias legislativas contra os indesejaveis, de modo a não lhes permittir o ingresso em nosso paiz, foi o jornalista Medeiros e Albuquerque, que era, como se sabe, de um alliadophilismo sem restricções.

Foi Medeiros e Albuquerque quem, ao se referir á situação de porta aberta que mantemos para tudo o que vem de toda a parte para a nossa terra, para aqui affluindo incapazes por deformidades physicas, degradados por táras atavicas, enfermos de molestias incuraveis e contagiosas, exploradores do lenocinio e profissionaes do amor venal, affirmou, com propriedade, ser o Brasil, sob este aspecto, *o monturo do mundo*.

Quem ler o projecto sobre os indesejaveis, ora em debate na Camara, verificará que se elle é, talvez, exagerado sob certos aspectos, é seguramente deficiente sob outros, e se certificará, sobretudo, que elle foi redigido, não com o proposito de attingir os mutilados da guerra, alliados, mas com o fim nobre e superior de nos preservar do contacto de gente cuja situação só nos póde ser prejudicial, principalmente sob o ponto de vista moral e economico.

E' assim que o projecto em debate na Camara determina que "o Governo Federal impedirá a entrada no territorio da Republica aos individuos de nacionalidade estrangeira cegos, surdos-mudos, paralyticos, enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, mutilados do braço direito, de ambos os braços ou de ambas as pernas, idiotas, imbecis, alienados de qualquer especie, criminosos condemnados nos seus paizes de origem, mendigos, ciganos, mulheres sós, viuvas com filhos menores de 16 annos, homens maiores de 60 annos e menores de 16.

Ficam exceptuados dessa prohibição: os cegos, surdos-mudos, paralyticos e mutilados que provarem ter rendimentos bastantes para viverem sem recorrer á caridade publica ou familia que os possa manter;

os enfermos de molestia contagiosa ou incuravel, no unico caso de serem transferidos de um sanatorio estrangeiro para estabelecimento congenere nacional;

os criminosos politicos;

os idiotas, imbecis e alienados mentaes de qualquer especie transportados de um estabelecimento de saude estrangeiro para um nacional ou que tenham familia que os possa manter;

as mulheres sós, desde que provem qualquer uma das seguintes condições: 1ª, vir para casa de sua familia domiciliada no Brasil; 2ª, vir para emprego ou collocação determinada; 3ª, ter rendimentos proprios; 4ª, documentando profissão honesta, trazer 200$ ouro, quantia sufficiente para as primeiras despezas antes de encontrar collocação;

as viuvas com filhos menores de 16 annos que estiverem nas seguintes condições: 1ª, possuam rendimento proprio; 2ª, venham para casa de sua familia, já domiciliada no paiz; 3ª, tendo profissão certa, tragam 400$ ouro, quantia destinada ás despezas de primeira instalação;

os homens maiores de 60 annos que sejam chefes de familia, que as possam sustentar ou possuam rendas particulares;

os menores de 16 annos que venham acompanhados de suas familias ou responsaveis, que se destinem á casa destes, se os tiverem domiciliados aqui; que venham para collocação determinada ou com destino a qualquer estabelecimento de instrucção do paiz.

Ao entrar no territorio nacional, o individuo de nacionalidade estrangeira deverá apresentar ás autoridades competentes um certificado das autoridades do seu paiz de origem, visado gratuitamente pelos representantes consulares do Brasil, provando sua identidade e conducta, que não soffreu condemnação ou penas infamantes e nunca exerceu a mendicidade."

Como se vê, o projecto contra os indesejaveis, passivel, aliás, de emendas, em duas novas discussões, na Camara, não visa vedar a entrada de mutilados da guerra entre nós.

Quando, porém, esse fosse o seu escopo, por que não tomar medidas nesse sentido contra os mutilados allemães, austriacos, bulgaros e turcos e deixar que elles venham para aqui pesar formidavelmente contra a nossa situação economica?

Os mutilados francezes, belgas, inglezes e demais alliados, esses viverão em seus paizes, á sombra de suas glorias, amparados pelo Estado, que os protegerá. Não terá efficiencia para esses a lei contra os indesejaveis. Ella é, porém, imprescindivel, contra todos os elementos improductivos, prejudiciaes, deleterios, de desordem, de destruição, que hão de nos desorganizar a existencia se formos tão imprevidentes que ainda queiramos aquecer, como na fabula, serpentes ao seio.

95

"Gazeta de Noticias" 10-12-918
art. fundo

Os indesejaveis

Ainda hontem a Camara não pôde votar a chamada lei dos indesejaveis. Ouviu alguns discursos e como sempre coube a um representante do positivismo sul-riograndense pedir a verificação de votação. Sete votos contra e trinta e um a favor. Não havia numero e o projecto voltou para a ordem do dia de hoje.

Não acreditamos que os sectarios de madame Clotilde de Vaux consigam impedir a passagem dessa lei; mas, tambem, estamos certos de que ella não será concluida na presente sessão... por falta de tempo! Aliás — seja dito de passagem — ha de ser muito difficil ao Sr. Sabino Barroso ou a quem suas vezes fizer, fazer uma boa fesenha dos trabalhos da Camara neste anno. Porque, realmente, a esterilidade dos Srs. deputados foi absoluta. Nenhuma das grandes e momentosas questões que lhes competia decidir foi resolvida. Adiou-se sempre, protelou-se o quanto era possivel e só agora, ao apagar das luzes, é que o Congresso despertou do seu somno lethargico para se lembrar de que o Codigo de Trabalho era imprescindivel e que talvez fosse conveniente estabelecer a legislação sobre a entrada de estrangeiros no paiz. Infelizmente, como se verifica, é muito tarde e o Congresso, para attender ás queixas do operariado, teve de se contentar com a lei sobre accidentes de trabalho, e quanto á lei dos indesejaveis, ficará para o anno...

Todavia, si uma lei ha de absoluta e urgente necessidade é essa. A paz vai restabelecer correntes immigratorias e não as poderiamos tolerar sem que fizessemos uma selecção muito rigorosa em beneficio exclusivo dos mais legitimos interesses nacionaes.

Basta que se examine a situação da Europa, depois da paz, mórmente, para os paizes vencidos, para se concluir desde logo que precisamos tomar as maiores cautelas na permissão de entrada de immigrantes. Que hão de fazer os mutilados, os velhos, os incapazes da Allemanha, da Austria-Hungria, da Bulgaria, da Turquia, paizes esphacelados, em plena phase de reconstituição politica, onde a fome é um facto, as difficuldades de vida cada vez maiores? Não é curial que elles hão de procurar outras terras de maior abundancia, onde o *struggle-for-life* é menos intenso, onde a caridade ainda é possivel?

Para onde virá esse rebotalho?

Claro que para o Brasil, o paiz unico no mundo onde os portos estão abertos para todos, sem nenhuma exigencia. Todos os outros povos procuraram, em tempo devido, acautelar seus interesses, regularisando a entrada de estrangeiros dentro de seus respectivos territorios. Nelles não desembarca, nem permanece, quem seja de qualquer modo nocivo á collectividade. E' uma lei natural de defesa hoje universalmente admittida e adoptada. Só no Brasil, sob pretextos de uma liberalidade que não póde existir na Constituição Federal — a menos que não a consideremos uma lei imbecil — é que um projecto como esse que agora preoccupa a Camara encontra tamanhos embaraços á sua votação, que se anda arrastando ha mais de anno, ora no plenario, ora no seio immenso das commissões.

O primitivo relator do projecto, Gustavo Barroso, disse no seu parecer:

"O projecto veda a entrada, no territorio da Republica, aos individuos de nacionalidade estrangeira, que possam ser nocivos á communhão brasileira, já por defeitos physicos, e já por vicios ou crimes que os tornem suspeitos ou perniciosos á ordem e tranquillidade publica.

Nessa prohibição comprehende o projecto "os cégos, surdos-mudos, paralyticos, enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, mutilados do braço direito, de ambos os braços ou de ambas as pernas, idiotas, imbecis, allienados de qualquer especie, criminosos condemnados nos paizes de origem, mendigos, ciganos, mulheres sós, viuvas com filhos menores de 16 annos, homens maiores de 60 annos e menores de 16", fazendo excepções que abrandam o texto e esclarecem a sua intenção.

Como se vê, o projecto não visa embaraçar a corrente immigratoria, que possa ser util ao Brasil: evita apenas que este receba elementos máos e improductivos, incapazes de collaboração proveitosa.

Com a previsão do que seja o exodo da população européa, inutilisada na guerra e remanescente aos seus acontecimentos, previsão já accentuada por estatisticas parciaes da entrada, em nossos portos, de elementos estrangeiros, inuteis para o trabalho e perturbadores da nossa situação economica, tem o projecto justificada a sua conveniencia e opportunidade."

Não se precisava dizer mais e nem melhor para justificar a nova lei.

Nós queremos e precisamos de immigrantes, mas de immigrantes que venham estimular o nosso progresso, que tenham capacidade de trabalho. Mas, certamente, ninguem dirá que esses mutilados, esses mendigos, essas viuvas com filhos menores de 16 annos, esses velhos, esses criminosos condemnados nos paizes de origem, os caftens, sejam elementos de prosperidade. Essa gente viria pesar na nossa economia e aggravar a nossa situação, "concorrendo para o definhamento da nossa raça e tornando-se assim um elemento negativo para o nosso desenvolvimento economico e ethnologico".

Tambem sob o ponto de vista da constitucionalidade do projecto, que tanto arripia a bancada gaúcha, não ha motivo para alarmar os defensores intransigentes da Lei Basica, muitos dos quaes tanto a têm desrespeitado.

O parecer o explica de modo irrefutavel, para dissipar toda e qualquer duvida:

"As providencias por elle cogitadas podem ser tomadas pelo Estado, no exercicio de sua soberania, não as vedando nenhuma disposição da Constituição Federal, que, no art. 72, se refere aos "estrangeiros residentes", conferindo só a estes as garantias que estabelece nos varios paragraphos do mesmo artigo.

Ellas não constituem uma novidade em nosso direito. Disposição equivalente, embora mais restricta, já contem o art. 4° do decreto numero 1.641, de 7 de janeiro de 1907, acatado, nesta parte, como perfeitamente constitucional, tendo igualmente cogitado da prohibição da entrada do estrangeiro no territorio nacional, com brilhantes justificações, o substitutivo do Sr Mello Franco ao projecto n. 493 de 1912, e as emendas apresentadas pelo mesmo deputado no projecto n. 274, de 1915."

Por isso mesmo, desde principio, demos o nosso inteiro apoio a esse projecto e agora não temos senão que reforçar esse applauso, porque o perigo que elle procurava evitar está mais evidente e mais proximo.

Não fosse o descaso do Congresso pelos problemas de maior urgencia e já teriamos em vigor essa lei e estavamos apparelhados para impedir a entrada de elementos estrangeiros que não nos convêm, como succede, por exemplo, nos Estados Unidos desde 1882, por uma lei cujo rigor foi posteriormente augmentado em 1903; na Argentina e em outros paizes.

Adiamos o projecto...

E até que seja elle votado e sanccionado, a Allemanha e seus alliados poderão nos despachar tudo quanto ali houver de imprestavel e de máo. E' o que vai succeder até que tenhamos a lei dos indesejaveis.

73
"Jornal do Commercio" Ed. tarde 28-10-919

TRATADO DE PAZ

Traducção do Dr. Gustavo Barroso

O Dr. Gustavo Barroso que, como addido, fez parte da Delegação do Brasil á Conferencia da Paz, deu-se á pena de traduzir o volumoso tratado de paz assignado em Versailles, a 28 de Junho do corrente anno.

Das difficuldades dessa tarefa o proprio traductor dá uma idéa, nas "Duas Palavras" com que abre o volume e que reproduzimos a seguir:

Duas palavras — A traducção do presente Tratado de Paz foi feita, visando, para maior fidelidade, o menor afastamento possivel da letra do original. Não poucas difficuldades tivemos que vencer devido á novidade de certas expressões, aos termos technicos de ordem militar, economica ou financeira, sem correspondentes na nossa lingua, bem como, por vezes, á pouca clareza do texto francez, redigido de modo tão obscuro e confuso, em certos pontos, que nos obrigou a recorrer ao original inglez, quando era natural que se désse ustamente o contrario.

As traducções officiaes deste tratado são prohibidas, visto como poderia haver alterações decorrentes das mesmas que lhe desvirtuassem os fins e effeitos. Afim de evital-as, cuidadosamente procuramos nos approximar tanto quanto possivel do original, mantendo até mesmo sua pontuação e suas letras maiusculas, salvo onde essas iam de encontro aos preceitos de nossa lingua.

"Dada esta explicação necessaria, acreditamos poder affirmar não termos realizado obra inutil, tornando mais publico e accessivel a todos este instrumento juridico, o maior documento de direito publico internacional que existe actualmente, o mais importante e o mais notavel Tratado de Paz da Historia, sahido duma grande assembléa, a mais numerosa e poderosa que até hoje se realizou no mundo — G. B."

Republicado na

96

poderão pedir a indemnização determinada nos arts. 7° e 8° desta lei; nem os que tenham direito a licença remunerada á indemnização estabelecida nos arts. 9°, 10 e 11.

TITULO III

DA DECLARAÇÃO DO ACCIDENTE

Art. 19. Todo o accidente de trabalho que obrigue o operario a suspender o serviço ou se ausentar deverá ser immediatamente communicado á autoridade policial do logar, pelo patrão, pelo proprio operario, ou qualquer outro. A autoridade policial comparecerá sem demora ao logar do accidente e ao em que se encontrar a victima, tomando as declarações desta, do patrão e das testemunhas, para lavrar o respectivo auto, indicando o nome, a qualidade, a residencia do patrão, o nome, a qualidade, a residencia e o salario da victima, o logar preciso, a hora e a natureza do accidente, as circumstancias em que se deu e a natureza dos ferimentos; os nomes e as residencias das testemunhas e dos beneficiarios da victima.

§ 1.° No quinto dia, a contar do accidente, deve o patrão enviar á autoridade policial que tomou conhecimento do facto, prova de que fez á victima o fornecimento de soccorros medicos e pharmaceuticos ou hospitalares; um attestado medico sobre o estado da victima, as consequencias verificadas ou provaveis, do accidente e a época em que será possivel conhecer-lhe o resultado definitivo.

§ 2.° Nesse mesmo dia, a autoridade policial remetterá o inquerito, com os documentos a que se refere o paragrapho anterior, ao juizo competente, para a instauração do summario.

Art. 20. Durante o tratamento, é permittido ao patrão requerer a verificação do estado de saude da victima, nomeando o juiz um medico para fazer o exame, que se effectuará em presença do medico assistente. Si houver divergencia entre ambos sobre o estado da victima e as suas condições de capacidade para o trabalho, o juiz nomerá um outro medico para fazer o exame e no seu laudo baseará o julgamento.

TITULO IV

DA ACÇÃO JUDICIAL

Art. 21. Recebidos pelo juiz competente o inquerito e documentos de que trata o § 2° do art. 18, será immediatamente instaurado o processo judicial, que deverá ser encerrado no prazo maximo de 12 dias, contados da data do accidente. Findo esse prazo será proferida sentença e ordenado o pagamento devido pelo accidente.

Art. 22. Todas as acções que se originarem da presente lei serão processadas perante a justiça commum, segundo as prescripções da respectiva organização judiciaria; terão curso summario; e prescreverão no prazo de dous annos.

Art. 23. O representante do ministerio publico é obrigado a prestar assistencia judiciaria á victima. A victima do accidente ou seus representantes gosarão da reducção de metade das custas regimentaes, que serão cotadas para só serem afinal, pagas pelo vencido, não podendo a falta de prompto pagamento das mesmas ou das devidas pelo patrão retardar a marcha dos respectivos processos.

Art. 24. A presente lei não exclue o procedimento criminal nos casos previstos em direito commum.

TITULO V

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 25. E' privilegiado e insusceptivel de penhora o credito da victima pelas indemnizações determinadas na presente lei.

Paragrapho unico. A divida proveniente dessas indemnizações gosa, sobre a producção da fabrica em que se tiver dado o accidente, da preferencia excepcional attribuida pelo paragrapho unico do art. 759 do Codigo Civil aos creditos por salario de trabalhadores agricolas.

Art. 26. E' nulla de pleno direito qualquer convenção contraria á presente lei, tendente a evitar a sua applicação ou alterar o modo de sua execução.

Art. 27. Quando os beneficiarios da victima forem estrangeiros só terão direito ás indemnizações si residirem no territorio nacional por occasião do accidente.

Art. 28. Todos os patrões attingidos por esta lei são obrigados a affixal-a, com os respectivos regulamentos, em logar bem visivel de suas fabricas, officinas ou estabelecimentos.

Art. 29. Esta lei será regulamentada dentro de 30 dias e findo esse prazo entrará immediatamente em vigor.

Art. 30. Revogam-se as disposições em contrario.

O Sr. Presidente — O projecto passa á 3ª discussão.

O Sr. José Lobo (*pela ordem*) requer e obtem dispensa de intersticio para o projecto n. 438, de 1918, figurar na ordem do dia da sessão seguinte.

Votação do projecto n. 465, de 1918, considerando de utilidade publica a Associação Commercial do Alto Juruá, no Territorio do Acre (2ª discussão).

Approvado em 2ª discussão o seguinte artigo do

PROJECTO

N. 435 — 1918

O Congresso Nacional decreta:

Artigo unico. E' considerada de utilidade publica a Associação Commercial do Alto Juruá, no Territorio do Acre; revogadas as disposições em contrario.

O Sr. Presidente — O projecto passa a 3ª discussão.

Votação do projecto n. 351, de 1917, regulando a entrada de estrangeiros no territorio nacional; com parecer da Commissão de Justiça favoravel ao projecto; reservando-se o direito de emendal-o opportunamente (vide projecto n. 177, de 1916) (1ª discussão).

O Sr. Alcides Maya (*para encaminhar a votação*) — Teve hontem a Camara, Sr. Presidente, occasião de ouvir sobre o projecto que prohibe a entrada, no Brasil, de estrangeiros, em determinadas condições, a opinião de tres oradores, dous dos quaes se collocaram no ponto de vista moral que a questão comporta e um dos quaes abordou o ponto de vista Constitucional.

O ultimo, relativamente a semelhante projecto, é, em verdade, o essencial.

Não ha hermeneutica juridica que provoque a convicção de que tedas estas limitações estejam de accôrdo com o espirito Constitucional do Brasil.

Não basta discutir e interpretar artigos de lei e combinar paragraphos, em se tratando do codigo fundamenatl de uma nação, para se estabelecer que determinado artigo é offendido por este ou por aquelle pormenor legislativo.

O que vale, sobretudo, é o espirito a que o codigo fundamental obedece.

Uma Constituição é uma obra viva, não é uma obra immobilizada nos textos (*Apoiados*).

Não se póde julgar da constitucionalidade de um projecto sem antes de tudo consultar a alma nacional, que está expressa na sua lei basica.

E, si nós seguirmes esse processo, não poderemos negar, senhores, que o projecto em votação é profundamente offensivo ao espirito republicano, condemnando nos artigos primaciaes da Carta de 24 de fevereiro.

O artigo a discutir seria o art. 72 da Constituição. Aliás, o projecto, segundo o proprio parecer que lhe é favoravel, infringe no seu art. 4° essa Constituição

Seja-me tolerada uma pequena digressão—e esta referencia illuminará perfeitamente o meu pensamento—,numa das suas immortaes epistolas (peço permissão para citar São Paulo na Camara dos Deputados) o Apostolo dos Gentios disse aos Corinthios o seguinte : « A lettra mata; o espirito vivifica ».

Venho falar aqui em nome do espirito republicano. Consultemol-o acima da letra.

O Sr. Joaquim Ozorio — (Apoiado). Republica quer dizer fraternidade.

O Sr. Alcides Maya — Só o predominio de motivos moraes e politicos anteriores ao nosso momento, anteriores ao instante em que a Allemanha desencadeou esta guerra, poderia justificar a apresentação de semelhante projecto, inteiramente contrario aos ideaes e aos sentimentos da humanidade, hoje victoriosos na Europa (*apoiados*).

Então, srs., depois de todos os grandes seculos de evolução humana, de todas as dores, de todos os choques, de todos os sonhos desmentidos, reafirmados, vencedores, dos grandes guias da especie, ainda negaremos a um homem, qualquer que elle seja, o direito de escolher no planeta o logar em que ha de trabalhar, em que ha de morrer?

E' uma questão religiosa, no grande sentido da palavra religião. Venho em nome da doutrina positiva que inspira a bancada do Rio Grande do Sul; mas não falo somente em nome dessa doutrina.

Peço permissão aos meus illustres collegas para falar em nome de todas as doutrinas correspondentes a ella.

O Sr. Augusto de Lima — Principalmente em nome da christã.

O Sr. Alcides Maya — Da christã, sobretudo, acima de todas. Mas, vou ler um topico do projecto em votação: (*Lê*)

«Art. 1°. O Governo Federal impedirá a entrada no territorio da Republica aos individuos de nacionalidade estrangeira, cegos, surdos-mudos, paralyticos, enfermos de molestias contagiosas e incuraveis, mutilados do braço direito, de ambos os braços e de ambas as pernas, idiotas, imbecis, alienados de qualquer especie, criminosos condemnados nos seus paizes de origem, mendigos, ciganos, mulheres sós, viuvas com filhos menores de dezeseis annos, homens maiores de sessenta annos e menores de dezeseis».

O illustre Deputado por Minas, Sr. Augusto de Lima, que hontem se occupou desse assumpto, estabeleceu a distincção que ha no projecto, entre os estrangeiros que podem ficar no Brasil submettidos ao regimen legal, e os que não devem ficar.

Lembrou muito bem S. Ex. que todos os criminosos de origem extrangeira já estão submettidos ás leis communs, preventiva e repressivamente.

discussão, na qual poderá ser amplamente estudado, ponderado e emendado?

Daqui faço um apello aos meus distinctos collegas, no sentido de votarmos o projecto em primeiro turno e deixarmos passar á segunda discussão, estabelecendo o debate, e mais tarde, um estudo mais profundo sobre a materia.

Neste interim, Sr. Presidente, neste lapso de tempo, póde ser que do desenrolar dos acontecimentos venham os factos determinar, não só a conveniencia e utilidade do projecto, mas a sua necessidade.

Assim, Sr. Presidente, faço um appello á intelligencia e illustração, á tolerancia dos meus dignos collegas, para que, pondo de parte toda e qualquer prevenção, pondo de parte principios de intransigencia scientifica, acceitem agora o projecto para estabelecer debate na segunda ou terceira discussão.

Isto está consignado até no parecer unanime da Commissão de Constituição e Justiça, parecer que é favoravel, quando diz: «reservando o direito de emendal-o opportunamente».

Ora, Sr. Presidente, fechar a porta, a que membros do Congresso Nacional, a que nossos collegas venham com o concurso das suas luzes, dos seus estudos elucidar uma questão dessa natureza, é o que não acho razoavel.

O Sr. Augusto de Lima — V. Ex. acha que o projecto seja susceptivel de emenda em 2ª discussão estudando-se então a materia?

O Sr. Frederico Borges — Penso que sim, afastando-se ahi, os inconvenientes que elle possa apresentar.

O Sr. Augusto de Lima — Então parece razoavel mesmo, que o projecto seja aprovado agora para mais amplo exame ulterior.

O Sr. Frederico Borges — V. Ex. dá mais uma prova do seu espirito liberal.

Como disse, Sr. Presidente, em obdiencia á lettra do Regimento tenho que limitar as minhas considerações.

Não posso, porém, evitar uma ponderação para maior esclarecimento da Camara.

Parece que os illustres collegas, alguns dos quaes leram o projecto *per summa capita*, não deram ao mesmo, ou aos seus termos, a devida attenção.

O projecto estabelece no artigo primeiro, o que foi lido pelo nosso collega, Deputado pelo Rio Grande do Sul, que me precedeu na tribuna; mas segue-se uma serie consideravel de excepções que é preciso ter em conta e que S. Ex. esquecera.

O Sr. Joaquim Ozorio — Excepções que o tornam mais odioso.

O Sr. Frederico Borges — Aqui não se impede de modo algum a entrada dos mutilados gloriosos da ultima guerra.

O Sr. Joaquim Ozorio — Sim, desde que tragam dinheiro...

O Sr. Frederico Borges — ... que venham ao Brasil procurar um refugio para seus ultimos dias. Nem podiamos cogitar disso, porque de certo, aquellas nações não esqueceriam os seus defensores que se oppuzeram ao poderio da Allemanha, e teriam dado os recursos necessarios a esses soldados para que tivessem seus dias garantidos.

Não é da entrada desses homens, cobertos de cicatrizes gloriosas, que cogita o projecto. O que tememos é o augmento dos mendigos, dos vagabundos, peso morto nas sociedades e contra os quaes devemos preservar e defender a nossa nacionalidade.

A minha attitude nesta tribuna não tem outro fim senão o de dirigir um appello a meus collegas, para que, seguindo o exemplo de tolerancia que acaba de dar o nobre Deputado por Minas Geraes votem em primeira discussão o projecto, de modo que, em segunda, possamos estabelecer um debate mais largo e fazer um estudo mais aprofundado sobre a materia.

Tenho dito. (*Muito bem; muito bem.*)

O Sr. Joaquim Osorio (*para encaminhar a votação*) — Sr. Presidente, o nobre Deputado pelo Ceará, que acaba de me preceder na tribuna, invocou para que este projecto passe á 2ª discussão a tolerancia da Camara.

A tolerancia tem sido grande mal e grande crime no Brasil: tolerancia para com os maiores abusos, para com os factos e iniciativas que merecem a mais severa condemnação! Tal tolerancia já não é um sentimento plausivel, é cumplicidade criminosa.

Quando hontem impugnei este projecto em nome de superiores interesses da humanidade e appellei para a Camara, afim de que o repudiasse, não tive o intuito de evitar a discussão da materia.

A 1ª discussão esteve aberta e nella é pelo Regimento que se debate a conveniencia ou a constitucionalidade de qualquer projecto. Pergunto á Camara dos Deputados: ha conveniencia na approvação do projecto, que impede a entrada dos mutilados da guerra em nossa patria?

O Sr. Frederico Borges — Parece que V.Ex. não leu o projecto.

O Sr. Joaquim Osorio — E' constitucional esse projecto que impede a entrada no territorio nacional de estrangeiros, quando pela Constituição de 24 de fevereiro de 1891, os portos estão abertos a todos os individuos, independentemente de passaporte?

O Sr. Frederico Borges — E a expulsão do estrangeiro que é pernicioso á Nação? Não existe em nossas leis?

O Sr. Joaquim Osorio — E' doutrina firmada pelo Congresso Nacional, e tambem pelo Supremo Tribunal Federal, que só podem ser expulsos os estrangeiros não residentes no territorio patrio, sendo que os residentes no Brasil são a todos os respeitos igualados aos nacionaes.

Sr. Presidente, não póde haver tolerancia que permitta a passagem de um projecto inconstitucional...

O Sr. Frederico Borges — Não apoiado. Os orgãos mais autorizados da opinião declaram que o projecto é acceitavel, não tem nada de inconstitucional. Assim o dizem *O Paiz* e o *Correio da Manhã*.

O Sr. Joaquim Osorio ...de um projecto que fere mais que a Constituição, a propria dignidade humana. Não, Sr. Presidente. Não terei tal tolerancia, não estou mais disposto a esses actos de fraqueza.

O projecto assume ainda caracter profundamente antipathico quando permite a entrada dos mutilados, desde que tragam recursos ou como si fosse possivel distinguir entre esses heroes da humanidade.

Como é odioso tudo isto!

Quanto egoismo, e isso em uma epoca em que irmanados estivemos nesta grande guerça, em nome dos interesses supremos da humanidade! O espectaculo da miseria humana já incommoda! Será possivel que o espectaculo da miseria humana já revolte a alma brasileira?

O mendigo é um criminoso!

O Sr. Raul Cardoso — O projecto não diz isso.

O Sr. Joaquim Osorio — O projecto o trata como tal. Por que então fechar-lhe as portas?

Será possivel que o egoismo humano tenha attingido ao ponto de cohibir o direito de pedir esmolas? Não. Perdoem-me os poderosos, os potentados. E' da presença desse espectaculo que ha de surgir a regeneração da especie humana, pela educação do sentimento.

O Sr. Oscar Soares — E' um bello paradoxo.

O Sr. Joaquim Osorio — Eu não tenho palavras que exprimam minha revolta a este projecto: elle fere o meu sentimento, os sentimentos da Nação brasileira, que náó póde deixar de guiar-se pelos altruisticos sentimentos da magnanimidade e fraternidade.

Sr. Presidente, tão gloriosos nesta guerra foram aquelles que tinham recursos e que o ainda os possuem, como aquelles que para lá seguiram com o bolso vasio. Uns e outros são igualmente dignos. O projecto revolta, sobretudo pelo seu caracter especulativo.

Que inconvenientes poderia haver na vinda destes gloriosos mutilados da causa da civilisação, do contacto com as creaturas humanas sacrificadas nesta catastrophe universal?

O Sr. Raul Cardoso — Não se trata de gloriosos mutilados da causa da civilisação. Onde está isto isto no projecto?

O Sr. Joaquim Osorio — Basta conhecer o historico do projecto.

O Sr. Frederico Borges — Trata-se de elementos nocivos.

O Sr. Raul Cardoso — O orador está fazendo injustiça a nações nossas alliadas, que seriam incapazes de deixar em abandono os seus martyres para que outros paizes cuidassem delles.

O Sr. Joaquim Osorio — Antes da guerra não surgiu qualquer medida neste sentido.

Somente depois que irrompeu o conflicto europeu, essa catastrophe que dilacerou a humanidade foi que surgiu este projecto, visando quem? Os mutilados.

O Sr. Evaristo do Amaral — E' verdade. O projecto foi feito para os mutilados. Ha o elemento historico: a declaração do proprio autor.

O Sr. Joaquim Osorio — Este é o facto: antes da guerra nenhum projecto houve nesse sentido, e ahi está o escandalo da medida; nenhuma injustiça faço; injustiça é feita a essas nações, aos seus filhos queridos.

O Sr. Raul Cardoso — O projecto é de 1916.

O Sr. Joaquim Osorio — A guerra começou em 1914; nunca houve uma providencia legislativa para impedir a entrada de invalidos. Foi sómente agora, Sr. Presidente, depois da guerra, que surgiu este projecto, visando, por consequencia, os mutilados della.

O Sr. Frederico Borges — V. Ex. apresente emenda excluindo do projecto os mutilados da guerra.

O Sr. Joaquim Osorio — Não; não apresento emenda. Este projecto não póde ser emendado, corrigido; não ha emenda ou correcção possivel. Offende a nossa civilisação.

O Sr. Nicanor Nascimento — O projecto é de legitima defesa nacional.

O Sr. Joaquim Osorio — Não ha, Sr. Presidente, nenhum paiz do mundo que tenha tomado, depois da guerra, semelhante medida.

O Sr. Frederico Borges — Já a tinham adoptado os Estados Unidos e a Argentina.

O Sr. Simões Lopes — Completamente differente do projecto são as leis dos Estados Unidos e Argentina.

O Sr. Joaquim Osorio — V.Ex. (*referindo-se ao Sr. Frederico Borges*) não será capaz de nos mostrar uma iniciativa de qualquer parlamento de paiz belligerante do mundo neste sentido.

Nesta hora, Sr. Presidente, em que a humanidade se congrega em um sentimento de solidariedade inconfundivel, em que todas as nações tiveram seus gloriosos mutilados, em que o Brasil não os teve devido sómente á sua situação geographica que impediu o concurso do seu Exercito, neste instante em que o sentimento de humanidade é tão fundo, a simples discussão do projecto constitue uma offensa aos sentimentos de fraternidade e hospitalidade.

O Sr. Nicanor Nascimento — Soccorrerei na minha porta o pobre que vier pedir uma esmola, mas, o syphilitico que vier pedir minha filha em casamento, eu o repellirei. Esta é a resposta que me cabe dar a V. Ex.

Nós temos de soccorrer o pobre, dar-lhe alimento, mas não devemos concorrer para o depauperamento da nossa raça.

Economicamente temos que prover a defesa do nosso territorio e de nossa raça, não consentindo tenham ingresso elementos que venham constituir a depressão das nossas forças economicas, como seja a entrada de todos os mutilados, de todos os inutilizados, de todos os pervertidos do mundo inteiro.

Ha, Sr. Presidente, no projecto, evidente exagero; por exemplo, o projecto prohibe a entrada de anarchistas, e invade a esphera do pensamento humano.

Nesta parte, eu não acompanharei o projecto, porque entendo que a liberdade de consciencia deve ser integralmente mantida e o simples facto do individuo ter certas e determinadas idéas não o póde impedir de penetrar em nosso territorio, o que seria tyrania incompativel com os progressos do occidente.

Si o projecto, porém, tem defeitos e qualidades, por que rejeital-o immediatamente, *in limine*, sem permittir que soffra sua evolução natural, de modo a delle poder sahir uma lei dentro do ideal da civilização contemporanea?

Allegou o meu illustre collega que o Presidente Wilson comparecerá á Conferencia da Paz, representando as mais elevadas aspirações humanas; mas direi que elle levará tambem o mandato imperativo da sustentação das leis de sua Patria, e entre estas leis está a dos *indesejaveis*, mais rigorosa, muito mais rigorosa que a nossa. (*Apoiados e não apoiados.*)

Em 1917, a Argentina proclamava a prohibição da entrada, em seu territorio, dos *indesejaveis*...

O Sr. Evaristo do Amaral — O orador está enganado.

O Sr. Nicanor Nascimento — Tenho a lei, para mostrar a V. Ex.

O Sr. Joaquim Osorio — Depois da guerra, nenhum paiz belligerante tomou medida nesse sentido.

O Sr. Nicanor Nascimento — Sr. Presidente, pelas succintas razões, que acabo de expender, votarei a favor do projecto, em primeira discussão, reservando-me para emendal-o em segunda, ou terceira, conforme me parecer necessario. Rejeital-o *in limine* é decretar que o Brasil renuncie ao direito de defesa do seu territorio, é assentar a doutrina de que não podemos repellir de nosso meio os elementos de deterioração da nossa raça, da nossa civilização, da nossa intelligencia, da nossa saude. E essa renuncia jamais subscreverei. (*Muito bem; muito bem*).

O Sr. Alvaro Baptista (*pela ordem*) (*)—Sr. Presidente, minha palavra, depois da palavra dos oradores que me precederam, não está bem de accôrdo com o que ambos pensam e muito menos no que diz respeito á bancada do Rio Grande do Sul:

A não ser o meu illustre amigo, Dr. Joaquim Osorio, cujo nome peço licença para declinar, supponho que todos os Deputados riograndenses não offerecem resistencia alguma á idéa de se discutir largamente este projecto. (*Muito bem.*)

O Sr. Nicanor Nascimento—E' mais liberal. Vamos discutir em segundo turno.

O Sr. Alvaro Baptista—O interesse não é de cada um de nós, mas de toda a nacionalidade, é do Brasil. (*Muito bem.*)

Devo, entretanto, Sr. Presidente, relativamente ao que disse o ultimo orador que veiu á tribuna relembrar que no projecto não se trata mesmo da defesa da sociedade. Nem sei que sociedade seja aquella a que S. Ex. se referiu, e que sociedade seja apenas constituida pela especie humana.

Outros animaes, de especies inferiores, vivem em completa sociedade, em perfeita harmonia, defendendo-se uns dos outros.

O Sr. Frederico Borges—Mas não é dessa que cogita o projecto.

O Sr. Alvaro Baptista—Estou assim fallando, porque S. Ex. deu a entender que só os homens constituem a sociedade. Estou esclarecendo a questão, mostrando-a tal qual é.

O Sr. Nicanor Nascimento—Estou com Le Dantec, mesmo os elementos physicos, teem vida, constituem sociedade tambem.

O Sr. Alvaro Baptista—Sociedades de elementos sem vida, é que eu as desconheço.

Disse que não se tratava de defesas da sociedade. De facto, este projecto não foi apresentado com semelhante fim senão em virtude da guerra européa (eu estava presente aqui, quando foi elle offerecido...

O Sr. Evaristo do Amaral—O elemento historico do projecto é precisamente este.

O Sr. Alvaro Baptista... suppondo-se ao que se affirmou que após a guerra, como o autor disse, teriamos uma corrente imigratoria de incapazes, de indesejaveis.

O Sr. Frederico Borges—O autor vae fallar, posto que não seja mais Deputado.

O Sr. Alvaro Baptista—O que estou dizendo é a verdade.

O Sr. Frederico Borges — V. Ex. não podia dizer outra cousa, senão a verdade

(*) Não foi revisto pelo orador.

O Sr. Alvaro Baptista — Portanto, o projecto não teve por fim salvaguardar ou defender a sociedade brasileira, mas sim negar hospitalidade aos infelizes que tivessem cahido no campo de batalha e não houvessem conseguido a felicidade maior de morrer, desde que se lhes nega asylo.

A Camara póde ficar certa, entretanto, de que estes indesejaveis procedentes da guerra não precisam das migalhas do Brasil; ao contrario já os temos em nosso territorio, e no Estado do Rio Grande do Sul; cito o caso de um soldado que se bateu ao lado dos inglezes, e de lá veiu, depois de receber ferimentos graves, com uma pensão do governo britannico. (*Muito bem*).

E' infundado o receio de que todos estes homens não tenham as suas pensões para viver, não empreguem a sua actividade de modo especial?

Poderá a Camara temer que esses homens venham perturbar a nossa paz, prejudicar a nossa economia?

O Sr. Rocha Miranda — Mas o projecto não lhes prohibe absolutamente a entrada.

O Sr. Alvaro Baptista — Deixo de parte a analyse da questão sob o ponto de vista economico, porque todos esses homens poderiam ser economicamente aproveitados.

Encaro apenas o caso em que elles fossem inaproveitaveis. Não se trata ainda de defesa da raça brasileira.

Desconheço a raça brasileira; para mim não ha raça brasileira, não conheço raças humanas; só conheço a especie humana, unica no planeta, como o planeta é o *habitat* commum a todos os homens.

O Sr. Evaristo do Amaral — A Terra é de todos os homens.

O Sr. Alvaro Baptista — Como não admittir que aporte ás nossas plagas um homem de qualquer nacionalidade, excepto um criminoso evadido de alguma prisão, para a qual, em bem da sociedade, deva voltar?

A um individuo de qualquer nacionalidade que nos pedisse hospitalidade, sobre qualquer dos pretextos indicados na lei, nós o correriamos daqui.

Iria para a Argentina e da lá tambem a sociedade o repellaria; iria para os Estados Unidos, e alli uma lei semelhante impediria a sua entrada, fazendo com que o expulsassem. De lá iria para a China, Japão, percorreria nação por nação, qual novo Ashaverus, e não acharia na terra um logar para permanecer esse individuo que, como nós, pertence á mesma especie! (*Apoiado.*)

Não quero, Sr. Presidente, estudar a questão ainda sobre o ponto de vista moral, ou religioso; não quero regressar ao passado de milhares de annos para dizer á Camara que aquillo que hoje se pretende negar aos nossos irmãos, as religiões concediam aos cães e a outros animaes. (*Muito bem.*)

O Sr. Joaquim Osorio — O nobre Deputado está precisando bem a questão.

O Sr. Alvaro Baptista — Agora mesmo, nesta Capital, temos a assistencia a caninos, temos a sociedade da protecção aos animaes. Pois bem, quando bate á nossa porta um infeliz, um epileptico, um surdo mudo, nós o tocaremos daqui para fóra, como peior que os cães ou animaes de qualquer outra especie!

O Sr. Joaquim Osorio — Si tiver dinheiro entra. Dahi a minha intranxigencia. Isto revolta a consciencia humana.

O Sr. Alvaro Baptista — Si ha paiz que mais, que qualquer outro, tenha responsabilidade, sob este ponto de vista, é o Brasil. Elle está de posse, de modo injusto, de uma superficie territorial tão grande que póde alimentar mais de duzentos milhões de habitantes.

O Sr. Frederico Borges — De modo injusto por que?

O Sr. Alvaro Baptista — Eu explicarei. Pelo aspecto moral e social é que digo — de modo injusto, porque não reconheço a propriedade baseada no *uti possidetis*.

O Sr. Nicanor Nascimento — Ahi não é propriedade: é dominio imminente apenas.

O Sr. Alvaro Baptista — Pois é esse dominio.

O Sr. Carlos Penafiel — Esta Camara que ainda hontem fazia praça do seu deismo, agora está esposando a doutrina mais anti-christã que ha no mundo.

O Sr. Alcides Maya — Doutrina materialista por excellencia.

O Sr. Alvaro Baptista — Dizia eu: com esta extensão territorial, immensa, a mais bella e a mais rica da terra, não temos desculpa alguma. Nós devemos nos penitenciar da culpa de não acceitarmos todos os semelhantes que para cá venham collaborar comnosco, ou pedir o nosso auxilio. Poderia sob um ponto de vista pelo qual nenhum dos oradores encarou a questão, poderia sob o ponto de vista eugenico cuidar do assumpto. Esse, porém, é um caso tão extraordinario que não póde ser tratado senão entre muitas nações. Nós devemos começar por praticar o eugenismo em nossa propria terra, o que não temos feito. Si, temos uma sociedade dessa natureza em S. Paulo, a maior parte dos brasileiros desconhece até o termo.

O Sr. Frederico Borges — Cada nação que fique com os seus indesejaveis.

O Sr. Alvaro Baptista — Si quizessemos fazer a defesa da sociedade brasileira que não é senão uma parte da sociedade humana, e, parte insignificante, teriamos instituições contra o alcoolismo, contra a syphilis, contra o fumo, contra a ankilostomiase e outras endemias

a elles apropriada, e colhendo, talvez, dahi, todas as vantagens, a America do Norte, depois de conquistar a vasta colocessarios á perfeição das suas acquisições no dominio material, começou a cercear direitos, a crear embaraços e difficuldades á penetração no seu territorio desses mesmos elementos que tanto contribuiram para a sua grandeza.

A situação, pois, não é identica á nossa. Em contraste, aliás, com esse procedimento, a patria de Washington, animada pelo espirito de notaveis estadistas, procurara corrigir talvez essas interpretações pouco airosas aos seus sentimentos humanitarios com a sua acção de beneficios espalhados pelo mundo, de que um dos symbolos bem expressos é a missão Rockfeller entre nós e em outros paizes.

Assim, pois, ainda que a Norte America tenha leis calcadas nos principios defendidos por esse projecto, ainda que alguma outra nacionalidade tambem os tenha esposado, que não a Argentina, como alguem disse em aparte, porque ainda não os praticou, porque apenas promulgou leis de policia e leis muito convenientes ao paiz, no ponto de vista economico-social, ainda que outros paizes, como eu dizia, tenham porventura feito leis nessas condições, o Brasil não os deve imitar.

A nossa Constituição é clara, o seu espirito é proclamado em todo o mundo como o mais inspirado, o mais livre, o mais elevado, comprehendendo todos os postulados nobres, capazes de conduzir a Humanidade aos seus maiores destinos. A nossa Constituição não permitte essas excepções odiosas, essas restricções que ferem substancialmente o seu espirito.

As nossas conveniencias materiaes não são de molde tambem a exigir, no momento, uma lei como esta.

Temos dentro do nosso paiz a miseria, a doença largamente espalhada nas zonas ruraes. Urge cuidar da nossa prophylaxia, não só nas cidades como nas zonas ruraes, para amparar, para melhorar as energias da nossa raça, para a propria obtenção da efficiencia do trabalho, que, sem a saude do homem, sem a vida sã das collectividades, é uma utopia.

Que carga, porventura, insupportavel seria esta addição de mais alguns valetudinarios, de mais alguns infelizes mutilados, trazendo nessas feridas ou nessses estigmas os melhores brazões de seu valor moral, de suas condições de espirito, da sua capacidade profundamente util no seio da sociedade? (*Apoiados.*)

Seria, Sr. Presidente, um pequeno accrescimo a sommar-se aos nossos infelizes compatricios, isolados em arrabaldes de algumas das villas e cidades do interior, sem assistencia necessaria, segregados da vida urbana por um cordão sanitario, sinão por força de leis, em virtude de praxes impiedosas, sem poderem estender a propria mão na profissão da mendicidade, mas essa mão forrada por uma caneca ou qualquer material que a illusão policial imagina que possa servir de prophylaxia entre a sociedade sã e o morphetico.

Fallo como quem assistiu, como quem viveu no meio dessa sociedade do interior, como quem transitava diariamente no seu animal pela porta desses infelizes, que constituem, á distancia da cidade ou villa uma outra cidade, ou villa, de choças miseraveis, onde não ha comida, nem remedio, nem medico, atirados estes seres, como cães leprosos ás contingencias da sorte ou a esmolas esporadicas de um viandante.

UM SR. DEPUTADO — Si não temos recursos para attender a essa miseria, como vamos arregimental-a?

O SR. SIMÕES LOPES — Si não temos os recursos necessarios para sanar por completo as miserias e os males da nossa vida rural, nós os possuimos para iniciar a organização de um serviço systematico de amparo e de assistencia aos necessitados das diversas classes, como um problema de solução necessaria e indispensavel...

O SR. SALLES JUNIOR — Indispensavel.

O SR. SIMÕES LOPES — ... não só ao progresso, vagamente fallando, como ao fortalecimento da raça, da especie, que é tudo.

O SR. SALLES JUNIOR — Mas, emquanto não se póde remediar o mal, convém não o aggravar. (*Ha outros apartes.*)

O SR. SIMÕES LOPES — Senhores, relembrando esses factos, procuro mostrar que, ante essa onda de doentes, os quaes, si não veem bater ás nossas portas, como elemento util e capaz de trabalho, veem como servidores da grande causa, exhaustos nas suas forças, combalidos no physico, feridos e desanimados, desalentados, não importa por que factor moral, e que resolveram deixar a ligação intima a mais sagrada, a mais cara ao coração de homem, pelo afastamento da mãe-patria.

O SR. RAUL CARDOSO — Então, V. Ex. reconhece a Patria, já não é a Humanidade?

O SR. JOAQUIM OSORIO — Subordinada á idéa da Humanidade. Familia, subordinada á Patria e esta á Humanidade.

O SR. RIBEIRO JUNQUEIRA — Muitas vezes saem da patria obrigados por ella propria.

O SR. SIMÕES LOPES — ...batidos pelos revezes da sorte, ou pela deficiencia de recursos proprios ou escassez das pensões subsidiarias com que os governos da Entente decidam amparar os seus soldados de primeira linha...

O SR. RAUL CARDOSO — Para isso estamos contribuindo em subscripção mundial.

O SR. SIMÕES LOPES — ...procuro mostrar, repito, que ante esses sentimentos intimos e insondaveis, somos, por um dever de humanidade social, forçados tambem a guardar a maior reserva, a maior discreção, o maior respeito, e não podemos penetrar nesse intimo, nem no amago desses mysteriosos movimentos, que levam o homem a um dos maiores sacrificios que póde haver — o do expatriamento.

O SR. ALCIDES MAYA — Muitas vezes serão elementos aproveitaveis. Muitos desses mutilados poderão ser centros, factores de actividades e iniciativas.

O SR. SIMÕES LOPES — Mas, admittamos que o não sejam. Ha diversas ordens de individuos; entre ellas, virá a onda normal de immigração commum e natural, que annualmente se faz, de homens de todas as categorias para dentro do nosso paiz. Virão os mutilados da guerra, esses especialmente aos quaes nos referimos. Virão individuos em todas as circumstancias materiaes e de espirito. Não adianta fazer-lhes a differenciação. O que adianta, sim, é assignalar o ponto de vista da bancada do Rio Grande do Sul ou desses oradores que acabaram de fallar, de que tal projecto, que excepcionalmente póde estar convertido em lei em um ou outro paiz do mundo, não se enquadra, dentro do pensamento superior da nossa Constituição e dentro dos principios humanitarios que se aninham no coração do povo brasileiro, hospitaleiro por sua natureza, abundante em territorio, a gozar das vantagens do regimen federativo, da mais ampla aspiração republicana, encontrando em cada recanto deste vasto paiz o agasalho das leis e dos homens. E' de desejar que o nosso paiz represente, ainda neste momento, no desfecho da grande calamidade, e sob um aspecto novo, o mesmo papel que tem representado em occasiões de choques de outra ordem, religiosa ou politica, que teem feito, que teem produzido o exodo de não pequena parte de membros de outras nacionalidades, todos elles recebidos entre nós, nos diversos Estados da Republica, do norte ao sul, como especialmente, fez o Rio Grande do Sul não ha muito, abrindo seus braços aos religiosos que eram escurraçados do Velho Mundo e que, aqui, entre nós, dentro do Brasil livre, dentro do Rio Grande livre, encontraram um ninho de paz, de conforto e tranquillidade.

O SR. ALCIDES MAYA — Apoiado. Acolhemos os padres fugidos das perseguições em Portugal e outras nações.

O SR. SIMÕES LOPES — E' como em aparte acaba de declarar o nobre Deputado. Alli fazemos qúestão de manter intacta a liberdade de pensamento, em todas as suas manifestações. E' simplesmente debaixo desse criterio largo, amplo, estrictamente legal, em obediencia á interpretação mais conveniente e solida do nosso codigo fundamental, que, nesta hora, a Camara dos Deputados encontra a nossa humilde, mas convencida palavra, a profligar ou antes a hostilizar o projecto que ora é apresentado á nossa consideração.

Sem entrar, Sr. Presidente, nas desvantagens possiveis, talvez, sob o ponto de vista physiologico ou biologico e mesmo nas conveniencias sociaes da ingreção subita de massas pouco homogeneas, pouco preparadas para a obra do trabalho util e efficiente, quero admittir, que o presente projecto, soffrendo as alterações necessarias pela eliminação de certos artigos e pela introducção, quiçá talvez, de outros perfeitamente acceitaveis, sob o ponto de vista moral e constitucional, e não menos vantajosos debaixo do ponto de vista dos nossos interesses economicos e sociaes, quero admittir, repito, que esse projecto possa, soffrendo as modificações a que alludi, ficar na altura de merecer o apoio da Camara e, quem sabe si o voto do humilde orador.

Não devemos fazer injustiça ao espirito da digna Commissão que formulou semelhante projecto; não acredito que sentimentos subalternos se pudessem ter apoderado da alma crystallina e do espirito equilibrado desses nossos illustres collegas para vasar o projecto em questão nos moldes acanhados e uma obra pequena intencionalmente má, e capaz de susceptibilizar os sentimentos dedicados do paiz.

São pontos de vista Sr. Presidente.

Não podemos irrogar injuria ao espirito elevadissimo dos estadistas norte-americanos, por exemplo, quando nas suas multiplas leis restrictivas, em relação á acquisição de obreiros para sua interminavel obra de progresso e de civilização, attenderam ao appello das proprias classes operarias, que, para se defenderem da capacidade de trabalho dos japonezes, foram bater ás portas do Congresso exigindo as leis restri-

mais apurado, de mais sentimental, de mais elevado, como expressão suprema do direito universal.

Sou forçado a dizer á Camara que os Estados Unidos tinham lei rigorosissima, de 22 de novembro de 1907, a qual mantinha o direito de não admissão de estrangeiros, nas condições enumeradas.

Pois bem, em 17 de abril de 1917, o Congresso Americano, em plena guerra, votou a reforma daquella lei de 1907, aggravando as difficuldades para entrada dos estrangeiros no territorio da Norte America.

O Sr. Evaristo Amaral—Lei de guerra.

O Sr. Nicanor Nascimento—Perdõe-me o illustre collega, não foi lei de guerra.

Hontem, o nobre collega declarou aqui que a Republica Agentina não tinha lei...

O Sr. Evaristo Amaral—Como a nossa.

O Sr. Nicanor Nascimento—...e eu affirmo e o nobre collega nega que os Estados Unidos tenham feito uma lei ordinaria, em 17 de abril de 1917, aggravando as condições de receptividade dos estrangeiros?

O Sr. Evaristo Amaral—Foi uma lei de occasião, lei de guerra.

O Sr. Nicanor Nascimento—Ver-me-hei de novo obrigado a tecer.

Esse direito accentuou-se sempre, em toda a Europa, em toda a Asia, em toda a America e até mesmo na Australia.

Tomarei a liberdade de ennumerar, seguidamente, todas as leis relativas a esse caso. Remontando a uma época do meio seculo, nós encontramos a loi, que nos Estados Unidos prohibiu a entrada dos chinezes. E' o celebre caso dos «cheap John».

Foi declarado peremptoriamente prohibido, por motivos economicos, que entrasse no territorio nacional qualquer filho do Celeste Imperio.

Succederam-se tratados e leis, e, em 1880, foi de novo restringida a immigração chineza; em 1 de outubro de 1888, nova lei supprimiu a immigração; em 1892 foi publicada a chamada lei Geary; em 1907, finalmente, aos 20 de fevereiro, veiu a lei geral dos *indesirables* alcançando a todos os occidentaes.

O Sr. Evaristo Amaral—Tratava-se de immigração contractada, levas e levas, passageiros isolados.

O Sr. Nicanor Nascimento—E' um engano de V. Ex.; V. Ex. vae me forçar a discutir o caso a fundo.

Os Estados Unidos não contractaram immigração chineza; esta se fez a despeito da vontade dos Estados e contra os interesses e desejos dos operarios americanos. O transbordamento dos chinezes em todo o Pacifico determinou leis contrarias a essa expansão, não só nos Estados Unidos, como no Perú, no Chile, no Equador, na Australia. Vou citar duas dessas leis, para que V. Ex. as veja: o Equador em 14 de setembro de 1889; Perú, em maio de 1909.

Nio ha a distincção que o nobre collega está vendo. Não são leis de immigração, mas de prohibição de entrada de viajantes espontaneos, que vinham á America do Norte e á costa do Pacifico. Tanto assim é que, Sr. Presidente, a Australia nunca contractou immigração de parte alguma; entretanto, reuniu-se o concelho de diversas provincias australianas que foram Nova Galles, Victoria, Australia do Sul, Chueendard, Australia Occidental e Tasmaria, o qual em 1918 organizou a lei que restringia não só a immigração dos chinezes como tambem de muitas outras raças de entrada prejudicial.

E', portanto, a consciencia occidental que se manifesta pela expressão dos seus legisladores accentuando em dous pontos: 1º, a regra geral de que a soberania mantem o direito de expulsão e o de não admissão; 2º, a que póde escolher até em raças, acceitando umas que são uteis ao meio social, e rejeitando outras que possam trazer prejuizos ethnologicos e economicos.

Particularmente, disse-se aqui que a Inglaterra liberal não tinha lei impedindo a entrada de estrangeiros no seu territorio. Peço licença á Camara para ponderar que essa affirmação não é verdadeira.

A Inglaterra tem o que se chama alliens act, de 1905, excluindo, sem distincção de raça os indesejaveis que enumera, entre os quaes ha uma grande parte incluida no projecto actual.

Não digo que se não faça distincção para estudo, esmiuçando a questão até de modo que sejam admittidos no territorio aquelles individuos que não tragam elementos morbigenicos, perigosos ao desenvolvimento da raça, da economia e da intelligencia.

E' preciso, porém, pormenorisar; ha casos em que esse direito é absoluto; eu o reconheço, são aquelles em que o proprio Augusto Comte declara que o individuo tem de ser eliminado pela sua situação congenitamente anti-social: é o caso do criminoso nato de Lombroso, o do homem tigrino, caracterisado pela philosophia positiva como tendo os orgãos affectivos atrophiados ou com ablação quasi completa, individuos que são elementos absolutamente inacceitaveis na sociedade contemporanea.

Para isso encontrei na Constituinte ainda o egregio Julio de Castilhos sustentando a pena da morte a esses individuos, por definitivamente ser inadaptaveis á sociedade moderna.

O Sr. Joaquim Osorio — Não apoiado; só para os criminosos, talvez.

O Sr. Nicanor Nascimento — Sr. Presidente, si admittimos que ha typos humanos que pela sua deficiencia organica, pelos seus defeitos irreparaveis e incuraveis podem ser passiveis de pena de morte e damos á sociedade o direito de eliminal-os com toda essa impiedade suprema, como havemos de querer restringir esse direito quanto a estrangeiros, impedindo a sua entrada?

O Sr. Domingos Mascarenhas — A Constituinte não acceitou a pena de morte.

O Sr. Nicanor Nascimento — Estou dizendo que a consciencia occidental mesmo naquillo em que ella está de accôrdo com as idéas positivistas novas, que tanto respeito, admitte que em plena defesa do organismo se possa exigir até a eliminação por morte daquelles elementos que sejam, acaso, prejudiciaes ao desenvolvimento organico do meio.

O Sr. Joaquim Osorio — Quanto a elementos criminosos, não quanto a doentes, que precisam de assistencia e não de pena.

O Sr. Simões Lopes — O orador precisa demonstrar que as constituições desses outros paizes são identicas á nossa.

O Sr. Nicanor Nascimento — Não quero entrar nesse terreno a que V. Ex. se refere sem primeiro prestar homenagem a meus collegas, o Sr. Deputado Evaristo do Amaral e Deputado Osorio. Hontem sustentavam aqui os dous illustres juristas que a legislação argentina não inclue o direito de impedir a entrada de estrangeiros no seu territorio.

O Sr. Joaquim Osorio — Disse que não conhecia nenhuma lei posterior á guerra.

O Sr. Nicanor Nascimento — A informação que foi prestada a S. Ex. é infelizmente errada. Tenho aqui a collecção de leis argentinas que passo a ler. Depois se for preciso, farei a distincção entre as leis que se referem ao direito internacional publico e aquella lei de immigração a que alludiu o nobre collega. Tenho a lei de immigração argentina. Ella põe limitação á entrada daquelle que é immigrante e aquelle que não o é. Mas não é esta lei a que me refiro. Eu me refiri precisamente a lei semelhante á nossa.

O Sr. Evaristo do Amaral—V. Ex. referiu-se aos mutillados da guerra.

O Sr. Nicanor Nascimento — Sr. presidente, não me refiro uma só vez aos mutilados da guerra, nem o podia fazer porque tenho toda a legislação européa relativa á guerra. Tenho os nove volumes da legislação franceza, os seis da ingleza, os cinco da americana e toda a collectanea da legislação italiana e posso affirmar que os mutilados estão resguardados com as maximas garantias nas alludidas leis franceza, italiana americana e ingleza.

O Sr. Evaristo do Amaral — Não estão impedidos, por essas leis, de sahir de seu paiz, e vir para cá.

O Sr. Nicanor Nascimento — Si porventura sahem não virão nas condições de miserabilidade a que allude o projecto. Elles todos terão pensão, territorio, e occupação conforme a lei respectiva. Ainda agora o presidente Wilson recommeddava em sua mensagem ao Congresso a dilatação dessas vantagens, de modo que nenhum americano, prejudicado pela guerra, pudesse ficar em estado de miseria. Mas é preciso concretizar: não se trata de lei de immigração e neste ponto o meu collega está illudido.

O Sr. Evaristo Amaral — Foi a conclusão que tirei do discurso do nobre Deputado.

O Sr. Nicanor Nascimento — A lei de immigração, eu a tenho aqui.

O Sr. Joaquim Osorio — V. Ex. está argumentando com as leis de nações cujas constituições são differentes da nossa.

O Sr. Nicanor Nascimento — Vou apreciar já essa questão.

A lei, Sr. Presidente, a que me refiro, não é a lei de immigração: é a *ley de expulsion de extranjeros*, a lei n. 4.144, de 23 de novembro de 1902. Esta lei declara:

«Podrá el poder ejecutivo impedir la entrada enel territorio de la Republica de todo extranjero cujos antecedentes autorisem a incluirlo entre aqueles a que se refiren los dos articulos anteriores.»

Esta é a lei de *expulsion*.

O Sr. Evaristo Amaral—No la entrada; la salida.

O Sr. Nicanor Nascimento — Pode impedir *la entrada* dos que estão nas mesmas condições. Consta da propria lei.

O Sr. Evaristo Amaral—V. Ex. verifica...

O Sr. Nicanor Nascimento — Assim, não é possivel discutir: V. Ex. negou que houvesse lei, eu venho provar que ha lei.

O Evaristo Amaral — Nego que seja parecida com esta que se pretende votar, e nego mesmo o principio da expulsão conforme a nossa Constituição.

O Sr. Nicanor Nascimento — Ninguem disse que nós queremos lei actual tal qual está no projecto. Sustentamos e eu estou sustentando neste termo da discussão apenas o direito que teem as nações de impedir a entrada, no seu territorio, de estrangeiros que não satisfaçam determinados requisitos.

Este é o principio. A soberania dá esse direito e é por emquanto o que se discute.

Agora, si o projecto tem medidas exorbitantes, vamos examinal-as e em segunda discussão, as eliminaremos. E, estou certo que, de facto tem medidas exorbitantes; o que eu quero, porém, resalvar na primeira discussão, é o principio e o que estou demonstrando é que o principio é acceito por todas as nacionalidades.

mento em que os mutilados da guerra poderão procurar a America.

Não colho o argumento, já o disse. Inglaterra, como França, como Estados Unidos cuidam affectuosamente dos seus grandes mutilados. Terras, pensões, reeducação dos mutilados, garantias de toda a ordem estão sendo apparelhadas pelos vencedores afim de assegurarem estabilidade e dignidade a estes exemplares typos da grandeza humana, de modo que evidentemente a lei projectada não os alcançaria.

Nimbados de gloria refulgente, elles ficarão cercados do respeito e das seguranças materiaes pelas suas nações e pela humanidade, immunes de toda a miseria como o exemplario em que o homem contemporaneo irá aprender os episodios maiores da vida da especie.

Estão e ficarão acima da lei projectada para casos vulgares das trocas internacionaes.

Nada resta, pois, na generalidade deste direito de exclusão a documentar. Convém agora estudar cada caso em separado para ver cuidadosamente quaes devemos excluir e que motivos documentam a exclusão, de modo que a lei não abra brechas perigosas á tyrania sempre irrompente no policialismo e na intolerancia dos interesses e da politica.

Isto devemos fazer nas discussões posteriores para que a lei seja util e prudente. (*Muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado.*)

O Sr. Presidente — Vou submetter a votos o projecto n. 351, de 1917.

Approvado em 1ª discussão o seguinte

O Sr. Joaquim Osorio *(pela ordem)* — Sr. Presidente, o projecto foi rejeitado, não vi ninguem de pé. Em todo o caso, peço verificação da votação.

Procedendo-se á verificação de votação, reconhece-se terem votado a favor 31 Srs. Deputados e contra sete, total 38.

O Sr. Presidente — Não ha numero. Vae se proceder á chamada.

"Malho" 15-dezembro-1918

Sobre os "CONTOS CYCLICOS", de Gustavo Barroso.

Meu caro Gustavo Barroso

Devolvo-te os originaes dos "Contos Cyclicos", esse espiendido volume que ainda hei de ter ao lado dos meus livros amaveis, n'um custoso typo "doré sur trauche".

Mil gracias.

São paginas finas e sumptuosas que bem denunciam a aristocracia de tua sensibilidade, paradoxalmente, grega e ottomana.

Ha n'ellas, com effeito, uma pompa decorativa, uma sensualidade ornamental, um balanço sonóro, pujante e voluptuoso, uma elegancia maleavel de expresssão, um sentimento de harmonia, uma transparencia de conceitos, qualquer cousa, emfim, que faz pensar, ao mesmo tempo, nas manhãs do Bósphoro e nas tardes do Mar Jonio.

Que restauração brilhante e viva da alma intima de cada época, que é sempre tão nitidamente evocada no quadro particular de sua psychologia, dentro do seu "decór", nos limites de sua verdade historica!

Tal é a facilidade e é tanto a segurança com que te conduzes reconstituindo o espirito e a fórma variaveis das civilisações e das edades que, servindo-me do teu livro, como de um passaporte real para a Historia, fiz uma longa viagem de sensação pelos seus dominios.

Visitei o Hindostão védico: fui a Assyria e ao Egypto no apogeu do seu destino historico; assisti o espectaculo magnifico da Roma imperial; via a Hellada em plena decadencia; estive na Bysancio dos Paleólogos e na Iberia wisigothica; surprehendi a Germania na hora feudal do christianismo cavalheresco; atravessei a meia-edade franceza e a Italia do Renascimento; e por ultimo, acompanhei Luiz XIV ás Flandres, estando depois em Paris durante o Terror.

O que pasma devéras é ver-se como conseguiste, com o só subsidio dos livros, num paiz sem pinacothecas, sem archivos, sem museus, sem centros universitarios, sem cursos de especialização, sem estimulo official, sem nada, formar um tão opulento patrimonio de cultura archeologica.

Por outro lado, soubeste realizar uma obra rara, onde a erudicção, que em outras mãos fôra pezada e morta, está admiravelmente diluida no sentimento historico, alcançando, por isso, effeitos de força, graça e movimento, formando o ambiente animado dos seculos.

Geralmente, toda litteratura historica obedece ao infeliz criterio da impessonalidade, que a faz impassivel e monotona.

O prestigio novo do teu livro, está, justamente, em que baseado nos dados irreductiveis da Chronica, foi escripto com paixão pessoal, sentindo-se que tu proprio vives em cada um dos teus contos, communicando-lhe o interesse do teu temperamento.

Lembro-me de um dia de adolescencia ardente em que, percorrendo as galerias hieraticas do "Louvre", entre a magestade morta do Passado, imaginei uma vida dos museus e fiquei triste por não poder vel-a.

Teu livro é essa vida dos museus.

—

Em "Contos Cyclicos", o poeta, o artista-plastico, o symphonista, o critico e o historiographo ajustam-se em perfeita unidade organica, evoluindo em conjunto com notavel harmonia de funcção, já não alludindo ao "conteur" em si, que possue o "animus narrandi" sereno e facil dos grandes mestres.

Si esse humanista elegante, illuminista e medalhador da Historia, que é Emille Gebhardt, tivesse a exactidão torturada e apparatosa de Flaubert, a nota aguda e caprichosa de Merimée, o colorido do russo Merejkowsky e a vida exaltada de Saint-Victor, teria escripto os "Contos Cyclicos".

Penso, assim, ter encontrado, em suggestões geraes, a genealogia da tua nova obra, senão a combinação imprevista da tua maneira litteraria.

Talvez um pouco arrogante na sua magnificencia, o teu livro é um grito elevado de selecção cultural.

Com elle, inicias um programma de intelligencia pela intelligencia, uma éra de vida desinteressada de espirito, de arte por amor e por prazer, que te vão levar ao exilio magnifico e triste das elites, fazendo-te esquecido ou ignorado do grande publico, a despeito de seres o mesmo que escreveu, em "Terra de Sól" e "Heróes e Bandidos", os poemas bárbaros da nossa nacionalidade hesitante, surprehendo-a nos melhores scenarios da sua convulsão.

Começas a crear, no sentido mais humano e mais universal, fóra do Espaço e do Tempo, sem a intenção do successo immediato — e sem a contingencia ambiente.

Fazes bem e fazes mal.

Bem, porque cumpres o teu destino ascendente de artista, modelando uma arte eterna, mal, porque todos nós desejamos e precisamos projectar-nos sobre o meio em que vivemos, sobre a hora que passa com o prestigio da Intelligencia, vivendo da sua victoria e o nosso Brasil, lamentavelmente, ainda não comprehende uma vida intellectual desinteressada, que tenha em si mesma a sua razão de ser, o seu motivo e a sua finalidade.

Aqui, o Pensamento é forçado a descer da sua Acropole para colher no campo raso e, ás vezes, até remexer o lixo dos caminhos, porque ninguem vae em peregrinação á collina sagrada.

Anda cá: porque não escreves, agora, um volume sobre um estadista da Republica... um tratado de Pecuaria... ou outra qualquer cousa nesse sentido?

Seria bem ido.

Do teu Raul d'Leoni

"Fon-Fon" 15 Maio 1915

MARINHAS

Céo e mar eram côr de ardosia, um tão tranquillo quanto o outro. Atravessava o *Curvello* a região equatorial das calmarias, de onde — dizem — Pedro Alvares Cabral fugio um dia tanto para oeste que foi descobrir o Brasil. Sentados á mesa do almoço, olhando pelas janellas pequenas a triste paysagem marinha, conversavam dois illustres membros da Embaixada Brasileira.

Um fallava do *menu* de bordo, commentando-o favoravelmente, achando até que era muito variado e muito longo. O outro sorria. Depois, lentamente disse:

— A proposito de *menus* ha uma muito bôa. Passou-se em Haya, ao tempo da conferencia da Paz. Houve um banquete official numa sexta-feira. A delegação brasileira compareceu. Quando sahimos, diz-me um dos secretarios:

« — Dr. Fulano, que *menu* enorme! Quasi não o pude acabar. Duas sopas, duas entradas de cada especie, dois assados, todos os pratos principaes de dois em dois, Que horror! »

« Não me pude conter. Cahi na gargalhada O *menu* era duplo. Havia um *maigre* e um *gras*. Como era dia de preceito, facultava-se a escolha dos *menus* aos convidados que desejassem guardar a sexta-feira. O nosso secretario tinha comido os dois... »

102

"Fon-Fon" - "Selecta" - Natal - 21 - dezembro - 1918

A ALMA DE KRALIENITCH

Eu fui do regimento de Prilep na offensiva de Semlim e vi de perto o voivode Putnik nas revistas e nos combates. Ouvi-o lêr a famosa ordem do dia do Danubio, em clara manhã, quando a nossa infantaria pisou em territorio austriaco ou melhor nosso—porque o paiz dos slovenos é um pedaço do coração da Servia.

Vi o velho voivode, duro e altivo sobre seu cavallo preto, passar diante das tropas e lembrei-me de sua firmeza patriotica na jornada de Bregalnitza, quando os bulgaros trahiram a alliança balkanica. Era eu, então, simples tenente. Pois ouvi-o lêr a ordem celebre e ficou-me de memoria o modo como a terminava:

« Soldados servios, lembrai vos que sempre vos acompanhará de olhos assombrados por vossa bravura a alma de Marko Kralienitch, o heróe da batalha de Kossovo, quando a Grande Servia medieval resistia ainda aos turcos. »

Todo o exercito sentio penetrar-lhe até ao fundo da alma o poder dessa evocação guerreira. Aos nossos olhos renasceu a batalha da Kossovo, com seus heiduques, seus pandours, seus palikaros e seus janizaros, tão bem descripta nos versos das plesmas populares, a immensa pugna travada no Campo dos Merlos, entre o pico de Karadegh e o cume de Sukhaplamina, quando o grande heróe nacional atirava o cavallo bardado de aço sobre as linhas ottomanas, quando sua enorme espada relampeava no ar, assombrando Amurat e os turcos, João Humjade e os hungaros. E nós invadimos delirantemente a Austria...

Mas os allemães soccorreram os austriacos, entrando na minha patria infeliz por Semendria e por Belgrado; depois, os bulgaros tambem vieram contra nós por Nisch e Kniajewatz. Impossivel resistir! Os alliados não tinham tempo de nos soccorrer. O voivode Putnik rangeu os dentes, mas teve de retirar.

O' como descrever essa retirada! Nada ha na historia mais heroico, mais sublime. A peste devastava as populações e o exercito. Diante do inimigo galopavam o saque, a violencia, a violação, o incendio, a chacina. Faltava-nos tudo: remedios, medicos, roupas, viveres, munições. Os allemães cobria nos dia e noite de metralha. A cavallaria bulgara não nos dava um momento de repouso.

Horrivel a retirada! A' nossa frente, levas de camponezes, abandonando campo e choupana, buscavam o abrigo das montanhas albanezas. Sobre um carro de bois, solavancando pelas arrieiras dos caminhos, o velho rei Pedro gemia doente e desesperançado. Mas todos nós o achavamos maior na derrota e na desgraça do que o proprio Czernigeorges ou Karageorges, seu ascendente, na victoria e no esplendor. O voivode, montando o seu cavallo negro, percorria as longas filas de soldados estropiados, ardendo em febre, famintos, repartindo com elles a sua parca ração de comida e de vinho. Muitas mãos eu vi abençoarem de longe os seus cabellos brancos.

Emfim, chegamos ás proximidades das antigas fronteiras do sul, a Prilep, em cujo cemiterio fôra sepultado no seculo XV o heróe ardente de Kossovo, que a lenda diz resuscitará um dia para mostrar á Servia a libertação, o triumpho e a gloria. O exercito devia retirar-se em columnas pelas estradas da Bitolia, comtanto que uma forte, decidida rectaguarda detivesse a perseguição dos bulgaros victo-

riosos e ferozes. Essa força foi composta pelo meu regimento e pelo de Lebám. Quando ambos tomaram posição no cemiterio da cidade, que domina o caminho, o voivode Putnik passou o commando das tropas em retirada ao principe Alexandre e declarou que commandaria a brigada da rectaguarda, cujo sacrificio devia salvar todo o exercito.

E ficou.

Detivemos, bem entrincheirados, todos os attaques incessantes dos mongóes, dos bulgaros. Batemo-nos de meio dia até meia noite. Sómente ás duas da madrugada um correio do estado-maior veio dizer-nos que o exercito alcançára Monastir. Então, evacuámos Prilep, reduzidos de mais de dois terços.

Antes de meia noite, defendendo uma brecha do muro, senti penetrar-me no ventre a bayoneta dum bulgaro. Cahi sem sentidos, banhado em sangue, sobre a lage fria duma sepultura. Fez me voltar a mim uma voz cavernosa, que sahia debaixo da terra e me chamava pelo meu proprio nome:

— Vuk Petrowitch!

Olhei em torno. Fazia um dôce, esverdinhado luar. Atraz dos sepulcros, feridos estertoravam em abandono. Junto ás muralhas mal se distinguiam os mortos, acocorados ou deitados, dos atiradores vivos, apontando as armas em identicas posições. Uma grande dôr varava-me o corpo de lado a lado. O ultimo attaque inimigo quebrava se na resistencia desesperada dos do cemiterio. Bayonetas luziam no ar. Ecoavam detonações, gritos, insultos. De quando em quando se ouvia o velho general bradando ordens. O canhão rugia. Metralhadoras crepitavam sinistramente. De novo a voz de sob a terra me chamou pelo meu nome:

— Vuk Petrowitch!

Respondi espantado:

— Que é?

De repente, nos raios do luar, á minha frente, sahindo da propria lage sobre que eu cahira, vejo a alma de Marko Kralienitch! Porque era elle coberto de malhas de aço, viseira erguida, mãos cruzadas no punho alto da espada, daquella espada cujo brilho aterrorisára em Kossovo os turcos do sultão e fizera pasmar os alliados hungaros de João Humyade. Um suor frio untou me o corpo todo. Meus cabellos arripiaram-se, Quasi desmaiei. Porém o heróe falou:

— Os soldados da patria retiram diante do inimigo e agora se batem um contra mil. Vim commandal-os para salval os. Vuk Petrowitch, chama o commandante servio á minha presença!

E eu gritei na noite enluarada e toda cheia dos vastos rumores da luta;

— Voivode Putnik!

A este nome a apparição toda estremeceu e empallideceu toda ao luar. Sua voz veio para mim, fracamente, a sumir se:

— Os servios não precisam hoje de mim. Estão commandados por um homem.

E Marko Kralienitch reentrou no seu velho tumulo, emquanto eu levava a mão á fronte, em continencia áquella sombra gloriosa, que encarnava a valentia nobre da minha raça.

Vuk Petrowitch

(Cop. por *João do Norte*)

"Fon Fon" 28 Dez° 1918

GARATUJAS

Olho pela janella aberta todo o meu vasto jardim. Sobre um gramado verde, que se avelluda ao sol, um *coley* felpudo dorme com o focinho entre as patas. A hera dos muros tem um verde mais novo e mais bello. Pelos canteiros floriem verbenas e da ponta meio voltada da haste bocejam para o chão as bôccas abertas e brancas dos lyrios. Dentre avencas e orchidéas escorre lento e sussurrante um fio de agua. E adiante, á sombra azulada de arvores, entre o oiro dos chrysanthemos, immobilisa se um claro vulto de garça domesticada.

Saio. Caminho para aqui e para alli, ao accaso, pelas aléas cortadas de luz e de sombra rendada de arvores. Sento-me a um banco, fico a olhar o recosto bombeado dos morros, o casario claro de Santa Thereza, surgindo dentre o verde dos jardins e dos parques, com uma grande saudade do sertão na alma.

O vento começa a soprar. Uma fileira de goiabeiras, rente a cerca, agita-se aos seus bafejos fortes. Insensivelmente fogem de meus labios estes versos de Catullo da Paixão:

«E do outro lado, pru baixo
Duma grande ribancêra,
O vento fresco da tarde
Brincava, como um minino,
Cum as foia das goiabêra.»

103

"Correio Paulistano"
Chronica rr. f. do Sul
28 Janeiro - 1919

Numa dessas ultimas tardes, Gustavo Barroso, o querido João do Norte, cujas bellissimas chronicas os leitores do "Correio" tanto apreciam, preleccionou sobre a vida do sertão no norte do Brasil. O vibrante escriptor, em traços vigorosos, descreveu o que é a vida do sertanejo, o seu caracter e o seu coração. Combateu os processos que se têm empregado — deshumanos e barbaros — para reprimir as luctas que, por vezes, se desenrolam no interior do norte do Brasil.

Si ha bandidos, elles são victimas, em geral, da crueldade, da ambição e da injustiça do homem que se diz civilizado e que, como tal, entendo que só a fuzil se poderá exterminar o poder de homens como Antonio Sylvino e padre Cicero.

Esses homens, no meio em que desenvolvem a sua actividade, não podem deixar de ser o que são: os chefes dos habitantes dos sertões, victimas da prepotencia das leis iniquas e que elles não podem obedecer porque ninguem lhes ensinou a respeital-as.

Mude-se de orientação, substitua-se a metralha pelo "a-b-c"; rasguem-se as mattas, abrindo-se vias de communicação; dêm-se, emfim, educação e riqueza á sua gente, cuja indole é boa e cujo caracter é puro, e não mais teremos a registar os desastres vergonhosos dos jagunços e dos cangaceiros.

Gustavo Barroso, com a vivacidade do seu talento, attrahiu, por completo, a attenção da grande roda que o cercava e o applaudia.

* * *

"Diario do Estado"
Ceará 24 Julho 1919

DR. GUSTAVO BARROSO

Segundo noticiam os jornaes cariocas, o nosso illustrado conterraneo dr. Gustavo Barroso, secretario da embaixada brasileira ao Congresso da Paz, foi distinguido pelo governo portuguez, durante sua curta estadia em Portugal, com a commenda de Christo e o officialato de São Thiago.

Por essas demonstrações de consideração do governo amigo ao nosso illustre conterraneo, que tanto tem sabido elevar o nome do Ceará, é-nos grato enviar-lhe os nossos parabens.

"D. Quixote" 6 Agosto 1919

De uma chronica de João do Norte, sobre os Estados Unidos, na *Gazeta de Noticias* :

«Neste paiz, o dinheiro tem uma grande importancia, a maior importancia possivel. Sejamos francos».

Está errado. Qualquer somma de dinheiro, em qualquer paiz, sempre foi uma «importancia». Depois, nos Estados Unidos, nós não devemos ser «francos». Devemos ser «dollars» !

Epoca "Rio Jornal"
6 Agosto 1919

Foi o que aconteceu a "João do Norte", um escriptor brazileiro de talento e excellente observador. Nos poucos dias que elle passou nos Estados Unidos, visitou só o que lhe foi indicado e o que lhe deixaram officialmente ver. Assim na longinqua Russia e em tempos ainda mais longinquos, Orloff fazia construir aldeias postiças ao longo do caminho que devia ser percorrido por Catharina II. A czarina via de quando em quando uma aldeia em que pareciam reinar a abundancia e a felicidade. Nem se apercebia no dia seguinte que via novamente a mesma aldeia da vespera; aldeia que a policia moscovita reconstituia mais longe para dar á soberana a impressão de uma terra prospera e feraz. Nos Estados Unidos não chegaram ainda a tanto. Mas o resultado é o mesmo, quando ao lado de quem observa existe a labia suggestiva de um general Kuhn. Não devemos, pois querer mal a "João do Norte" si elle nos fala do mastro do "Maine", como da unica coisa que ficou do navio celebre na Historia por ter servido de pretexto para a libertação de Cuba dos hespanhóes e para a escravisação de Cuba aos americanos. "João do Norte" viu e contou o que lhe deixaram ver e lhe contaram.

"Diario do Estado" Ceará
12 Junho 1919

D. NINI DODT BARROSO

Ecoou dolorosamente no elevado meio social de Fortaleza a noticia da morte prematura da distinctissima senhorita d. Nini Dodt Barroso, dilecta filha do nosso presado amigo coronel Felino Barroso.

Espirito eminentemente culto, coração aberto a todas as virtudes, d. Nini, como era conhecida nesta capital, entrou, ainda muito jovem, para a vida religiosa, estando ultimamente em um convento na Hollanda.

Estimadissima por todos que tiveram a ventura de conhecel-a, a sua morte foi muito sentida pelas familias do escol social fortalexiense.

Registando esse luctuoso acontecimento, nós nos associamos á dor que experimenta a familia Dodt Barroso, enviando os nossos pesames ao coronel Felino Barroso e ao dr. Gustavo Barroso.

"Estado do Ceará" 9 Junho 1919

Gustavo Barroso

O nosso illustre conterraneo Gustavo Barroso vem de ser agraciado pelo Governo Francez com o gráo de Official da Instrucção Publica, recompensando-o assim por varias traducções de obras francezas, feitas para a Livraria Garnier, bem como por mostrar-se elle favoravel, como deputado, á vinda de uma missão franceza para a instrucção de nosso exercito.

O decreto, que o agraciou, tem a data de 7 de Abril corrente e a condecoração, que foi conferida ao nosso patricio representa a mais elevada distincção para serviços desta ordem.

"Fon-Fon"
28 Dez.º 1918

GATAFUNHOS

O meu amigo Claudio França dizia-me outro dia, á meza do restaurant, lentamente quebrando a cinza branca do charuto na borda da chicara de café, já vasia, aliás a terceira que tomava :

— Meu caro, apezar de eminentemente sceptico, e viciadamente paradoxal, lá uma vez ou outra tenho desillusões terriveis, tanto é verdade que a nossa incontentavel imaginação faz das suas contra expressa vontade do dono.

Um instante sorrio, olhando o preguiçoso fumo do charuto. Depois, continuou :

—Ouvia falar e conhecia de vista um bello rapaz, diplomata e bacharel, tido e havido como pessoa de grande tacto social, de espirito elevado, amena cultura e outras grandes qualidades. Soube que ia exercer um alto cargo e tive desejo de conhecel-o. Cá o meu bestunto, sem razão plausivel, imaginava uma creatura fina, elegante, com que se podesse conversar: um companheiro raro nesta terra. Ha dias, ceando no Assyrio, apresentaram-n'o. Offereci lhe a minha mesa. Que horrivel desillusão! O seu bello aspecto physico já eu conhecia. As facetas de seu espirito não. Joguei a luz duma conversa provocante sobre cada uma de per si. Nenhuma reflectio o menor raio. Uma toupeira bem vestida, sabendo futilidades protocollares e asneiras de salão. Falei de guerra, commentei-a como um simples episodio da vasta transformação social porque o mundo passa. O nosso homem sorrio concertou com os dedos afiados a gravata escura, murmurando lambidamente, ao metter na sêda o seu rico alfinete :

—Já vio a minha perola? Não a acha linda?

Fui selvagem. Levantei-me, olhei-o dalto abaixo, com um olhar que era uma affronta, e sahi!

"Gazeta de Noticias"
9 Set.º 1919
artigo de fundo

Os nossos constantes avisos — os nossos e, aliás, os de toda gente — a proposito da necessidade de uma lei sobre os "indesejaveis", parece que vão ser, afinal, attendidos pelos poderes publicos, porque, pelo que se annuncia, o Sr. presidente da Republica se mostra disposto a pedir ao Congresso que dê andamento ao projecto do Sr. Gustavo Barroso, com parecer favoravel da commissão de Justiça, da Camara, projecto esse que já devia estar votado e sanccionado, se não fossemos, como sempre, o paiz onde as suggestões uteis e indispensaveis ficam adiadas e preteridas por outras de secundaria importancia.

"Estado do Ceará"
21 junho 1919

Gilberto Gamara,

nosso joven e prezado companheiro de Redacção, acaba de receber de Paris, do nosso muito illustre e distincto conterraneo Dr. Gustavo Barroso, Secretario da Embaixada Brasileira na Conferencia da Paz, e um dos mais elevados expoentes da litteratura patria, sobretudo da cearense,—a carta que abaixo publicamos e que é um desvanecedor e precioso documento para Gilberto Camara, não só da honrosa estima e elevada consideração em que é tido pelo consagrado autor da *Terra de Sol*, como tambem da excellencia dos *Estudos de Historia do Ceará*, do muito eminente e saudoso Senador Joakim Catunda:

«Paris, 20 de Maio de 1919.

Meu caro Gilberto,

Recebi ante-hontem, com vivo prazer, sua carta e o livro do Catunda. Separei, na correspondencia da delegação, o volume que mandou para o Epitacio. Elle está na Italia e deve voltar a 22. Embora eu parta para a Hollanda, via Belgica, no dia 28, acharei tempo de falar-lhe sobre o livro e de recommendar-lhe a leitura. Posso affirmar-lhe que elle agradecerá, alegremente a sua lembrança.

Apezar de muito que fazer e da vida aqui tomar muito tempo affirmo-lhe que li de dois folegos o livro do Senador, tanta curiosidade tinha de conhecel-o. E achei-o realmente interessante e valioso. Não só é bem escripto como prova uma rara e profunda erudição. Conheci o Catunda de vista e, francamente, nunca o julguei á altura que o livro me revelou. Posso dizer como o velho Sainte-Beuve, maravilhado pela «Salambô», disse de Flaubert:

«Il sort de lá un plus gros monsieur qu'auparavant».

A parte do livro, em que emitte opiniões sobre os indios, é excellente. Talvez a melhor. A que se refere a origens geraes americanas ou da civilisação, optima.

Neste meu exilio dourado, o livro cearense, lido até altas horas da noite, foi como um raio de sol que me viesse tornar mais viva a minha eterna saudade dessa nossa terra, tanto mais amada quanto mais infeliz.

Desgraçadamente, os meus patricios não me fazem a inteira justiça de reconhecer que, acima de tudo, adoro o Ceará. Nem sei mesmo que opinião formam de mim...

Tenho consciencia do trabalho e das penas que a edição lhe custou. Nasci e criei-me em Fortaleza. Conheço a nossa terra. Ella não tem uma estatua de Alencar! Avalio suas maguas e seus esforços. Mais razões para felicital-o e abraçal-o com a effusão com que o abraço.

Do

Gustavo».

—

Dest'arte é que procedem os cearenses dignos deste nome:—nem o turbilhão da «ville lumière», nem as centenas de milhas que vão do Brasil á França, conseguiram apagar, ou siquer arrefecer, o grande e sincero amor de Gustavo Barroso pelo Ceará, pelos homens e pelas coisas da terra do seu berço, ao passo que certos outros, vivendo entre nós, em vez de seguirem o seu nobilitante exemplo, olham para tudo isto com olhos de boneca, que só perdem a sua vitrea expressão quando têm deante de si as nossas pobres e ridiculas questiunculas de aldeia...

"Fon-Fon" 28-12-918

O Rhapsodo do Sertão

Apezar de não conhecer pessoalmente o sertão, como o demonstra a sua obra, em que se misturam termos do Amazonas aos de Minas e estes aos do Nordeste, quando são as linguagens e os habitos essencialmente diversos; em que o monzolo sulista pila o milho pernambucano, que só conhece o pilão; em que o cajueiro da praia apparece junto ao joazeiro sertanejo; apezar de taes senões Catullo da Paixão Cearense tem no fundo da alma uma fonte inesgotavel de poesia natural, quente e deliciosa como a dos repentistas e violeiros, verdadeiramente brasileira. Catullo é um verdadeiro rapsodo do sertão.

Ha um encanto especial, dóce e picante ao mesmo tempo, como o gosto das fructas do matto, na sua pinturesca linguagem. Bem poucos poetas sabem tão bem ao paladar espiritual de quem cavalgou por monte e valle atravez das aridas rechãs e dos carnahubaes sussurrantes que cobrem essa infeliz, tostada e heroica Terra de Sol ou Terra das Lêccas, que se estende do S. Francisco ao Parnahyba, arrostando a sua sêde secular entre esses duas caudaes liquidas, que tranquillamente, continuamente vão despejar as suas aguas fertilisadoras no oceano. Porque a Terra de Sol é mais propriamente o Ceará, mas não pode ser unicamente o Ceará, tanto os habitantes que o circulam em elle se integram nos mesmos phenomenos, climaterico, ethnographico, social e economico.

Catullo é uma alma de troveiro de pé de viola exilada por torvelinhos de cidades, que lhe vão deixando alguns grãos do seu pó subtil, desvirtuando-o um pouco. Com o seu genio, o maior de cantador popular que conheço, seria, vivendo no sertão, o maior, o nunca visto cantador, o *mais famoso*, tanto, apezar de tudo, elle se avantaja aos Manoeis do Riachão, aos Rios Pretos, aos Geromes do Junqueira, *da fala branda e macia*, e outros que taes.

Ha imagens e descripções de Catullo que ficam marcadas para sempre na nossa memoria:

«... e do outro lado, prú báxo
duma grande ribancêra,
o vento fresco da tarde
brincava como um menino
na foia das goiabeira.

E' uma lingua nova, com seus erros e suas bellezas, que o cantor nos traz para maravilhamento de olhos e de espirito, *argot* portuguez esquecido pelo bandeirante no fundo do sertão, corrompido pelo negro, modificado ao contacto do indio, resuscitado nas cidades como novidade, quando já foi empoeirado por quasi quatro centenarios, saboroso e acre, ingenuo e forte, bem brasileiro e bem primitivo.

A sua descripção do raio é magnifica:

«Gemia a mata assombrada
cum os bêjo bruto do vento,
apois naquelle momento,
arrebentou, nuum torrangue,
o instrondo da trêvoada,
e lá no céu, de repente,
uma giboia de sangue
passa numa disparada.»

Magister de vivis lapidihis diziam os medievos daquelles que lidavam com as pedras brilhantes e as lavravam, e as obravam, e as poliam e repoliam. Tão perfeitas eram as obras de suas mãos cinzeladoras que se consideravam vivas. Assim, de Catullo se poderá dizer que dá vida completa ao que, no verso, sáe de suas mãos.

Jotaenne

"Fon-Fon" 28-12-918

GARATUJAS

Vai reunir-se o congresso da paz e já os telegrammas de varios correspondentes americanos alludem a serias divergencias entre o grupo de nações vencedoras, mormente a respeito da falada liberdade dos mares, que o almirante Wemyss, primeiro lord do Almirantado, só acha possivel sob a egide da esquadra britannica.

Lendo taes noticias, não se pode deixar de pensar na grande phrase de Clemenceau, após o armisticio:

— Ganhamos a guerra; agora é mais difficil ganhar a paz.

E' uma phrase de immensa significação. Ella vai á profundeza historica do passado, domina todo o presente e projecta-se sobre o futuro, indefinidamente...

Simples espectadores talvez, veremos como vae a Europa resolver todas as grandes e muito serias, muito graves questões que se prendem á guerra, questões de ordem interna e de ordem externa, cada qual a mais difficil.

Ahi estão á espera de solução todos os problemas agrarios e trabalhistas, industriaes e sociaes, para que se não repita em cada nação de per si o rubro maximalismo moscovita, se é que se torne possivel impedir sua expansão. Ahi estão as questões de refazimento e reconstrucção. Ahi estão as constituições das novas nacionalidades: tcheco slovacos, polacos, ukranios e ruthenos, yugo-slavos, translvanos e romaicos, albanezes, armenios, israelitas; a finalidade da revolução allemã; a posse de Constantiropla; a hegemonia do Adriatico disputada entre a Italia e a Servia; a hegemonia dos mares que a Grã Bretanha deseja manter; e a hegemonia do mundo que será... de quem?...

Como acertou Clemenceau! E' muito difficil ganhar a paz.

GATAFUNHOS

Quem, aos domingos, fôr ao Sylvestre nos cacetissimos bondes da Carioca, se não se deixar prender muito pelos encantos da paysagem ou por uma conversa de amigo, certamente notará um interessante costume peculiar tão sómente ao bairro montuoso de Santa Thereza. E' que em quasi todas as casas verá içadas em altos mastros grandes bandeiras festivas. Sô aos domingos tremulam ao vento forte dos morros esses variegados pavilhões.

Ha de todas as nacionalidades. Podem-se vêr ao lado do campo estrellado americano as tres côres sagradas de França; o amarello, o negro e o vermelho da Belgica martyr defrontando a esphera armillar de Portugal; as cruzes brancas da Suissa e da Dinamarca, a cruz azul da Noruega e a cruz amarella da Suecia; por todos os cantos as listas britannicas da Union Jack; o verde, branco e o encarnado da Italia; o azul e o branco da Argentina.

Um forasteiro pensará que para aquelle bairro se mudaram todas as legações estrangeiras existentes no Rio e em Petropolis. Todos os consulados tambem. Nada disso. São simples casas particulares dum arrabalde habitado quasi exclusivamente por estrangeiros, que, nos domingos e feriados, içam a bandeira da patria distante como signal de regosijo e de saudade.

Mas o que é triste é que entre tantos pavilhões francezes, inglezes, belgas, americanos, italianos, argentinos, suissos e escandinavos, nunca se vejam tremular as côres patrioticas do *auri verde pendão da nossa terra!*

"Fon-Fon" 28 Agosto 1918

Ganhar a Paz

A ambição das potencias para obter beneficios e proventos oriundos da paz já se vai fazendo sentir daqui e dalli, especialmente em alguns telegrammas vindos dos Estados Unidos e noutros em que se pretende tratar da grave questão da liberdade dos mares. De maneira que a gente já está se firmando na crença profunda de que a razão do velho Clemenceau é inilludivel quando elle disse que era mais difficil do que ganhar a guerra ganhar a paz.

Com effeito a phrase do grande estadista francez é uma dessas que podem ser consideradas a obra prima da vida dum homem. E' a synthese dum livro, o resume de todos os proplemas debatidos e a se debaterem, uma como synopse do movimento humano antes da guerra, durante a guerra e depois da guerra. Não temos um homem de governo que em poucas palavras assim consubstanciasse toda uma grande questão historica, com seus multiplos itens.

Ganhar a paz é mais difficil do que ganhar a guerra. Essa idéa mergulha fundas raizes no passado, presa á longa, interminavel questão do Oriente, á constituição da Austria, ao engrandecimento da Russia, ao poderio germanico, aos movimentos dos Balkans, alcançando a Santa Alliança e Napoleão, Luiz XIV e a guerra dos sete annos, as partilhas da Polonia e as arremettidas da Suecia.

Abriga sob suas azas, no presente, todo o movimento humano de reivindicações e de transmutações, na vastidão da qual a guerra não passa de simples episodio de segunda ordem.

A sua sombra projecta-se sobre o futuro e então mais longe do que vem do passado, muito mais longe, porque a obtenção da paz dará impulso, senão resolver de todo, aos problemas trabalhistas, economicos, politicos e financeiros, liquidará as questões slavas da Ukrania, da Bohemia, da Polonia e da Yugo Slavia, as questões da liga das nações, da liberdade dos mares, das regras de direito internacional de guerra. do Adriatico, dos Dardanellos, das colonias de Asia, Africa e America, e que mais sabemos?

Ganhar a paz! Nada mais difficil. A proposição de Clemenceau mostra a sua atilada previsão de estadista, alliada ao perfeito conhecimento do passado e a sua vida intensa do presente.

Que sahirá do congresso de Versalhes para nós e para o mundo? E' uma pergunta mysteriosa e irrespondivel. Ninguem poderá saber. Talvez novas guerras, brotadas das damninhas sementes esquecidas pela ambição, pelo odio e pelo interesse dos homens. Talvez novas guerras, porque a sociedade das nações, na formula admiravel de Wilson, como todas as velhas tentativas de aperfeiçoamento moral e social, não será para já...

Gêbê

GARATUJAS

Na galeria dos Espelhos, em Versailles, vae reunir-se a conferencia da Paz e eu tenho um amigo que della vai fazer parte, indo vêr com seus olhos mortaes os jardins immortaes do *j'ai failli attendre* e as sallas immortaes de Luiz XIV. Outro dia, elle que não conhece a Europa, pedio-me lhe indicasse um guia, um bom livro que lhe ensinasse a historia e a significação da velha residencia do absolutismo real. Queria uma cousa a mais espiritual possivel, não a materialidade dum Baedoecker.

Pensei um momento e aconselhei-o á comprar as poesias de Albert Samain sobre Versailles, as galerias, os *perrons*, os Trianons, os repuxos, os jardins de Lenôtre, em que a historia e a alma do palacio palpitam em rimas admiraveis, em versos lapidares, do mais puro estylo do seculo XVIII, que Fragonard, Greuze e Watteau melhores náo fariam, se tivessem feito versos. E recitei-lhe alguma cousa, especialmente aquelle soneto em que a sumptuosidade da corte luisiana está contida em duas ou tres palavras:

... *reverences. O' ceremonial!*

/Haut

"Malho" 17 Maio 1919

A BORDO DO "CURVELLO"

Grupo feito, em Janeiro, no mar alto, durante a viagem da Embaixada Brasileira ao Congresso da Paz, e em que estão, acompanhados de suas Exmas. familias, os Srs. Epitacio Pessoa, Embaixador, Dr. Rodrigo Octavio, Consultor Juridico, commandante Frederico Burlamaqui, Drs. Gustavo Barroso, Muniz de Aragão e Afonso Lopes de Almeida, o illustre poeta, correspondente d'O Malho.

Fon-Fon - 4 janeiro 1919

GARATUJAS

— E' inutil fazer esforços: nunca serei nada! dizia-me aquelle moço pallido e sympathico que encontrára passeando a pé pelo Sacco de S. Francisco, em Nictheroy. E proseguiu gesticulando:

— Politico não o posso ser. Do alto dos meus pensamentos e dos meus livros desdenho cruelmente os coroneis chefes e os eleitores. Prefiro lêr um soneto de Sully Prudhomme a fallar com um chefe politico sobre as vantagens da lei eleitoral. Banqueiro ou industrial? Nunca. Não sei andar com meus capitaes, quanto mais gerir os dos outros e fazel-os prosperar. Não tenho tempera para isso. Tentar a advocacia é horrivel e descoroçoante. Não supporto o fôro e a gente do fôro a esthesia do meu espirito. Ademais, eu me conheço muito bem. Indo para a Relação ou o Supremo com hora marcada, esquecel-a-ei se encontrar um amigo de bôa palestra. Será o meu ultimo constituinte o que, então perder essa causa.

Limpou o rosto com o lenço de fina baptista, sorrio e accrescentou:

— Nasci para a arte e só pela arte. Eu realiso o homem de arte na sua verdadeira acepção da palavra. Sou inutil para tudo mais. Gosto de escrever, não para os outros nem pelos outros, porém para mim e por mim. Satisfaz-me produzir e nada me satisfaz assim. Preso, exilado numa ilha deserta, sem communicações com o resto do mundo, sem publico, sem um amigo, se tivesse penna, papel e tinta, escreveria contos, artigos, romances, livros, para mim sómente e sómente por meu proprio gosto.

Mais adiante, despedio-se e seguio para os lados de Icarahy, lentamente. Tomei o bonde e saltei na estação das barcas. Já ao meio da bahia, olhando a noite desdobrada sobre o mar, sorri para mim mesmo e murmurei, cheio de piedade:

Que infeliz aquelle rapaz!

Fon-Fon
4 janeiro 1919

A EMBAIXADA DA PAZ

Gustavo Barroso, litterariamente João do Norte, o escriptor brilhante a quem devemos alguns dos bons livros da nossa litteratura, ex-deputado pelo Ceara e antigo redactor de *Fon-Fon* e *Selecta*, onde mal se encobre sob o pseudonymo de Jotaenne e encanta os leitores com as suas *Garatujas*, vae nos privar por alguns mezes do seu amavel convivio.

João do Norte está de viagem para a Europa como membro da Embaixada Brasileira á Conferencia da Paz, o que não quer dizer no emtanto que os leitores venham a ficar privados da sua prosa sempre amavel e brilhante, porque de viagem e, sobretudo, da Europa, João do Norte continuará a nos remetter a sua collaboração. Além das *Parisianas* que desde já nos promette, o nosso companheiro, que acompanhará de perto os trabalhos da Conferencia, trará os nossos leitores ao corrente do que se passar naquelle Congresso de nações em que se vae decidir do futuro do mundo.

João do Norte, que é um trabalhador incansavel e escriptor fecundo, de volta brindará as letras nacionaes com um livro de pura arte, *Pergaminhos*, que está destinado ao mais alto successo nao só pelo seu grande valor literario, como tambem pelas illustrações verdadeiramente sem par com que o nosso Correia Dias completou o trabalno do escriptor. *Pergaminhos* será editado em Paris sob as vistas do auctor. Além desse, João do Norte pretende fazer editar igualmente em Paris um outro livro, cujo titulo *A Ronda dos Seculos* basta para dar idéa da sua elevada concepção.

"Fon-Fon"

OLAVO BILAC

A cidade ainda se cobre de luto, não só a cidade a nação inteira, porque, em verdade se diga, Olavo Bilac era o grande poeta nacional. A sua perda é irreparavel e não se vê, no seu feitio e do seu tamanho, ninguem capaz de occupar a sua vaga.

Grande poeta nacional! Não o foi no sentido de um artista que modelasse sua obra pelos canones do espirito ethnico ou social de seu paiz. Porque os versos esmeraldinos do seu Caçador de pedras preciosas, se pintam o verde loção das nossas mattas e a barbara pujança do sertão selvatico, não passam duma excepção no seu estylo e no seu genero. Bilac jamais seria um regionalista ou um nacionalista, na estreita significação que se dá a estas palavras. Elle era incapaz duma obra em que rutilasse e florisse a dura vida do interior brasileiro ou a epopéa de todos os sertanistas, não por lhe faltar talento, mas por carecer de pendor espiritual para tanto.

Não o seduziam as rudezas da nossa vida semicivilisada. Até certo ponto elle seria no nosso meio um *deraciné* intellectual. Era o poeta da belleza pura, da inquietação occidental, mediterraneana das intelligencias, o poeta do amor, o poeta da graça singela, que se batia em pról da lingua, burilando-a em oiro, em pról do estylo, facetando-o em diamantes.

Poeta da elegancia e da civilisação, embora não se inclinasse a descrever as nossas cachoeiras e os nossos cipoáes, preferindo ir á Grecia buscar Phrynéa e ao Egypto procurar Cleopatra, no fundo da alma conservava com um cuidado de vestal o fogo ardente do amor da patria.

E, poeta, convocou a mocidade á cruzada do serviço militar e da regeneração do Brasil. Evangelisou, Prometteu fructos abundantes das sementes que semeava. E creio que morreu já sentindo os perfumes de alguns.

Com a mesma facilidade com que rimava os seus sonetos perpetuos, dos mais admiraveis que tem tido a lingua portugueza, escrevia num jornal diario chronicas elegantes, estylisadas e sonoras, que eram encanto de artistas e maravilhamento de leigos.

Toda a sua vida de artista profundamente sincero, estupendo ourives das filigranas do rythmo, da rima e do idioma, foi marcada e dirigida por aquella encantadora profissão de fé, em que abre as suas enluminadas fôlhas o seu grande livro de poesias. São tercetos que parecem talhados no marmore branco veiado de azul do Karysto, com leves laivos de ouro, sob galhos floridos de glycinias.

O grande poeta nacional morreu! Passou como passam todas as cousas nessa delirante, espantosa carreira da vida para onde ninguem sabe. Mas morreu coberto de gloria, o *magister de vivis lapidibus*, *primus inter pares*, na vasta poesia brasileira, olhando do seu leito de moribundo a realisação de dois grandes ideaes por que se batera tenazmente durante toda a sua vida: a salvação do Brasil e a victoria da França.

Dorme em paz, poeta, que a tua memoria será guardada pelas gerações do porvir, com serena e continua admiração. A fama de Fernão Dias Paes Leme, disseste nos teus versos, refulgiria annos além nas cidades que suas bandeiras tinham fundado. A tua viverá na memoria dos que lêrem os teus versos e nas cidades brasileiras que percorreste no ensinamento do dever nacional, onde ás esquinas das ruas teu nome jamais se apagará! . . . Dorme em paz, principe dos poetas!

JOTAENNE

4 Janeiro 1919

GATAFUNHOS

A mania dos queixumes.

Depois das lamentações biblicas de Jeremias, a mania de se queixar da vida tomou conta desta pobre humanidade sublunar e maximaluca... Não ha quasi quem escape. Todo o mundo, acha motivos para lastimas, que ninguem acredita e paulificam demasiadamente. A cada canto se encontravam typos de barriga cheia que seguram a gente pelo casaco, levam para uma mesa de café, pedem dois *á ingleza* e impingem a sua jeremiada, sem dizer agua vai. Entao, depois da guerra, do sitio, da carestia e do commissariado, é um verdadeiro pavor...

Santo Deus!

Porém o mais impagavel desses casos de infelicidade gemente e queixosa foi o dum rapaz que se pode intitular *principe da grã ventura* e fez o desgraçado, publicamente, por um jornal.

Imagine-se que é um homem que tem tido tudo: empregos, altas posições, elogios, vastos dinheiros, conquistas sociaes de toda a sorte, accrescentando-se que sem direito moral ou intellectual a tudo isto, que lhe vem de habilidades ou da sorte. Pois bem, esse homem affirma categoricamente que se vae embora (não sabemos por ora para onde) *victima* dos descompassos da vida e da maldade dos homens!

Seria penoso, se não fôra ridiculo...

4 Janeiro 1919

GARATUJAS

— Vaes a Paris? perguntou-me um amigo.

— Sim, respondi sorrindo de felicidade, porque não ha maior felicidade do que ir a Paris.

— Então, continuou elle, não te esqueças de ir todas as semanas, ao menos uma vez, dar por mim, por procuração minha, uma lenta volta no parque Monceau.

Olhei-o numa interrogação muda. Elle explicou:

— Quando estive em Paris, aos dezoito annos, era um dos lugares que mais me appeteciam. Quasi todas as tardes lá eu estava errando pensativamente sob aquellas arvores veneraveis. Ha no parque Monceau, boiando no ar calmo, um velho perfume de fidalguia morta, de cabellos empoados, de anquinhas de seda, um velho e vago perfume de nobreza guilhotinada, empobrecida, envilecida e morta. Vae, filho, por mim, ao parque Monceau.

11 Janeiro 1919

GARATUJAS

Dizia-me outro dia um amigo, que é um dos melhores escriptores brasileiros e por isso soffre uma terrivel campanha de silencio e de subtil, astucioso descredito:

— Meu caro, li hontem num jornal a pequena chronica semanal dum grande nome patricio. Li-a com piedade anatoliana. Nunca vi cousa mais nescia, mais vasia. Que horror! E pensei *entre mim*, como diz um de meus amigos: Diabo! Está ahi o motivo! Eureka! Está ahi a razão provada por que este e outros me querem tanto mal. Chegar aos sessenta e muitos annos, ser grande na politica e nas letras, ter influencia e reclame, para levar uma semana de incubação e dar á luz a essa *meia columna* innominavel é o cumulo. Está ahi, meu amigo, a justissima causa pela qual esse e outros me detestam. Tenho ou não razão?

Minha resposta foi um lento sorriso que poderia dizer tudo e tambem nada poderia dizer...

"Fon-Fon"
11 Janº 1919

25 janeiro 1919

GATAFUNHOS

Em 1886, publicou no Ceará o fallecido Senador Federal Joaquim Catunda, que timbrava em assignar Joakim Catunda, um livro mui interessante e de real valor sob o titulo de «Estudos de Historia do Ceará».

Escrevendo actualmente a respeito desse já velho livro, esgotado e quasi esquecido, um dos jornalistas da nova geração cearense, o Sr. Gilberto Camara, moço de talento promissor, disse nas paginas da *Revista Illustrada* de Fortaleza:

«Profundamente conhecedor da terra de seu berço e dono de um espirito altamente culto, submette o senador Catunda, na sua obra, o nosso solo, o nosso clima, os nossos elementos ethnicos e toda a nossa historia, emfim, a uma serie de ponderadas e judiciosas apreciações, atravéz das quaes se evidenciam os mais elevados conhecimentos philosophicos, historicos e scientificos, a par duma linguagem soberba e duma impeccabilidade de estylo a toda prova».

O livro do velho senador foi um dos melhores que se têm escripto sobre historia do Ceará, sobre essa historia heroica, sublime mesmo, duma terrra martyrisada pelo céo inclemente, duma raça lutadora, arrojada, titanica, imperturbavel, que desafia as seccas do seu paiz de sol e avassala as aguas imensas do Amazonas.

A idéa dessa reedição parte do valoroso Gremio Litterario que ha no Ceará e que com esse tentamen vem demonstrar que o amor dos livros e das lettras, apezar do triumpho da ignorancia e da mediocridade por todo o Brasil, apezar da vida acanhada dos Estados e do pouco caso geral por tudo o que é saber, ainda não morreu.

E' um caso de parabens.

GARATUJAS

Era o consolo dos meus olhos fatigados do horror da construcção urbana do Rio aquella gasalhadora vivenda em frente ao mar, que do meu automovel sempre contemplava com prazer. Construira-a e habitava-a por certo um homem de bom gosto, que deixava as intemperies patinarem as suas lisas paredes e o mugre do tempo esverdear os cantos da sua torre.

Era de puro estylo mourisco das Regencias mediterraneanas, verdadeiramente barbaresco, mais tunesino que argelino ou tripolitano e já estava tomando o veneravel aspecto classico dos edificios desse genero, por causa das manchas do tempo. Porque nada ha mais naquellas actuaes colonias européas que não tenha respeitavel tom de velhice africana. O proprietario, não sei quem, pintava-a por dentro, mas nunca mandou dar uma mão de cal no rebôco exterior, de proposito. E quantas vezes, olhando a linda casa, a sua arcaria moura, as suas finas columnas arabes,

as suas lumieiras estreitas e as ameias berberes dos terraços pensei nos muros historicos e chagados do marabuto de Sidi-Brahim!

A casa agora mudou de dono. Vi, horrorisado, com lagrimas nos olhos, erguerem-lhe andaimes em torno, tirarem o velho rebôco avelludado pelo tempo, substituindo-o por uma camada de «plâtre» cinzento, unido, claro, gritante. E, cousa peior, destruirem os parapeitos ameiados, pondo em seu lugar um reles cornija de madeira pintada a oleo.

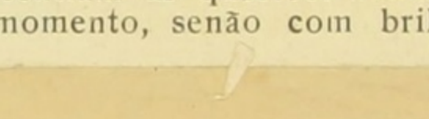
Meu Deus, nunca mais terei coragem de passar por alli

GARATUJAS

Anda a ferver na Europa, agora, com a reunião da Conferencia da Paz a grande questão da hegemonia do Adriatico, que a Italia entende herdar do veneziano leão de São Marcos. Mas os yugo-slavos discutem essa questão e acham ser de justiça que elles possuam o littoral da Zéta e da Dalmacia, da antiga Illyria, já que desde os bysantinos o possuem e o habitam.

O grande mal dos slavos nas suas pretenções politicas é a desunião. Se todos os povos esclavões se unissem imporiam sua vontade; mas não o fazem e continuam enfraquecidos e tristes á mercê das competições das potencias.

Todos os slavos deviam lembrar-se



dos poemas patrioticos do grande poeta da Bohemia, do grande Kóllar, que deste modo figurava a união indestructivel da raça:

— Ella era uma deusa poderosissima; seu throno de ouro, a Russia; sua cabeça, os moscovitas; seus olhos, os russiaks, ruthenos ou malo-russos; seus braços e mãos os techs ou polacos; seus pés, os serbo-croatas, os yugos slavos; e suas armas, os vendahs.

GARATUJAS

Ella entrou na sala com um rumor de sedas claras, espalhando em torno um perfume exquisito como os odôres propiciatorios do serralho. E, feitas as apresentações, sorrio para todos, sentando-se languidamente no sofá estofado, accommodando almofadas leves ao redor de si.

Havia nella, que não era propriamente bella, porém extranha e fascinante, um quer que fosse de felino.

O meu amigo Claudio França já me fallára dessa mulher, cuja origem mysteriosamente encobria e com quem privava fazia algum tempo. Nunca eu a havia encontrado na sua maravilhosa casa. Nessa noite, porém, ella surgia num grupo maior de amigos, com os seus cabellos doirados e a sua graça perversa.

Logo entrou naquella pesada, tediosa palestra de homens em que se discutiam as questões humanas do momento, senão com brilho, pelo menos com inquietação espiritual. Fallou-se da extradicção do Kaiser. Ella lembrou-nos, para o *autokrator* cahido, um desses castigos banaes de todo o mundo. Claudio ergueu-se, deixou o charuto num pires *craquelé* de Rostrand e, pegando-lhe nas mãos de setim, com unhas de esmalte, recitou-lhe umas phrases de Paul Adam:

«— Ta bouche voluptueuse, pourquoi dit-elle des choses qui fatiguent? La femme doit penser seulement à l'amour.»

GATAFUNHOS

O olhar que ella me deitou á entrada do cinema, quando estendia a mão para pagar o bilhete, foi de tão profundo, incommensuravel desprezo que estremeci todo e creio fiquei mais pallido que a seda amarella do seu vestido.

Entretanto, ainda a acompanhei á sala de espera, mesmo á das projecções, para olhar-lhe a esbelteza do porte e, raramente, seu fugitivo perfil, a belleza da face, tão fortes são certos sentimentos que até mais parecem vicios e nos fazem praticar asneiras.

A' sahida, foi peior a minha parte de humilhação. Nem mesmo o olhar de desprezo obtive. Ella não tomou conhecimento da minha existencia. Fiquei, então, mais que furioso e á guiza de maldição lancei-lhe o annuncio de velhice prematura que um grande poeta francez fez á sua bella:

—*Avant les temps tes tempes fleuriront*!

GARATUJAS

— Acreditas na libertação definitiva da Russia, na constituição da Polonia, na resurreição da Bohemia e na formação da Grande Servia?

— Piamente.

— Por que?

— Simplesmente porque o destino desses povos ainda não foi completado e terá de sêl-o. Invasões barbaras, conspirações de potencias têm impedido seu desenvolvimento. Logo que taes obices desappareçam, o seu progresso se fará sentir.

— Só isso?

— Não. Ha mais. Tenho grande fé na musa prophetica dos povos e não ha poeta loch, tcheque ou serbo-croata que não vaticine breve triumpho para os slavos tyrannisados. A Grande Guerra apressou esse momento. De resto, o proprio nome da raça é uma prophecia de esplendido triumpho: *Slava*, quer dizer Gloria!

1. Fevº 1919

GATAFUNHOS

Eram os caudilhos sul americanos ou melhor hispanos-americanos o assumpto da elegante palestra em torno da mesa de chá. Falou-se de Porfirio Dias e de Eloy Affaro, de Facundo Quiroga e de Rosas, de Artigas e de Carranza. Alguem tocou mesmo nos nossos cangaceiros de Nordeste, em alguns heroes da luta do Equador e da guerra farroupilha.

Então, outro lembrou a violencia pamphletaria de Vargas Villa, quando estuda e escalpella as almas crueis e interessantes desses *reitres* da America. Lembrou a sua vida emocionada e ardente, expulso de todas as republicas onde se fala o hespanhol, expulso da propria França, morando no seu maravilhoso castello de Hespanha e vendo ás centenas esgottarem-se as edições de seus livros.

Rio e disse:

— Elle, depois de falar de todos esses caudilhos e mais alguns, lembra um que era negro como o zumby dos nosssos Palmares ou aquelle negro Cosmo, o Imperador Bemtevi dos quilombos maranhenses e da Balaiada. Diz mais ou menos assim: Desse não preciso falar. Não é Romeu; é um anthropoide. Não pertence á historia universal; pertence á historia natural.

Todos os da roda levantaram-se, accenderam os charutos e despediram-se, rindo.

GATAFUNHOS

— Como vae ella?

E' uma phrase banal que se larga interrogativamente, á face dum amigo que nos falla duma pessoa de velho conhecimento, da antiga e intima relação, com a qual se conviveu e da qual o correr da vida nos separou um dia.

E' uma phrase banal, indifferente e cortez. Entretanto, é a unica que se póde empregar em certas occasiões. Ainda outro dia verifiquei a sua necssidade. Fallava-me um amigo duma linda, deliciosa creatura, que muito tempo amei, que adorei mesmo, por quem fiz loucuras e que, quando se separou de mim, pensei morrer.

O seu nome não me fez mais vibrar. Nada senti no fundo da alma ao recordar o seu vulto elegante, O tempo curára bem curada a ferida. Sorri lentamente e lentamente perguntei ao meu amigo, com polidez e quasi indifferença:

— Como vae ella?

Que outra cousa poderia dizer?

MARINHAS

Uma alegre roda na ponte ventilada do *Curvello*, em que se contavam caçoadas e anedoctas. Duas formosas senhoras riam com os olhos faiscantes e com os labios de cereja, emquanto dois rapazes de calças de flanella e bonet branco contavam coisas. Attrahidas pela conversa outras pessoas vieram augmentar o grupo e logo a palestra se tornou respeitosa, ouvindo-se de quando a quando:

— Sim, Sr. ministro.

— Não, Sr. ministro.

E fallou-se de incendio a bordo. Então, o Sr. ministro, com a sua voz de boa sociedade e a sua clara dicção de orador consagrado, contou este caso:

«— Eu viajava no *Aragon* ha alguns annos. Diante de mim, na mesa, sentava-se um bello rapaz alourado, de cabellos crespos como os de um anjo de Raphael, que todas as senhoras a bordo admiravam e todas as mulheres do mundo deviam invejar. Ora, uma noite houve um rebate falso de incendio. Sahiram a correr em trajes menores todos os passageiros, amontoando-se no convez. De subito abre-se a porta dum camarote e surge, de pyjama, á frente daquella multidão, o tal moço dos lindos cabellos com a cabeça cheia de papelotes. Ninguem se poude conter: foi uma gargalhada geral. E elle nunca mais appareceu á mesa do *Aragon*.»

GATAFUNHOS

Meu caro amigo. — Sigo para o coração esplendido do mundo. Vou a Paris e com tenções de demorar. Levo commigo a saudade da tua amavel convivencia e dessa paysagem magnifica que emmoldura a quasi — civilisação carioca. Mas Paris chama-me e eu parto, todo cheio do desejo de vêr os esplendores eternos da immortal Lutecia, que, desde Juliano a Apostata até Clemenceau e Foch dá vida ao claro espirito da civilisação occidental.

Adeus, amigo. Espera-me dentro de mezes ou toma um vapor e vae procurar-me á rua *La Fontaine* naquelle simples andar onde sempre morou com seu scepticismo, seus charutos e seus paradoxos o teu do coração — *Claudio França*.

103A

108

"Fon-Fon" 1 Fev. 1919

MARINHAS

João do Norte (Gustavo Barroso), o nosso presado companheiro de trabalho, na qualidade de membro da

Embaixada á Conferencia da Paz, viajando rumo á Europa, de Recife iniciou a remessa da sua fina collaboração para *Fon-Fon*, conforme promettera.

«Marinhas» são pequenos trechos dessa prosa sempre interessante — uma mancha que os seus olhos de artista retém, um aspecto curioso, um accidente de viagem... — com que João do Norte habituou os nossos leitores,

De Lisboa nos remetterá mais notas de viagem.

De Paris elle nos enviará as *Parisianas*, conforme haviamos annunciado, bem como tudo quanto de interessante lhe suggerirem os trabalhos da Conferencia.

Estão, pois, de parabens os nossos leitores!

—

Eram seis horas da tarde. O sol morria num céo de oiro sobre um mar de oiro. Havia seis horas que deixáramos, no *Curvello*, o cáes do Rio de Janeiro e já as aguas se abrandavam, distanciadas da ressaca que agitava a Guanabara. Para leste um cargueiro inglez, camuflado e vagaroso, diminuia no horizonte. Ao norte, a falesia de Cabo-Frio, com o seu pharol branco dependurado no alto, arroxeava-se á luz do crepusculo envolvente, lembrando os hispidos paredões dos fjords norueguezes e aquellas paysagens esmaltadas nas faianças escandinavas de Rostrand.

Acheguei-me a Claudio França, meu companheiro de viagem por um acaso feliz, que, pensativamente, se debruçava da amurada e disse-lhe:

— Agora que perdi o Rio de vista estou sentindo uma formidavel saudade do Brasil.

Sorrindo, o meu amigo tornou-me:

— Vaes viajar e, portanto, aprender a amar o teu paiz. Porque é preciso conhecer intimamente o extrangeiro para se apreciar o Brasil.

Um raio ultimo do poente bateu nas penedias do morro do Vigia, tingindo-o de oiro. Um clarão amarello correu por sobre o mar e nós ambos nos voltamos para vêr a morte gloriosa do sol.

GATAFUNHOS

A' tarde, no terraço da Rotisserie, em São Paulo, tomava o meu *cherry-cock-tail* em companhia de Claudio França, lentamente passeando os olhos sobre as edificações magestosas da rua Libero Badaró. A varanda de ferro do viaducto do Chá cortava no espaço o verde dos relvados que sobem a encosta do Theatro Municipal e o barulho dos bondes e das viaturas automoveis fazia estremecer o ar.

Commentei o progresso da grande cidade paulista e, fazendo comparações entre colonos italianos e portuguezes, expendi algumas palavras e opiniões desfavoraveis aos ultimos. Claudio rebellou-se. Deixou bruscamente o calice em que sorvia goles de Cointreau e disse-me, indignado:

— Injusto e glozador de opiniões vulgares das casas de chá da Avenida! O nosso paiz deve ao portuguez, que, com todos seus defeitos, é uma grande raça, o maior serviço possivel: a sua unidade nacional. Não conheço raça com mais força de cohesão, mais indestructivel do que a portugueza. Voto-lhe verdadeira admiração. Basta você recordar que Portugal apertado entre Carlos V e o mar, calcado aos pés dos Felippes sessenta annos, sahio Portugal, unido, altivo, com seu patrimonio nacional intacto. Veja o exemplo da America hespanhola. Após a independencia nem os vice-reinados coloniaes se mantiveram intactos. Cada qual se dividio em tres ou quatro republicas inimigas irreductiveis. Nós não, trouxemos até os dias de hoje intacta a unidade nacional. Apezar de immigração, de climas e de outras causas, a rude força da raça portugueza, experimentada no mar e em terra, deu ao Brasil o grande espirito nacional de união que ainda o anima e que espero não faltará; porque qualquer sentimento separatista é um grande crime de lesa-patria. Essa cohesão herdamos da raça avoenga, rude, mas forte e verdadeira. Faça justiça aos portuguezes.

MARINHAS

Olhando as phosphorecencias que se diluiam nas ondas negras agitadas pela passagem do *Curvello*, um rapaz elegante fallava com preguiça e um certo enfado da coqueteria das mulheres e da curiosidade das mulheres.

Houve um cavalheiro de meia idade, já muito grisalho, que se levantou da espreguiçadeira e protestou seccamente:

— Não, cavalheiro. A curiosidade dos homens é infinitamente maior que a das mulheres. E não admitto considerações.

Accendeu um charuto. Tornou a recostar-se. Uma senhora loura, de olhos claros em que errava uma inquietação fallou lentamente, docemente:

— Quanto á curiosidade nada digo, porque sou muito curiosa e acredito que, se as outras forem tão curiosas quanto eu, nada igualará á curiosidade feminina. Mas quanto á faceirice juro que os homens são mais dengosos que as senhoras.

Hesitou um instante; depois, concluiu:

— Cavalheiros, eu conheci um diplomata brasileiro que, afim de ter boa cutis, dormia todas as noites com dois bifes crús sobre a face.

O rapaz olhou-a com um certo espanto e affirmou:

— A senhora tem razão. E' o cumulo!

ses, de noite, a gente é forçada a crêr que a raça primitiva dos homens ferozes ainda não acabou e que a civilisação está cheia de *Bêtes Humaines*...

GARATUJAS

Não ha maior supplicio para quem viaja do que os carros dormitorios da Central, que, actualmente, no ramal paulista, por causa da falta de carvão substituem os *pullman* supportaveis dos nocturnos de luxo.

Em primeiro lugar nelles não se evita uma mais que incommoda promiscuidade. Mal se pode mudar de roupa dentro dos cortinados amarellos dos leitos. Estes são duros e ao comprido, de maneira que soffrem todos os abalos do carro. Ademais, o trem pára com assobios e uivos em todas as estações de quarto em quarto de hora.

Impossivel dormir!

A ultima vez que soffri essa tortura ferroviaria, digna de ser registrada por Villiers de l'Isle Adam ou Edgard Poe, tive cousa peior, que uivos, apitos, sacolejos, pulgas *et reliqua*; tive um visinho roncador!

Sabe o publico o que é um homem roncador? E' um monstro, que dorme apezar de tudo quanto existe na natureza para impedir o somno e durante esse guincha pelo nariz como macaco, pia como inhambú, ulula como cadello namorado da lua, dá sopros de piston e notas de clarim, ao mesmo tempo que abre sonoramente a boccarra nos tons grossos dos bombardões e baixos. Ao lado dum visinho des-

GATAFUNHOS

Eu falei da velha Bysancio e da sua espantosa decadencia, quando intrigas de Despoinas, Logothetas e Eunuchos afrouxavam a organisação do Imperio diante dos ataques reiterados dos barbaros. Lembrei os Isaurios, Constantino Copronymo, Leão o Khazar, os Iconocolastas, Irene e Theodora, Justiniano e seus juristas, João Tzmiscés e suas victorias ardentes, toda a longa querella occidental e orthodoxa da Santa Pureza contra a Santa Sabedoria; mesmo os *verdes* e *azues* do Hippodromo, os Porphyrogenetes, os Paleologos, os Comménes.

Então, o meu amigo Claudio França respondeu-me:

— Bysancio foi sobretudo, tanto na arte como na historia, tanto no amor como na religião, tanto na actividade guerreira como na actividade commercial, a propria alma da Decadencia; porque nunca houve e nunca haverá uma decadencia tão accentuada, tão completa e conduzindo a mais fatal aniquilamento. As decadencias da Grecia e de Roma são periodos de nobreza e até de austeridade diante de ignominia, da miseria, da infamia, da prostituição de corpo e de espirito da immensa, inegualavel decadencia byzantina. Por isso tudo só gosto de lêr os fastos de Bysancio atravez dos temperamentos decadentes que os interpretaram. Os participantes daquella aliás moderna escola franceza da Decadencia, muitos ainda vivos, são para mim os melhores interpretes da vida anciosa, lubrica, desperdiçada e moribunda de Bysancio. Assim, Bysancio nas paginas quentes de «Basilio e Sophia», de «Irene e os Eunuchos» de Paul Adam ou nas laudas tumultuosas e multicôres de Jean Lombard.

MARINHAS

A' prôa do *Curvello* ha um tanque de natação, de lona, emmoldurado de traves, que uma bomba de sucção enche constantemente, emquanto uma valvula constantemente o esvasia.

E' um dos brinquedos predilectos de bordo. Todos os rapazes nelle se atiram de tres ás cinco horas da tarde, nadando, mergulhando, fazendo outros jogos de dextreza.

Ha tres secretarios de legação que são os seus maiores *habitués*. Não faltam um dia ao banho. E toda a população do navio se apinha no passadiço a apreciál-os.

Todos tres são quasi calvos e os seus craneos luzidios, molhados de agua salgada, brilham ao sol, qnasi como bolas de bilhar...

Outro dia alguem, vendo-os brincar nagua terrivelmente, exclamou:

— Os tres jacarés!

Eminente jurisconsulto da Embaixada da Paz não se conteve: fez um trocadilho, logo tornado celebre a bordo:

— Aliás, os tres já carecas...

"Fon-Fon" 8 Fev.º 1919

15 Fevereiro 1919

GATAFUNHOS

Tão criticada a expressão *farrapos de papel* attribuida a Bethman Hollweg, chanceller do desfeito imperio allemão, quando se referio ao tratado de neutralidade e protecção da Belgica, que a Germania, potencia signataria, violou sem escrupulos. Tão criticada e ao mesmo tempo tão antiga na Allemanha, enraizada nos seculos da sua historia e na mentalidade dos seus espiritos superiores e na consciencia do seu povo.

Em plena idade-media Henrique VI, imperador do occidente e rei da Germania, declarava a Gregorio Magno, Papa, que considerava seus tratados com a Egreja nada mais, nada menos que *teias de aranha*. E espanou-as...

Bergson chamou numa conferencia, muito antes de Hollweg, os tratados, que caducavam pelas novas necessidades vitaes das nações, verdadeiros farrapos de papel. E todo o mundo sabe que von Bernhardi affirmou que as nações escudadas em tratados e direitos *on paper*, porém sem exercitos e armadas sufficientes, defendiam-se com muros de papel e fortalezas de papel...

Mesmo na *kultur* tudesca, tão cheia de surprezas aos claros espiritos latinos, *nihil novum*...

15 Fev.º 1919

GATAFUNHOS

Passou á minha frente uma alta e nobre senhora de idade, ainda muito bella sob a corôa de seus cabellos brancos. Como deveria ter sido linda em moça quem tão formosa se conservava velha. E sosinho murmurei imperceptivelmente o sonoro verso dum poeta francez que se refere a uma galante creatura idosa:

Ronsard me celebrait au temps que j'etais belle.

Logo meu pensamento me trouxe a imagem do antigo lyrico e as paginas leves dos seus *Amours*. E eu disse dentro de mim, num intimo sorriso:

— Foi o unico poeta que desejou ser pulga.

Ronsard pulga! exclamarão incredulos os amantes do seculo XVI. Sim, quiz ser pulga para andar mordendo a belleza de Cassandra, se me não engano. Lá está o penultimo terceto dum de seus lindos sonetos a apregoar o seu desejo de ser pulga:

«S'Europe avait l'estomac aussi beau
De t'être fait, Jupiter, un taureau
Je te pardonne. Ah! que ne suis je puce?»

Já é ter grande amor querer ser pulga, afim de andar mordendo o corpo adorado da mulher que se ama, porque nada mais perigoso do que pulga ao alcance das mãos de uma mulher. E' uma casta de gente dotada do especial geitinho de segurar entre os dedos taes insectos, torcel-os bem torcidos e matal-os com a unha. num estalo, emquanto o diabo esfrega um olho...

Pobre Ronsard, se consegue ser pulga.

GARATUJAS

Conheci ha tempos alli perto do largo do Rocio um negociante de calçados chamado Julio Achinellis. Nunca encontrei nome que melhor quadrasse a um vendedor de chinellos do que esse mesmo nome italianisado, quero crêr que por mero-acaso e não propositalmente.

Fiquei pensando que os nomes dos homens de negocio devem sempre corresponder ao genero de mercadoria que exploram. Esse pensamento tornou-se constante e fiquei viciado em acreditar cá com meus botões tal idéa.

Dias atraz, em São Paulo, adiante do viaducto do Chá, fazendo garôa e frio, caminhava sem destino e sem fumo, mas com louco desejo de fumar. Vejo uma luz de montra e leio um lettreiro electrico, garrafal:

Tabacoff.

Pensei logo num judeu polaco vendedor de cigarros e entrei distrahidamente na pequena loja, gritando para a primeira cara que avistei:

— Charutos «Bella Cubana», meia duzia!

O homem soltou uma gargalhada, olhando com espanto para mim. E retrucou:

— O cavalheiro engana-se. Eu vendo moveis.

Sahi pela fria e fina garôa paulista, furioso, a murmurar:

— Ora, já se vio! Um Tabacoff vendendo outras cousas que não tabaco, só no Brasil!

GATAFUNHOS

Falava-se da morte tristissima de certos homens de genio. Já se tinha citado a morte miseravel de Hoffman, a lenta, cruciante agonia de Oscar Wilde abandonado, quando alguem lembrou os funeraes extraordinarios de Wagner atravez das lagunas venezianas, sahindo o corpo do autor da Trilogia dum rico palacio para um rico mausoleu. Todos admiraram aquelle contraste da Gloria com a Miseria, que era o assumpto da palestra. Um disse:

— Os musicos morrem melhor que os poetas.

Outro atalhou:

— Não. Morrem peior. Wagner foi uma excepção. Os ultimos momentos de Beethoven numa agua furtada são tetricos. Fome e frio. O espectro da morte rondando a enxerga. E o grande artista sentindo-se acabar, estorcendo-se. Ninguem o soccorria. De repente um vulto escuro se interpõe entre seu olhar esgazeado e a porta. Beethoven escancara as pupilas, e antes de expirar solta esta exclamação de surpreza:

— Sempre inesperado e original, Berlioz!

GARATUJAS

Enconfrei Claudio França na estação de Santa Thereza e acompanhei-o até o Sylvestre, onde ia espairecer.

Estava triste o meu amigo. Durante todo o trajecto não me deu uma palavra. Emfim chegamos ao ponto terminal, sentamo-nos a uma mesa, sob arvores, pedindo a um *garçon* solicito, que sahio dum pequeno café proximo, dois calices de Cointreau.

Sorvendo-o a pequenos goles, perguntei-lhe:

— Por que estás succumbido e melancolico hoje, meu querido e parodoxal amigo?

— Vinha pensando na morte do Bilac, o que já passou e muitos esqueceram. Vinha pensando no que delle se disse pelos jornaes em todos os tempos e, depois de pesar prós e contras, rendi culto ao talento do grande poeta, intimamente, tristemente.

Fez uma pausa, lento e calmo accrescentou:

— Pode-se dizer que, com a morte do sonoro e forte poeta, o mundo perdeu na sua força de expressão.

"Fon-Fon" 15 Março 1919

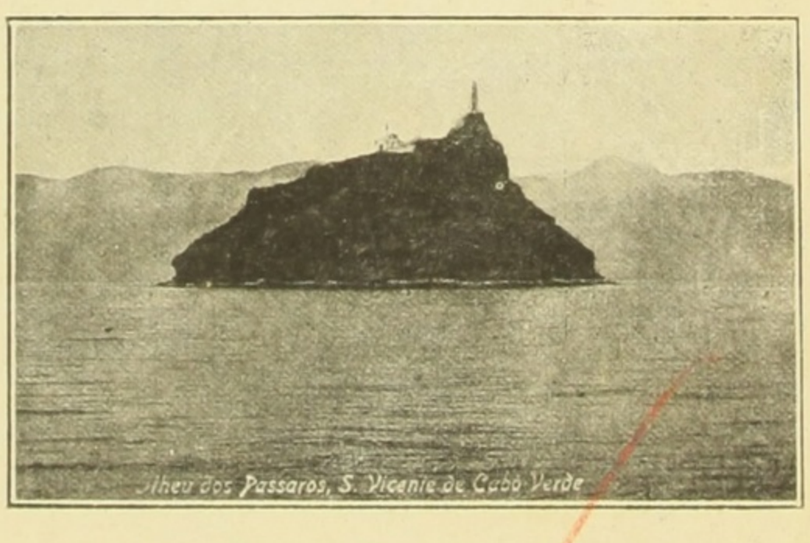
RIO, SABBADO, 15 DE MARÇO DE 1919

A HISTORIA DO QUEIJO

(Do nosso correspondente junto á Embaixada Brasileira da Paz)

S. Vicente, 14 de Janeiro de 1919.

A vagarosa viagem do «Curvello» ainda custará muito a findar. Do Rio a Recife levamos cinco dias; do Recife a este archipelago luso-africano, que defrontamos por volta de meio-dia, gastamos sete; para Lisboa ainda teremos cinco ou seis, talvez mais, e dahi ao Havre uns cinco tambem.



Ilheu dos Passaros, S. Vicente de Cabo Verde.

Durante tantos dias que se fez? De util e proveitoso, puzeram-se em ordem os documentos da Embaixada, copiando se telegrammas e pa tes mais importantes dos relatorios officiaes, traduzindo se em inglez e francez despachos, notas e contractos, sendo que o Embaixador e os consultores diariamente reservaram longas horas de estudo, isolados ou em conjuncto. Matou-se o resto do tempo com *sports* de bordo, jogos, conferencias mais ou menos litterarias — recitativos, algumas representações de charadas — e outros pequenos espectaculos, á noite; pouca musica e muito pouca dansa.

Agora, estamos diante de terras africanas perdidas no mar, que o portuguez, na heroica era das caravellas e das conquistas, um dia achou e lentamente colonisou. Algumas brumas e alguns ventos humidos de inverno europeu chegam até aqui. E uma grande saudade do Brasil enche o coração de todos!

Pirogas tripuladas por negros ageis passam á vista do paquete. Os rochedos vulcanicos de S. Vicente banham-se na agua, o casario colorido berrantemente da cidade lembra uma capital nortista e adeante, azulada, surge a ilha de Santo Antão. Debruço-me da amurada a contemplar a paysagem desconhecida e quasi desinteressante que alli se apresenta, no meio da qual somente um ilhéo pontudo com um pharol attráe o olhar. Pobres ilhas batidas de vento e de mar, onde somente chamam os navios que demandam a Europa os depositos de carvão inglez!

Claudio França diz-me junto ao hombro que, em S. Vicente, durante annos não chove uma só vez. Desolação! E tal desolação me lembra o patrio Ceará escaldando á canicula, torrado, sequioso e heroico.

Dou alguns passos e encontro eminente companheiro de viagem, que me leva, mostrando a forma curiosa das montanhas da ilha de lava resfriada e conversando, até á varanda de ré. Olhamos para os camarotes de segunda classe. A' porta dum, uma senhora, sentada na espreguiçadeira, comia «sandwichs» de queijo. O meu interlocutor pergunta-me de chofre:

— O senhor gosta de queijo?

— Bastante.

— Ah! Eu gosto muito e a proposito de queijo posso contar lhe engraçadissima historia, que me aconteceu no sertão da Parahyba.

Fui todo ouvidos. O meu companheiro continuou:

— Andava em viagem eleitoral e hospedei-me, fatigado e faminto, na casa dum pobre caboclo. Trouxeram-me o almoço, Fiquei desolado. Era carne de bode picada e pirão. Detesto a carne de bode. Apezar da fome, não a podia tragar. Recorri ao pirão. Nisto, o meu hospedeiro pergunta-me:

— Senhor doutor gosta de queijo?

Fiquei radiante. Respondi logo:

— Gosto muito!

— Senhor doutor, torna calmamente o sertanejo, gosta de queijo de coalho ou de queijo de leite?

— De qualquer dos dois.

— Senhor doutor, não preferiria queijo do sertão?

— Certamente.

— Senhor doutor, prefere queijo velho ou queijo fresco?

Morto de fome, mas esperançado de comer uma bôa fatia de queijo e já cansado de tanta pergunta, affirmei:

— Sou grande apreciador de qualquer queijo!

O matuto ainda indagou:

— Senhor doutor prefere queijo crú ou queijo assado?

— Traga assado, homem de Deus!

O caboclo coçou lentamente o queixo e lentamente disse com ingenuidade ou malicia, não sei bem ao certo:

— Senhor doutor, eu desejaria muito lhe dar queijo mas infelizmente não o tenho de especie alguma para lhe offerecer.

Disparei a rir. O narrador affastou se vagaroso e sorridente. E eu fiquei sosinho pensando que foi uma das melhores anecdotas sertanejas que, na minha vida, tenho ouvido,

Egreja de S. Vicente de Cabo Verde.

talvez porque a ouvi longe do meu querido, escaldante sertão, sobre o mar inconstante e raivoso, diante das ilhas de Cabo Verde, diante de terras da Africa, e porque é preciso a distancia para que haja a saudade.

JOTAENNE

110